SESIMBRA

ÍNDICE

01
Atelier + Enunciado 2 - 7

02
Pensar a habitação [Antropologia do Espaço] 9 - 13

03
Entrevistas [EXTRASTUDIO e Oficina Jardins] 15 - 21

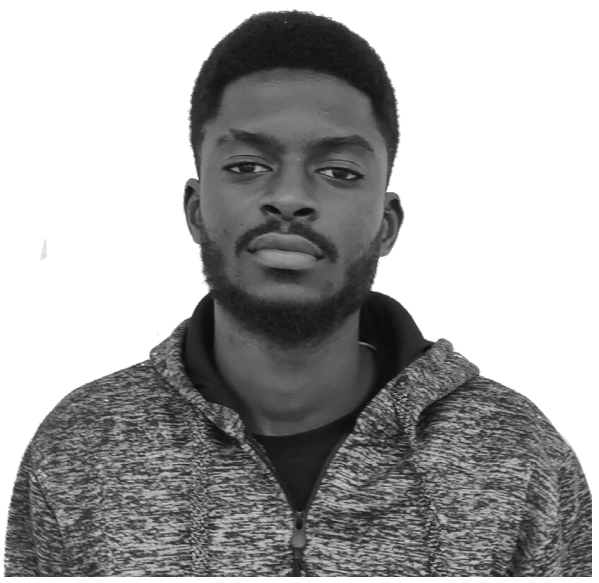
04
Sesimbra + Local de Intervenção + Casas Gémeas 23 - 43

05
Casos de Estudo 45 - 127

06
Casa Híbrida 129 - 163

07
Casa Dupla 165 - 315

08
Apresentação Final + Créditos 316 - 320



ATELIER
2022-2023

01 Alexandre Teixeira
02 Ana Rio
03 Beatriz Fernandes
04 Constança Anastácio
05 Daniela Vyhovska
06 Henrique Lopes
07 Márcia do Cabo
08 Matheus Souza
09 Mário Vuette
10 Nicole Joaquim
11 Paulo Carvalho
12 Renato Sobral
13 Ricardo Ramalho
14 Roberto Monteiro
15 Rodrigo Malheiro
16 Sofia Rosito
17 Vitória Lichand

Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, Setúbal, Portugal
Projeto do atelier EXTRASTUDIO, 2019

OBJETIVO

Pretende-se investigar o conceito de habitação nas suas múltiplas possibilidades espaciais, tipológicas e matéricas, usando esse conhecimento para desenhar cidade. Pretende-se ainda fomentar o aprofundamento do trabalho com as várias escalas e estratégias conceptuais de relação com os sistemas, topografia e transformações futuras. Aproximação à Arquitectura através de noções espaciais abstractas sobre o programa eleito.

ESTRUTURA

Fase 1
ESTUDOS DE CASO. Trabalho de investigação sobre Casos de Estudo. Apresentação do caso escolhido recorrendo a fotografias, desenhos e texto. Produção de uma brochura com material recolhido na investigação.

Fase 2
A CASA HÍBRIDA. Trabalho de concepção de uma casa a partir de duas obras estudadas na fase anterior.

Fase 3
LUGAR. Visita ao local da intervenção. Trabalho sobre o Contexto, Ambiente, Orografia, informação histórica, Tecido Urbano e Espaço Público. Apresentação recorrendo a fotografias, desenhos e textos.

Fase 4
PROGRAMA. Fixação de um programa a partir de um trabalho de investigação sobre o tema habitação. O programa final será o resultado das várias propostas.

Fase 5

LUGAR/PROGRAMA. Trabalho sobre a Tipologia, Acessos/Circulação, Estrutura/Tectónica, Permanência/ Reversibilidade.

Fase 6
MATÉRIA. Eleição de estratégias de construção para as diversas componentes do projecto.

Fase 7
LUGAR/PROGRAMA/MATÉRIA.

METODOLOGIA

Trabalho individual. Apresentação semanal e discussão. Consulta individual a cada duas semanas.

TRABALHO

DURAÇÃO: 1 semestre

LUGAR. Análise das Casas em Sesimbra e visita ao lugar de intervenção. Trabalho sobre a topografia, malha urbana e relações visuais com a envolvente.

PROGRAMA. Proposta com Programa Provisório de Intervenção à escala 1:200 e 1:50.

EDIFÍCIO. Entrega da Proposta com Programa Provisório de Intervenção à escala 1:200. Entrega da Proposta com Programa Definitivo de Intervenção à escala 1:100.

MATÉRIA. Entrega da Proposta à escala 1:50.

ENTREGA FINAL

Entrega da Proposta à escala 1:500, 1:200 e 1:50.
Portfólio com súmula do trabalho em painéis A1, caderno A3 e maquetes

JÚRI
João Costa Ribeiro (Extrastudio)
João Ferrão (Extrastudio)
Telmo Cruz (GB Arquitectos, Da/UAL)

ESTUDOS DE CASO

Casa Atelier Oak Park, Oak Park, Chicago, Estados Unidos Da América. Frank Lloyd Wright
Villa Noailles, Montée De Noailles, França, 1923. Robert Mallet-Stevens
Casa Josephine Baker, Paris, França, 1928. Adolf Loos
Maison De Verre, Paris, França, 1928-1932. Pierre Chareau E Bernard Bijvoet
Casa Resor, Wyoming, Eua, 1938. Mies Van Der Rohe
Casa Kaufmann, Palm Springs, Califórnia, Eua. 1946-1947. Richard Neutra
Casa Vilanova Artigas, São Paulo, Brasil, 1949. João Vilanova Artigas
Casa Ugalde , Espanha, 1951-1952. José António Coderch
Casa De Vidro , São Paulo, Brasil, 1952. Lina Bo Bardi
Casa Sande E Castro , Cascais, Portugal, 1954-1956. Rui Athouguia
Gálvez House
Luis Barragan, San Angel, Mexico City, Df, Mexico, 1954-1955.
Casa Jaoul, Paris, França, 1956. Le Corbusier
Casa Hunt, Mhalibu, Califórnia, Eua 1955-1957. Craig Ellwood
Casa Fisac, Cerro Del Aire, Madrid 1956. Miguel Fissac
Villa Erskine, Drottningholm, Suécia, 1956-1963. Ralph Erskine
Upper Lawn "Solar Pavilion", Wiltshire, Inglaterra, Reino Unido, 1959-1962. Alison & Peter Smithson
Casa de Verão Anavyssos, Attica, Grécia, 1961. Aris Konstantinidis
Casa para Peter Hächler Lenzburg, Suíça, 1964. Pierre Zoelly
Casa Etentelechy, Atalanta, Eua, 1964. John Portman
Casa de Paulo Mendes Da Rocha, São Paulo, Brasil, 1964. Paulo Mendes Da Rocha
Vandenhaute-Kiebooms,Huisse,Belgica, 1964-1967. Juliaan Lampens
Casa Baldo, Rio De Janeiro, Brasil, 1969. Oscar Niemeyer
Hartley House, Paradise Coast, Sardinia, Italy, 1970. Albero Ponis
Extensão da Casa Kettle´s Yard, Cambridge, Inglaterra, 1970. Leslie Martin
Casa Alcino Cardoso, Moledo, Portugal, 1971-1973. Álvaro Siza
Casa Martins dos Santos, Cascais, Portugal, 1971-1975. Manuel Tainha
Casa Em Karuizawa, Karuizawa, Nagano, Japão, 1975. Kazuo Shinohara
U House, Nakano-Ku, Tóquio-Japão, 1976-1997. Toyo Ito
Casa Em Oeiras, Oeiras, Portugal, 2020. Eduardo Souto De Moura
Casa Atelier, Riva San Vitale, Suíça, 1973. Giancarlo Durisch
Casa de Contraplacado, Bottmingen, Suíça, 1985. Herzog & De Meuron
Casa num Bosque de Ameixoeiras, Tóquio, Japão, 2003. Kazuyo Sejima
Duas Casa, Queimada, Tavira, Portugal, 2002-2007. Ricardo Bak Gordon
Studio Valerio Olgiati, Flims, Suíça 2007. Valerio Olgiati
Casa da Cobertura Atelier Tezuka, Hanoi-Shi, Kanazawa, Japão, 2009. Atelier Tezuka
Duas Casas De Cortiça, Girona, Espanha, 2012-2016. Ateliê López Rivera Arquitectos
Casa Árvore , Londres, Reino Unido, 2013. 6a Architects
Casa Carrimjee , Chondi, Índia, 2015 – 2016. Studio Mumbai
Ca'n Terra, Ilha De Menorca, Espanha, 2018-2020. Ensamble Studio
Casa Borges, Campo De Ourique, Portugal, 2014. João Favila Menezes
House In Barreiro, Barreiro, Portugal, 2011-202. Aires Mateus

ANTROPOLOGIA DO ESPAÇO

PENSAR A HABITAÇÃO

PARTINDO DO CONCEITO DE CASA DE MARY DOUGLAS, COMENTE O TEXTO "THE INS AND OUTS OF THE HALL", DE CÉLINE ROSSELIN.

Alexandre Teixeira

Este trabalho tem como objetivo principal, comentar o texto “The Ins and Outs of the Hall”, de Irene Cieraad, partindo do conceito de casa de Mary Douglas. O conceito de casa da Antropóloga Mary Douglas baseia-se numa espécie de nostalgia, “The evidente nostalgia in much writing about the idea of home”. (p.2 PDF) Para a antropóloga, um abrigo não é a mesma coisa do que ter um lar, um espaço íntimo, onde nos sentimos bem e confortáveis.

A casa, segundo a antropóloga Mary Douglas, é um lugar que expressa a cultura e os valores de uma sociedade, além de ser um símbolo de identidade para as pessoas. Assim, a forma como uma casa é construída e decorada revela muito sobre sua função social e a conceção que se tem sobre o espaço doméstico. “O lar é o sítio onde se é completamente aceite. Este não discrimina contra hábitos ou estilos de vida. Aceita sem julgamento. Enquanto é possível viver sem ter um lar, as pessoas são incapazes de viver sem a sensação do mesmo. Relaciona-se com cuidado e partilha. Os indivíduos dentro de um lar, funcionam como um todo. Apenas quando as pessoas se identificam com as ações umas das outras, e se permitem agir independentemente, pode desenvolver-se uma sensação de confiança” (Weiwei).

O texto "The Ins and Outs of the Hall", escrito por Irene Cieraad, é uma reflexão sobre as casas e a importância do hall de entrada. A autora argumenta que o hall de entrada é mais do que um simples espaço de circulação, é uma expressão da personalidade da casa e dos seus moradores. De acordo com Cieraad, o hall de entrada é a primeira impressão que se tem da casa, e por isso é importante que ele transmita a identidade dos moradores. É através dele que se percebe a atmosfera da casa, o seu estilo e sua personalidade. Assim, o hall de entrada pode ser considerado como uma janela para o mundo interior da casa. A autora também destaca a importância do hall de entrada para a funcionalidade da casa. Ele é o lugar onde se deixa as chaves, as roupas sujas e outros objetos. Por isso, é necessário que ele seja espaçoso e bem organizado. Além disso, ele também pode ser usado como um espaço de transição, onde se prepara para sair ou para receber visitas. Cieraad também discute a evolução da casa ao longo do tempo, observando como as mudanças na tecnologia, arquitetura e economia tiveram um impacto significativo na forma como as pessoas viviam e se relacionavam com suas casas. Ela destaca o uso da casa como uma forma de controlar o acesso à informação, mostrando como as elites históricas usavam as casas para manter o poder e a autoridade.

A teoria da casa de Douglas é relevante para o texto de Cieraad, pois ambos os autores argumentam que a casa é muito mais do que apenas um espaço físico para viver. Ambas destacam a maneira como as casas são usadas para expressar as normas e valores da sociedade, e como as mudanças na sociedade são refletidas nas mudanças na casa. Além disso, mostram como a casa pode ser usada como uma ferramenta para controlar o acesso à informação e manter o poder e a autoridade.

O texto de Cieraad é uma leitura valiosa para aqueles interessados na antropologia, história e arquitetura, pois fornece uma visão aprofundada sobre o significado da casa em diferentes contextos culturais e históricos. Ela mostra como a casa é muito mais do que apenas um lugar para viver, mas sim um espaço simbólico que expressa as relações sociais, políticas e económicas da época. O ato de habitar/viver o espaço e a interação com os objetos, dentro das nossas casas, corresponde normalmente a um compromisso a longo termo, uma vez que, desejamos ocupar um espaço por um longo período. A escolha dos objetos que nos cercam, advém das mais variadas necessidades que por vezes apresentamos. Esses objetos, que preenchem a envolvente e com os quais interagimos, ocupam e organizam um espaço dando assim uma finalidade e um significado.

Em síntese, o texto "The Ins and Outs of the Hall" é uma reflexão sobre a importância do hall de entrada nas casas. De acordo com a autora, ele é muito mais do que um simples espaço de circulação, ele é uma expressão da personalidade da casa e dos seus moradores, além de ser um elemento fundamental para a funcionalidade da casa. Ao ler este texto, percebe-se a importância de se atentar aos detalhes da casa, e como eles podem influenciar na vida das pessoas que a habitam.

CIERAAD, Irene – At Home: An Anthropology of Domestic Space. Céline Rosselin (Eds.), The Ins and Outs of the Hall: A Parisian Example. (p. 53-59). New York, Syracuse University Press, 1999.

COM BASE NO TEXTO DE JUDY ATTFIELD, EXPLIQUE DE QUE FORMA, SEGUNDO A AUTORA, AS REAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES DO OPEN PLAN SÃO UMA FORMA DE ADESÃO À MODERNIDADE

Beatriz Fernandes

Para a autora o “open plan” foi uma das mudanças mais fundamentais no interior doméstico. O fechado para o aberto tornou-se moderno mesmo que no início fosse só uma teoria, um sentido de mudança no período do pós-guerra na Grã-Bretanha.

Os designers que trabalharam para este tipo de modernidade, rejeitaram estilos tradicionais e eram a favor de uma estética única, o “plano aberto” criou um espaço multiuso.

Este foi um programa de reconstrução, visto como uma oportunidade de mudança e de modernidade, exemplo disso mesmo foi o caso de estudo de Harlow New Town que mostra a maneira como se adaptaram os moradores destas casas e como os designers lidaram com isso. O estudo foi feito entre 1982 e 1985 entre habitantes, arquitetos e oficiais do conselho. O “open plan” foi considerado um fenómeno cultural em que houve uma adaptação popular do design moderno e uma mudança social.

Na construção em “open plan” era preciso reconsiderar os métodos convencionais de construção, maximizar o espaço, usar mais vidro, criar uma relação maior com a natureza. Tecnicamente permitiram-se grandes áreas em que não era necessária a alvenaria e a construção manual. A carga de aço e betão deram aos arquitetos novas e emocionantes oportunidades de trabalho.

Se por um lado os habitantes tinham mais luz solar, mais comodidade e mais espaço, também para os construtores a economia de mão-de-obra era uma mais valia. Esta modernidade tornou-se um pouco ambígua, havia uma necessidade de mudança e de igualdade social que não existia, tendo de ser construídas casas para inquilinos de baixo rendimento.

Para os designers “open” era um sinónimo de liberdade, mas para os habitantes era diferente, eles precisavam de controlar o seu espaço. A construção de moradias em “espaço aberto” trouxe um novo conceito de modernidade, uma nova vida onde para além do espaço teriam também um jardim.

Na década de 1960 o “plano aberto” tornou-se um “produto universal”, surgiram críticas a estas habitações públicas, havia grande dificuldade de novos moradores se habituarem a estas casas e a novas cidades, mas historicamente está provado que estas dificuldades foram superadas.

O “open plan” unia salas para criar espaço, mas os moradores não estavam habituados a estas grandes mudanças e criavam eles próprios as divisórias que destruíam quando a situação familiar mudava. As famílias adaptavam-se à modernidade, mas faziam também, segundo a autora, eles próprios a sua modernidade conforme a vida que pretendiam dentro de casa.

Um dos maiores problemas à reforma modernista foram as lareiras, as pessoas dificilmente prescindiam das lareiras a que estavam habituadas.

A mesa de café era uma das peças mais adquiridas para dar um certo toque de modernidade à casa, nas famílias que não tinham possibilidade de comprar móveis novos. Os arquitetos estavam contra os móveis antigos, as rendas, os berloques, mas os habitantes das casas adaptaram-se a esta nova era moderna e fizeram os seus próprios projetos.

Concluo que para a autora o “open plan” foi uma adesão à modernidade. Esta transformação foi radical, nem sempre foi fácil como podemos ver no texto. A dificuldade dos moradores se habituarem a uma realidade até então desconhecida, assim como a tentativa de uma igualdade social que não se conseguiu concretizar quando tiveram de ser construídas casas, para inquilinos de baixo rendimento. De qualquer maneira apesar de todos os contratempos o “open plan” foi considerado um fenómeno cultural e uma mudança social e de mentalidades.

ATTFIELD,Judy- Bringing Modernity Home: Open Plan in the British Domestic Interior. Consult.[2 de Fev. 2023]

PARTINDO DO CONCEITO DE CASA DE MARY DOUGLAS, COMENTE O TEXTO "THE INS AND OUTS OF THE HALL", DE CÉLINE ROSSELIN.

Daniela Vyhovska b

More than one generation was interested in the house's problems as an anthropological phenomenon.

“(...) Is home (a) place(s), (a) space(s), feeling(s), practices, and/or an active state of the state being in the world? (...) The shelter is described as simply one aspect of the home. Moreover, it is generally recognized that the relationships between the terms house and home must be established in varying cultural and historical contexts” (MALLET. pp.62-89)

“Ronald Frankenberg has recorded how, as a young researcher in a Welsh village in the 1950s, he 'would often climb a hill and look sadly down upon the rows of houses of the housing estate and wonder what went on inside them (1969, p. 16). Home life goes on inside houses, and this is something about which relatively little is known because it is fundamentally a private affair, curtained off from the public gaze.” (GRAHMAN. p.1)

Houses have a number of spaces (rooms) inside. They differ depending on location, function, feeling, perception, meaning, etc. Nevertheless, each of them can be considered an anthropological object. Celine Rosselin in her resume work “Ins and Outs of the Hall” regards the entrance hall as an independent typological element. Let’s look at it through Mary Douglas’ perception of the house comparing and analyzing.
Home is a place where people feel protracted and safe. Due to the Celine Rosselin it could be concluded that one of the factors that provides house with a safety is the entrance hall. It has a filtre and syntesize function, a power to let inside or deny anyones pressense.

"Being a barrier, the hall is the space where visitors are controlled and identified. Identification objects are used to preserve and protect the resident's privacy from a possible outside threat. A whole ritual of presentation is generated that results in the acceptance or rejection of the visitor. This process can become even more complex if the resident does not know the visitor". (ROSSELIN. p.1-2)

"But what provokes people to be aware of the possible outside danger? The answer is the fear of loss. Mary Douglas says, «People who devote vigilance to the maintenance of the home apparently believe they personally have a lot to lose if it were to collapse" (Douglas, p.53).

Whenever people make an effort to achieve an aim its value multiplies. The cost of creating a community like a family, and building a home is very high. So the hall appears as a judgment element in order to protect what has been paid.
Another connection between a home and a hall as its part is a gift economy. The gift is a system of exchange that is present both in family communication and guest interaction.
Exchange efforts between small communities' members strengthen the ties between them.
There is the same logic here about the relation between effort and value. When the exchange between a resident and a guest is a sign of acceptance of the second one as a part of the community circulation.

"The gifts are objects that help to balance the positions between the two in the in the relationship, and follow a logic of obligation: receive, accept, and give." (ROSSELIN. p.3)

" (...) the home is the typical gift economy described by Marcel Mauss [...] Every service and transfer is part of an ongoing comprehensive system of exchanges, within and between the generations. The transactions never look like exchanges because the gesture of reciprocity is delayed and disguised". (DOUGLAS. p.53)

Eventually, the hall is not only the spatial part of a home. It is a part of the great systemof connections between embryonic communities and the outside world, society.

MALLETT, Shelley, Understanding Home: A Critical Review of the Literature, 2004, pp. 62–89;
GRAHMAN, Allan and Crow, Home and Family: Creating the Domestic Sphere, London: Macmillan. 1989, p. 1;
FRANKENBERG, Ronald, Communities in Britan: Social Life in Town and Country, 1969, p. 16;
ROSSELIN, Celine, Ins and Outs of the Hall, Lisbon, 2009, p. 1-2;
DOUGLAS, Mary, The Idea of a Home, Buffalo, 2014, p. 53;
MAUSS, Marcel, The Gift: Forms and Functions of Exchange in Archaic Societies, London: Cohen & West,1970.

PARTINDO DO LIVRO "INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO PARENTESCO?", EXPLICA QUAL A RELAÇÃO ENTRE OS SISTEMAS DE PARENTESCO E OS MODELOS HABITACIONAIS

Constança Anastácio

Este trabalho tem como objetivo principal, relacionar os conceitos de sistemas de parentescos e modelos habitacionais. Segundo Christian Ghasarian, autora do livro “Introdução ao Estudo do Parentesco?”. Os sistemas de parentesco são uma criação exclusivamente humana, no entanto, sabe-se que os primatas não humanoides vivem em grupos restritos com relações de parentesco entre eles, *“(…) os seus fundamentos já existem nos grupos de primatas não humanoides.”* (p.1 pdf)

A autora dá o exemplo dos chimpanzés, os nossos parentes mais próximos, que vivem em grupos entre os 10 a 24 indivíduos, e que segundo as investigações etológicas mostra que os grupos são estruturados com base no sexo e na idade, *“Os chimpanzés, os nossos parentes mais próximos, vivem em grupos que compreendem entre dez a vinte e quatro indivíduos e que ocupam um território preciso. (…) As investigações etológicas demonstram que os grupos de primatas são estruturados com base no sexo e na idade.”* (p.1 pdf) Todavia a organização dos primatas não conhece nem a partilha dos alimentos nem a divisão do trabalho, uma vez adultos, cada animal tem de procurar a sua própria subsistência. Esta coexistência encontra-se presente noutras espécies.

Um dos fatores mais importantes da organização social dos grupos é a partilha do alimento e a divisão do trabalho. Existe uma divisão de trabalhos, que torna os idosos e os jovens dependentes dos adultos aptos a reunir alimentos. *“A partilha de alimentos é um dos mais importantes fatores da organização social dos grupos humanos. Baseia-se numa divisão do trabalho que torna os jovens e os idosos dependentes dos adultos capazes de reunir alimentos.”* (p.2 pdf)
Pensa-se que o desenvolvimento das relações de parentesco e da divisão do trabalho foi favorecida pelo aparecimento dos códigos linguísticos.

Segundo o antropólogo Julian Steward, alguns antropólogos disseram que maneira mais simples de organização social é o “bando patrilocal”, isto é, os homens casam-se fora do seu bando e as mulheres vão viver para o bando do marido, *“Alguns antropólogos consideram que a forma mais simples de organização social é o «bando patrilocal», no qual os homens se casam fora do seu bando e as mulheres vão viver no do marido”.* (p.2 pdf) Nos dias de hoje ainda é possível observar o “bando patrilocal”, quando a mulher casa passa a fazer parte da família do homem, vai viver para a casa deste e juntos começam a estabelecer um novo sistema de parentesco através da descendência.
Esta forma de associação de “bando patrilocal” surge em diversos locais, nomeadamente entre os Aborígenes da Austrália, os Tasmanianos, os Semangue da Malásia, os Tehuelche da Patagónia e os Bosquimanes da Africa do Sul. A organização interna destes bandos é também marcada pela divisão sexual do trabalho, homens e mulheres especializam-se e partilham as atividades de subsistência, a caça para os homens e a recoleção para as mulheres.

A sociedade tradicional classifica geralmente os parentes em diferentes categorias, consoante sejam consanguíneos e aliados. Os consanguíneos são os ascendentes e os descendentes em linha direta e ainda os colaterais, já os aliados são os indivíduos ligados ao grupo de parentesco através de matrimonio, *“Os consanguíneos são os ascendentes e os descendentes em linha direta (pai, mãe, avó, neta, etc.) e ainda os colaterais (germanos, primos, etc.). Os aliados são indivíduos ligados ao grupo de parentesco através do casamento.”* (p.8 pdf)

O parentesco tem de ser limitado, desta forma, o reconhecimento de um parentesco para relativamente cedo. Regra geral o grau de parentesco vai apenas até à sexta geração, pois a partir da sétima já existe uma distância temporal de cerca de 200 anos, o que também pode levar à perda dos laços de parentesco é a distância e a ausência, *“Para funcionar, o parentesco tem necessariamente de ser limitado. De facto, o reconhecimento de um parentesco para relativamente cedo. Regra geral, só uma pequena parte da rede genealógica constitui a parentela reconhecida e operatória para um individuo. O parentesco está ligado á ideia fundamental de «memoria genealógica». A ausência e a distância provocam frequentemente a perda dos laços de parentesco.”* (p.7 pdf)

O parentesco pode-se demonstrar na disposição das casas numa aldeia, ou seja, a residência tem uma ligação direta com os sistemas de parentesco.

Existem diferentes tipos de residência na sociedade, residência patrilocal *“Quando a regra é patrilocal, o casal vive nas terras ou na proximidade do grupo do marido. Entre os Arapeche, a rapariga deixa o seu grupo de parentesco ao atingir os seis ou sete anos, indo residir com o grupo do noivo, onde será criada pelo sogro, pelos cunhados e pelo jovem noivo.”* (p11 pdf), virilocal *“A residência virilocal coloca a tónica sobre o facto de o casal se estabelecer não sobre as terras do* (p.11 pdf), matrilocal *“Os Hopi têm uma regra de residência matrilocal, segundo a qual o casal se instala em casa dos pais da esposa.O grupo doméstico Hopi típico compreende: os avos maternos, o pai e a mãe, os tios maternos que sejam enfermos, viúvos ou divorciados e os germanos de Ego. A avó materna controla o grupo doméstico”* (p.11 pdf), uxorilocal *“Residência uxorilocal é o contrário da residência virilocal: aqui, o casal estabelece-se em casa da esposa. Entre os Hopi, devido ao grande número de parentes que coabitam na casa materna e aos desentendimentos entre eles, o casal pode passar da residência matrilocal á residência uxorilocal. A esposa decide então quem residirá na casa por ela construída.”* (p.12 pdf), bilocal *“Se a residência unilocal impõe o local do domicílio ou no lado do marido ou no da mulher, a residência bilocal deixa a escolha aos cônjuges. O casal designa qual o agrupamento na proximidade do qual ira residir e no qual integrar-se. Os Iban de Bornéu vivem em grandes casas contendo cada uma mais de cinquenta famílias e onde cada família ocupa o seu próprio espaço”* (p.12 pdf), alternada *“A residência alternada é primeiro patrilocal e depois matrilocal,ou o inverso. Os Dubu da Melanésia oferecem um exemplo interessante deste compromisso de residência. Marido e mulher alternam anualmente entre a residência matrilocal, onde o marido e temido como um estranho perigoso, e a residência patrilocal, onde a mulher é sempre «alguém do exterior».”* (p.12 pdf), duolocal *“A regra de residência duolocal, também denominada «natolocal», consiste em cada um dos cônjuges residir separadamente, com a sua família.*
Entre os Hopi, o jovem marido pode permanecer durante várias semanas em casa da sua mãe, enquanto a mulher fica em casa dos seus próprios pais.” (p.12 pdf), avunculocal *“Na residência avunculocal, o par conjugal vai viver em casa do irmão da mãe do marido. Nas Ilhas Trobriande, onde o regime de filiação é matrilinear, a esposa reside durante algum tempo em casa dos pais do rapaz. Em seguida os cônjuges vão viver na aldeia do subclã da mãe do marido, mais precisamente em casa do tio materno, onde terão ajuda para construírem uma casa e um celeiro”* (p.13 pdf) e por último neolocal *“Na residência neolocal, a escolha do local onde o casal ira estabelecer-se é feita independentemente dos pais dos cônjuges. Este tipo de residência encontra-se principalmente nas sociedades industrializadas e nas sociedades em mutação”* (p.13 pdf).

Dependendo do tipo de residência, o casal pode escolher onde morar, ou já está pré-definido, ou vivem separados ou em casa de familiares.

Em suma, após a análise do texto de Christian Ghasarian, podemos concluir que os sistemas de parentescos tem uma ligação direta com os modelos de habitação, pois tal como há diferentes tipos de sistema de parentesco também há diferentes tipos de residência. A parentalidade está praticamente presente em todos os modelos de habitação, a união de facto, um exemplo muito comum da sociedade de atualmente, onde um casal sem qualquer tipo de grau de parentesco habita a mesma casa onde apenas existe um elo amoroso.

GHASARIAN, Christian – Introdução ao estudo do parentesco. Lisboa: 1999.

ENTREVISTAS

Gostaríamos que nos contasse um pouco sobre o percurso académico, como foi o curso, alguns professores marcantes?

Inês Ferrão: Conheci um arquiteto que me falava sobre o seu trabalho como uma coisa apaixonante. Os meus pais são arquitetos. Tinha medo de fazer morrer animais senão tinha ido para veterinária e então optei por fazer o curso de arquitetura paisagista. Fizemos as duas juntas o curso no Instituto Superior de Agronomia na mesma turma. Como professores lembro-me do professor Souto Cruz, era engenheiro florestal, especialista em vegetação, um professor incrível. Depois tivemos contacto com muitos outros arquitetos paisagistas muito marcantes durante o curso – o professor Ribeiro Telles, o arq. paisagista João Nunes, o arq. paisagista João Gomes da Silva.

Sónia Caldeira: Eu gostava de plantas, ainda não sabia para que curso iria mas ouvi falar em arquitetura paisagista e decidi candidatar-me.

Como surgiu a Oficina dos Jardins?

Inês Ferrão: Após o curso surgiram alguns trabalhos que começámos a desenvolver juntas, mas ambas estávamos a trabalhar em ateliers distintos.

Sónia Caldeira: Eu estava a trabalhar na Topiaris e a Inês estava a trabalhar com o arquiteto paisagista Viana Barreto e começamos a ter cada vez mais projetos. Na altura estávamos a fazer projetos de reconversões de A.U.G.I (Área Urbana de Génese ilegal) na lagoa de Albufeira e decidimos que tínhamos de formalizar a empresa. Começámos em 1999.

Qual o processo projetual e os desafios de criar espaços exteriores?

Inês Ferrão: Primeiro há que conhecer o sítio, a envolvente natural, as condições ecológicas e edafoclimáticas, a relação com os edifícios e envolvente, conhecer também os clientes, perceber o seu programa e como esse programa se adapta ao local.

Sónia Caldeira: Perceber que materiais podem fazer sentido utilizar. O sítio dá-nos também alguns critérios de escolha de materiais. Depois é um jogo de todas estas coisas que vai fazendo desenvolver o projeto.

Qual foi a impressão que teve na primeira visita ao local de intervenção?

Inês Ferrão: O sítio tinha uma vista espetacular, mas o que lá estava construído era terrível. O terreno tinha sido muito movimentado, tinham sido feitos muitos aterros, estava tudo bastante degradado.

Sónia Caldeira: Portanto o projeto teria que viver daquela situação priveligiada - o pinhal a revestir a encosta até ao castelo, a vista do mar.

Inês Ferrão: Foi interessante perceber que aquelas clientes conheciam todos os cantinhos da propriedade e da envolvente, tinham crescido ali e exploravam aquele pinhal e toda a envolvente, a cascata no topo do vale, os trilhos até ao Castelo, sítios de estar na base de rochedos...

Sónia Caldeira: Realmente encontrar estes sítios tão especiais no meio de uma propriedade tão grande foi aliciante. Um deles foi o sítio onde depois se construiu uma plataforma, com uma alfarrobeira maravilhosa à frente.

Inês Ferrão: Esta dimensão da propriedade acabou por ser um desafio em termos da construção. Tínhamos previsto inicialmente várias intervenções ao longo da propriedade, não só concentradas à volta da casa, mas também ao longo do pinhal. Nestes terrenos de grande dimensão há que ter também em conta os custos da manutenção, aqui fundamentalmente associados ao pinhal e á proteção contra incêndios.

Quais foram os principais conceitos/ valores implementados para a criação do projeto paisagístico das casas?

Inês Ferrão: Os principais conceitos foram a mimetização com o local onde se insere, não só em termos de materiais mas também cromaticamente, a utilização da vegetação da Serra da Arrábida. É um projeto muito agarrado ao próprio local, à utilização da pedra local proveniente do Zambujal, trabalhada á mão. Há uma intervenção muito perto da casa que é muito naturalizada mas que também tem elementos mais exóticos e á medida que nos vamos afastando da casa, vamo-nos esbatendo na paisagem.

Como é que o paisagismo se relaciona com as casas? Como é que as casas se relacionam com o paisagismo?

Sónia Caldeira: As casas procuraram integrar-se na paisagem e encastrar-se completamente no declive, daí surgirem as coberturas verdes. A exposição a sul tornou necessário a criação de uma sombra fresca, que permitisse estar á sombra sobre a paisagem. O projeto de arquitetura paisagista segue também esta filosofia de mimetizar a intervenção com a paisagem, criando ao mesmo tempo um espaço de jardim.

Quais foram os fatores essenciais para a escolha da vegetação do projeto de arquitetura paisagista da envolvente das casas?

Sónia Caldeira: O fator principal é a boa adaptação ao local. Mesmo quando introduzimos elementos exóticos temos de ter em atenção que os mesmos têm que estar bem adaptados naquele sítio e conviver com a restante vegetação.

Inês Ferrão: Procuramos um conjunto de espécies que não necessitasse de muita manutenção e que fosse essencialmente autóctone. Por ser uma casa de férias, a vegetação deveria crescer livremente criando um aspeto completamente naturalizado.

A sustentabilidade é uma preocupação na arquitetura paisagista?

Sónia Caldeira: Se o projeto não for sustentável não tem futuro. Se nós não pensarmos logo a partida numa base sustentável o projeto vai-se degradando progressivamente e desaparece.

Inês Bordado: Acho que é uma preocupação constante. O projeto das casas de Sesimbra é dos nossos projetos / obra que se tem verificado um dos mais sustentáveis. Já não tem rega, o sistema de rega foi desativado após os primeiros anos, portanto a vegetação já está num regime autónomo, excetua-se as trepadeiras das coberturas pois estão numa situação muito artificial. A sustentabilidade também se garante pela escolha de pavimentos duráveis e corretamente adaptados ao local, na reduzida necessidade de manutenção.

Como é que se considera um projeto paisagístico inovador?

Inês Ferrão: Um projeto será inovador quando responde aos problemas do clima, quando pretende aumentar a permeabilidade, a diversidade, quando também utiliza os saberes do passado para resolver os problemas do futuro.

Sónia Caldeira: A inovação em termos da arquitetura paisagista está muito centrada nesta problemática da sustentabilidade, da redução das necessidades de água, das operações de manutenção, e também da mudança de perceção do que pode ser um jardim para os clientes.

Em relação com o mundo, como é vê/sente a valorização e o desenvolvimento da arquitetura paisagista em Portugal?

Sónia Caldeira: Acho que a arquitetura paisagista em Portugal hoje é muito mais valorizado do que era quando nós começamos a trabalhar. A arquitetura paisagista começa a ser finalmente uma matéria por si só, chamando-nos os clientes como uma especialidade independente.

Como surgiu o interesse pela Arquitetura?

João Costa Ribeiro: Quando era miúdo gostava de desenhar e tinha uma certa curiosidade sobre a cultura visual. Não pensei logo em ser arquiteto. Entrei no universo das artes visuais, e do desenho, no ensino secundário, e fui entendendo que a expressão puramente artística não era o que mais me interessava. Comecei a procurar o desenho, ou até a fotografia, como a expressão de outra coisa. Interessou-me a representação visual e a forma como a arquitetura poderia surgir pela concretização desses desenhos, ou a forma como a fotografia podia reproduzir alguns pormenores que prendiam a minha atenção, normalmente relacionados com a arquitetura ou com a paisagem.

João Ferrão: Fiz dois anos de design na FAUTL antes de ir para arquitetura. Por muito que fosse interessante e tivesse professores extraordinários, como o Daciano Costa e o José Neves, cansei-me rapidamente do programa do curso, onde tínhamos de resolver problemas que se traduziam sempre num objeto. Mudei para arquitetura porque achava que podia ser mais abrangente, foi mais uma intuição do que um interesse específico. Na Faculdade a maioria dos professores não tinha uma relação direta com a prática, que é fundamental para motivar os alunos, mas havia nessa altura na biblioteca da Faculdade de Arquitetura uma coleção de livros e publicações extraordinária, o encontro com ela foi uma espécie de revelação sobre o que poderia ser a arquitetura.

Como surgiu o atelier Extrastudio?

João Costa Ribeiro: Foi simples, fomos colaborando com colegas nos trabalhos da faculdade. Uns foram-se afastando, outros foram-se aproximando, por termos algum interesse em comum. Talvez tivéssemos uma visão, desde o princípio, da arquitetura como uma prática coletiva.

Como se começa um projeto?

João Costa Ribeiro: Pode começar de formas muito diferentes, mas é frequente termos sempre uma primeira intuição quando visitamos o sítio, nem sempre pela questão do contexto, mas porque a resposta à questão que nos foi colocada nos parece mais ou menos óbvia quando somos confrontados com o lugar. Em termos de projeto, os exercícios na faculdade são mais complicados que os da vida profissional, porque têm muito poucos condicionantes. Quando iniciamos um projeto, o nosso desafio é mais simples, porque as respostas ao problema que nos é colocado são mais reduzidas, por questões urbanísticas, de orçamento, etc.

João Ferrão: Um projeto começa sempre com um cliente. O primeiro momento de um projeto consiste em compreender se o cliente tem potencial para gerar um projeto interessante e se tem a capacidade e a resistência necessária para o levar até ao fim.

Quais as maiores inspirações para desenvolver um projeto?

Diria que não há inspiração específica. Inspiração é aquilo que nós não conseguimos perceber exatamente do que se trata. Posso dizer que é cultura, o que comemos, lemos e vemos. Depois há um conjunto de coisas que concorrem para a conclusão do projeto. Mas estes não são inspirações, são: o budget, o local, o programa,...

Como surgiu o projeto das casas gêmeas?

João Ferrão: Tivemos um cliente em Sesimbra no terreno ao lado, para o qual fizemos várias propostas, uma delas chegou a ser aprovada e licenciada mas, o cliente foi viver para outro país e quando regressou tinha expirado o prazo para pedir a licença. Entretanto alterou a legislação e licenciá-lo, novamente, tornou-se um processo muito complexo, acabando por ser ele a fazer o seu próprio projeto e construí-lo.
Num determinado momento mostrou aos vizinhos, duas irmãs, uma das versões que tirava partido de espaços exteriores como áreas de estar, os clientes reviram-se no tipo de utilização informal que o projeto propunha, utilizam uma casa que existia no terreno nas férias e passavam sobretudo o tempo no exterior. Vieram ter connosco, mas acabamos por fazer um projeto completamente diferente.
João Costa Ribeiro: A princípio pediram-nos uma casa, mas quando conhecemos as famílias percebemos que não fazia sentido nenhum aquilo ser uma única casa. Do ponto de vista burocrático continua a ser uma casa, mas separada em dois núcleos para duas famílias diferentes.

Qual foi a impressão que tiveram na primeira visita ao local de intervenção?

João Ferrão: O terreno parecia abandonado, quase selvagem, mas tinha uma vista magnífica. Recordo-me que era difícil perceber os limites do terreno.

João Costa Ribeiro: Lembro-me que a casa existente estava em mau estado. Nós já conhecíamos bem o terreno por causa do vizinho do lado e eu passava férias em Sesimbra quando era miúdo. Não houve assim uma coisa no local que me causasse espanto, mas conhecia bem os valores que era necessário respeitar e a relação que arquitetura já tinha com a paisagem naquele lugar. Há uma casa do Nuno Teotónio Pereira e do Nuno Portas ao fundo da rua, e o Hotel do Mar, do Conceição Silva era ali ao lado.

Foi necessário visitar o local várias vezes?

João Ferrão: Fomos algumas vezes com a Oficina dos Jardins e com os clientes, que nos mostraram a estrada Romana que ligava o Castelo a Sesimbra e delimita o terreno a poente e a cascata onde no Inverno corre muita água. Era já evidente nesse momento que a integração das casas na paisagem seria fundamental.

É possível pensar um projeto sem conhecer a fundo o local de intervenção?

Recentemente fomos júris de uma tese de mestrado no ISCTE de projetos no porto de Beirute. Uma das alunas esteve no Líbano uma semana e fez um projeto que tinha uma relação com a cidade, cotas, território e com as problemáticas culturais locais muito forte, entretanto, outro estudante fez o projeto sem nunca ter visitado o país, estudou e interessou-se pelas características das construções presentes no local remotamente, apenas através de imagens. Fê-lo muito bem e se não tivesse revelado que nunca tinha ido ao Líbano, nunca o teríamos percebido.

João Costa Ribeiro: Recentemente, fizemos um projeto sem nunca ter entrado num edifício, que se encontrava em risco de colapso. Só lá entrámos quando começou a obra. Será que o resultado seria o mesmo se tivéssemos entrado lá? Talvez não. Seria melhor? Tenho dúvidas.
Temos ferramentas que, de facto, nos ajudam, mas não sei se resolvem tudo. A construção é uma coisa concreta. Mas começa por ser uma ideia mental e tem de ser resolvida, tem de ir buscar elementos para a constituir com os elementos que estiverem disponíveis.

João Ferrão: Devemos compreender o território, tanto física como culturalmente, e é fundamental conhecer o local de forma profunda. Contudo, paradoxalmente, os exercícios de arquitetos estrangeiros em Portugal são sempre uma descoberta interessante, porque são uma visão de fora sobre um território. Percebe-se que existe uma interpretação diferente da nossa e que nessa diferença, existe uma margem de manobra, um campo alargado de possibilidades de projeto. É curioso ver a liberdade que é dada pelo desconhecimento.

Qual foi a reação dos clientes à proposta?

João Ferrão: Quando apresentamos a primeira versão, já conhecíamos os clientes bem e tínhamos discutido com eles as questões essenciais da casa. A proposta foi mais uma consolidação do que uma novidade

Quais foram os principais conceitos usados no projeto?

João Ferrão: Uma casa de férias deve-nos transportar para outro universo, deve

ter outro tempo; como na música. Não é uma casa na cidade e existe aí todo um universo de possibilidades, pode ser mais livre e informal. Perante o local, era evidente que as casas deviam expressar-se de uma forma mais crua e ter um certo grau de rudeza e imperfeição, que oferecesse uma experiência táctil e intensa.
Sendo duas famílias com filhos, no total oito ou nove pessoas, era necessário que cada família tivesse a sua autonomia. Sendo a área máxima de implantação muito pequena, introduzimos pátios em cada casa e quebramos a geometria da casa, para conseguir ter zonas onde as pessoas pudessem estar na presença umas das outras, mas ao mesmo tempo para criar espaços onde cada um pudesse encontrar a sua autonomia. Era importante não ter as pessoas constantemente no mesmo local ou haver apenas um ponto de interesse nas casas. Para criar uma relação entre as duas, a da irmã mais velha é mais alta, protege a da irmã mais nova.
Como gostavam de passar tempo ao ar livre, alargamos as casas para o exterior com zonas ensombradas, onde cresce vegetação que duplicam os espaços das casas. Estas são especificamente para as pessoas poderem viver livremente entre o interior e o exterior. As salas, os quartos e até as próprias casas de banho estendem-se para fora, não existe uma barreira clara entre uma coisa e outra, todos os vidros recolhem nas paredes na totalidade.

João Costa Ribeiro: Este projeto demorou tempo porque a sua apreciação, por estar num território sensível, é naturalmente demorada, com um ano só para o licenciamento da arquitetura. Mas acho que isso foi bom, deu-nos algum tempo pensar. Não chegamos aquela solução ao fim de um mês de trabalho. Se calhar foi ao fim de dois anos.
É como trabalhar com qualquer outra pessoa. É evidente que há uma fase de aproximação e de ajuste. No nosso caso já passamos essa fase.
Claro que quando fazemos um projeto com um colega, temos de ter uma abordagem diferente, tem de haver um acerto.
Nesse momento, o Manuel e eu, temos uma relação de trabalho tão oleada que que torna o trabalho fácil. O que temos em comum - tanto quando nos encontramos em aulas ou em atelier - é a nossa linha de investigação. Depois os projetos seguem o seu ritmo com maior ou menor autonomia. As vezes, por questão de escalas, há trabalhos que são feitos no meu atelier, que é menor que o do Manuel. Os projetos de maior escala vão para o atelier do Manuel. As dinâmicas nos ateliers são diferentes. O meu atelier é muito mais selvagem e desarrumado, com muitas maquetes de estudo.
Ás vezes começa em um ateliê e acaba no outro. Como aconteceu com a sede da EDP. Há projetos que começam mais em conjunto, com maior partilha no início, e no fim autonomizam-se para um lado ou outro.

Qual é a relação das casas com a pré-existência?

João Ferrão: Sobretudo tentámos não ocupar áreas que não tivessem sido já construídas. Existiam inúmeras construções ilegais no lote que foram removidas e o solo re-naturalizado. Temos algum pudor em construir em zonas naturais porque não deixa de ser um acto de destruição. Julgo que umas das razões pelo qual o projeto foi aprovado e bem visto pela Câmara, tem um pouco a ver com esta decisão. Tentámos apagar todos os indícios de construções precárias, muros e zonas impermeáveis.

Como surgiu a ideia dos pátios e da pérgula?

João Ferrão: Os pátios advêm também da legislação. No máximo podíamos construir 250m2, portanto teríamos dois volumes de 125m2, uma para 5 pessoas e outra para 4. Sabíamos que seriam casas muito pequenas, quase com a escala de um apartamento. Como legalmente um pátio não é contabilizado para área, sendo permeável, se os introduzíssemos podíamos criar alguma distância entre as zonas sociais e de estar, e ao mesmo tempo, dar às casas uma maior dimensão.

João Costa Ribeiro: A pérgula é um bocado isso.

João Ferrão: Sim, vem do mesmo princípio e surge do pedido dos clientes, quando nos explicaram o tipo de vida que faziam nas férias. Numa família grande por vezes é difícil escapar à presença dos outros, e é necessário encontrar espaços próprios que não sejam apenas delimitados por uma porta. Numa casa de férias, este tipo de equilíbrio é importante. Com as pérgulas exteriores e o pátio no meio, era possível expandir a relação das pessoas na casa.
No terreno, introduzimos também alguns elementos que pontuam o lote e criam espaços específicos com uma relação forte com a paisagem; um banco, um tanque e uma plataforma no meio das árvores num local onde uma das clientes lia em criança. Tentou-se construir estes apontamentos para ativar o lote e retirar centralidade às casas.

João Costa Ribeiro: É uma ficção esta noção que a paisagem é uma coisa profundamente natural. A paisagem no território português é muito artificial, muito humanizada. Nós arquitetos, temos de continuar a perceber como a atividade humana pode acrescentar alguma coisa positiva à paisagem.

Em relação ao material, porquê betão desativado pigmentado e não taipa?

João Costa Ribeiro: O nosso trabalho sempre foi resolver problemas visando os programas e a relação com o território. Foi assim que encarámos os nossos projetos de espaço público e de reabilitação urbana. Procurámos o material certo para um edifício semi-enterrado, em contacto com o terreno, e agradou-nos o betão porque tinha alguma ligação com aquele território, com a cor da terra. Podia fazer paredes, pavimentos e tectos, sem grande necessidade de revestimentos.

João Ferrão: Sabíamos que as casas poderiam não ser utilizadas durante meses. Com esse pressuposto, era impossível utilizar todo um repertório de materiais, era necessário algo robusto e imperecível.

João Costa Ribeiro: Entendemos o edifício como um pedaço de encosta, que já lá podia existir.

João Ferrão: Sim, uma vez que o projeto só seria possível se se dissolvesse na paisagem, utilizar betão com pigmento poderia aproximar-nos da cor da terra. O betão colorido envelhece de forma natural, muito diferente do cinzento. Ao utilizá-lo desativado tínhamos ainda outra vantagem, porque podia esconder os erros que ocorressem na construção e permitia ter uma casa lisa no interior e rude no exterior, próxima da natureza da encosta. Com o betão no interior, conseguíamos uma casa onde se podia andar descalço, fresca no Verão e quente no Inverno. O piso é aquecido e arrefecido e o betão possibilita este conforto de uma forma tátil e direta.

João Costa Ribeiro: Todos os materiais têm o seu lugar e compreendendo os recursos usados pelo betão, tanto na extração dos seus agregados, como no consumo de energia e emissão de CO_2, o betão terá que ser usado com um material nobre.

João Ferrão: Existe neste momento uma grande pressão contra o betão, mas tem a vantagem de ser um material extremamente durável. Antes desta casa tínhamos feito outras com materiais que exigiam muita manutenção, o que também não é eficaz, nem sustentável.

João Costa Ribeiro: Agora, estamos a utilizar blocos de terra compacta pela primeira vez porque entendemos ser o material adequado ao projeto.

João Ferrão: Gostaríamos muito de fazer um projeto em taipa ou apenas em pedra. Neste sentido a arquitetura é um pouco como na gastronomia. Se existem milhares de ingredientes no mundo, qualquer cozinheiro gostaria de poder utilizá-los e expressar-se com eles. E de facto não há razão para não os usar, ao longo dos séculos a arquitetura sempre teve um fascínio por materiais que vêm de outros locais.

João Costa Ribeiro: A capela de São João Baptista na Igreja de São Roque é revestida a lápis-lazúli e foi feita em Itália, consagrada pelo Papa, desmontada e trazida Lisboa. Acaba por ser uma obra prima, ou um tratado de arquitetura, talvez pela forma cuidada como estes materiais excecionais foram utilizados.

João Ferrão: Todos os materiais trazem consigo um campo de possibilidades. É evidente que devem ser utilizadas com racionalidade. Recentemente vi uma peça da Roni Horn, uma folha de ouro muito leve, dobrada, dá a impressão de conter uma lâmpada dentro e emitir luz, mas na realidade é apenas o ouro, que reflete a luz de uma forma tão peculiar, que dá a ideia que possui luz própria. A possibilidade de trabalhar com estas propriedades é sempre fascinante. É evidente que têm de ser usadas de forma consciente, talvez com ouro deva usar-se mícrons; com betão, em vez de se usar 45cm talvez se deva utilizar 10, ou 15cm. É uma questão de ajuste.

João Costa Ribeiro: Atualmente existe na arquitetura um discurso completamente distópico sobre o plástico. Por um lado, enchem-se edifícios de isolamento térmico feito de poliestireno expandido, fabricado do outro lado do mundo, quando se poderiam usar fibras naturais. Na arquitectura, o plástico ou é escondido, ou é usado para simular outro material qualquer. No entanto, recorremos ao plástico para dar algumas propriedades aos tecidos do vestuário que usamos hoje, pelas características que tem, produzindo roupa impermeável e transpirável, ou que se ajusta ao corpo, com uma certa performance. Se o plástico contribuir para a qualidade espacial, reduzindo o consumo de energia ou proporcionando a ventilação de um espaço, pode ser um material legítimo.

O que acham do desafio proposto para este semestre em projeto?

João Costa Ribeiro: Acho que é um exercício académico com um contexto particularmente profissional. Possivelmente, no futuro, será mais frequente pedirem-vos para ampliar uma casa do que para fazer uma casa nova. Foi o que nos pediram quando nos contactaram para este projeto, e a nossa resposta foi demolir a casa existente, por ser uma moradia pré-fabricada com poucas condições materiais de reabilitação.

João Ferrão: Confesso que parece um desafio difícil pela especificidade das casas, mas é um exercício onde podem eventualmente refletir sobre a relação com a paisagem. Geograficamente há uma dimensão no terreno muito forte, onde se podem focar. Originalmente era um terreno agrícola, na encosta acima das casas não existiam árvores e podem encontrar fotografias históricas que mostram apenas a vegetação rasteira, típica da Arrábida. Toda paisagem é feita de oliveiras, azinheiras, alfarrobeiras e pinheiros, que não são locais; são originários do Líbano e invasivos, crescem rapidamente. Tudo parece uma realidade natural, mas não é, é uma construção humana.

Têm um conselho a deixar à nossa geração de arquitetos?

João Ferrão: Não existem dois tempos nem duas vidas iguais. Não sigam conselhos, procurem aquilo que vos interessa e mantenham-se abertos ao mundo.

SESIMBRA

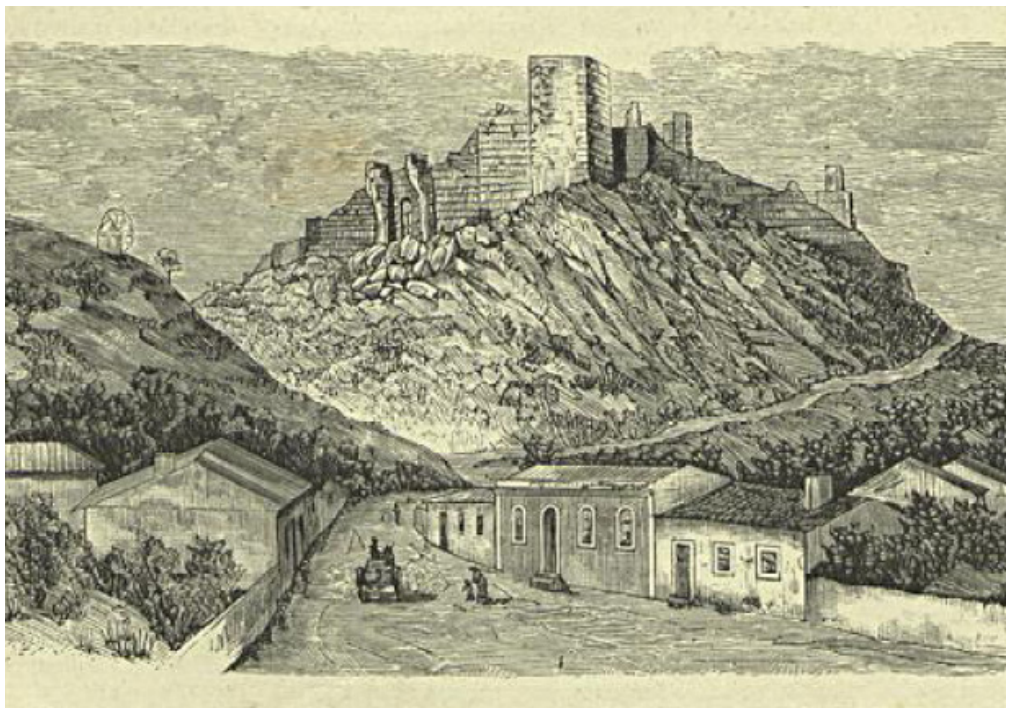
SESIMBRA

Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019

Localizada a cerca de 30 km de Setúbal, nas encostas da Serra da Arrábida, Sesimbra é um destino que, na realidade, são três: Quinta do Conde, Castelo e Santiago. As origens da sua ocupação humana remontam ao Paleolítico Inferior, momento em que as primeiras comunidades se fixaram em torno dos cursos de água, aproveitando a riqueza dos recursos marinhos existentes. A sua localização geográfica privilegiada favoreceu o desenvolvimento de uma intensa atividade ligada ao mar, nomeadamente no que se reporta à pesca. Até ao século XV, inícios do XVI, a vila localizava-se no interior do Castelo, tendo-se, com os alvores da modernidade, deslocado progressivamente para a frente marítima, passando a denominar-se Póvoa da Ribeira de Cezimbra. O crescimento do aglomerado populacional de Sesimbra, tanto na zona ribeirinha como dentro das cercas muralhadas do Castelo, assentou na sua relação com o mar e com os proveitos dele retirados. Os séculos XV e XVI assistiram ao desenvolvimento urbano daquela que viria a ser a atual vila, fortemente influenciada pela expansão marítima e pela epopeia dos Descobrimentos. O Castelo de Sesimbra, a Fortaleza de Santiago, a Capela do Espírito Santo dos Mareantes, a Moagem de Sampaio e o Cabo Espichel, são alguns dos locais mais importantes em Sesimbra e que a tornam num destino de excelência.

IMAGENS: ARQUIVO CM SESIMBRA

SESIMBRA
Uma Casa Dupla a partir da Casa em Sesimbra, 2019



Fotografias da Pré-Existência, Antiga Adega

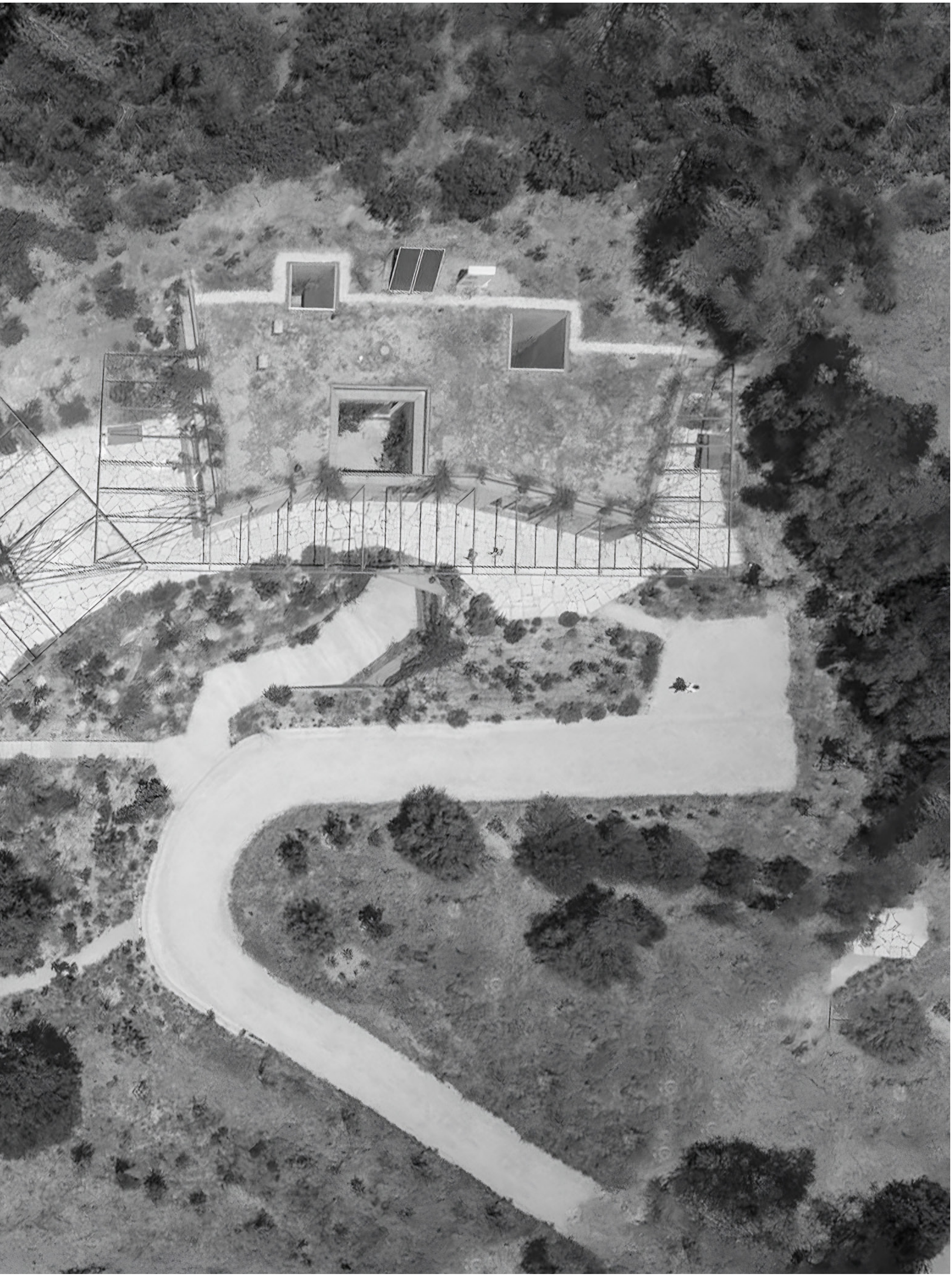
CASA EM SESIMBRA

LOCAL DE INTERVENÇÃO

Uma Casa Dupla a partir da Casa em Sesimbra, 2019

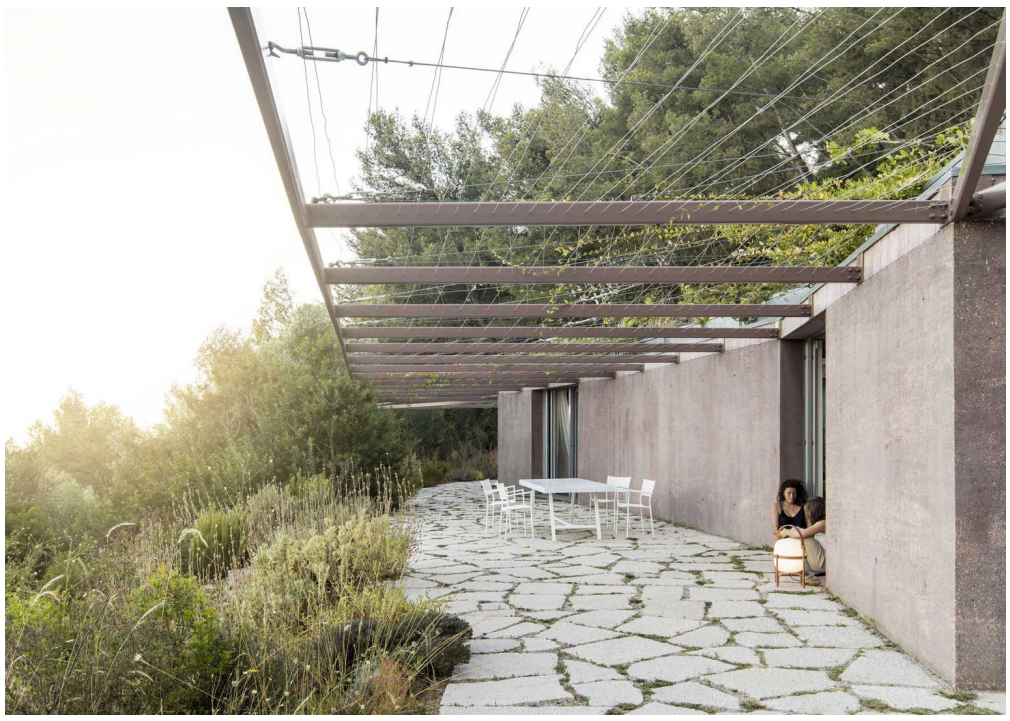
LOCAL DE INTERVENÇÃO

Uma Casa Dupla a partir da Casa em Sesimbra, 2019



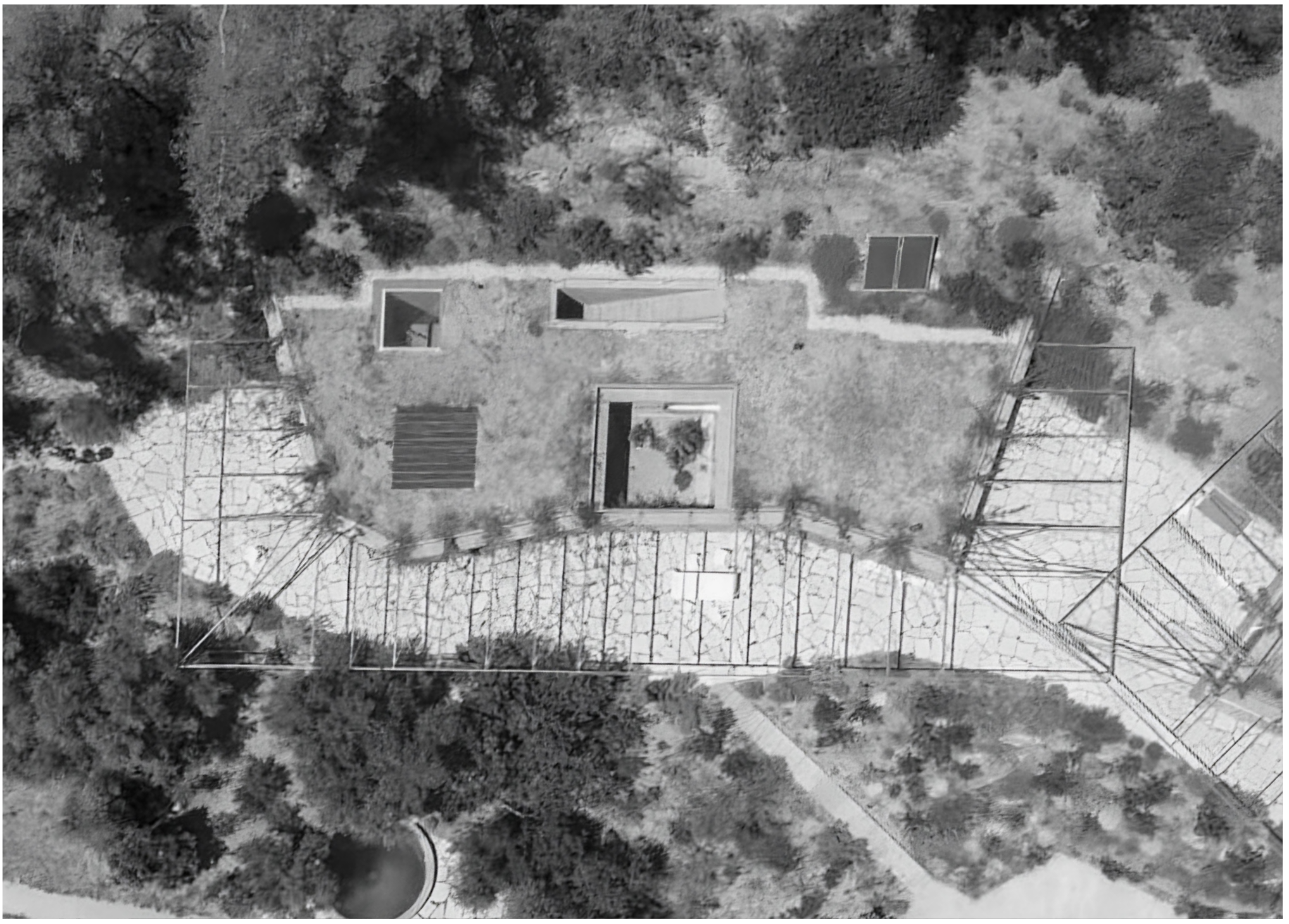
LOCAL DE INTERVENÇÃO

Uma Casa Dupla a partir da Casa em Sesimbra, 2019



PENSAR A HABITAÇÃO, FAZER A CASA

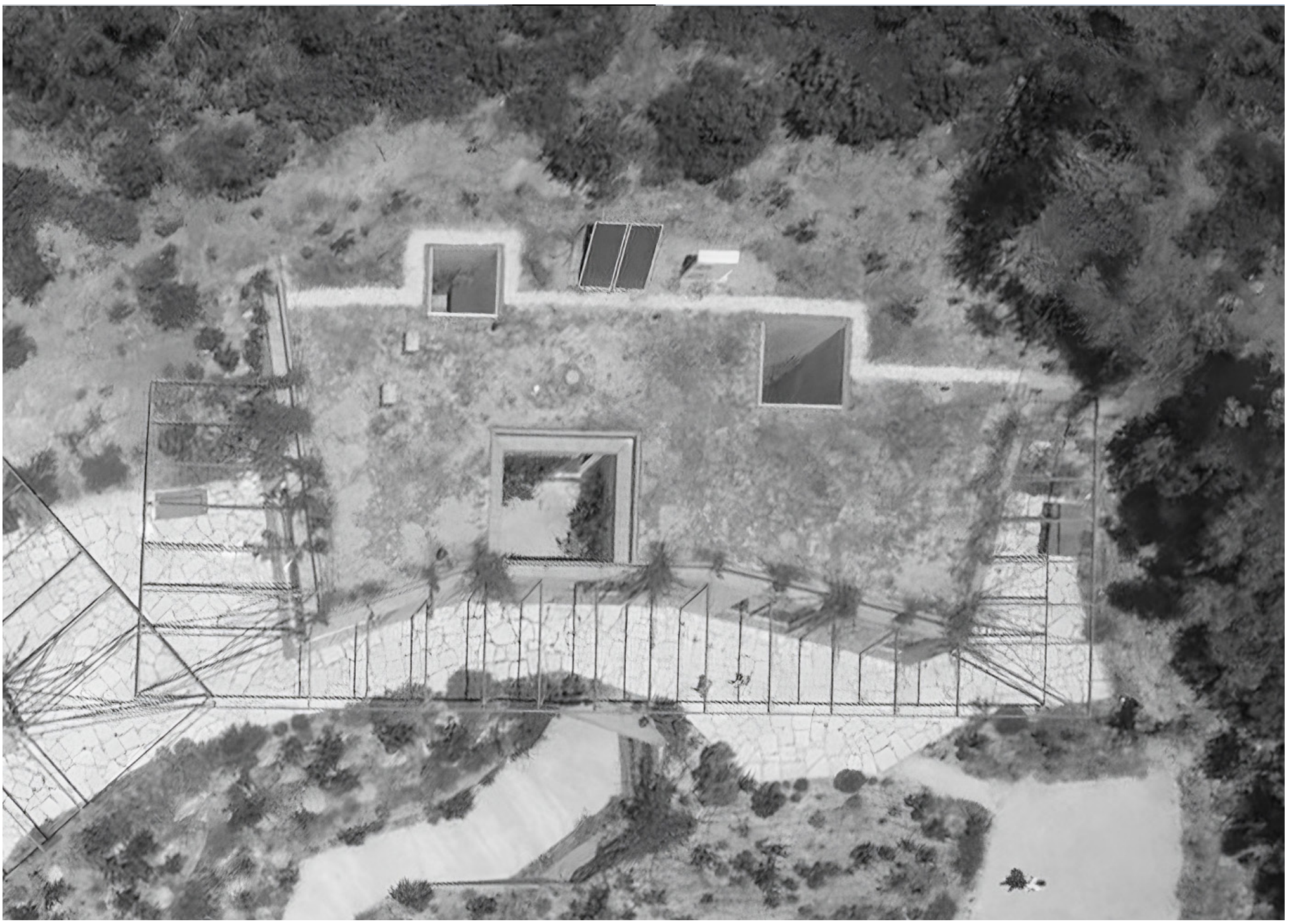
Uma Casa Dupla a partir da Casa em Sesimbra, 2019



As casas gémeas estão situadas num lote de grandes dimensões em Sesimbra. As clientes, duas irmãs, pretendiam transformar uma pequena casa construída nos anos 60 em casa de férias, para poderem reunir as famílias e amigos no Verão. A primeira decisão foi dividir a casa em dois corpos, garantindo autonomia a cada família. Como gémeas, partilham a mesma propriedade e dimensões, mas cada uma expressa-se de forma ligeiramente diferente; mais alta, exposta à paisagem, à procura do mar, outra mais recolhida e horizontal, em busca de uma relação mais íntima com o terreno em redor.

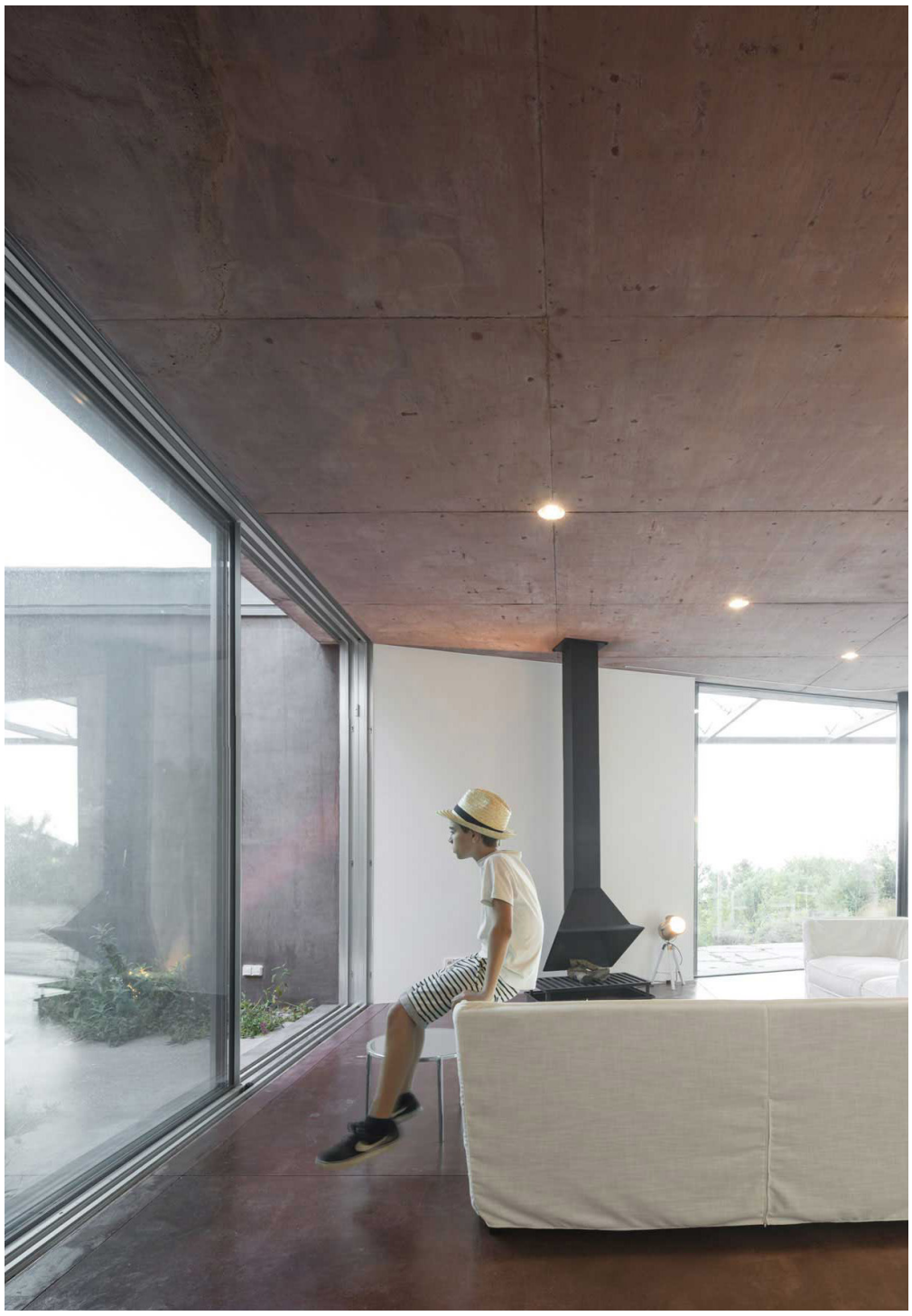
IMAGENS: EXTRASTUDIO

Não sendo possível ultrapassar 125m² de implantação devido a restrições legais, são introduzidos pátios e é criada uma pérgula em redor dos volumes prolongando os espaços para o exterior, gerando zonas de estar ao ar-livre com vista sobre o mar, cobertas com vegetação, duplicando a área das casas. Esta é uma solução recorrente no universo mediterrânico, onde trepadeiras, vinha e jasmins oferecem sombra e proteção do sol no verão, tornando o interior mais fresco. Suspensas com 6 metros de profundidade, estas estruturas flutuam, uma filigrana de cabos e arames unindo-se num grande espaço de estar exterior onde toda a família se pode encontrar.



Encastrando-se no terreno, as casas surgem como um prolongamento da rocha, invisíveis na encosta. Para conseguir este efeito é utilizado betão com pigmentos castanhos desativado, testado inúmeras vezes até se encontrar uma cor idêntica à da terra em redor. A sua superfície, com os agregados do betão expostos, é simultaneamente áspera e macia ao toque, como uma pedra ou a pele de um animal. Para obter esta textura, todo o betão foi betonado ao anoitecer, utilizando-se um processo químico para retardar a presa, decapando-se a camada superficial na madrugada seguinte. Construir nesta paisagem implica construir uma atmosfera diferente.

Não sendo uma residência permanente convoca-se aqui um universo intenso e cru, mais próximo da terra, feito com matérias-primas em bruto, mineral, rígido e sensual. No interior reduzem-se ao máximo os elementos. Os materiais são deixados à vista no seu estado natural, apenas as paredes são pintadas. Janelas e portadas correm totalmente para dentro das paredes, transformando toda a casa num espaço exterior. Comer, dormir e tomar banho faz-se ao ar-livre, abrigados do sol, deixando a brisa passar.



CASOS DE ESTUDO

CASA ATELIER OAK PARK

Frank Lloyd Wright, Oak Park, Chicago, Estados Unidos da America

© Taissa Buescu

Em 1889, Wright concluiu a construção de uma pequena residência em Oak Park, em Chicago. Projetado como uma casa para sua família, a residência como meio de experimentação para o jovem arquiteto.

Wright baseou no Unitarismo, no movimento Arts and Crafts e no movimento de arte doméstica dos finais do séc. XIX.

Adatou o pitoresco estilo Shingle, com algumas marcas de influência estílistica de Sullivan.

A fachada da sua casa é definida por uma empena triangular colocada sobre uma base retangular, vãos de janelas poligonais e a parede circular da ampla varanda.

De modo a criar um ambiente inspirador Wright incorporou, mobiliário exclusivo, tapetes orientais, esculturas, pinturas e gravuras japonesas que trouxeram calor e riqueza aos interiores.

Em 1895 uma nova sala de jantar e uma sala de jogos foram integradas. A nova sala de jantar veio a substituir a antiga cozinha enquanto que a sala antiga passou a ser usada como escritório privado para o arquiteto.

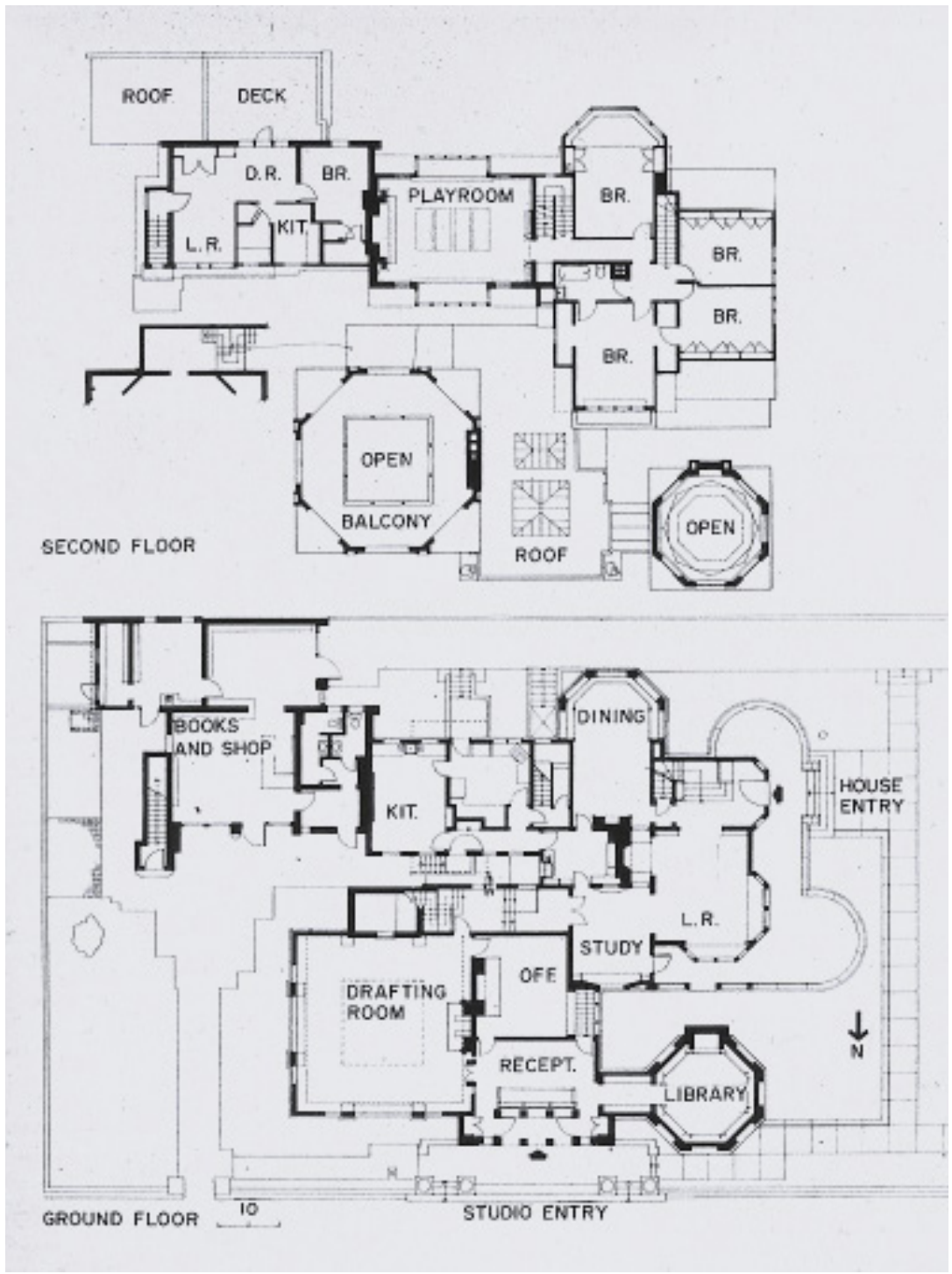
A sala de jantar é unificada em torno de uma mesa de carvalho iluminada através de um painel decorativo acima e com uma alcova de janelas de vidro chumbado em padrões de flores de lótus convencionais. As paredes e o teto são revestidos com reboco cor de mel; o piso e a lareira são revestidos com azulejos de terracota vermelhos.

“Pela mesma razão que ensinamos nossos filhos a falar a verdade, ou melhor ainda viver a verdade, seu ambiente deve ser tão verdadeiramente belo quanto somos capazes de fazê-lo”.
- F. L. Wright

O pé-direito abobadado repousa sobre paredes de tijolos romanos. No centro do arco da abóbada, uma clarabóia, protegida por grades de madeira exibindo flores e vagens estilizadas, fornece iluminação.

Em ambos os lados da sala, as janelas de vidro chumbado com assentos embutidos estão posicionados à altura das copas das árvores maduras que cercam o lote.

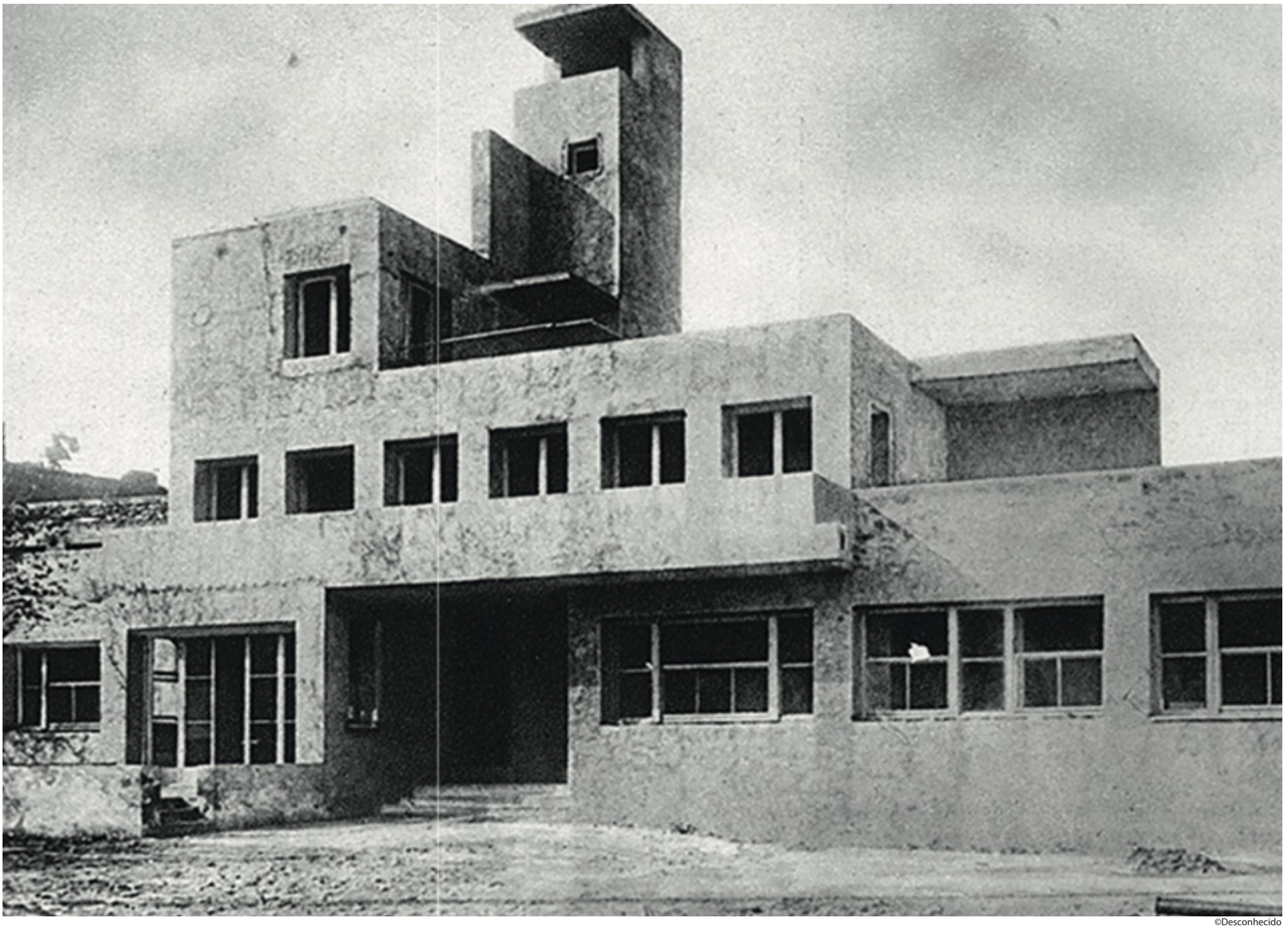
Uma sala de espera conecta as principais áreas do Studio - um hall de receção, uma biblioteca, um pequeno escritório e uma sala de desenho. As salas eram decoradas com exposições ecléticas compostas por obras de arte e objetos, como gravuras japonesas, moldes de esculturas clássicas, além de maquetes e desenhos produzidos no próprio.



© Taissa Buescu; © James Caulfield.

VILLA NOAILLES

Robert Mallet-Stevens, Montée de Noailles, França, 1923



©Desconhecido

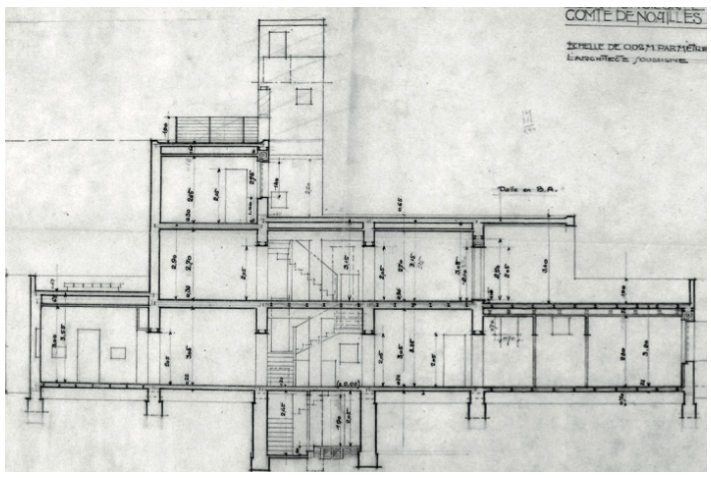
Villa Noailles foi projetada pelo arquiteto Robert Mallet-Ste- vens para o casal Charles e Marie Laure de Noailles, entre o periodo de 1923 e 1932 em Hyères, no sul da França. A casa esta dividida em três pisos, onde o primeiro se encontra a parte pública da casa e os superiores as áreas de dormitóri- os. Os planos de Mallet-Stevens mudam durante a construção para introduzir mais quartos. Os Noailles envolveram vários arquitetos até 1932. Foi assim que a pequena casa passou em 1925 de cinco para nove quartos e depois em 1926 para quinze quartos de hóspedes e vários quartos de empregada em diferentes anexos cobrindo uma área de 1800m2. Atribuindo também novos programas a villa como piscina, ginásio e outros. Foi utilizado na construção o betão armado, sistema estru- tural da construção civil que se tornou um dos mais impor- tantes elementos da arquitetura do século XX. Vista de fora, o volume de blocos brancos pontuados por janelas retangu- lares é impressionante onde a horizontalidade predomina; o volume vertical harmoniza a estética do conjunto arquitetônico. A vila responde perfeitamente aos preceitos fundadores do movimento racionalista, cujas palavras chave são: funcionalidade, ausência de elementos puramente decorativos, luz, higiene, tecnologia, casa de banho própria e um terraço privado. O desenho do edifício lê-se como um passeio arquitetônico. A horizontalidade privilegiada é equilibrada em virtude do volume vertical: o mirante que acolhe a escadaria. As co- ber- turas são planas, e os terraços também revelam a casa de outra perspectiva.

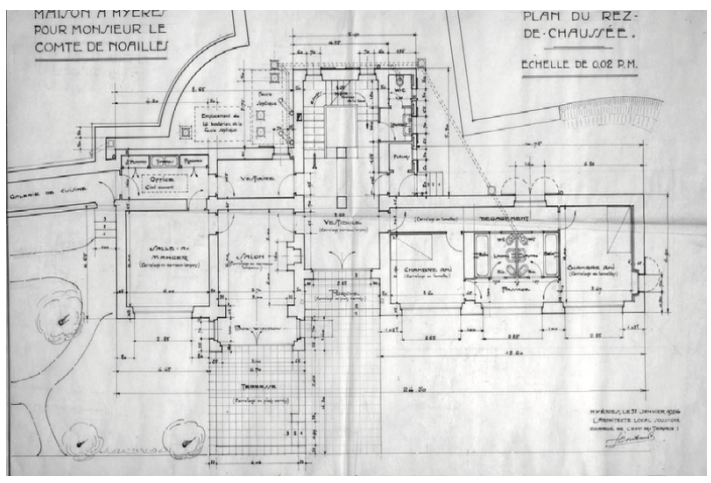
As janelas voltadas para o Sul, possibilitam nos ambientes internos maior incidência de iluminação natural, na parte norte estão situados os corredores e as escadas de acesso a piscina, iluminados por claraboias com vitrais de Louis Barillet.

A casa é um campo de teste para novas tendências. O jardim triangular cubista situado na área externa da frente da casa é delimitado por muros brancos, é obra do arquiteto e paisagista Gabriel Guévréklan. Os Noailles recorreram a Jean Prouvé para as caixilharias metálicas e Francis Jourdain para o mobiliário.

Em 1940, a vila foi ocupada pelo Exército Italiano e transfor- mada em um hospital. De 1947 a 1970, a vila foi a residência de verão de Marie Laure. A casa foi comprada pela cidade de Hyères em 1973.

Foi restaurada em várias etapas de 1986 a 2012. Em 1996, a Villa Noailles foi transformada em um Centro de Artes.

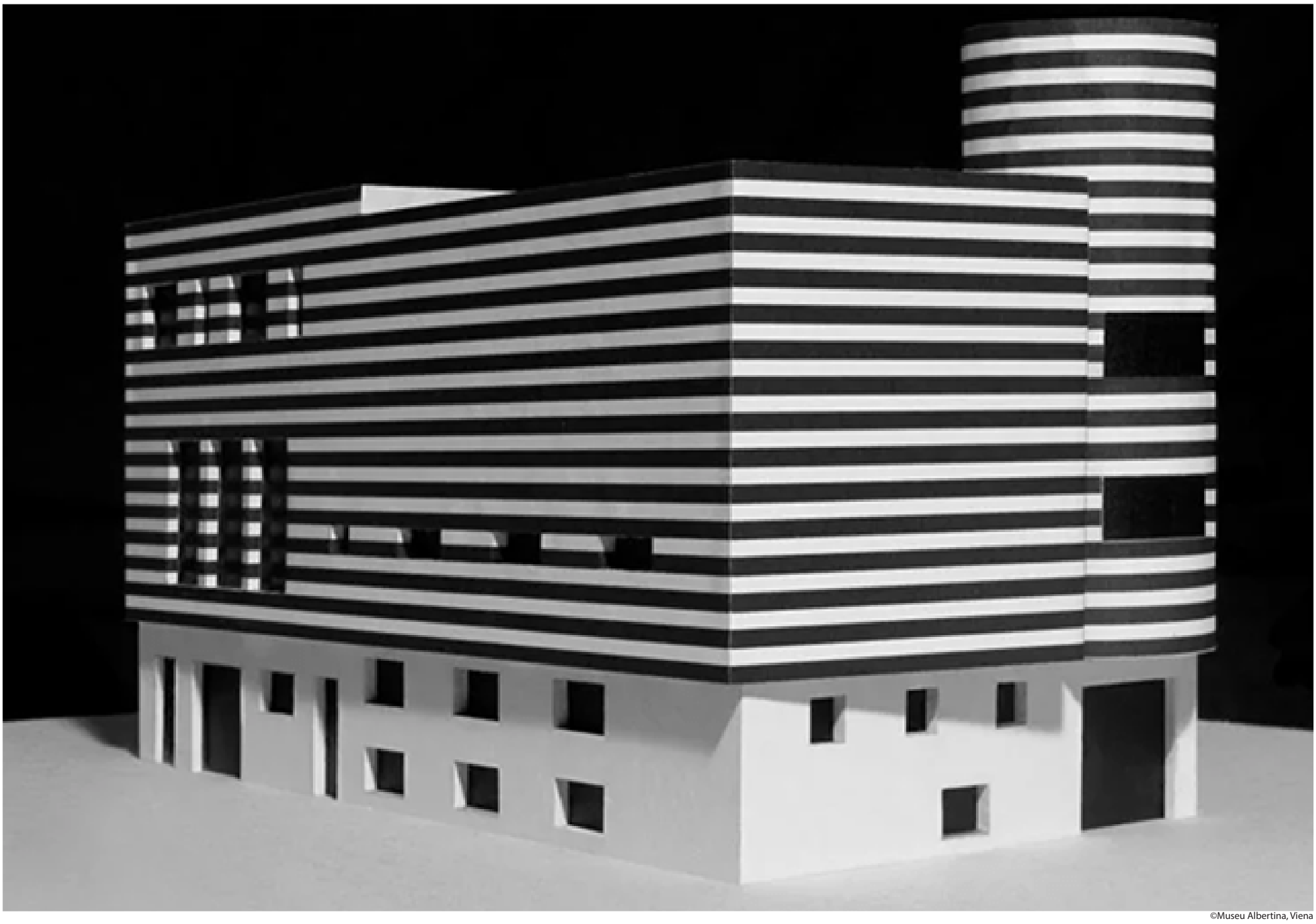




© Alfavino, Apcostebelle, Artplafox eThérèse Bonney

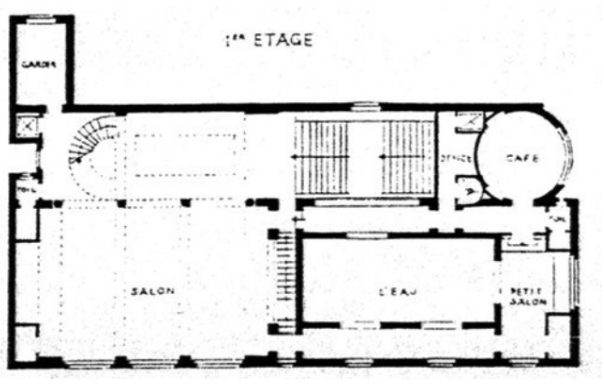
CASA JOSEPHINE BAKER

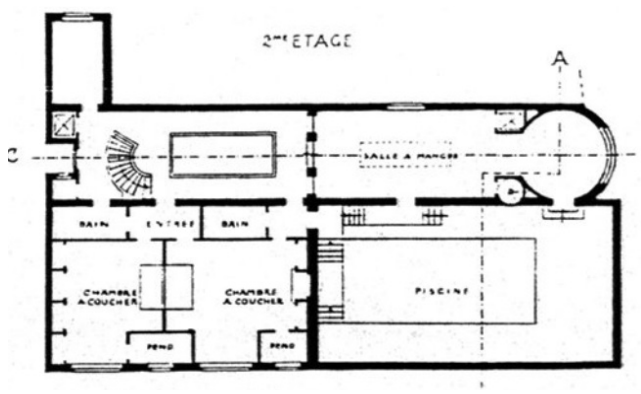
Adolf Loos, Paris, França, 1928

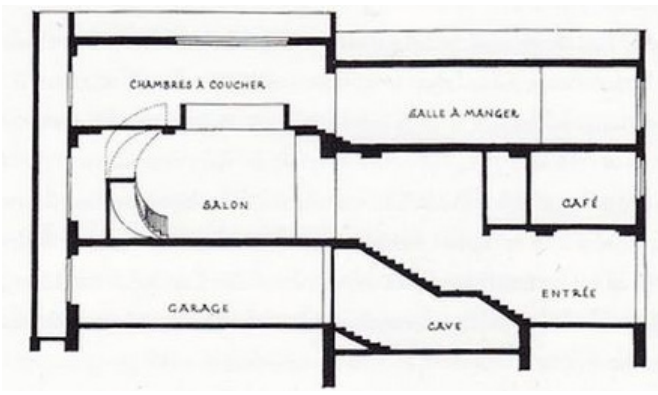


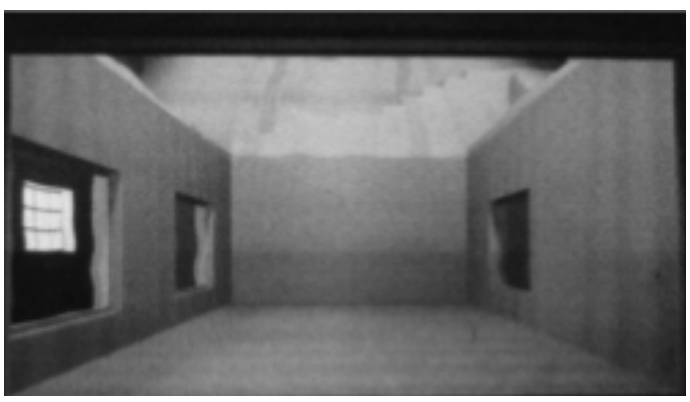
©Museu Albertina, Viena

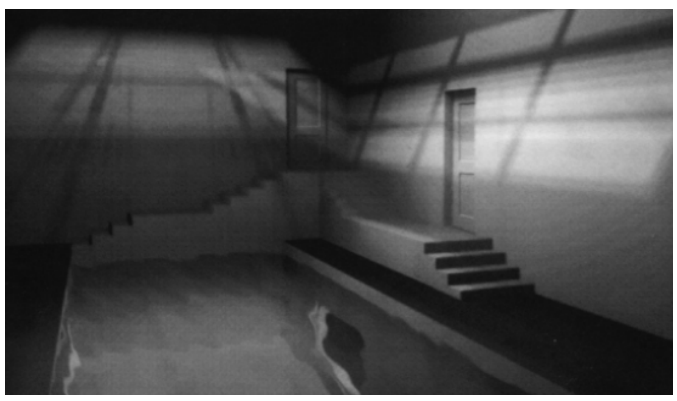
A casa não construida do arquiteto Adolf Loos, em Paris, para artista americana Joséphine Baker, talvez seja uma das obras mais analisadas do modernismo. O projeto e a sua história abordam uma série de questões sociais e políticas do início do século XX. A casa consiste na transformação e união de duas casas existentes numa esquina. A entrada faz-se por uma escadaria. No primeiro piso encontra-se salão, café os corredores nas laterais da piscina. No segundo piso encotra-se dois quartos e sala de jantar. A piscina é Iluminada pela luz zenital, e tem particularidade de ser perfurada. Uma série de janelas ligam a piscina à sala de estar. O projeto pretendia ter uma expressão exterior de solidez, em fachadas de mármore preto e branco em listas horizontais. A casa Josephine Baker, é um palco para esta nova existência radical, ecoando as ideias que Adoolf Loos defendia. Traduz-se num complexo plano espacial, totalmente privado e reduzido ao mínimo.

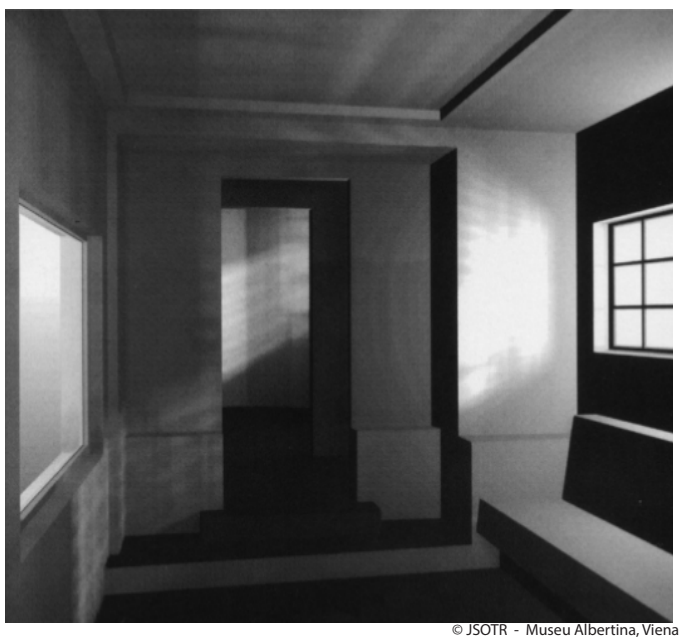












© JSOTR - Museu Albertina, Viena

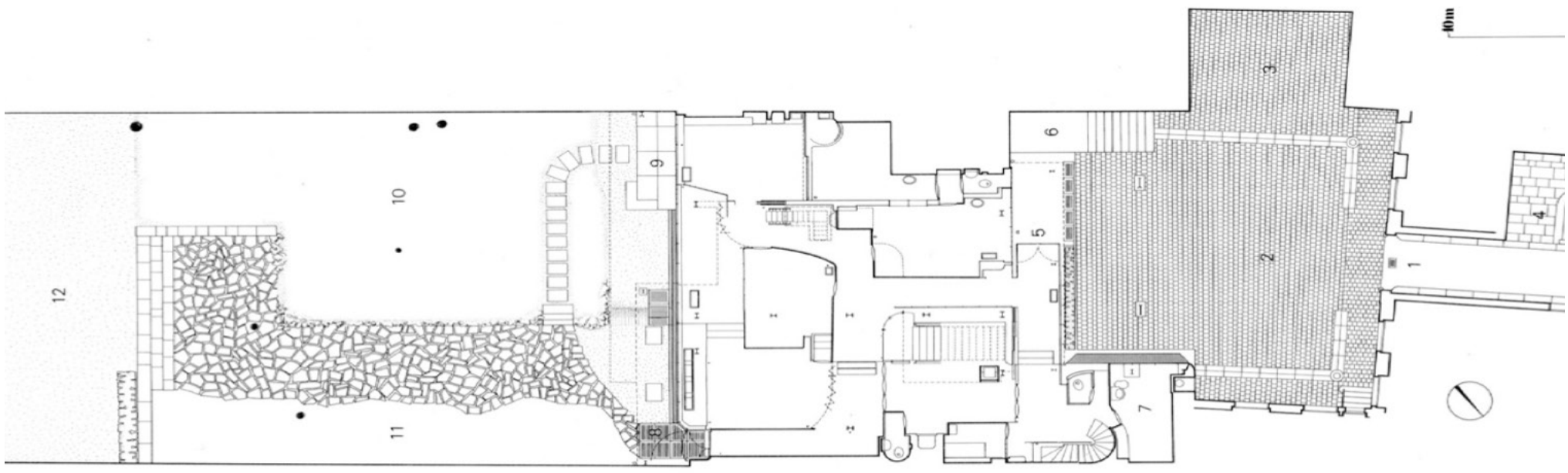
MAISON DE VERRE

Pierre Chareau e Bernard Bijvoet, Paris, França, 1928-1932

©Mark Lyon

Foi pedido aos Arquitetos Pierre Chareau e Bernard Bijvoet, que demolissem o edifício existente e projetassem uma casa nova. Contudo, o último andar não pôde ser demolido, porque o morador se recusou a sair.
Demoliram assim, os andares de baixo, introduzindo uma armação metálica estrutural.
O facto do esqueleto metálico resolver todas as cargas da nova casa, concedeu-lhe a liberdade para redistribuir os espaços interiores e, sendo levantadas a tijolo de vidro, as novas fachadas, permitiu a maior quantidade de luz natural, durante várias horas do dia.
A casa foi projetada para servir de residência e ao mesmo tempo de consultório para o proprietário.
Consistia em três pisos, sendo o primeiro o consultório, onde estavam dispostas as salas de consultório, exames e cirurgia, e as escadas principais para o segundo piso. Subindo, entramos diretamente na sala de estar, com duplo pé-direito, virada para a fachada principal, aqui ainda temos, uma sala de reuniões, mas que quando não usada, serve de sala de estudo, uma cozinha, um solário, dispensas e também um acesso por escadas ao último piso, onde estão os quartos.

O recurso inteligente ao tijolo de vidro, possibilitou a criação de um novo efeito para a época.
A utilização em grande escala de estruturas em vidro e em metal era neste período e no contexto da Europa, uma situação invulgar.



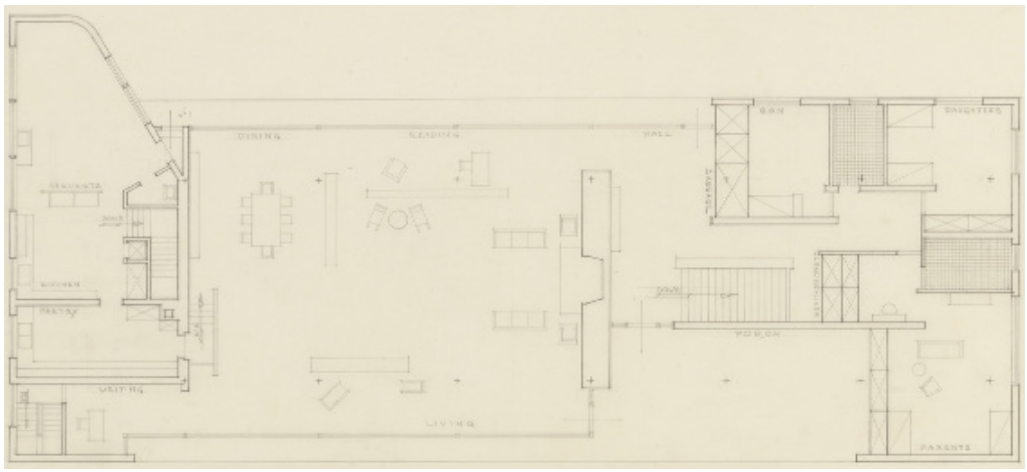
© Louis Delbet

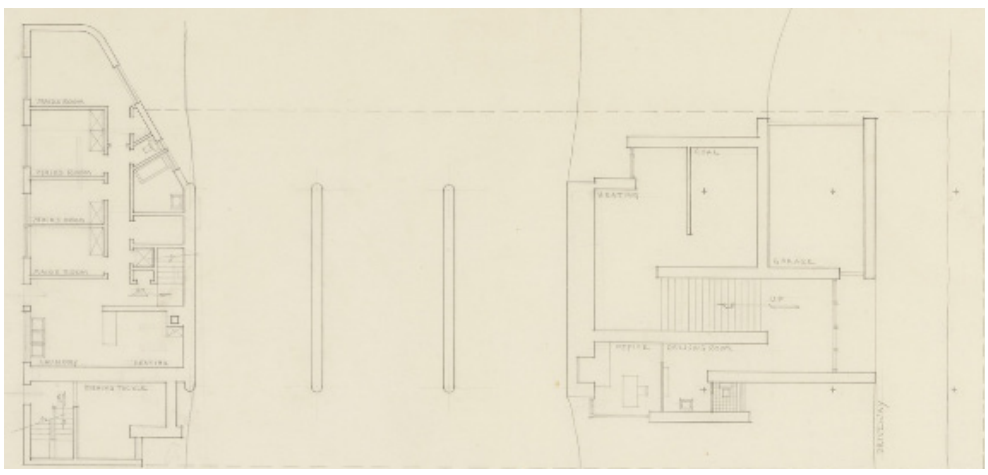
CASA RESOR

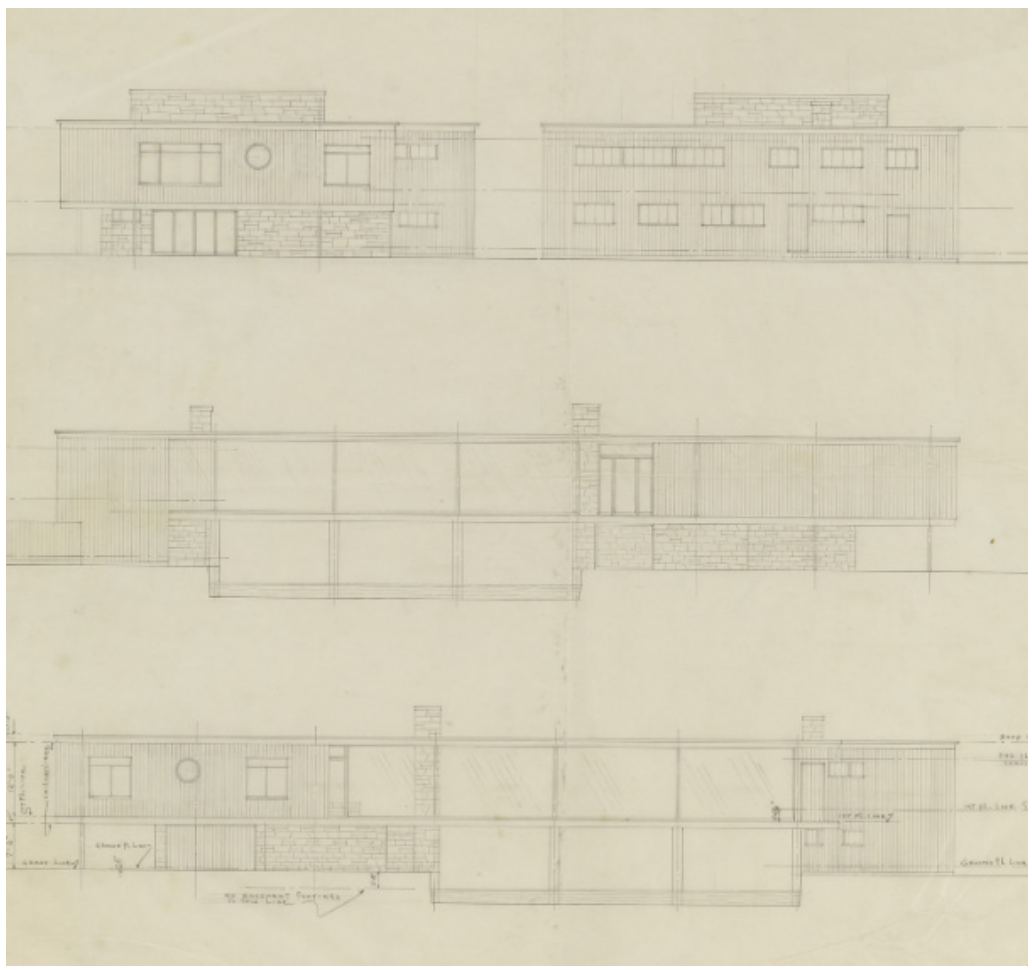
Mies Van der Rohe,Wyoming, EUA, 1938

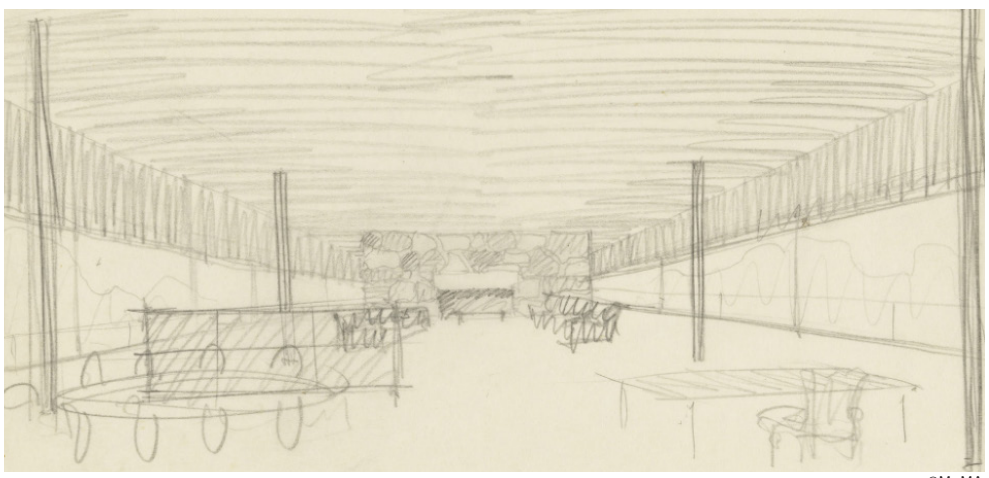
©MoMA

A Casa Resor idealizada para o estado de Wyoming, EUA, foi projetada pelo arquiteto Mies van der Rohe no ano 1938. A Casa Resor com cerca de 500m² divide-se em dois pisos. O piso superior dividido em três secções, a secção Este de critério mais privado, composta por três quartos, dois quartos para as crianças e um terceiro para os pais, sendo que este último é uma suite. E uma casa de banho com a finalidade de dar apoio aos quartos das crianças. Uma secção Oeste destinada a todas as áreas de serviço, sendo a dispensa, a cozinha, uma área de serviço e uma casa de banho destinada aos empregados. Por fim uma secção central, suspensa sobe o rio snack que dá lugar a uma grande área social com cerca de 100m². O Piso inferior não é diferente do piso superior, sendo que também é dividido por duas secções. A secção Este, constituída por um escritório, por um vestuário situado logo á entrada, uma central térmica, um local de arrumação com acesso feito pelo exterior e uma garagem. A secção Oeste tal como no Piso superior dá acesso mais uma vez a áreas de serviço como a lavandaria, um armazém de material de pesca, uma casa de banho e quatro quartos reservados aos empregados. O mais interessante da Casa Resor é sem dúvida a sala, que faz a ligação entre a secção Este e a secção Oeste. A sala de estar de 17,4 m de comprimento por 14 m de largura inclui um espaço de jantar, um pequeno escritório e três áreas de estar diferenciadas.Nas fachadas norte e sul as cortinas de vidro recuam cerca de 1m em relação á laje e á cobertura, formando uma espécie de varanda estreita. Em termos de aparência externa, a sala de estar parece vazia e ampla devido á grande parede de vidro, enquanto ambas as secções Este e Oeste revestidas com folheado de cipreste e pedra nativa, fazem o contraste entre o suave do vidro e o bruto da pedra. na casa Resor as vistas do Norte e do Sul são de igual valor, com abertura máxima para ambas as direções, enquanto a sua hierarquia preferencial é determinada no espaço interior. A casa Resor tem elementos que não tocam no teto e outros que não tocam no chão,criando assim uma relação variável e livre, demonstrando um aparecimento precoce do "espaço universal", em que todas as paredes interiores acabam por desaparecer. Isso sugere que a universalidade do espaço aparente na arquitetura de Mies está profundamente relacionada ao estabelecimento da relação com o exterior.









©MoMA

CASA KAUFMANN

Richard Neutra, Palm Springs, Califórnia, EUA. 1946-1947

© Julius Shulman

Richard Neutra, formou-se em 1917 em Viena, onde estudou com Adolf Loos, que foi um dos arquitetos mais influentes do período moderno na arquitetura europeia. Richard Neutra mudou-se para os Estados Unidos em 1923, onde trabalhou para Frank Lloyd Wright. Em 1925, mudou-se para Los Angeles, onde teve um escritório com o arquiteto Rudolf Schindler antes de abrir o seu próprio estúdio de arquitetura em 1927.

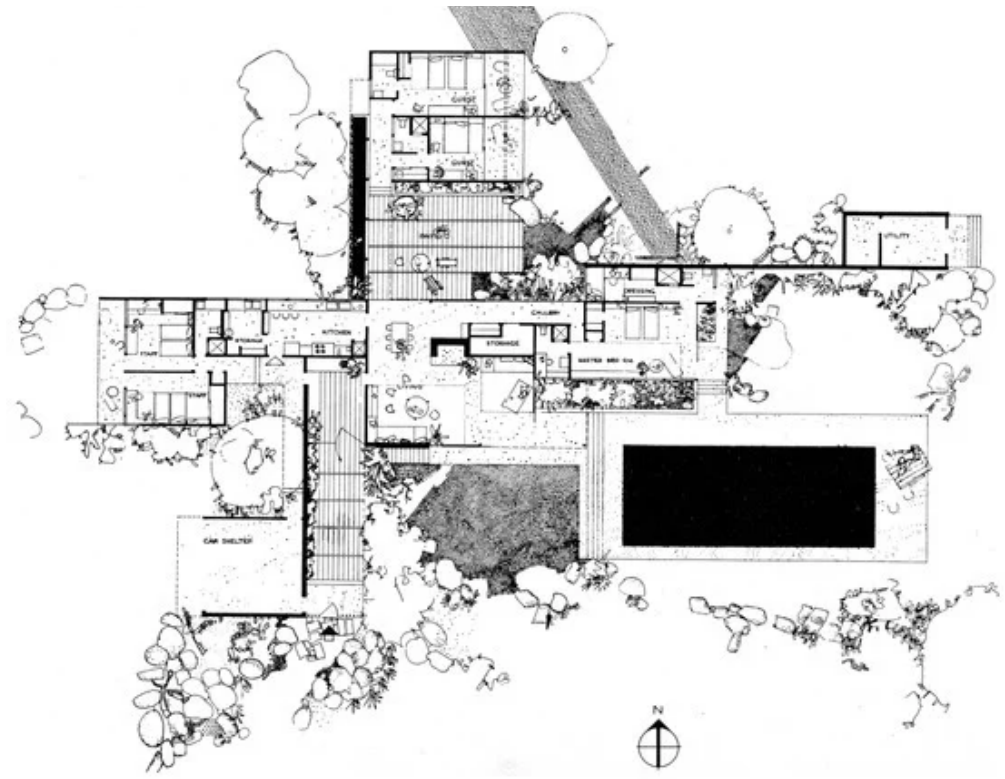
O arquiteto projetou mais de 300 casas durante sua carreira, a Casa Kaufmann ajudou a definir a estética modernista da cidade Palm Springs. A Kaufmann Desert House, construída após a Segunda Guerra Mundial, a pedido do milionário Edgar J. Kaufmann, com a finalidade de ser um refúgio no deserto, uma casa de férias isolada. Foi projetada para desfrutar das vistas do deserto e das montanhas ao redor que oferecem um abrigo contra as condições climáticas.

A casa está localizada em um terreno rochoso onde se funde com a paisagem circundante, não ultrapassando muito além da zona mais elevada do terreno. A distribuição da planta em cruz, permite que cada uma dasalas tivesse o máximo de iluminação e uma boa ventilação.

Existe apenas um elemento da casa que está mais elevado, um terraço, que é acessível pelo exterior. A entrada principal é feita pelo sul, a partir dela, um caminho coberto passa por uma grande garagem para a área social central, onde se localizam sala de estar, sala de jantar e lareira. Na sala de estar encontramos a lareira em pedra proveniente do Utah, que sobe até ao piso superior onde termina no terraço exterior.

As grandes paredes de vidro de correr abrem os quartos para uma série de pátios adjacentes, terraços, varanda, jardim e uma área gramada ao redor da piscina. A distribuição da casa está feita para que a convivência seja exatamente nas galerias sombreadas e nos pátios que fazem a conexão dos espaços.

A casa articula-se com dois elementos paisagísticos projetados por Neutra: a piscina e o jardim desértico. O projeto cria a sensação de que as coberturas horizontais levitam sobre as paredes de vidro. Diz-se que este projeto, é um terreno flutuante que serve de refúgio.



© Julius Shulman

CASA VILANOVA ARTIGAS

João Vilanova Artigas, São Paulo, Brasil, 1949

© Pedro Kok

A casa Vila Nova Artigas foi projetada por José Batista Vilanova Artigas, situa-se num terreno de 1000 metros quadrados, e consiste em dois edifícios distintos. A "casinha" (1942), foi a sua primeira moradia. De seguida, no mesmo terreno, a "Casa Vilanova Artigas" (1949), numa dimensão maior devido ao crescimento da familia.

Para a privacidade do interior, o arquiteto optou na implantação da garagem colocando-a na diagonal em relação ao corpo da casa para garantir uma harmonia do conjunto formado pelas duas casas e evidenciar a cobertura. A entrada é feita por uma pequena estrada paralelamente à garagem que estende até ao alpendre, já as entradas para o interior do edifício localiza-se uma no alpendre anteriormente referido e outra pela área de serviço.

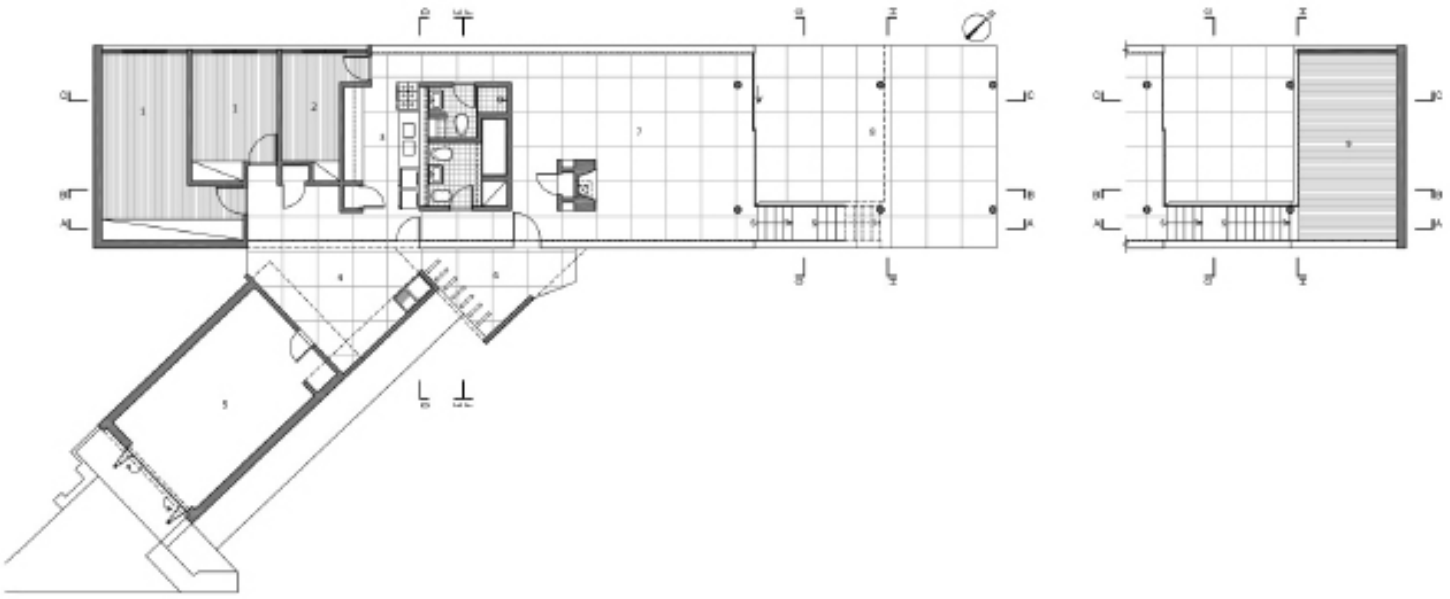
O interior é dividido por espaços privados e comuns, com três quartos, uma cozinha, duas casas de banho, uma sala de estar, um pátio coberto, e, um atelier elevado. A cobertura borboleta estende-se por cima do atelier até à parede que separa a cozinha das casas de banho.

Todas as paredes são resvestidas a tijolo maciço pintado, e na área social foram colocados vãos altos na duas faces principais.

O pé direito alto da sala acompanha a inclinação da cobertura criando um ambiente maior.

O estúdio elevado ficou então separado sem comprometer a intimidade da casa, de dentro é possível observar a vista interior da casa do arquiteto, incluindo também o jardim, de forma a trabalhar a privacidade e a integração em simultâneo.

Já o pátio, é um espaço de divisão entre a casa em si e o estúdio, e também uma área comum que visa a integração da casa na natureza, é coberto, mas aberto ao jardim em dois dos seus lados. É também onde se localizam os pilares que sustentam a cobertura, possibilitando que iluminem os ambientes sociais.



© Pedro Kok | Nelson Kon | Casas Brasileiras

CASA UGALDE

José António Coderch, Espanha, 1951-1952

© Francesc Catalá-Roca

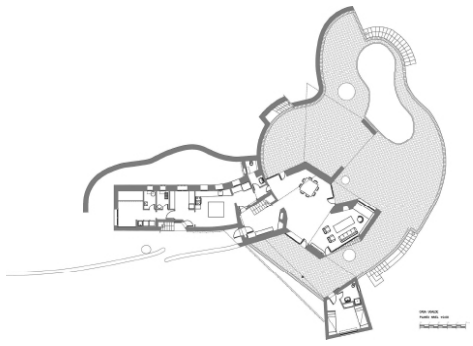
A Casa Ugalde foi projetada por José António Coderch em colaboração com Manuel Valls, em 1951, Espanha. Localiza-se numa encosta muito ingreme, com vista para o mar. O proprietário escolheu este terreno para construir a sua casa de férias, por ser um espaço de reflexão e onde o engenheiro fazia caminhadas.

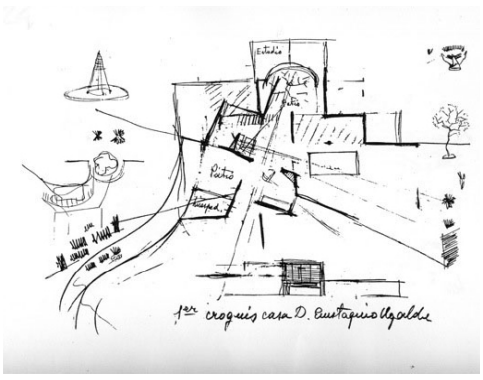
O projeto foi construído de modo a manter os pontos de vista preferidos do senhor Ugalde, relacionando-se assim com a paisagem. A casa foi construída com base na topografia do terreno, para isso foi necessário construir vários muros de contenção que se foram adaptando às curvas de nível.

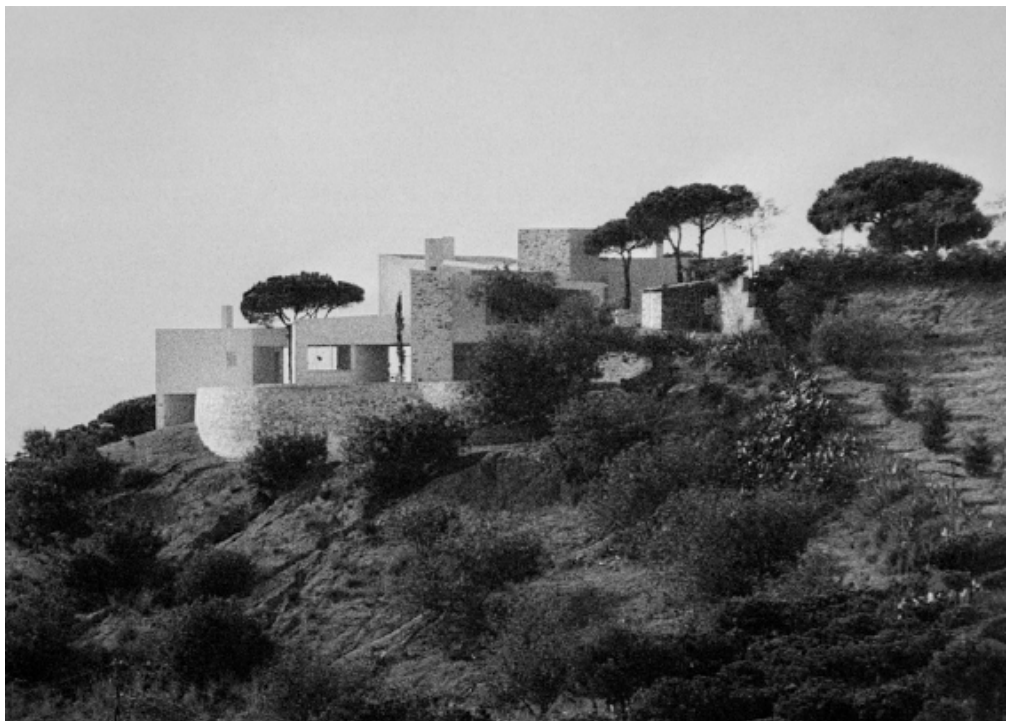
É uma casa unifamiliar tipicamente mediterrânea, com três pisos. A área social situa-se no piso térreo e nos pisos superiores estão os quartos e o escritório. São utilizadas coberturas planas que servem como miradouros, no entanto alternam-se com coberturas inclinadas, que seguem a inclinação do terreno.

O espaço exterior do piso térreo é composo por dois alpendres, uma casa de hóspedes e uma piscina. As escadas, são elementos fundamentais, que geram autonomia dentro de dão acesso ao interior, mas não perturbam o normal funcionamento dentro dela. O arquiteto opta por usar diferentes materiais construtivos como madeira, pedra e betão.

José António Coderch sentia-se muito orgulhoso da Casa Ugalde e dizia algo como: "En la Casa Ugalde está todo, allí ensayé bastantes cosas que depués he ido aplicando".







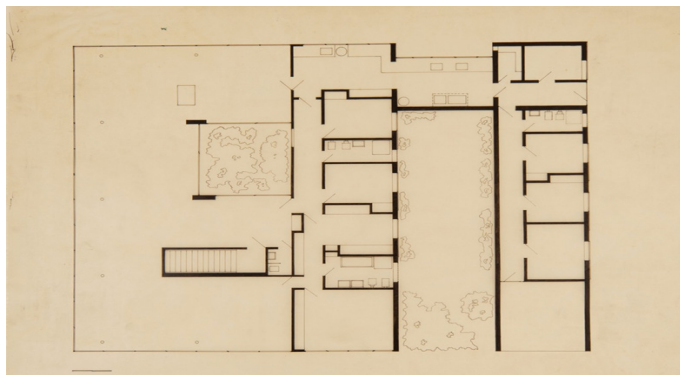
© Francesc Catalá-Roca

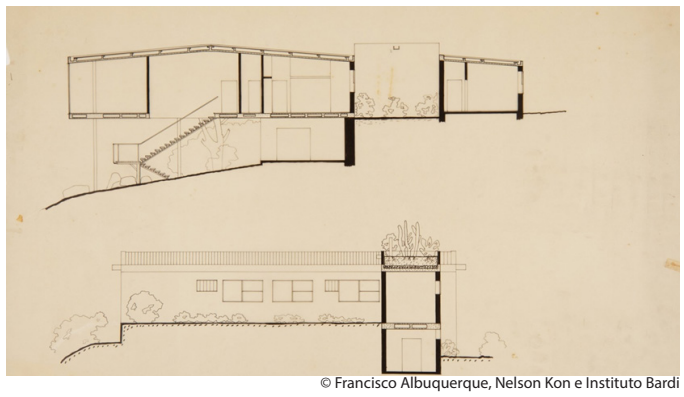
CASA DE VIDRO

Lina Bo Bardi, São Paulo, Brasil, 1952

© Instituto Bardi

A casa esta localizada no Morumbi, bairro da Zona Sul de São Paulo. Contendo 7 mil m2, localiza-se num dos pontos mais altos, com forte presença da Mata Atlântica.A casa foi projetada no centro do terreno e dividida em duas partes diversas e complementares, constituindo em planta, um único e grande volume recortado por espaços abertos. A intenção da arquiteta era conservar o perfil natural do terreno, o que ocasionou posteriormente no uso dos pilotis na frente da casa, fazendo uma referência aos 5 pontos da arquitetura de Le Corbusier. Na casa de vidro chega-se até ao “jardim coberto” situado sobre a casa, e a partir dali o visitante entra na residência realizando um percurso ascendente.Neste sentido a escada de acesso tem um papel importante, leve e transparente, foi estudada para não impedir a visão da envolvente. O patamar, é o primeiro lugar de parada e mirante da paisagem.“Essa pequena pausa na escada anuncia o que será a casa. Estar ali deve ser igual a estar la no salão, um patamar frente a natureza sem barreiras onde as pessoas deveriam sentir-se como se estivessem ao ar livre.” Lina Bo Bardi.Ao entrar tudo é luz, o visitante se depara com o pátio quadra do envidraçado bem a sua frente, cujo centro é ocupado por uma árvore, o que faz sua visão abrir-se novamente para uma paisagem. Em relação a pavimentação, Lina Bo Bardi dizia que "não deve ser amorfa para depois ser coberta com tapete", daí a importância do mosaico de pastilhas de vidro azul-celeste, utilizado no salão da Casa de Vidro que acentua a sensação aérea. Ainda que Lina não tenha insistido em um sentido simbólico do vidro em sua própria obra, a importância dada a esse material é clara tanto em seus primeiros trabalhos contruí- dos como em seus primeiros escritos. Em 1944, maravilhada com as janelas horizontais de Le Corbusier, Lina Bo Bardi considera o vidro como um elemen- to preponderante na organização espacial da casa, que tem o objetivo claro de relacionar o interior com o exterior, a arquitetura com a natureza Projetada com materiais que caracterizaram as conquistas espaciais da arquitetura moderna: paredes inteiras de caixil- hos de vidro em três das suas faces, apoiadas sobre uma laje de betão armado, sustentada por finos tubos de aço, com 17 cm de diâmetro, que estão pensados para desmaterial- izar-se, e são capazes de lançar o volume no espaço, como um posto de observação

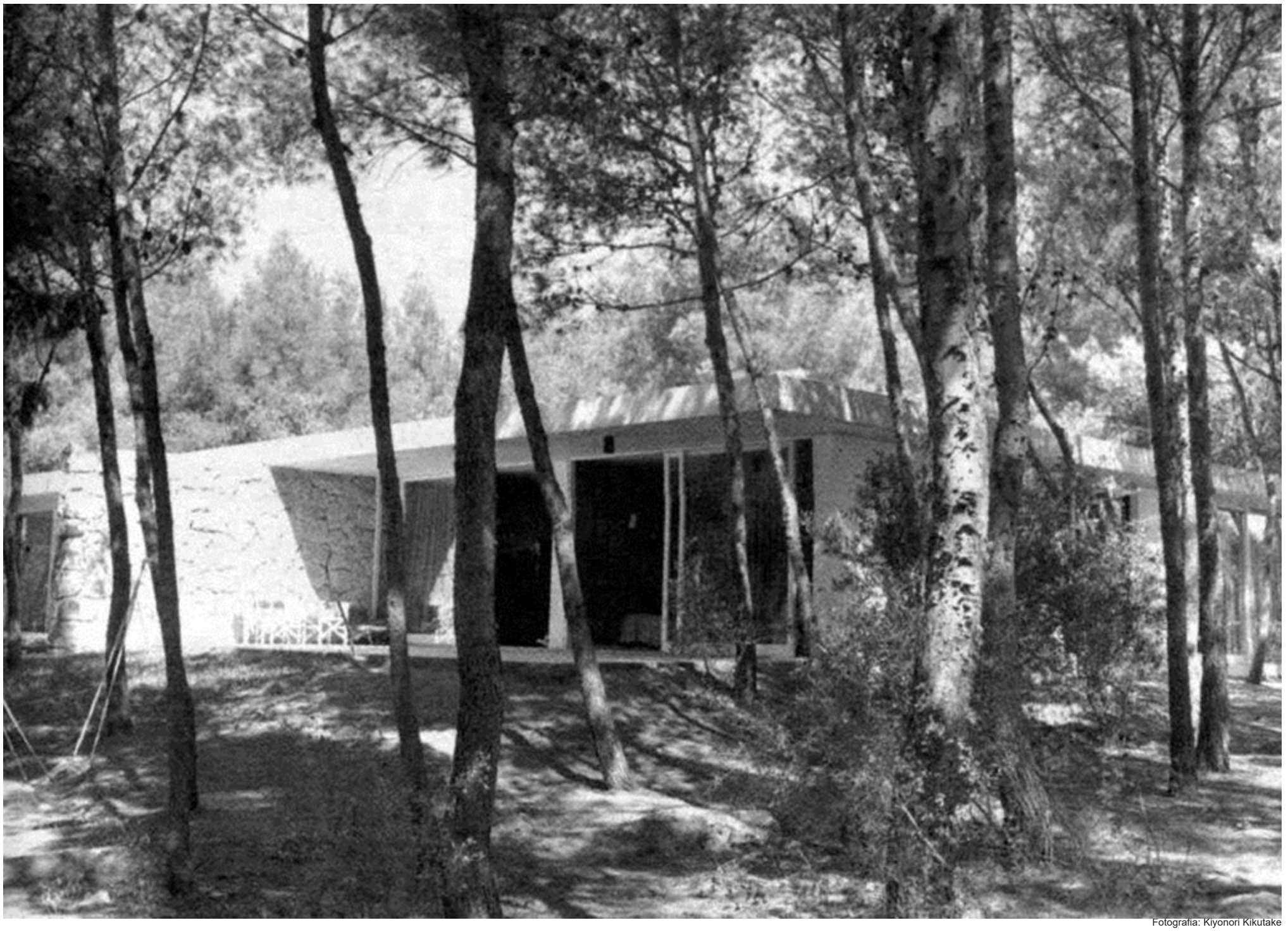




© Francisco Albuquerque, Nelson Kon e Instituto Bardi

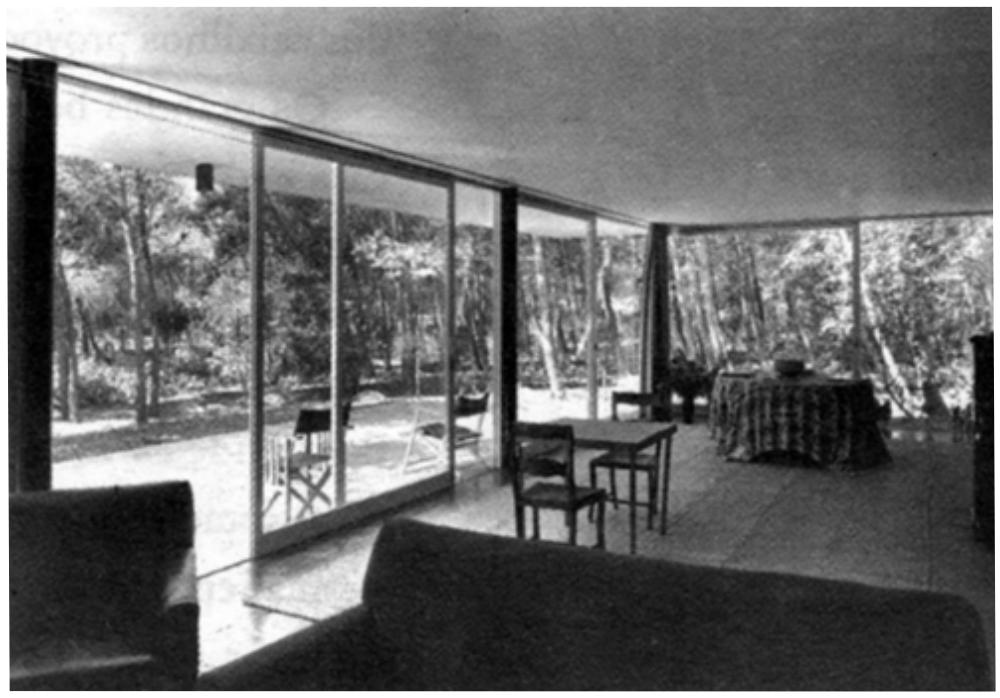
CASA SANDE E CASTRO

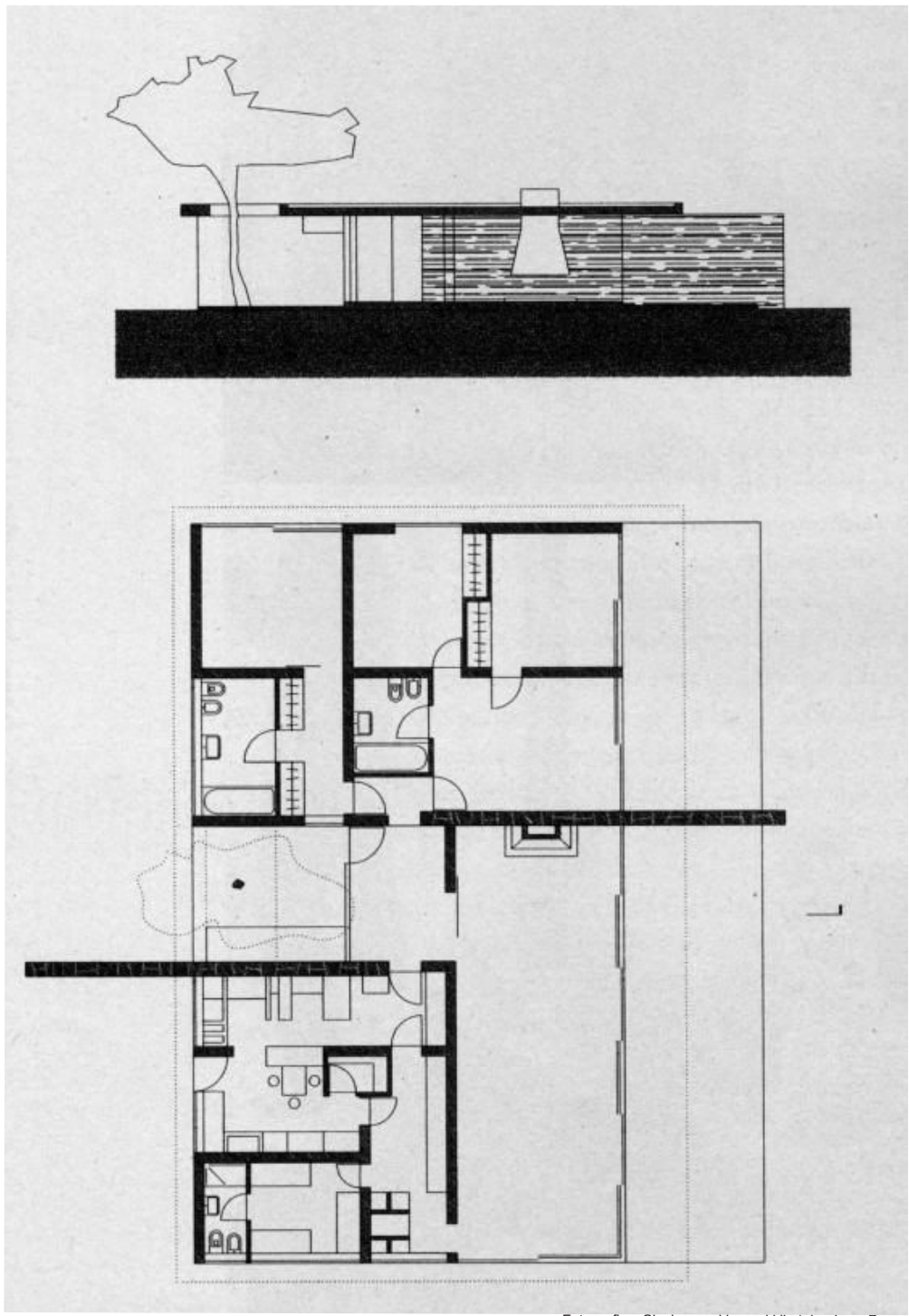
Rui Athouguia, Cascais, Portugal, 1954-1956



Fotografia: Kiyonori Kikutake

A Urbanização da Gandarinha é praticamente horizontal e sem relações visuais e resulta de uma operação de loteamento. O terreno está coberto de pinheiros, e perto do mar, não tendo muitos vínculos à envolvente urbana. O programa da casa desenvolve-se num único piso, num único volume. A planta é desenhada por três grandes espaços, a zona de estar, a zona de quartos (orientada para norte/nascente) e a zona de serviços (orientada para sul/ poente). Ao entrar na casa, no primeiro contacto visual, verificamos a clareza e a organização espacial interna que é explorada ao máximo, de maneira a evitar barreiras visuais com o exterior e, a fluidez de circulação interna, nunca colocando em causa a hierarquia interna. O espaço central é composto por um átrio de entrada e uma grande sala existindo uma relação forte com o exterior. Na sala sente-se a presença do jardim, apenas separado por dois grandes vãos de vidro, suportados por caixilharias em aço, o que cria uma imagem de grande delicadeza e retira-lhe assim, o peso físico da matéria. Este espaço é cortado por duas paredes em pedra maciça que se prolongam para o interior onde encosta uma lareira. Não existe corredor que garanta a separação dos ambientes e a privacidade da casa. Existe uma rigorosa economia racional de espaços.





Fotografias: Sky house, kiyonori kikutake, Iwan Baan.

GÁLVEZ HOUSE

Luis Barragan, San Angel, Mexico City, DF, Mexico, 1954-1955

© Barragan Foundation

The Gálvaz House is a privat house made by Luis Barragán for Antonio Gálvez who was impressed by the house of the architect. The main idea of the project was to create an intimate atmosphere and separate it from the noisy, busy street. Barragán used the power of colour, light, reflections and height to create magic.

The Gálvez house is an L-shaped closed space that has 3 levels. It can be divided for several functional areas such as main enrance, patio which also serves as a transfer space to manual area, backyard, and private area.

There is no street oriented windows. All of them are concentrated in the back there for setting a connection between the building and the garden. With the meaning of counterbalance of insolation the windows have all-wall height.

The only form of communication with street are the car gates, and the pink surface which marks the entrance. This vivid color contrasts to the rest of the wholewhite exterior. It reflects the outdoor influence setting a freedom to create the inner world without any limits.

The project is made out of local materials such as volcanic rock as a flooring, wooden flooring, furniture, surfacesnd portals, textured walls achieved by mixing mortar with a gravel. Some furniture was designed by the architect.

As an outdoor accents there are three more details should be pointed out Barragan significantly is known for.

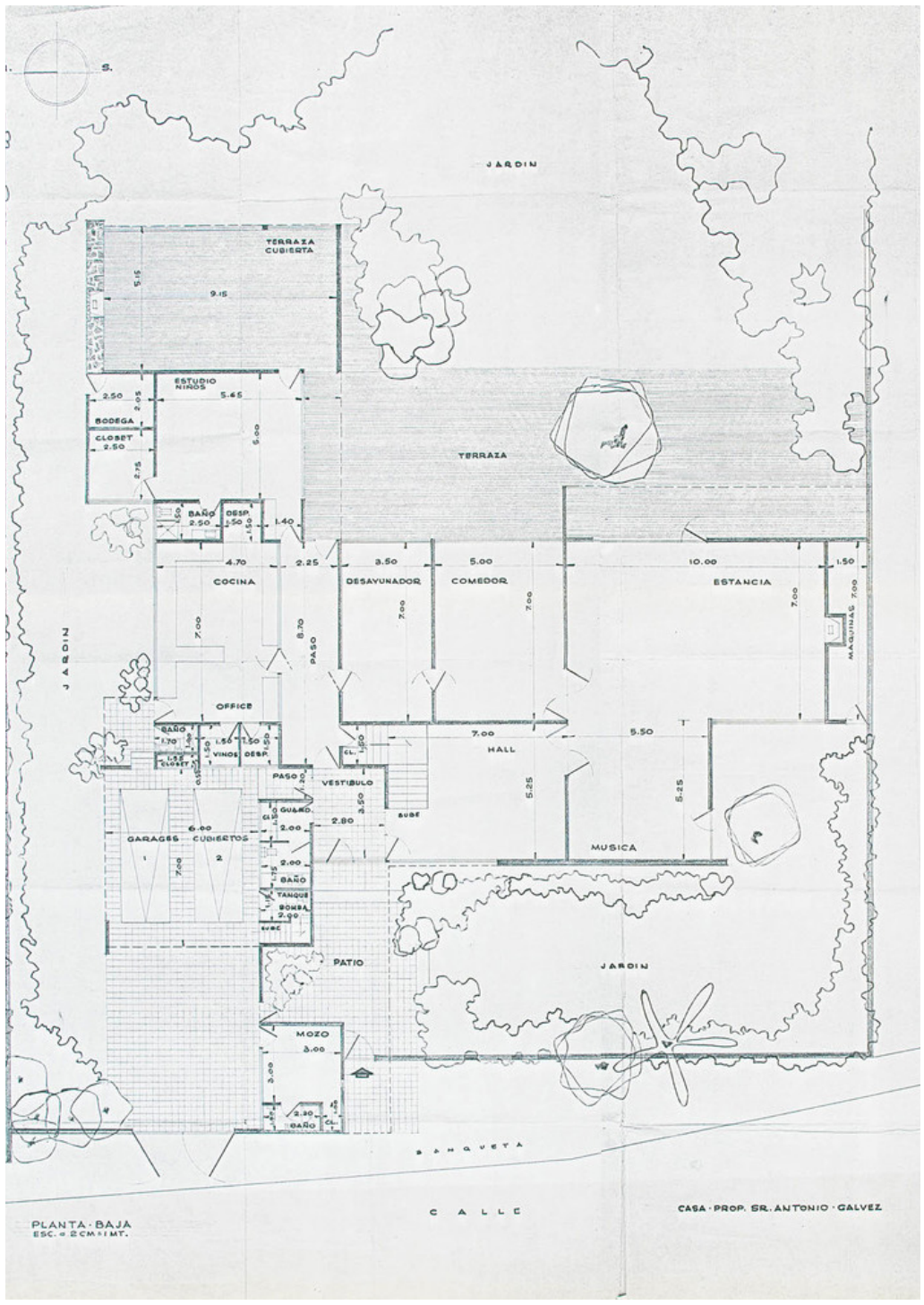
Ceramic bowls are another characteristic of mexican traditions. Thay are placed in the two courts contracting and mysterying the surroundings;

Water is used in order to indirectly relate nature with interior via reflection what water provides. Barragan said once that «water creates music in silence».

Garden - the netural element that expand space. The trails and outdoor stairs are covered with gravel, as the old streets of the town. Barragan explained himself:

«I believe that architects should design gardens to be used, as much as the houses they build, to develop a sense of beauty and the taste and inclination toward the fine arts and other spiritual values».

Galvaz family live in the house nowadays. I think this is a sing of a successful project.



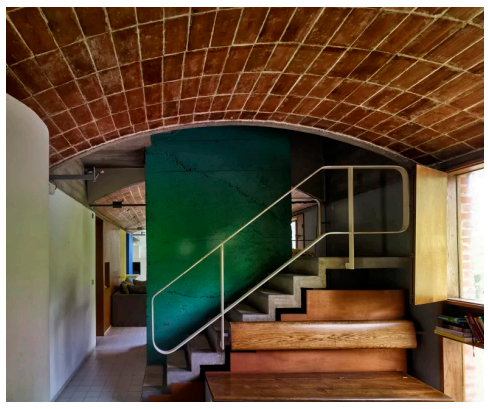
© Barragan Fundation

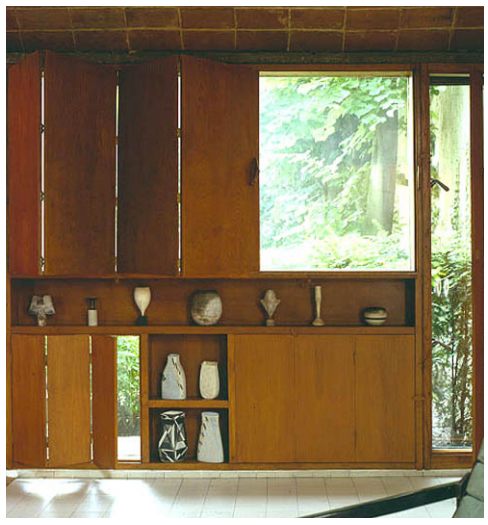
CASA JAOUL

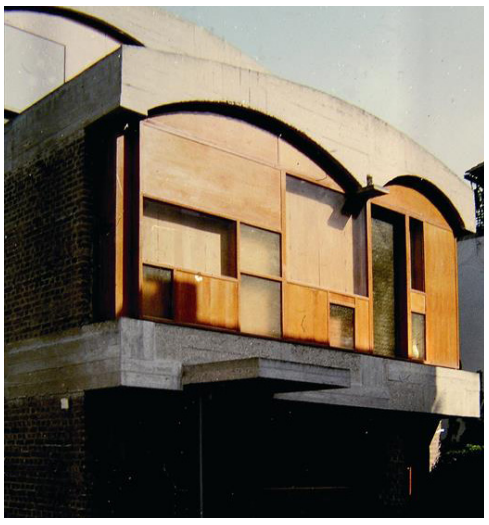
Le Corbusier, Paris, França, 1956

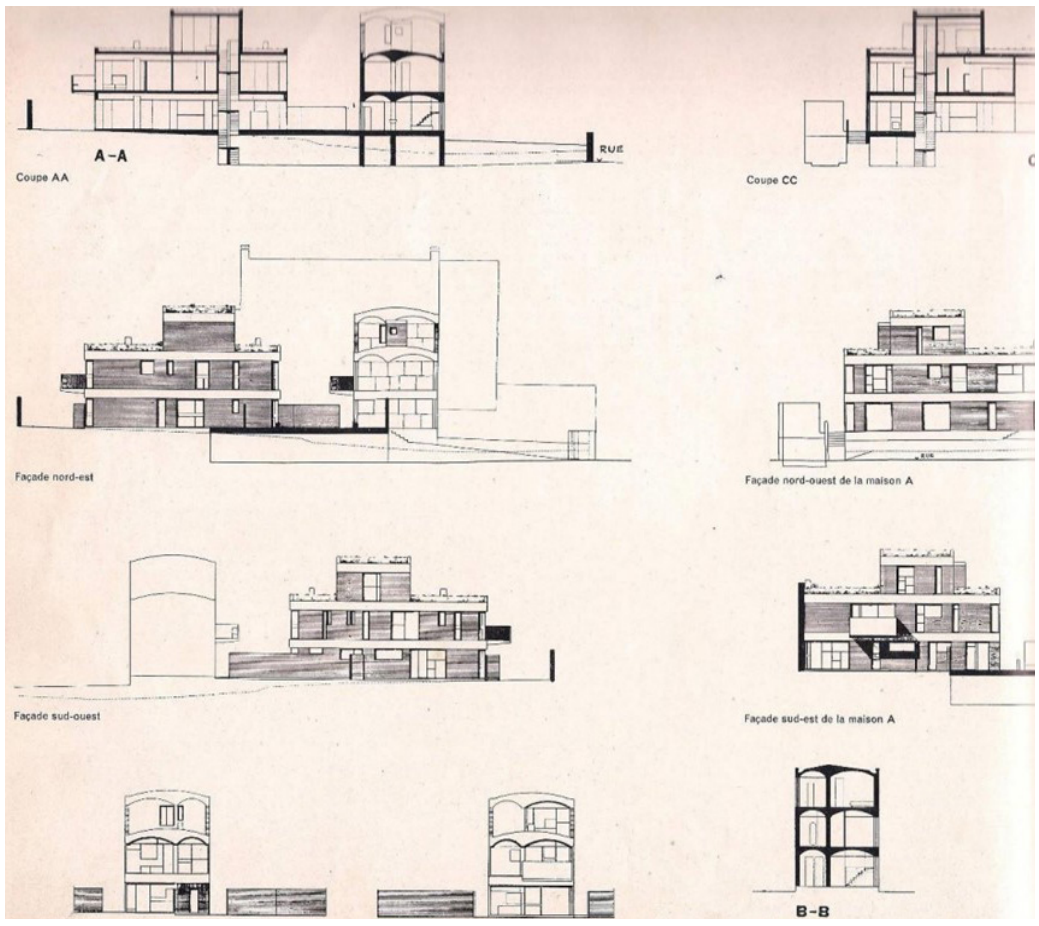
©Craig Root

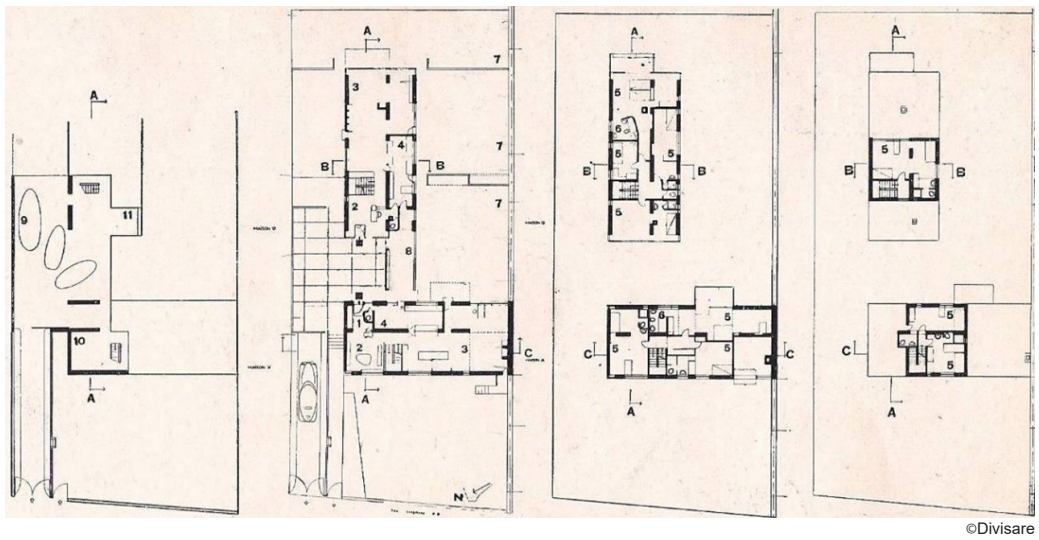
Em 1951, o arquiteto Le Corbusier foi convidado pelo industrialista André Jaoul para projetar duas casas uma para ele e sua esposa e outra para a família de seu filho, no subúrbio de Paris. Devido ao orçamento reduzido, Le Corbusier adotou o uso de paredes portantes de tijolo, coberturas em abóbadas catalãs e vigas de concreto aparente. As Maisons Jaoul de certa forma parecem destoantes ao trabalho do arquiteto, que ficou muito conhecido por ser austero, frio e racionalista, principalmente por suas obras nos anos 20. É possível perceber a evolução da arquitetura moderna de Le Corbusier desde o início de sua carreira, passando por diferentes fases onde o arquiteto acaba por aumentar o seu repertório que vai ao encontro das mudanças sociais e econômicas da sociedade. Ao analisarmos as plantas, podemos ter a primeira falsa impressão de casas gêmeas, porém, é possível identificar suas diferenças por sua orientação no terreno e características. Contando com 3 pavimentos, com áreas sociais, lazer, circulação vertical, há um contraste entre a robusta e pesada parte externa com o interior mais delicado e uso de materiais mais leves. Apesar de não ter a mesma representatividade que as obras iniciais, as Maisons Jaoul têm um papel importante na obra do arquiteto, pois demonstram uma nova fase no que se refere à arquitetura residencial. A partir de muitas conversas com André Jaoul, Le Corbusier insistiu no uso de abóbadas Catalãs, pois as considerava elementos essenciais para garantir o efeito de bem-estar e aconchego nas casas. Apesar de não ter muito conhecimento e para esse tipo de tecnologia construtiva, o arquiteto recebeu diversos auxílios e estudos de especialistas sobre como iriam se comportar. Utilizando-se em betão aparente e com tirantes de aço para fixação, as abóbadas somando aos outros materiais como tijolo, madeira e vidro, demonstram o caráter brutalista do projeto, abandonando qualquer semelhança com suas obras do passado e os 5 pontos da arquitetura moderna criada pelo mesmo.








A-A
RUE
Coupe AA
Coupe CC
Façade nord-est
Façade nord-ouest de la maison A
Façade sud-ouest
Façade sud-est de la maison A
B-B



©Divisare

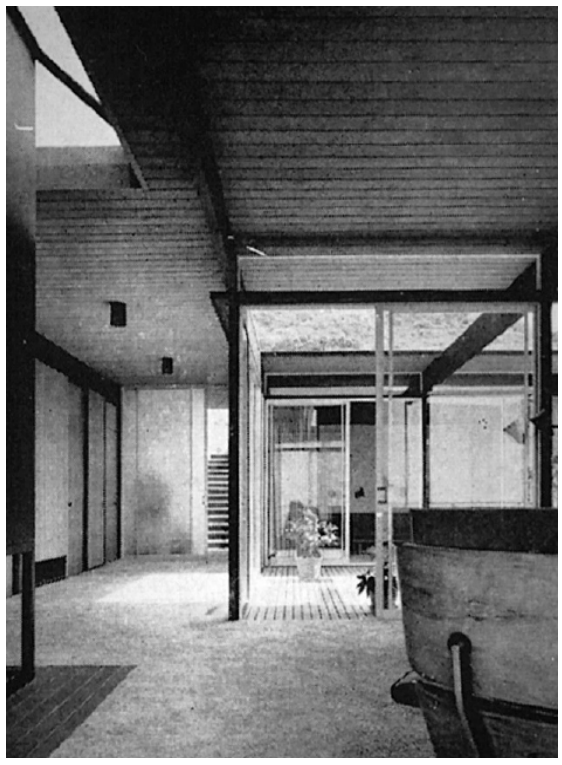
CASA HUNT

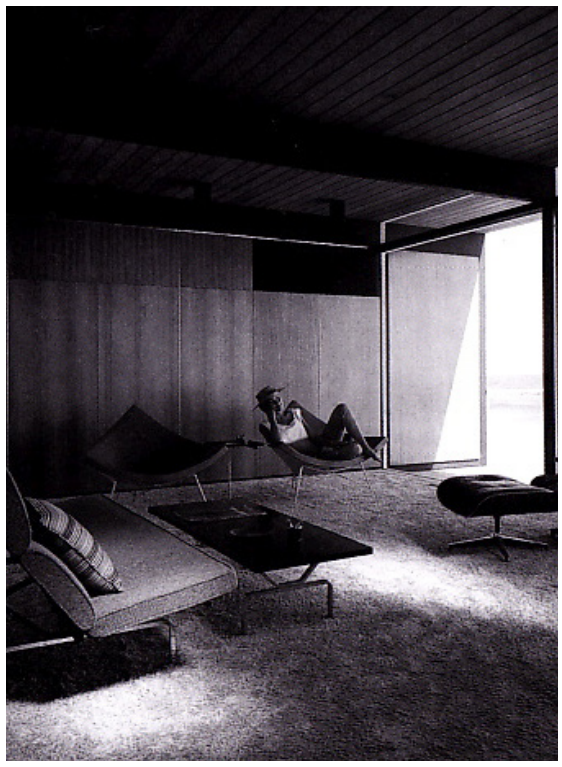
Craig Ellwood, MHalibu, Califórnia, EUA 1955-1957

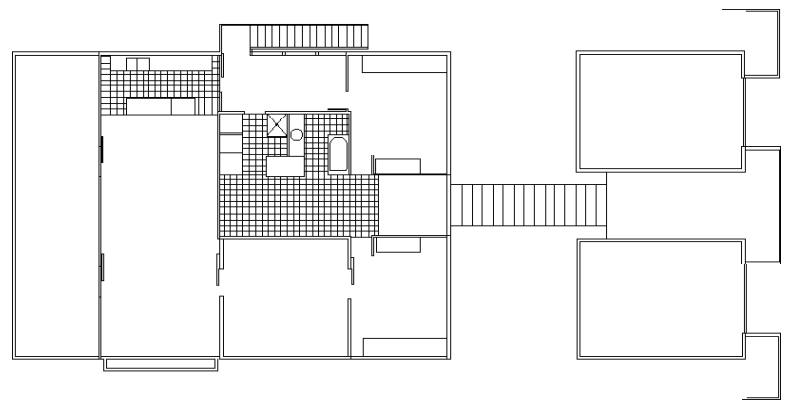
© Marvin Rand

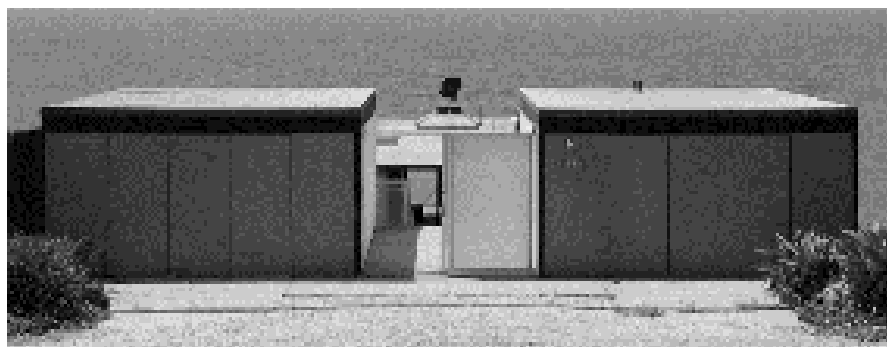
A casa Hunt encontra-se num terreno junto ao mar. Foi projetada pelo arquiteto Craig Ellwood em associação com Jerrold Lomax. O invólucro em nada nos prepara para a fluidez que se sente no interior da casa, reforçada pela vista para o mar. Assente sobre plataformas horizontais suportadas por pilares de madeira, desenvolve-se uma estrutura de pilares metálicos quadrados onde estão fixas vigas transversais. Os dois espaços simétricos mais próximos à rua são garagens. Além de comporem parte da fachada principal, definem ainda o acesso à casa. É através da porta de vidro no centro da fachada que temos acesso ao pátio que se liga ao corpo da casa, por uma escada. O programa da casa desenvolve-se num espaço cuja planta é um H, composto por dois quartos, duas casas de banho, uma cozinha, uma sala de estar e uma de jantar, sendo as duas últimas separadas por uma lareira em formato de pilar cujo toque com a cobertura permite entrada de luz. Contém ainda dois pátios que por se encontrarem na zona interior estão mais abrigados do vento permitindo entrada de luz nos quartos e, virado para a praia, um terraço. Existe ainda na zona inferior da casa, já ao nível da praia, uma pequena divisão onde estão as máquinas para ventilação e aquecimento de água.

As materiais predominantes são a madeira, o betão e o vidro. Os painéis e o mobiliário existente na casa são de mogno filipino. No interior as paredes são revestidas pintadas de branco, no entanto no exterior o que se vê é a expressão do betão. Atualmente esta casa pertence à arquiteta Diane Bald. Foi sujeita a uma reabilitação, com base nos desenhos originais.









© "Arts & Architecture" 12/1958, pp. 16–17 © California Modern: The Architecture of Craig Ellwood © hunthouse_malibu © California Modern: The Architecture of Craig

CASA FISAC

Miguel Fissac, Cerro del Aire, Madrid 1956

© Fundação Fisac

A Casa Fisac foi construída em 1956, pelo arquiteto Miguel Fisac para a sua família, num lugar chamado Cerro del Aire, localizado nos arredores de Madrid. Esta casa foi desde o princípio pensada para ser expansível, adicionados futuramente mais quartos à casa.

O projeto inicial é composto por uma sala de estar, uma sala de jantar, dois quartos com casa de banho e anexos de cozinha e despensa.

A casa cresceu de acordo com as necessidades da família em dois momentos: A primeira ampliação feita à casa foram os dois quartos a Este e o corredor que fecha o jardim exterior, criando assim o jardim interior e fazendo a conexão dos quartos à cozinha.

Na segunda adição foram construídos mais dois quartos, estes de serviço.

A casa está situada no ponto mais alto do terreno, escondida entre a vegetação, a cerca de 10m acima da cota inicial do terreno. Assim, a vegetação e a topografia impedem que a casa seja vista de fora do terreno, protegendo a privacidade do lar.

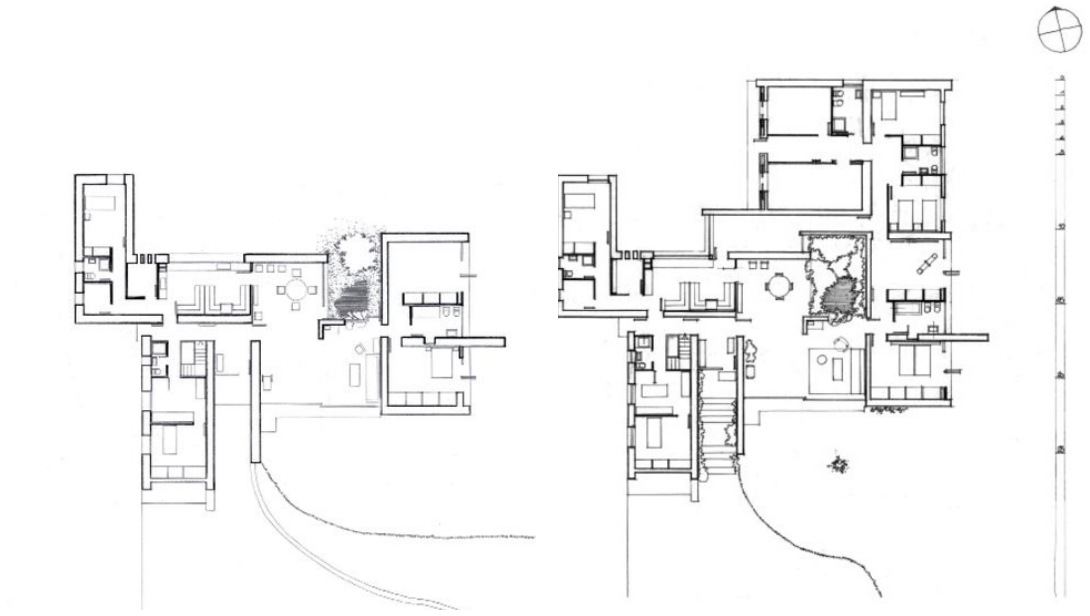
O acesso é feito através de um caminho serpenteado e inclinado e, ao chegarmos à plataforma de acesso à casa, esta apare-ce entre as árvores, como um plano de vidro.

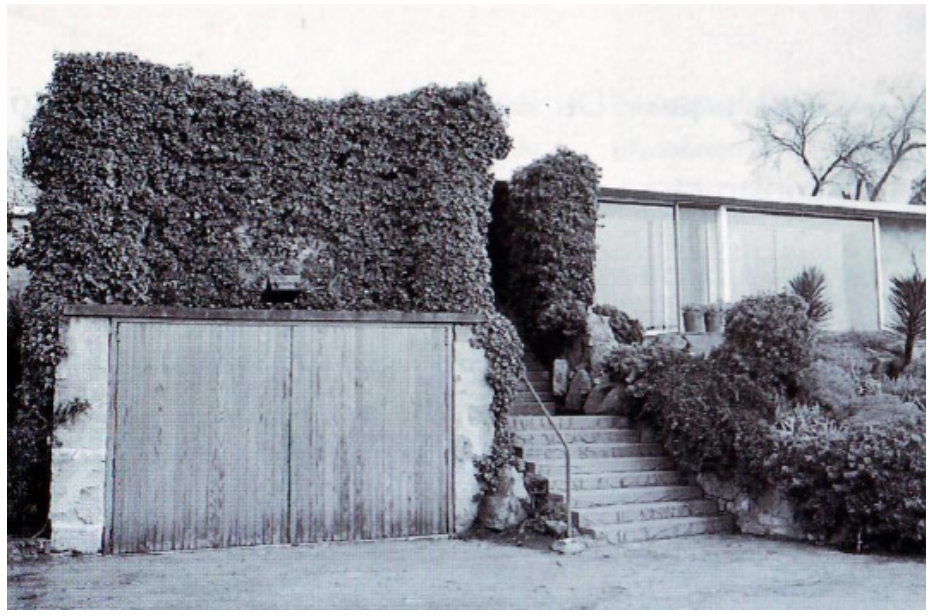
Durante o dia, a diferença de intensidade da luz entre o exterior e o interior da casa faz com que o vidro se torne opaco, por vezes reflexivo, impedindo a vista para o interior.

A sala é o espaço mais importante da casa, não só pelo seu tamanho como pela articulação entre os diferentes espaços interiores e exteriores. Ao entrar na sala, podemos ver uma grande janela de 8m com duas folhas. O espaço interior funde-se com a paisagem que ocupa toda a lateral da sala, criando um miradouro sobre a paisagem da cidade. Isto traduz-se numa relação mais intensa quando abrimos a janela e acedemos ao terraço.

A sala está dividida em três áreas: sala de estar, sala de jantar e a sala de espera.

Dentro da sala foi incorporada outra paisagem, o jardim interior. Esta paisagem é muito diferente da paisagem sul. Esta é uma paisagem controlada, com uma dimensão doméstica, onde alguns elementos que a definem deslizam para o interior.





© Fundação Fisac

VILLA ERSKINE

Ralph Erskine, Drottningholm, Suécia, 1956-1963

©Richard Einzig

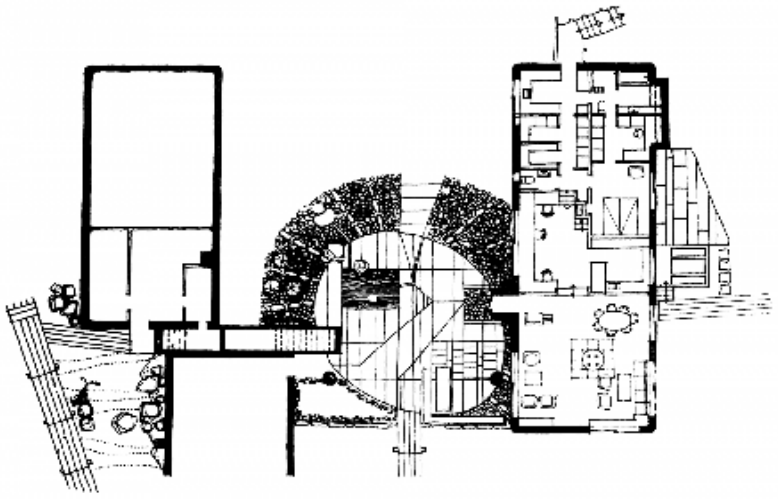
A Villa Erskine é um complexo entre casa, estúdio e garagem que foi projetada pelo arquiteto Ralph Erskine na vila de Drottningholm numa região mais tradicional à cerca de 15 km do centro da cidade de Estocolmo.

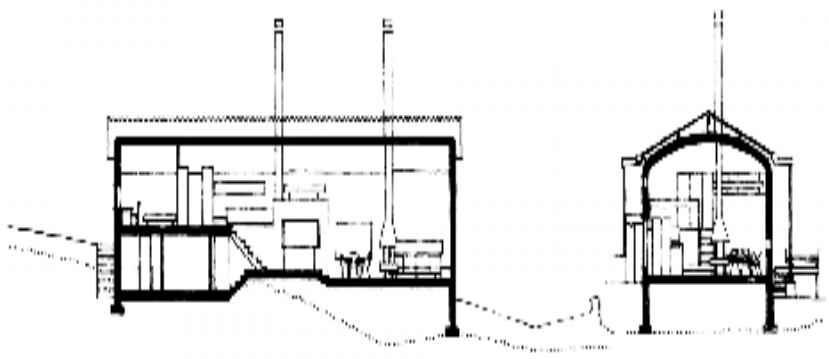
Os três edifícios foram construídos em betão leve pré-fabricado e possuem todos uma dupla cobertura, sendo a segunda feita com chapas de aço, esta solução evita a perda de calor e a formação de gelo, além de reduzir os riscos da ocorrência de vazamentos e rachaduras no teto.

Os edifícos foram agrupados de modo a gerar um pátio interno que funciona como um espaço de recepção que protege as pessoas daquele clima muito rigoroso.

A casa foi projetada para que cada membro da família pudesse livremente desfrutar de uma vida social mais ativa, tanto como da sua privacidade e intimidade dependendo do seu estado de espírito.

A casa possui um pé-direito de 4m, no primeiro piso estão a sala de convívio, a cozinha e mais ao fundo estão os espaços privados, um bocado mais enterrados para um melhor proveito do calor. E no piso superior o arquiteto Ralph Erskine projetou um espaço muito mais dedicado aos seus filhos, onde estes poderiam realizar as suas atividades com alguma privacidade, sem que estejam a ser vigiados, e ao mesmo tempo conseguem ter uma boa visão e contato com área social da casa.





©Richard Einzig

UPPER LAWN "SOLAR PAVILION"

Alison & Peter Smithson, Wiltshire, Inglaterra, Reino Unido, 1959-1962

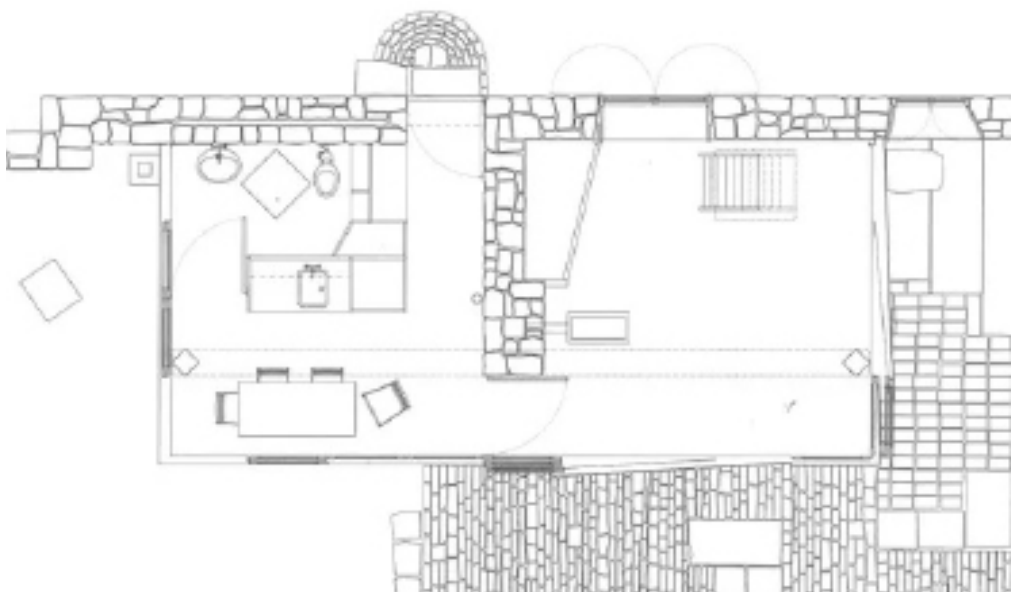
© Ioana Marinescu

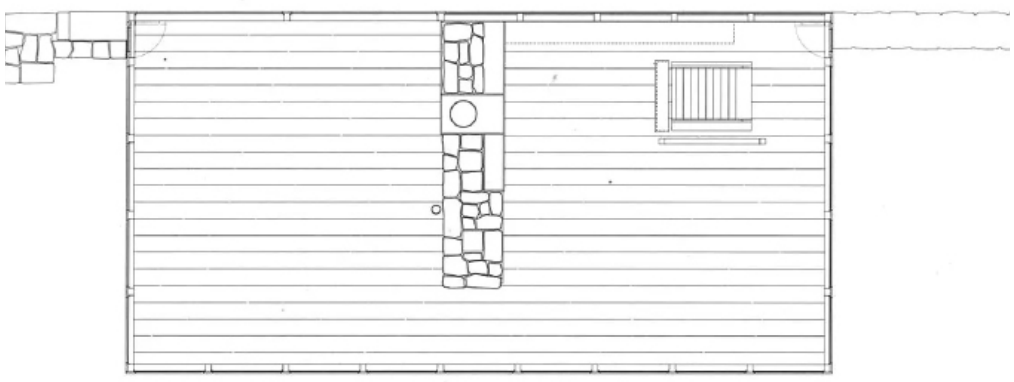
A Upper Lawn encontra-se situada em Wiltshire, a sudoeste de Inglaterra no Reino Unido e foi projetada pelos arquitetos Alison & Peter Smithson.

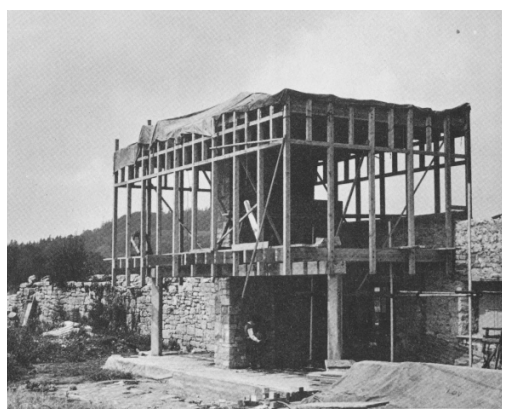
Apesar de terem comprado a propriedade apenas no ano de 1959, o primeiro esboço foi feito em 1958 já com a ideia do que iriam construir. No local existia uma casa que os arquitetos demoliram e apenas preservaram a fachada em pedra que coincidia com o muro da propriedade e a chaminé em pedra. É através destes dois elementos que a nova Upper Lawn surge. Os arquitetos pretendiam que a Upper Lawn fosse uma casa primitiva com o mínimo de conforto onde os mesmos pudessem fugir da vida quotidiana e aproveitar as atividades ao ar livre, desta forma escolheram materiais de baixo custo para a sua construção.

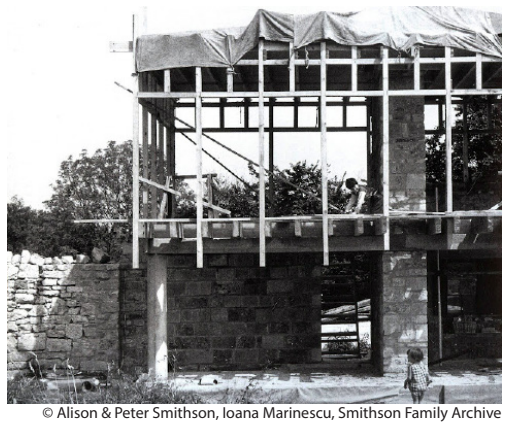
A Upper Lawn possui uma estrutura constituída por barrotes de madeira, as paredes são compostas por caixilhos em madeira com vidro simples e chapas de metal na zona onde estes não se encontram e na zona da cobertura. A casa possui 2 pisos, no piso térreo encontra-se a cozinha, zona de refeições / zona de estar e uma pequena instalação sanitária. O piso superior é um piso sem programa, onde os arquitetos queriam que fosse um espaço de contemplação. No entanto, este espaço servia de quarto para a familia quando esta ficava na casa, estendiam uns colchões no chão. Na zona exterior existe uma zona de estar onde se encontra uma mesa de betão feita no próprio local.

No ano de 1982, a casa foi vendida e em 2003 foi remodelada pelos arquitetos Sergison Bates. Esta remodelação foi muito simples, apenas para melhorar o conforto térmico dentro de casa. Os vidros simples foram substituídos por vidros duplos, foi adicionado piso radiante no andar superior e as madeiras dos caixilhos foram recuperadas de modo a obterem o seu aspecto inicial.









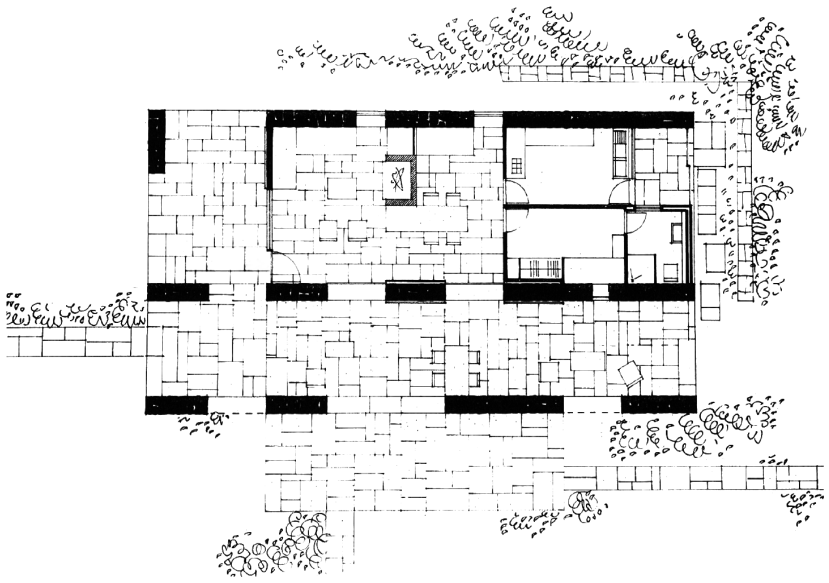
© Alison & Peter Smithson, Ioana Marinescu, Smithson Family Archive

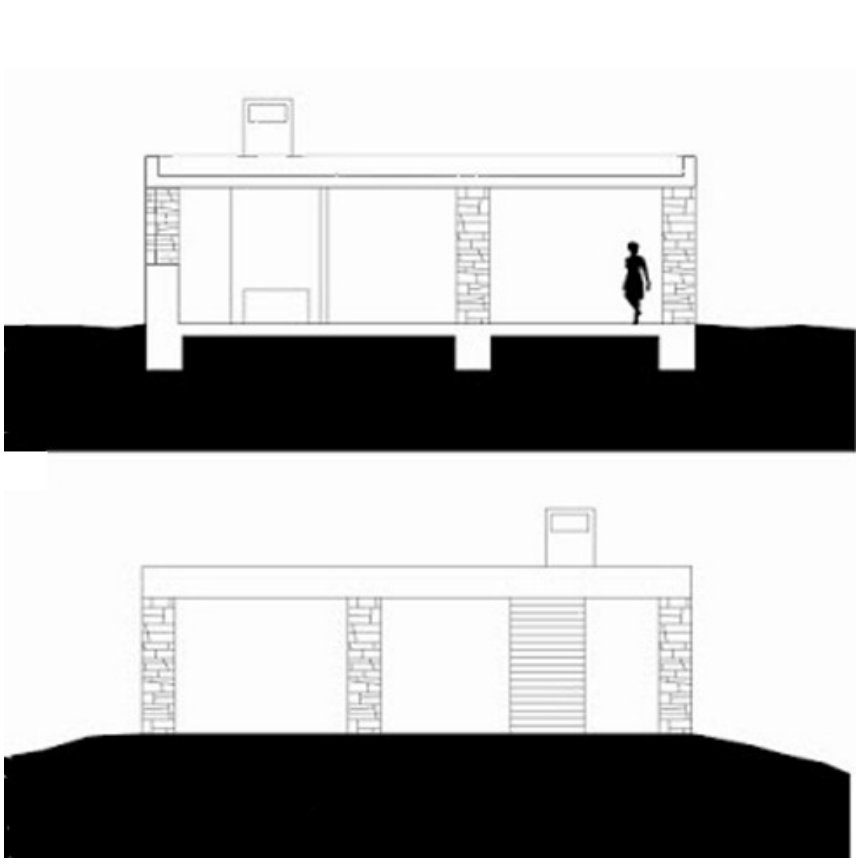
CASA DE VERAO ANAVYSSOS

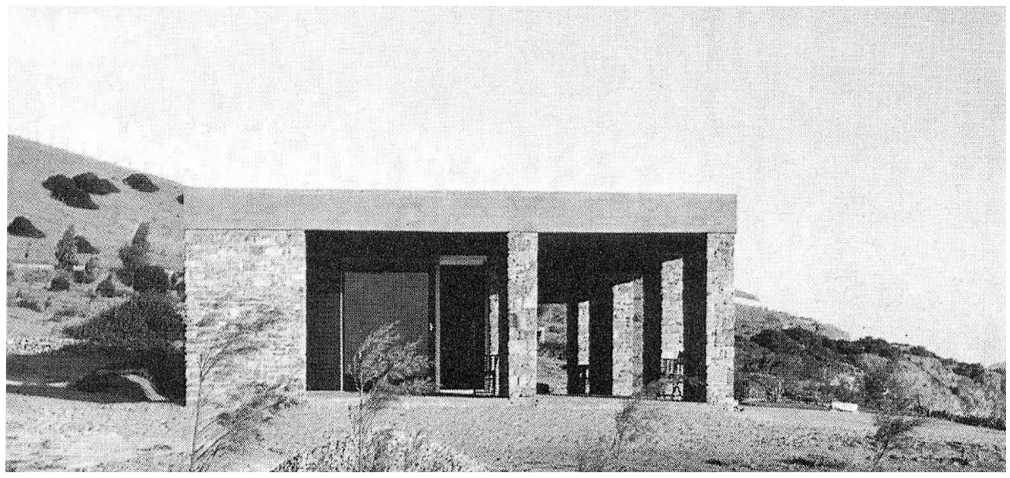
Aris Konstantinidis, Attica, Grécia, 1961

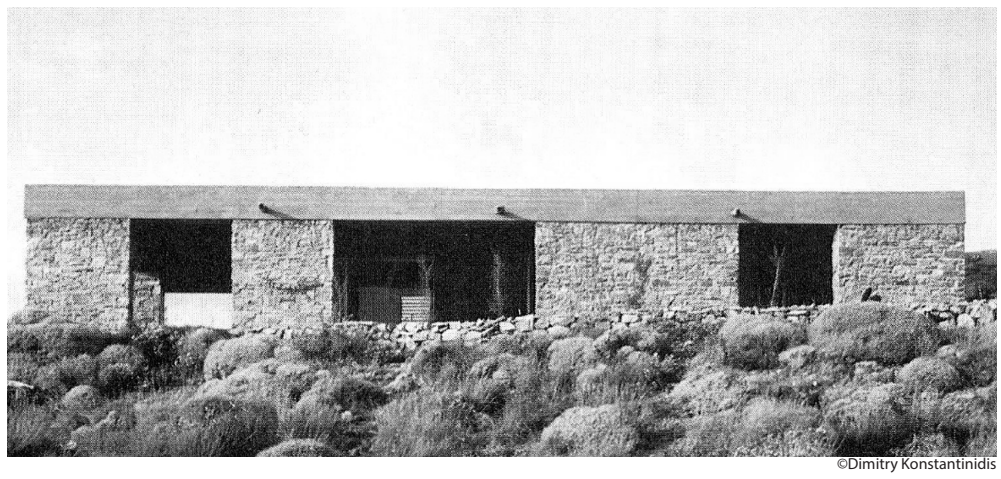
©Dimitry Konstantinidis

A casa Anavyssos é uma combinação do espirito moderno do tempo e da cultura do local e dos seus habitantes. Sendo um exemplo do trabalho do Arquiteto Aris Konstantinidis, devido o uso da pedra vindo do terreno ao arredor das obras dele. A casa é vista como um tipo de contentor da vida composta por uma estrutura comum, em grelha, que aparece no terreno como sé fosse plantada ou sempre fez parte do terreno. A casa foi construida perto do mar. Feita para um soldado reformado que gostava de passar o seu tempo por baixo de uma sombra a fruir a paisagem que via. A casa trabalha como um sanctuário que protege dos elementos naturais permitindo fruir os elementos.









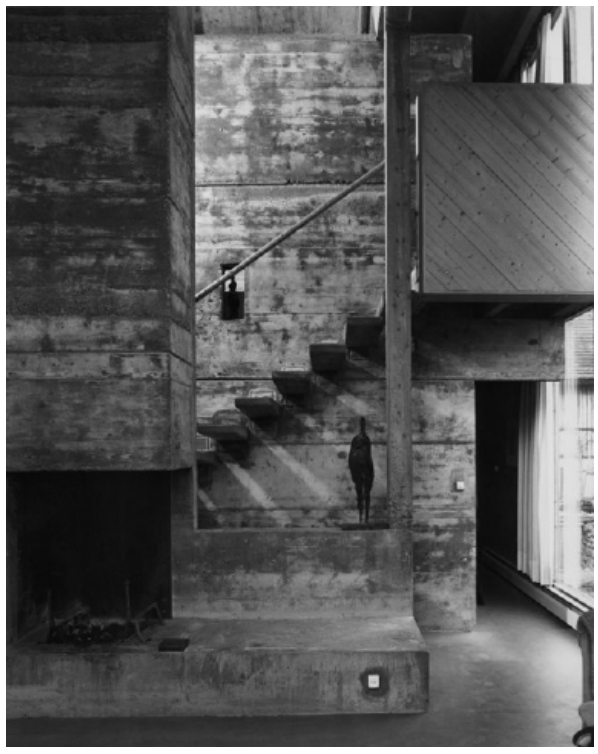
©Dimitry Konstantinidis

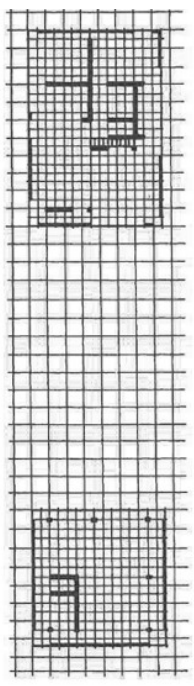
CASA PARA PETER HÄCHLER

Lenzburg, Suíça, 1964

©Andreas Fuhrimann & Gabrielle Hächler/ Peter Hächler book

A casa para Peter Hächler de Pierre Zoelly, é composta por dois volumes cúbicos interligados por um jardim, uma maior que a outra. A maior, destinada a habitação, constituída por um núcleo de betão, inspirada numa árvore, desenvolvendo-se no espaço, criando lugares inesperados, envolvida por uma pele de madeira. A outra, é um atelier do escultor Peter Hächler, um dos maiores escultores suiços da segunda metade do século XX. Esta é o oposto da casa habitação, pois o seu interior é vazio e o seu perímetro é feito de tijolo. Sendo assim uma reflexão distorcida uma da outra. Segundo Pierre Zoelly "A casa Lenzburg tem um núcleo em forma de árvore. Contém o áreas húmidas (como seiva em um tronco de árvore) e galhos que se projetam para fora para suportar pisos e tetos. A fachada é apenas o envelope não estrutural final. Com esta imagem insinua-seque a fachada não poderia ter existido"





©Andreas Fuhrimann & Gabrielle Hächler/ Peter Hächler book

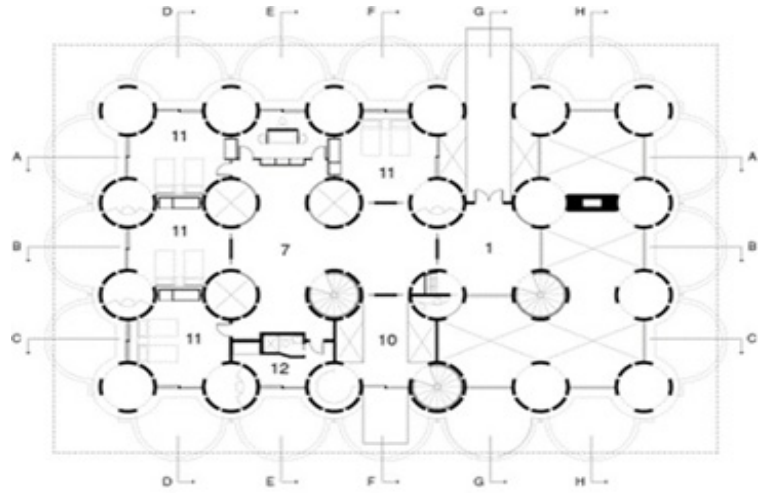
CASA ETENTELECHY I

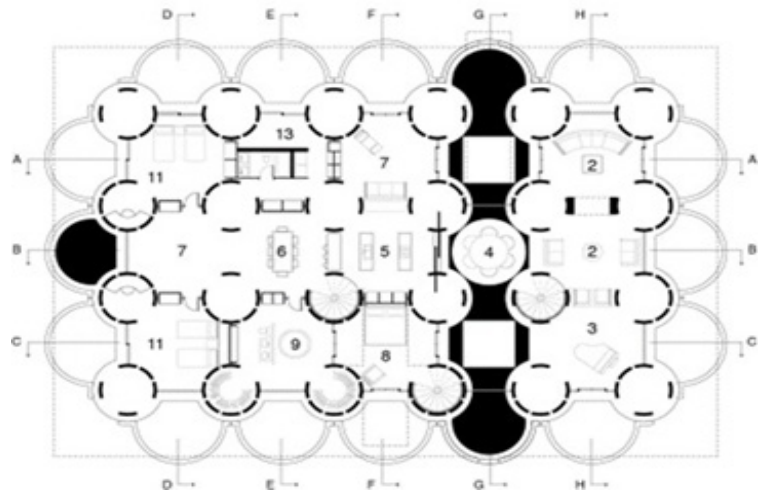
John Portman, Atalanta, EUA, 1964

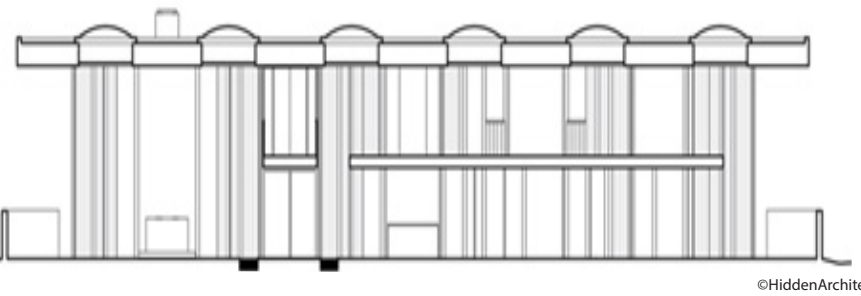
©HiddenArchitecture

A origem do termo 'enteléquia' provém do latim e descreve algo que se torna fora do seu potencial inerente. Essa origem filosófica inspirou o nome de Entelechy I, a primeira casa de John Portman projetada como um pavilhão para a sua família. A ideia da casa é o conceito de "espaço dentro do espaço" como intuito de reproduzir o seu desejo de imitar a ordem e a variedade da natureza. Esta conceção de espaço surge na composição da casa em duas categorias: um zoneamento hierárquico de funções baseado no uso, e na articulação de módulos definindo dois tipos de espaço num ritmo consistente em toda a estrutura. A ordem de ambas organizações é contrastada por complexidades planimétricas e seccionais que criam variedade dentro dessas definições. As hierarquias espaciais existem para apoiar duas zonas de uso e separar as suas funções. A primeira zona é a área privada da família. A segunda zona é a área social. A casa conta com dois módulos de espaço ordenados em toda a casa pelas colunas explodidas que a sustentam estruturalmente. As colunas são usadas para estruturar uma variedade de espaços, além de fornecer luz natural a partir de clarabóias circulares onde as colunas encontram a cobertura.

A variedade espacial é desenvolvida em espaços menores e maiores. Espaços menores abrem-se horizontalmente através dos pisos para funcionar como claraboias e escadarias contínuas na casa. Horizontalmente, agrupam-se para formar salas maiores que funcionam como espaços de reunião e átrio de acesso, já que a casa não possui corredores. Verticalmente, funcionam como espaços de pé-direito duplo. O sistema de composição da casa é claro, mas depende dessas relações tridimensionais.







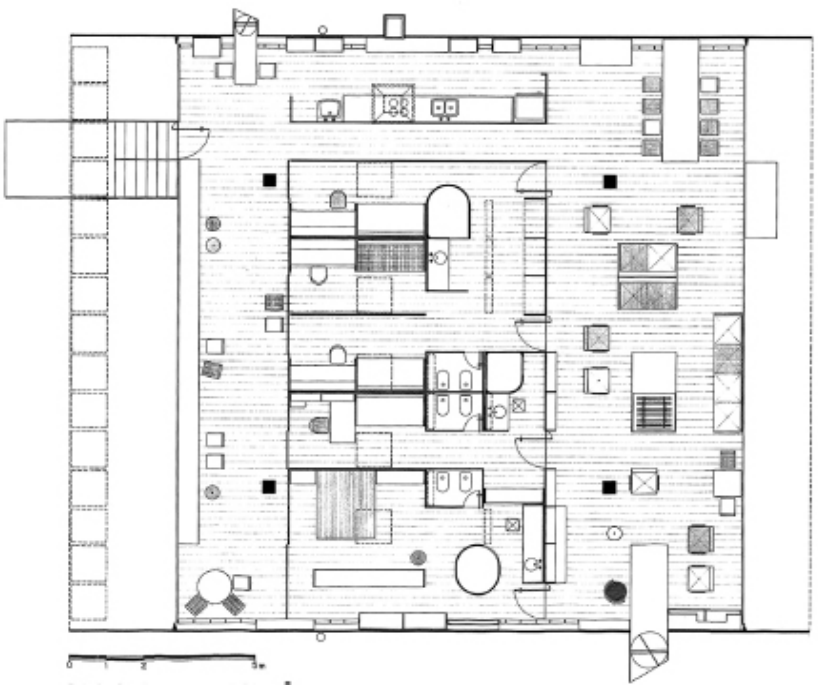
©HiddenArchitecture

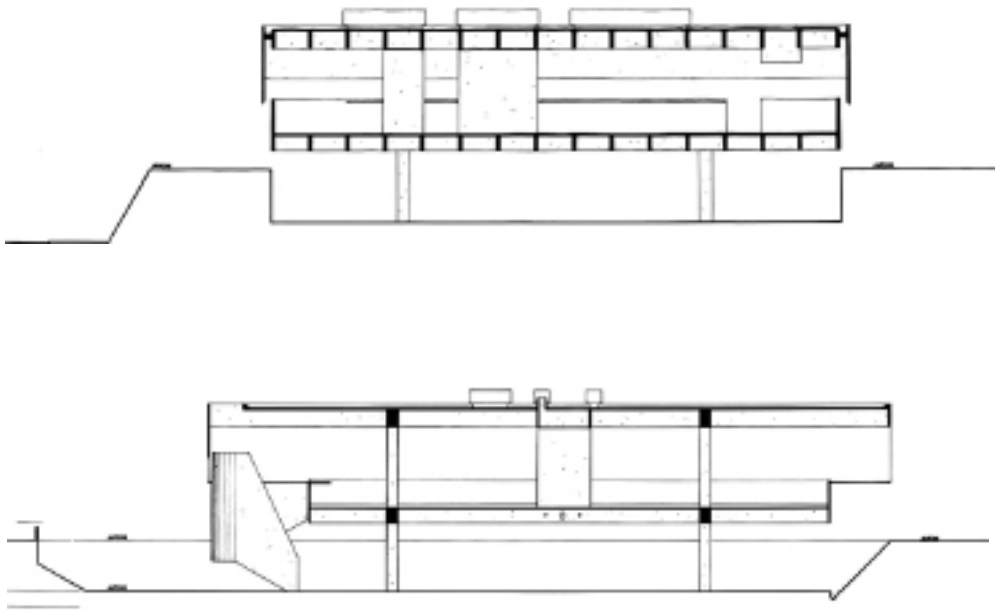
CASA PAULO MENDES DA ROCHA

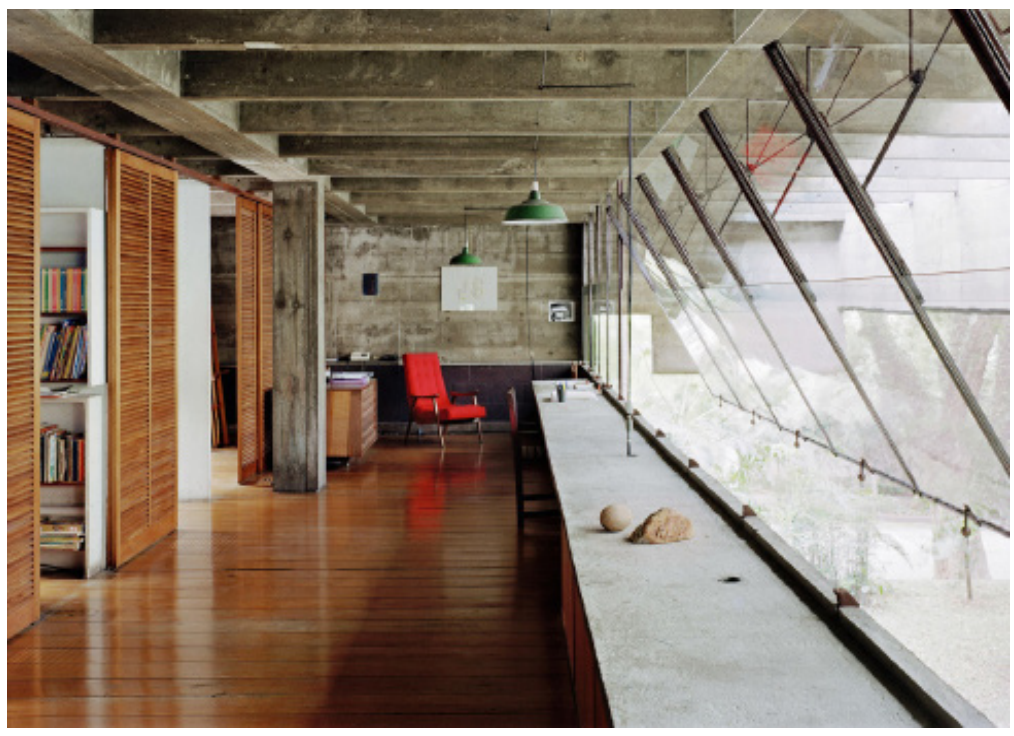
Paulo Mendes da Rocha, São Paulo, Brasil, 1964

©Leonardo Finotti

A Casa Paulo Mendes da Rocha localizada em São Paulo no distrito de Butantã, é um volume suspenso que gera um espaço acolhedor que conta com uma grande sombra e faz a continuação do espaço público sem interrupção.
A casa é constituída por duas lajes suportadas por duas vigas longitudinais e outras dezasseis vigas transversais que se descarregam em quatro pilares de trinta e cinco centímetros de lado. O enquadramento das lajes permite usufruir ao máximo da ventilação e iluminação natural.
A sua planta fluída permite uma intimidade familiar e uma vida social bem ativa, através da disposição dos espaços privados no centro e deslocados da parede, gerando duas salas opostas onde se encontra num lado a sala de estar, sala de jantar, e do outro lado uma sala para estudar com uma vista generosa da vegetação exterior.







©Leonardo Finotti, Annete Spiro e Lito

VANDENHAUTE-KIEBOOMS

Juliaan Lampens,Huisse,Belgica, 1964-1967

© Jan Kempenaer

A Casa Vandenhaute-Kiebooms situada em Huise na Bélgica, num terreno localizado na reserva natural de Rooigem, foi projetada pelo arquiteto Juliaan Lampens no ano de 1967 para a família Vandenhaute.

A maneira como Juliaan Lampens interpreta o espaço da casa e a sua habitualidade é baseada numa ideia muito vincada de relação familiar e da redução de limites de privacidade.

Através da organização livre da planta, sem grandes divisões, todos os compartimentos vivem em plena relação entre eles e com o espaço exterior privado, dando assim liberdade total aos movimentos dentro da casa.

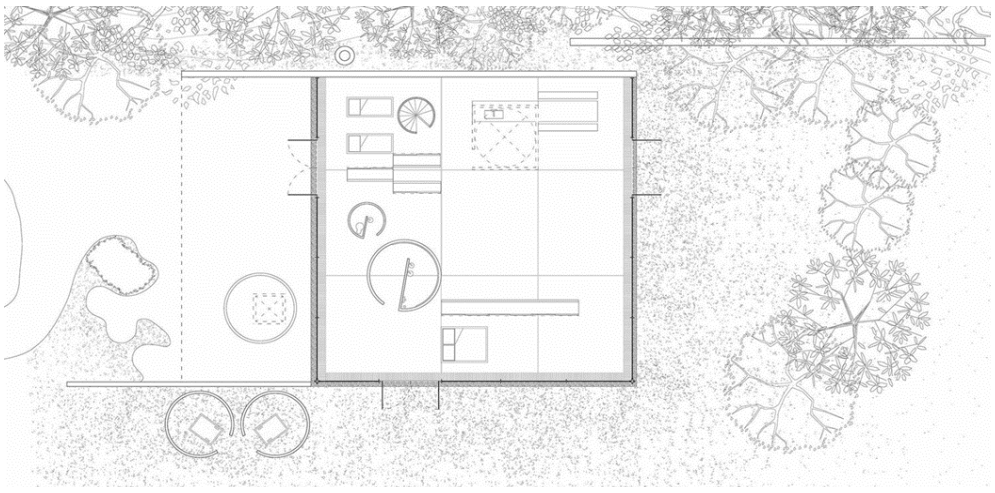
A fachada Norte, apresenta-se como dois muros face à rua, enquanto as outras fachadas da casa se abrem por completo para um amplo jardim, mantendo o contacto direto com a natureza e com a orientação solar. O programa é definido por três compartimentos fixos posicionados sob os 196 metros quadrados, sendo 14m por 14m.

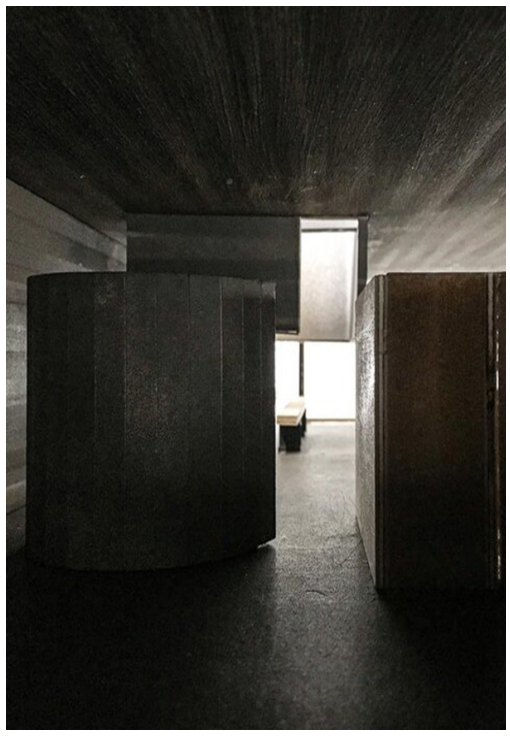
A cozinha, delimitada por um retângulo de betão suspenso, à altura dos ombros, e constituída apenas por balcão desprovido de todo o tipo de acessórios desnecessários e que se adapta gentilmente a uma mesa de refeições.

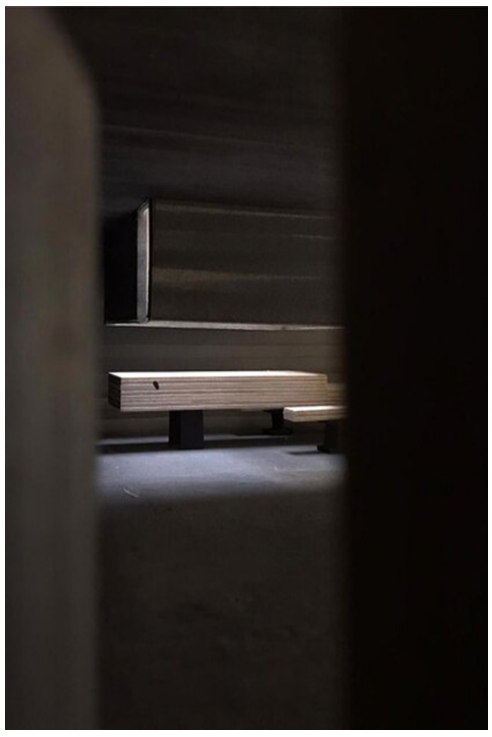
Existem ainda três cilindros que se erguem do chão sem tocar no teto, de diferentes dimensões, que delimitam a zona de banho, os sanitários e as escadas para a parte inferior da casa. A localização destes três cilindros define três zonas muito importantes da casa sendo elas as áreas de dormir, estar e as de entrada. Salientando que as zonas de dormitório estão em continua possibilidade de mudança.Todo o restante espaço é único e amplo e a sua apropriação fica ao critério da família, encorajando a vida em constante comunicação que funciona como elemento de organização espacial.

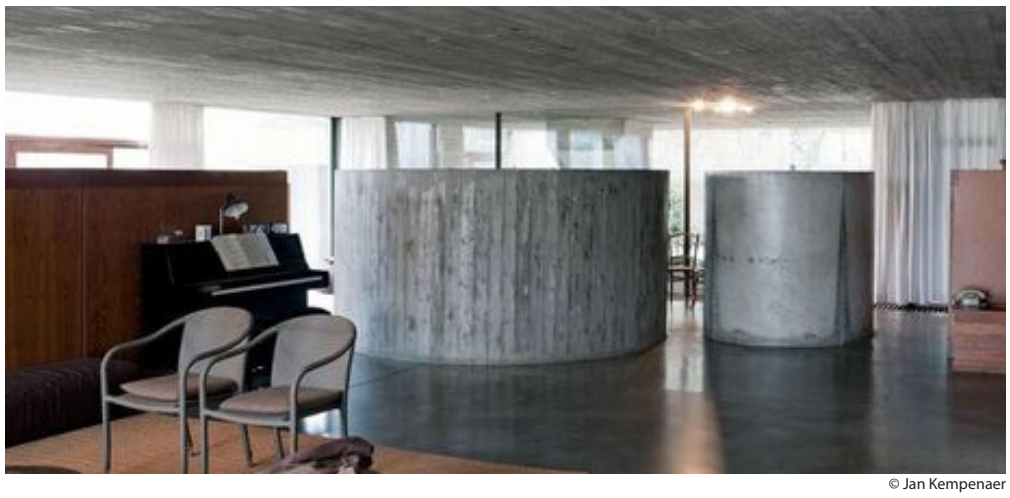
O mais interessante é o gesto simples de como a cozinha é desenhada como um espaço, definida por limites que não tocam no chão em oposição as casas de banho, que não tocam no teto.

A casa que vive muito a situação do pós-guerra presente através da simplificação e redução ao estritamente necessário combinado com a utilização de apenas 3 materiais, o vidro, o betão e a madeira, reforça a ideia de que com pouca coisa se pode produzir muito.









© Jan Kempenaer

CASA BALDO

Oscar Niemeyer, Rio de Janeiro, Brasil, 1969

© André Nazareth

A Casa Baldo situa-se no Bairro do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro e foi projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer em 1969.

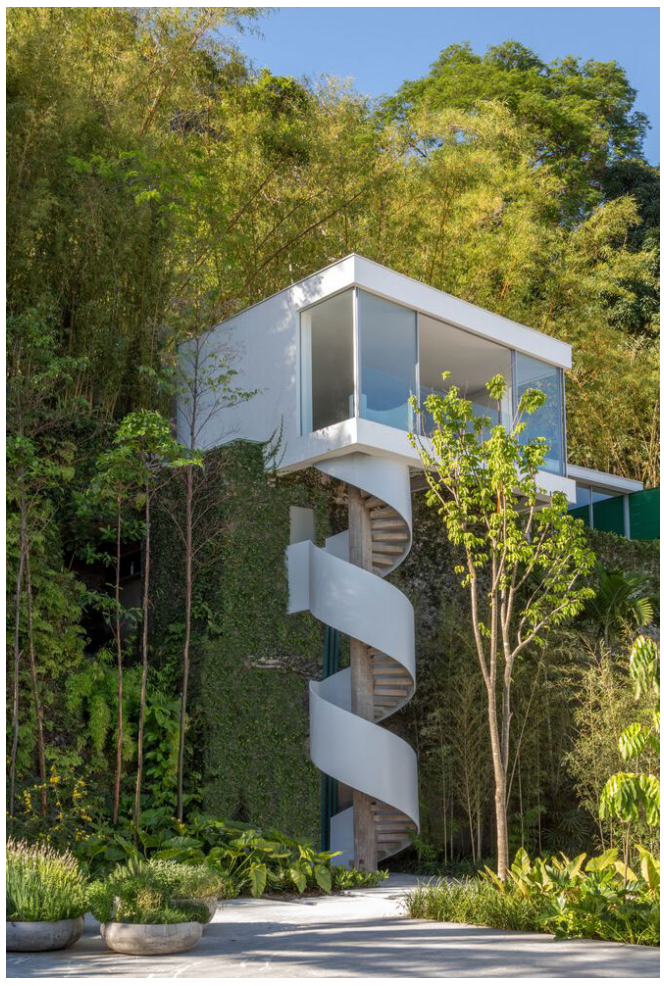
Esta casa foi encomendada pela cunhada do arquiteto. Em 2011 a casa foi vendida à artista Adriana Varejão que fez uma remodelação, mantendo o projecto de Oscar Niemeyer.

A casa forma-se através da sobreposição de grandes blocos. Encontra-se uma divisão mais elevada do que toda a casa, acessível por uma escada helicoidal exterior.

A casa é constituída por 2 pisos sendo que a entrada se faz pelo piso superior. Neste piso encontramos a cozinha, a zona de serviço com quartos para os empregados e as salas de estar e jantar que têm acesso a um jardim interior. No piso inferior encontram-se os 3 quartos da casa, 1 destinado ao casal e 2 para os filhos e uma sala íntima que faz a ligação dos quartos.

A divisão exterior também é constituida por 2 pisos, o inferior possui um quarto de hóspedes com um pequeno pátio lateral e a piso superior é um escritório com vista para a cidade do Rio de Janeiro.

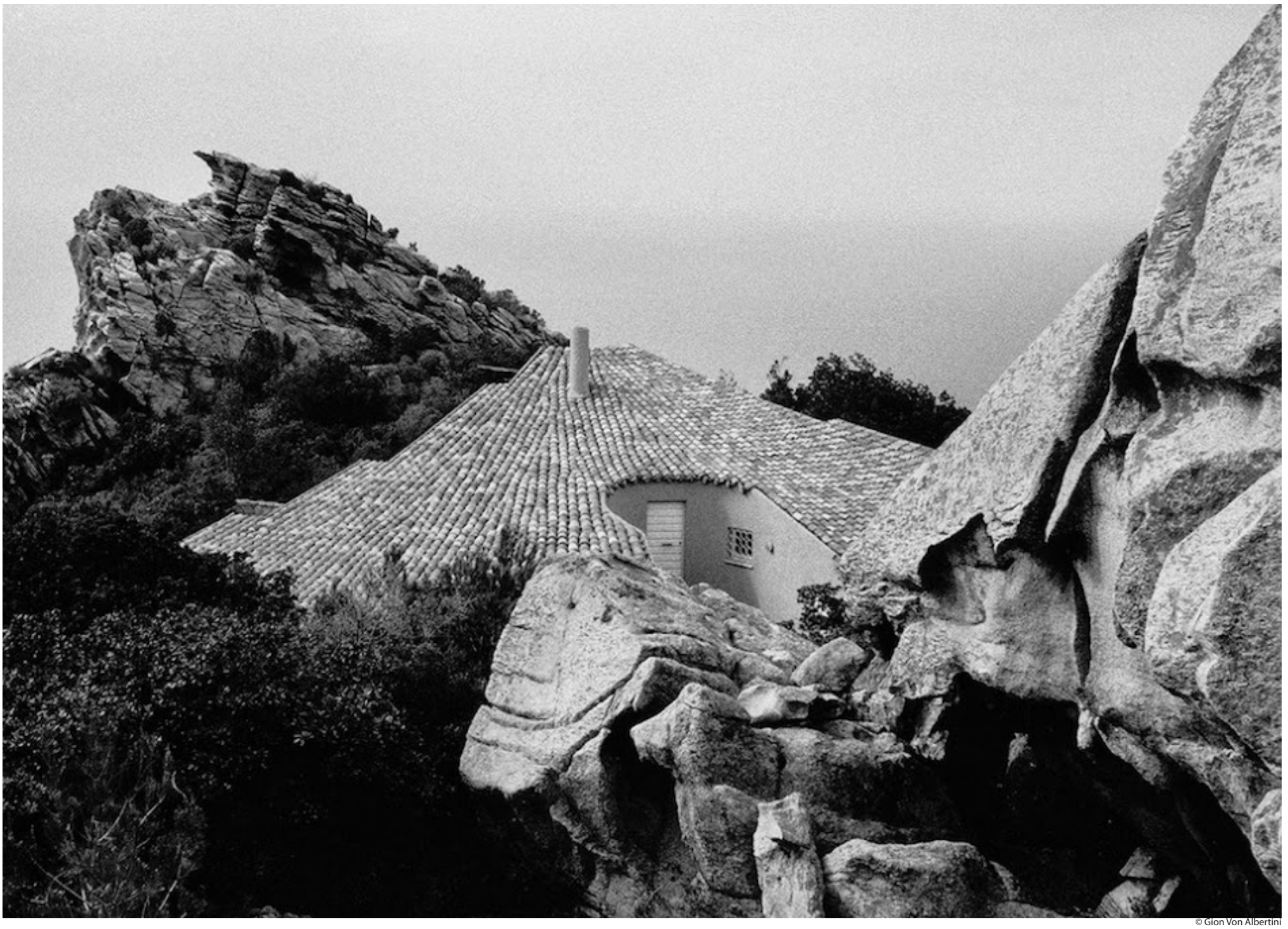
A remodelação feita pela nova proprietária foi entregue ao atelier Siqueira + Azul Arquitetura. O atelier preservou a obra de Oscar Niemeyer e adicionou uma piscina e uma zona de lazer. Nesta remodelação a artista Adriana Varejão também incluiu algumas das suas peças, nomeadamente azulejos. A casa conta com mobiliário desenhado por Oscar Niemeyer, Lina Bo Bardi e Sérgio Rodrigues.



© Siqueira + Azul Arquitetura, André Nazareth, Stefan Ruiz

HARTLEY HOUSE

Albero Ponis, Paradise Coast, Sardinia, Italy, 1970



© Gion Von Albertini

Hartley house was built by Alberto Ponis in 1970 as a private house. It lies in the valley between two pinnacles in a very typical rocky and embossed area for the so-called «Paradise coast». A very essential part of the architect's projects is the main plan attentively created with manual triangulation, hand drawings, photos, etc. This effort clarify the strong connection Ponis sets between the building and the nature of Sardinia. Eventually, all of the spectacular landscape and the architecture integrated into it is an excellent project of the architect.

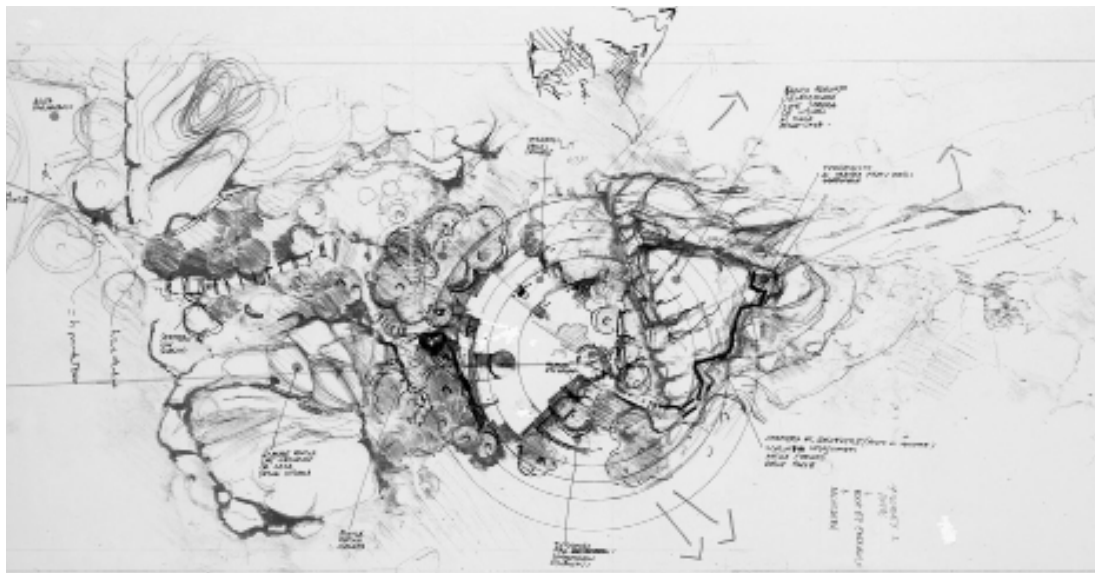
The Hartley house occupies 120 square meters so it could be considered a small one. It has a triangle shape which also reminds the shell form (the ribbed one) Also it has two circle forms. One at the bottom of the house is an entrance welcoming element. And the other one on the top is a covered porch that also visually gets together all the volume of the building.

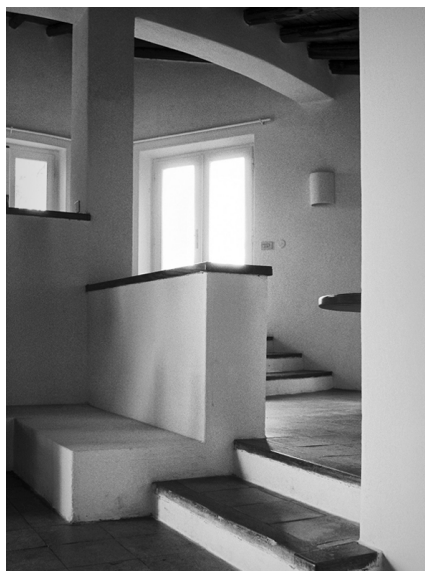
Hartley house has a terrace planning. Each platform has its own function and access to the outside terraces.

The construction consists of rocky walls, columns, andwooden interior beams that support the roof. The surfaces of the walls seem to be made with plaster/clay from the inside and a mix of mortar with clay and gravel from the outside. The floor is made out of stone tiles and the clay-tiled roof visually enters follows nature around.

Albero Ponis comented:

«My aim was to build houses that were firmly rooted in the landscape. More than that, I wanted them to appear as part of the landscape as if they were emerging from it. It was important that the houses look solid, well built, and have a firm connection with the earth they were built on.»





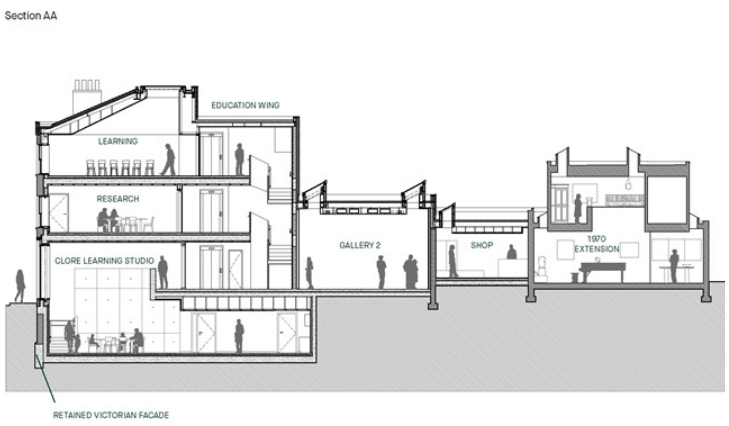
© Albrto Ponis

EXTENSÃO DA CASA KETTLE´S YARD

Leslie Martin, Cambridge, Inglaterra, 1970

© Leigh, Eduardo

Em 1957, Jim Ede, curador da Tate em Londres, e sua esposa Helen montaram quatro chalés no extremo norte de Cambridge com a ajuda do arquiteto Rowland de Winton Aldridge e encheram a casa com arte de Ben e Winifred Nicholson, Alfred Wallis, Naum Gabo e Henri Gaudier-Brzeska. Ede sonhava em "criar de alguma forma um lugar vivo onde as obras de arte pudessem ser apreciadas, inerentes ao ambiente doméstico, onde os jovens pudessem estar em casa sem a maior austeridade do museu ou galeria de arte pública". Após a doação da casa para a Universidade de Cambridge em 1970, Leslie Martin, é convidado a realizar uma extensão da mesma, realocando os objetos e transformando-os em um espaço para exposições. A extensão introduz uma mudança dramática no espaço físico da casa. Os seus espaços proporcionam um contraste notável com os edifícios do século XIX. A sua característica predominante são as clarabóias, poucas aberturas e o interior branco fazendo uma relação entre a luz natural entrando no ambiente e em contato com as diversas obras de arte. No pavimento térreo, encontram-se salas, uma escada para circulação vertical e um pé-direito duplo. Leslie Martin convoca a materialidade com coerência no seu projeto; com paredes externas em tijolo aparente. O mesmo ocorre no primeiro pavimento, porém, traz o uso da madeira para essa solução com pé direito duplo, que permite mais incidência solar para o piso inferior. O destaque desse projeto é a relação entre arquitetura e a arte, visto que o espaço foi pensado para tornar o ambiente harmonioso e confortável.



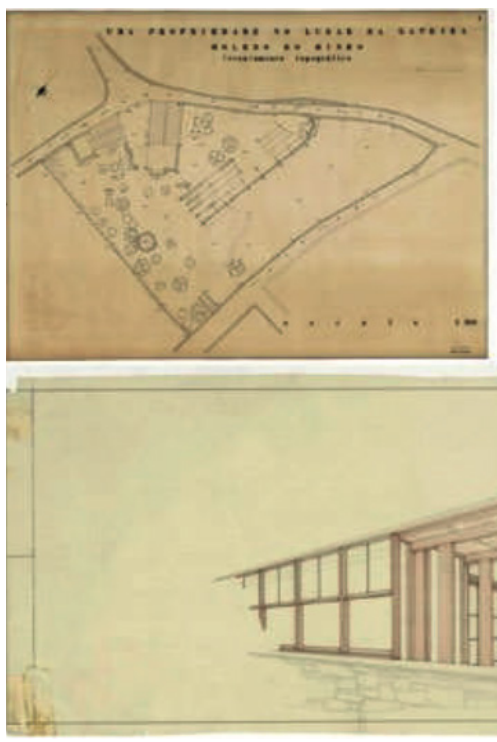
©Kettle Yard e North Architecture

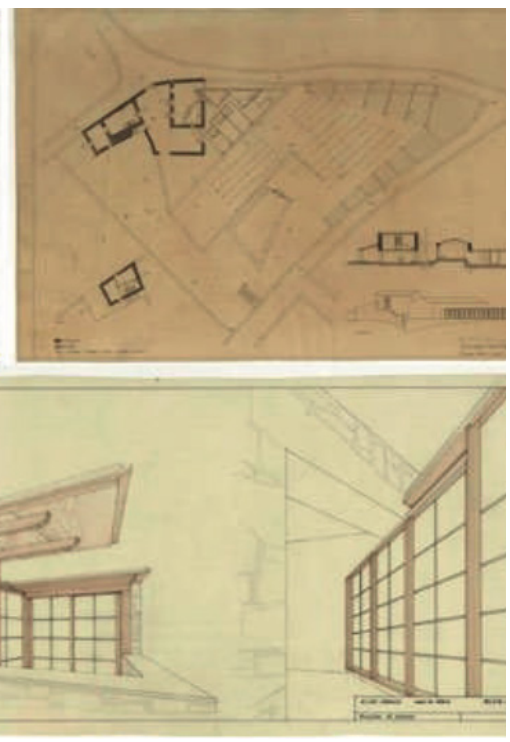
CASA ALCINO CARDOSO

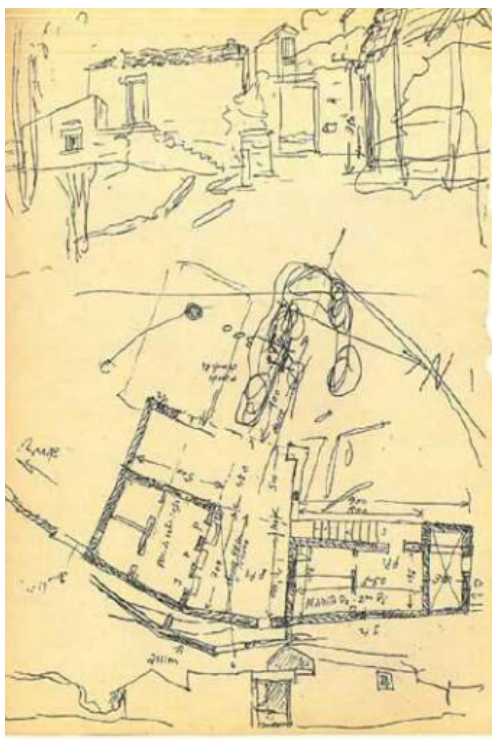
Álvaro Siza, Moledo, Portugal, 1971-1973

©Parallel

Próxima de Moledo, a intervenção inicial foi encomendada por um banqueiro do Porto, que solicitou a recuperação de dois edifícios abandonados, numa quinta vitivinícola, com a finalidade de os converter numa casa de férias. Esta localizada em território, marcado por uma vegetação Rural, e foi intervencionada pelo arquiteto Álvaro Siza. O arquiteto Álvaro Siza desenvolveu um projeto de recuperação de dois edifícios abandonados. Uma das principais intenções do projeto era a de reduzir ao mínimo o impacto dos novos elementos, de forma a não dissimular a importância das construções primitivas. No mesmo território, o arquiteto operou em duas fases distintas, em dois conjuntos de edifícios com programas e finalidades diferentes. A primeira, à Casa Alcino Cardoso, decorreu desde 1971 até 1973. E a segunda á Casa da Eira, um conjunto transformado em hotel de turismo rural, ocorreu no período entre 1988 a 1991. A obra teve como objetivo recuperação de duas construções em pedra, com dimensões diferentes. Em que, na maior, foi introduzido um novo volume triangular, ampliação necessária ao cumprimento do programa que se destinava a uma casa de férias. A segunda intervenção ocorreu após a anexação de parcelas de um terreno adjacente à propriedade primitiva, que continha outras construções, e consistiu na sua recuperação e acomodação à sua nova função. A Casa da Eira, fica localizada numa posição de cota ligeiramente mais elevada do que a Casa Alcino Cardoso, não existindo qualquer tipo de obstáculo a separá-las dentro da propriedade que, por sua vez, é delimitada por muros de pedra. Nesta obra, foi articulada a obra com as preexistências, os muros de pedra e a cobertura de duas águas de telha portuguesa, preservando o volume existente e conservando a essência do local.







©Parallel, Ana Soares; Drawings: Ana Soares

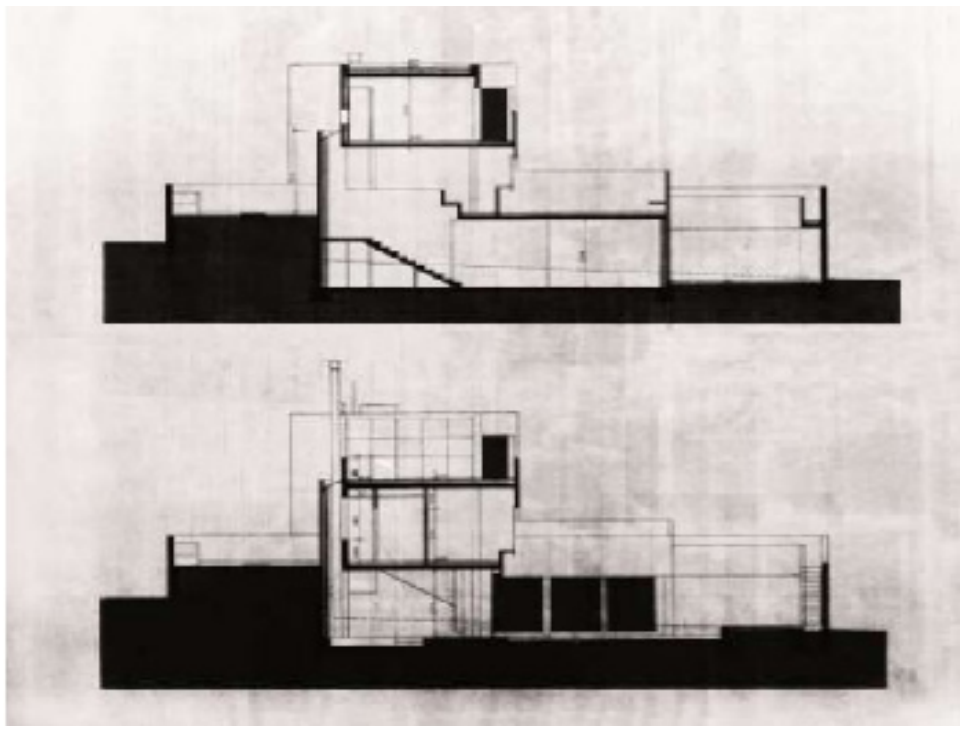
CASA MARTINS DOS SANTOS

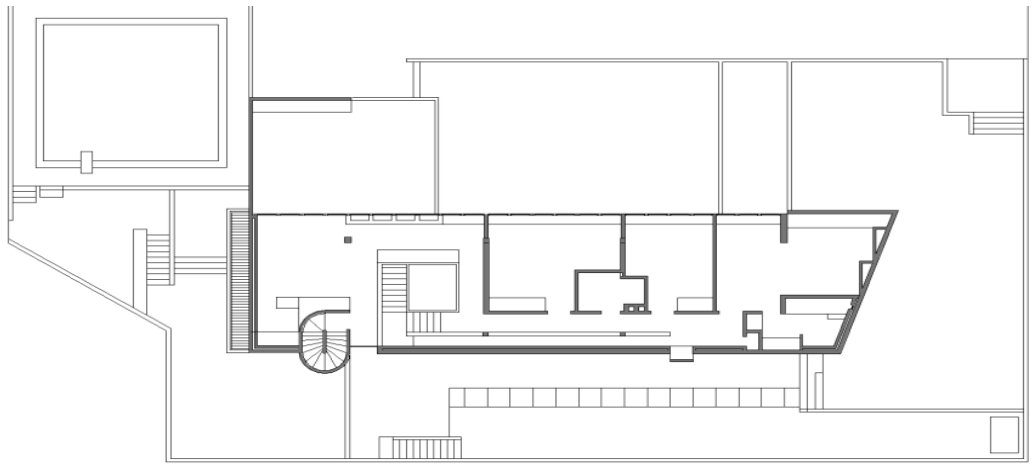
Manuel Tainha, Cascais, Portugal, 1971-1975

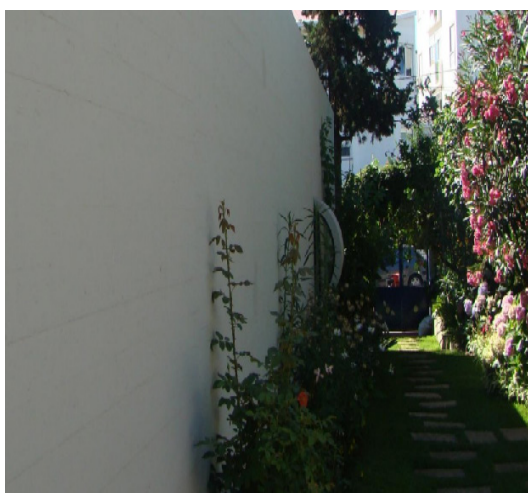
©Desconhecido

A casa Martins dos Santos, localiza-se em Cascais, no bairro do Rosário, nos limites de uma zona de habitações unifamiliares, num espaço de fronteiras entre habitações e algumas urbanizações, de maior escala e tudo sem qualquer espírito de conjunto. Para a implantação do projeto, existia um terreno pequeno, sensilvelmente retangular, mas cujo entorno próximo já a época era o reflexo da desorganização urbanística, que começou nos finais da década de 60. Manuel Tainha projetou uma casa que só se podia fechar ao seu entorno e viver a partir dos seus diversos e próprios enredos, a partir do seu programa específico, à medida dos seus habitantes. Uma casa em luta com o lugar, a tentar construir uma outra realidade. A casa Martins dos Santos revela a densidade do seu pensamento de Tainha. Devido a envolvente não possuir uma realidade estimulante e rica, o arquiteto cria-a, devido as condicionantes impostas pelo o loteamento e pela envolvência. Procurando um caráter defensivo em relação à envolvência, o arquiteto cria uma arquitetura encerrada, muda, em que as comunicações entre o interior e o exterior do lote são evitadas, revelando-se apenas em zonas específicas, não que-

Preferindo voltar-se para o interior do seu mundo jardim. Como uma fortaleza limita e encerra um conjunto de espaços privados, onde de quem se encontra na envolvente exterior se vê impossibilitado de aceder ao interior de volume. Para quem se encontra no interior, o limite -muro- representa a materialização da máxima proteção, a concretização do espaço íntimo e introspetivo. A casa é constituida por três pisos existentes, a entrada, faz-se pelo piso intermédio dos quartos. No seu interior encontra-se uma sala informal, aberta sobre a grande sala do piso inferior, espaço esse comunicante para a plantaforma ajardinada, ao nível da pequena piscina exterior. O acesso ao piso inferior faz-se através de umas escadas sobre uma zona de duplo pé-direito da sala, parte da casa que se organiza em L em torno de um pátio- ajardinado, que funciona como uma extensão da sala de estar e de refeições, a qual comunica com a cozinha. No último piso localiza- se o terraço, no qual se faz a ligação por umas escadas helicoidais. Terraço este que funciona como torre de vigia, para de quando em quando, alargar as vistas para álem das paisagens interiores de casa, servindo também como um espaço menos condicionado pela arquitetura.







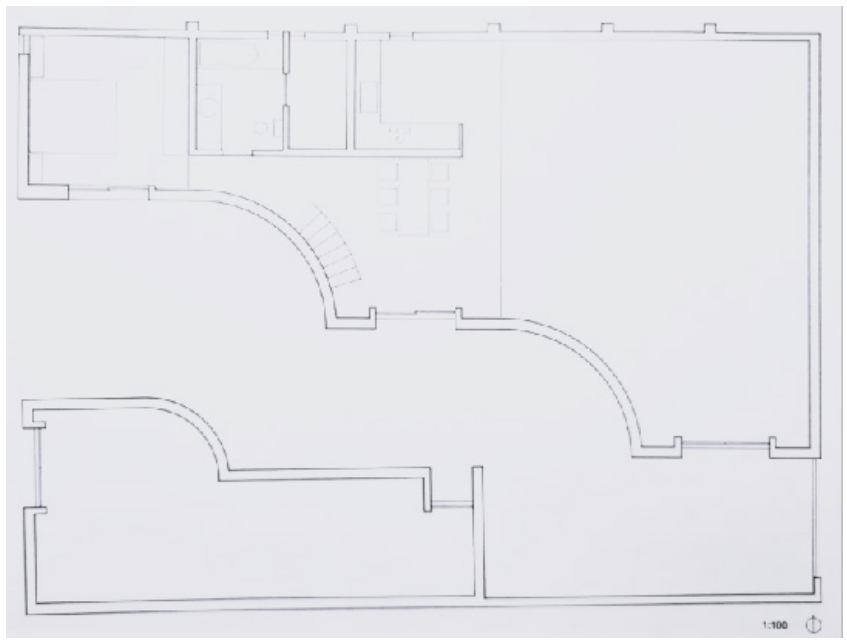
©Manuel Tainha desenhos originais e Paulo Alexandre Ribeiro de Jesus

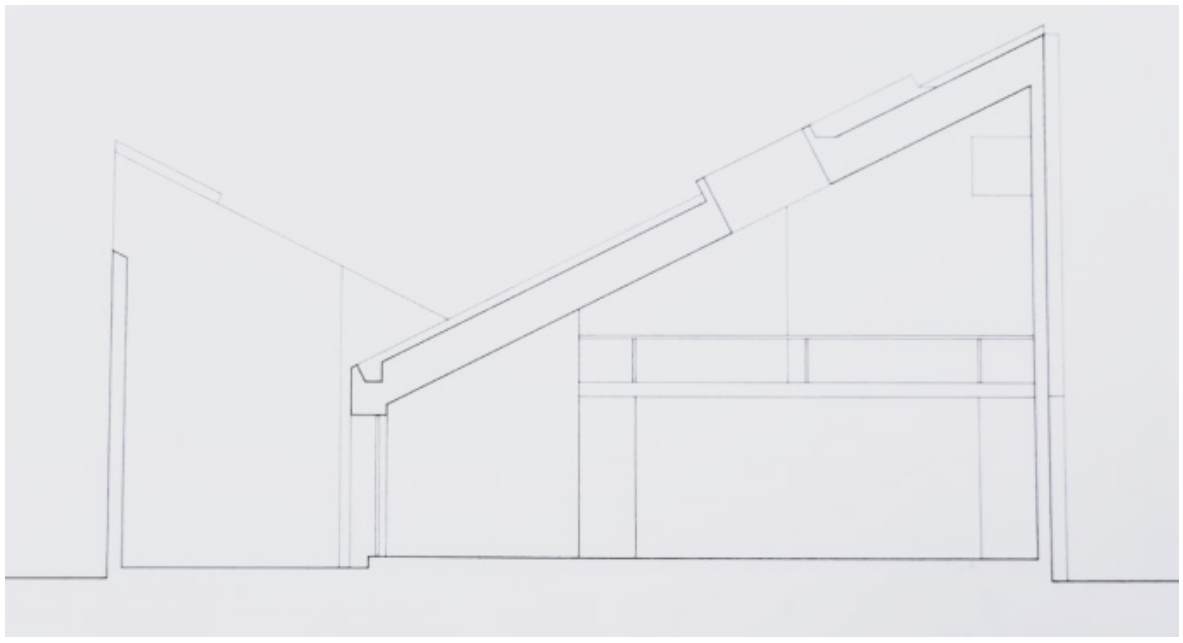
CASA EM KARUIZAWA

Kazuo Shinohara, Karuizawa, Nagano, Japão, 1975

© José Adrião.

Em comparação com muitas das obras da segunda fase arquitetónica de Shinohara Kazuo, este edificio podia, até pelo próprio ser considerada como uma anomalia no seu percurso.
Construida em 1975 em Karuizawa Nagano, demonstra as diversas adaptações que Kazuo Shinohara decidiu adotar nas suas obras a partir do período do pós-guerra.
A integração da Arquitetura Moderna, como métodos de espacialidade orientais e a introdução de novos tipos de materialidades, são algumas das soluções tomadas pelo arquiteto durante esta sua 2ª fase arquitétonica.
Originalmente conhecido como Quadrantes Cilíndricos, esta habitação de acordo com afirmações presentes nos textos originais do arquiteto começou sem ter um plano concreto.
A casa assume uma relação introspetiva onde a presença de luz reforça a vida criando momentos de verticalidade e ascensão.
O edifício continha uma passagem fechada da entrada da rua principal; cuja forma é composta por dois volumes separados por um vazio, este definido como "espaço-entre" na qual esta tem a função de ligar o espaço doméstico ao espaço de trabalho, isto num ambiente silêncio.
O Espaço que viria a servir como habitação (no eixo leste-oeste) da planta que por sua vez também reforça a ideia que é dada ao estúdio (espaço do artista), assumindo-se assim como casa-atelier. “Três segmentos de parede em forma de quarto de cilindro constituem uma característica expressiva deste projeto. Esta é a primeira vez que utilizo superfícies curvas, mesmo de forma parcial. A casa é composta por uma área de estar com espaço de atelier, uma pequena galeria de arte, e um pátio interior entre eles.” K. Shinohara.
“Por meio do movimento inerente aos quartos cilindricos, quis alcançar uma forma de expressão que sugerisse ondas repetidas. As superfícies curvas em si não formavam o tema principal, mas sem dúvida influenciou o efeito que eu pretendia. (…) Mesmo que tudo tivesse sido feito como eu esperava, ainda seria bastante difícil conseguir exatamente o que eu tinha em mente.” K. Shinohara.





© José Adrião; © Masao Araii.

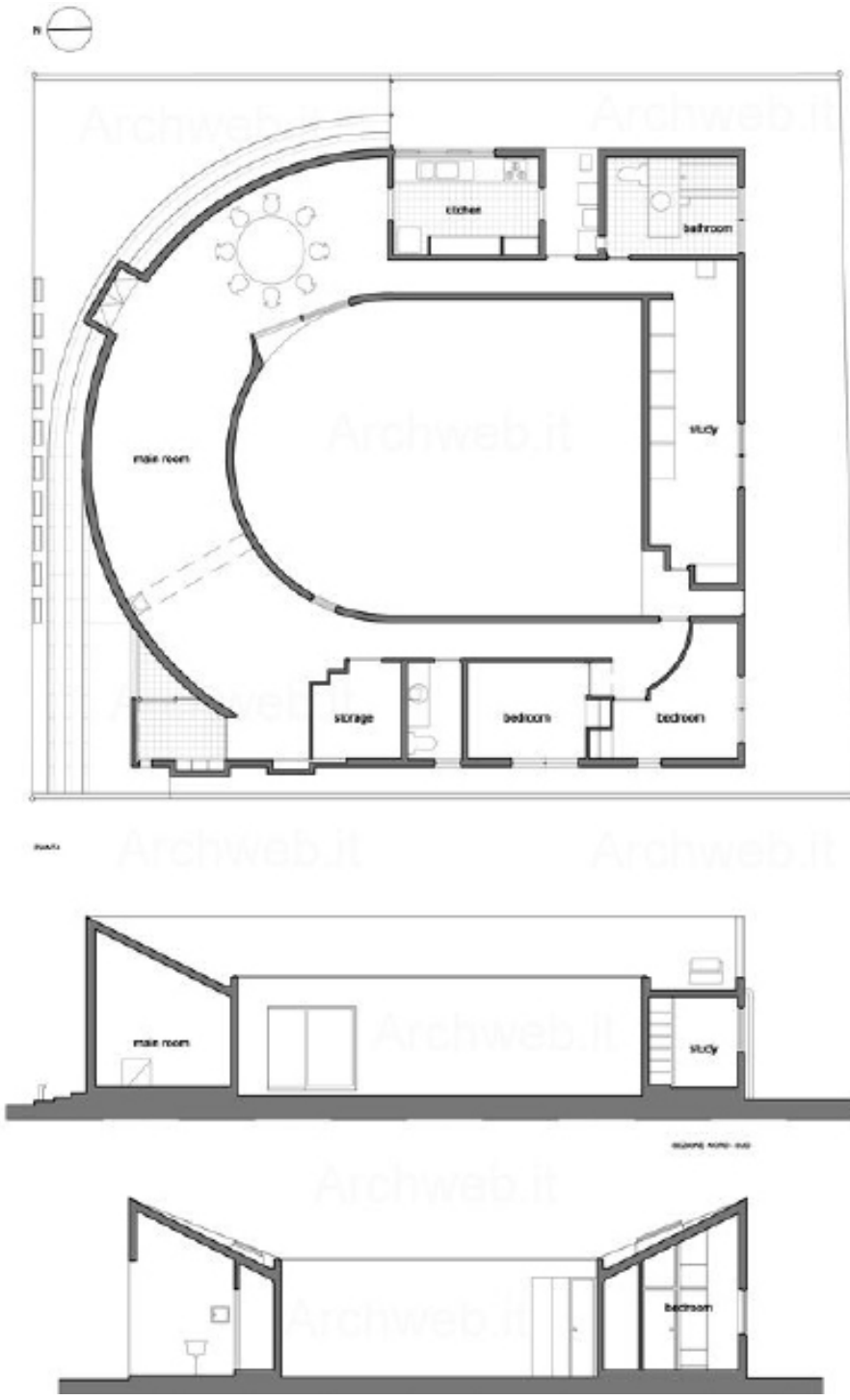
U HOUSE

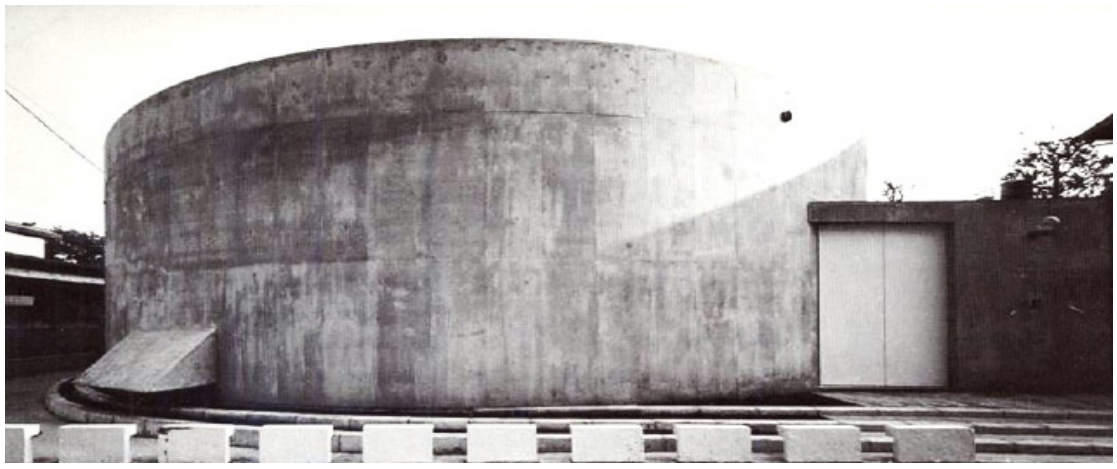
Toyo Ito, Nakano-Ku, Tóquio-Japão, 1976-1997

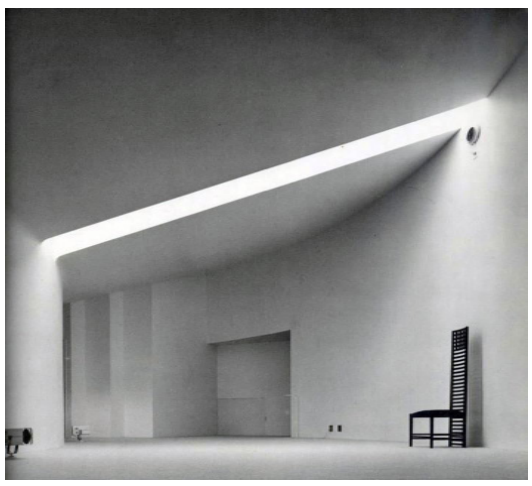
© Koji Taki, Tomio

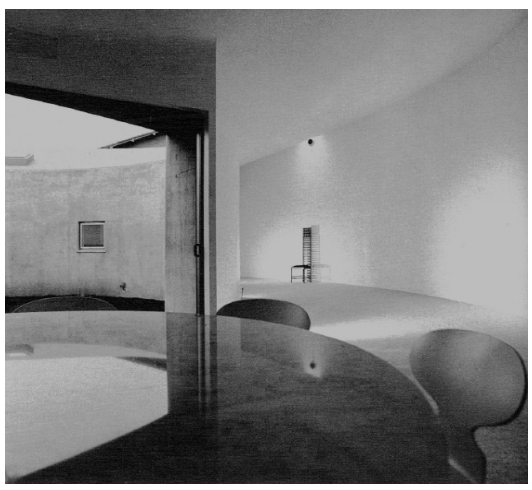
Projetada pelo Arquiteto japonês Toyo Ito em 1976, este projeto habitacional foi-lhe requerido pela sua irmã mais velha, que tinha acabado de perder o marido com quem teve duas filhas. A viúva solicitou-lhe uma casa em que pudessem desfrutar e estabelecer um contato próximo com o solo e as plantas. A ênfase na organização dos espaços funcionais voltou-se gradualmente para o valor simbólico do projeto. A planta do edifício está dividida em 4 zonas fundamentais: Social, Serviços, Íntima e o Pátio, desenvolvendo-se por um longo corredor curvo que termina em duas extremidades conetadas entre sí, com a entrada principal situada na lateral direita próxima do centro da curva. Na extremidade à direita composta por um corredor que permite o acesso para os quartos, e na extremidade oposta, está localizada a zona de serviço que liga a cozinha, a instalação sanitária e a área de estudos.

Devido a geometria específica da forma, a área social não precisou de paredes divisórias para definir os diferentes espaços de jantar, brincar e meditar. Cobertura: A pendente única da cobertura plana voltada para o interior permite dar maior pé direito as instalações sanitárias e aos quartos, com aberturas colocadas estrategicamente para criação de efeitos de luz, sendo o pátio interior a principal entrada para a iluminação natural. Interior: Todas as superfícies do espaço interno multiuso, eram de cor branca, criando um espaço propicío para o pensamento contemplativo. Infelizmente está obra da arquitetura foi demolida em 1997









© Koji Taki, Tomio Ohashi

CASA ATELIER

Giancarlo Durisch, Riva San Vitale, Suíça, 1973

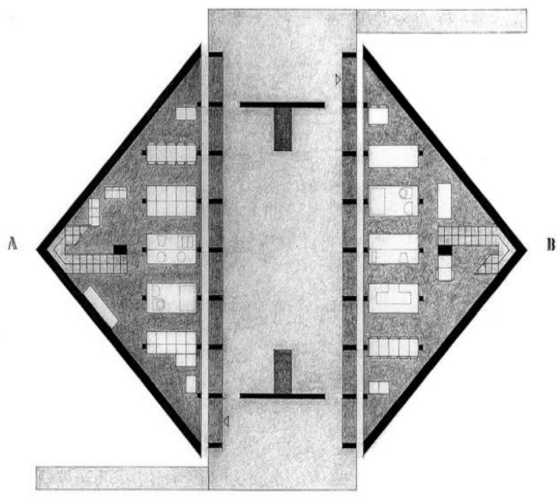
©Leonardo Finotti

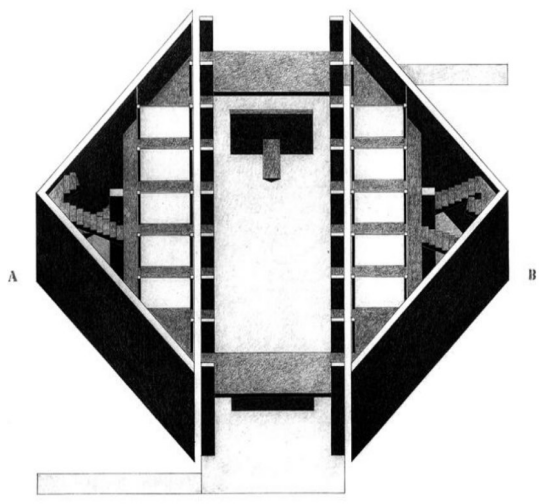
Como um verdadeiro virtuoso da geometria, Giancarlo Durisch pensou na arquitetura como uma possibilidade de revelar uma nova ordem, fazendo os seus edifícios combinarem habilmente, abstração e pragmatismo.

Foi em Riva San Vitale, na suíça, que o arquiteto desenvolveu os seus projetos, foram quatro ao todo. Sendo o primeiro, esta casa, a sua casa, que também pode ser chamada de Casa Durisch.

Esta casa é composta, em planta, por dois corpos triangulares, virados um para o outro e separados por um esplêndido pátio. Os corpos estão divididos entre (corpo A) habitação e (corpo B) estudio.

No primeiro piso, no corpo A , é onde se encontra a cozinha, uma mesa de jantar, um armário, uma dispensa, um guarda-roupa e escadas para o 2º piso. Já no corpo B, é onde está o armário de serviço, uma dispensa, uma mesa de reuniões, um guarda-roupa, um armário de centralização, um armário de laboratório e também escadas para o 2º piso. Subindo, temos do lado A, os quartos, dos pais e dos filhos e do lado B, mesas de escritório individuais.





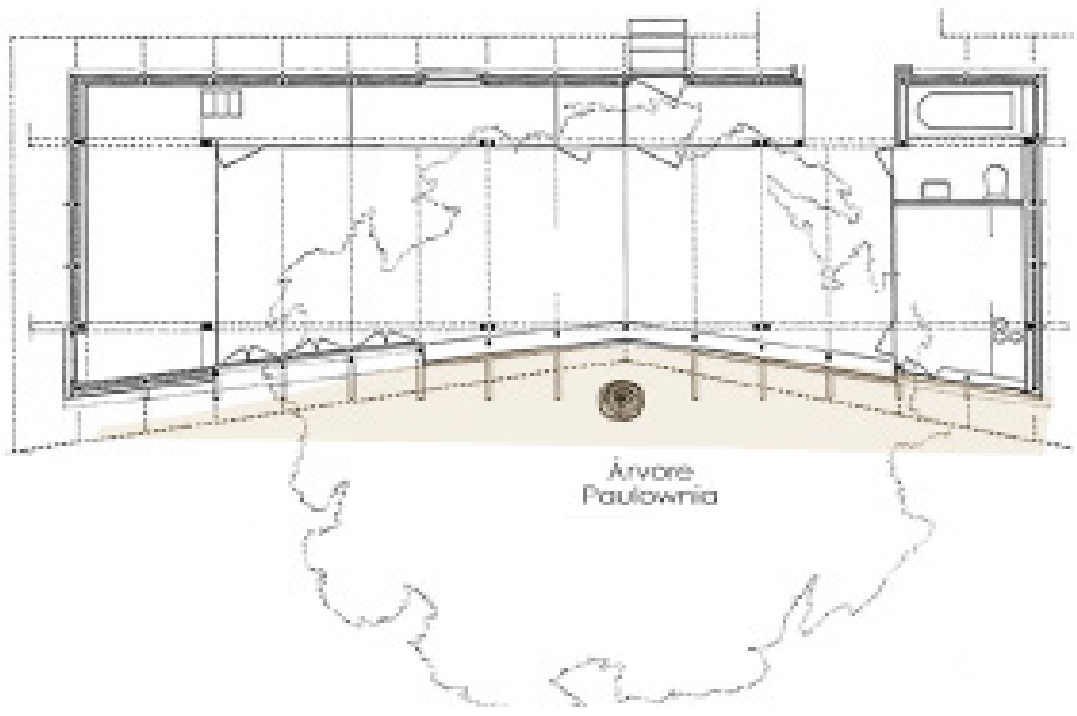
Plantas feitas por © Giancarlo Durisch
Imagens tiradas por © Autor desconhecido

CASA DE CONTRAPLACADO

Herzog & De Meuron, Bottmingen, Suiça, 1985

©Sbidili

A Casa de Contraplacado dos Arquitetos Herzog & De Meuron, foi construída como extensão de uma casa pré-existente em Bottmingen, Suiça, foi construida em 1985. A casa servia de espaço para a apresentação de peças teatrais de marionetas e tem os seguintes compartimentos: sala, zona de serviço, uma cozinha e instalação sanitária. A casa foi construída em estrutura balon-frame. No exterior usou-se madeira tropical de Okoume e no interior usou-se madeira de Bétula. A existência de uma árvore adulta, do tipo Paulownia, que devia ser preservada na área de construção, exerceu influência directa sobre a forma da casa, criando uma inflexão na fachada sul.



©Sbidili

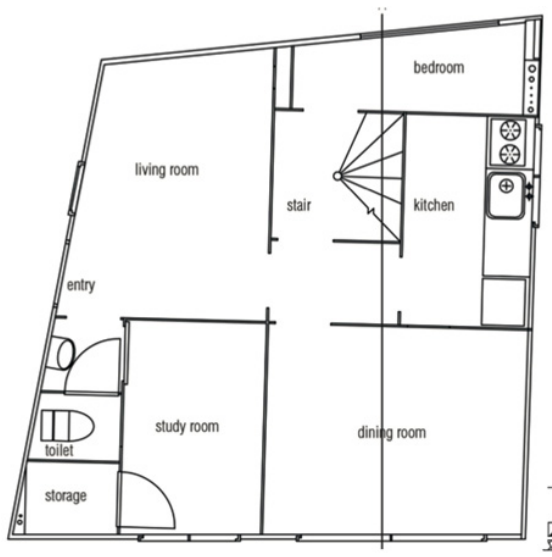
CASA NUM BOSQUE DE AMEIXOEIRAS

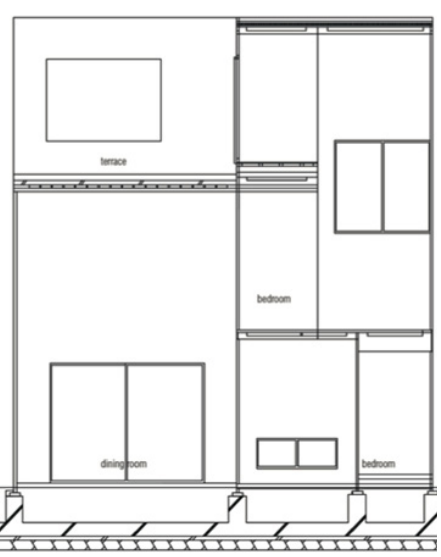
Kazuyo Segima, Tóquio, Japão, 2003

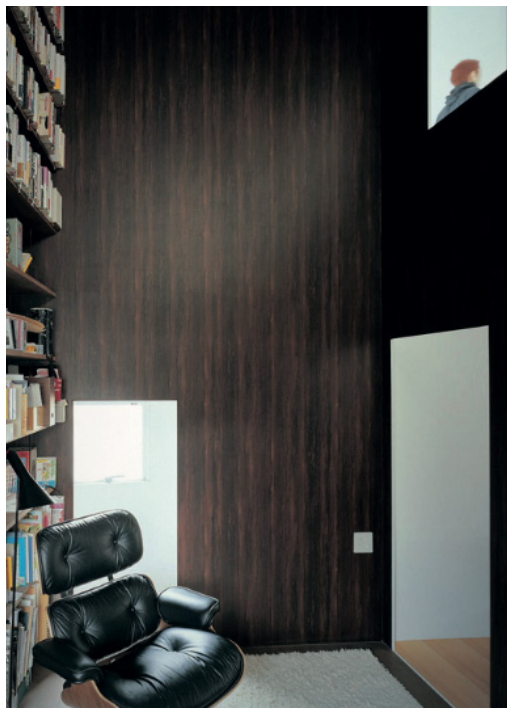
© Wakiiii, Hisao Suzuki

Em um terreno localizado em uma zona residencial do bairro de Setagaya um cubo branco feito de placas de aço fica entre ameixas construido para lar de um jovem casal, seus dois filhos, avó e o gato. A intenção da família quando eles encomendaram a casa, era em ter um abrigo para a mente e um lugar para desfrutar das ameixas florescentes no jardim.

Dada a escassez de espaços livres, o casal exigi que o desen- ho da casa respeitasse o máximo possível as árvores. Junta- mente com esta premissa, os proprietários também solici- taram que todos os espaços da casa estivessem ligados entre si, como se fosse um espaço único. A casa aparece como um cubo branco fechado. Ao invés de janelas convencionais, alguns cortes planos e quadrados são feitos nas paredes externas, sem qualquer ordem aparente. A lógica vem de dentro. Recusando-se a criar espaços padro- nizados, Kazuyo Sejima propôs reduzir cada espaço a ou uma ação. A arquiteta conectou os espaços individuais, fazendo cortes nas alvenarias internas dos quartos adjacentes e os deixou sem vidro. Isso ofereceu novas possibilidades, alguns quartos olham para fora pela janela de outro espaço. O ar flui livremente através destas aberturas entre os espaços. Nenhum espaço está desligado completamente, conse- quentemente, oferece uma escolha de ações diferentes, a ideia de privacidade se torna elástica. Os membros da família podem escolher seu lugar.







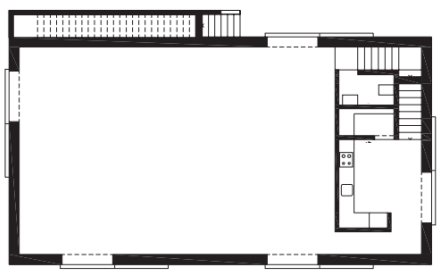
© Wakiiii, Hisao Suzuki; Drawings: VisualArchitecture

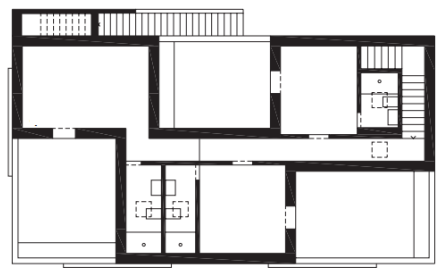
CASA QUEIMADA

Ricardo Bak Gordon, Tavira, Portugal, 2002-2007

© Leonardo Finotti

Casa queimada consiste na criação de duas casas idênticas, que partilham uma geometria regular semelhante, criando assim uma tensão dinâmica que asegura a unidade. Num território fortemente marcado pela paisagem natural composta por cabeços e vales, careterístico da serra algarvia na região do sotavento, estas duas casas constroem-se contra a natureza. Ambas as casas encontram-se num ponto alto, de forma a estabelecer uma relação com o território, do ponto de vista tradicional, a localização é um ponto estratégico, que permite uma vista desafogada para a envolvente, existindo um maior domínio e proteção. Formalmente, são duas habitações, com pequenas diferenças entre si, começando pela sua implantação. Situam-se a diferentes níveis de altimetria, uma está mais enraizada na topografia e a outra, por ter mais um piso, é ligeiramente mais elevada e recuada. A volumetria consiste num jogo de cheios e vazios, no qual os vazios representam os três terraços privados, que dão apoio aos quartos e os cheios representam a área comunitária. É constituído por dois pisos, no piso térreo situam-se as áreas públicas e a sala em open space.No piso superior situa-se a zona privada da casa, onde se encontram os três quartos, cada um com o seu respetivo terraço privado, de modo a enfatizar o contraste entre programa comunitário e privado. Interiormente o pavimento é em betonilha de cimento e o teto em betão aparente, criando um referencial cromático ao nível dos planos horizontais e afastados um do outro por paredes estucadas e pintadas de branco. A transição entre geometria austera das casas e a ondulação orgânica da paisagem dá-se sobre plataformas de cimento, áreas de estadia exterior.





© Leonardo Finotti and Bak Gordon Arquitetos

STUDIO VALERIO OLGIATI

Valerio Olgiati, Flims, Suiça 2007

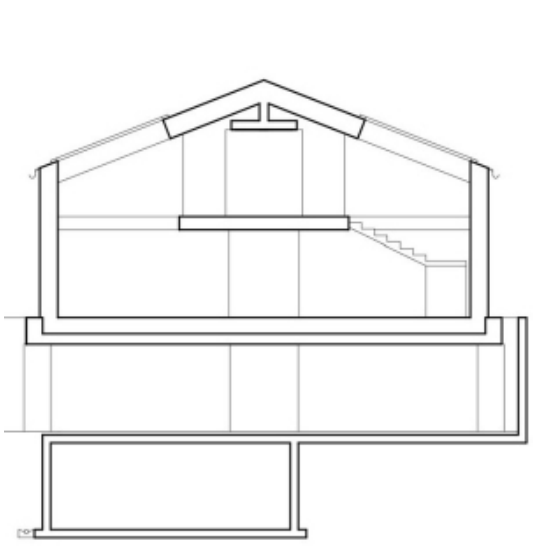
© Archive Olgiati

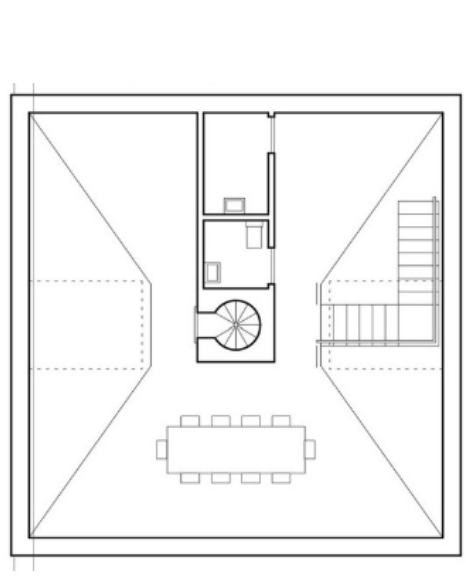
De 2003 a 2007, Valerio Olgiati construiu o seu novo atelier no centro da vila de Flims. O novo estúdio está localizado ao lado da casa da fazenda, que o seu pai Rudolf Olgiati havia reformado desde a década de 1930. Este edifício, que pertence à família Olgiati há gerações, tornou-se a residência permanente de Valerio Olgiati desde a conclusão do estúdio. A proximidade um do outro torna-os um conjunto complementar mas desigual. Vários pares de termos de definição como, velho/novo, branco/preto, tradição/inconformidade ou construção sólida/construção leve são sinónimos para os dois edifícios.

O novo estúdio substitui um antigo celeiro, que anteriormente estava na propriedade. De acordo com a lei de construção local, o estúdio segue o seu antecessor em tamanho, proporções e forma do telhado. As suas dimensões principais, erguido sobre uma planta quase quadrada, correspondem muito bem ao seu antecessor. No entanto, não é apenas uma reconstrução.

A estrutura de madeira do estúdio apoia-se numa laje de betão armado. Esta laje, é suportada por quatro pilares maciços de betão armado, estas foram dispostas cada uma no meio dos lados da laje, de modo a que os cantos se projetem. Na parte de trás, o edifício é separado da encosta ascendente por fendas de claraboia.A generosidade espacial e a leveza construtiva são virtualmente celebradas neste espaço baixo e comprimido. Os quatro pilares são complementados por um cubo de betão disposto centralmente. Este cubo contém uma escada em caracol até o nível do escritório. Como elemento de divisão de ambientes, percorre verticalmente os três pisos e atua como uma conexão do público ao privado. Nesta função, a escada é reservada aos proprietários.

As tábuas de madeira preta são usadas para revestimento interior e exterior. Por meio desse artifício, o arquiteto evoca a sensação de ver a paisagem como uma extensão do espaço do atelier. Os dois vidros largos e baixos do lado da montanha e do vale são decisivos para essa sensação. As entradas para os edifícios residenciais e de escritórios estão localizadas no lado da montanha. O acesso ao estúdio é feito através de uma porta opaca entre os largos vidros. No interior é revelada a planta baixa axialmente simétrica.A cima do piso principal há uma mezanine, recortada em forma de trapézio, formando uma abertura de luz. Através das duas claraboias no teto, a luz entra simultaneamente na sala de reuniões e no espaço de trabalho subjacente. Acusticamente, a mezanine é separada do espaço de trabalho por painéis de vidro. O núcleo é ampliado por uma casa de banho e uma cozinha de chá, absorvendo os usos de serviço necessários. O acesso à mezanine é feito por uma escada num dos recortes trapezoidais.





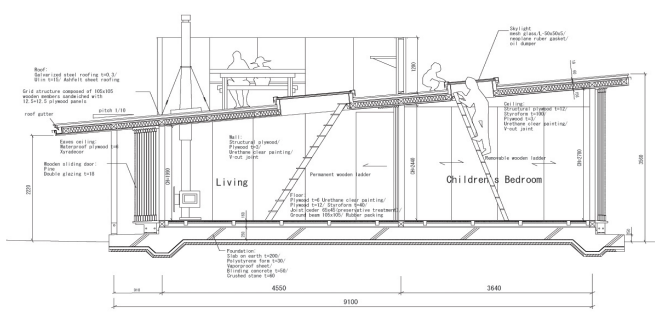
© Archive Olgiati

CASA DA COBERTURA

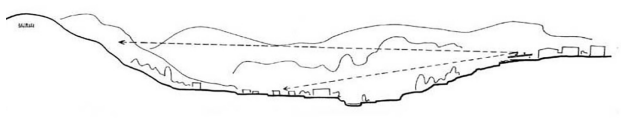
Atelier Tezuka, Hanoi-shi, Kanazawa, Japão, 2009.

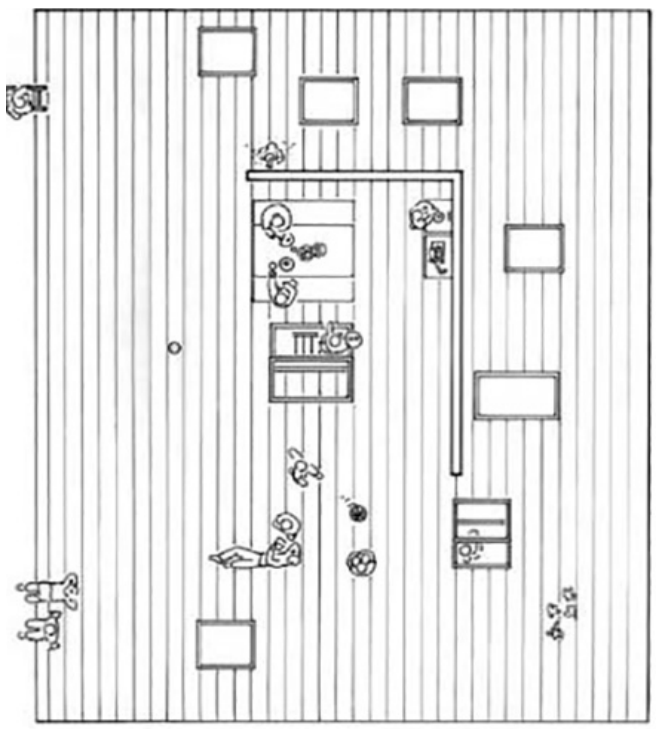
©Atelier Tezuka

Feita no ano de 2009, a casa da cobertura é vista pelos Arquitetos como uma forma ingénua de resolver o problema de falta de espaço nas cidades Japonesas. Desenhada pelo Atelier Tezuka com influência dos proprietarios, a obra foi baseada no conceito das actividades humanas enquanto estão em casa e na ideia de liberdade de movimento total na casa. Feita para uma familia de quatro membros que gostava de passar o seu tempo no teto da sua casa anterior. Foi esse o ponto focal que levou os Arquitetos a criarem o formato da casa. A obra é compacta, situada em uma zona com vistas para o monte kobo em Hanoi-shi, Kanazawa. A cobertura age como uma extensão da sala de estar devido a presença de cadeiras, mesa, zona de cozinhar e até um chuveiro. A habitação tem quartos uni-celulares com paredes amoviveis para que, no caso da familia crescer, seja possivel de modificar o interior. Todos os quartos possuem uma claraboia que dá acesso a cobertura por escadas não permanentes. O projecto segue o conceito tradicional Japonês de conexão entre a casa, os habitantes e a natureza, utilizando a madeira como material.



Roof House Section 1:30





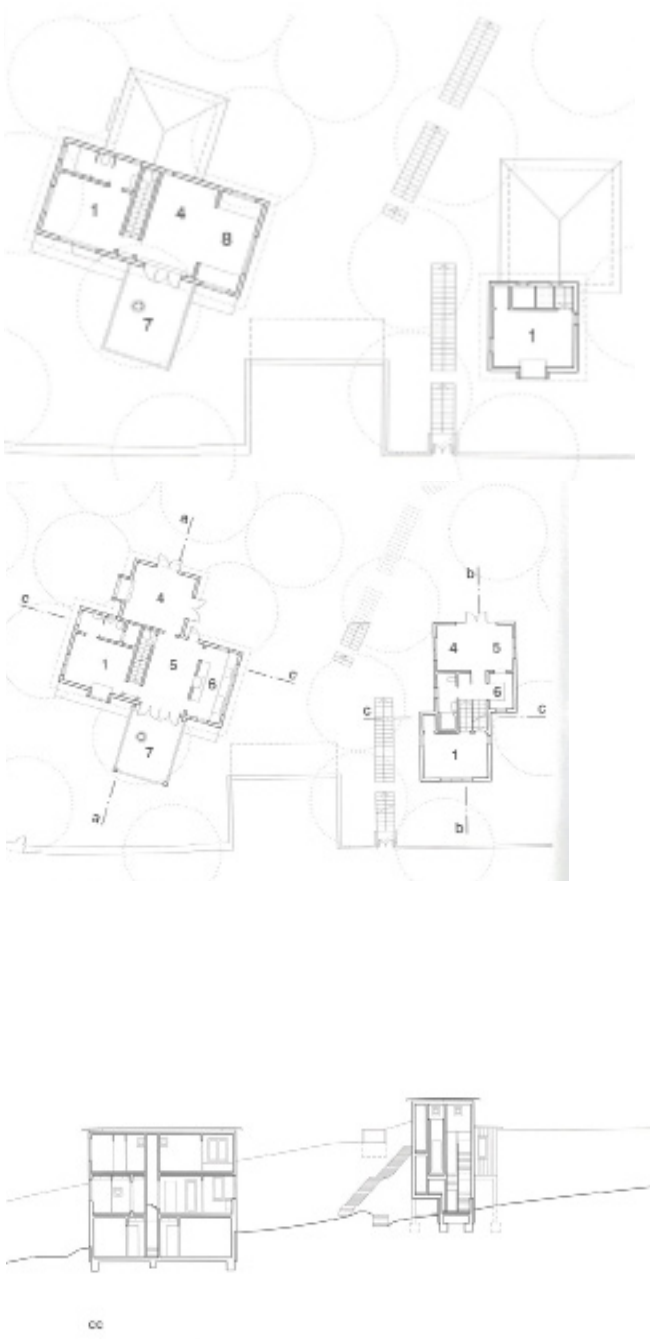
©Atelier Tezuka

DUAS CASAS DE CORTIÇA

Ateliê López Rivera Arquitectos, Girona, Espanha, 2012-2016

© José Hevia

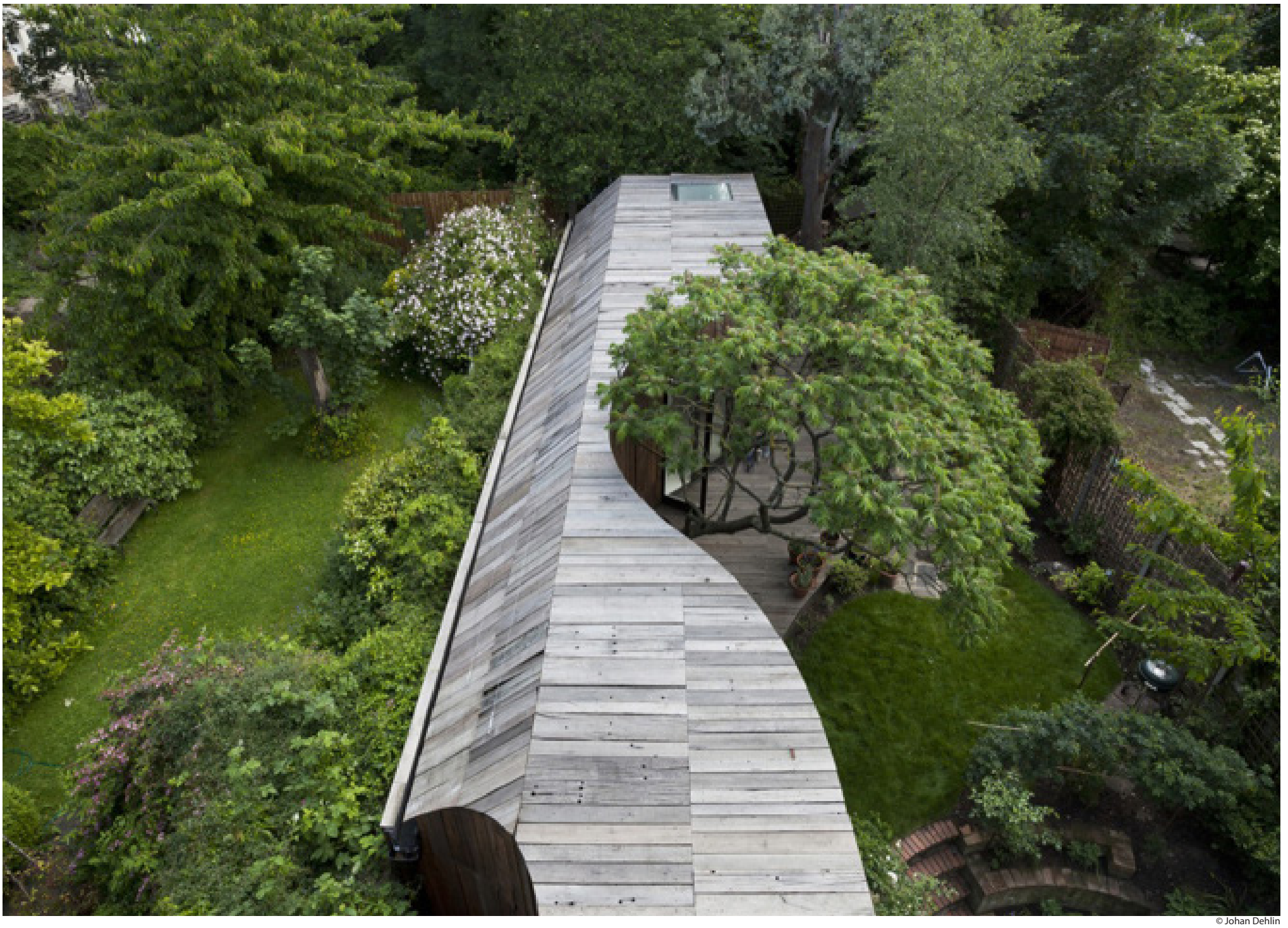
As duas casas de cortiça em Gautegiz, Arteaga em Espanha, cuja construção ocorreu de 2012 a 2016, são da autoria do ateliê López Rivera Arquitectos. Estas casas são utilizadas por três gerações de uma família durante as férias. A intervenção tentou modificar o menos possível o terreno irregular e íngreme do local, assim como na floresta de sobreiros, carvalhos e pinheiros. A altura e as formas destas casas foram pensadas de maneira a que estas se enquadrem no terreno e os materiais escolhidos pelos arquitetos têm como objetivo enquadrar o interior e o exterior. As casas estão assentes em lajes de betão e o exterior é todo revestido por duas camadas de cortiça isoladora que, além de isolamento, servem também de revestimento. Esta opção de material faz com que as casas se aproximem do ambiente que as envolve uma vez que neste local estão muito presentes sobreiros. Já no interior, podemos observar que as paredes são de CLT que, por ser autoportante, serve de estrutura e aproxima o interior do ambiente envolvente. A cobertura é um painel contraplacado de madeira revestido com resina fenólica. A entrada da casa maior, com uma áreade 247m2, é feita através do piso intermédio composto por uma zona de estar, uma sala de jantar, uma cozinha, um quarto e uma zona de varanda. No piso inferior, que está assente no terreno, conta com três quartos, uma arrecadação e uma casa de banho. No piso superior encontramos um quarto, uma zona de estar, um escritório e uma zona de varanda. O acesso à casa mais pequena, com uma área de 112 m2, que também está assente no terreno, assim como na casa anterior, é feito através do piso intermédio onde estão uma sala de estar e de jantar, uma cozinha, uma casa de banho e um quarto. O piso inferior é livre e conta apenas com uma casa de banho. O piso superior é composto apenas por um quarto. Os espaços de diferentes dimensões e a utilidade dos mesmos varia dependendo da relação que têm com o exterior, a relação distante com o mar, a visão dos pinheiros ou os acessos ao terreno.



© José Hevia

CASA ÁRVORE

6A Architects, Londres, Reino Unido, 2013

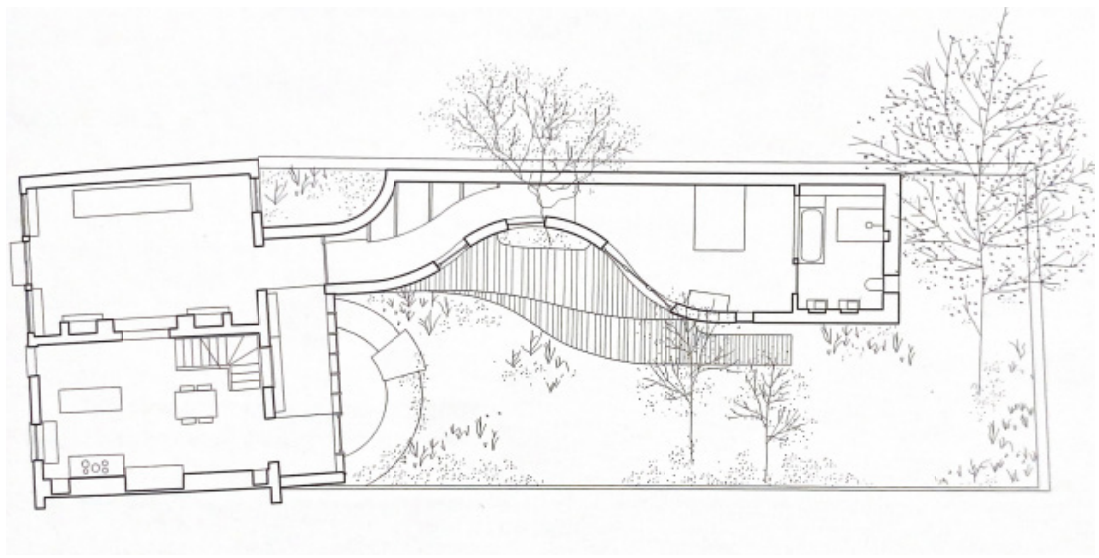


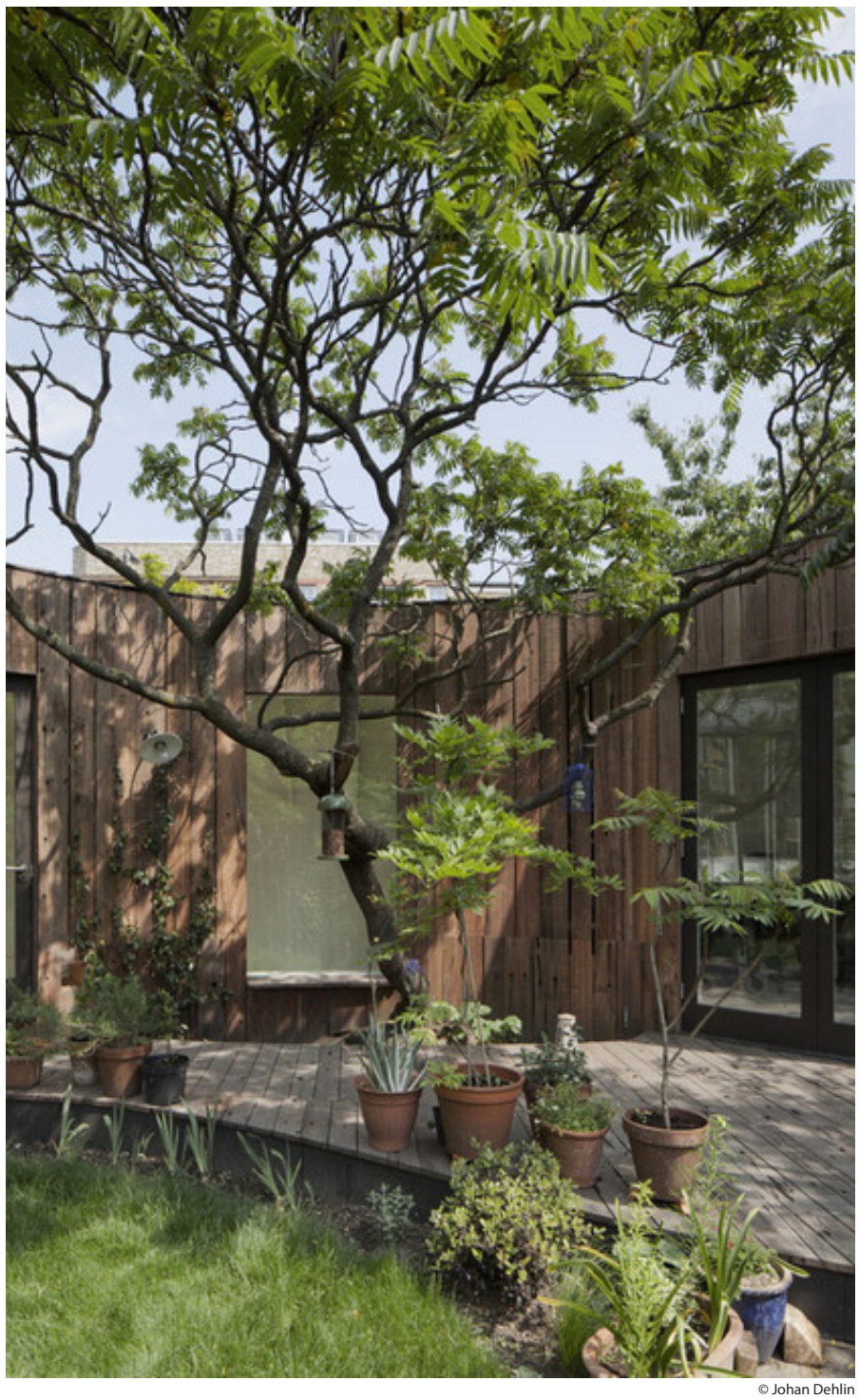
© Johan Dehlin

A Casa Árvore foi projetada pelos 6A Architects e localiza-se no leste de Londres. Em 1970 duas destas casas juntaram-se e formaram uma só. A casa pertence a um arquiteto e a uma historiadora de arte com esclerose múltipla e por uma questão de mobilidade, houve a necessidade de fazer um complemento, dando--lhe assim possibilidade de melhores condições de mobilidade.

O programa consistia em interligar estas duas casas. Fizeram uma extensão da casa original partindo da varanda que já existia. Nesta varanda foi feita uma rampa que une a cozinha da antiga casa à zona de entrada da casa Árvore. O espaço mais curto da casa tem 1,30m de largura e o motivo desta geometria deve-se à arvore já existente "Sumagre da Virginia" que se tentou preservar assim como tudo o que fazia parte do jardim. Esta era uma das condições dos proprietários.

A casa é composta por um átrio, um quarto e uma casa de banho. O atelier 6A optou por usar como material, o vidro e a madeira. O interior é pintado de branco para dar uma maior leveza à casa e ao mesmo tempo contrastar com a vegetação do jardim.





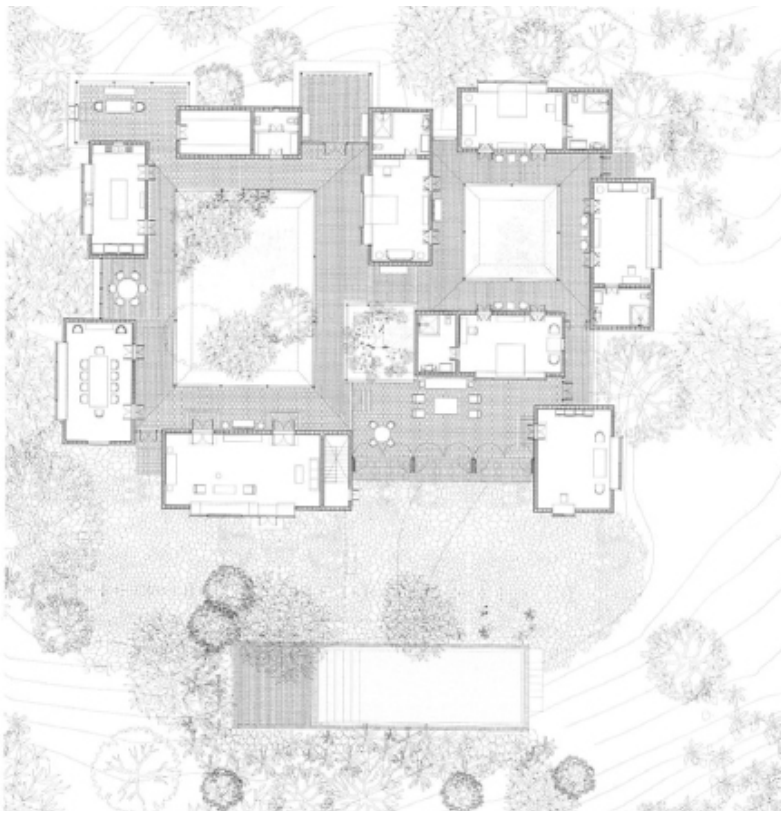
© Johan Dehlin

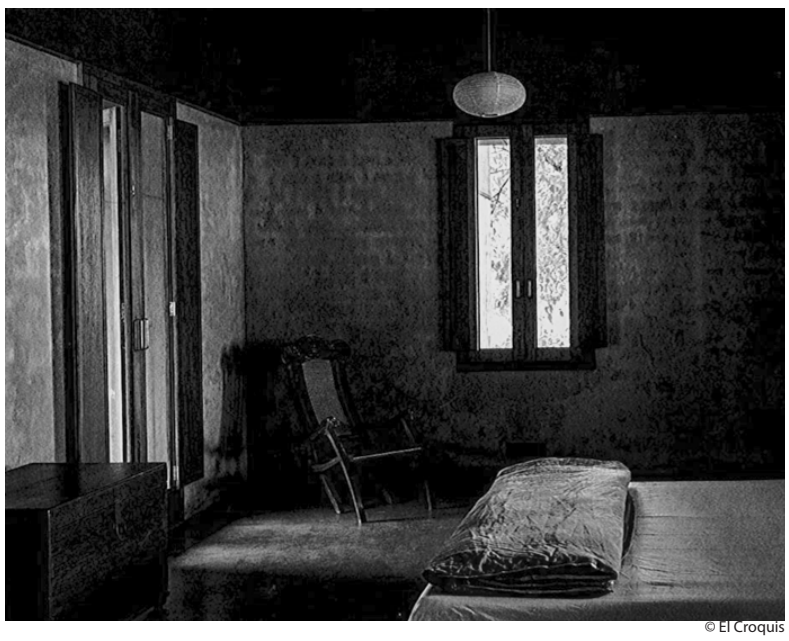
CASA CARRIMJEE

Studio Mumbai, Chondi, India, 2015 - 2016

© El Croquis

Casa Carrimjee localiza-se na aldeia de Chondi, Mahatashtra na Índia, construída em 2015 / 2016 pelo Studio Mumbai, tendo o arquiteto Bijoy Jain como fundador. A Casa foi composta por nove volumes, um conjunto de salas separadas ligadas por uma varanda, cuja disposição gera vários pátios, que variam em tamanho e grau de privacidade, as salas permitiram uma construção tipológica que se adaptam às variações do terreno, criando plataformas que organizam os espaços com diferentes altura. Os matérias utilizados na casa foram tijolo, cal e madeira. A Casa Carrimjee possibilitou criar uma fluidez entre o interior e o exterior, e estabelece uma relação direta com paisagem.





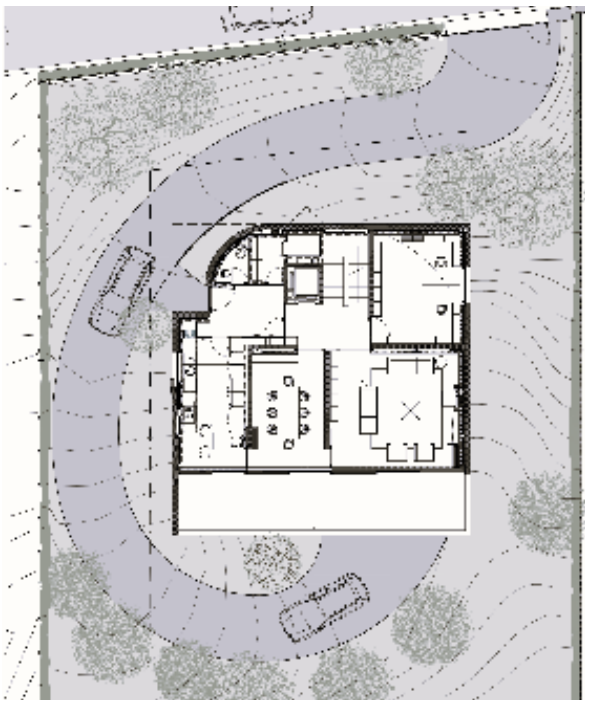
© El Croquis

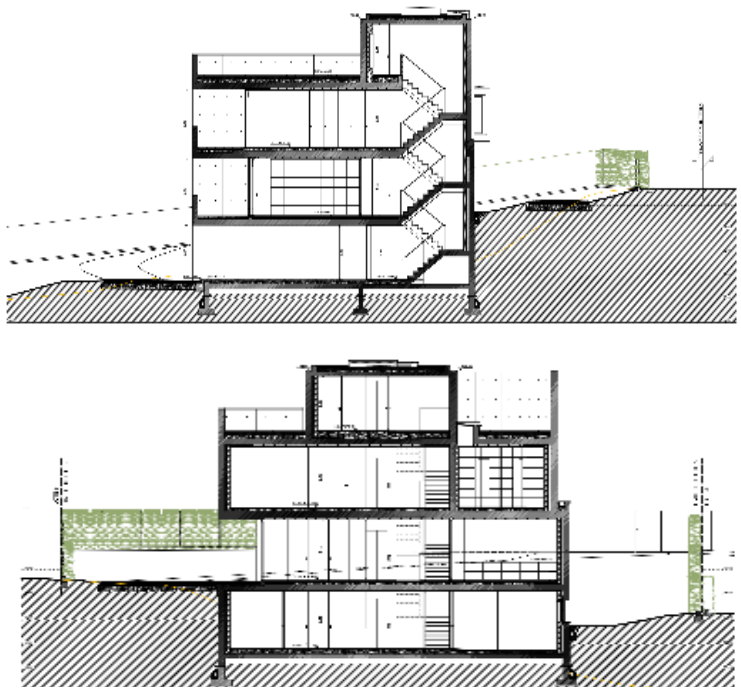
CASA EM OEIRAS

Eduardo Souto de Moura, Oeiras, Portugal, 2020

© Souto de Moura

Projetada pelo Arquiteto Eduardo Souto de Moura, localizada em Oeiras, implantada sobre uma colina com vista a Sul para a cidade e estuário do Tejo. Com uma composição volumétrica elementar construída em um único material (Betão). As fachadas a Norte, Este e Oeste, demonstram uma fraca relação com o exterior, situação inversa dá-se com a fachada Sul, com vãos instalados de uma extremidade a outra. A casa é constituída por 4 zonas fundamentais, distribuídas em 4 pisos, provida com um terraço acessível para realização de atividades recreativas.





CA'N TERRA

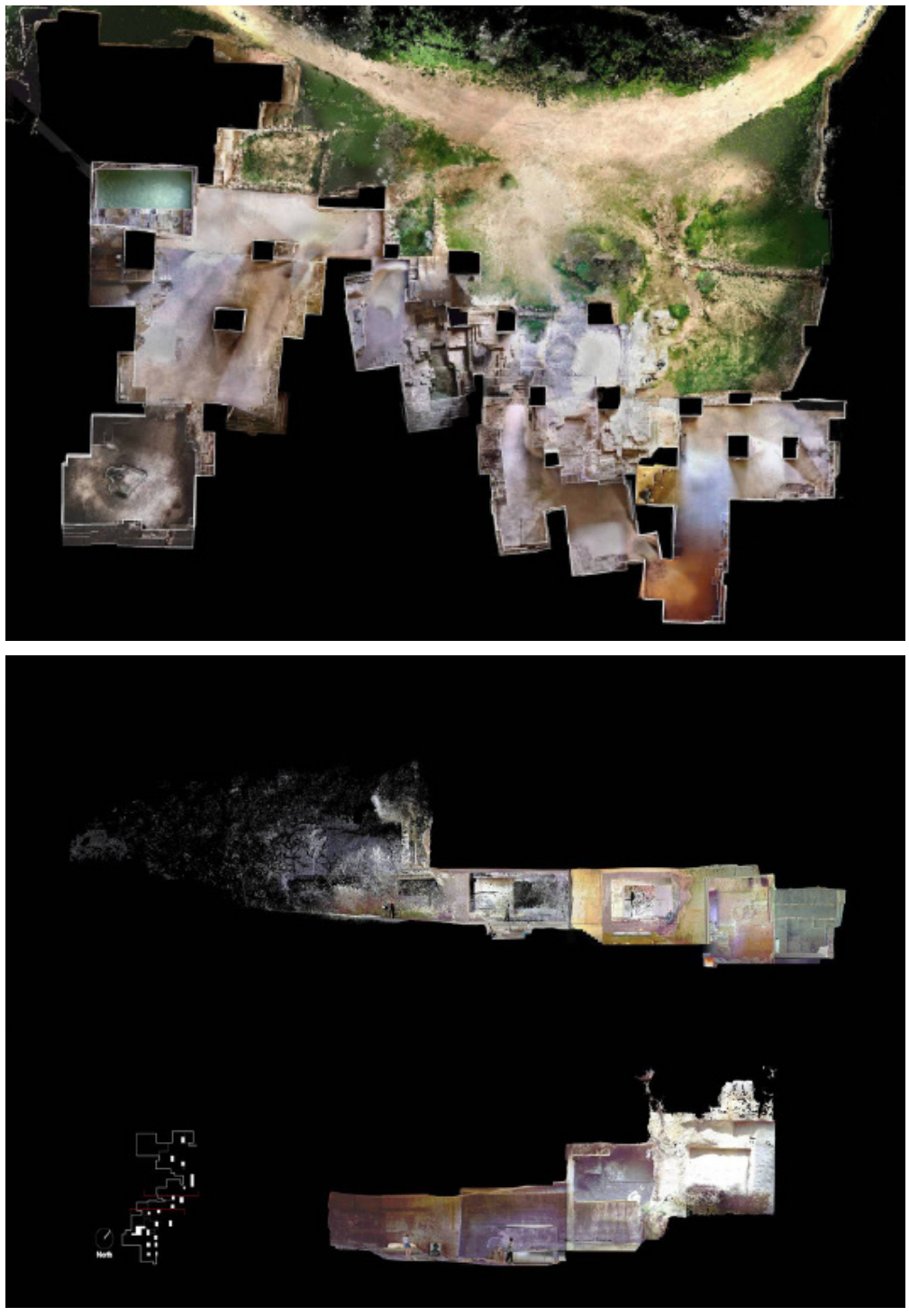
Ilha de Menorca, Espanha, 2018-2020

© Ensamble Studio

A Ca'n Terra House está inserida numa antiga pedreira de arenito que mais tarde viria a ser um depósito de munições utilizado pelos militares na Guerra Civíl Espanhola. Esta pedreira abadonada foi descoberta pelo casal de arquitetos que forma o Ensamble Studio que adquiriu o terreno para lhe dar um novo fim. Assim que entraram na gruta pensaram em converter a mesma num lugar para viver dando origem à Ca'n Terra que significa "casa pertencente à terra", em catalão.

Esta casa tem 1000 metros quadrados. Os Ensamble Studio abriram 3 clarabóias nas zonas mais escuras da gruta de forma a permitir que a luz natural pudesse penetrar e que a casa ventilásse naturalmente. Limparam todas as áreas e, através da pedra mãe misturada com cimento, fizeram algumas alterações como o pavimento e algumas escadas para tornar o espaço circulável. Também todos os sistemas mecânicos estão integrados na laje e nas paredes cobertos com a nova pedra, de forma a tudo se fundir. Foram instalados painéis solares, uma fossa séptica e uma cisterna para permitirem ao espaço ser habitado. Os autores deste projeto decidiram colocar umas cortinas translúcidas no interior para delimitar áreas de intimidade. A casa tem espaços interiores e espaços exteriores, espaços públicos e espaços privados que se ligamentre si. A sua disposição não é fixa, cada pessoa que entra na mesma pode atribuir uma função a cada espaço escavado. A casa possui pouco mobiliário, um lavatório, uma mesa de trabalho e uns colchões dobráveis que se podem deslocar de divisão em divisão. Existe também uma rede presa entre dois dos pilares esculpidos naturalmente na gruta. Na zona mais funda da antiga pedreira, os arquitetos deram origem a uma piscina.

Segundo os Ensamble Studio, nesta casa "a arquitetura surge e podemos habitar" e sugerem uma "viagem ao interior da matéria" para reconhcer "a beleza dos espaços que esperam para serem vividos".



© Ensamble Studio

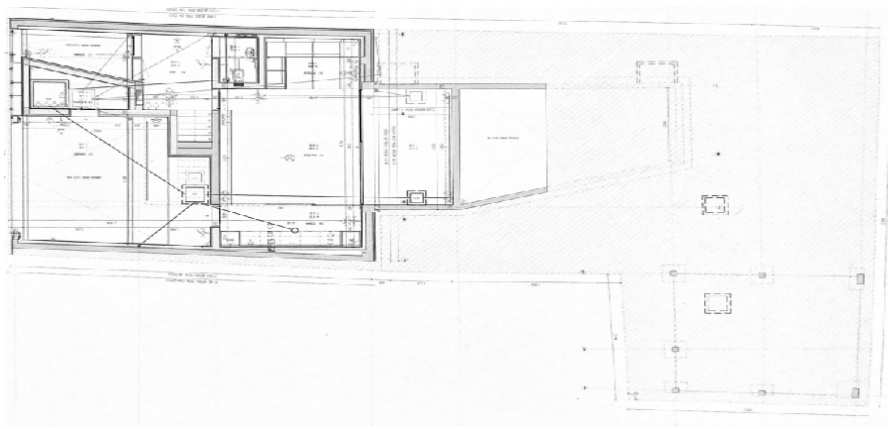
CASA BORGES

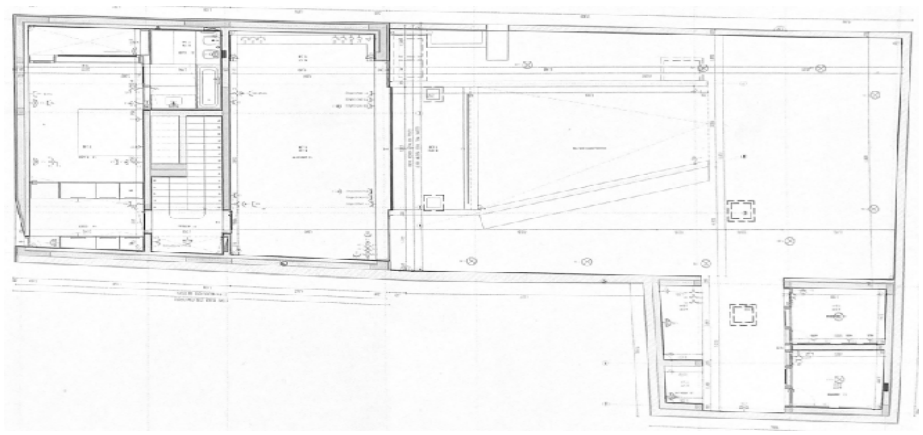
João Favila Menezes, Campo de Ourique, Portugal, 2014

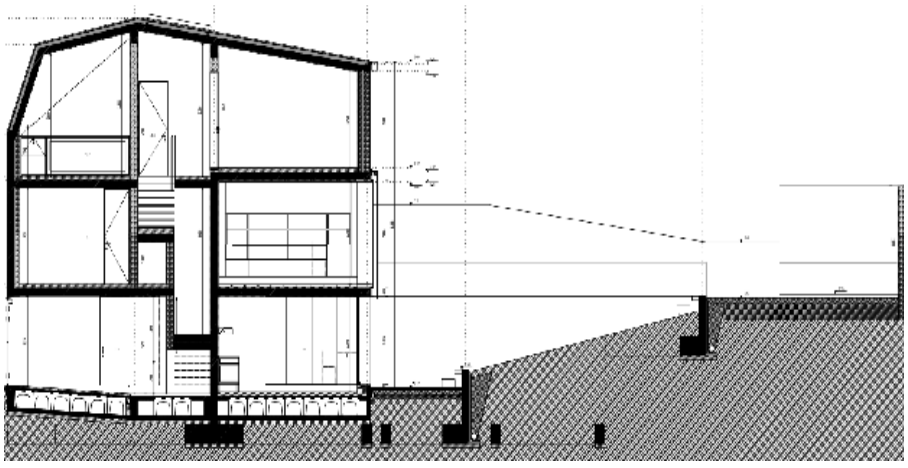
© Atelier Bugio

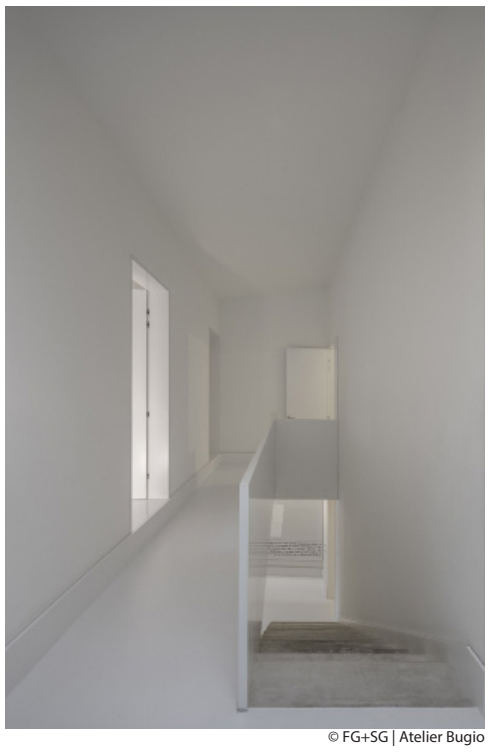
A Casa Borges foi projetada por João Favila Menezes para um casal com dois filhos em Campolide.
O projeto fez com que os principais compartimentos interiores passassem a voltar-se para um único espaço: o logradouro. Este passou a ser o espaço principal da casa.
A entrada da casa faz-se através de um átrio aberto ao céu, e no interior encontramo-nos no piso inferior da casa, com uma grande sala de refeições separada da cozinha por portas de correr de alumínio, e, é aberto ao jardim, o seu acesso é através de um grande vão constituido por duas folhas de alumínio.
O primeiro piso é destinado ao casal, com uma sala de estar com vista para o jardim, as paredes parecem desaparecer, e a relação com o jardim é exaltada a partir de uma janela de grande dimensão, de caixilharia oculta em aço. O acesso ao quarto principal é por um pequeno closet que contem um vão. Este é o unico vão existente na fachada principal. Já os vãos do quarto são ligados ao pequeno átrio.Por fim, o segundo piso é atribuído aos filhos do casal, com uma sala de estar de um lado e um corredor onde cada um dos filhos tem o seu próprio quarto, ambos com vista para o jardim, e casa de banho, com um closet a separar os quartos.

O logradouro, tornou-se de tal modo importante no projeto que não seria suficiente que se relacionasse diretamente apenas com um dos pisos da casa e por isso através de outra ligeira inclinação, passa a relacionar-se intimamente com a sala de estar no primeiro piso. Deste modo o logradouro gera um universo privado, segue uma ideia simples: a continuidade, para isso a relação entre os vários pisos da casa, criam uma circulação orgânica dando a sensação de que o jardim e a casa se completam.





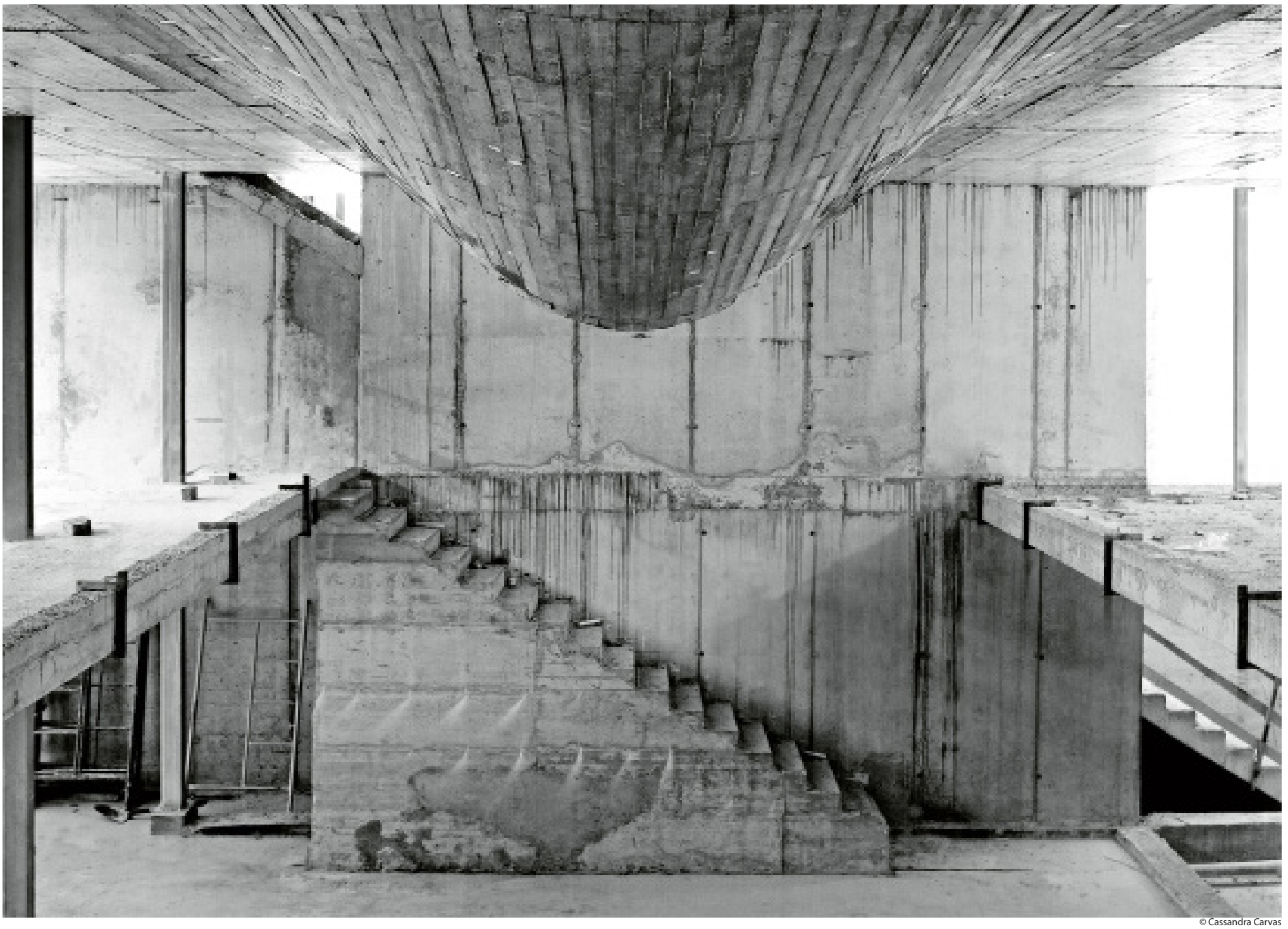




© FG+SG | Atelier Bugio

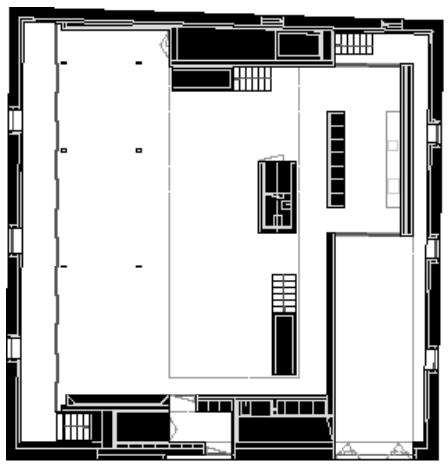
HOUSE IN BARREIRO

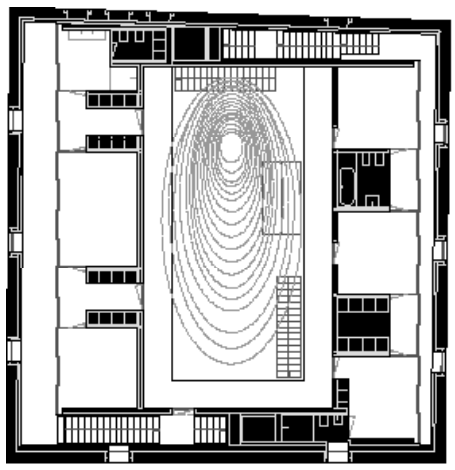
Aires Mateus, Barreiro, Portugal, 2011-2021

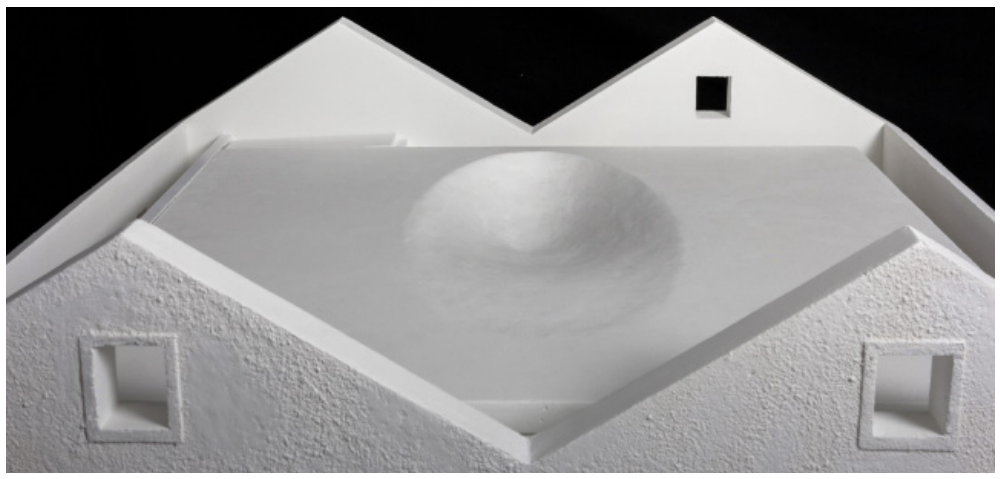


© Cassandra Carvas

The project is located in the town of Barreiro, in Setúbal, on the outside preserves the original structure, the ruin appearance and the traces of the past are maintained, two old warehouses unified into a single space. While on the inside an intermediate perimeter space controls the transition between the historic shell and the re-built inside. As soon as the interior is entered the space is defined by the swimming pool volume, the double hight area allows the bold gesture to be visible from the interior, because the concave tank of the swimming pool becomes the living room ceiling. The accessible roof folds to form the swimming pool, crating the illusion as if the weight of the water has given its form. The house is defined within this space by the relationship with the pool volume and the existing walls.

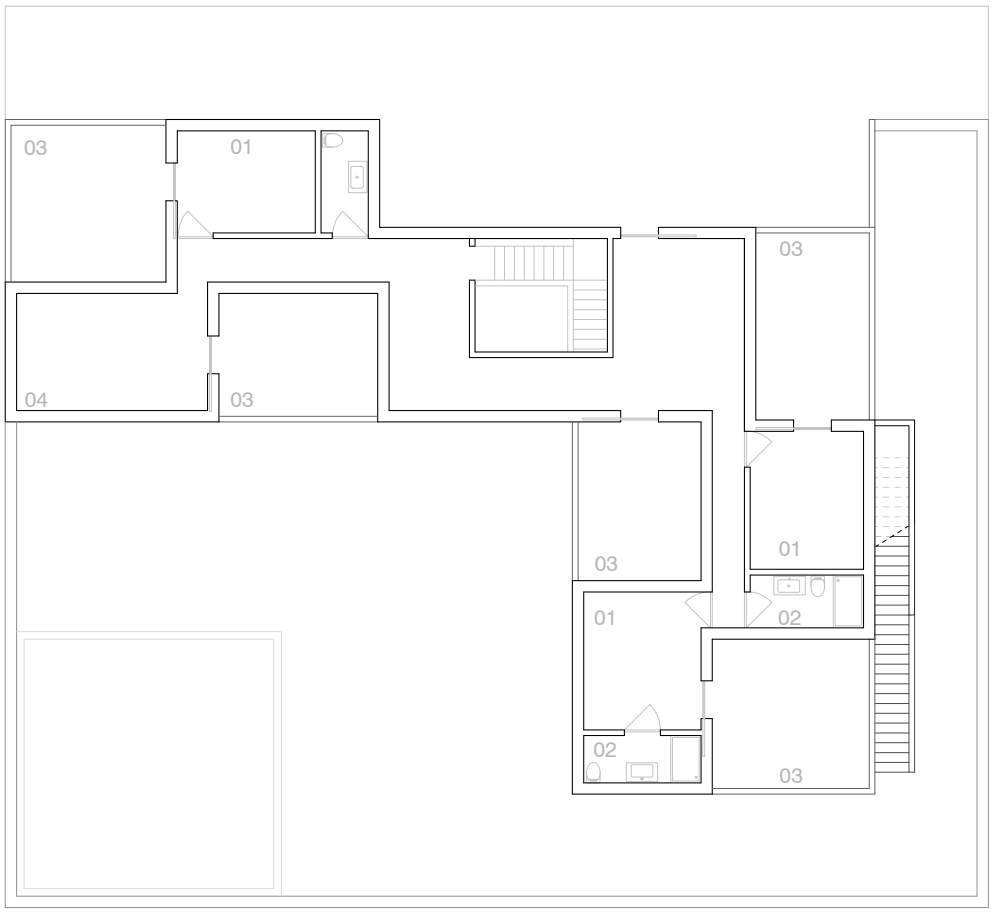


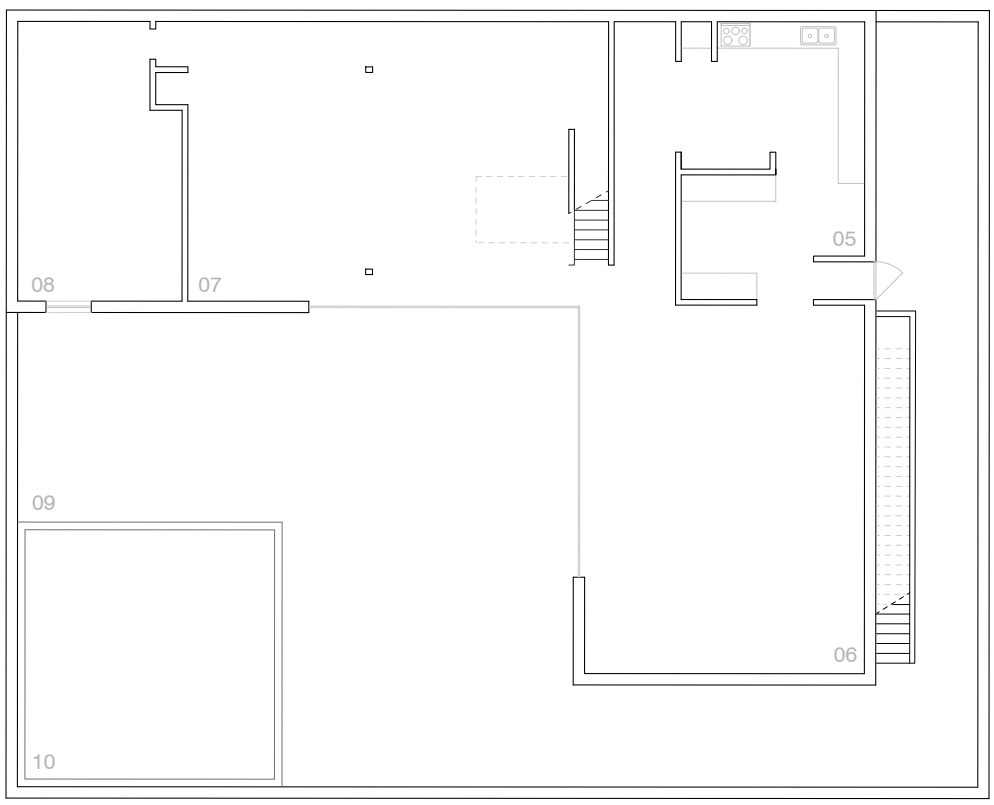




© Aires Mateus

CASA HÍBRIDA

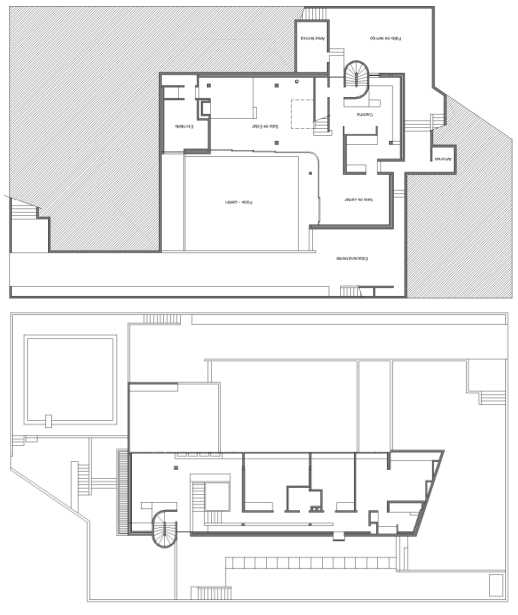




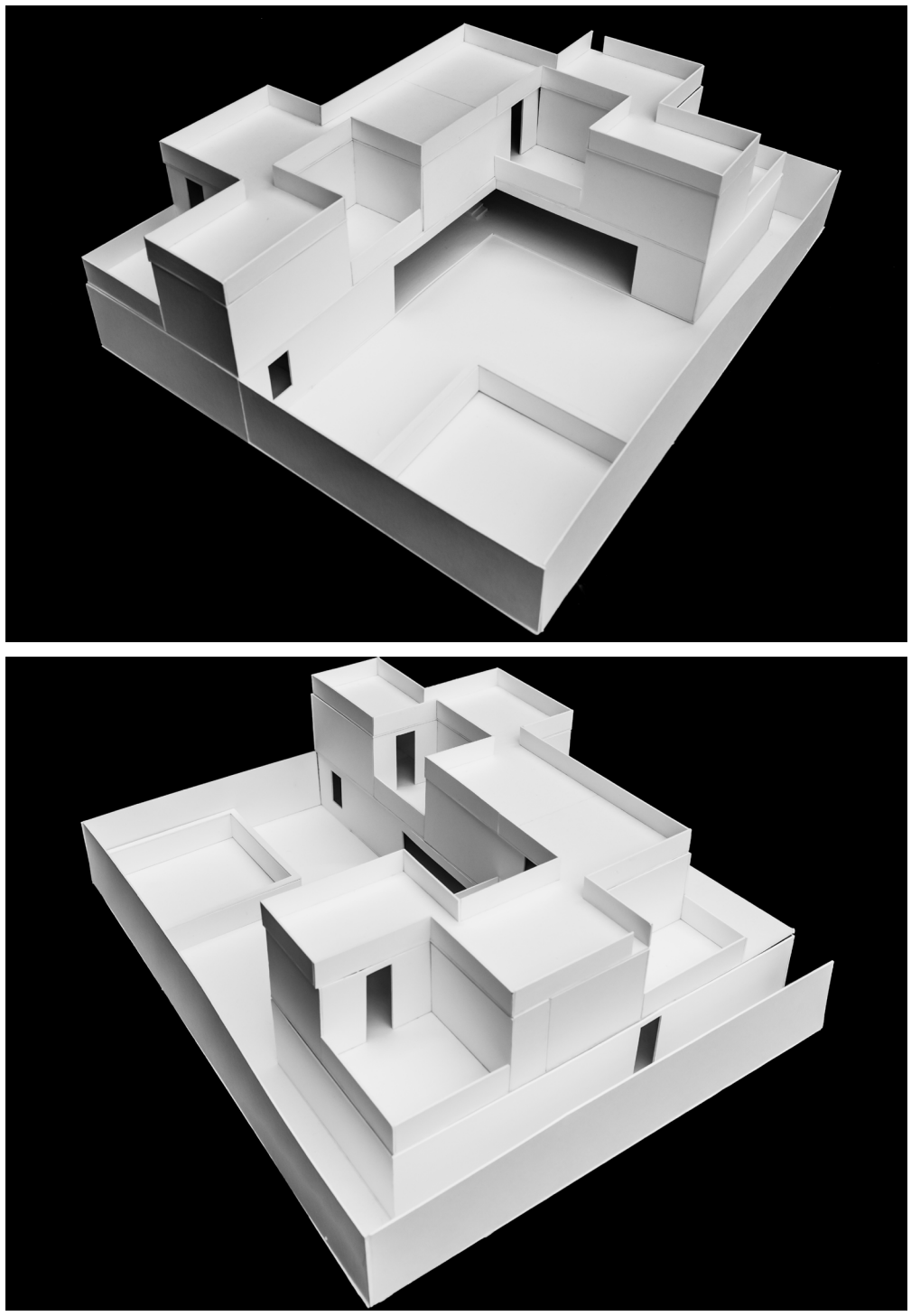
01- Quarto
02- Instalação sanitária
03- Terraço
04- Sala
05- Cozinha
06- Sala de jantar/estar
07- Sala de estar
08- Escritório
09- Espaço exterior
10- Espelho de água

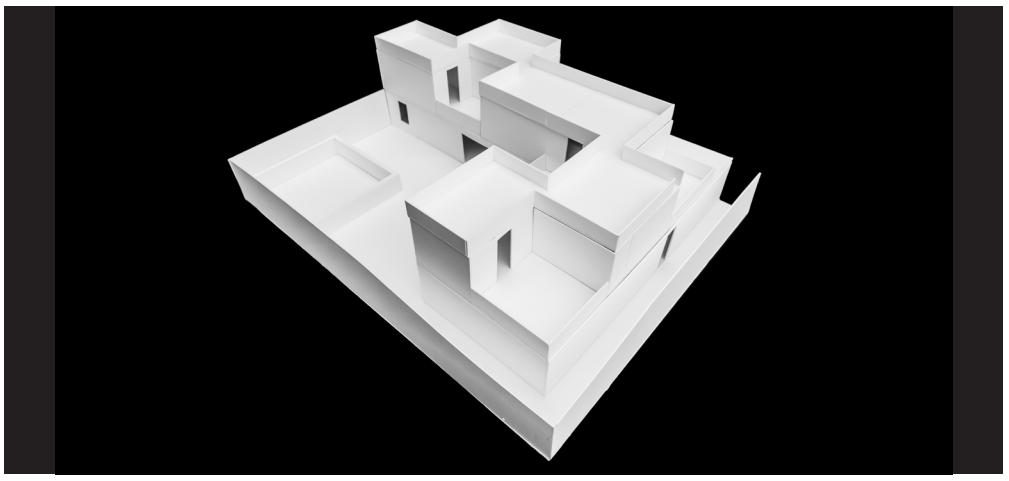
A Casa Híbrida surge a partir da união de elementos da Casa Martins dos Santos, do arquiteto Manuel Tainha e da Casa Queimada, do arquiteto Ricardo Bak Gordon. A Casa Queimada consiste num jogo de cheios e vazios, no qual os vazios representam os três terraços privados, que dão apoio aos quartos e os cheios representam a área comunitária. É constituida por dois pisos. No piso térreo situam-se as áreas públicas e a sala em open space. No piso superior situa-se a zona privada da casa onde se encontram os três quartos, cada um com o seu terraço, de modo a enfatizar o contraste entre o programa comunitário e privado. A Casa Martins dos Santos, procura um caráter defensivo em relação à envolvência, uma casa que só se podia fechar ao seu entorno e viver dos seus diversos e próprios enredos, a partir do seu programa específico, à medida dos seus habitantes. Uma casa em luta com o lugar, a tentar construir uma outra realidade. É constituida por três pisos existentes, a entrada, faz-se pelo piso intermédio dos quartos. No seu interior encontra-se uma sala informal aberta sobre a grande sala do piso inferior, espaço esse comunicante para a plataforma ajardinada, ao nivel da pequena piscina

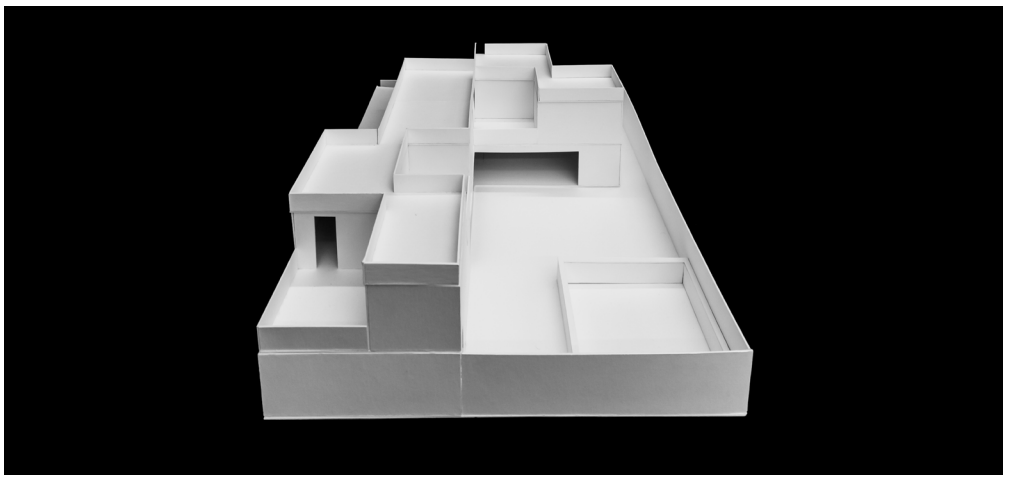
Casa Queimada, Ricardo Bsk Gordon, 2002-2007

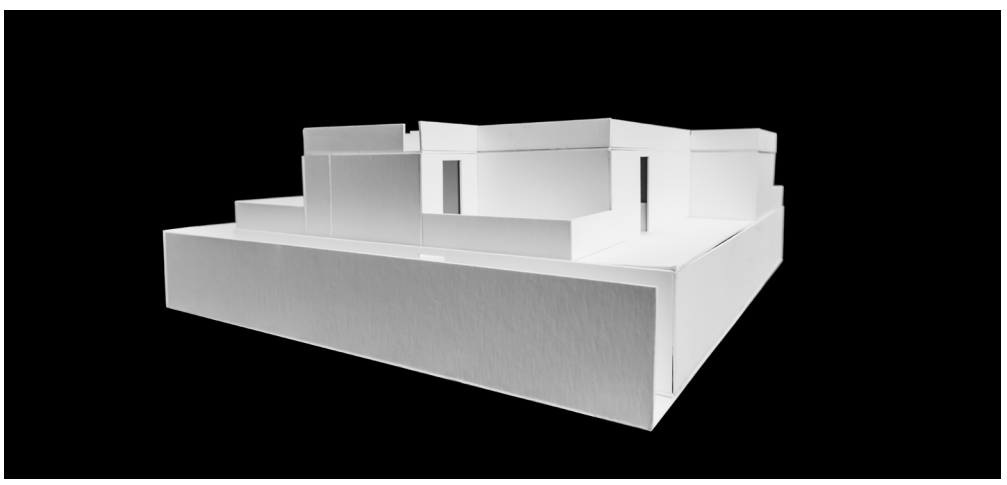


Casa Martins dos Santos, Manuel Tainha, 1971-1975

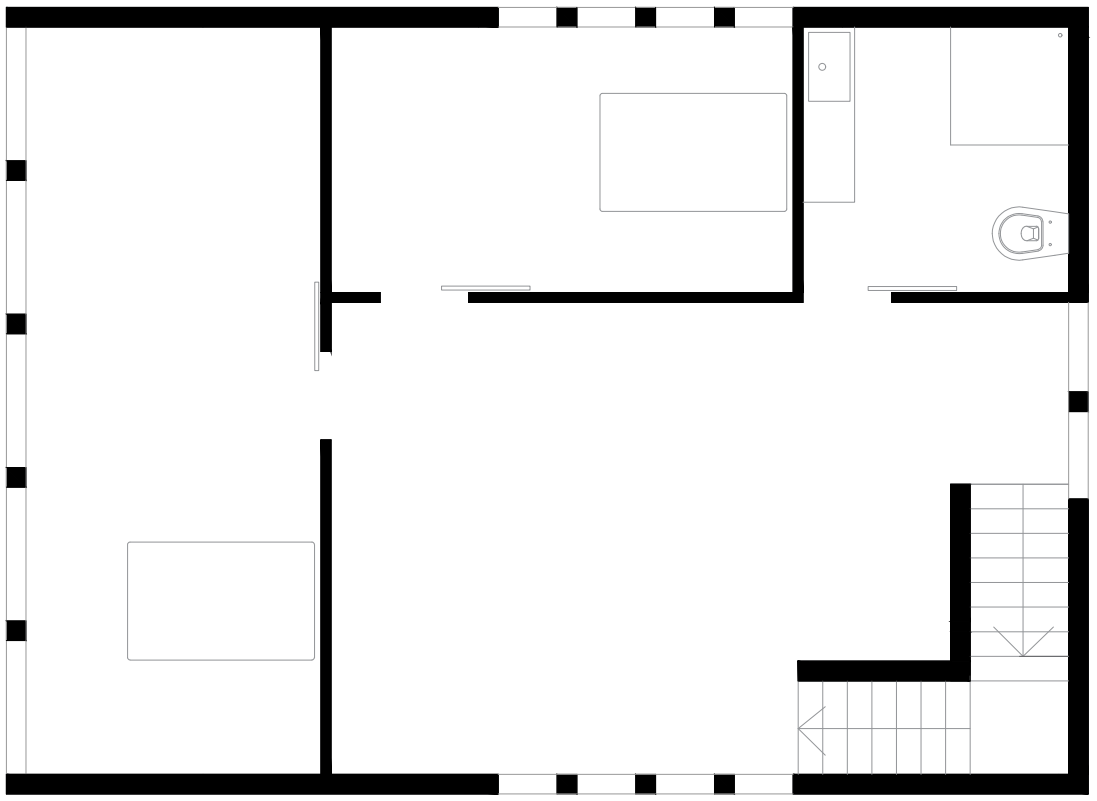




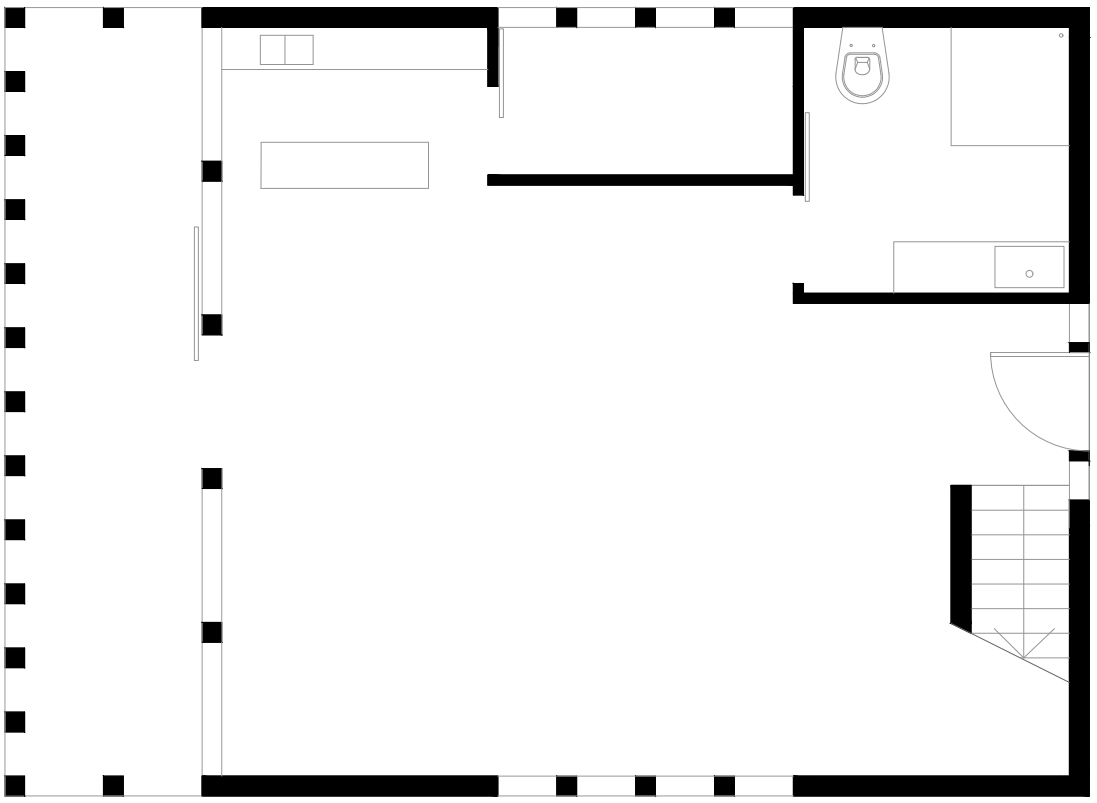




exterior. O acesso ao piso inferior faz-se através de umas escadas sobre uma zona de duplo pé-direito da sala, parte da casa organiza-se em L, em torno de um pátio ajardinado, que funciona como uma extensão da sala de estar e de refeições, a qual comunica com a cozinha. No último piso localiza-se o terraço, no qual se faz a ligação por umas escadas helicoidais. A Casa Híbrida conserva a geometria e as mesmas dimensões da Casa Queimada, rebatendo a mesma forma, formando um L, uma das caraterísticas da Casa Martins dos Santos, procurando um caráter defensivo em relação à envolvência. O programa habitacional é constituido por dois pisos. A entrada é feita pelo piso intermédio onde se situam os quartos. No seu interior encontra-se uma sala informal, aberta sobre a grande sala do piso inferior. O acesso ao piso inferior é feito por umas escadas sobre uma zona de duplo pé-direito da sala. Parte da casa organiza-se em L, em torno de um pátio ajardinado, como uma extensão da sala de jantar e da sala de estar, a qual comunica com a cozinha. Nesse mesmo piso, ainda se encontra um escritório. O acesso à açoteia é feito por via de umas escadas, que se situam numa das fachadas laterais.

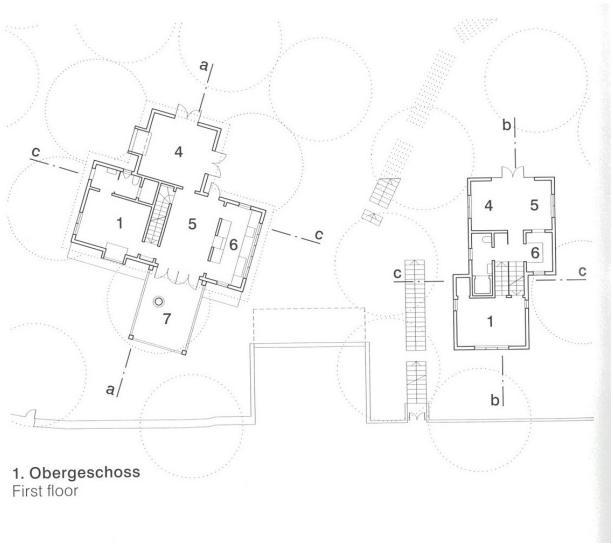


0 2

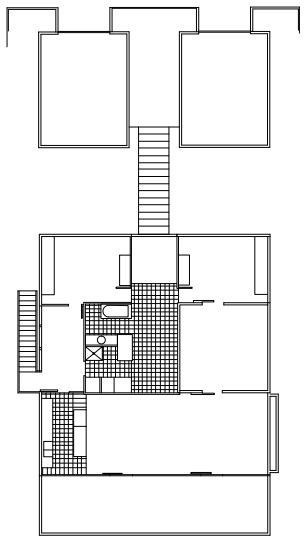


0 2

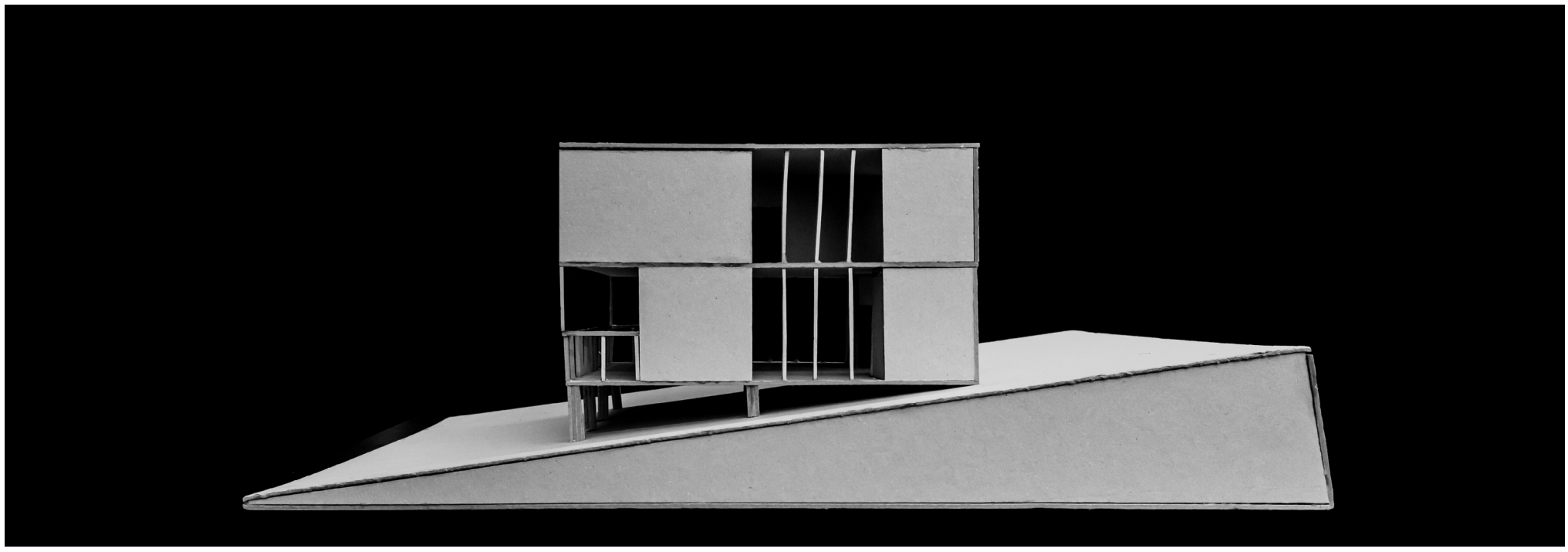
A casa híbrida resulta da junção da Casa Hunt, do arquiteto Craig Ellowood, com as Duas Casas de Cortiça dos Lopes Rivera Arquitectes. Da primeira casa identificou-se como características a plataforma palafítica sobre a qual está apoiada, por isso pode ser chamada de casa suspensa, e as fachadas evideaçadas ao longo do piso premitem uma relação mais direta entre o interior e o exterior. As Duas Casas de Cortiça, no entanto, contam com três pisos cada uma e uma grande capacidade de se misturarem na envolvente pelos materiais escolhidos para a sua construção que, além disso, permitem que as suas paredes sejam autoportantes. Assim a casa híbrida conta com uma plataforma palafítica e a transparência presente na Casa Hunt através das várias zonas envidraçadas, e com uma adição de pisos proveniente das duas casas de cortiça, contando assim com dois pisos.

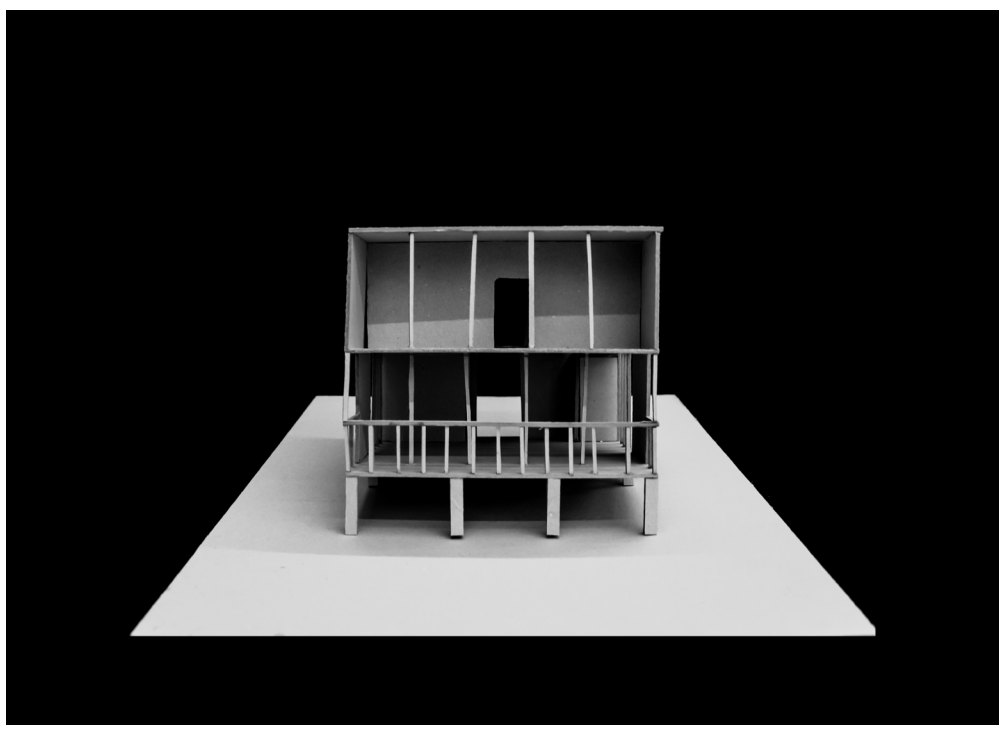


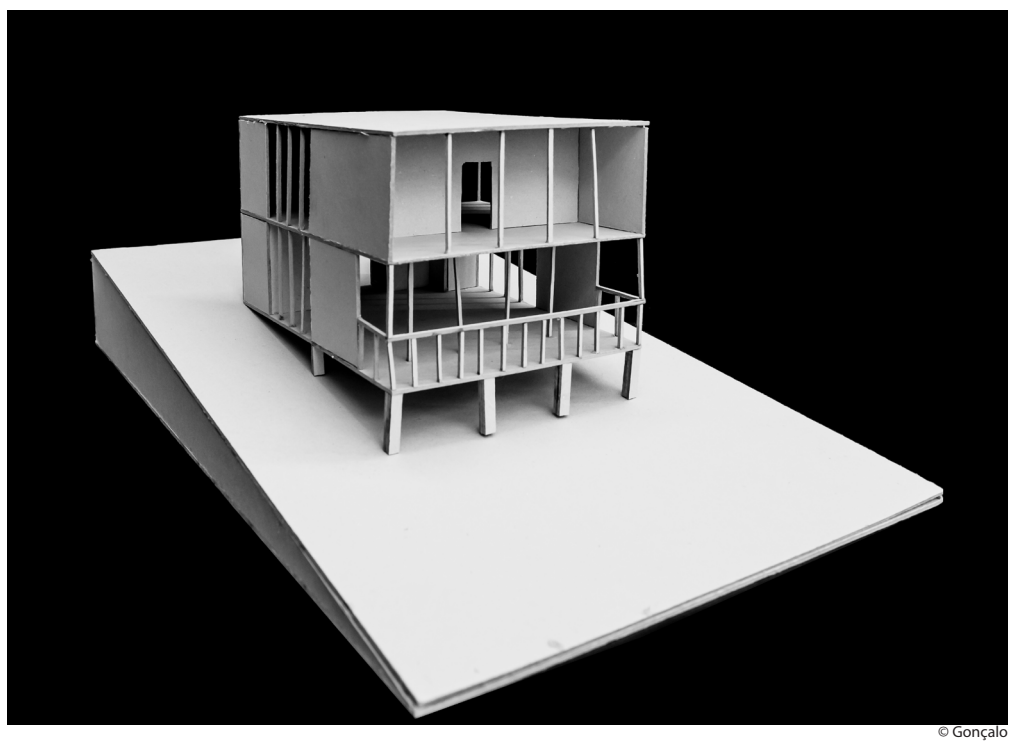
Duas Casas de Cortiça, Girona, Espanha, 2012-2016. Ateliê



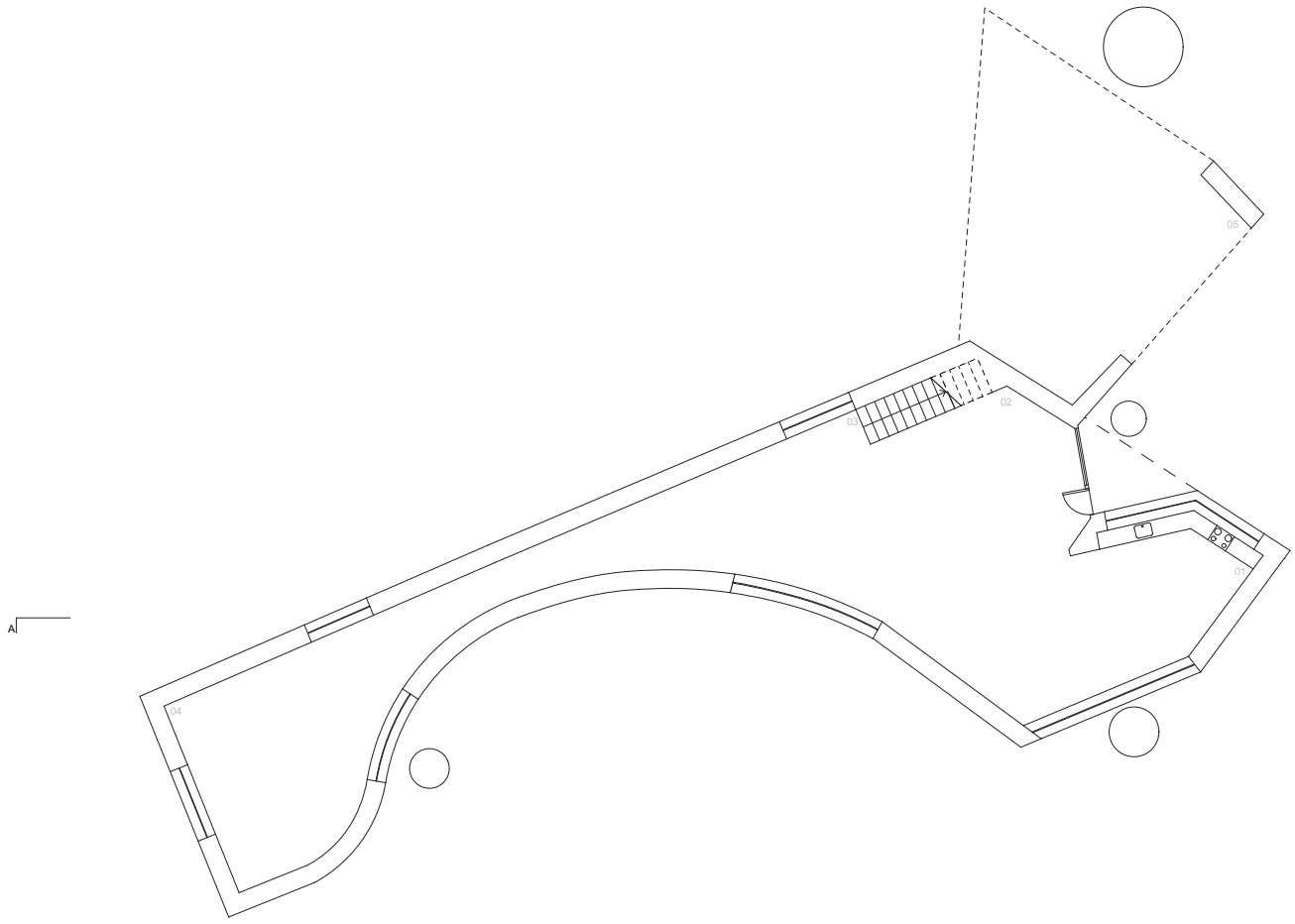
Casa Hunt, Malibu, EUA,1955-1957. Craig Ellowood



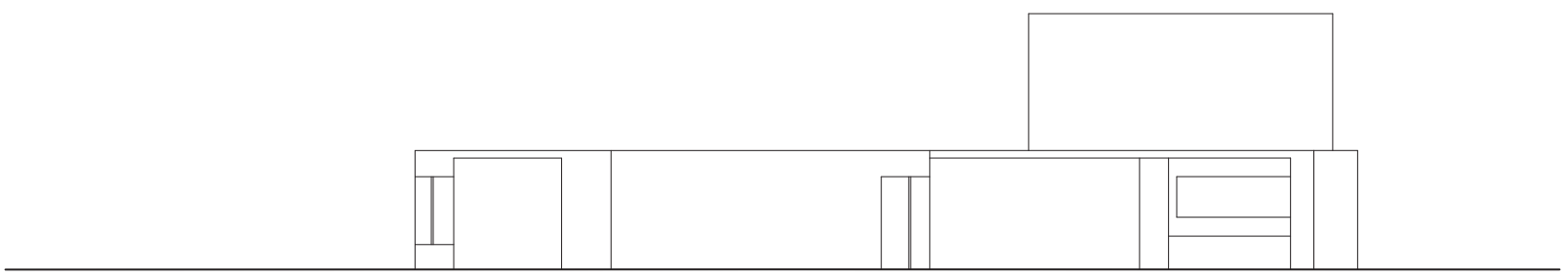




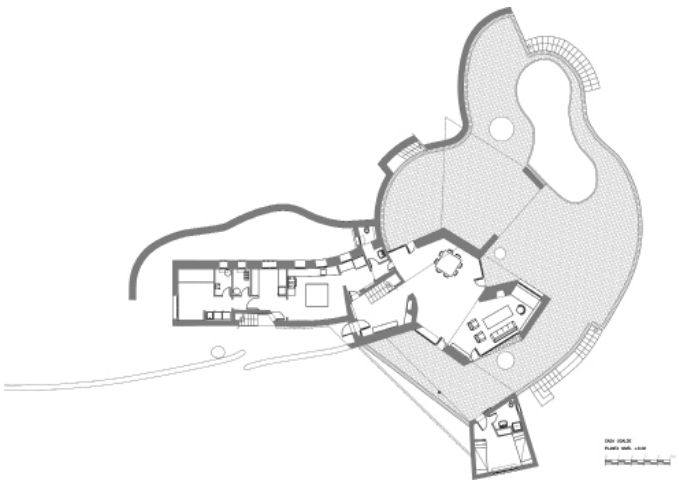
© Gonçalo



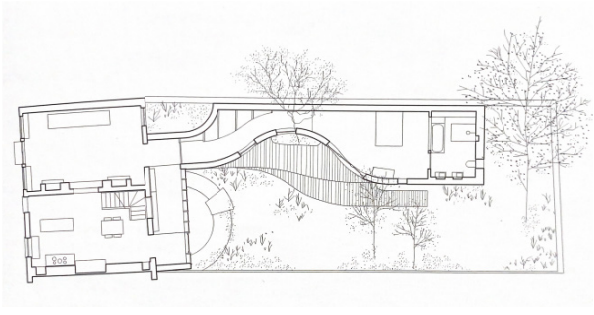
01- Cozinha
02- Sala de Estar
03- Escadas de Acesso
04- Quarto
05- Quarto (Piso Superior)



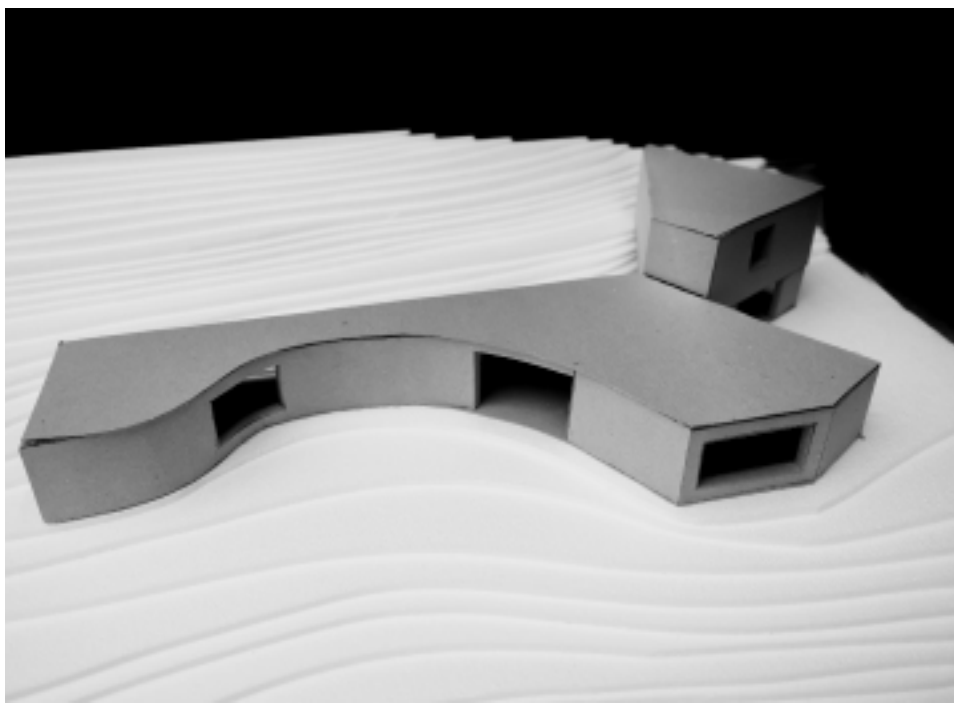
Pretendi com este projeto, Casa Híbrida, trazer o que há de melhor na Casa Ugalde e na Casa Árvore.
A Casa Ugalde foi construída com base na topografia do terreno, para isso foi necessário construir vários muros de contenção que se foram adaptando às curvas de nível.
A Casa Árvore foi uma extensão da casa original partindo da varanda que já existia. O espaço mais curto da casa tem 1,30m de largura e o motivo desta geometria deve-se à arvore já existente "Sumagre da Virginia" que se tentou preservar assim como tudo o que fazia parte do jardim.
A Casa Hibrida manteve o volume do quarto principal da Casa Ugalde que se liga ao terraço, permitindo observar o mar. O projeto tem o mesmo espaço de 1,3 m de largura, ligados a outro quarto de janelas envidraçadas viradas para o jardim, este espaço forma uma cauda, como acontece na Casa Árvore.

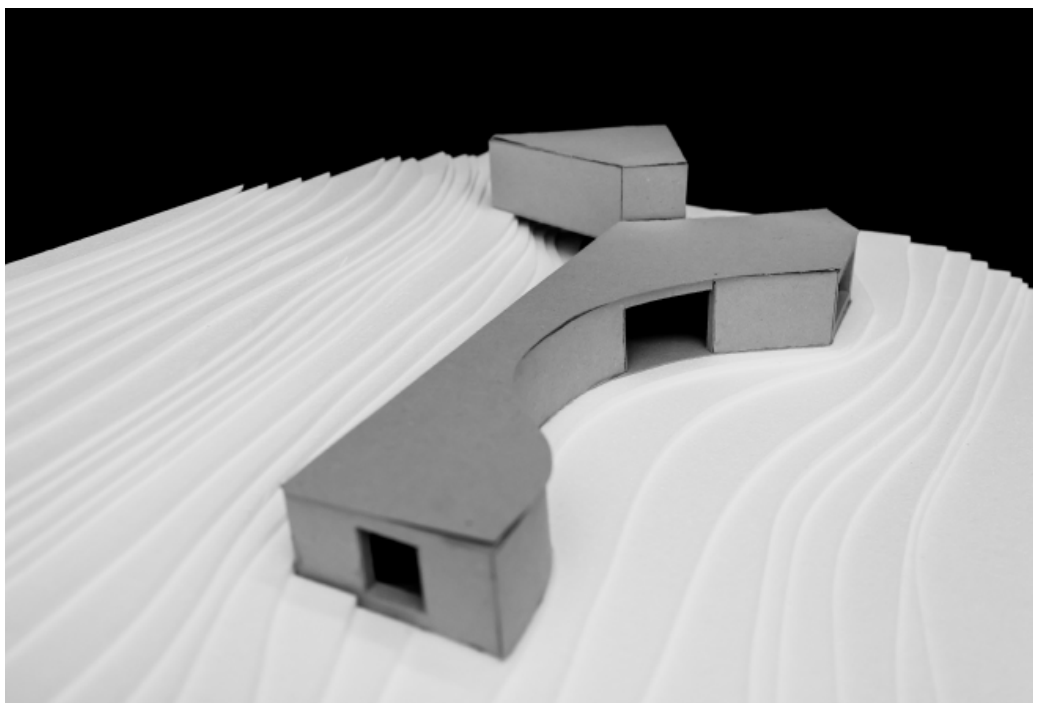


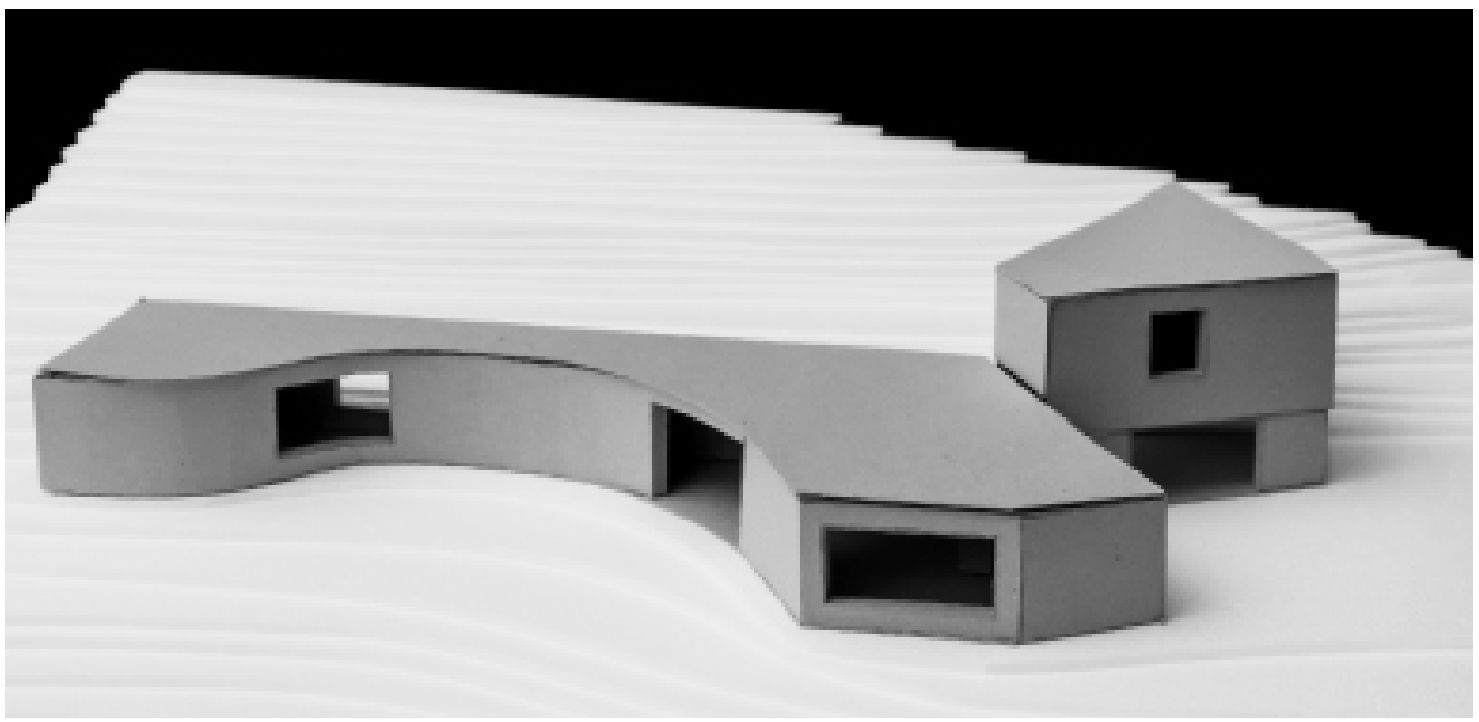
Casa Ugalde, José António Coderch, 1950-1951



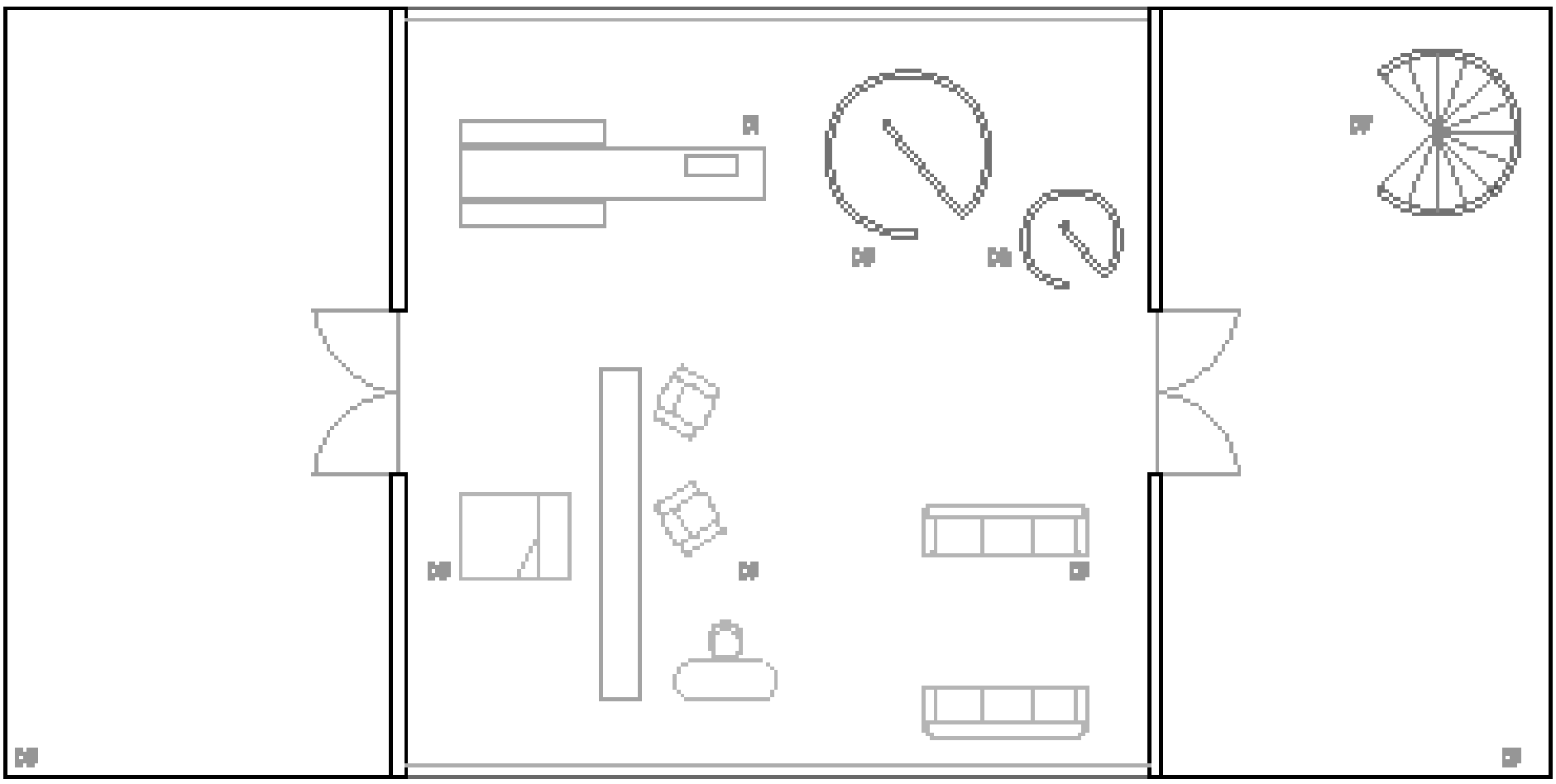
Casa Árvore, 6A Architects, 2013

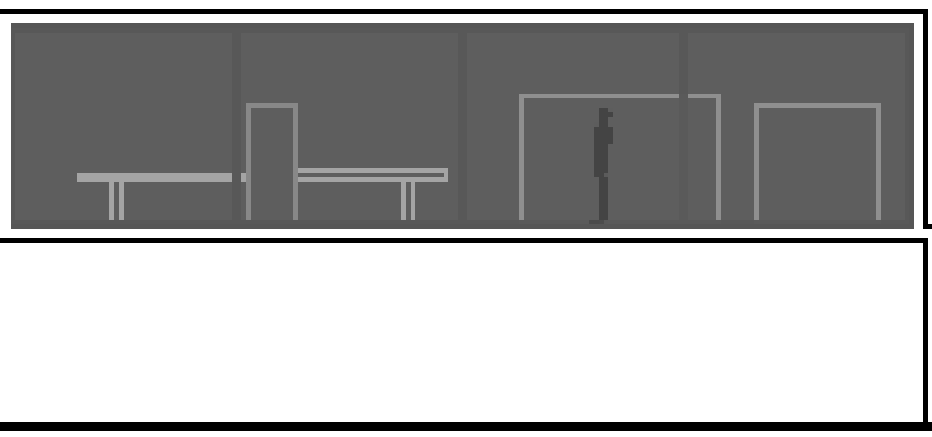




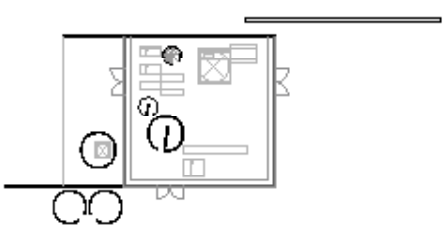


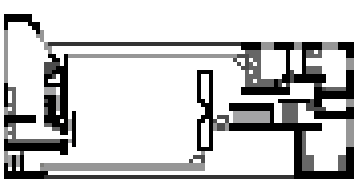
© Gonçalo

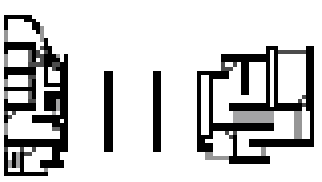




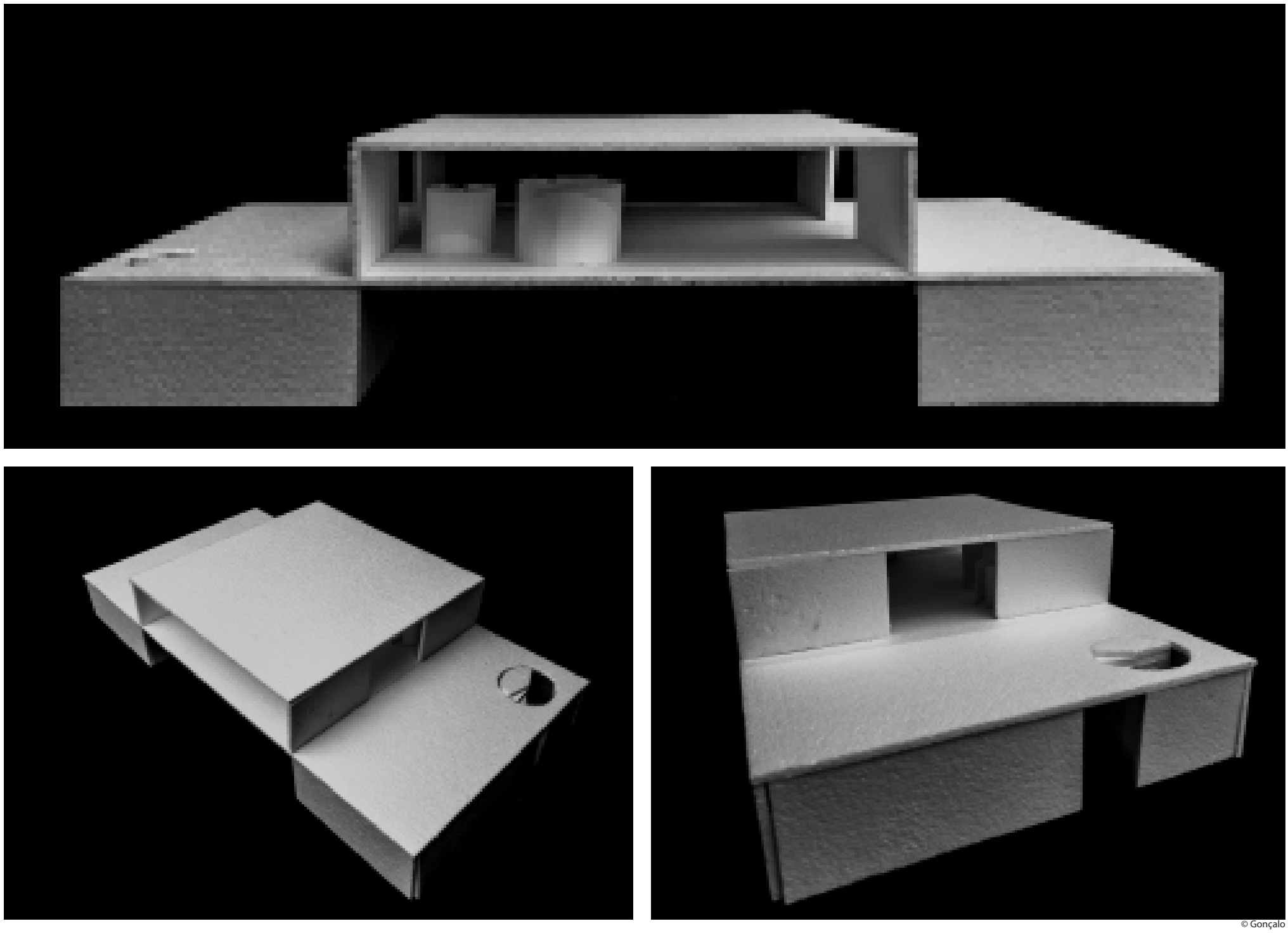
A proposta para o projeto Casa Híbrida tem como base a Casa Vandenhaute, do arquiteto Juliaan Lampens e a Casa Resor , do arquiteto Mies van der Rohe.
A Casa Vandenhaute tem uma planta livre, os vãos em vidro e três cilindros em betão, que agregam a zona do banho, as instalações sanitárias e as escadas de acesso para a parte inferior da casa.
A Casa Resor tem o seu volume assente em duas secções, onde se concentram as áeas de serviço, os espaços socias desenvolvem-se dentro de um espaço fluido suspenso sob o rio Snake.
As casas tem caracteristivas semelhantes nas suas plantas. As casas são no entanto muito diferentes, pois a Vandenhaute parte do principio que as divisões do seu interior são delimitadas através do mobiliário, que mudam a sua funcionalidade ao longo do tempo. A Casa Resor opta por ter uma tipologia burguesa nas secções, definindo os espaços através de paredes de alvenaria, já no espaço suspenso sob o rio é utilizado o conceito de ausencia de privacidade, usando apenas mobiliário para fazer a separação entre espaços.







Sert House, Josep Lluís Sert, 1957

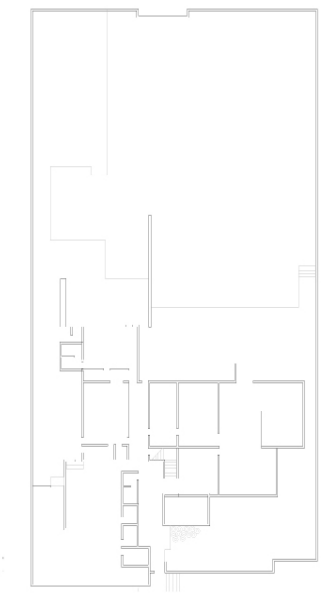


© Gonçalo

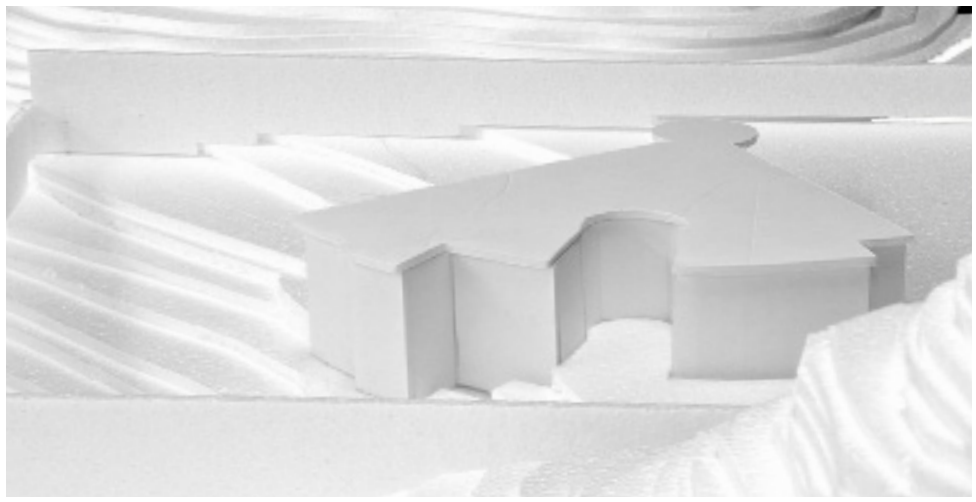
A proposta concerva a geometria , as divisões e a leveza da Casa Vandenhaute, detém a solução estutural, lage de pavimento e cobertura, da Casa Resor.

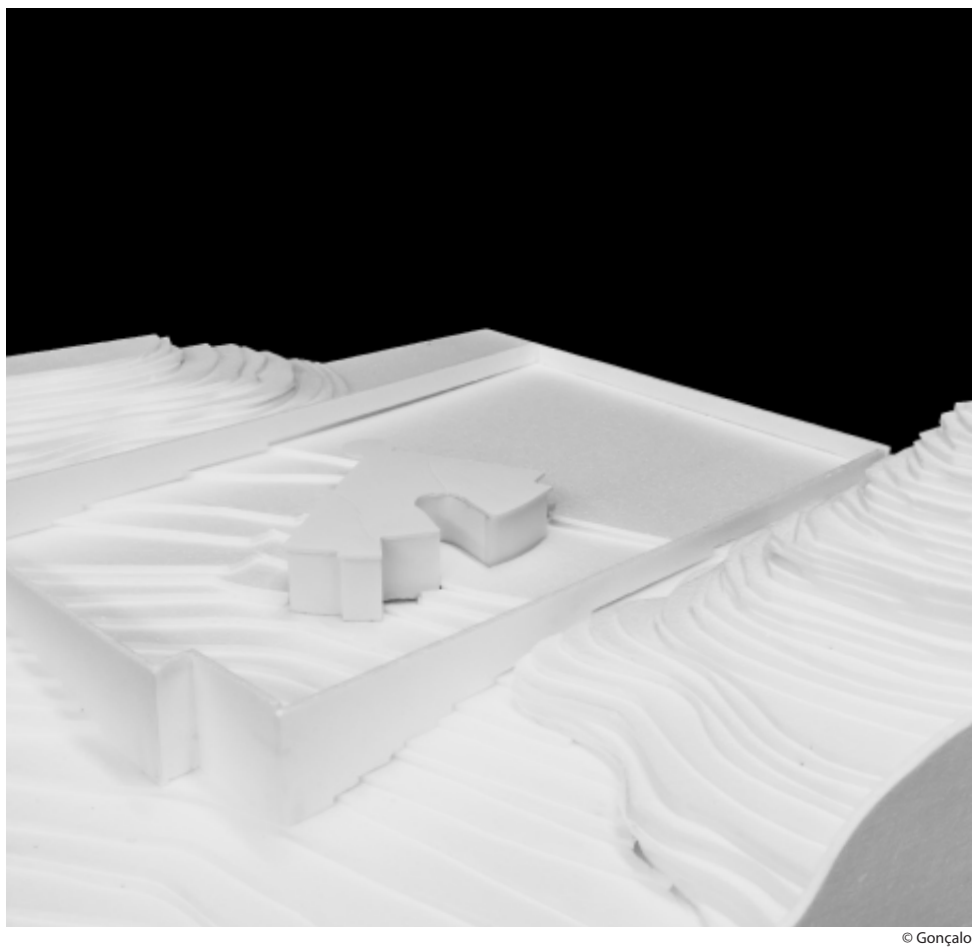
The idea of the hybrid house is very simple nevertheless conceptual. At first sight, Galvez and Hartley's houses are extremely different. Although, if to go deeper into the projects it can be considered the architects followed the same idea of paradise, where Barragan created an intimate temple inside the walls, and where Ponis gently inserted his architecture into the rocky nature of Sardinia. The central concept of this proposal consists of Galvez's wall that surrounds the Hartley House. The rotation of it relates to the rocky hills. It brings the orthogonal meaning to the spot and conservates the natural masterpiece without the full block of it. And another touch is a water tank placed instead of the patio. It remains a supplement element that builds a stronger connection with the local environment.

Hartley House, 1970

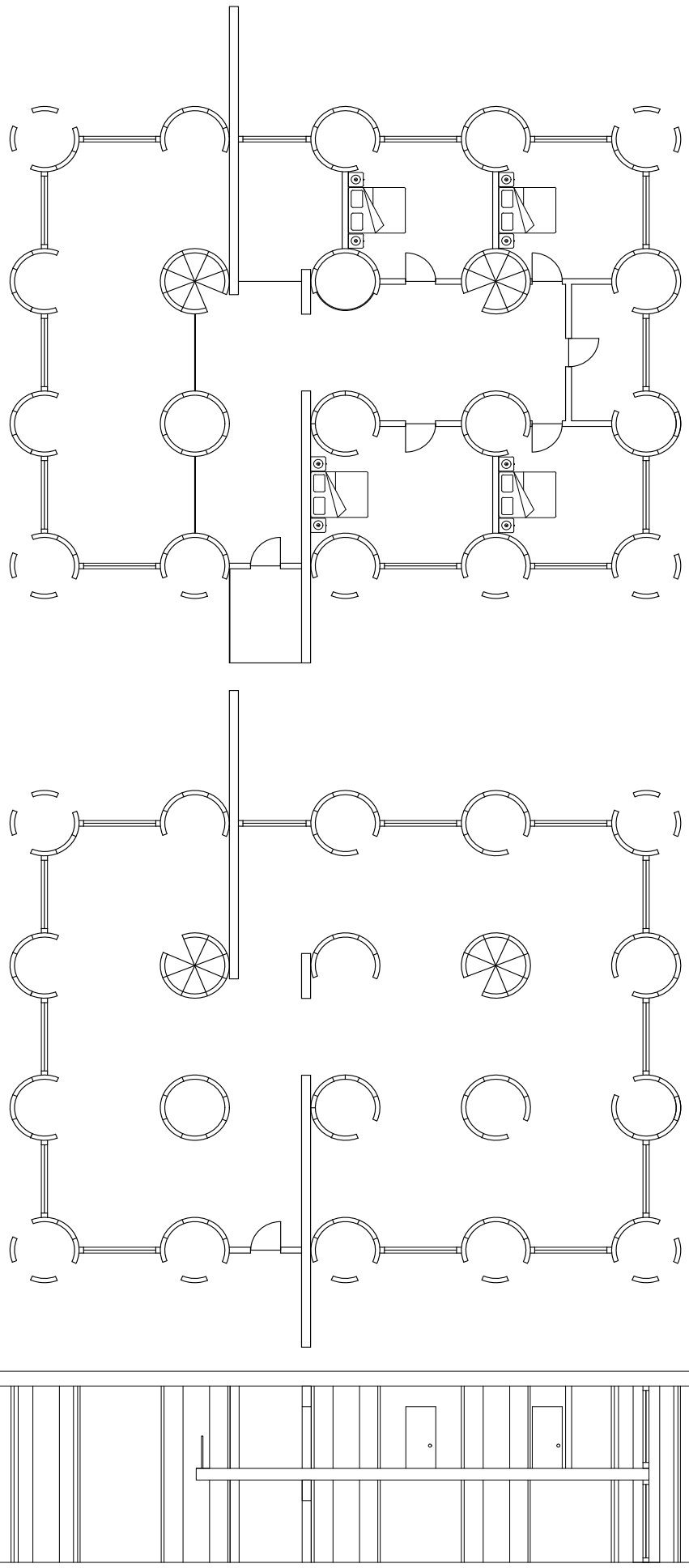


Galvez House, 1954-1955

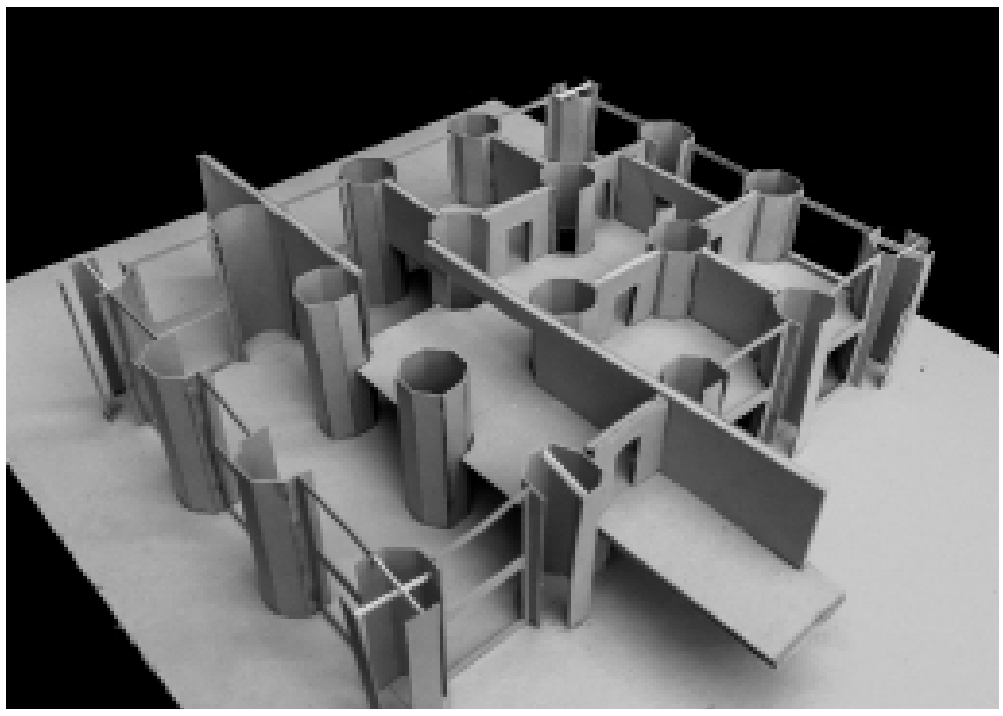


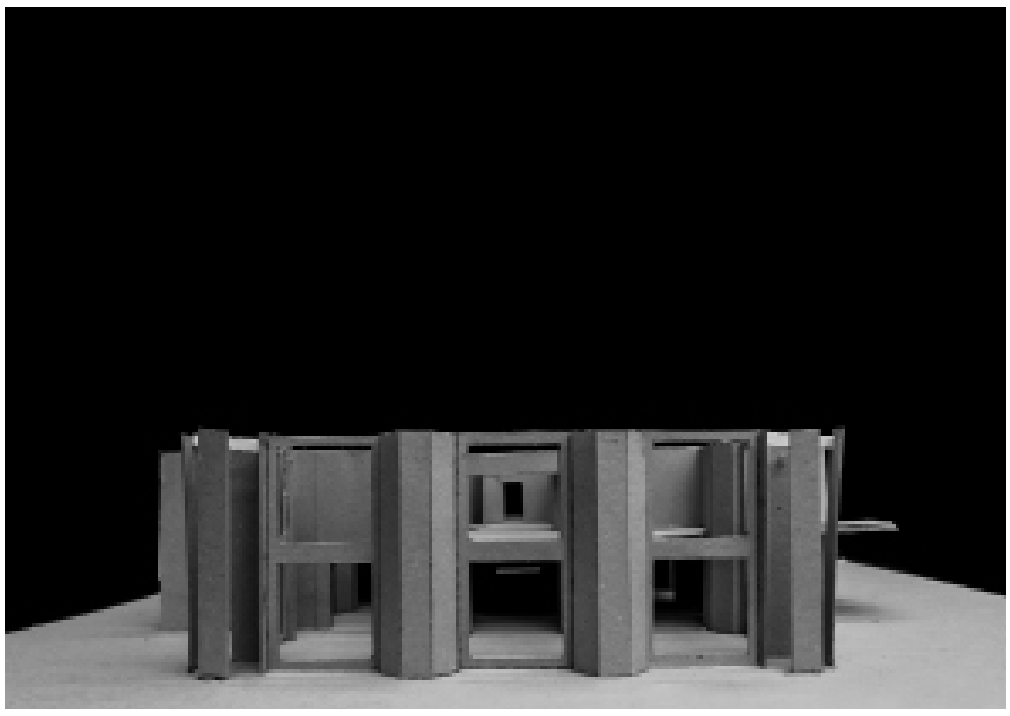


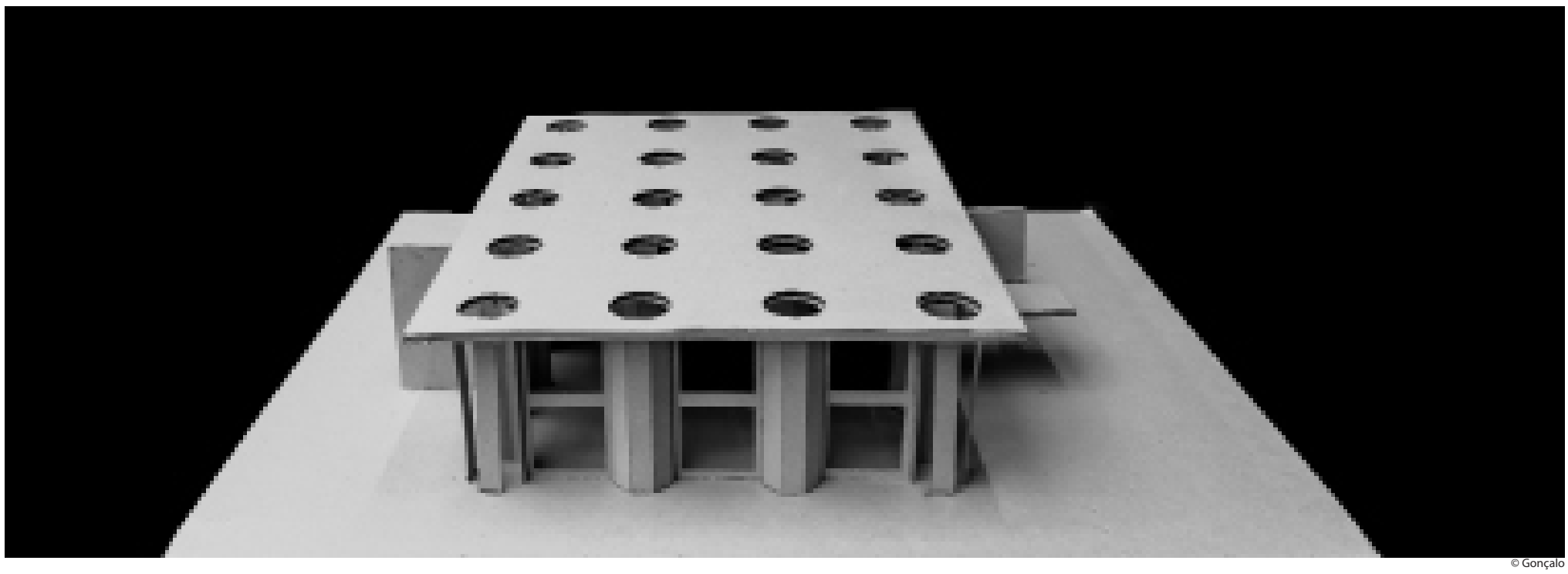
© Gonçalo



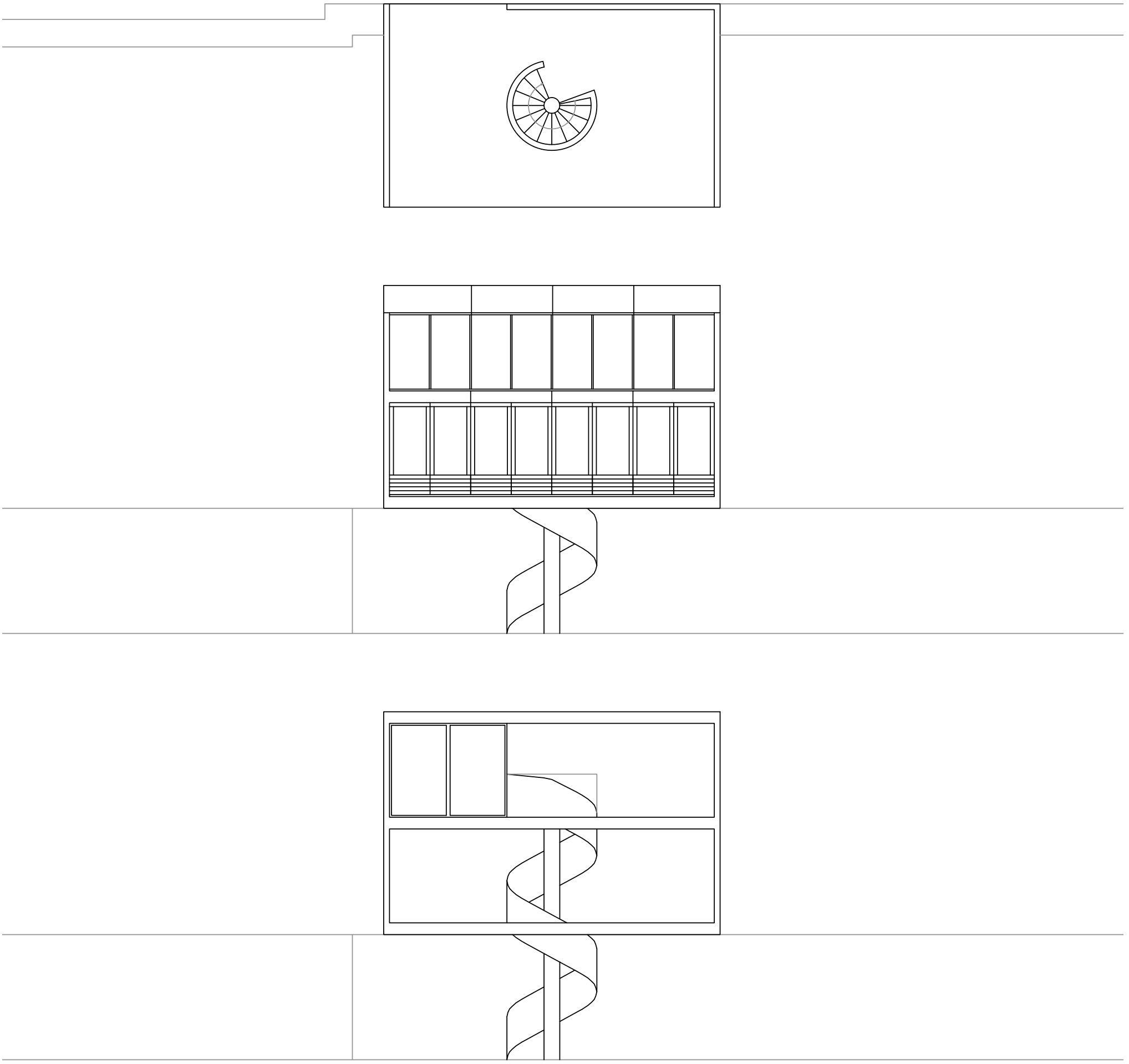
A casa híbrida parte da junção da Casa Sande e Castro de Rui Jarvis Atouguia, e a Entelechy House I, de John Portman. A planta da casa híbrida tem como base o "conceito de Portman", também utilizado na Entelechy House, criando "espaços dentro de espaços", permitindo criar outros progamas nestes novos espaços. Esta casa irá conter duas paredes maciças de pedra, baseadas nas paredes utilizadas na Casa Sande e Castro de Rui Atouguia, que irão dividir os programas da casa. A planta da casa divide as funcões da mesma pelos seus pisos. O piso superior é dedidcado á área familiar/privada possuindo 4 quartos e uma casa de banho. O piso térreo será dedicado á área social e terá um pé-direito duplo. A ausência de paredes estuturais dão lugar á existência de grandes vãos com pequenos caixilhos. As colunas são usadas para estruturar uma variedade de espaços, além de fornecer luz natural a partir de clarabóias circulares onde as colunas encontram a cobertura.





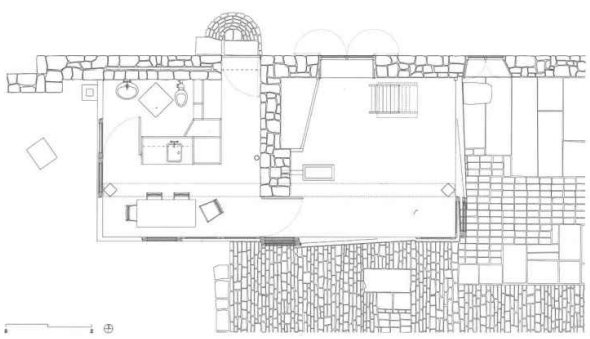


© Gonçalo

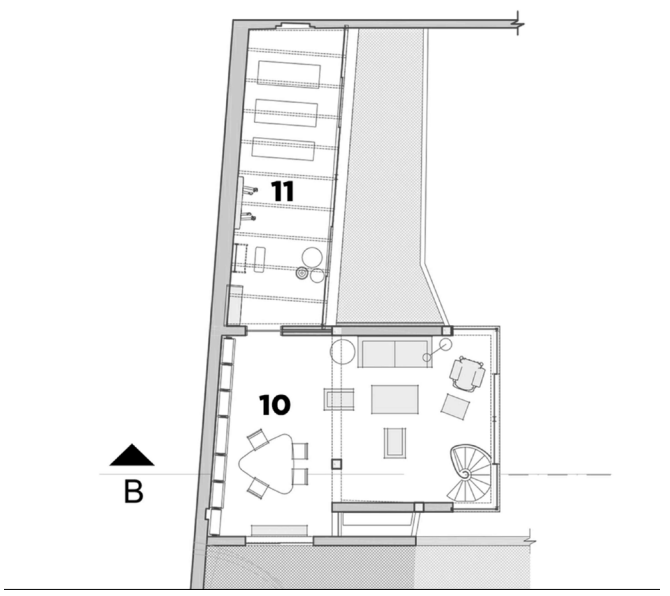


Escala 1:100

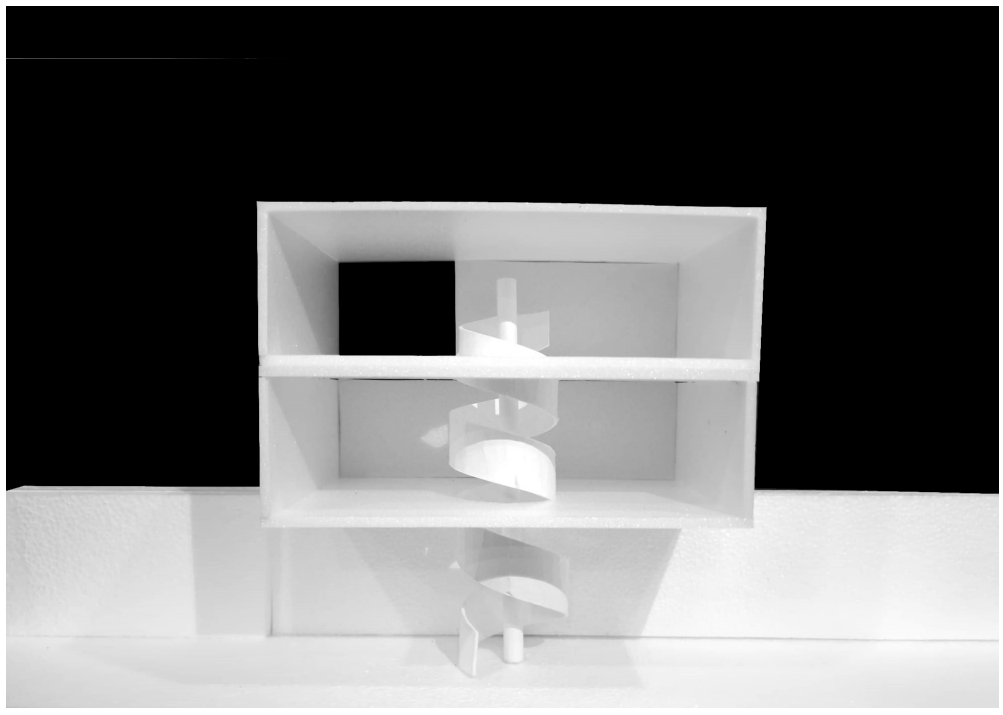
A Casa Híbrida surge a partir da junção de elementos da Upper Lawn de Alison & Peter Smithson e da Casa Baldo de Oscar Niemeyer. A Upper Lawn possui uma estrutura constituída por barrotes de madeira, as paredes são compostas por caixilhos em madeira com vidro simples. A casa possui 2 pisos, no piso térreo encontra-se a cozinha, zona de refeições / zona de estar e uma pequena instalação sanitária. O piso superior é um piso sem programa. A Casa Baldo forma-se através da sobreposição de grandes blocos. Encontra-se uma divisão mais elevada do que toda a casa, acessível por uma escada helicoidal exterior. O programa habitacional da casa acontece nos 2 pisos. A divisão exterior também é constituida por 2 pisos, o inferior possui um quarto de hóspedes com um pequeno pátio lateral e a piso superior é um escritório.
A Casa Híbrida mantém as dimensões, os vãos e o muro da Upper Lawn, sendo que esta se eleva e pousa sobre o muro. O programa habitacional é livre e o acesso à casa é feito através de uma escada helicoidal que sobe até ao piso superior, em semelhança à Casa Baldo.

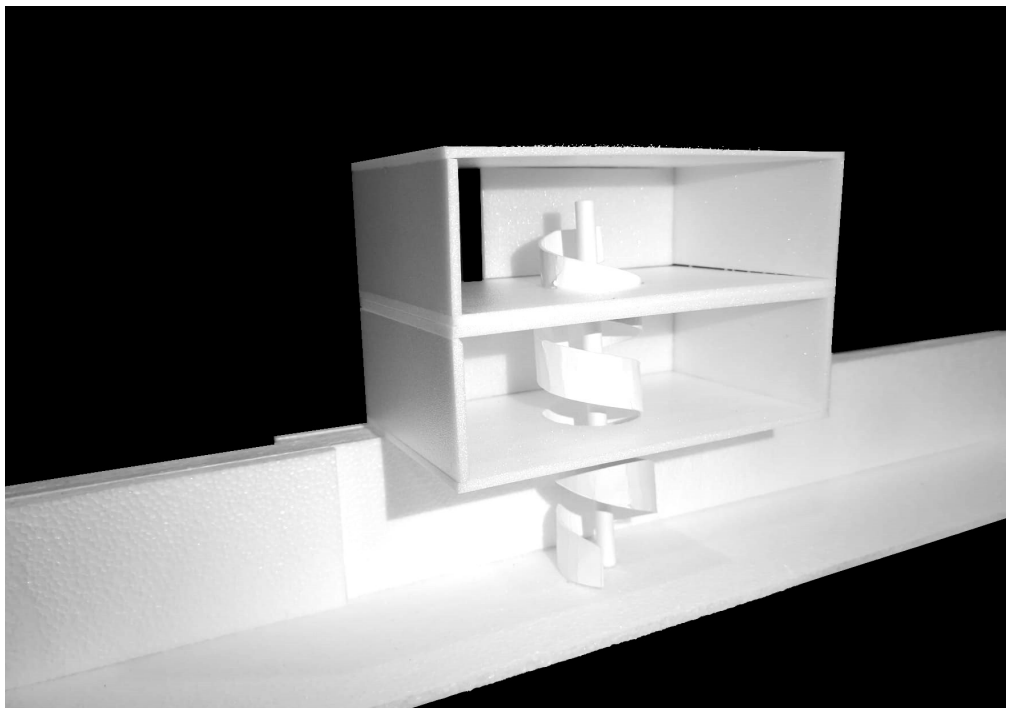


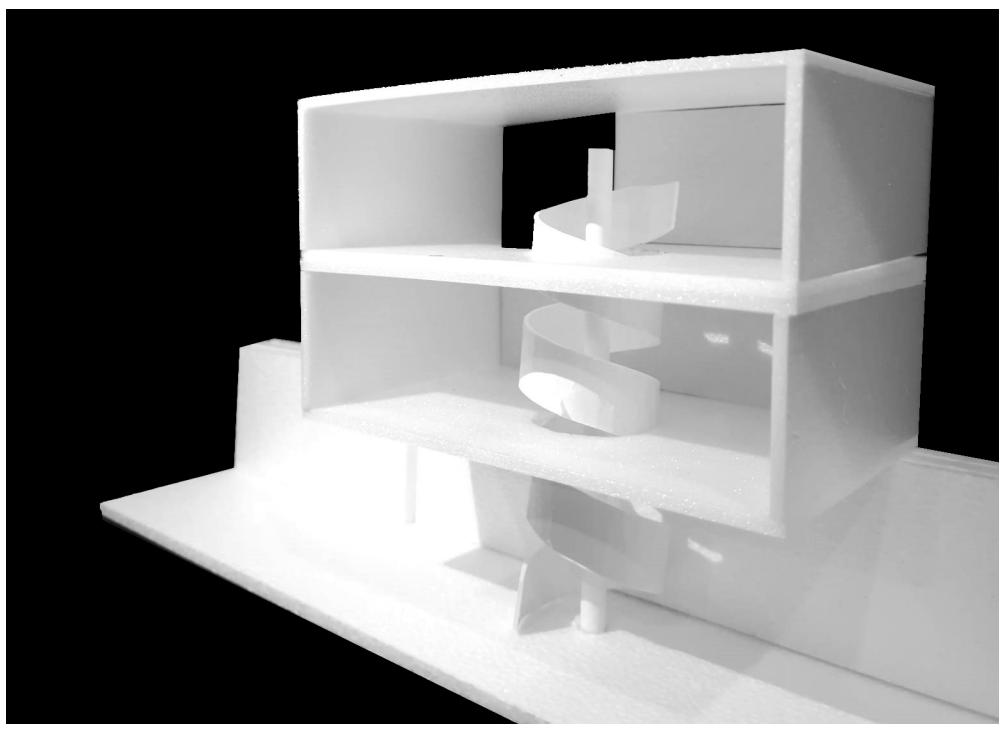
Upper Lawn , Alison & Peter Smithson,1959-1962

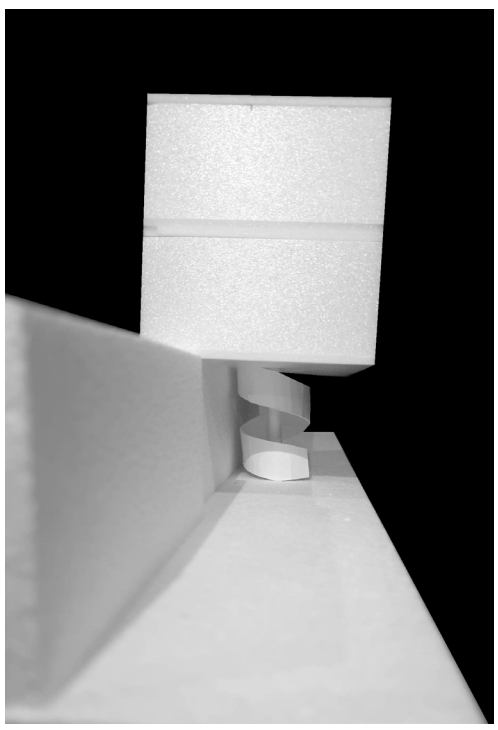


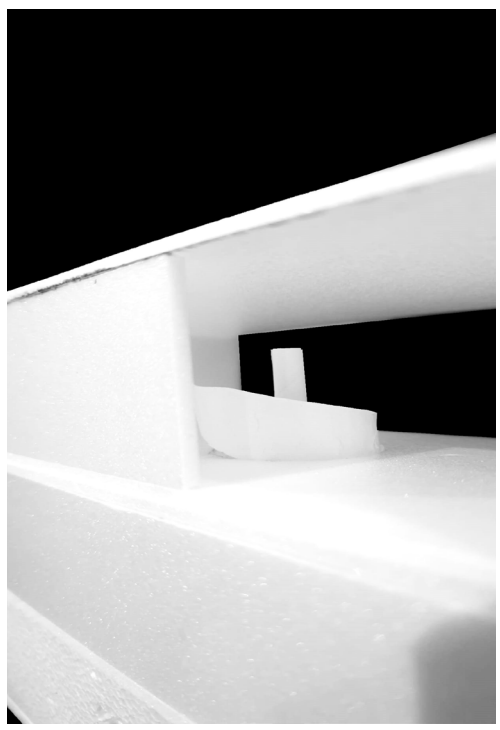
Casa Baldo, Oscar Niemeyer, 1969

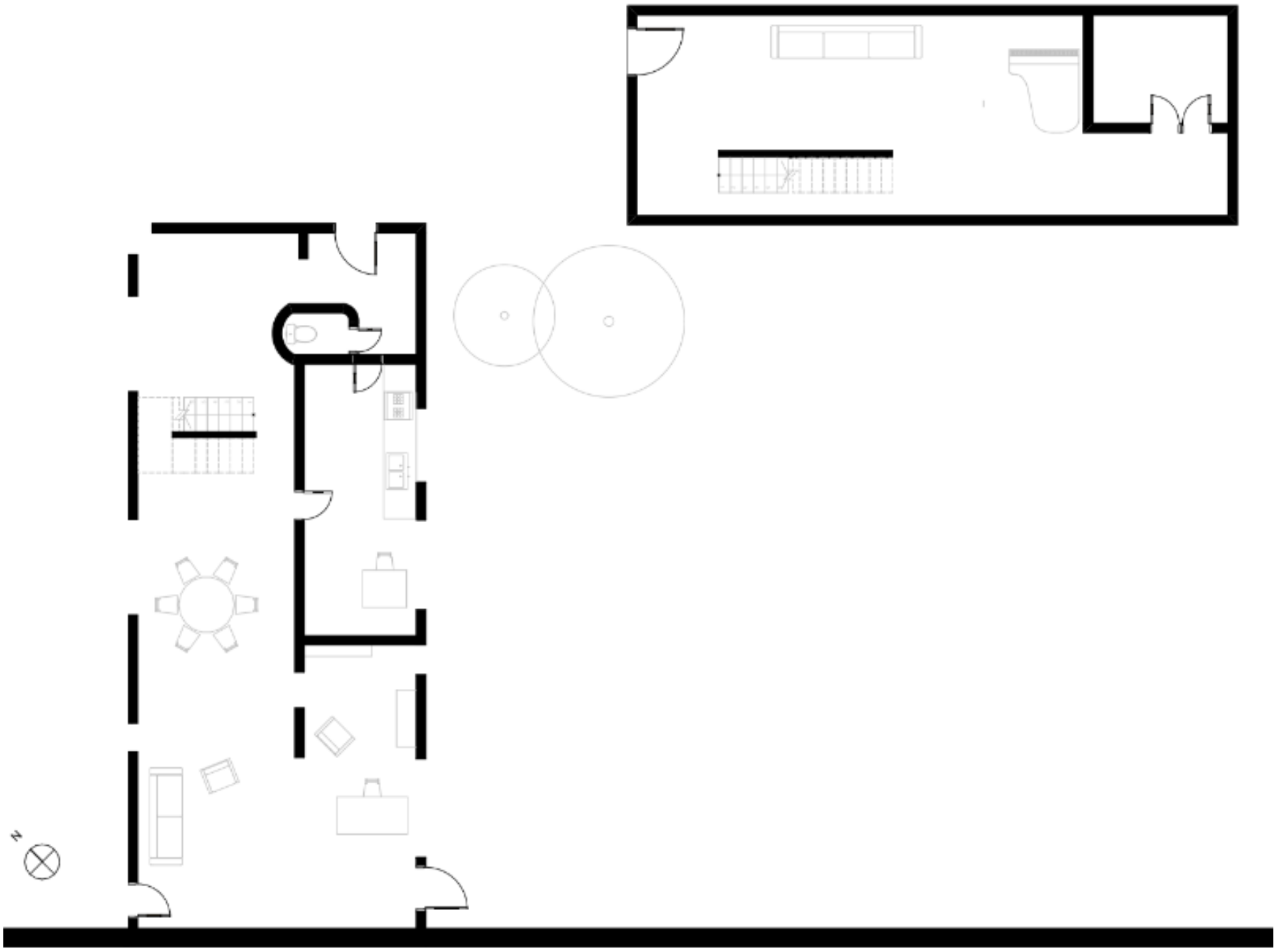




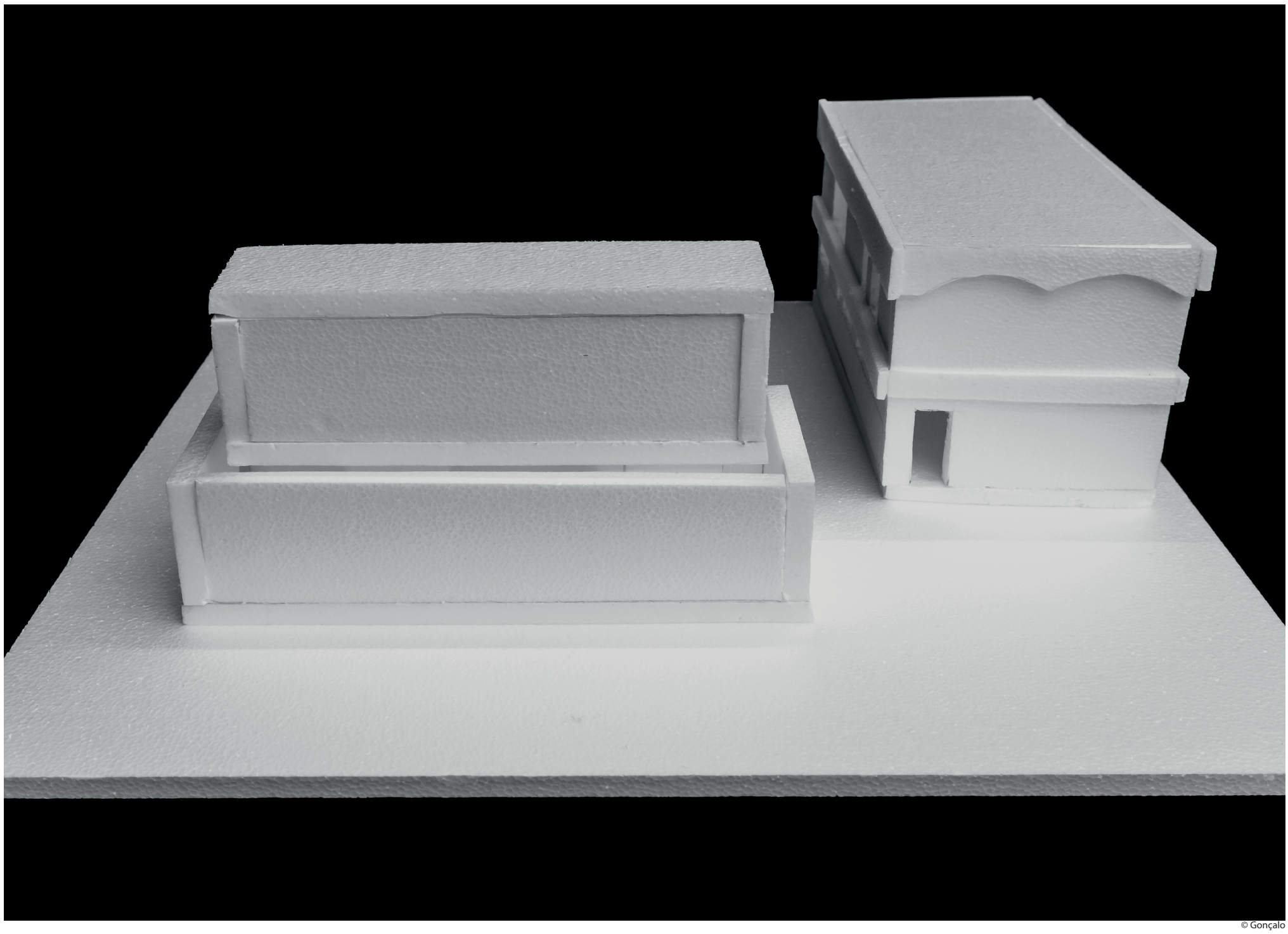




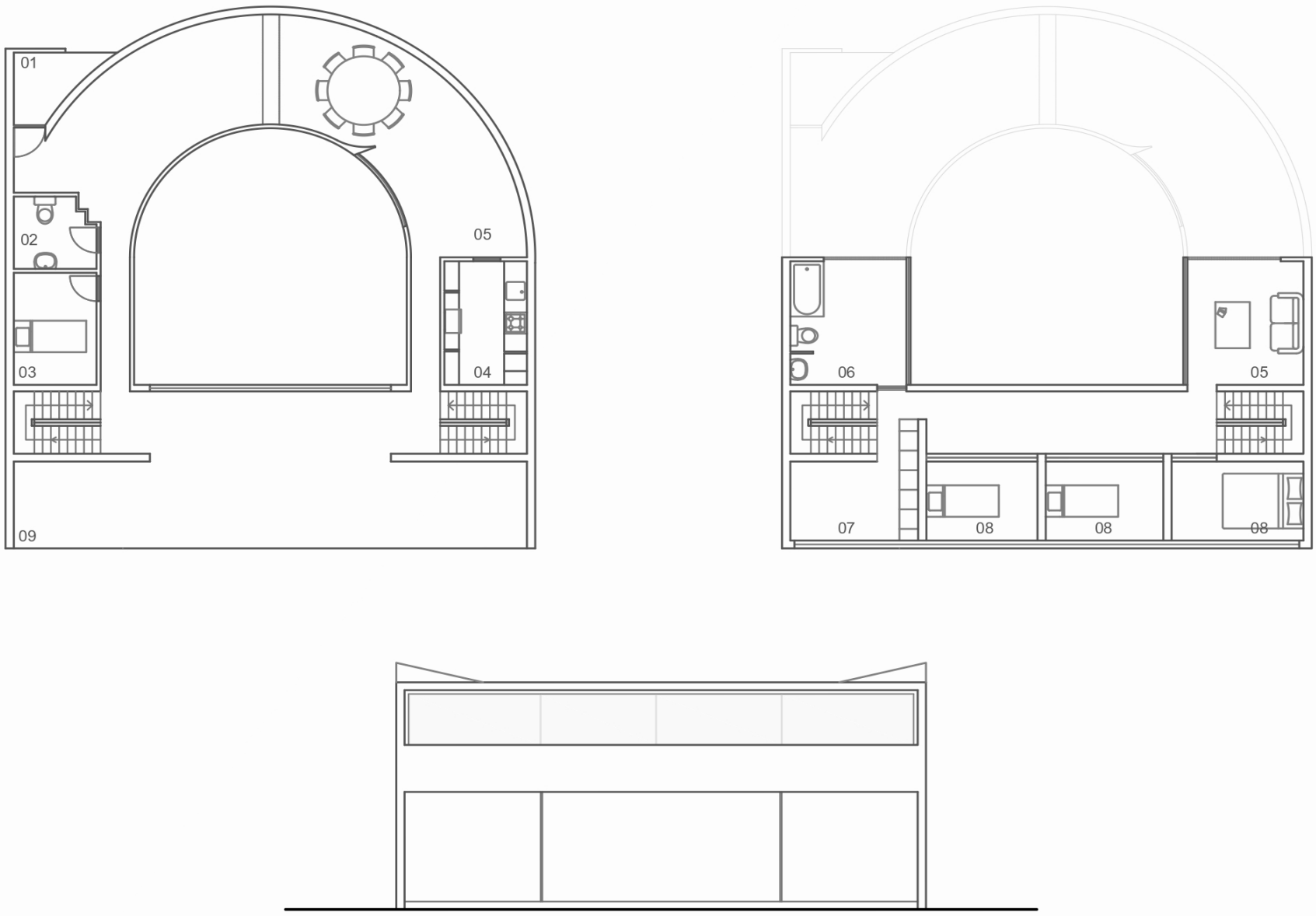




O projeto da casa híbrida consiste na junção das principais características de duas casas, formando uma única e autêntica. Nesse caso, foram captdos elementos da Casa Jaoul de Le Corbusier e a Kettle´s Yard do Leslie Martin.
A primeira conta com uma arquitetura robusta e pesada, manteve-se então essas características e suas abóbadas como destaque principal.
Foi substituída uma das casas de Le Corbusier e adicio nada uma extensão, como a casa de Leslie Martin, com seu uso exclusivo para armazenar arte e iluminação natural dando destaque para o interior, além da retirada do último pavimento para trazer simetria de alturas.
Assim, podemos observar a mesma orientação da Casa Jaoul mantendo sua tipologia de casa, porém tem um novo ambiente destinado à exposição de obras de requinte e valor.



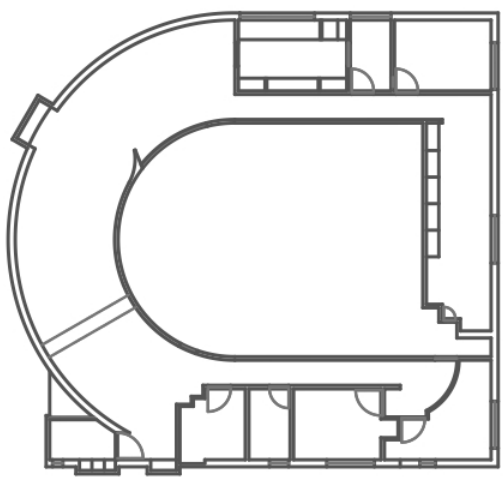
© Gonçalo



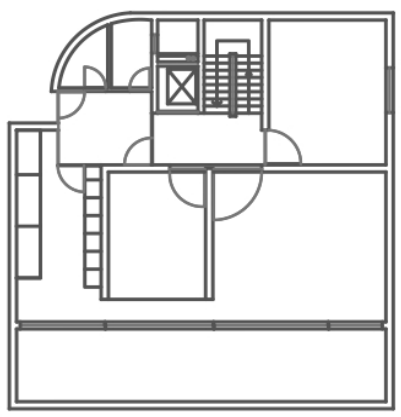
01 Entrada
02 Lavabo
03 Quarto
04 Cozinha
05 Zona Social
06 Inst. Sanitária
07 Sala de Estudos
08 Quarto
09 Varanda

PLANTA PISO 1 e 2

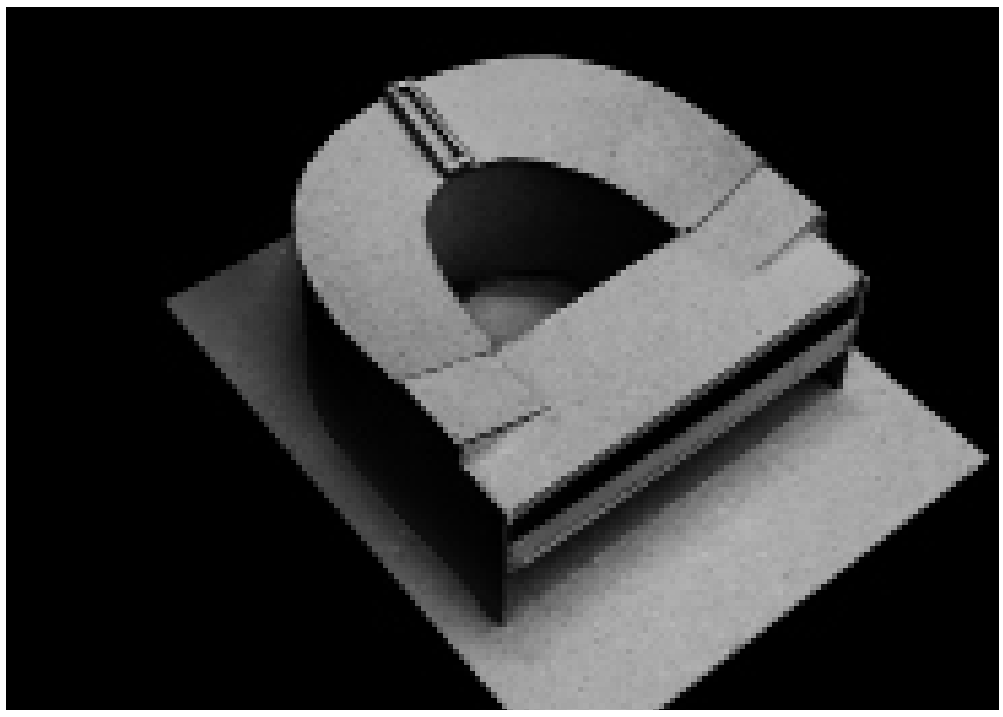
Gerado pela simbiose de caraterísticas predominantes, existentes nos projetos dos Arquitetos: Toyo Ito "U House" e de Eduardo Souto de Moura "Casa em Oeiras". Com a unificação da geometria curvilínea e a fachada panor âmica, surge, este protótipo arquitetónico resultado do equilíbrio entre Introspecção e Extrospecção.

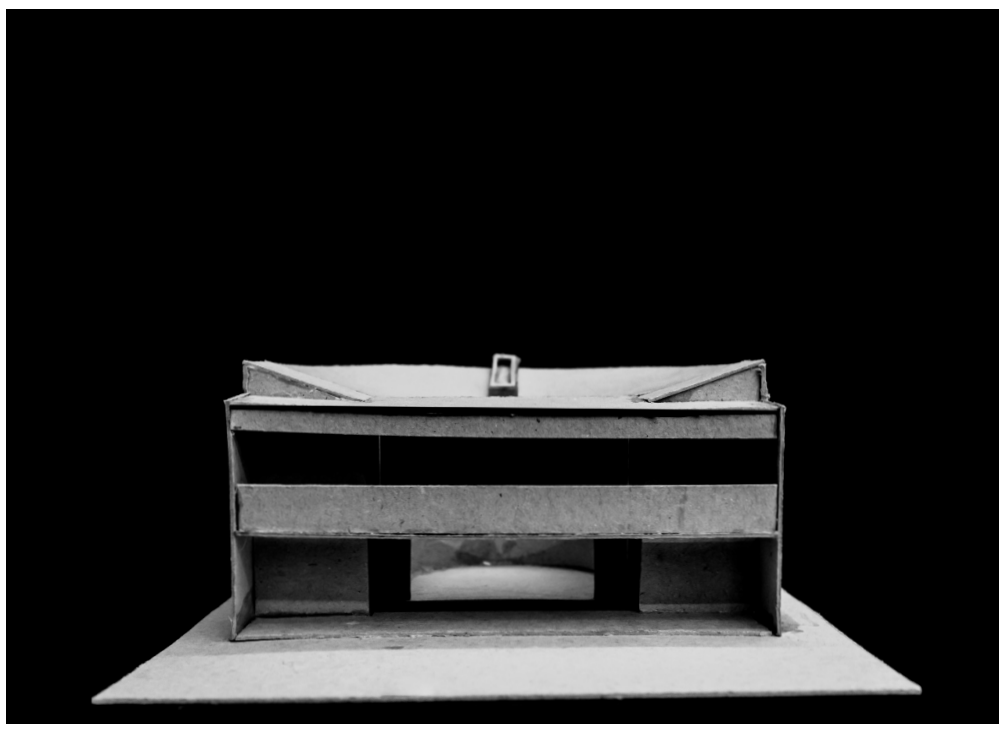


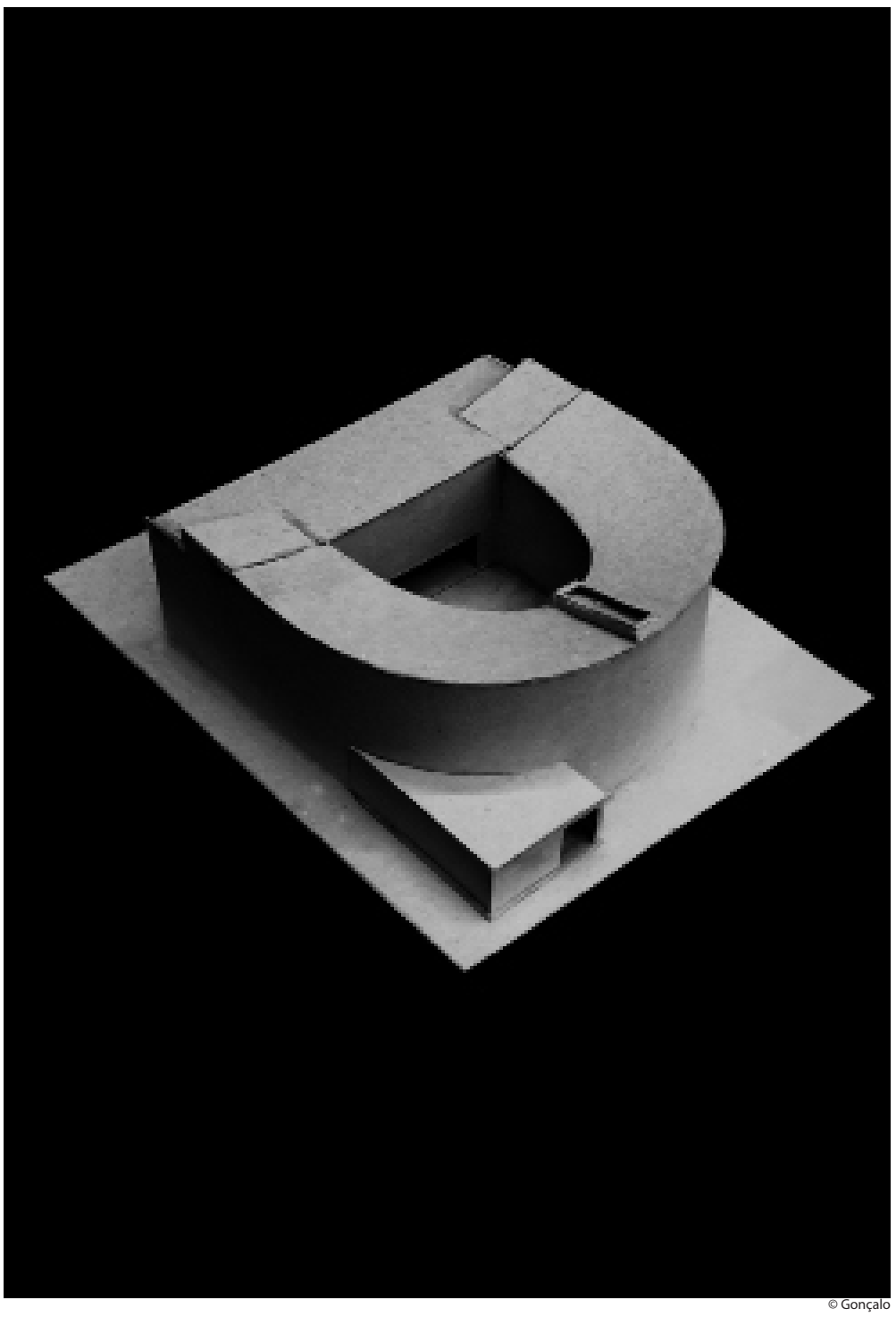
Toyo Ito, Nakano-Ku, Tóquio-Japão, 1976-1997



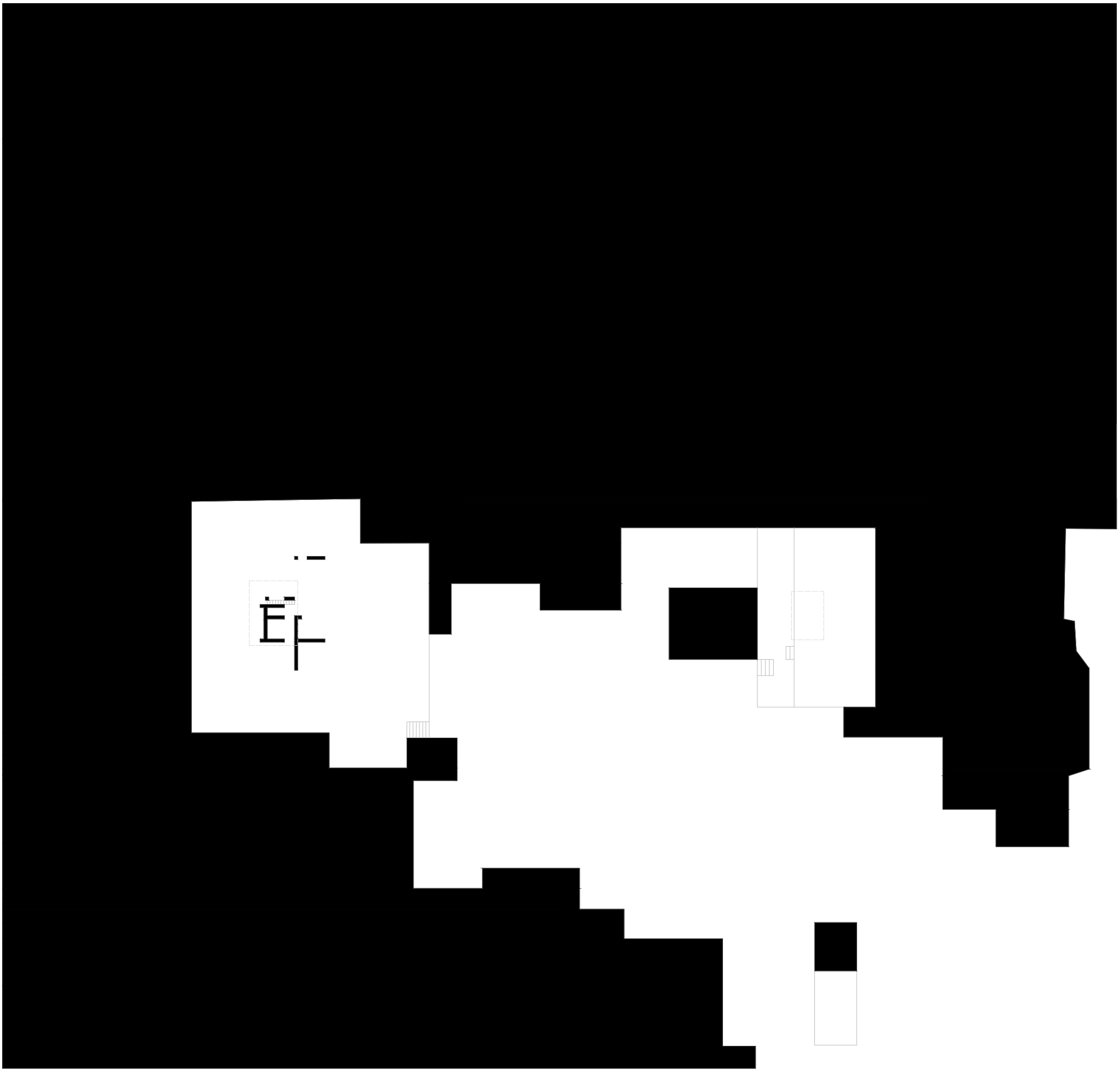
Eduardo Souto de Moura, Oeiras, Portugal, 2020





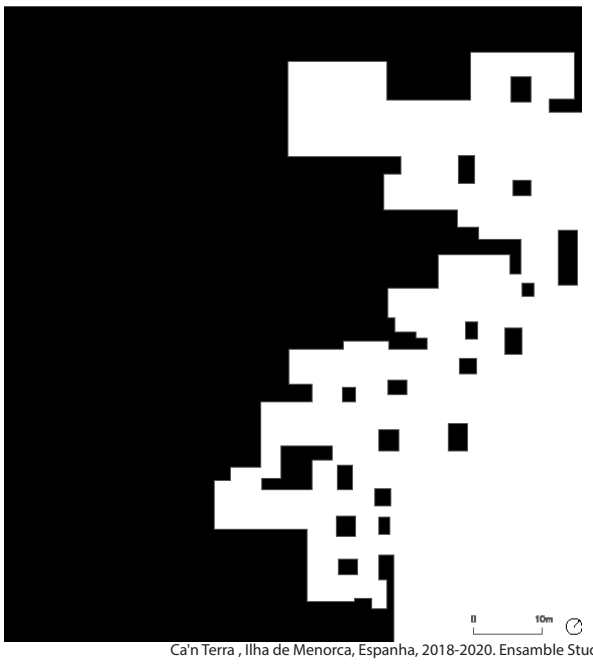


© Gonçalo

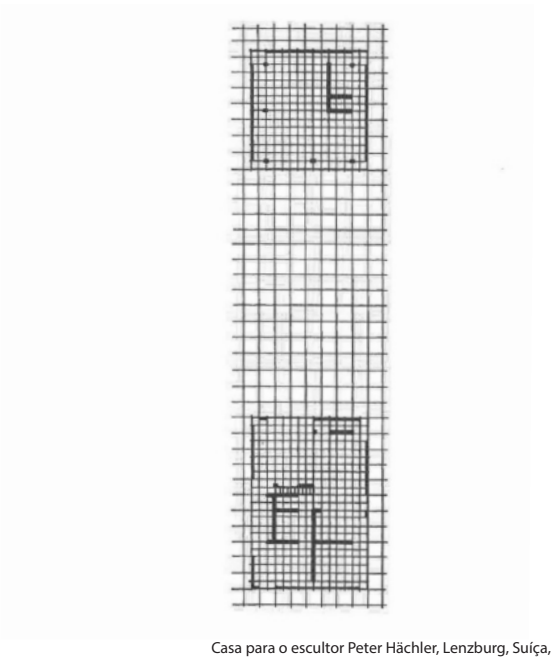


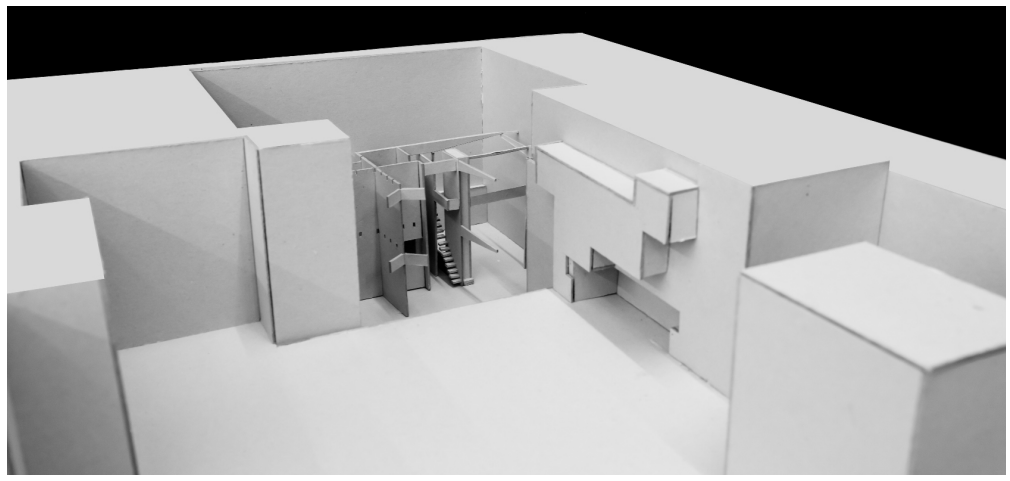
0 10m

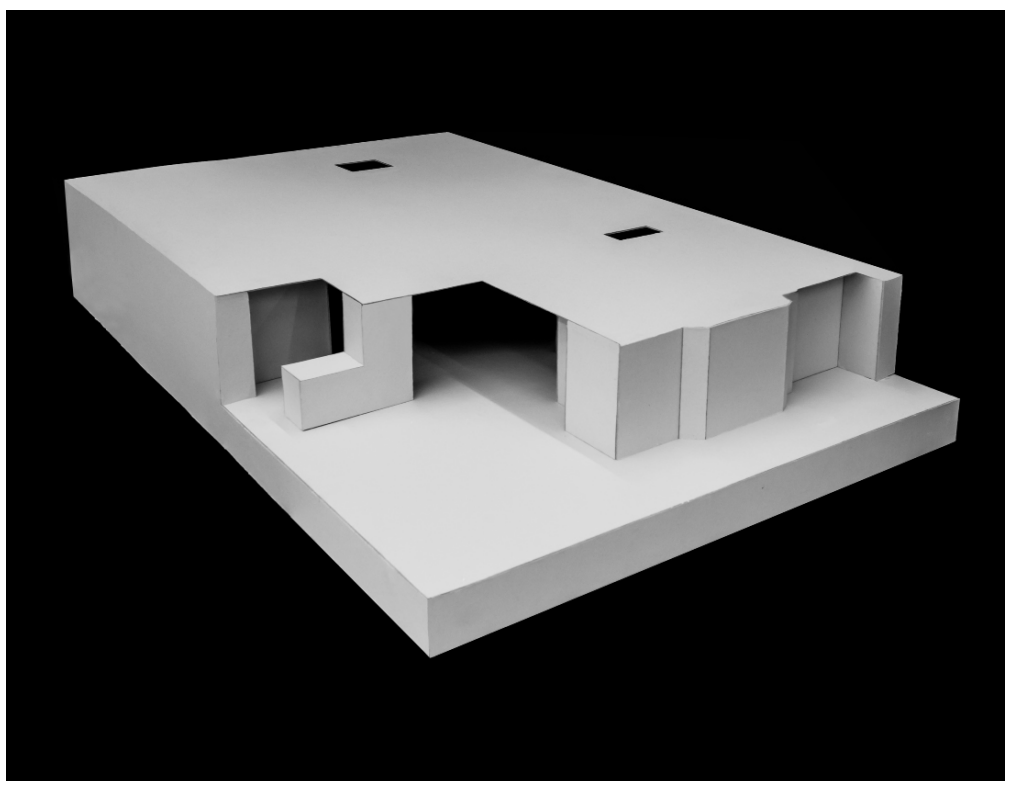
A Casa Híbrida é composta pelo projeto do Ensamble Studio, a Ca'n Terra e o projeto de Pierre Zoelly, a casa do escultor Peter Hächler.
Pretendi usar uma secção mais a Norte da Ca'n Terra e um dos volumes da casa do escultor. Como estes dois projetos apresentam escalas muitos diferentes, incorporo um no outro, criando um novo espaço. Como no projeto do Emsable Studio, mantive cortinas translúcidas no interior para delimitar as áreas, permintindo a iluminação natural. Os espaços públicos e espaços privados interligam-se, não tendo uma disposição fixa, e assim cada pessoa que entra na mesma pode atribuir uma função a cada espaço. O projeto conta com duas carabóias, uma encontra-se na aréa da piscina, já a segunda no espaço de cota mais baixa onde está a estrutura do projeto de Pierre Zoelly. Desta forma, estas contribuem para a entrada de luz nas zonas mais escuras e para a ventilação.



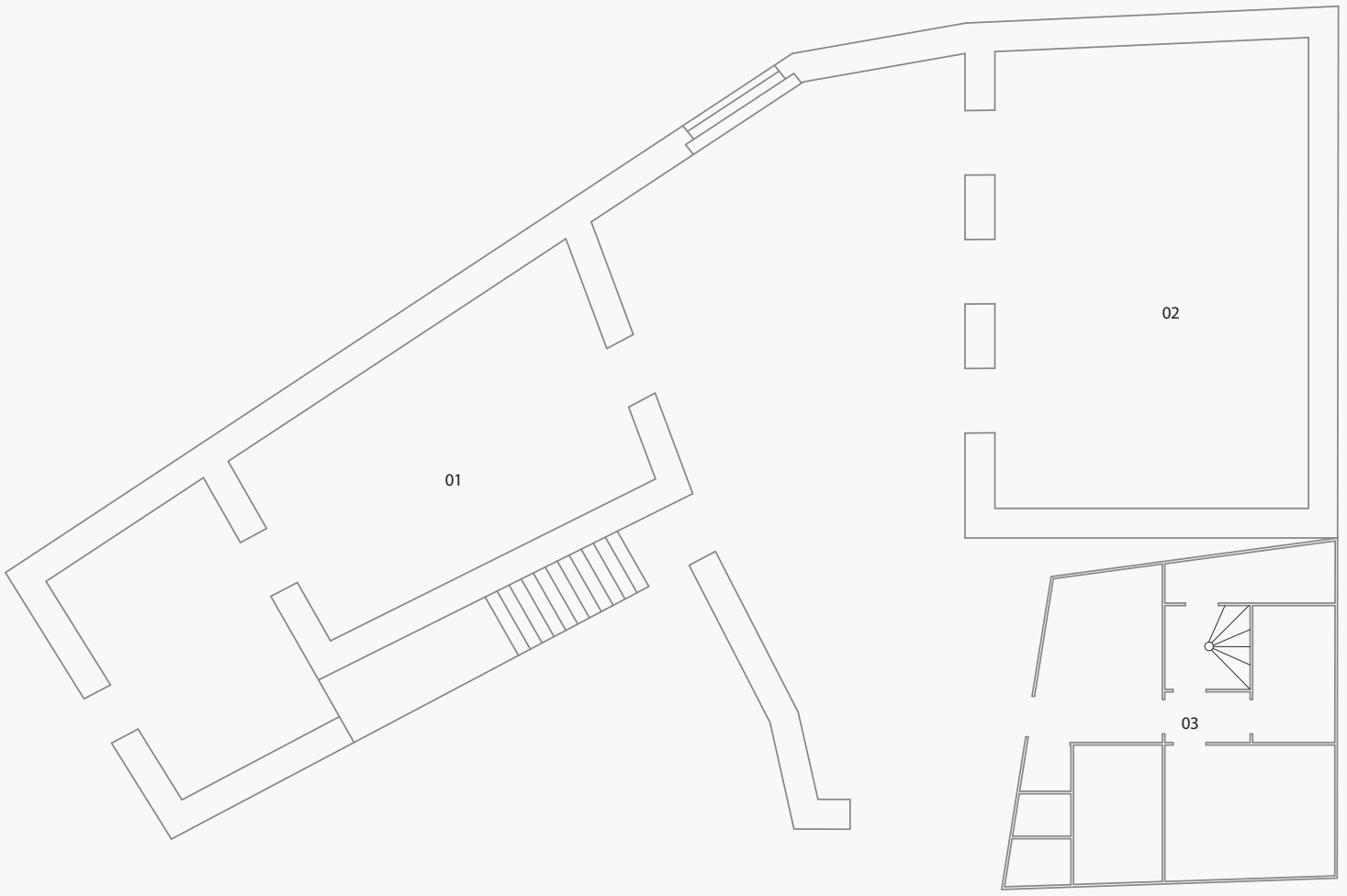
Ca'n Terra , Ilha de Menorca, Espanha, 2018-2020. Ensamble Studio

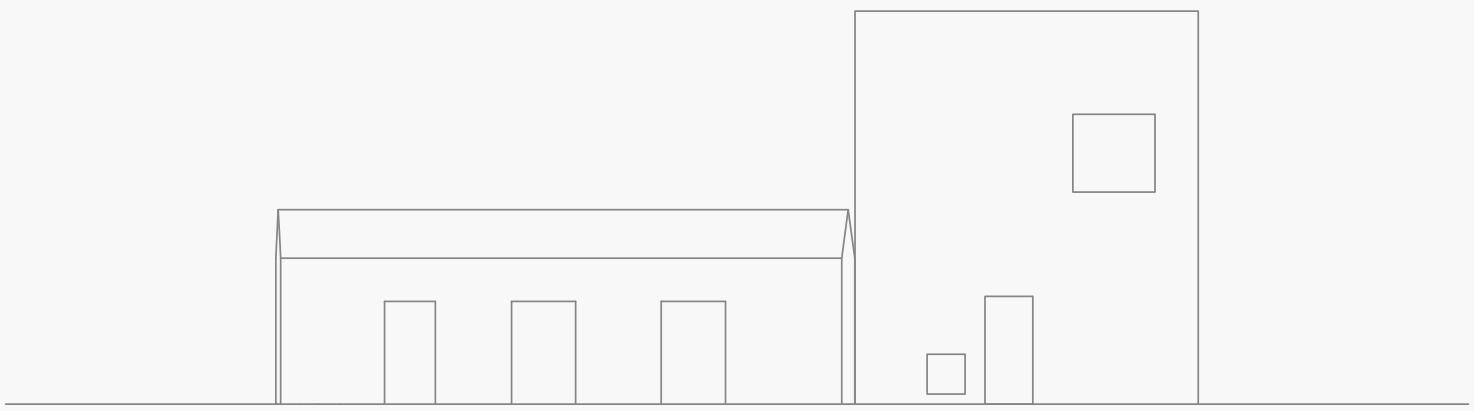

Casa para o escultor Peter Hächler, Lenzburg, Suíça,1964. Pierre Zoelly



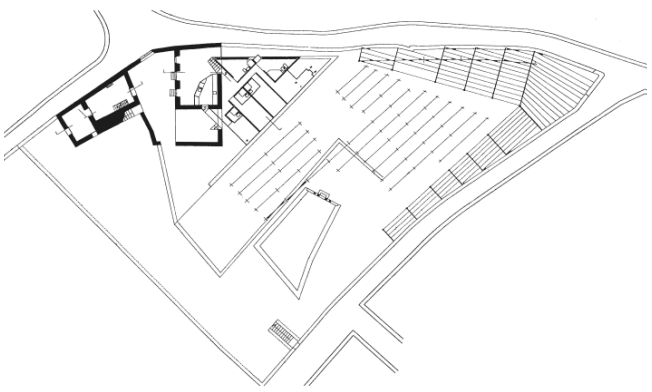


© Gonçalo

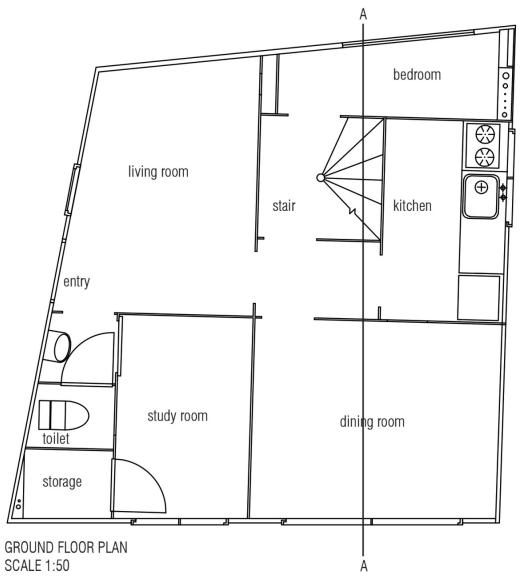




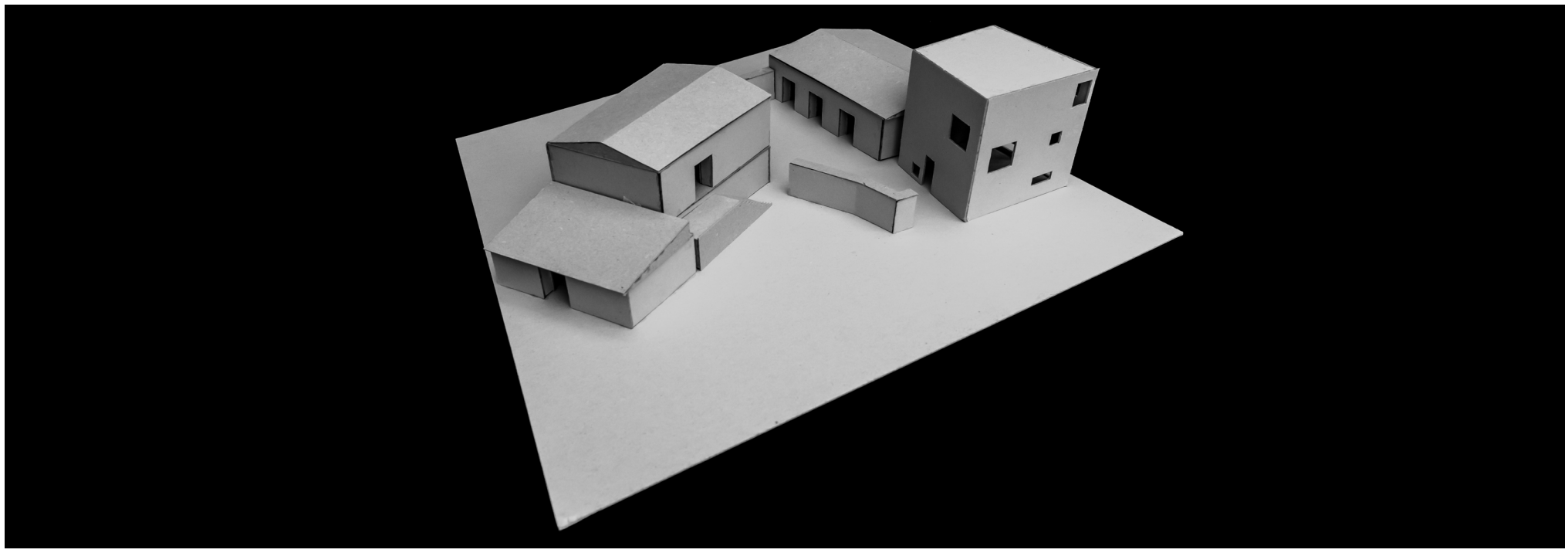
A Casa Híbrida busca manter os princípios da Casa Alcino Cardoso (Álvaro Siza, Moledo, Portugal, 1971-1973) o projeto mantém as intenções do arquiteto dois conjuntos de edifícios com programas e finalidades diferentes, conservando a recuperação dos dois edifícios abandonados e preservando á Casa da Eira. Foi introduzido um novo volume, um cubo branco feito de placas de aço no qual esta replicada a Casa num Bosque de Ameixoeiras (Kazuyo Segima, Tóquio, Japão,2003).
O Híbrido se desenvolve a partir do primeiro volume onde mantém-se a Casa Da Eira, que esta destinada a um conjunto transformado em hotel de turismo rural, o segundo volume situa-se o espaço social, o novo volume esta a Casa em um Bosque de Ameixoeiras no qual esta replicado o projeto.

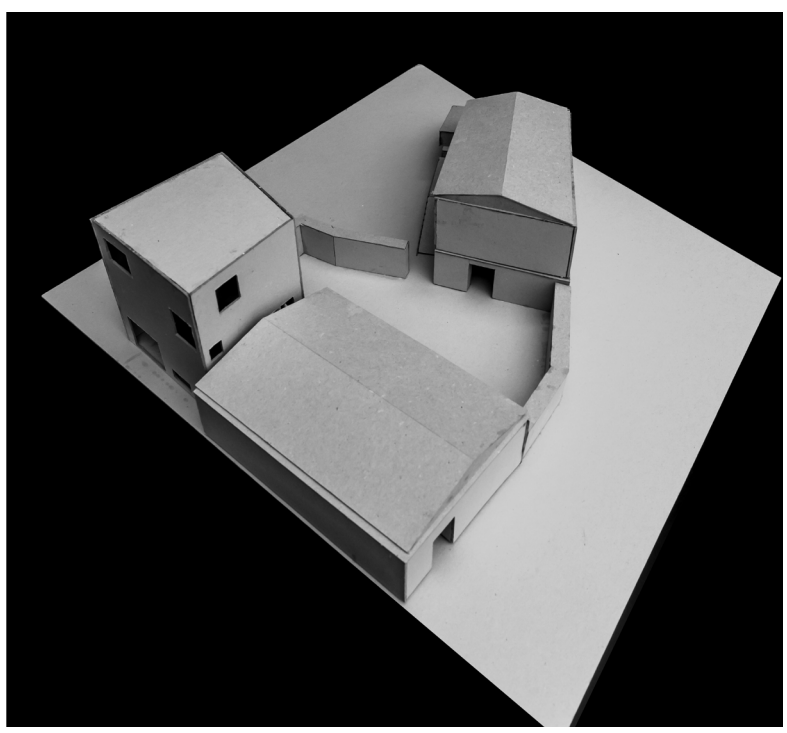


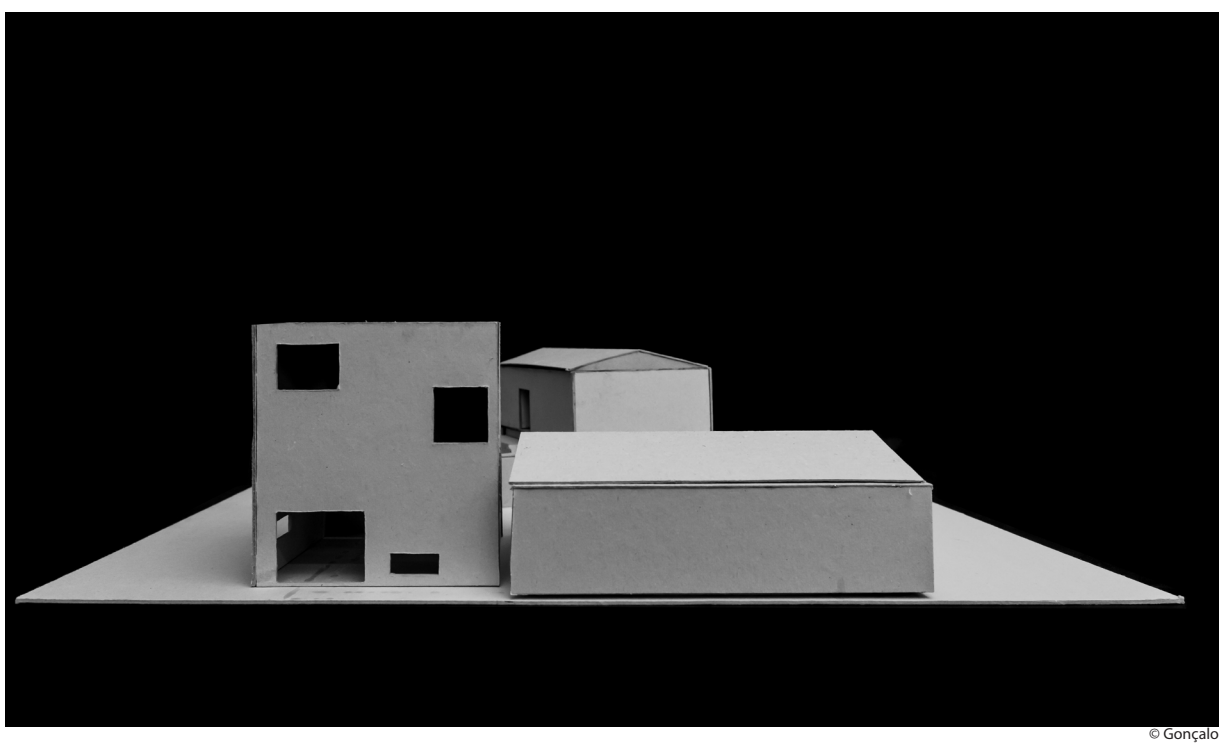
Casa Alcino Cardoso, Álvaro Siza, 1971-1973



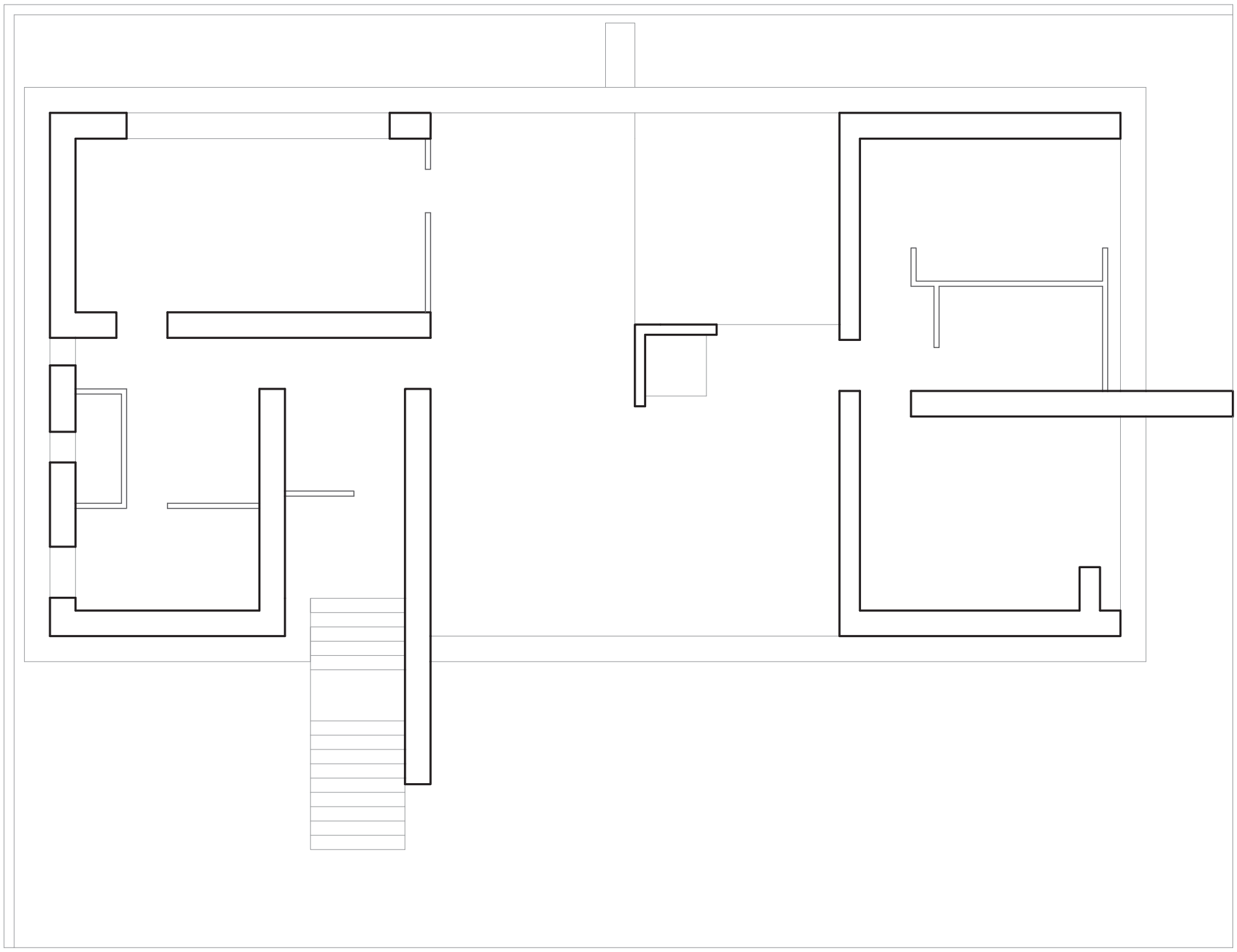
Casa num Bosque de Ameixoeiras, Kazuyo Segima <svg id="Camada_1" data-name="Camada



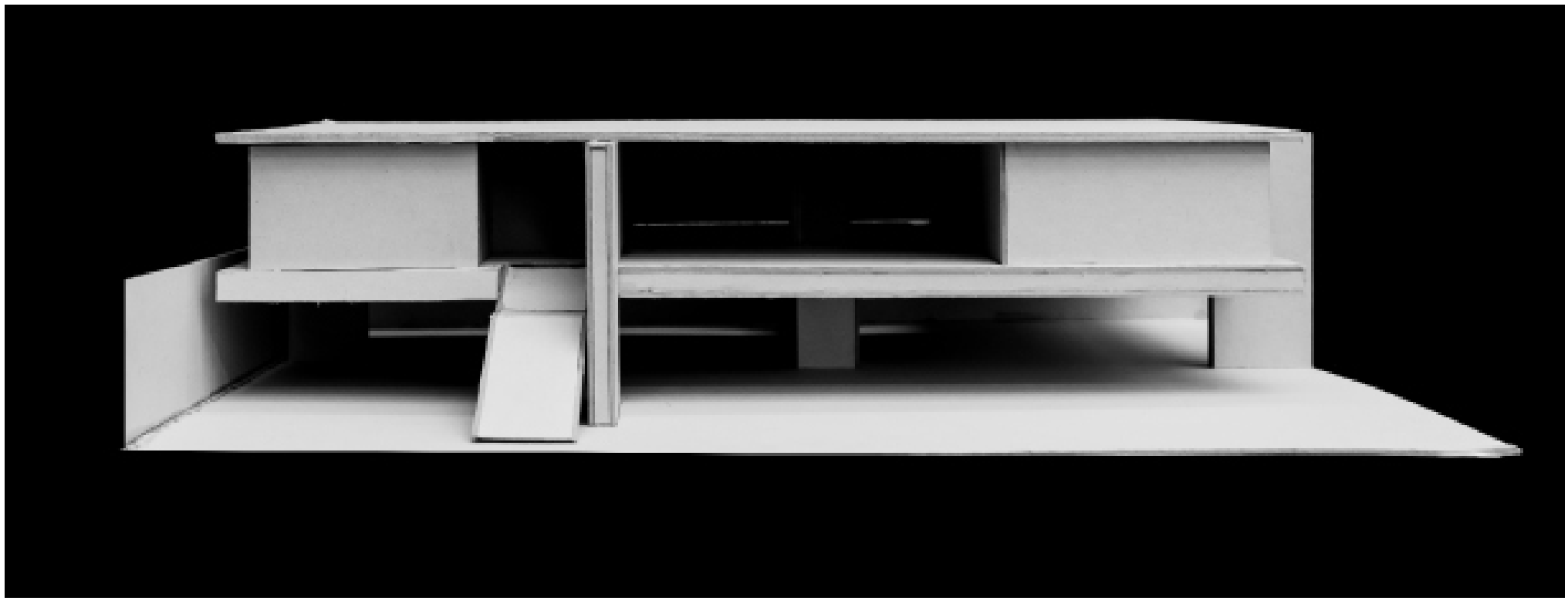


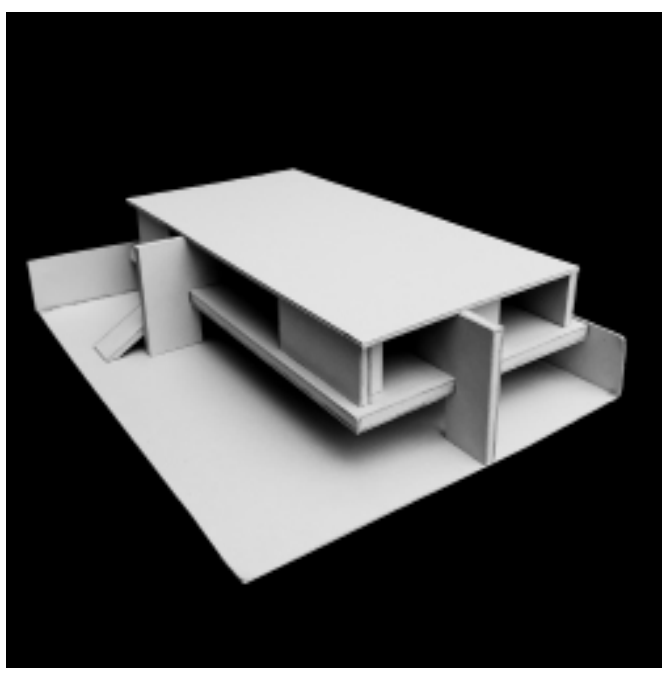


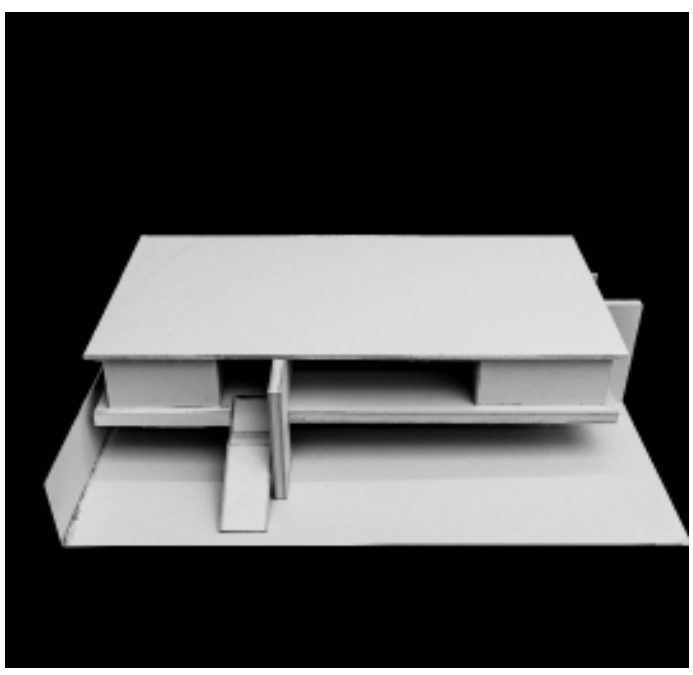
© Gonçalo

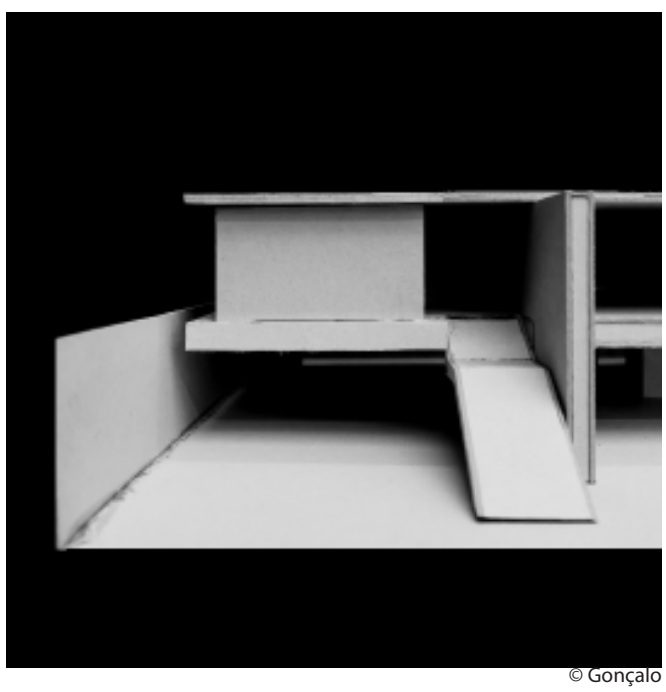


A casa hibrida é uma junção da arquitetura da Casa Fisac do arquiteto Miguel Fisac e do Studio do arquiteto Valério Olgiati. Esta casa procurou manter o conceito de simetria ,do Studio Olgiati, na sua planta. Um ponto muito forte do Studio Olgiati é a plataforma de betão apoiada por 4 pilares que serve de base para o estudio. Essa ideia de platafoma de betão foi trazida para esta casa hibrida, mas em vez dos pilares que encontramos no Studio Olgiati, aqui temos as paredes que se extendem para fora da Casa Fisac a servir de apoio para a plataforma.
A casa é composta por três quartos, uma cozinha, duas casas de banho e uma sala com jardim interior.
A garagem, seguindo o modelo do Studio Olgiati, encontra-se por baixo da plataforma com acesso por uma escada helicoidal que liga verticalmente a garagem com a sala.

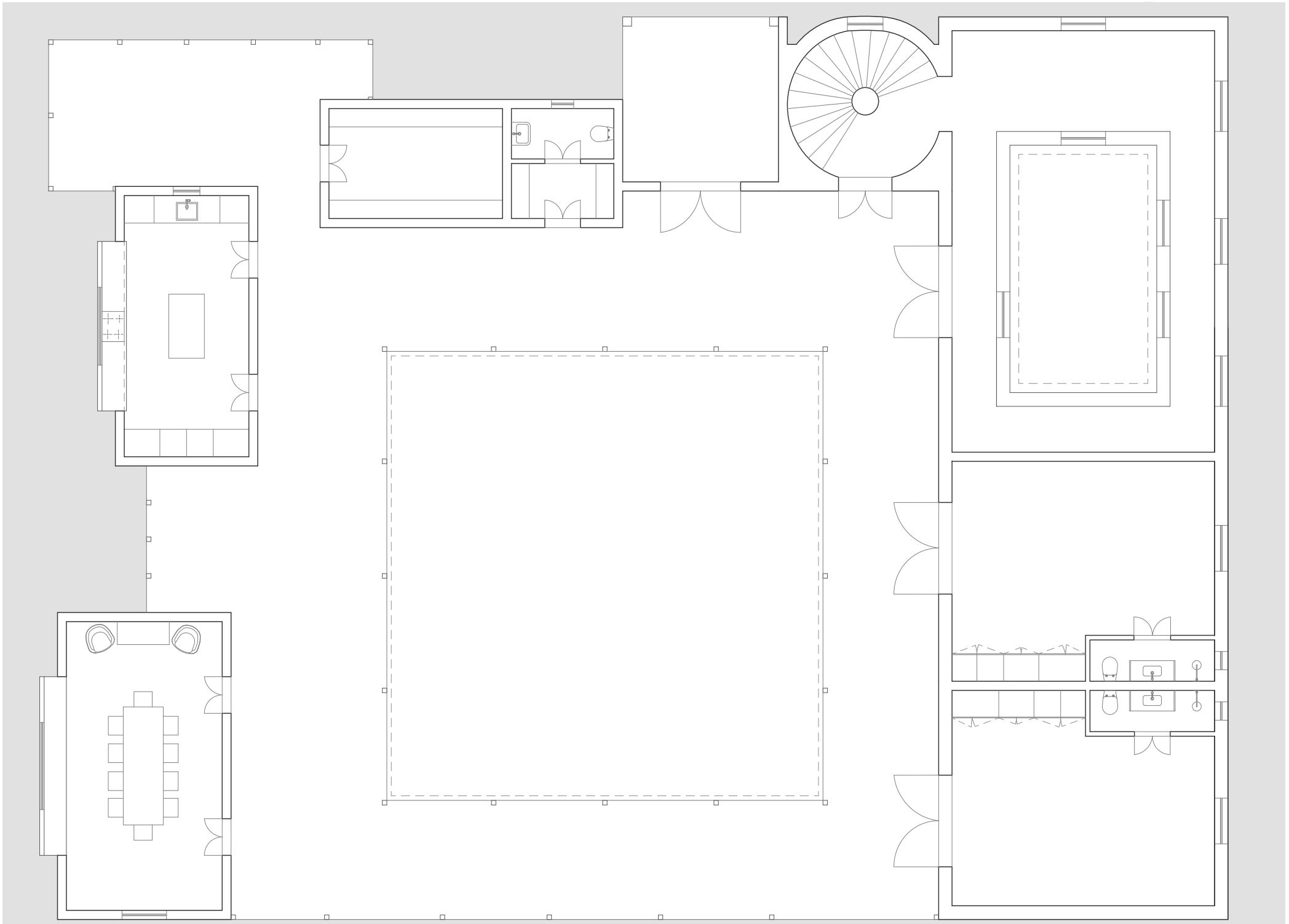


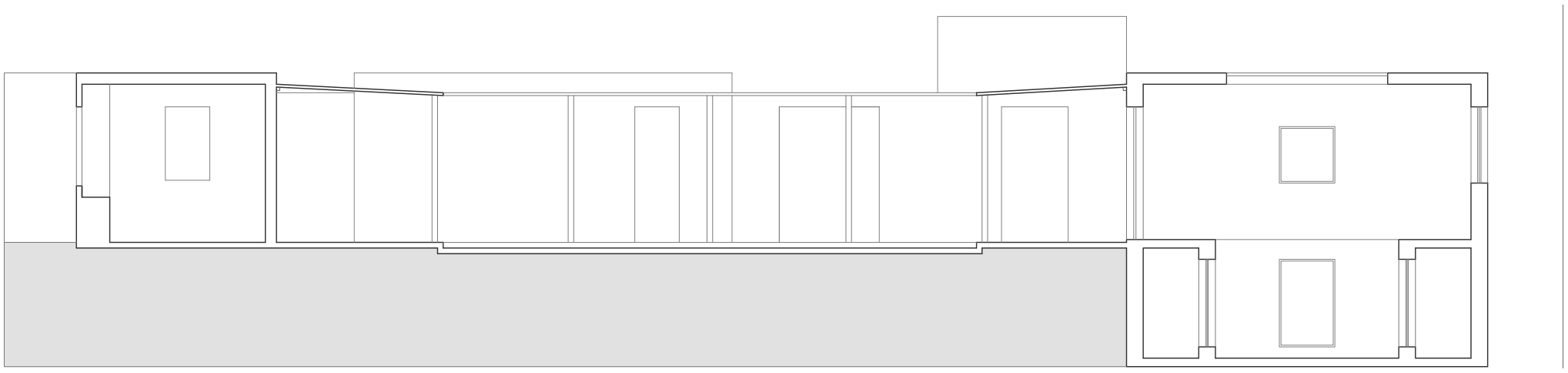




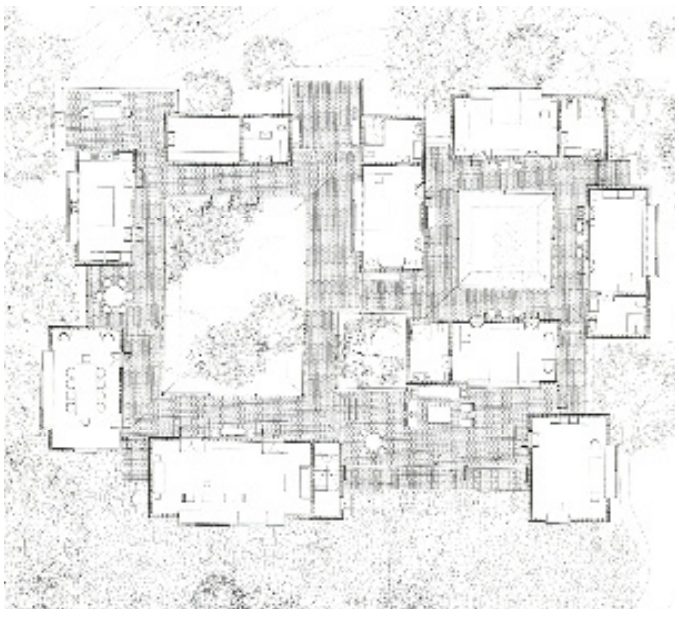


© Gonçalo

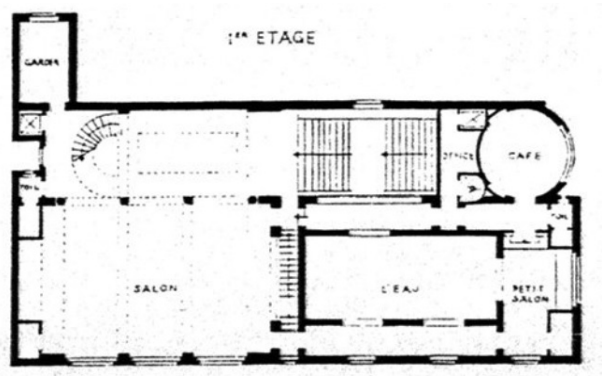




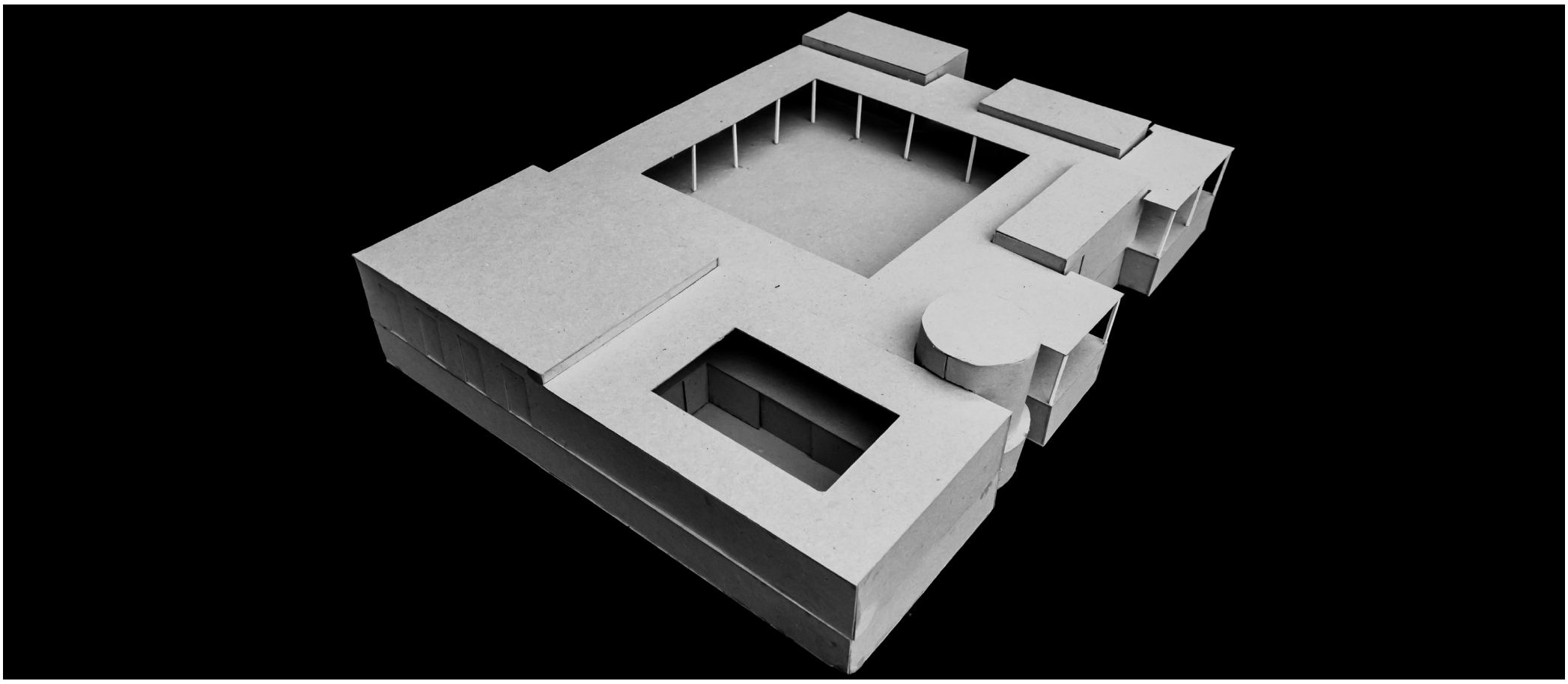
O projeto teve como intenção criar espaços que comunicassem entre si, tirando partido das edificações já consolidadas, mantendo a tipologia dos espaços e ganhando a sua própria forma, que consolida a casa híbrida. Está fusão permitiu fundir o modernismo da casa Josephine Baker do arquiteto Adolf Loos, o projeto e história que abordam uma série de questões sociais e políticas do início do século xx, com a casa Carrimjee, projetada pelo Studio Mumbai. A intervenção utilizou os espaços privados e piscina da casa Josephine Baker, buscando estabelece uma relação com zona social da casa Carrimjee. Tentando tirar partido em cada situação e potencialidades possíveis. Está ação possibilitou criar uma liberdade entre o interior e o exterior, uma relação nos espaços que proporciona fluidez, grandes aberturas e uma interação direta com entorno e a paisagem.

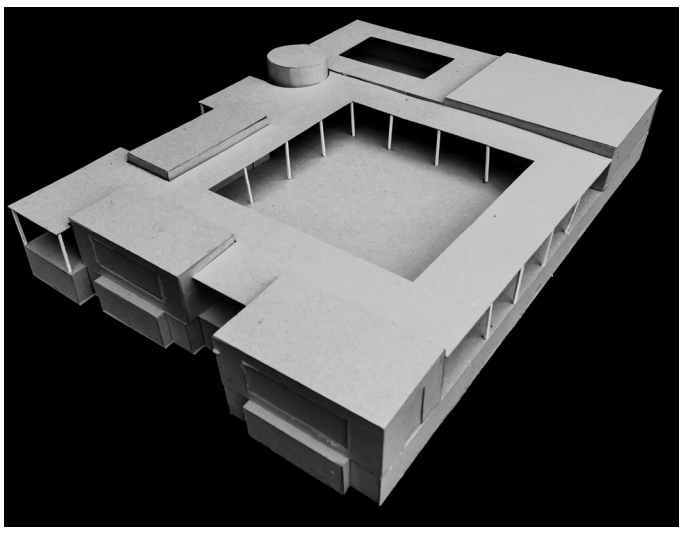


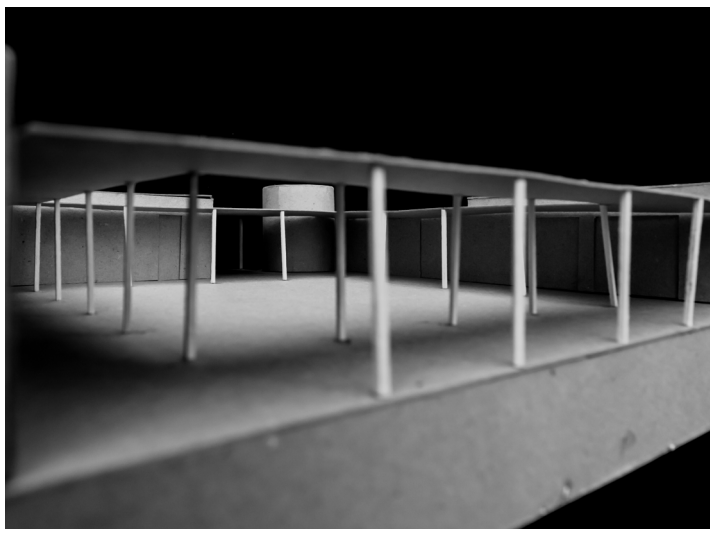
CASA CARRINJEE, STUDIO MUMBAI, 2015-16

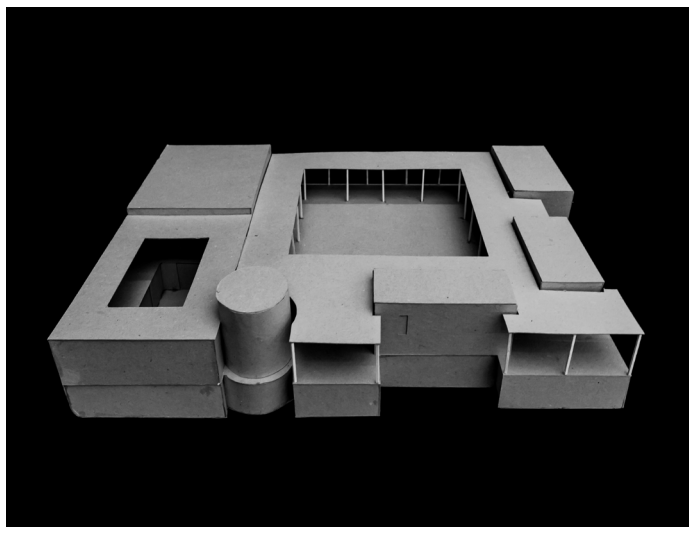


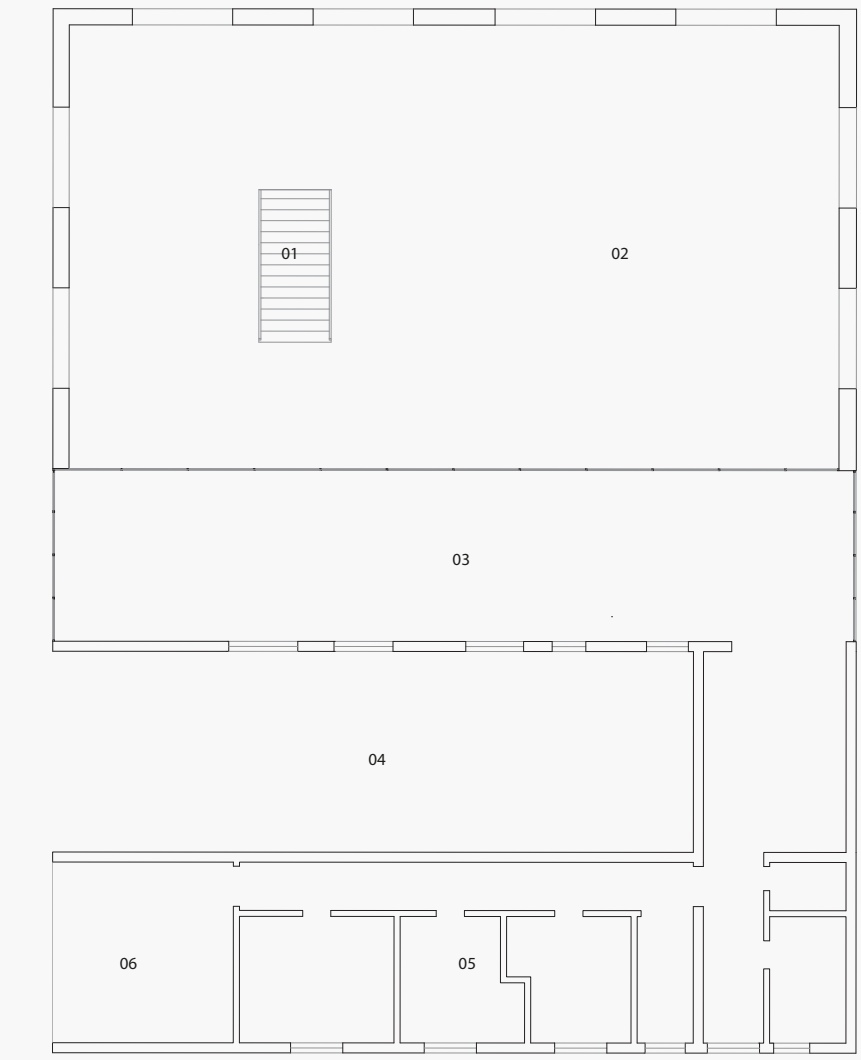
CASA JOSEPHINE BAKER, ADOLF LOOS,1927-28

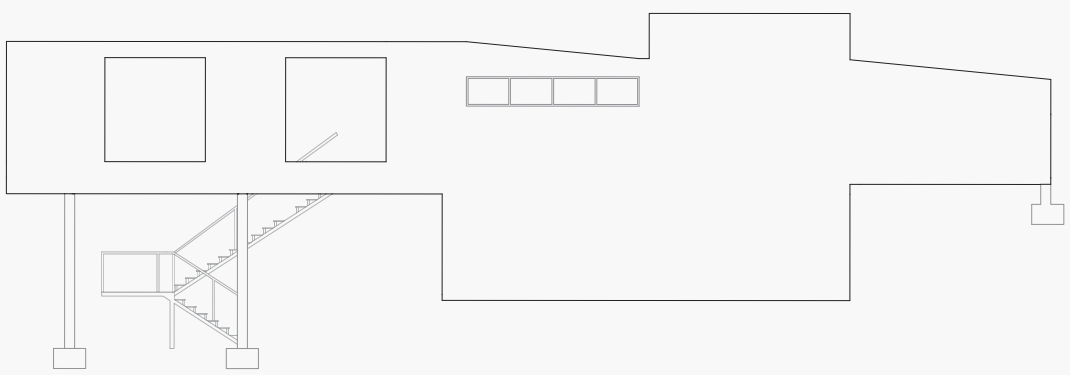








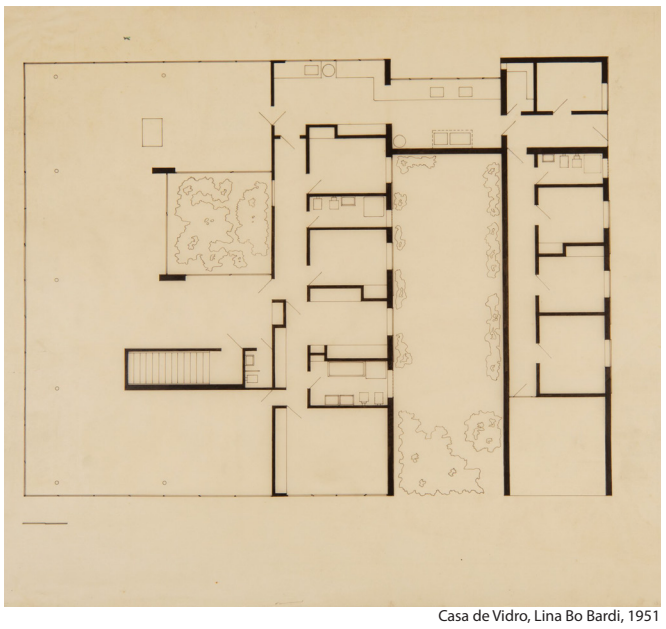




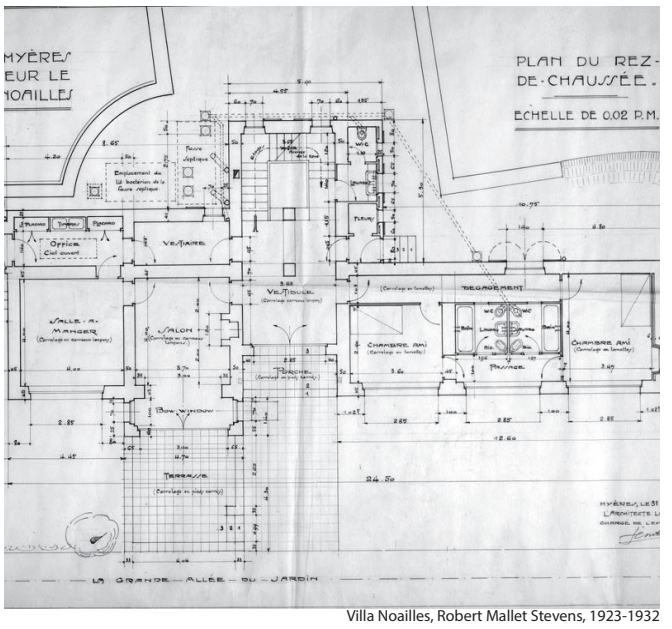
Legenda:

01 Acesso Vertical
02 Pátio
03 Área Social
04 Pátio
05 Área Privada
06 Varanda

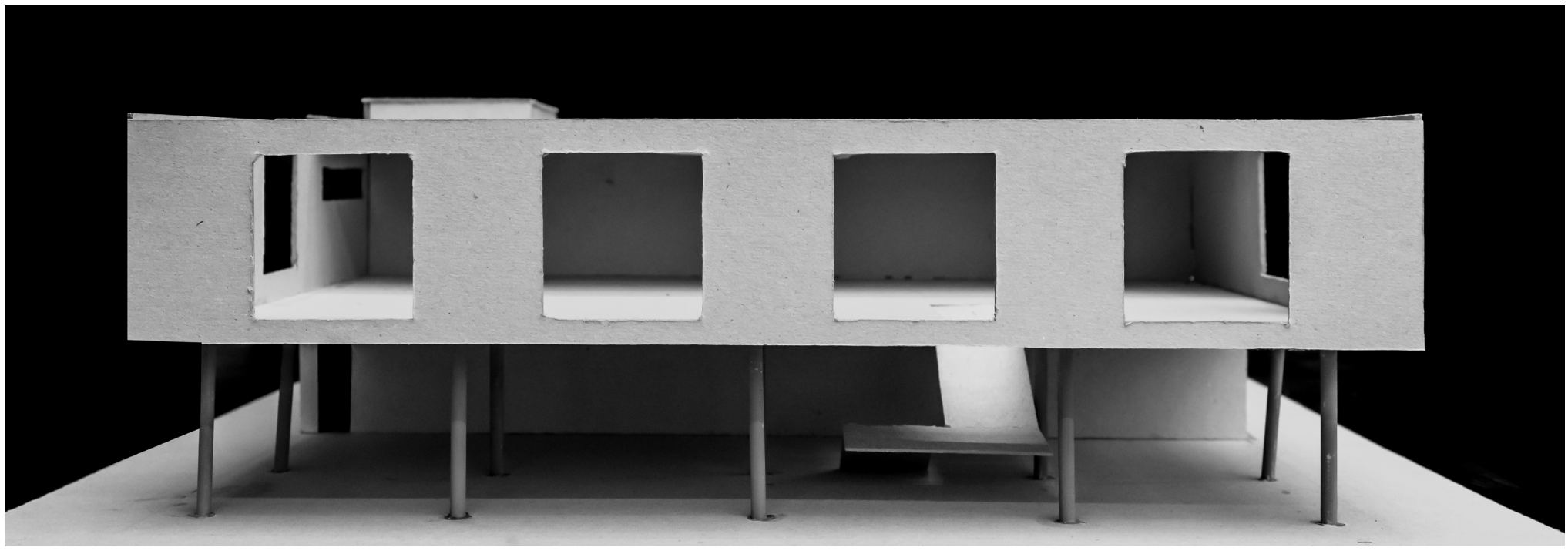
A Casa Híbrida busca as principais características e conceitos dos ambos casos de estudo, da Casa de Vidro (Lina Bo Bardi, São Paulo, Brasil, 1951) buscou-se preserva a planta baixa, o conceito de casa palafítica e a relação com o exterior. Já da Villa Noailles (Robert Mallet Stevens, Montée de Noailles, França, 1923-1932) as principais características foram a diversidade de programas que um espaço pode conter e os grandes vãos do pátio exterior, que molduram a paisagem, tendo grande relação com o conceito da Casa de Vidro.
O Híbrido se distribui com uma garagem no piso inferior, tendo um acesso vertical que leva o visitante ao piso superior em um pátio com vãos que molduram a paisagem, gerando a relação com o exterior, conceito presente em ambos os casos. Levando em conta que ambas as casas dividem as áreas privadas e socias, esse conceito foi preservado no Híbrido, o que resulta na harmonia e leveza da Casa Híbrida.

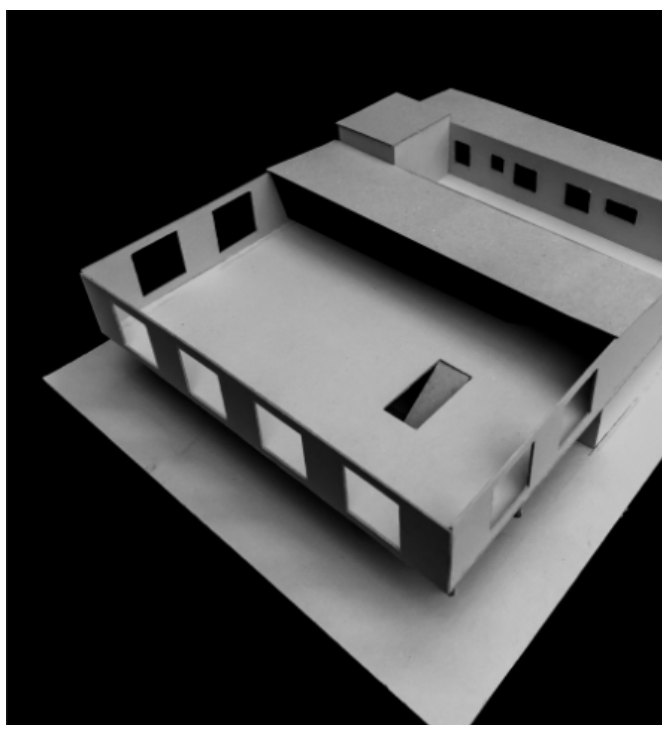


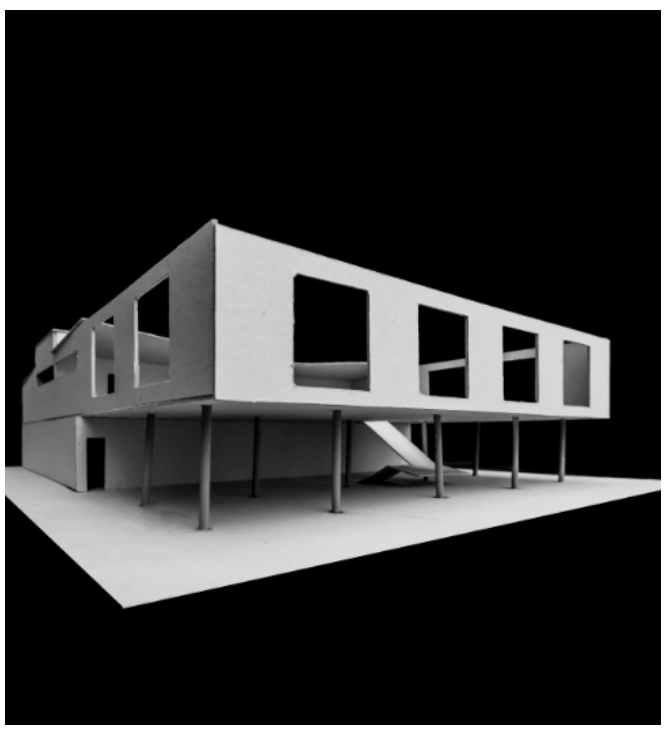
Casa de Vidro, Lina Bo Bardi, 1951

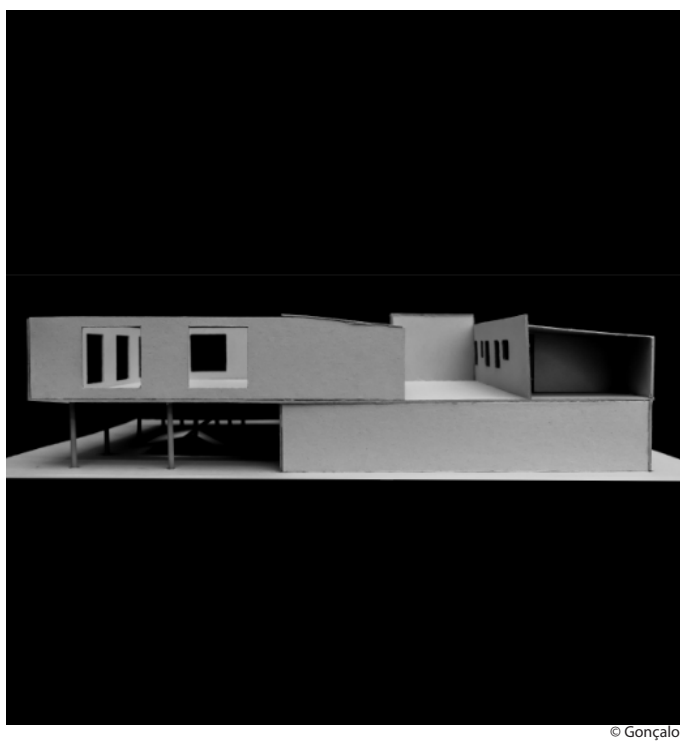


Villa Noailles, Robert Mallet Stevens, 1923-1932

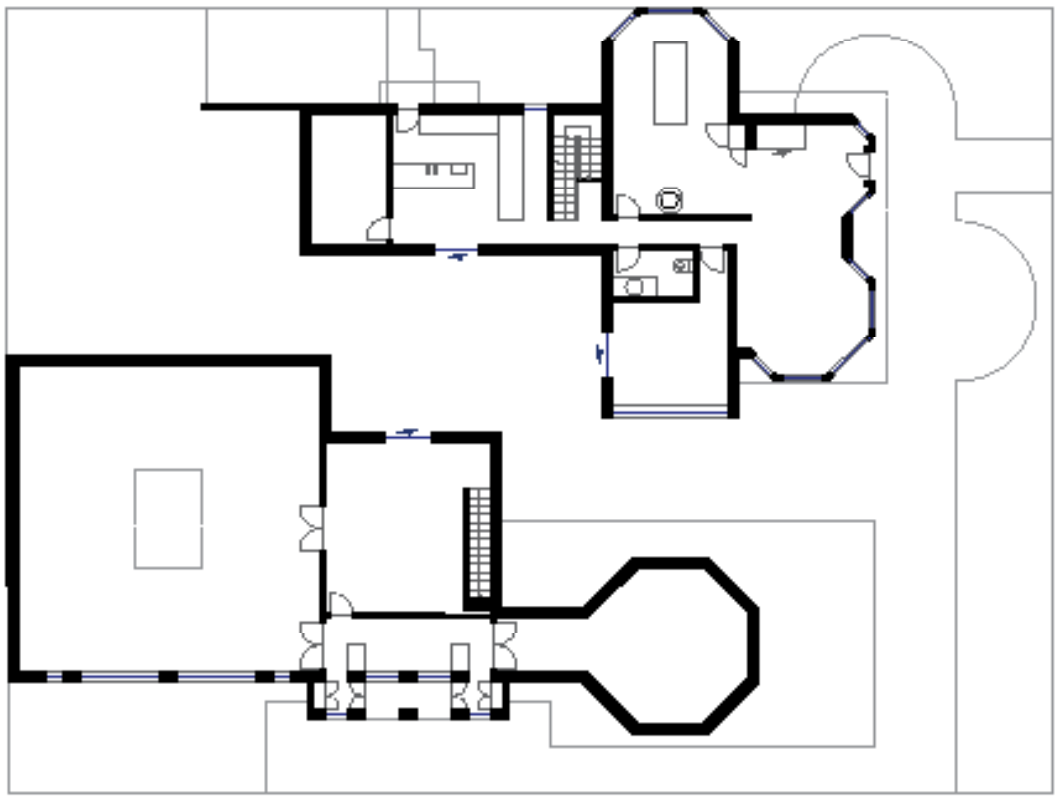


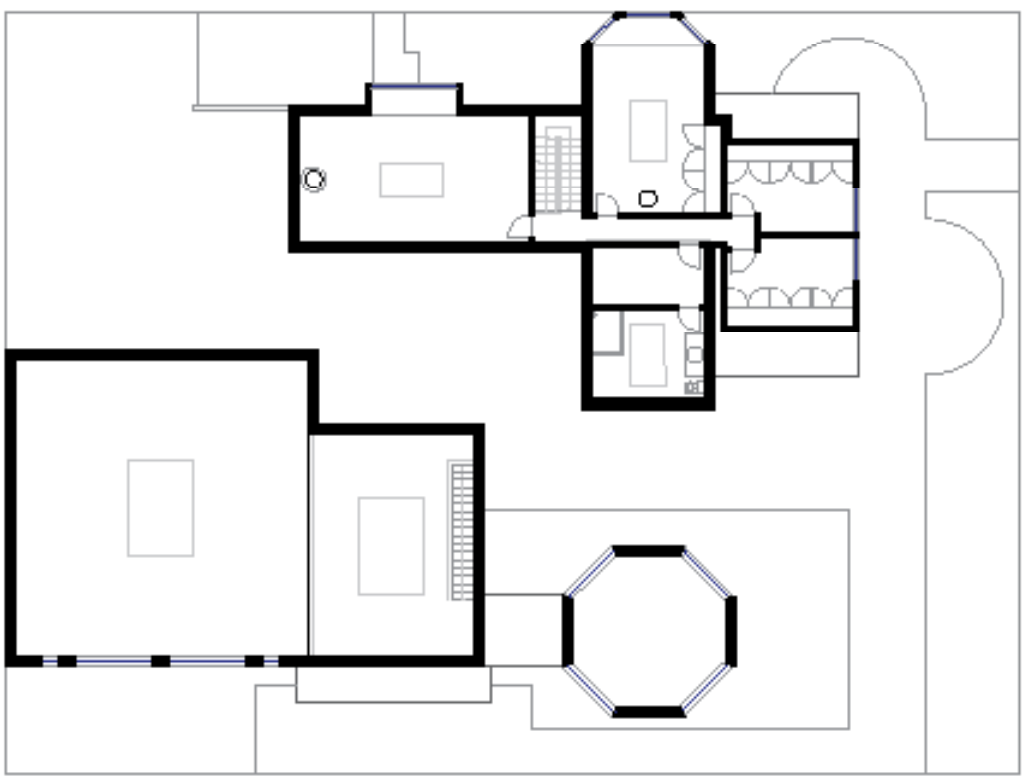




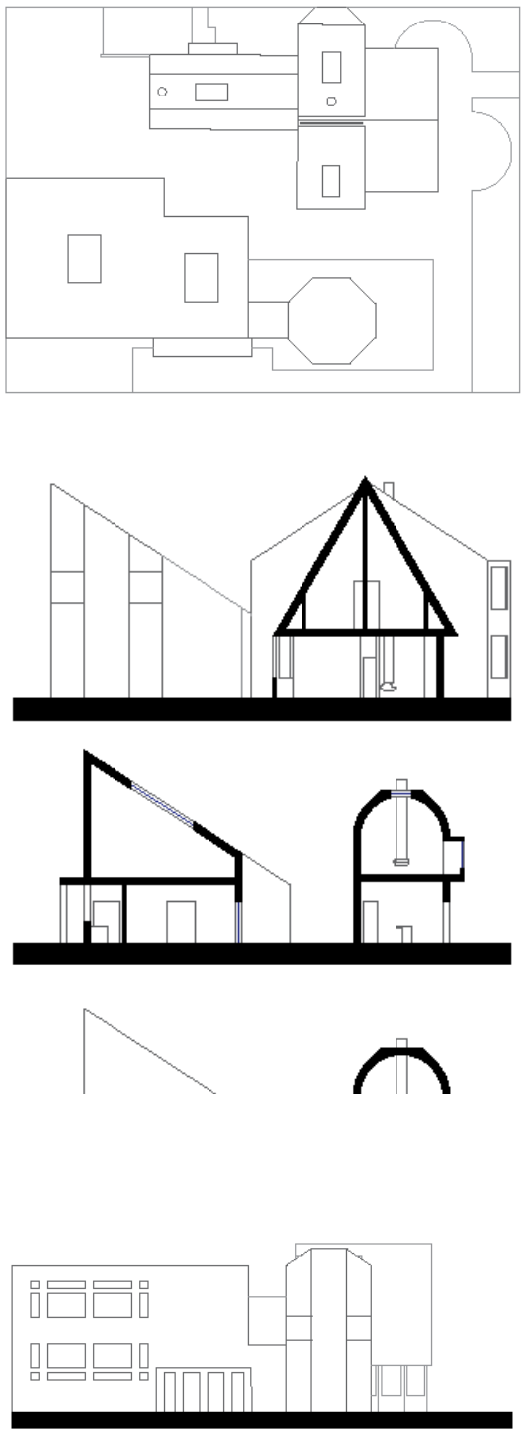


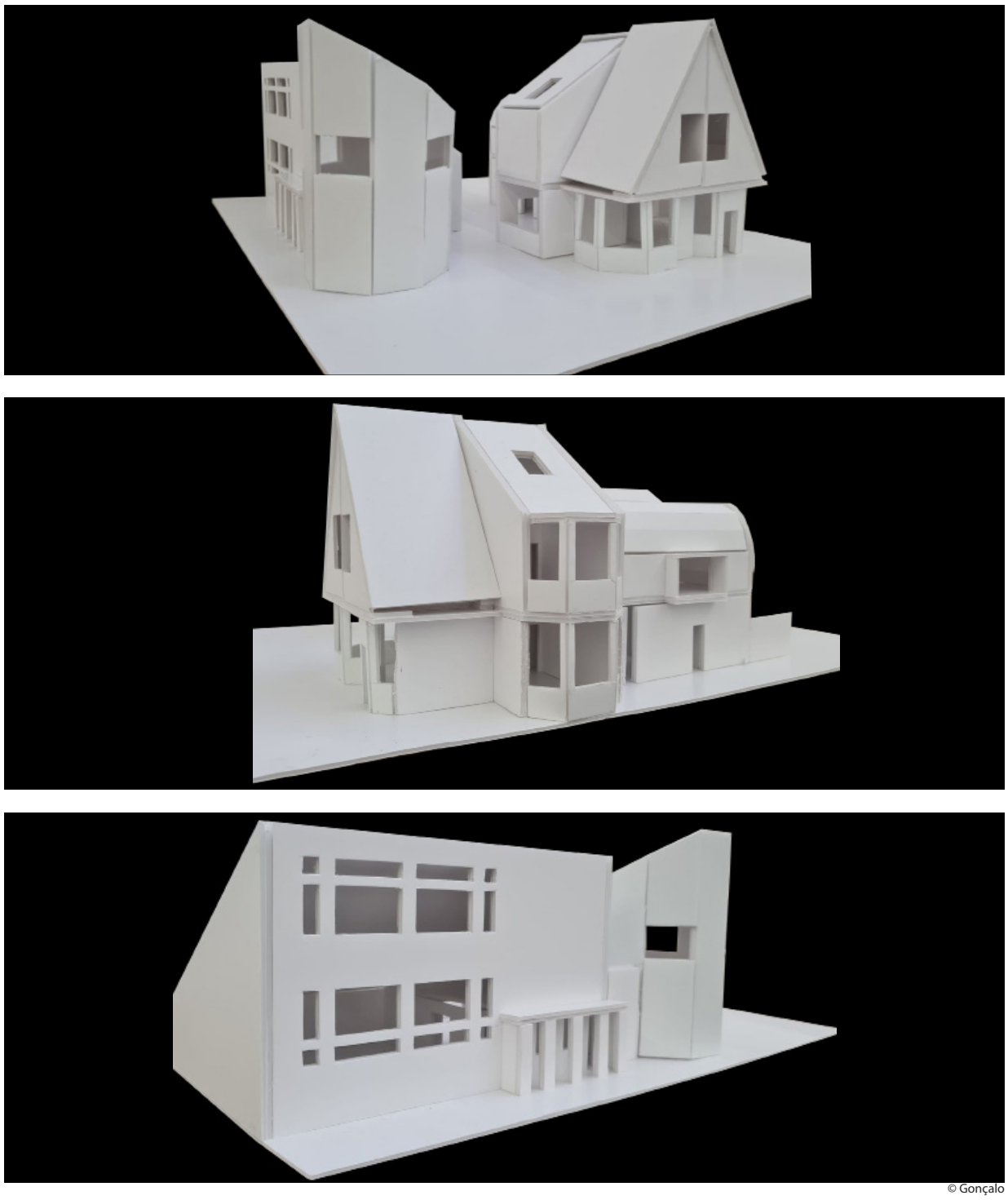
© Gonçalo





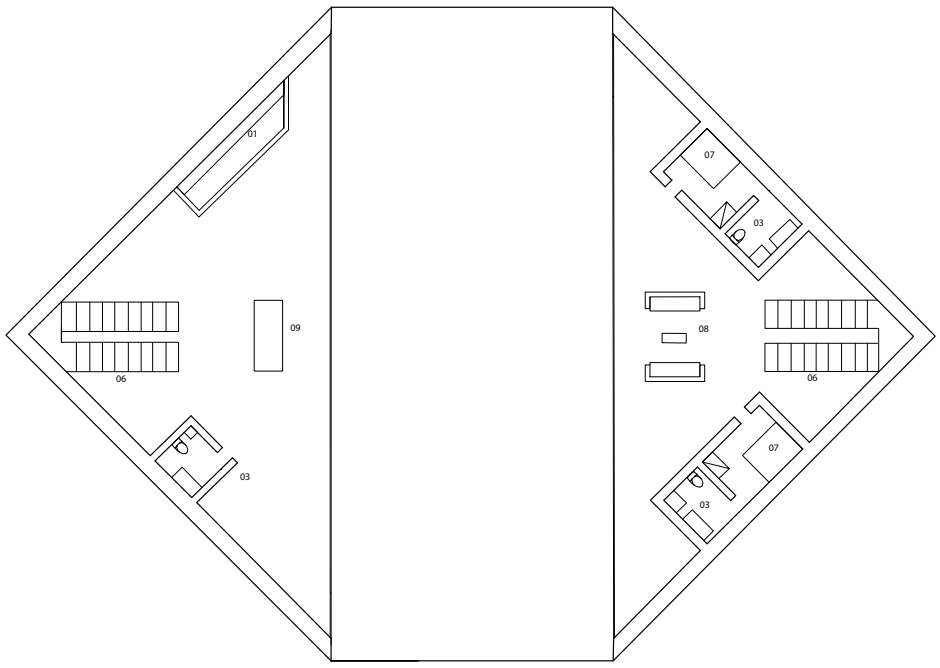
A casa Hibrida produzida através dos casos de estudo da casa estúdio em Oak Park de F.L. Wright e da casa em Karuizawa de Kazuo Shinohara, tem como propósito criar uma narrativa arquitétonica que permita a criação de uma nova habitação que possua caracteristicas pertencentes a mesma.
A casa é composta por dois volumes separados por um espaço vazio que separam a residência do estúdio.
O exterior é maioritariamente composto por formas elementares simples feitos de betão cofrado de forma a trazer formas elementares e modernistas que anteriormente tinham sido exploradas por Shinohara na sua obra Quadrantes Cilíndricos.
Marioritáriamente da obra possui uma distribuição espacial que evidentemente remete a casa estúdio em Oak Park sendo que apenas em pequenos momentos existe uma readaptação de novos espaços e por fim como referido anteriormente um patio interior ou vazio que separa os blocos de atividade descritos anteriormente.
Por fim da casa de Shinohara foi então decidido implementar mais clarabóias nas coberturas de ambas as ca sas de forma a haver um maior nivél de iluminação sendo que estas tem

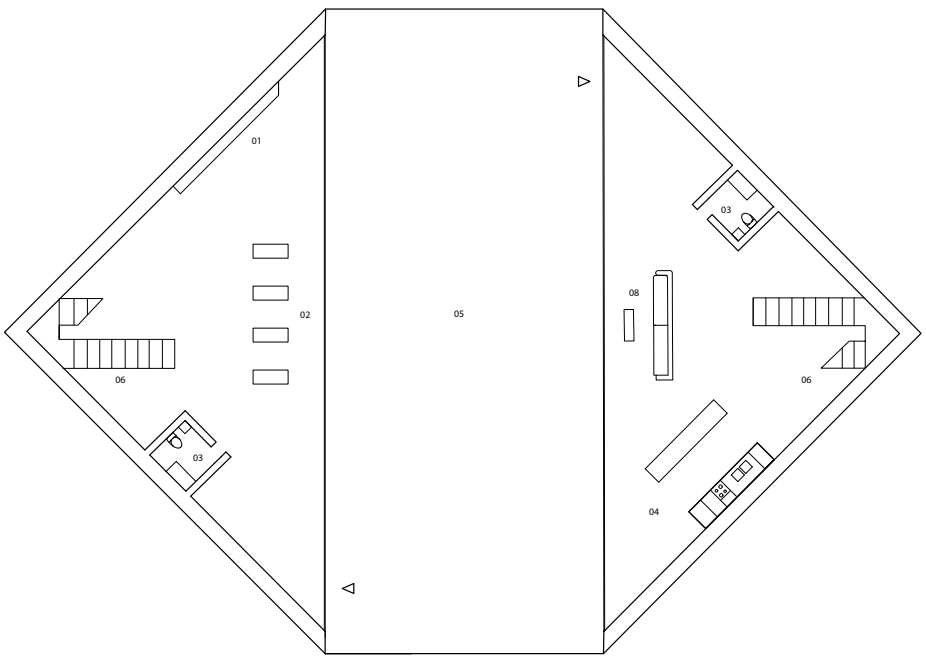




© Gonçalo

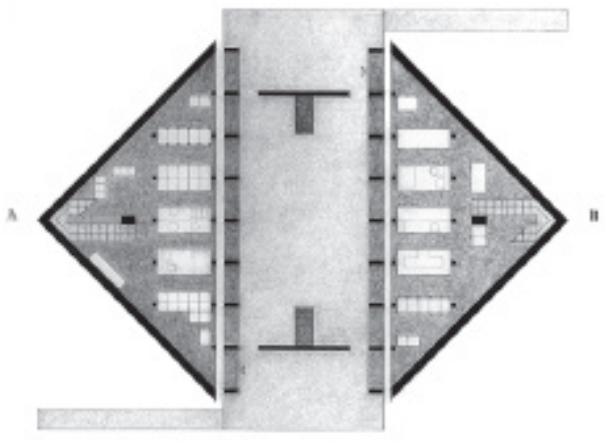
mais semelhasças com a casa em Karuizawa do que a a casa de Oak Park.



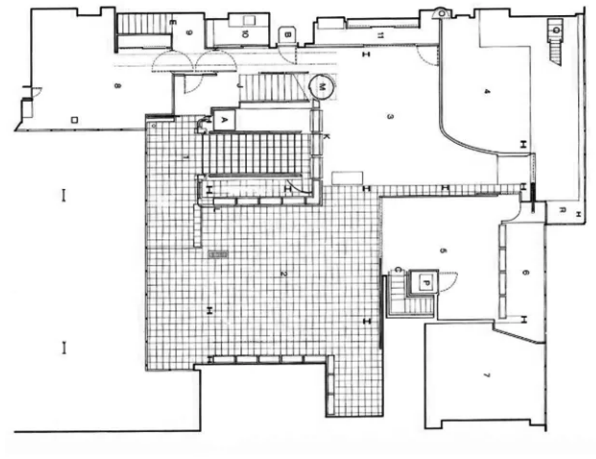


01 Biblioteca
02 Atelier
03 Instalações sanitárias
04 Cozinha
05 Pátio
06 Escadas de acesso
07 Quartos
08 Sala de estar
09 Sala de estudo

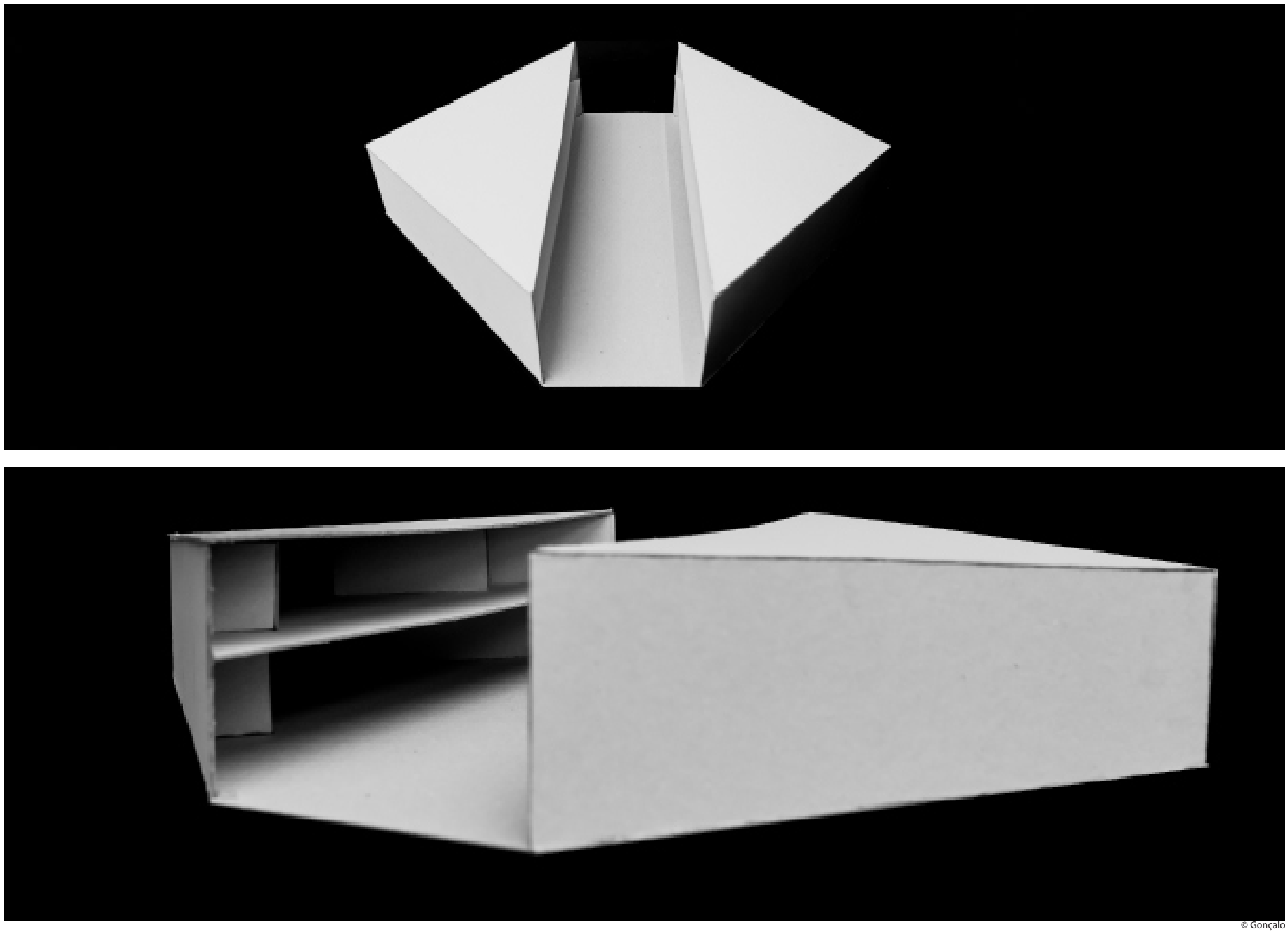
Para o projeto da Casa Híbrida unifiquei a Casa Atelier, do arquiteto Giancarlo Durisch e a Maison de Verre , dos arquitetos Pierre Chareau e Bernard Bijvoet.
A Casa Atelier tem como pontos chave a sua geometria triangular e o facto de ser uma casa mas também um atelier. Aqui, aproxima-se à Maison de Verre, sendo esta no primeiro piso o espaço de trabalho do proprietário e nos dois seguintes pisos a sua casa. Dois outros pontos chave desta última são as fachadas de vidro e a sua sala de duplo pé direito.
Surge assim a casa híbrida, dividida por dois volumes. O volume da esquerda faz de Atelier no primeiro piso, com uma zona de biblioteca com duplo pé direito e espaço de estudo no segundo piso.
Já no volume da direita, entramos para a parte social da casa, com uma sala, cozinha e instalação sanitária e no segundo piso, estão dispostos os quartos com casas de banho incluídas e um espaço de estar. Ambos os volumes estão separados por um grande pátio.



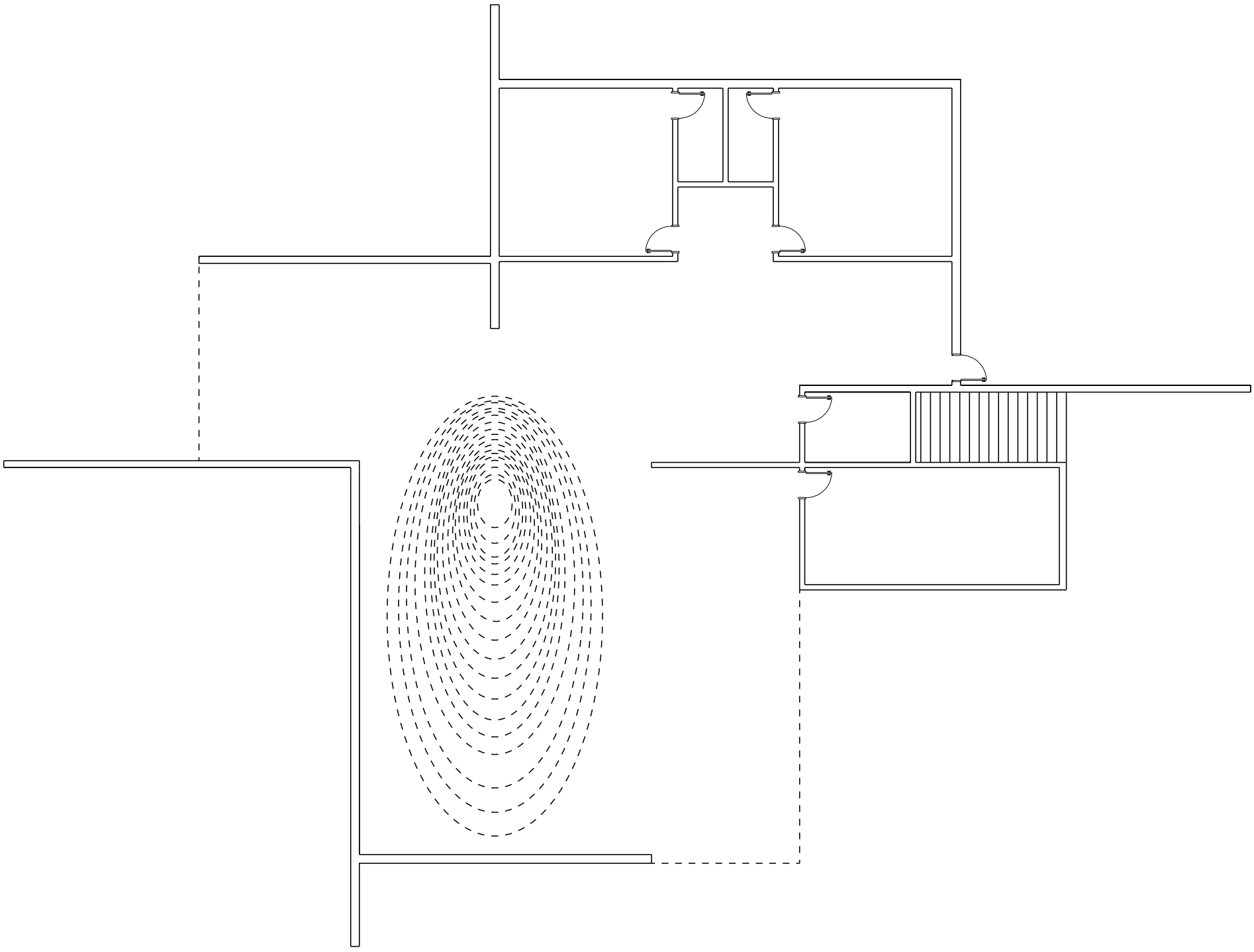
Casa atelier, 1973



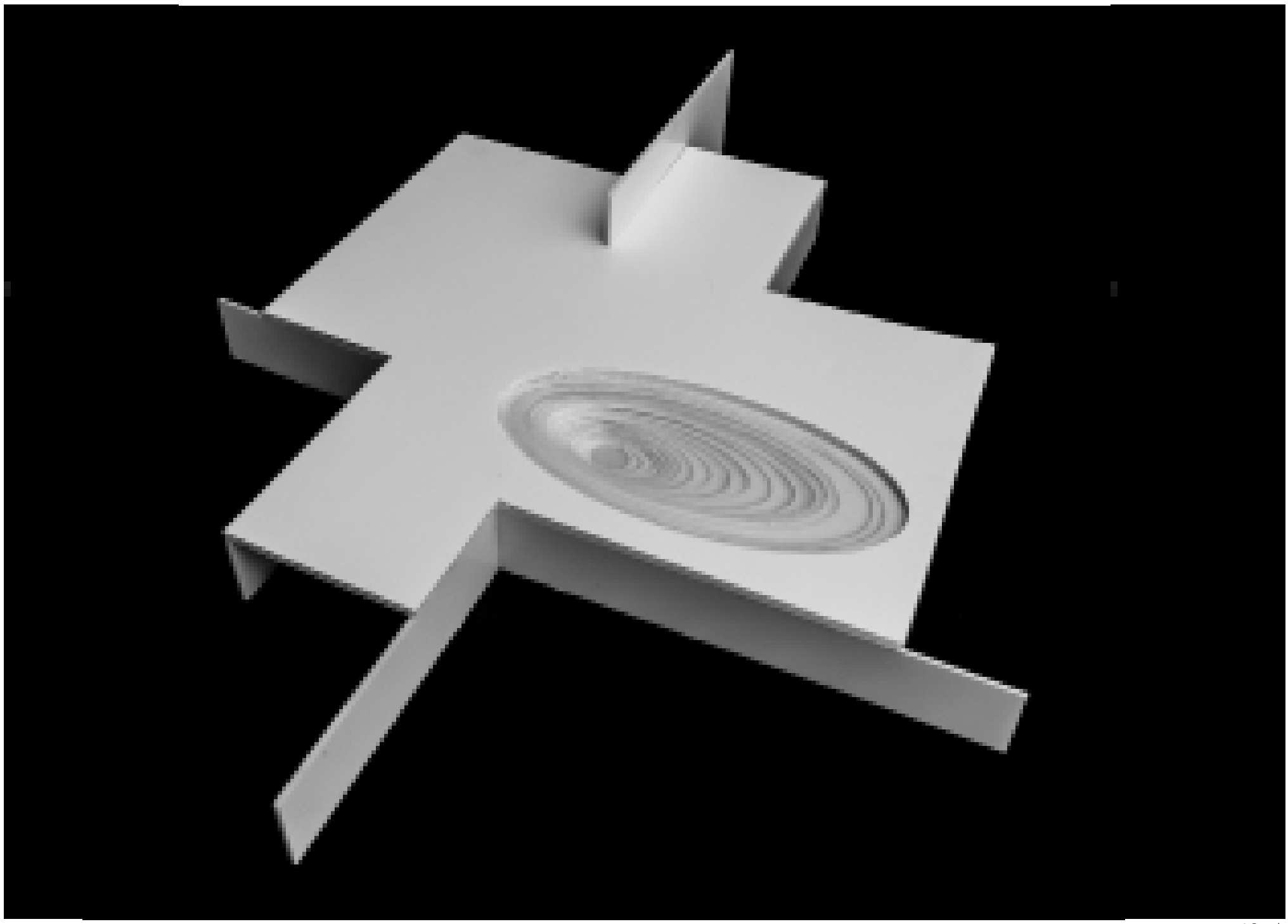
Maisson de Verre,1928-1932



© Gonçalo



O trabalho de investigação sobre os casos de estudos são referentes a Casa Kaufmann pelo arquiteto Richard Neutra e Casa no Barreiro dos Aires Mateus. A casa híbrida é um trablho de concepção de uma casa a partir dos princioais temas das casas estudadas, a planta em cruz de Neutra e a coberura acessível que transforma-se em piscina dos irmãos Aires Mateus.



© Gonçalo

CASA DUPLA

CASA VÃO

Alexandre Teixeira

NIKE

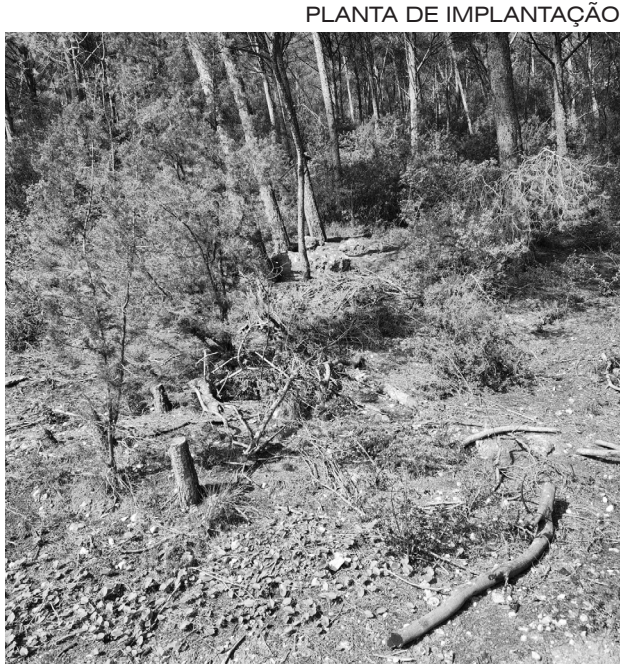
LUGAR
Uma Casa Dupla a partir das Casas em Sesimbra, 2019

1 : 500
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

Casas Gémeas, localizam-se em Sesimbra, uma pequena vila pescátoria pertencente ao distrito de Setúbal. Este projeto situa-se num lote singular, numa encosta de grandes dimensões, que se estende desde a vila ao Castelo de Sesimbra. Delimitada por um pinhal e uma estrada romana. A sua paisagem é de uma beleza extremamente selvagem, com uma vista priviligiada sobre o mar e a sua envolvente. As clientes, duas irmãs, pretendiam transformar uma pequena casa existente construída nos anos 60 em uma casa de férias. Uma casa, onde o tempo passa de forma diferente e nos ajuda a compreender fisicamente onde estamos.

A casa foi dividida em dois corpos, garantido assim, uma autonomia a cada família. Como gémeas, partilham as mesmas dimensões e as mesmas propriedades, mas cada uma tem uma pequena particularidade, na maneira como se expressão. Uma mais alta, exposta à paisagem, à procura do mar, outra mais recolhida e horizontal, procurando uma relação mais íntima com a envolvente. Anichadas ao terreno, as casas surgem como uma continuidade da rocha, invisíveis na encosta. Para este efeito é utilizado betão desativado com pigmento da cor natural da terra, naquela região. Sendo uma residência de férias, convoca-se um universo intenso, mais próximo da terra, feito com matérias-primas em bruto, mineral e rígido. No seu interior, apenas as paredes são pintadas, os outros materiais revelam o seu estado natural. Janelas e portadas correm para dentro das paredes, criando assim, uma ligação extremamente forte com o espaço exterior.

Fotografia local de intervenção ©Alexandre Teixeira

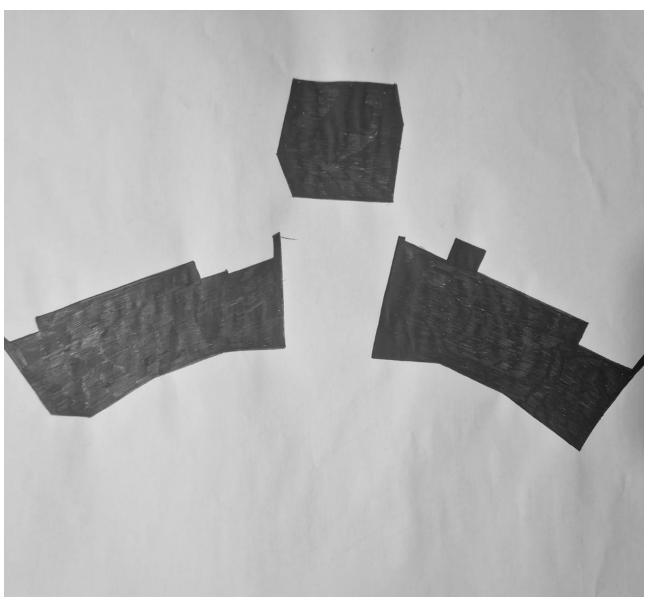


Fotografia aéria local de intervenção ©Alexandre Teixeira

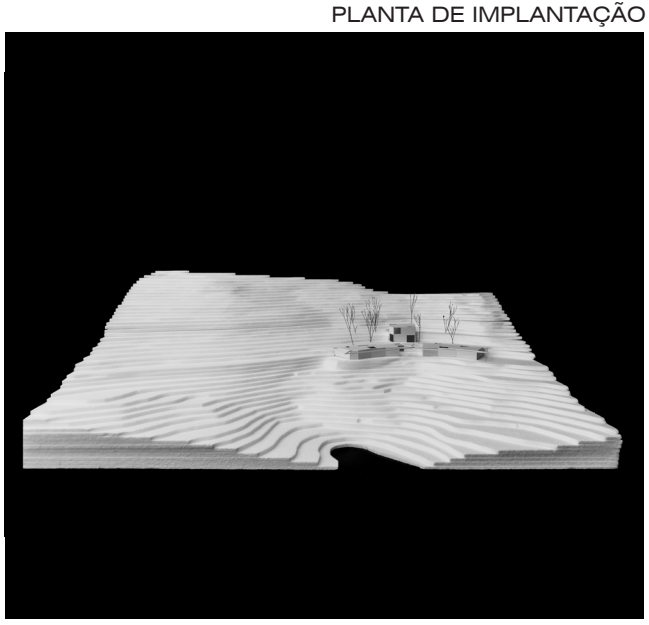
ALEXANDRE TEIXEIRA

1 : 200
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

A proposta localiza-se num ponto alto, um pouco acima das casas existentes, de forma a estabelecer uma relação com o território, sendo um ponto estratégico, que permite uma vista desafogada para a envolvente. Existindo um maior domínio e proteção.
A sua volumetria é um jogo de cheios e vazios, luz e sombra em que os vazios representam os pátios existentes da cobertura das duas casas, criando assim, todos os alçados da volumetria. Desenvolvendo assim, uma relação com as casas gémeas e com a plataforma em que estão assentes.
Os vãos deste terceiro elemento apresentam um grande destaque, uma vez que os planos verticais, onde se abrem estas aberturas, possibilitam enquadrar estes quadros vivos que se encontram no exterior, estabelecendo uma relação muito forte com a paisagem.

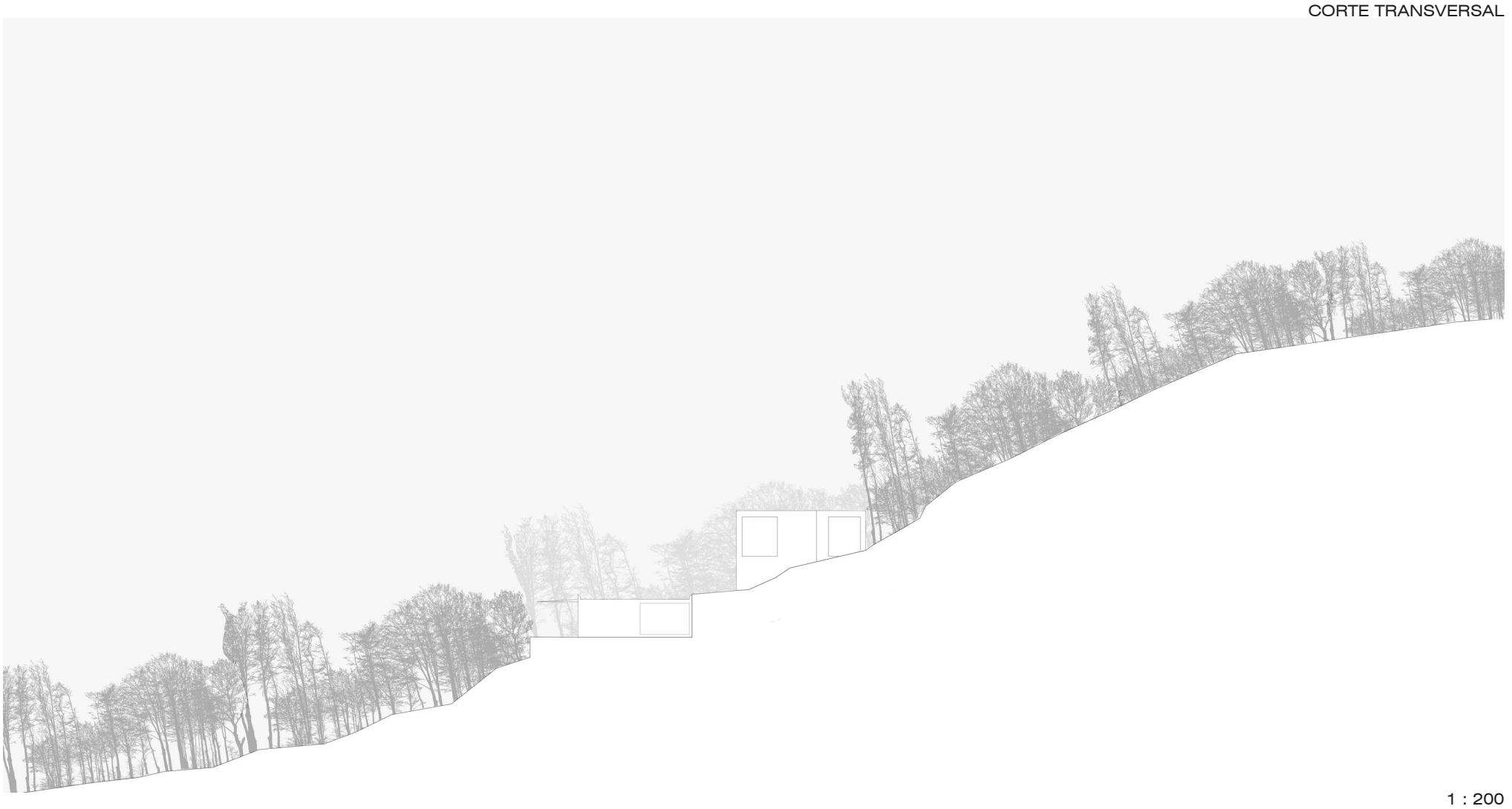


Esquema ©Alexandre Teixeira

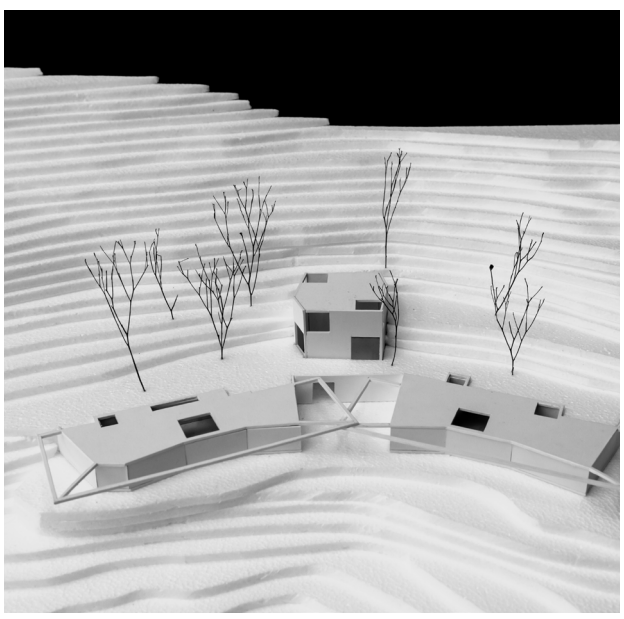


Fotografia maquete 1/200 ©Alexandre Teixeira

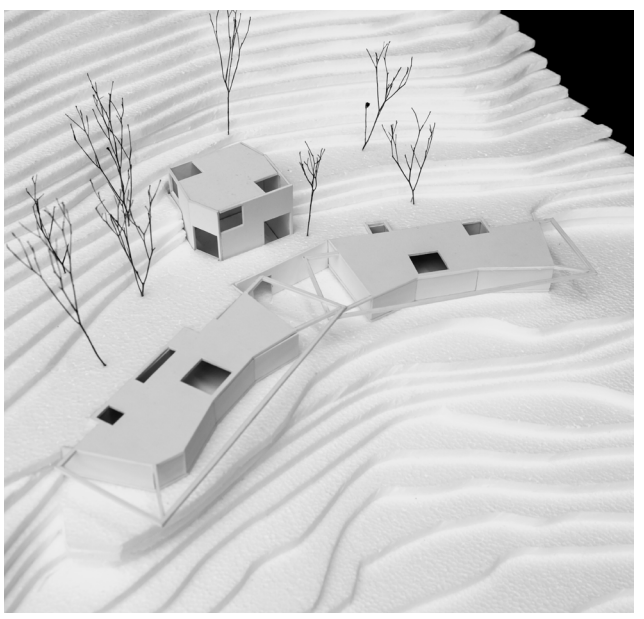
1 : 200
CORTE TRANSVERSAL



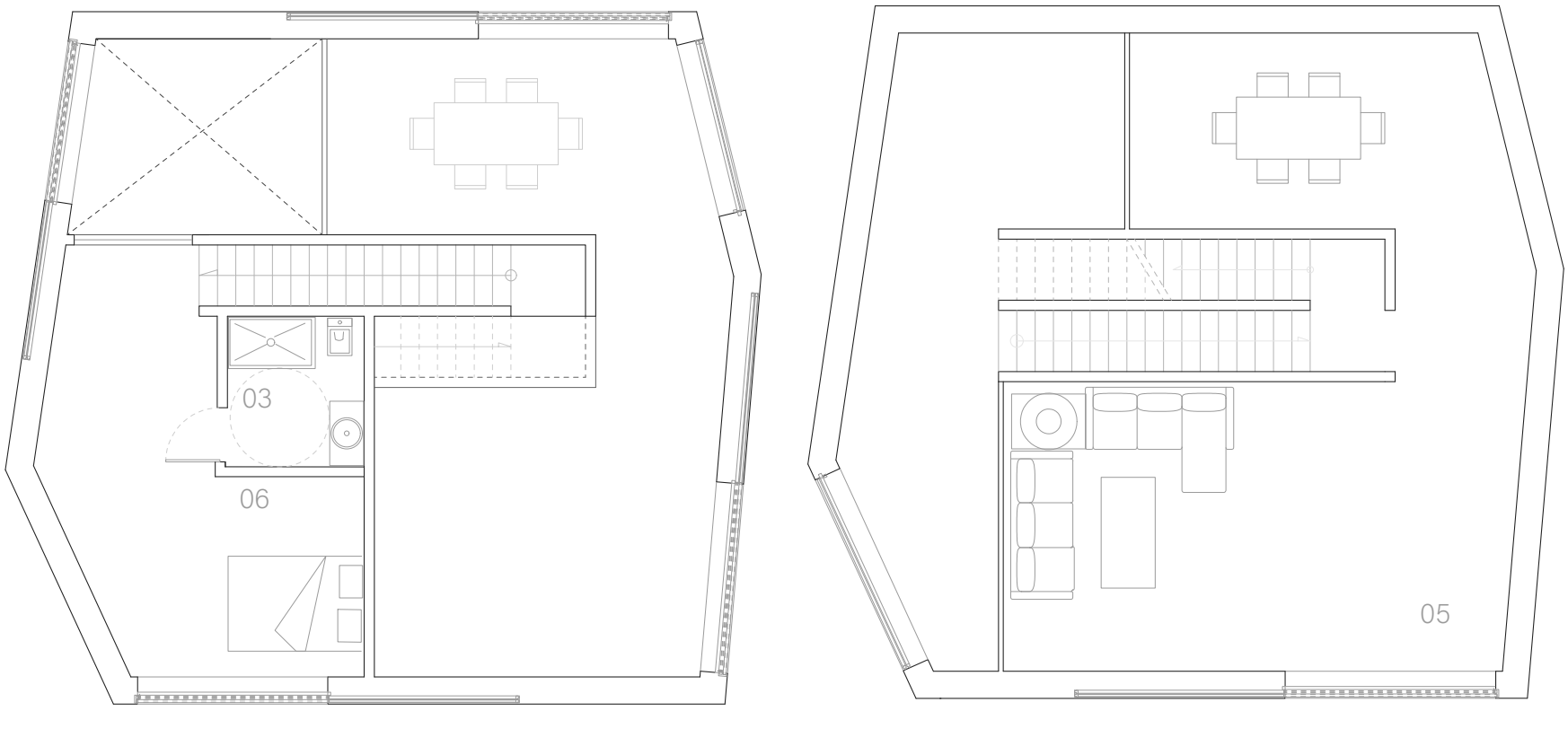
1 : 200
ALÇADO LATERAL



Fotografia maquete 1/200 ©Alexandre Teixeira



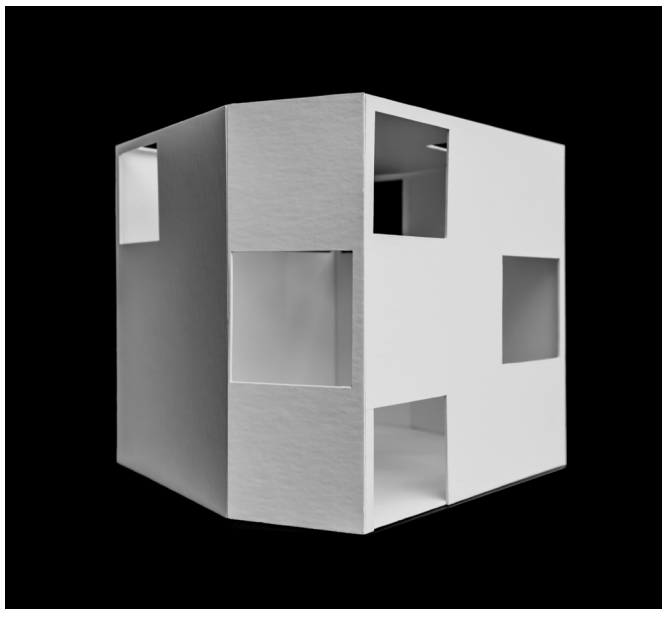
Fotografia maquete 1/200 ©Alexandre Teixeira



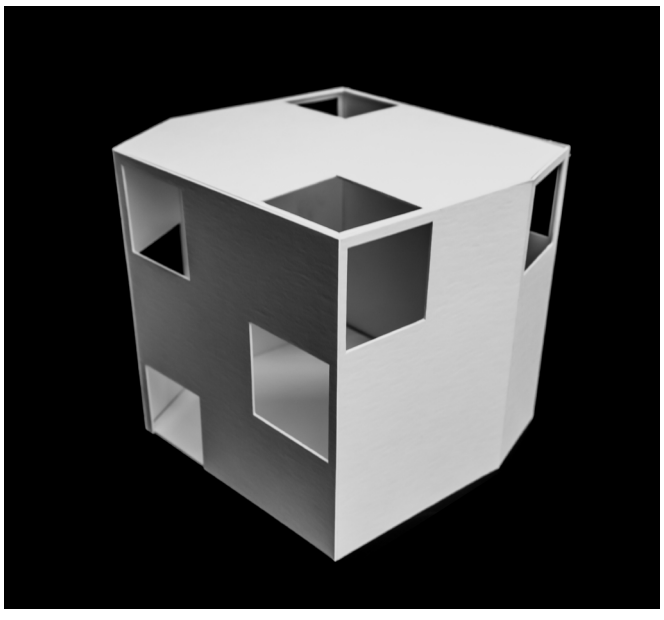
01 Cozinha
02 Espaço de arrumação
03 Instalação Sanitária
04 Sala de jantar
05 Sala de estar
06 Quarto

1 : 100
PLANTA

No interior o programa é definido por um núcleo central onde contém a cozinha , casa de banho, espaço de arrumação e escadas que fazem a ligação de todos os pisos existentes. Todo o restante espaço a sua volta é único e fluido e a sua apropriação fica ao critério dos que o habitam. No primeiro andar, situa- se a área de lazer, um espaço amplo com bastante luminosidade e no último piso, situa-se a zona privada da casa, o quarto. Todo o seu interior é um constante jogo de luz e sombra.
Os vãos apresentam um grande destaque, uma vez que os planos verticais, onde se abrem estas aberturas, possibilitam um contacto muito forte com a paisagem e com toda a sua envolvente.



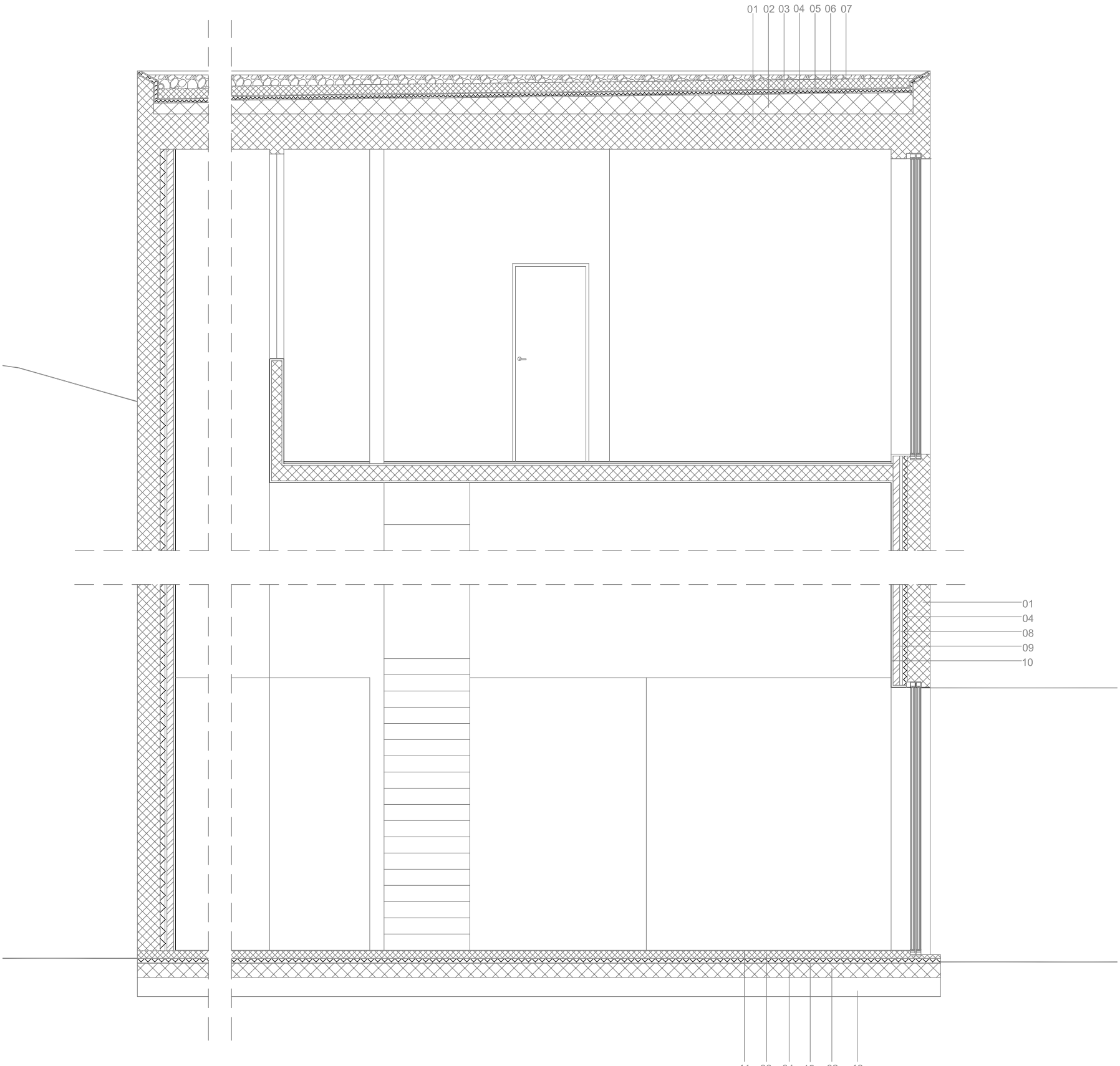
Fotografia maquete 1/50 ©Alexandre Teixeira



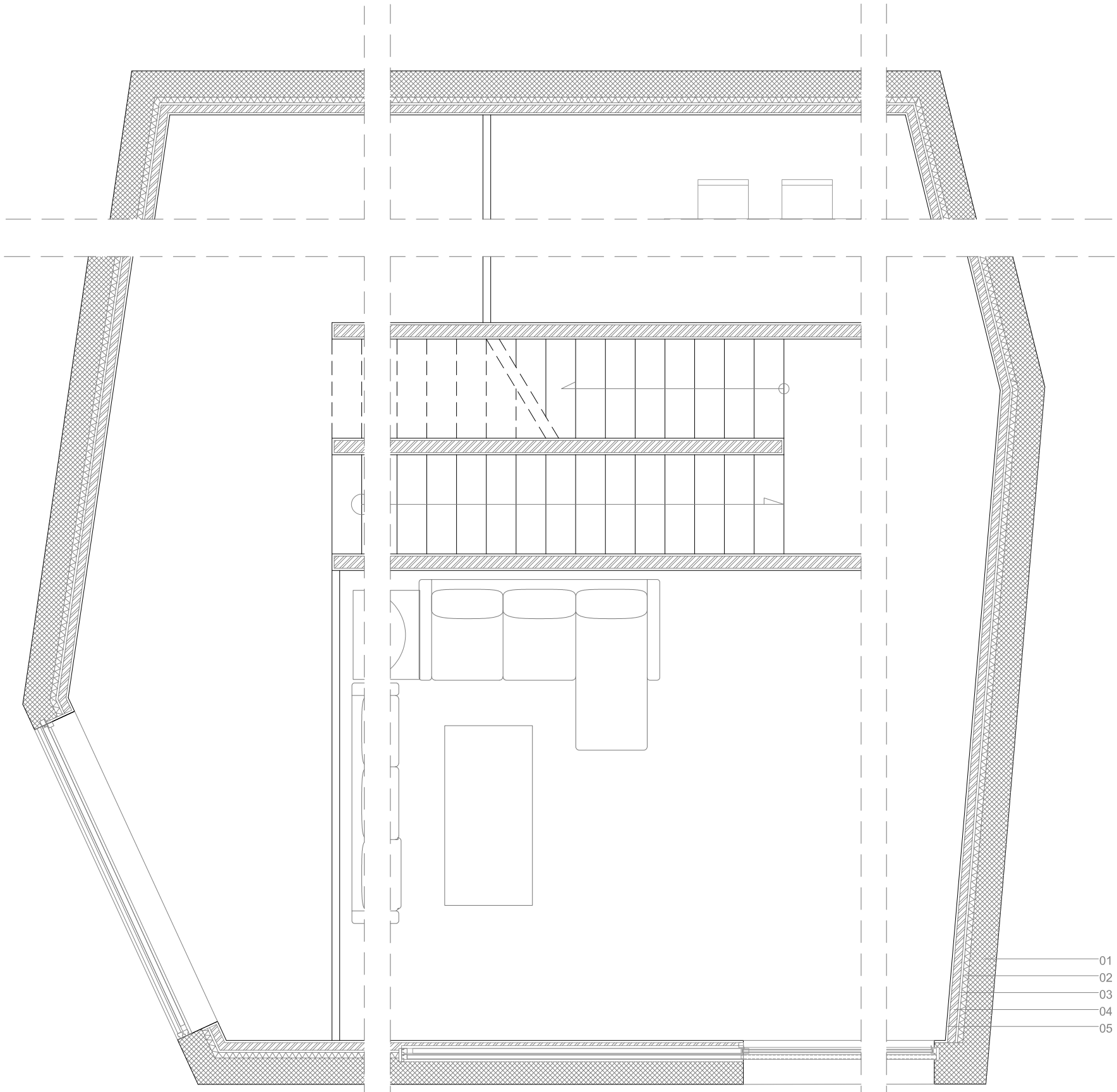
Fotografia maquete 1/50 ©Alexandre Teixeira

PORMENORES CONSTRUTIVOS

Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémias em Sesimbra, 2019



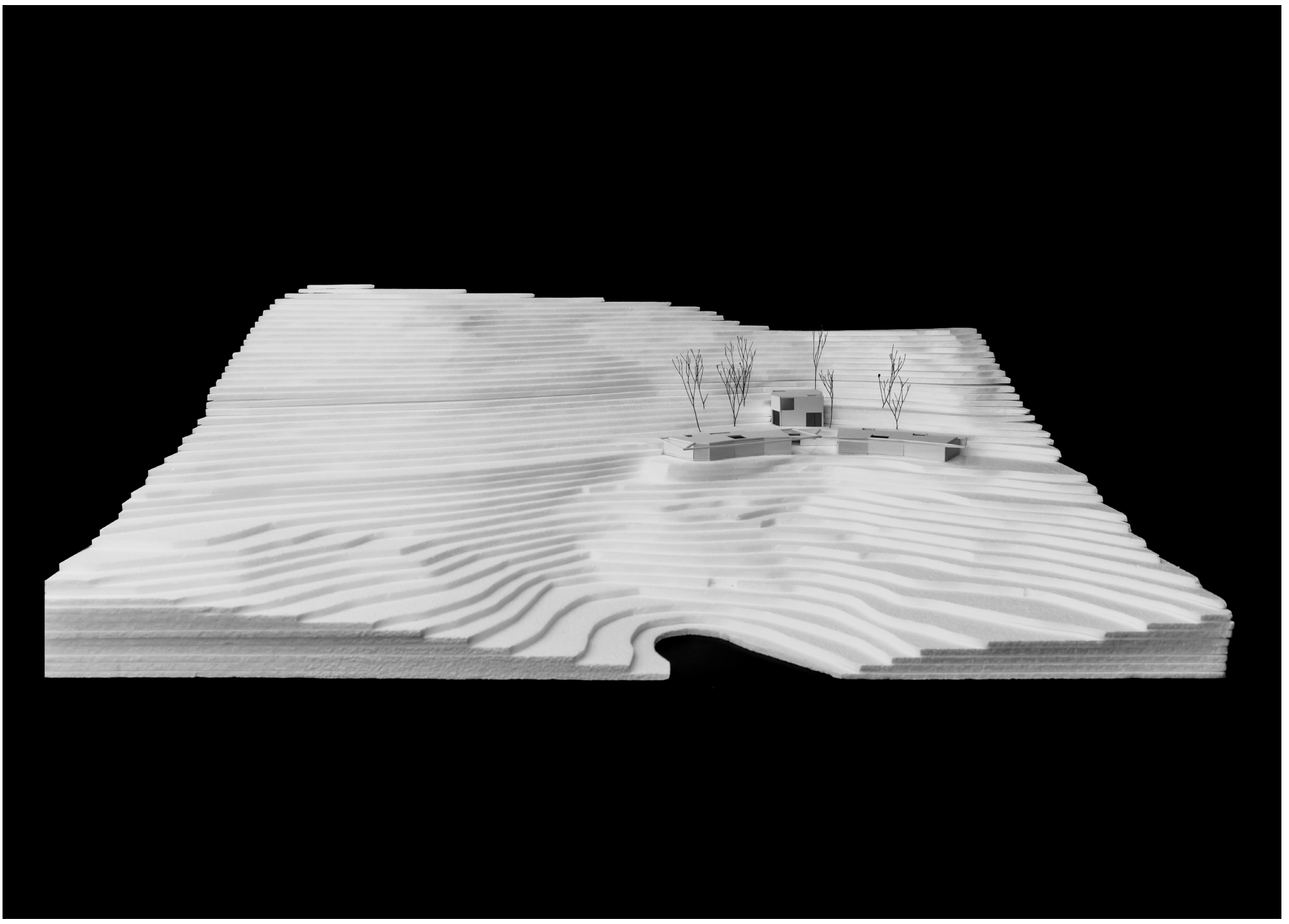
01- Betão desativado pigmentado
02- Camada de forma
03- Impermeabilização
04- Isolamento térmico XPS HD 50 mm
05- Camada drenante
06- Betonilha de regularização 80 mm
07- Gravilha
08- Camada de ar 50 mm
09- Alvenaria de tijolo 70 mm
10- Estuque 20 mm
11- Microcimento
12- Feltro Geotêxtil
13- Enrocamento

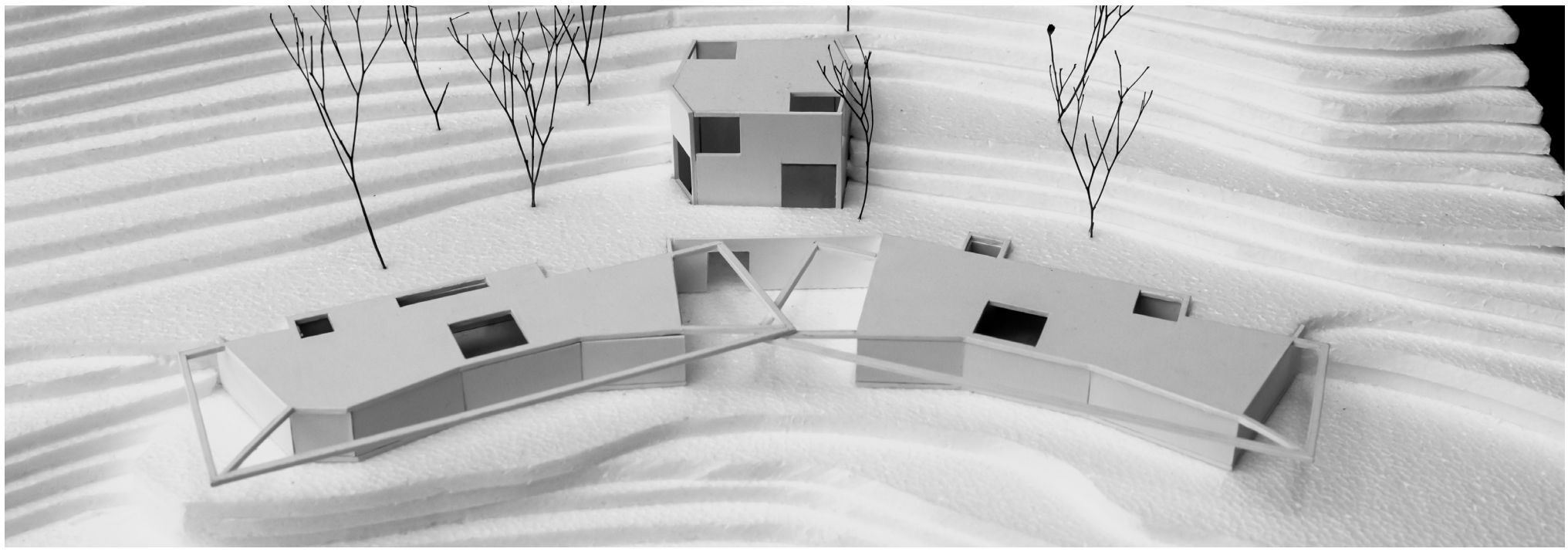


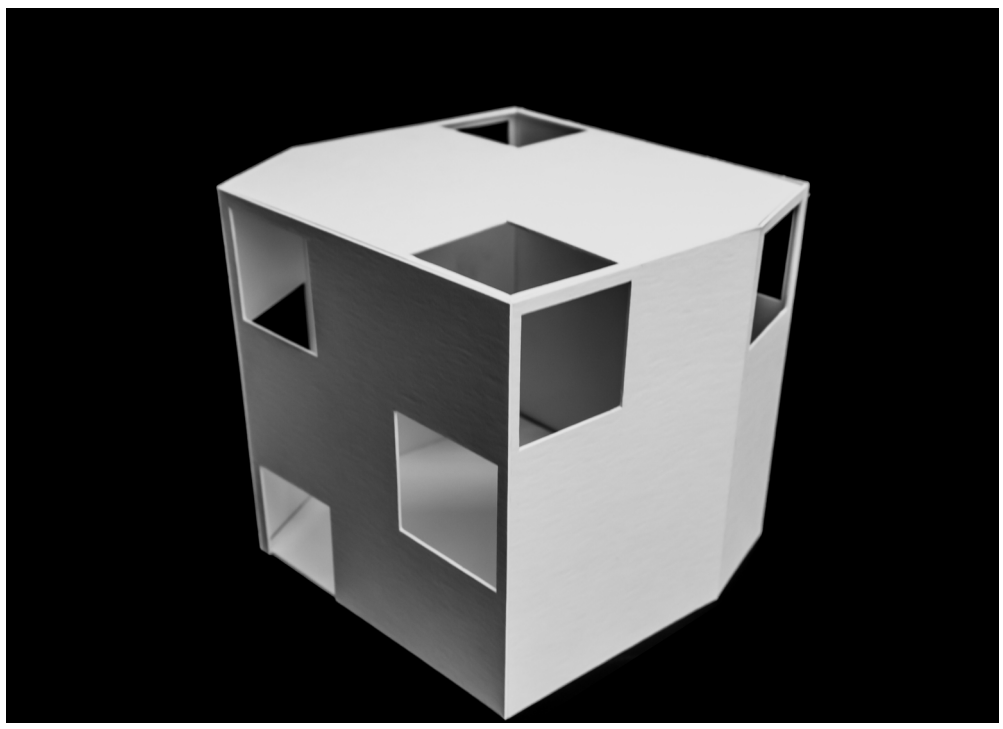
01- Betão desativado pigmentado
02- Isolamento térmico XPS HD 50 mm
03- Camada de ar 50 mm
04- Alvenaria de tijolo 70 mm
05- Estuque 20 mm

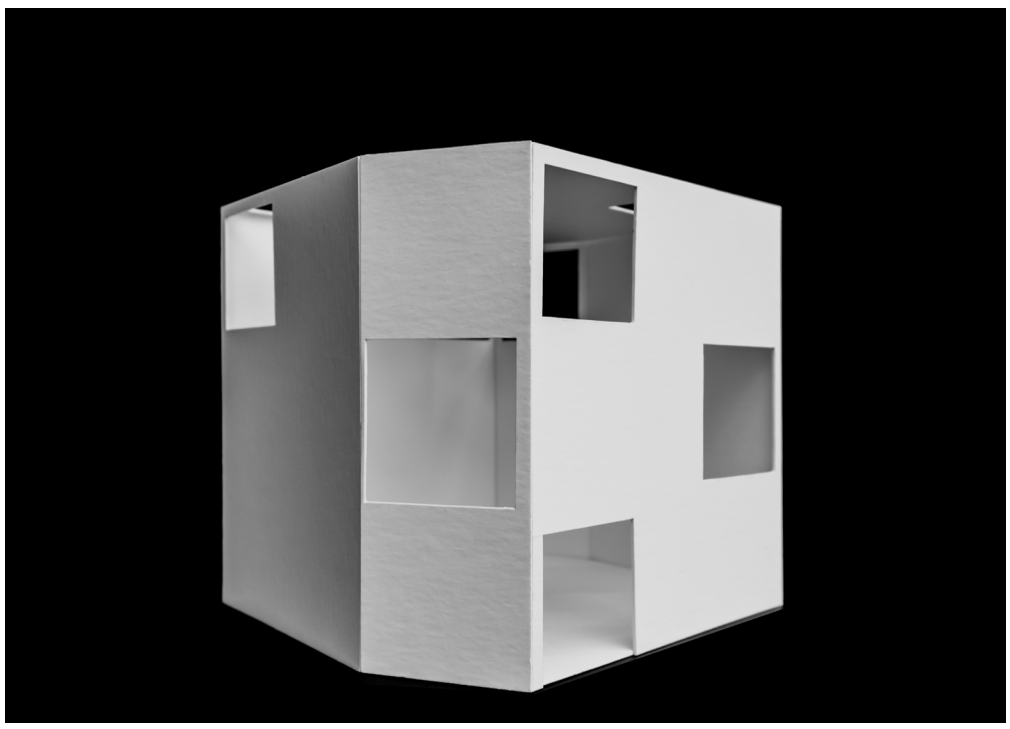
MAQUETES

Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019







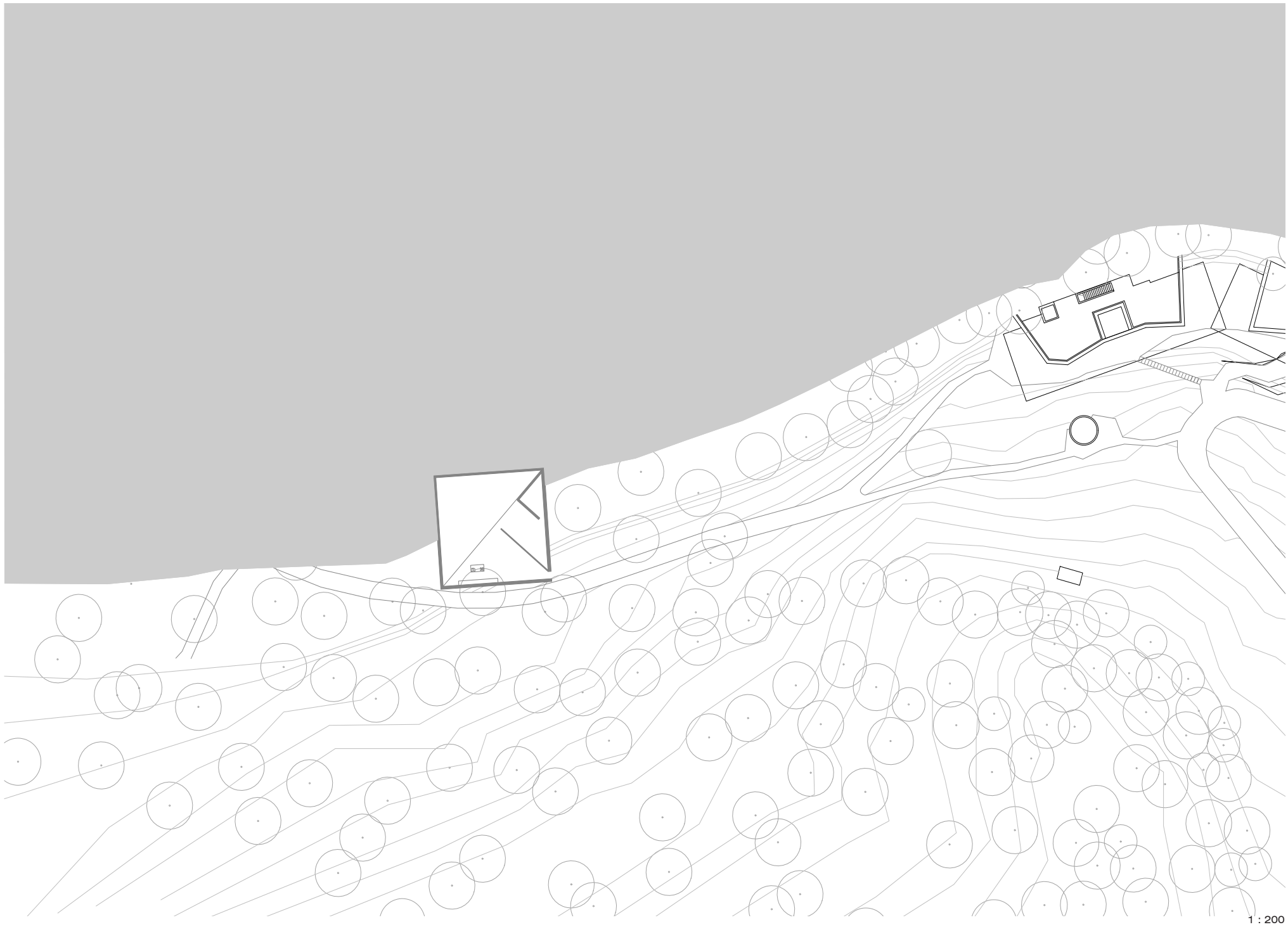


CASA PÁTIO

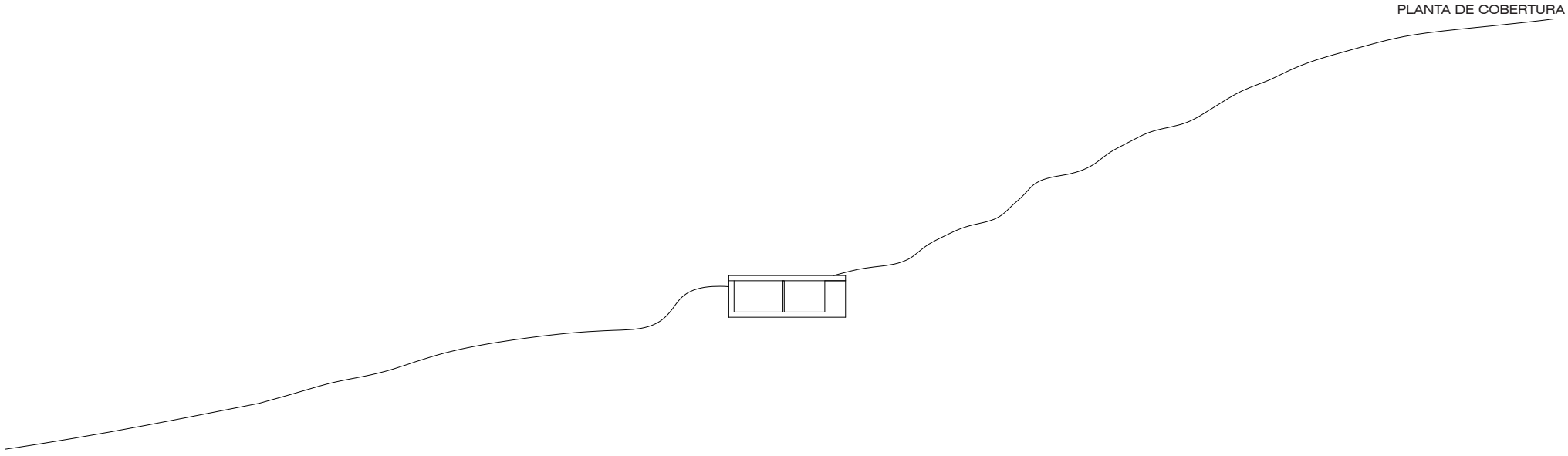
Ana Rio

1 : 500
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

As casas gémeas, são um projeto de 2019 da autoria do extra-studio, localizam-se em Sesimbra a 600 metros do mar, todo o programa foi pensado e adaptado tendo em conta que são casas de férias. Inserem-se numa paisagem com alguma densidade de vegetação, parecem, no entanto, pertencer ao local devido ao uso de betão pigmentado desativado e às grandes pergolas cobertas de elementos vegetais.



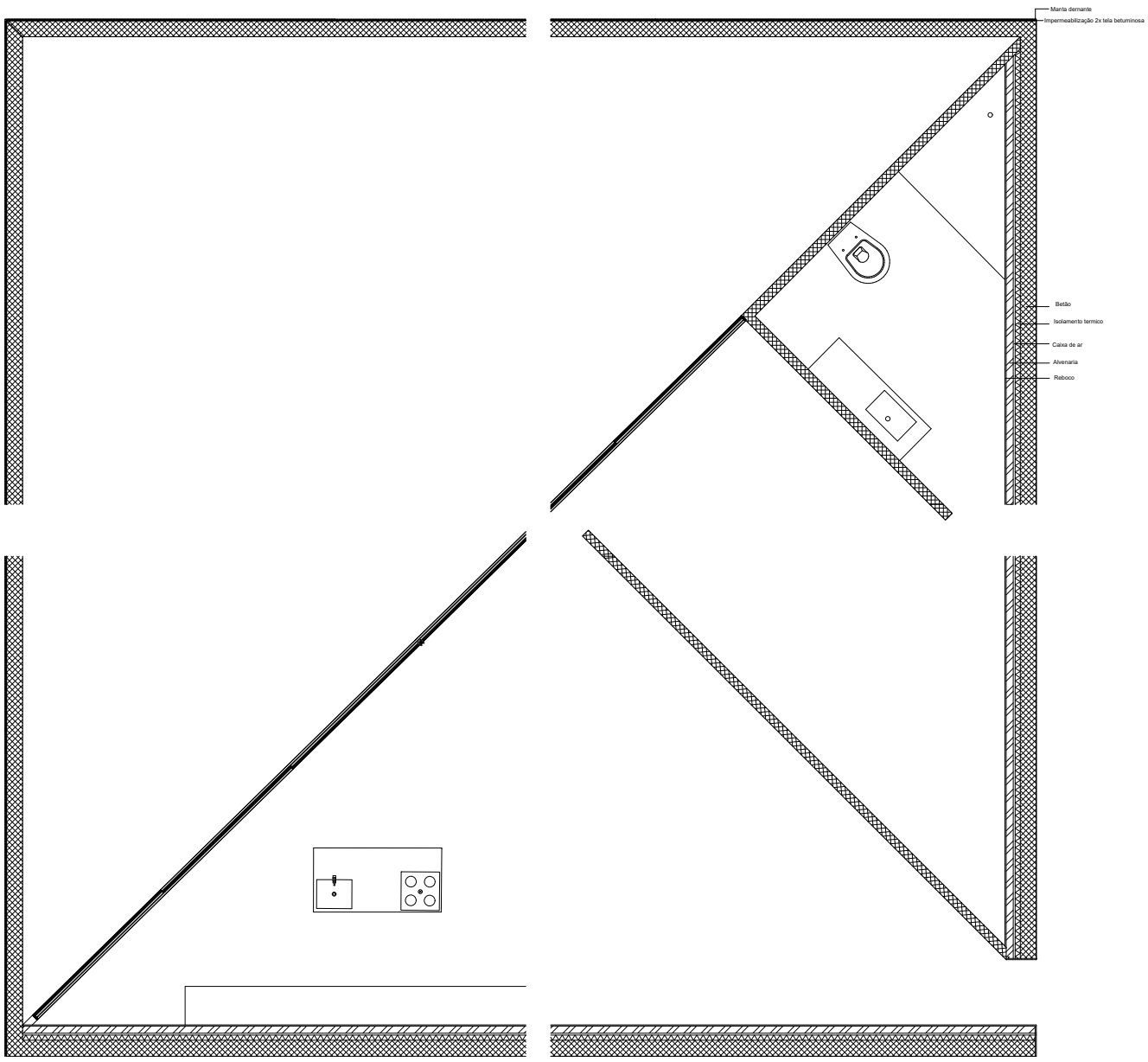
1 : 200
PLANTA DE COBERTURA



1 : 200
CORTE

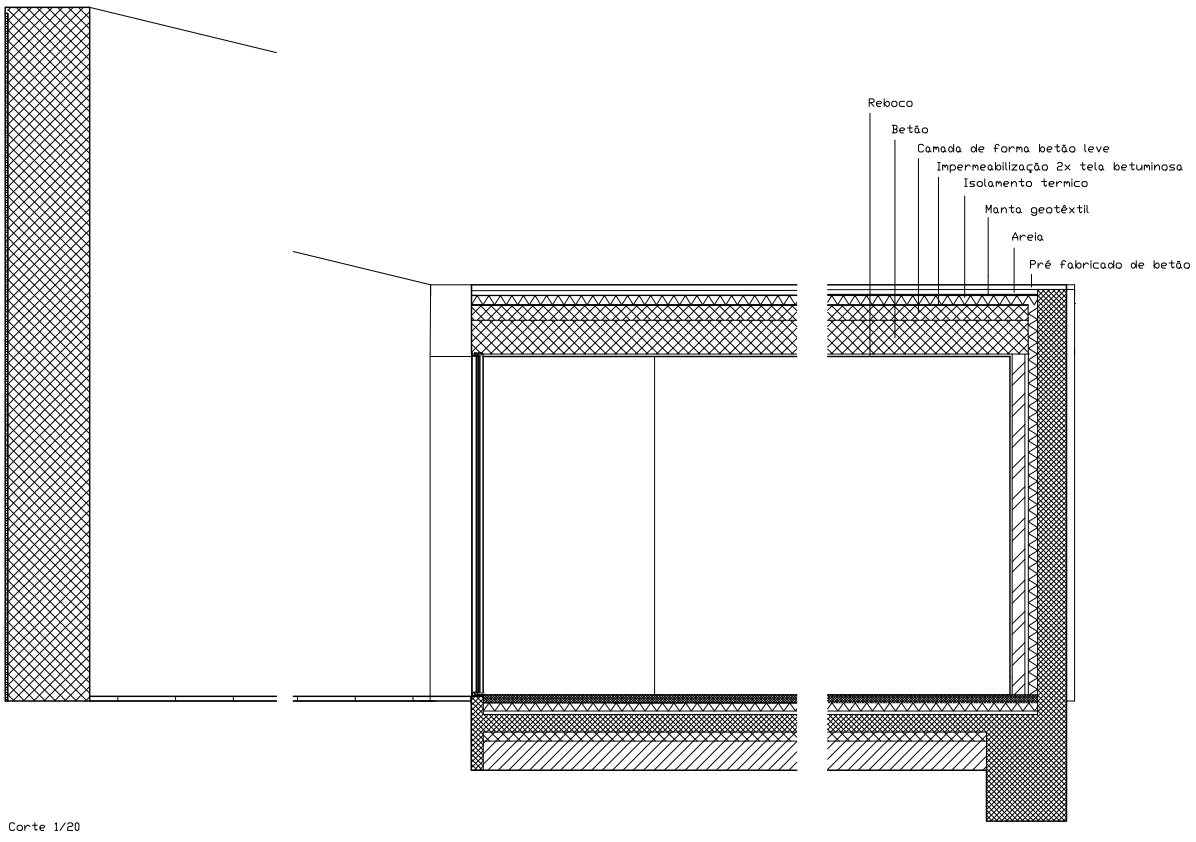
A casa dupla surge de um grande pátio que é a unica interação direta com o exterior a tempo inteiro, assim todos os espaços estão conectados ao mesmo.
As casas gémeas são mais abertas para o horizonte e para o mar. A casa dupla procura criar um espaço de contraste relacionando-se com o envolvente não através de uma vista horizontal mas sim vertical, a observação direta do céu e das copas das árvores.
A casa encontra-se quase na totalidade envolta em terreno o que reforça a ideia de que a casa se abre apenas para o pátio no seu interior, premite ainda que as paredes do mesmo tenham na sua cota mais alta 6 metros, acentuando a sensação de verticalidade do espaço.
O pátio representa metada da área da casa, sendo o restante do espaço composto por um quarto uma casa de banho e uma zona de estar associada à cozinha.

Foto vista do pátio



1 : 50
PLANTA

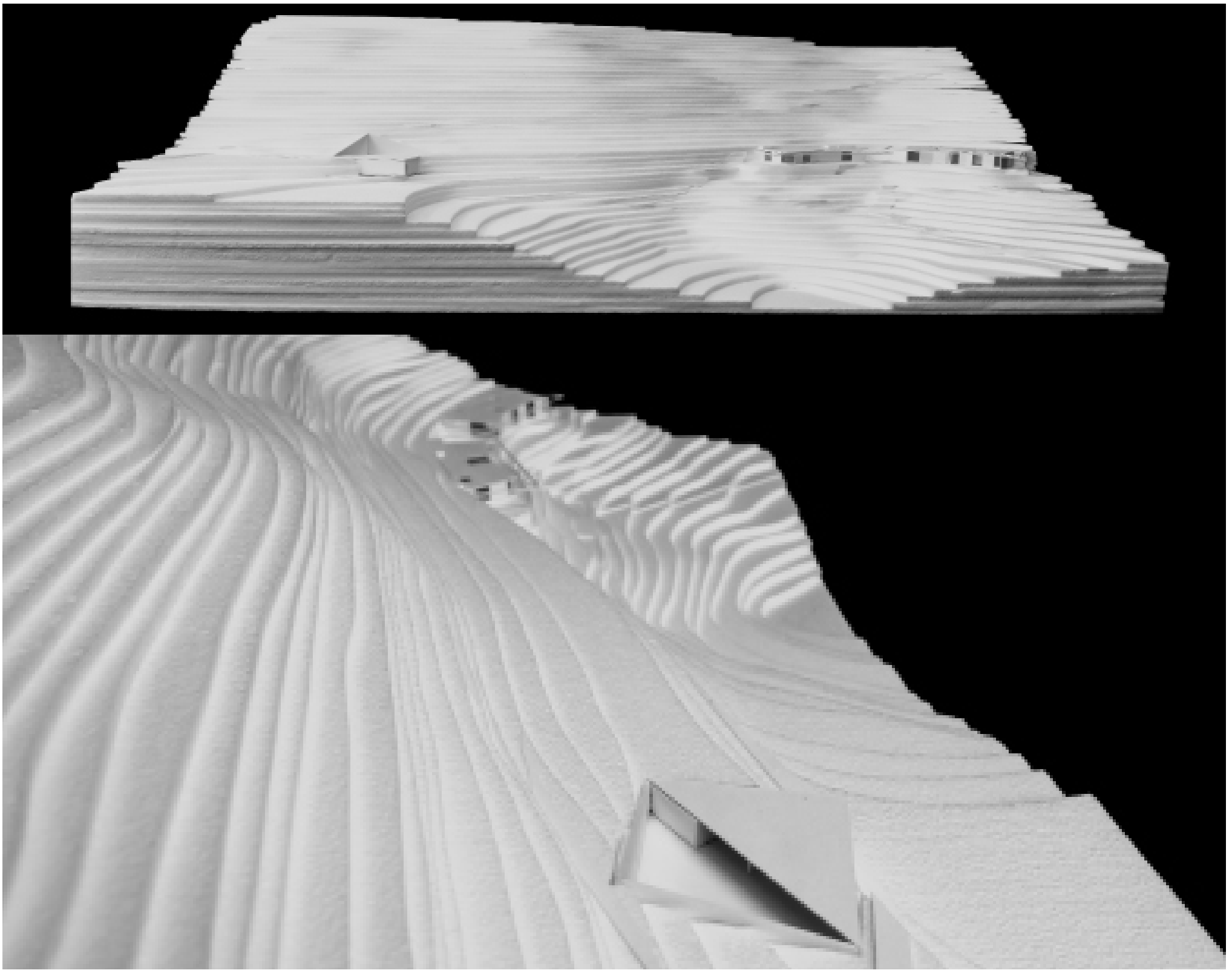
O programa da casa desenvolve-se a partir de um espaço central com uma cubicagem que está dividida em quatro momentos, sendo eles, uma sala de estar, uma sala de jantar, um quarto e um escritório, quanto aos espaços servidores sendo eles a cozinha e as instalações sanitárias, estas estão introduzidas nas paredes perimetrais que suportam o tanque como cobertura e são abastecidos pelo mesmo.
Tanto a sua fachada principal como a posterior é feita de vidro, de forma a conseguir uma iluminação natural proveniente espaço comum e do pátio respetivamente.
A cobertura da casa está alinhada com a cota superior do terreno, de forma ao tanque estar poisado sobre o mesmo, diretamente associado a água esta uma escada de acesso ao pátio da casa que acontece por baixo do tanque. Já o acesso principal é feito através de uma escada com cobertores largos colocada no perímetro do espaço comum.
No tanque é possível estar dentro da água com uma vista privilegiada do espaço comum as duas casas.



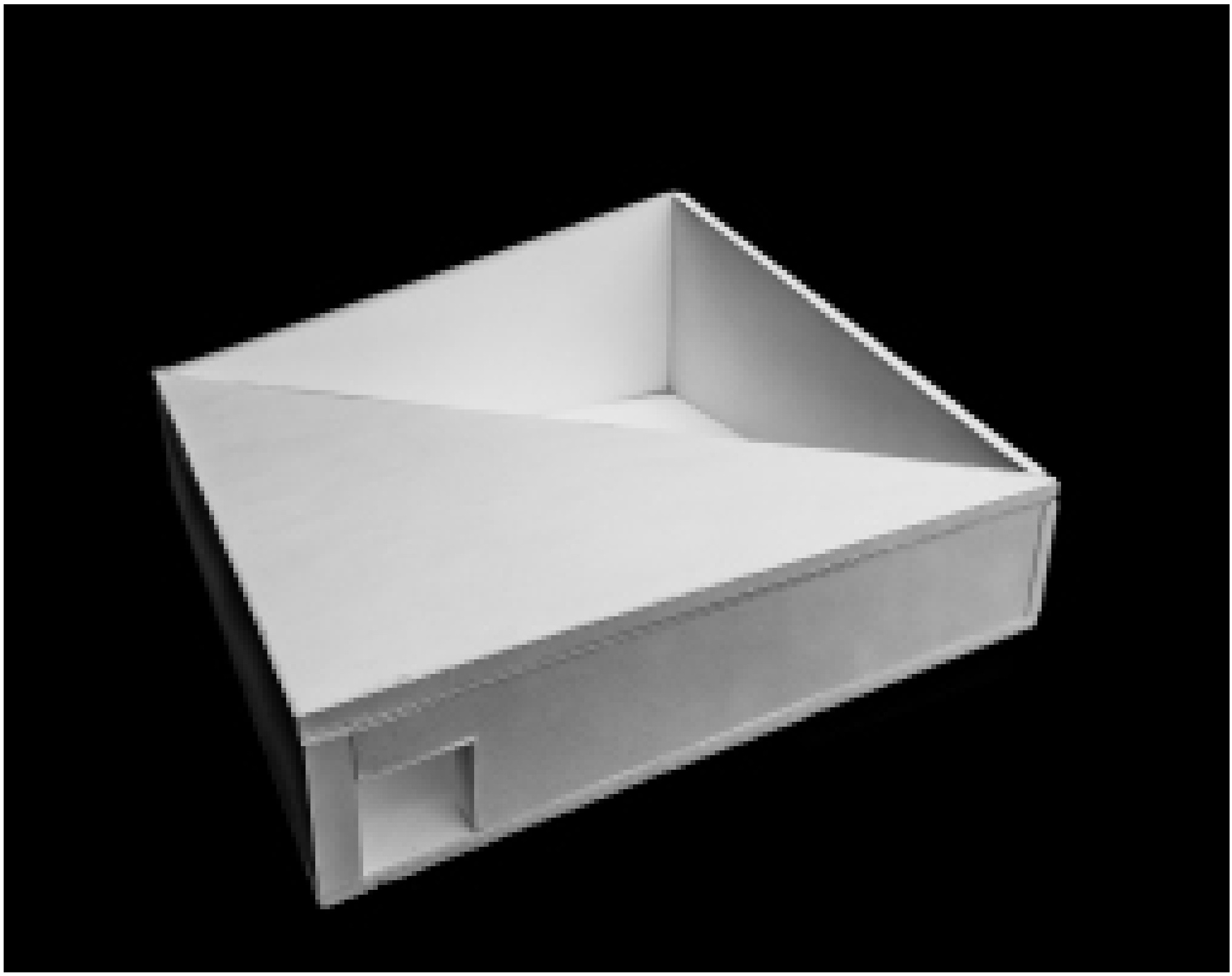
Corte 1/20

1 : 50
Corte

MAQUETES
Uma Casa Dupla a partir das casas geméas em Sesimbra, 2019



©Gonçalo



CASA TORRE

Beatriz Fernandes

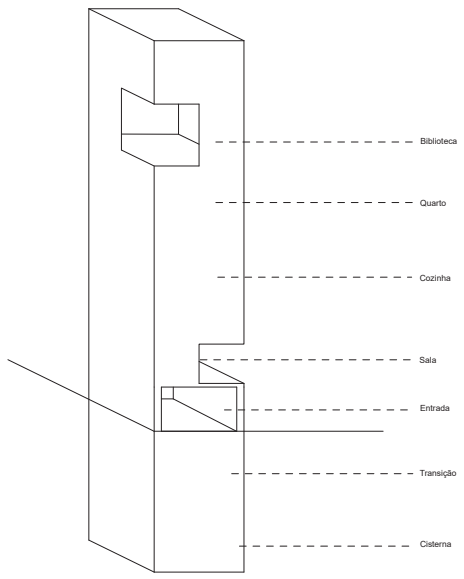
LUGAR
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019

1 : 500
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

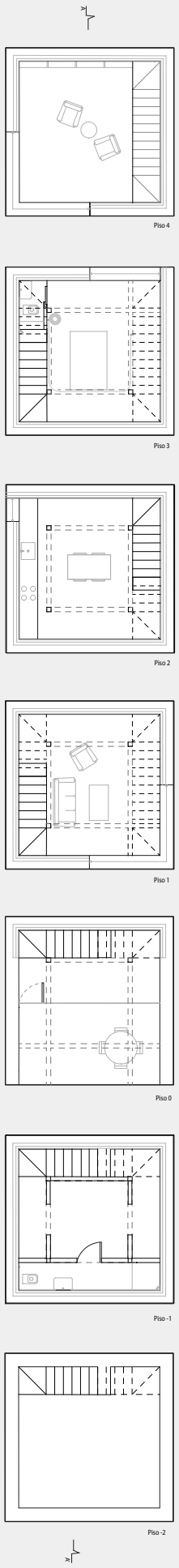
As casas Gémeas projetadas pelo ateliê Extrastudio, situam-se numa pequena vila piscatória de Sesimbra, numa encosta com vista para o mar e com uma área de 250 m2. A paisagem é deslumbrante, rodeada de oliveiras, figueiras e pinheiros.
Este projeto foi um pedido feito por duas irmãs, que pretendiam alterar uma pequena casa feita nos anos 60 para férias da família. A casa foi dividida em duas casa idênticas de maneira a preservar a independência das duas famílias. Ocupando o mesmo espaço, uma mais alta exposta para o mar, a outra mais recolhida e envolvida pela paisagem em redor. Foram incorporados pátios e criada uma pérgula coberta de vegetação que faz um prolongamento das casas ao ar livre, criando uma grande zona exterior e protegendo do calor excessivo, criando sombra. Esta pérgula tem seis metros de profundidade, unida por cabos de filigrana e arames. Encaixadas no terreno, surgem como um prolongamento da rocha. a equipa usou betão com pigmento castanho para dar maior realismo ao que se pretendia. O interior das casas são com os materiais à vista, betão e estuque, simplesmente com as paredes pintadas de branco. As grandes janelas e portadas deslizam para o interior das paredes, unindo o exterior com o interior. Para os arquitetos deste projeto o maior desafio foi construir sem destruir a paisagem.

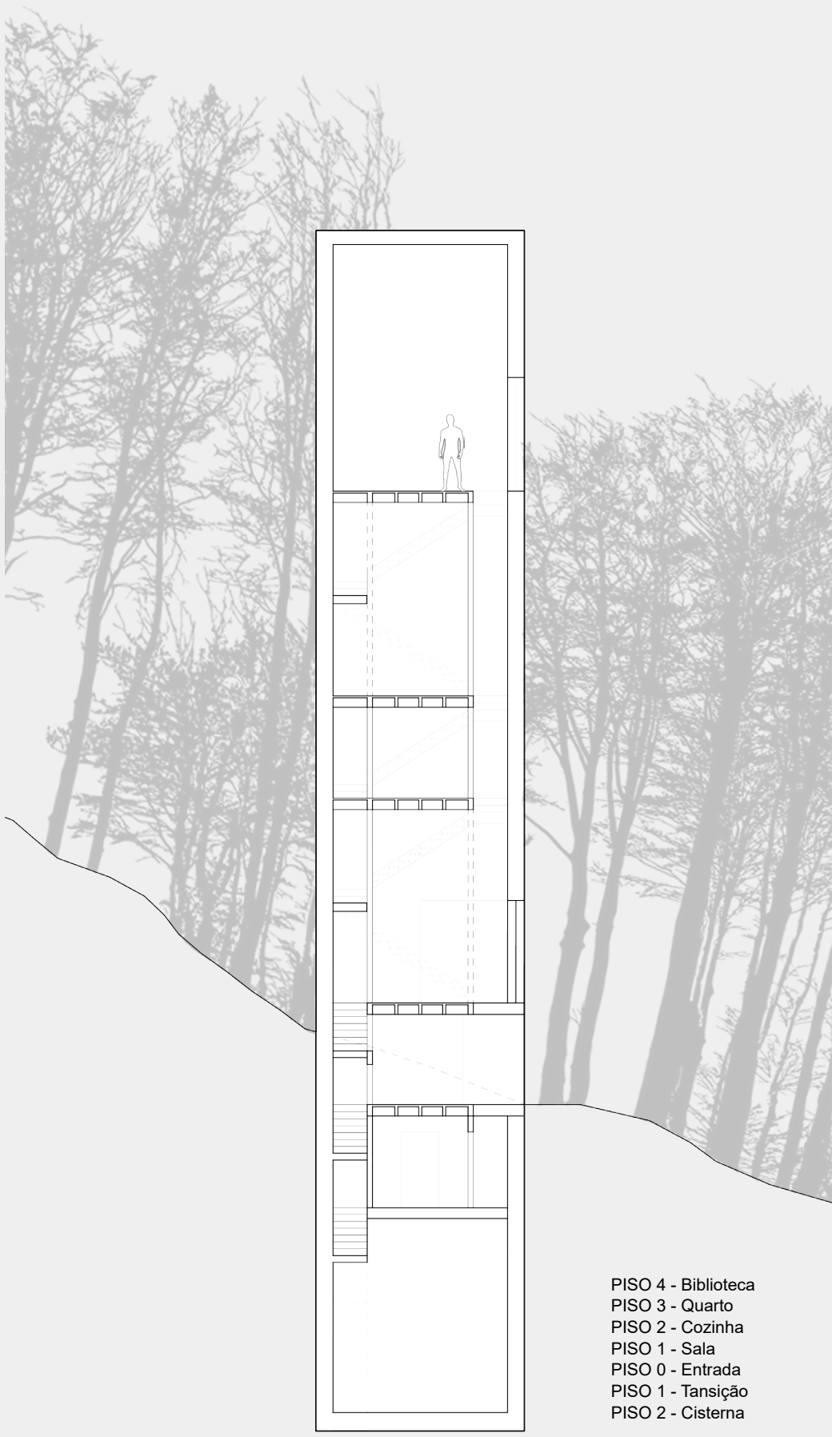
1 : 200
PLANTA

A casa dupla pretende criar uma relação com as casas gémeas procurando em simultâneo estabelecer um contacto com a envolvente próxima e com a paisagem distante. De modo a concretizar esse objetivo a casa está implantada no meio do pinhal, rodeada de árvores e transforma-se numa torre para que do seu topo se possa observar o mar.
As casas gémeas desenhadas pelo atelier extrastudio comprimem-se e expandem-se horizontalmente. Por oposição à caracteristica principal da implantação das casas gémeas, a proposta é exatamente o contrário, é verticalizar o programa doméstico em cinco níveis.
Nos pisos inferiores pode-se observar os troncos das árvore no pinhal e nos pisos intermédios, o interior relaciona-se com as copas. O topo da torre é um ponto de observação do mar a sul.
Os conceitos em comum das casas são os vãos deslizantes para o interior das paredes e outro aspeto que vai dar expressão a este projeto é a sua construção em betão desativado pigmentado.



PROGRAMA
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019

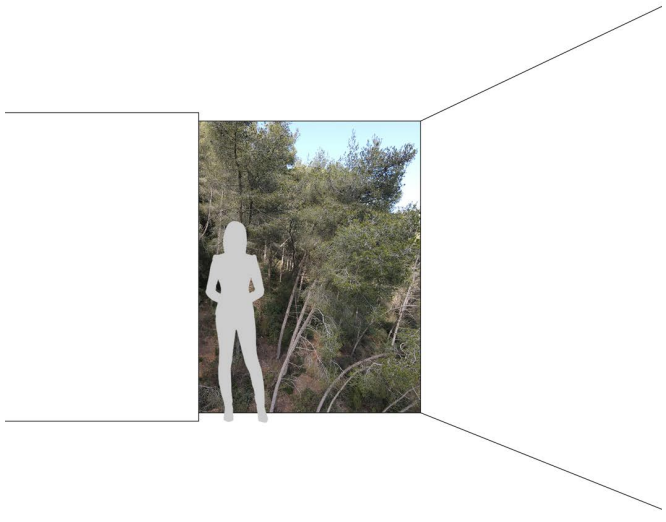


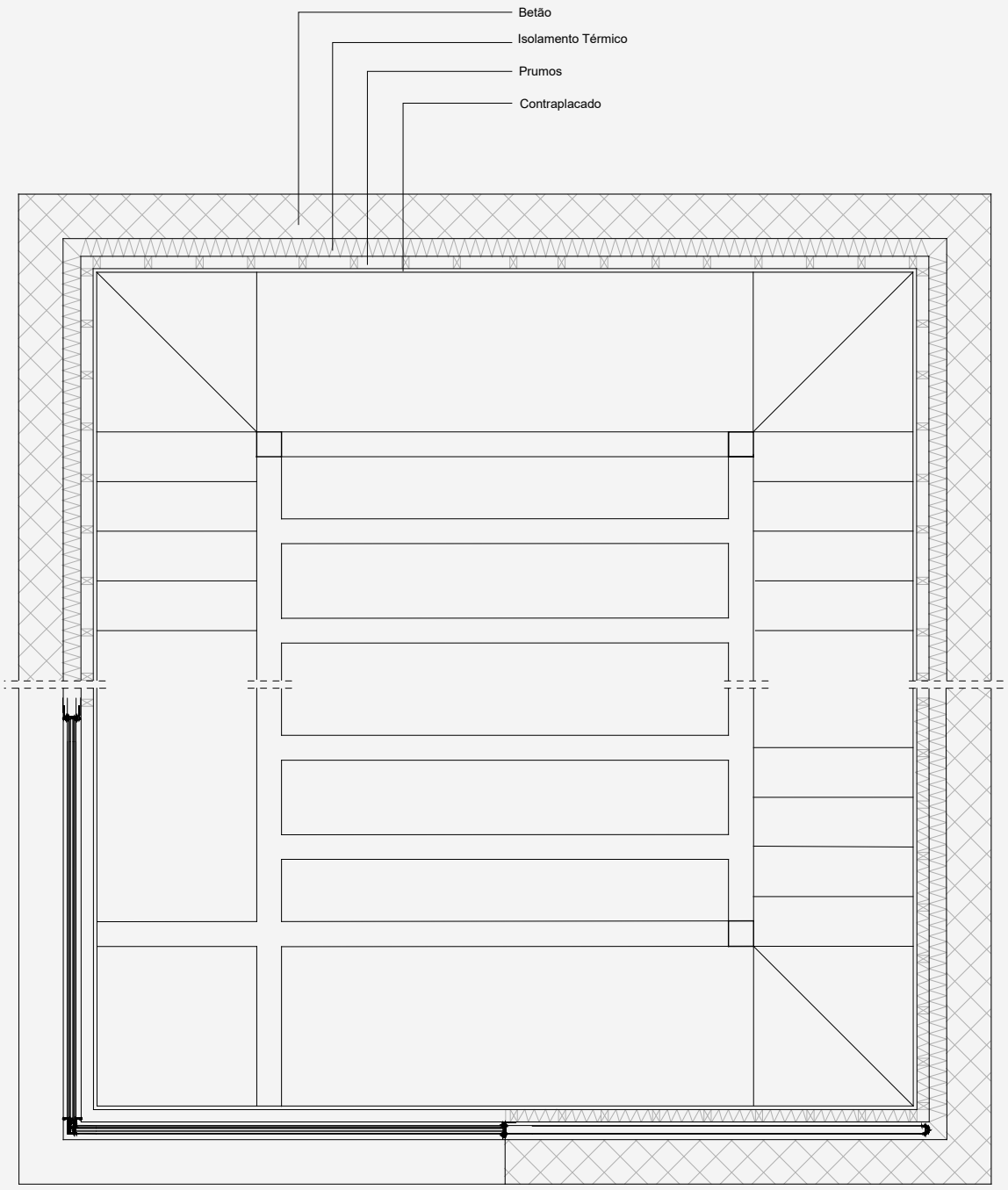


PISO 4 - Biblioteca
PISO 3 - Quarto
PISO 2 - Cozinha
PISO 1 - Sala
PISO 0 - Entrada
PISO 1 - Tansição
PISO 2 - Cisterna

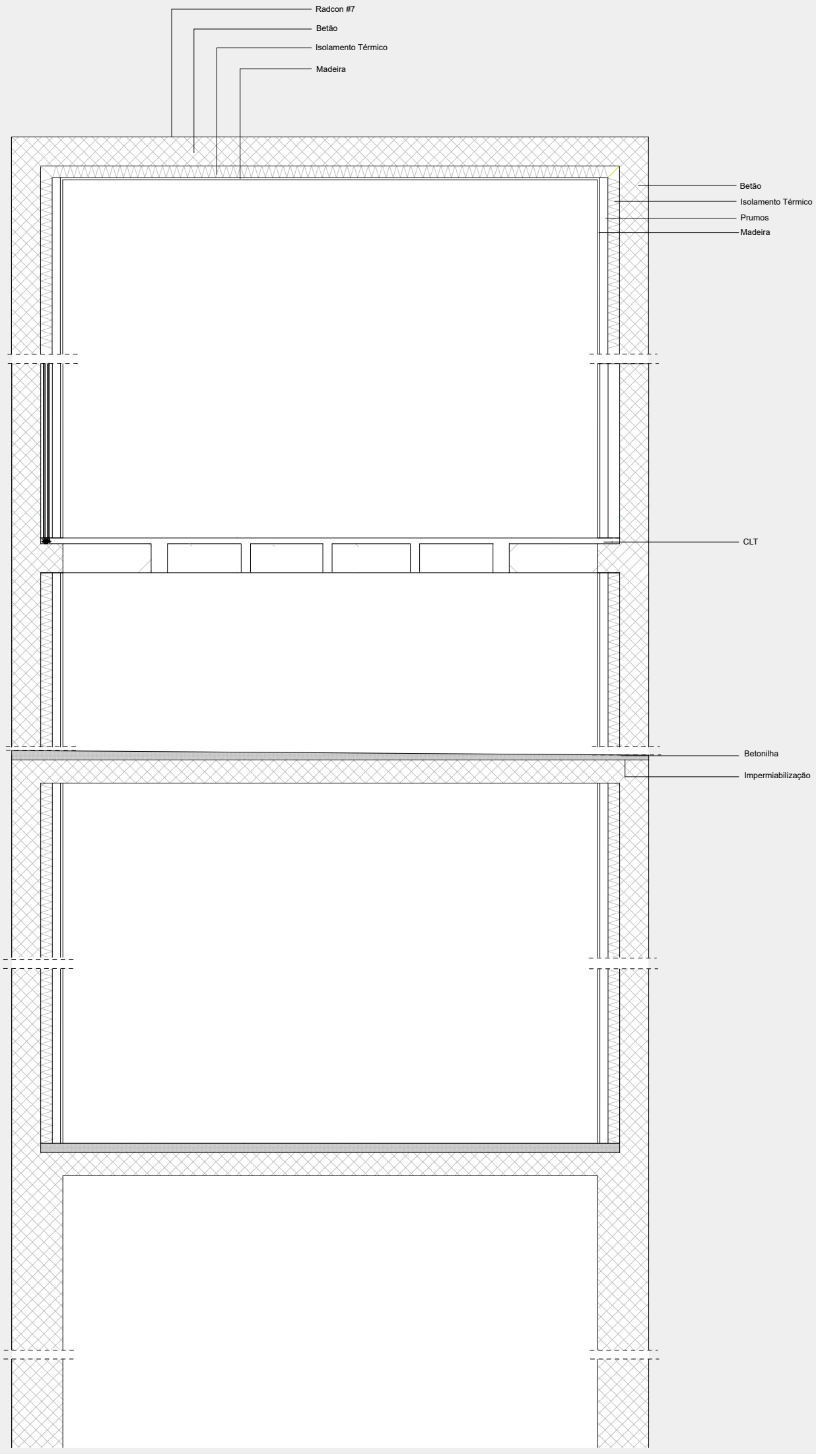
1 : 100
PLANTAS/CORTE

1 : 200
CORTE



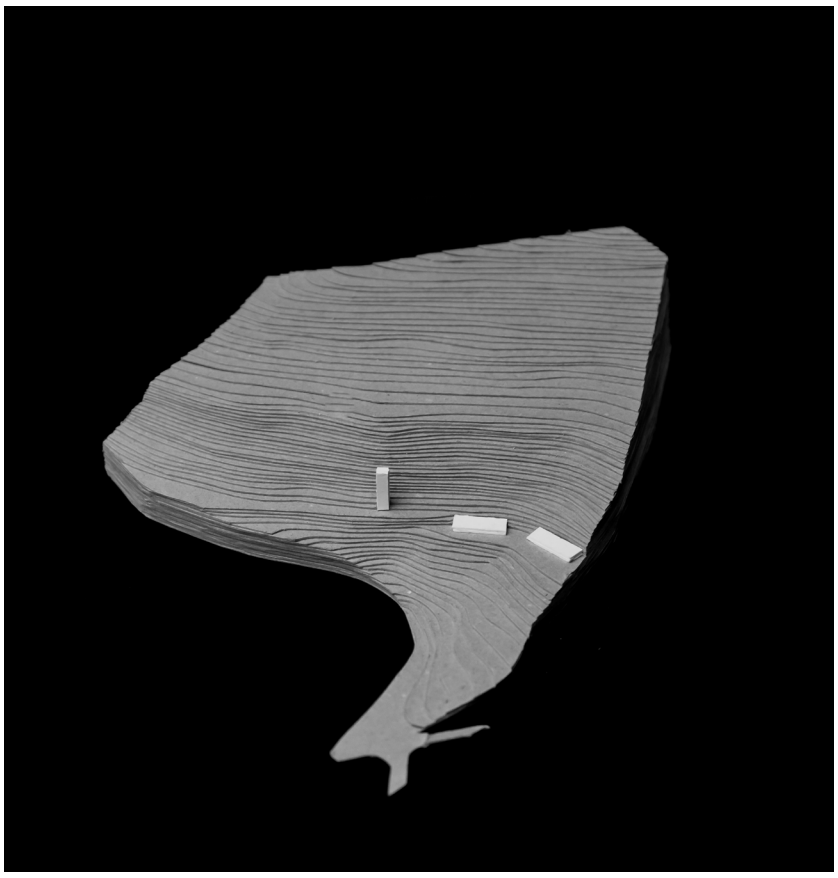


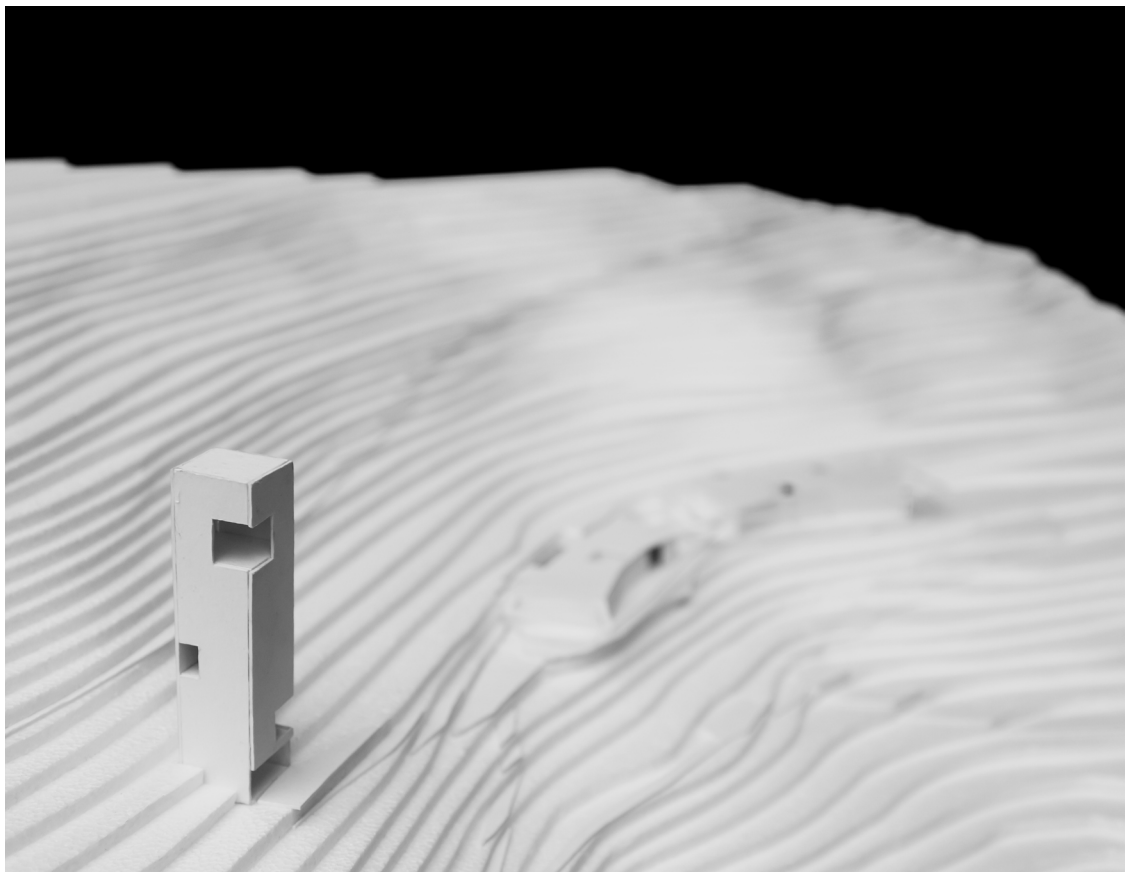
1 : 20
PLANTA

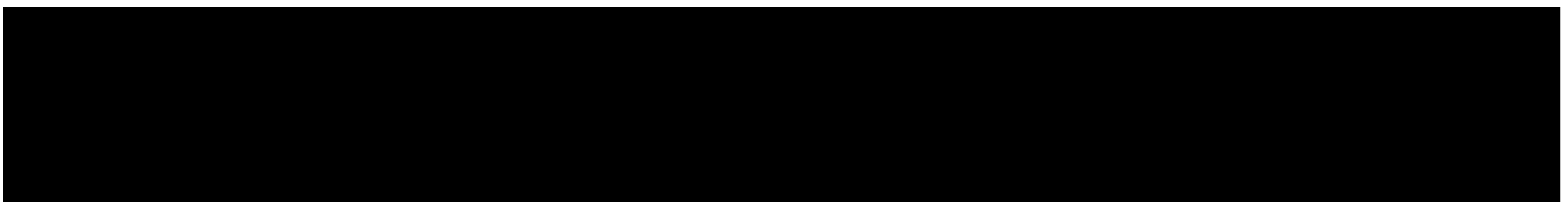

Radcon #7
Betão
Isolamento Térmico
Madeira
Betão
Isolamento Térmico
Prumos
Madeira
CLT
Betonilha
Impermiabilização

1 : 20
CORTE

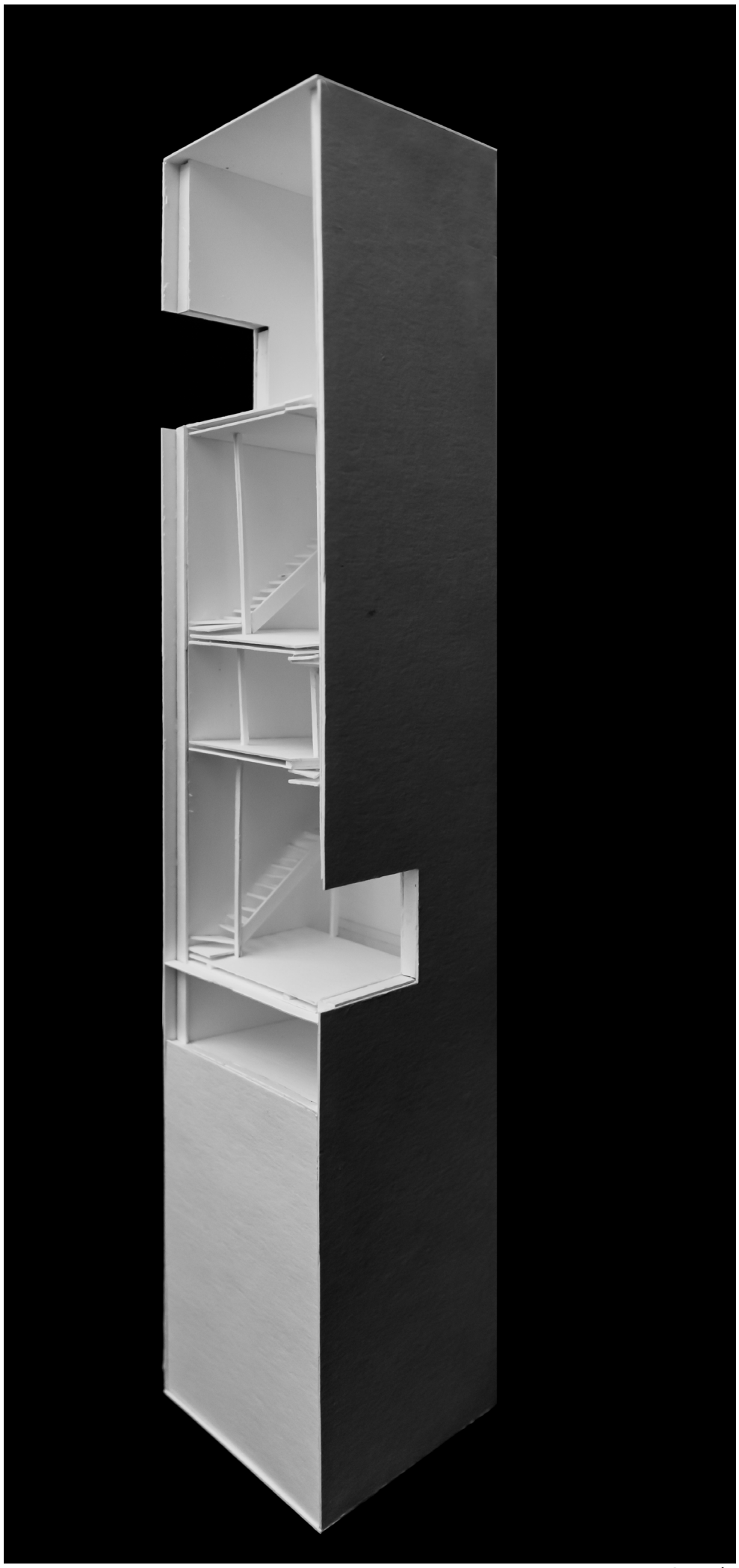
MAQUETES
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019







© Gonçalo

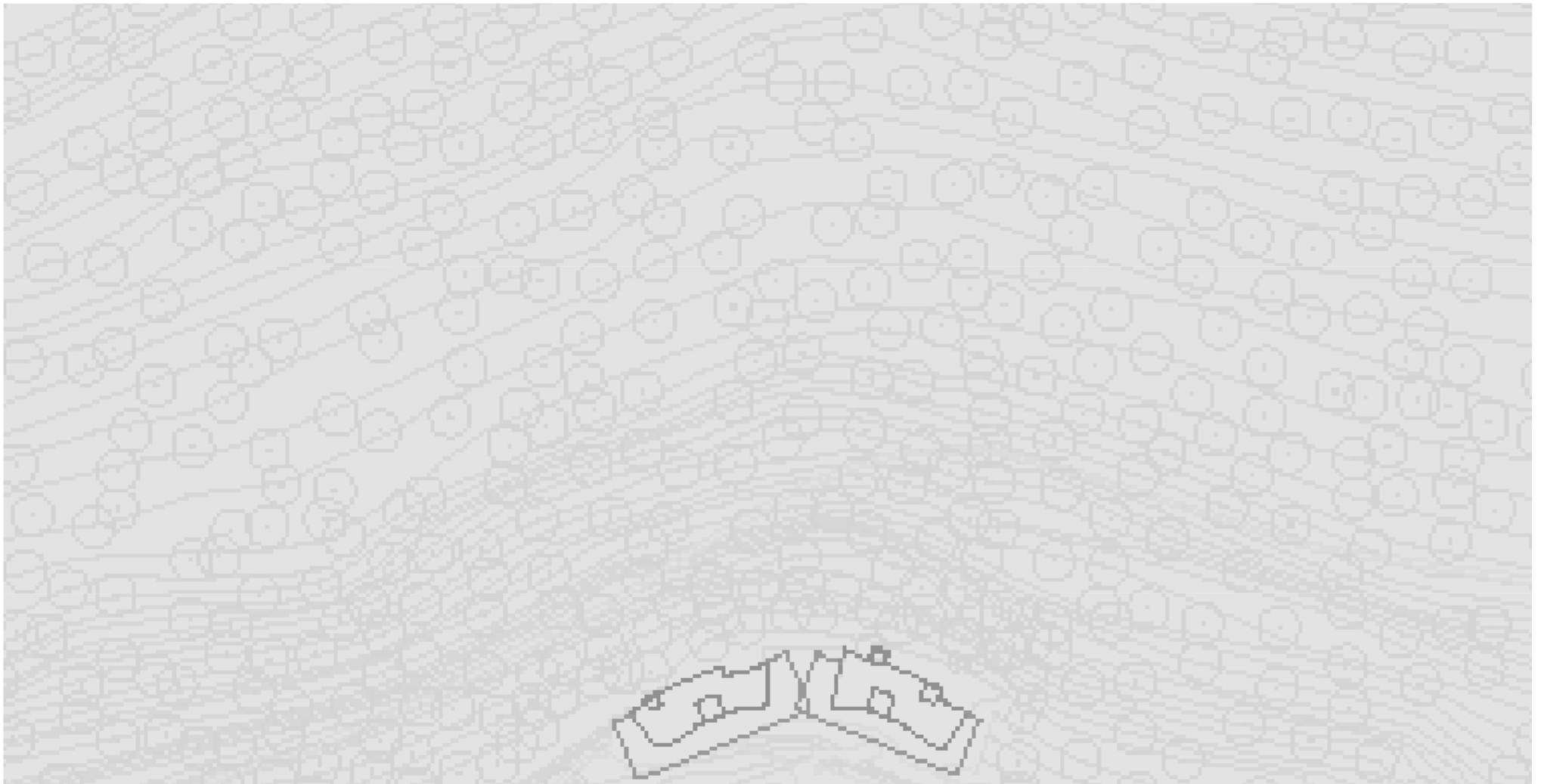


© Gonçalo

CASA ABSENTIA

Constança Anastácio

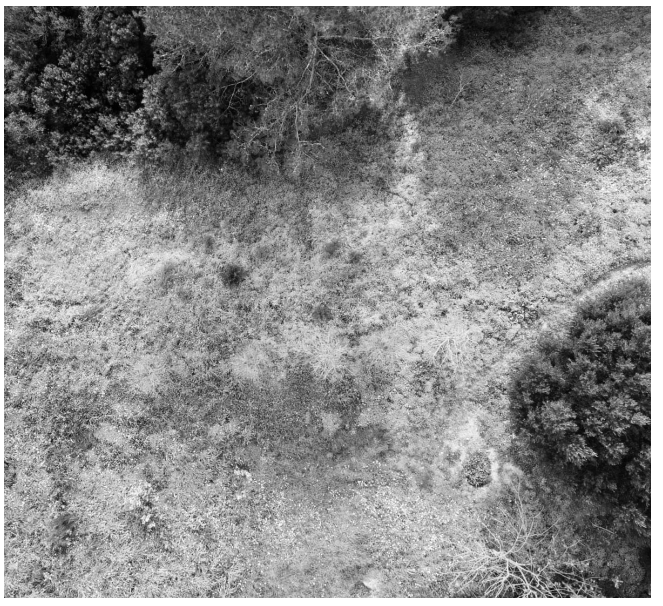
LUGAR
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019



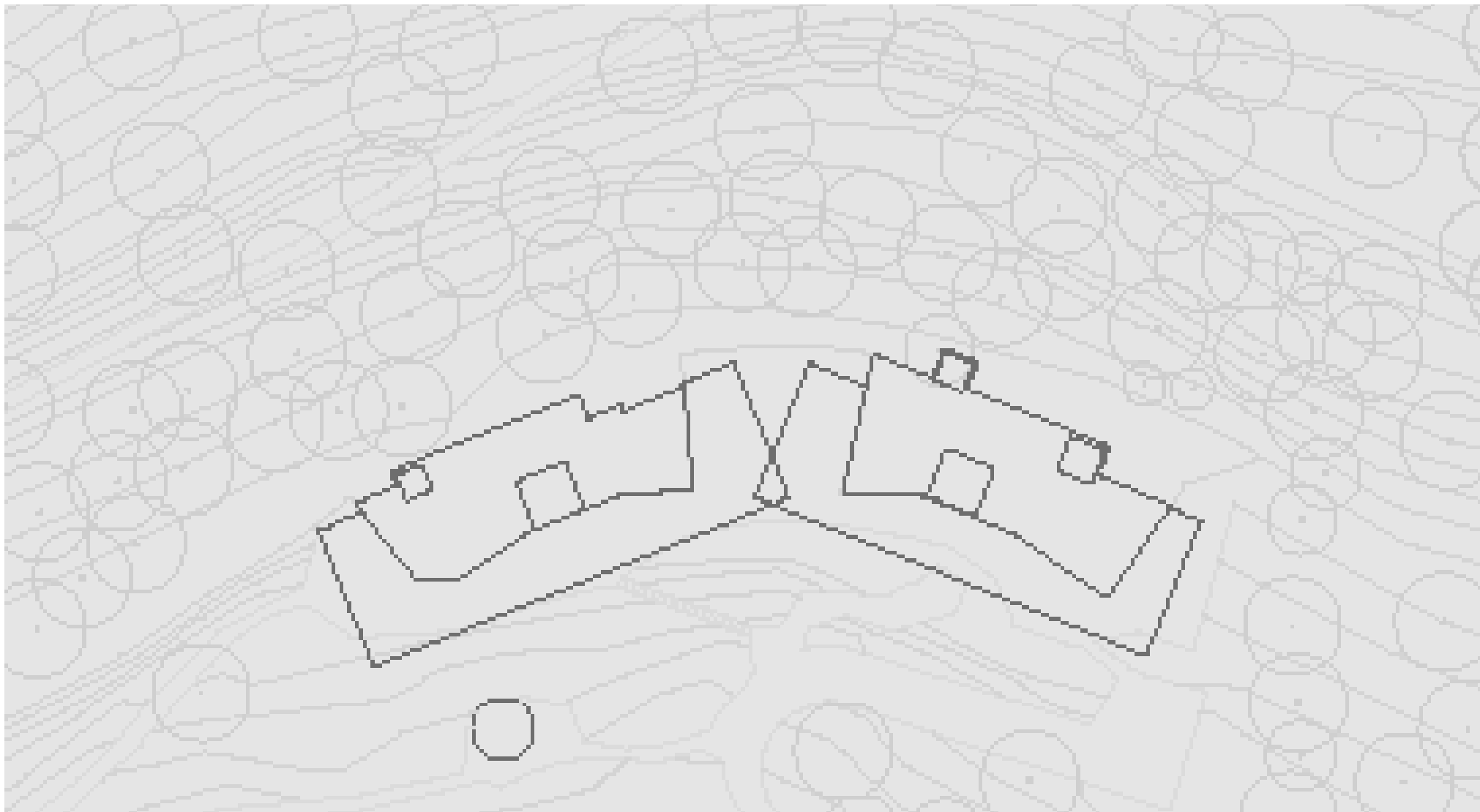
1 : 500 N
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

As Casas Gémeas localizam-se em Sesimbra, uma pequena vila no concelho de Setúbal. Implantadas num lote invulgar, que se estende desde a vila ao castelo.
As proprietárias, duas irmãs, tinham como objeivo principal transformar uma casa construída nos anos 60 em casa de férias. A primeira decisão seria dividir a casa em dois corpos, garantindo autonomia a cada família. Como casas gémeas, partilhariam as mesmas propriedades e dimensões, mas cada uma expressar-se-ia de forma ligeiramente diferente.
As casas surgem como um prolongamento da rocha, invisíveis na encosta, isto é, anixadas à topografia.
Construir nesta paisagem implica construir uma atmosfera diferente. Não sendo uma residência permanente convoca-se aqui um universo intenso e cru, mais próximo da terra, feito com matérias-primas em bruto, mineral e rígido. No interior reduzem-se ao máximo os elementos.
Os materiais são deixados à vista no seu estado natural, apenas as paredes são pintadas. Janelas e portadas correm totalmente para dentro das paredes, transformando toda a casa num espaço exterior.

Fotografia local de intervenção ©Constança Anastácio

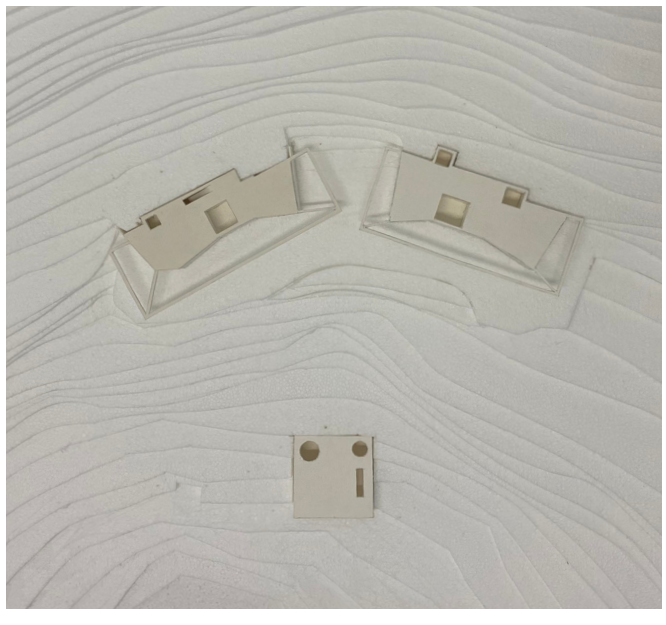


Fotografia aéria local de intervenção ©Constança Anastácio

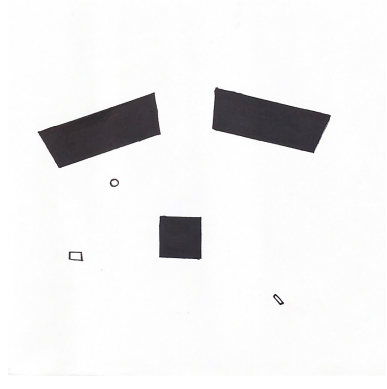


1 : 200
PLANTA DE COBERTURA

Esta proposta de projeto localiza-se numa zona do lote com a presença de bastante vegetação, o local de intervenção ao longo das visitas ao terreno captou a minha atenção devido a ser um local mais intimo e escondido em relação ás casas gémeas.
A casa dupla surge a partir do espaço comum entre as casas gémeas, de características dos elementos paisagísticos presentes no terreno e do caso de estudo Casa Vandenhaute do arquiteto juliaan Lampens.
Foi projetada com base em dois conceitos, a ausência de privacidade e a luz.
As fachadas Norte, Este e Oeste são completamente cegas enquanto a fachada Sul se abre completamente para a paisagem, criando assim uma ligação mais vincada com o exterior.

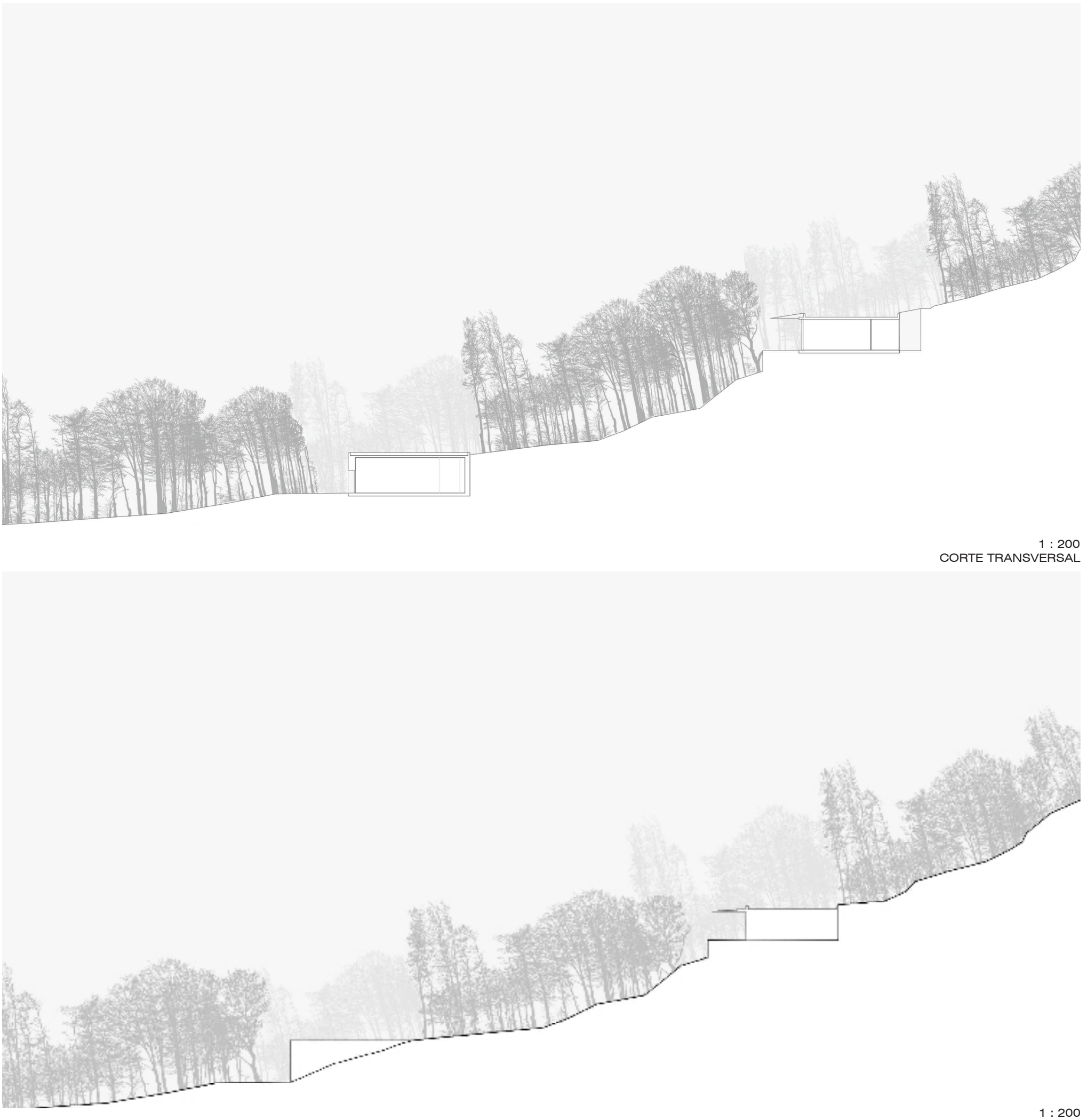


Fotografia maquete 1/200 ©Constança Anastácio



Esquema ©Constança Anastácio

PROGRAMA
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019



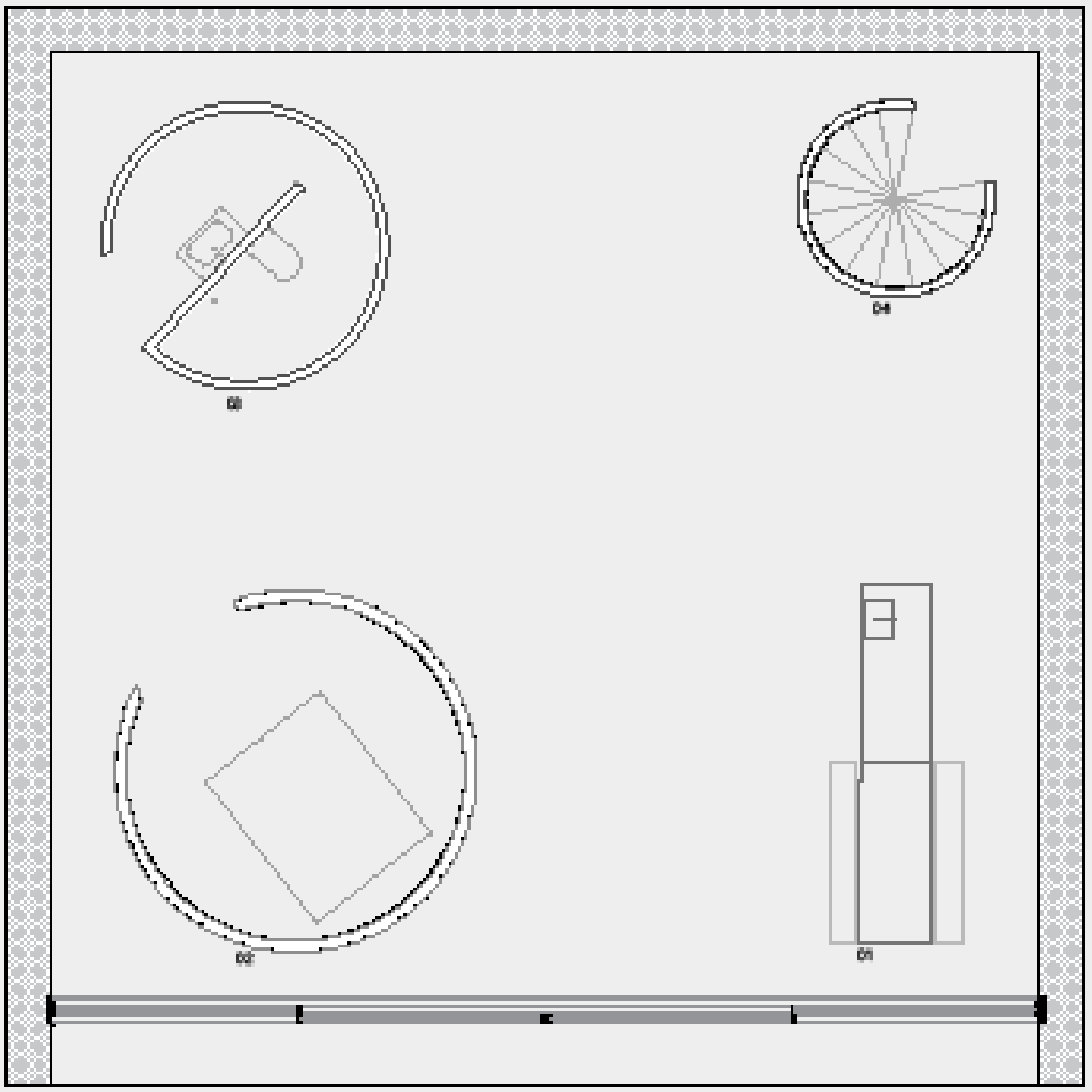
1 : 200
CORTE TRANSVERSAL

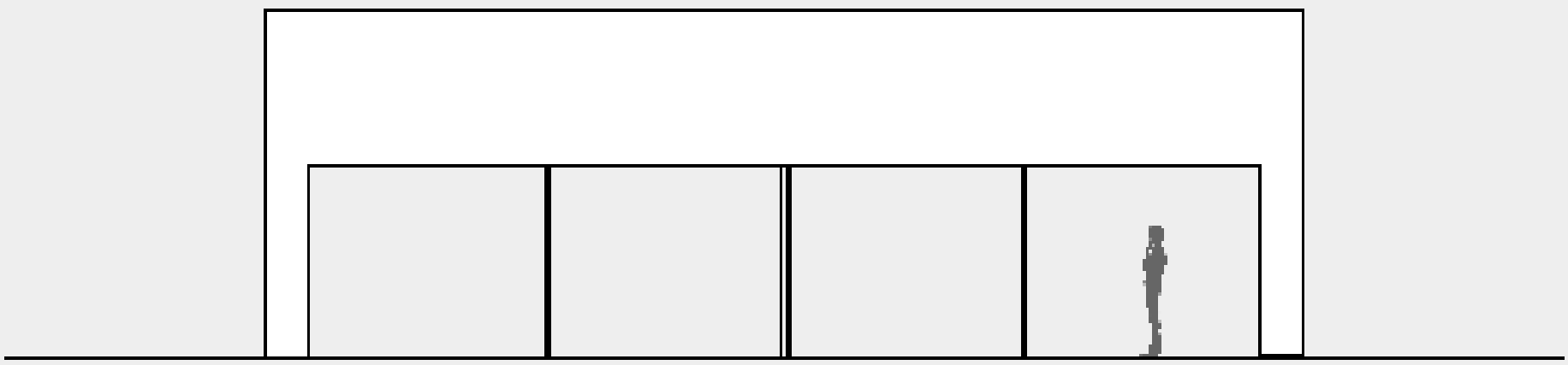
1 : 200
ALÇADO LATERAL

A casa é anixada ao terreno, possibilitando que a sua cobertura seja praticavel, funcionando assim como uma grande plataforma, que dá acesso para a casa que se localiza na cota inferior atraves de uma escada helicoidal.
Vista do exterior é quase impressetivel, devido á vegetaçao intensa que a envolve.

Fotografia maquete 1/200 ©Constança Anastácio

Fotografia maquete 1/200 ©Constança Anastácio



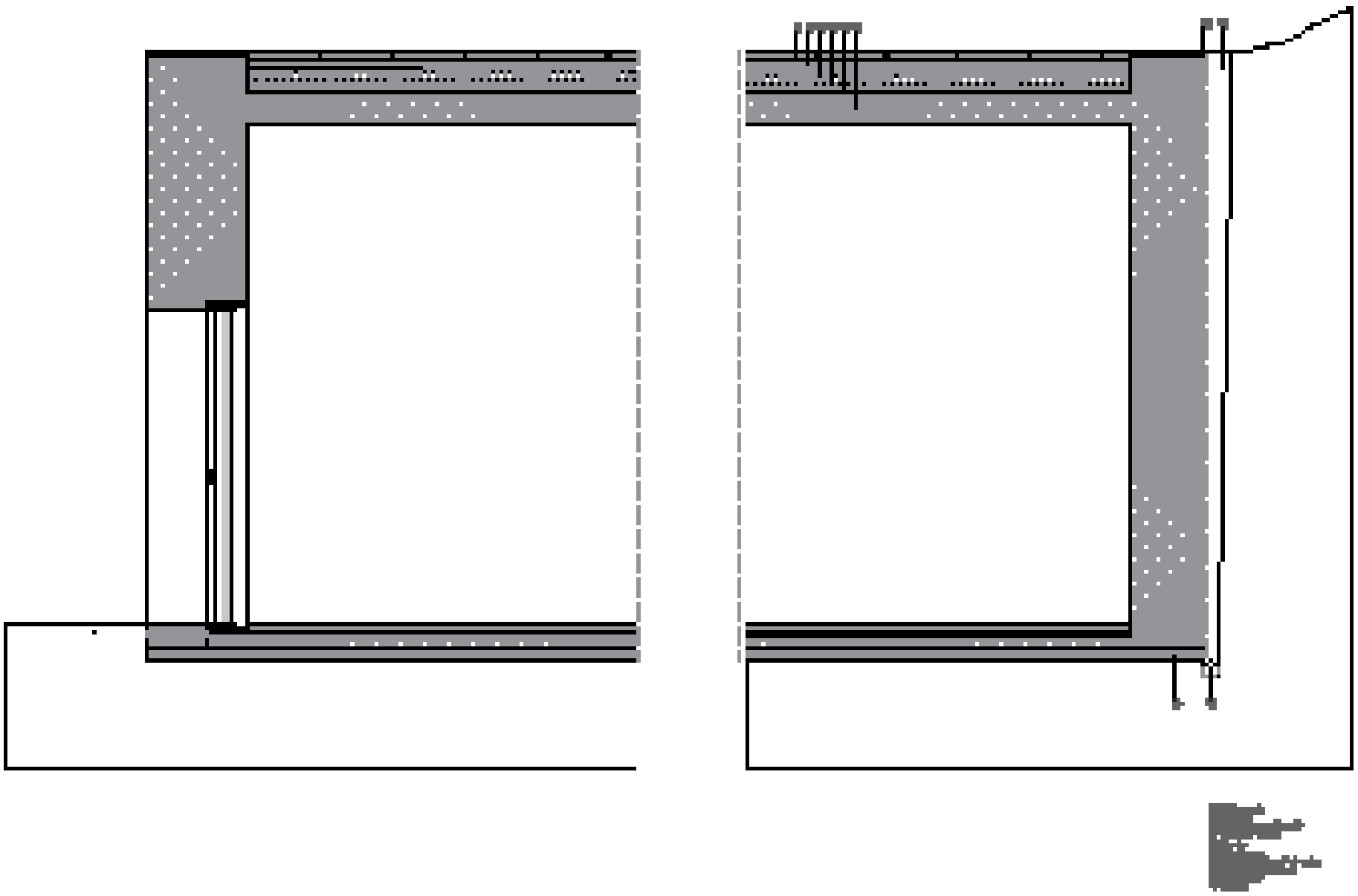


1 : 50
PLANTA

No interior o programa é definido por 4 compartimentos fixos, a cozinha e três cilindros.
A cozinha é constituída apenas por um balcão e por uma mesa de refeições e os três cilindros de diferentes dimensões, um que não toca no teto com a altura de 2 metros que dá lugar ao quarto, e os outros dois que tocam no teto, dando espaço às instalações sanitárias e a um acesso de escadas feito pela cobertura.
Surge uma viga de 70cm que da origem a uma zona de sombreamento no interior, fazendo com que o vidro recue e evite a exposição solar direta.
Todo o restante espaço é único e fluido e a sua apropriação fica ao critério dos que o habitam.

Fotografia maquete 1/25 ©Constança Anastácio

Fotografia maquete 1/25 ©Constança Anastácio

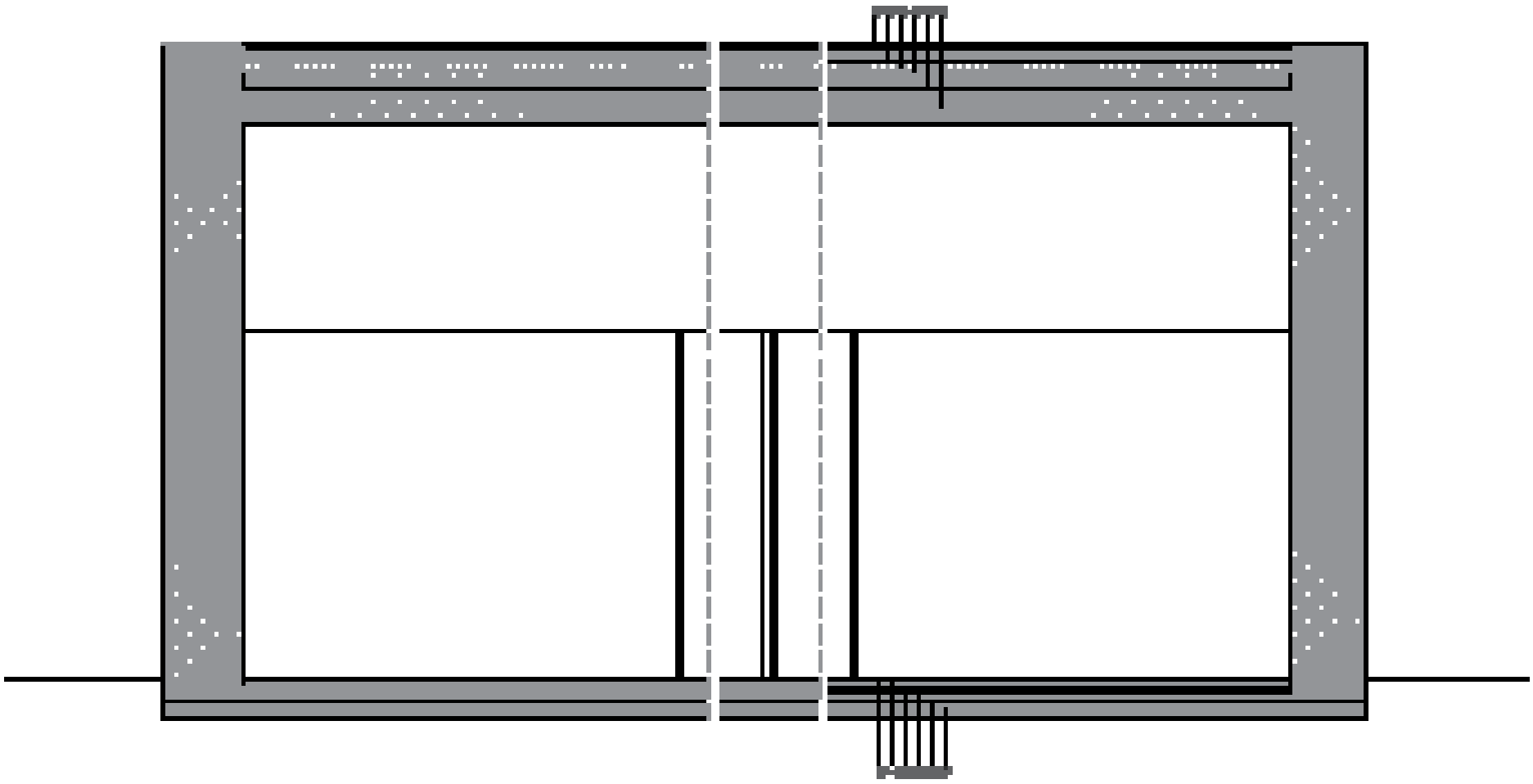


1 : 20

Corte

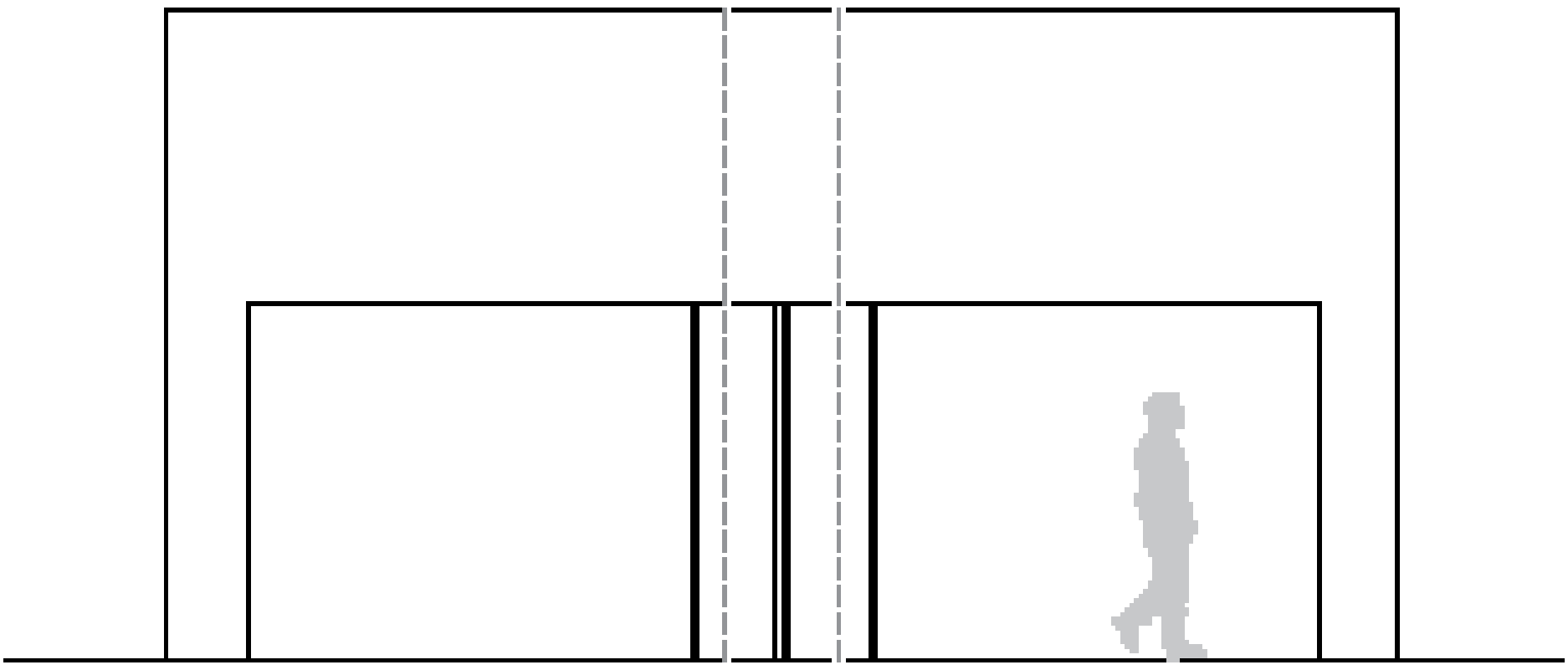
1 : 20

Planta



1 : 20

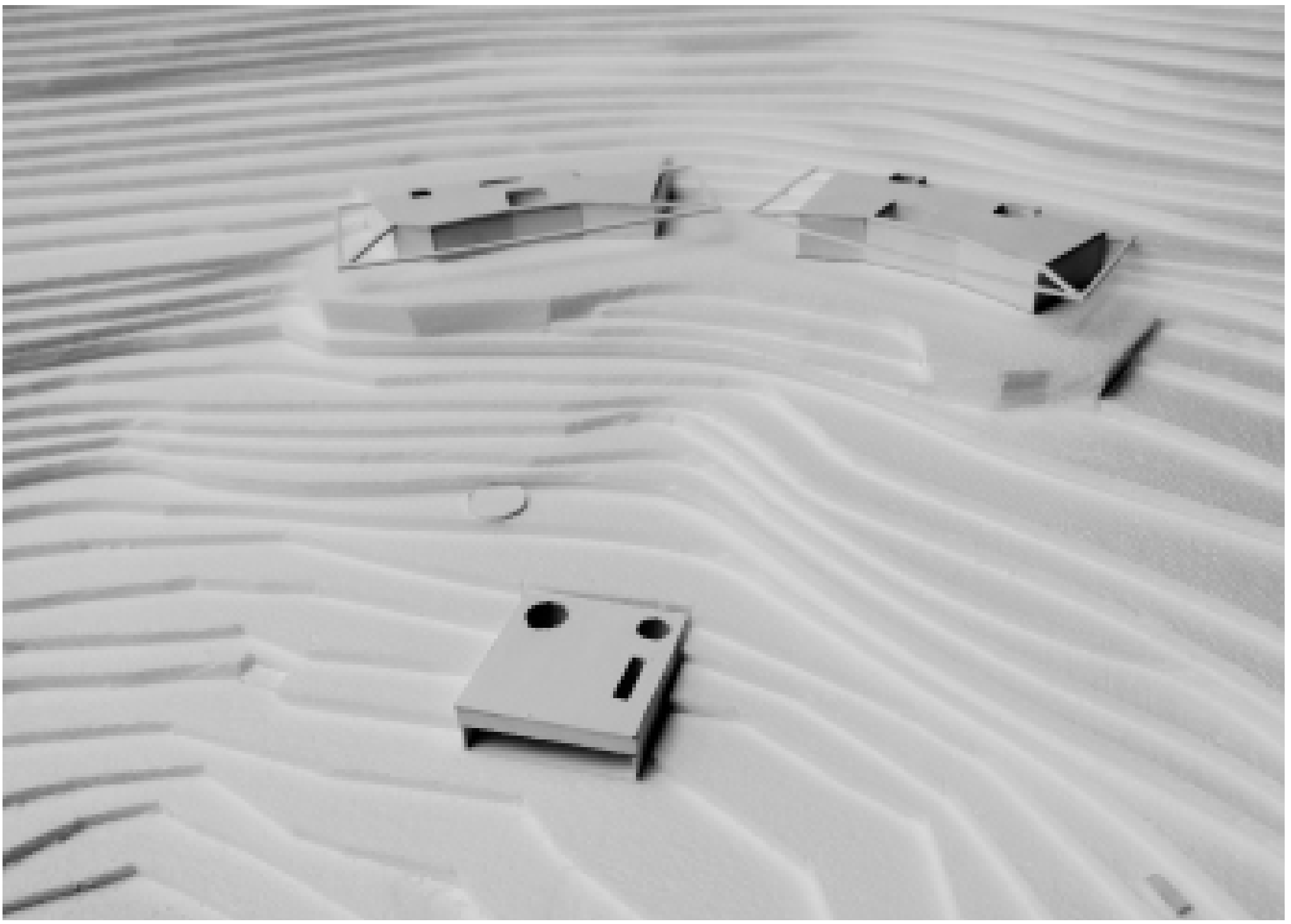
Alçado interior

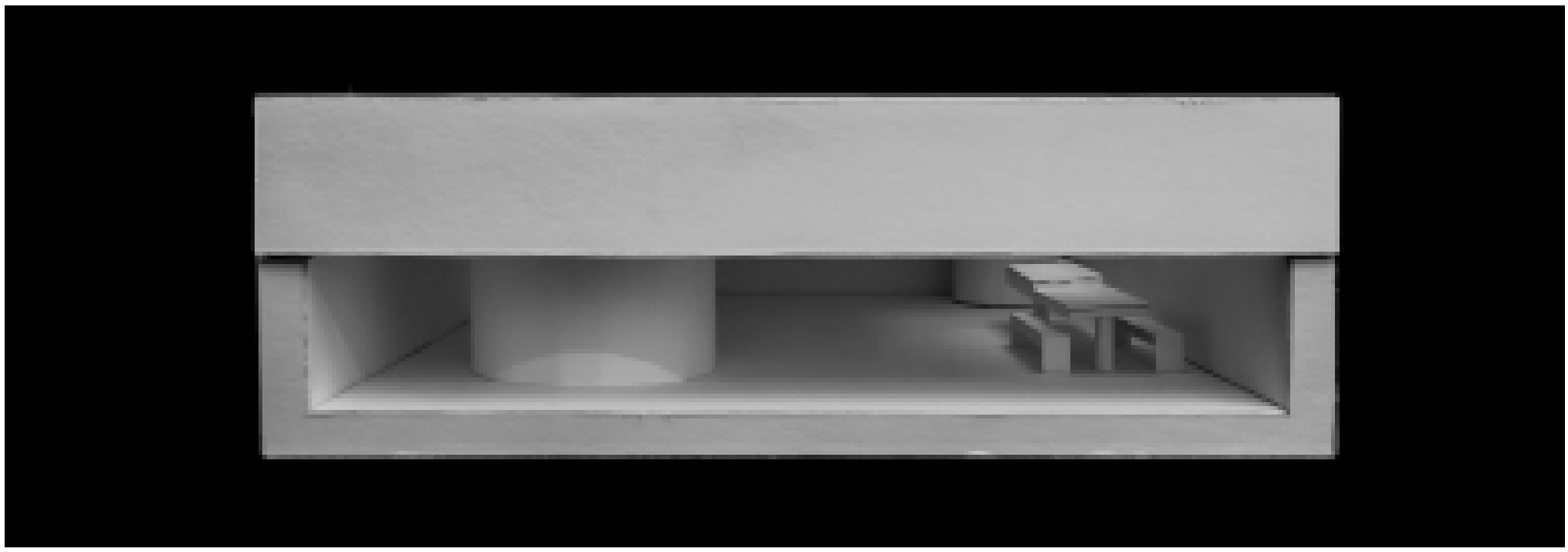


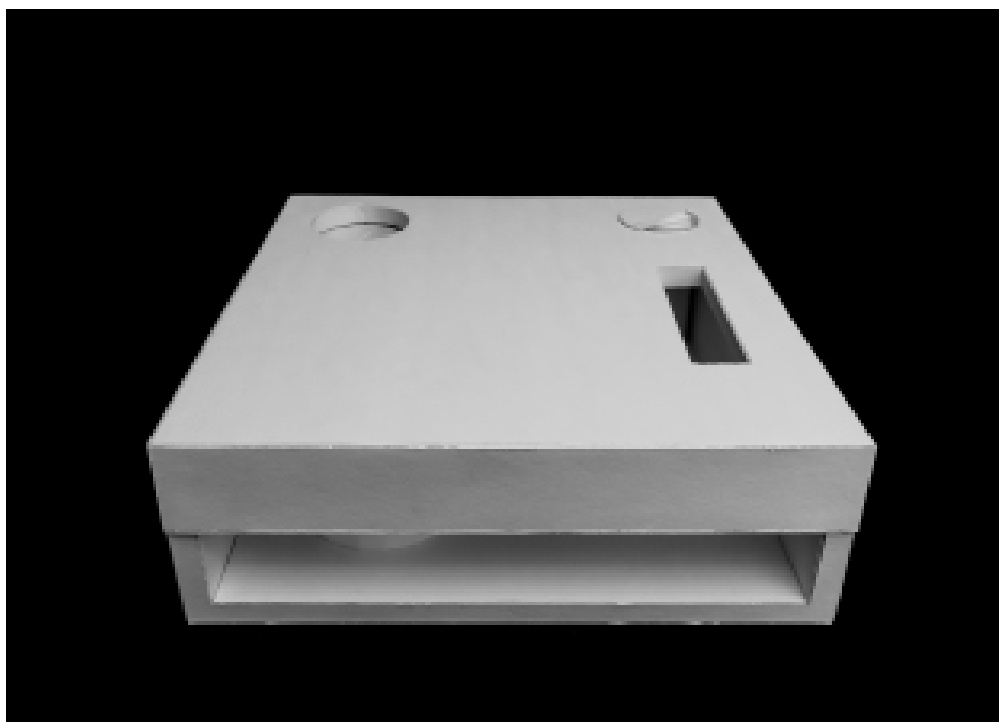
1 : 20

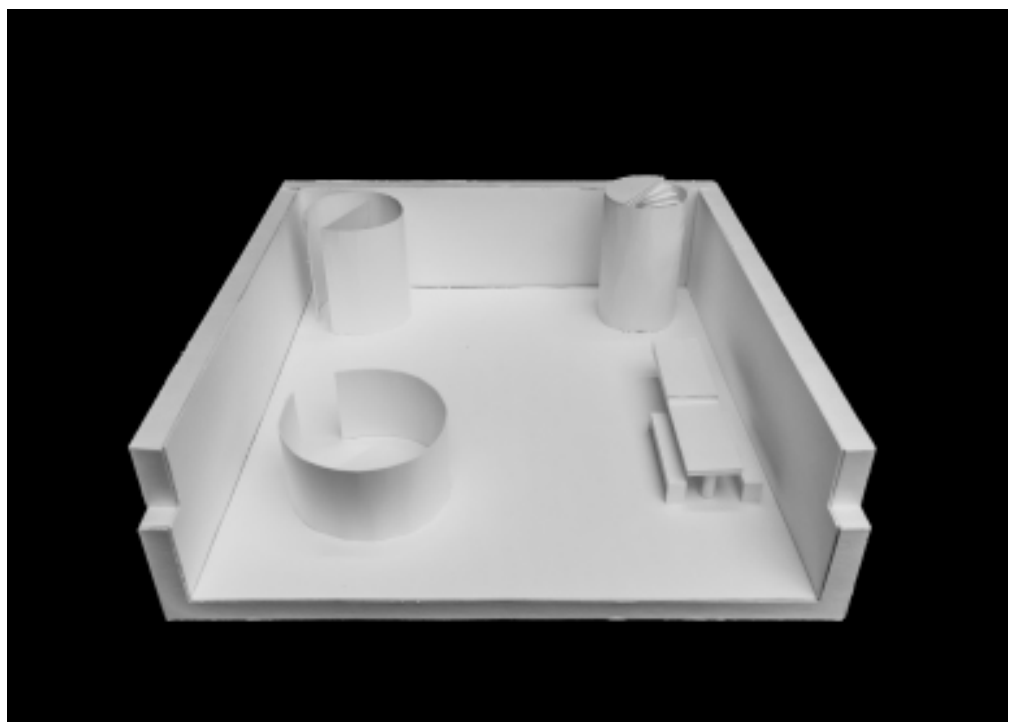
Alçado exterior

MAQUETES
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019









FLOATING HOUSE

Daniela Vyhovska

1 : 500
SITUATION PLAN

The Twin Houses were built in 2020 by Extrastudio. It is located in the mountainous neighborhood of the Castle of Sesimbra. It consists of two buildings designed for two sisters. At the same time, houses reflect each other and differ in their details
«Like twins, they share properties but each also expresses itself in a slightly different way; one higher and open, exposed to the landscape, the other more horizontal, seeking an intimate relationship with the surrounding land.»
© João caldeira ferrão, João costa ribeiro
The architects create a number of solutions that highlights the Twin Houses. The platform that bases the project on the landscape. The “flexible” shapes refer to the topographical lines. The hyperbola provides the covering. And the patios that serve as points of connection between the inside and outside, the top and the bottom.
The Twin Houses project is an excellent example of respect for nature through accurate intervention and continuation by creating the garden.

Twin Houses, Sesimbra, Extrastudoio, 2020
© Daniela Vyhovska

Twin Houses, Sesimbra, Extrastudoio, 2020
© Fernando Guerra

DANIELA VYHOVSKA

1 : 500
SECTION

1 : 500 N
BIG PLAN

The Floating House appears 5 meters above the Twin Houses. The chosen location depends on the level of accessibility and the intimate feeling of the forest. There are 4 main points of relation with the Twin Houses as main concepts.
The Platform element is removed in order to endow the proposal house with the characteristic of floating. Nevertheless, the absence of an object is a connection as well. The Shape of the house refers to the lines of the pre-existing ones. It provides the house with the flexibility needed to sneak around the old trees. The Patio. The landscape closes the space created by the shape from the back side and recreates the patio inside itself. The natural covering of the house appears as the forest so there is no need to create anything artificial.

Render, Hill View

PROGRAM

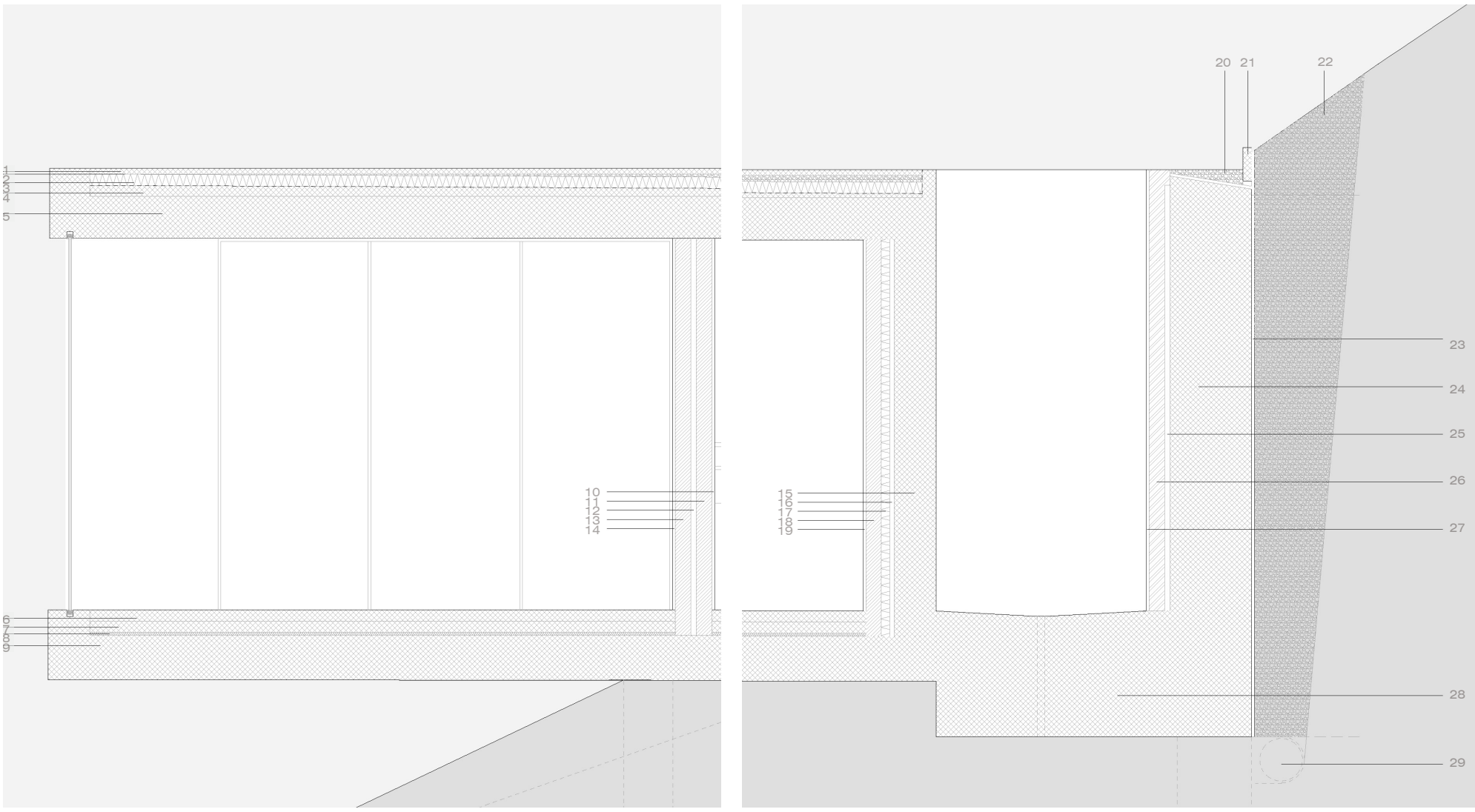
Doubling house based on Twin Houses in Sesimbra, 2020

1 : 100 N
PLANNING

1 : 100
SECTION

The main accent of the proposal is the patio - covered exterior space that serves as a middle point of the house. It has several meanings of connection: joining two parts of the building, gathering people inside itself, bringing up the feeling of nature around and light being.
In order to allow the facade to float, the construction consists of rigid beams that go through the wall and a weighted foundation that provides balance. The primary material of the house is pigmented concrete as a reference to the Twin Houses.

Render, The Patio



1 : 50
SECTION

1 : 10
Sliding window detail

Inverted roof:

1. Prefabricated concrete slabs
2. Gravel
3. Termal insulation
4. Light concrete (inclined)
5. Concrete slab

Floor:

6. Prefabricated concrete slabs
7. Thermal insulation
8. Waterproof
9. Concrete slab

Double Inner wall:

10. Plaster
11. Brick
12. Air chamber
13. Brick
14. Plaster

Exterior wall:

15. Concrete
16. Air chamber
17. Termal insulation
18. Brick
19. Plaster

Water stock:

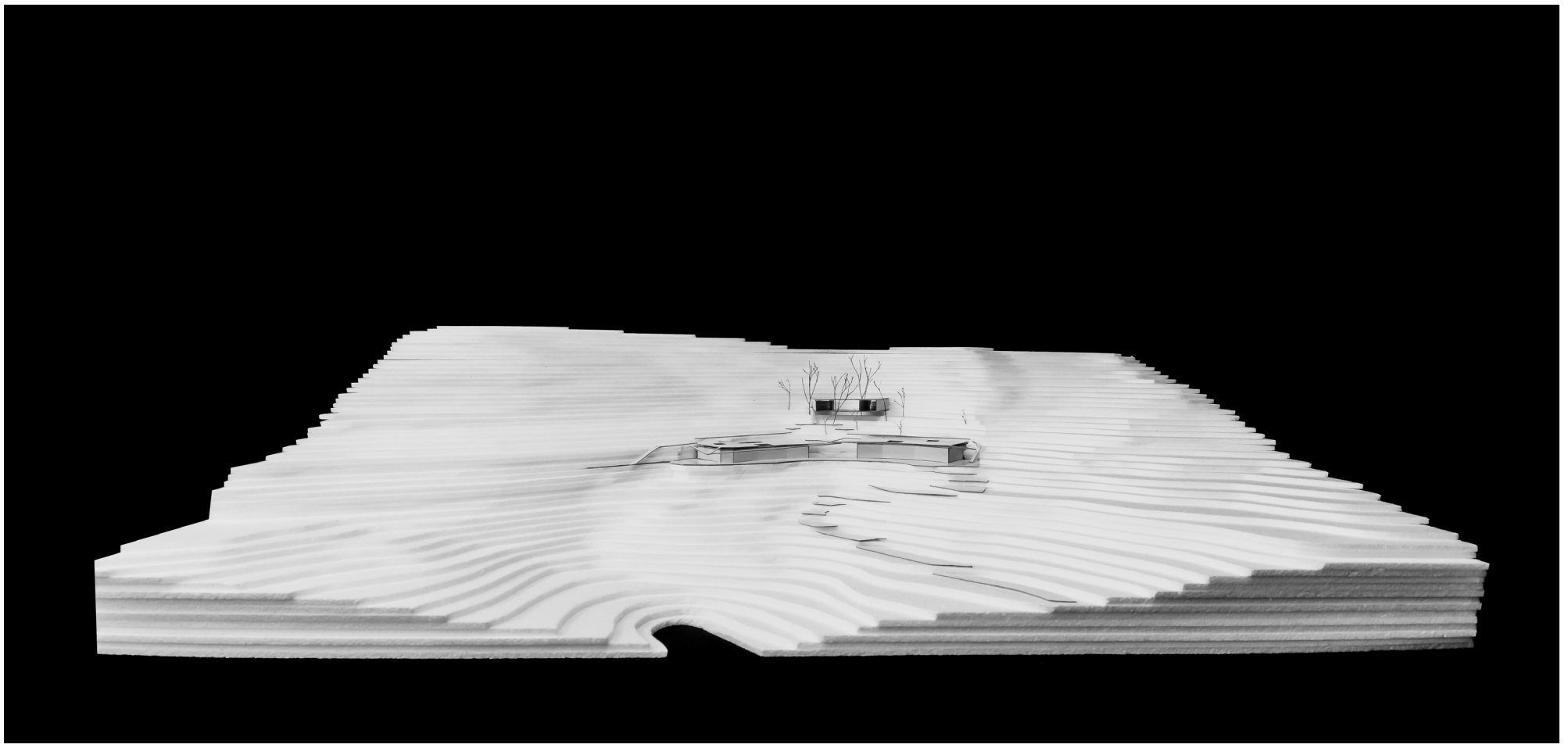
20. Gravel on inclined base
21. Prefabricated concrete barier
22. Gravel
23. Pipe
29. Water slock

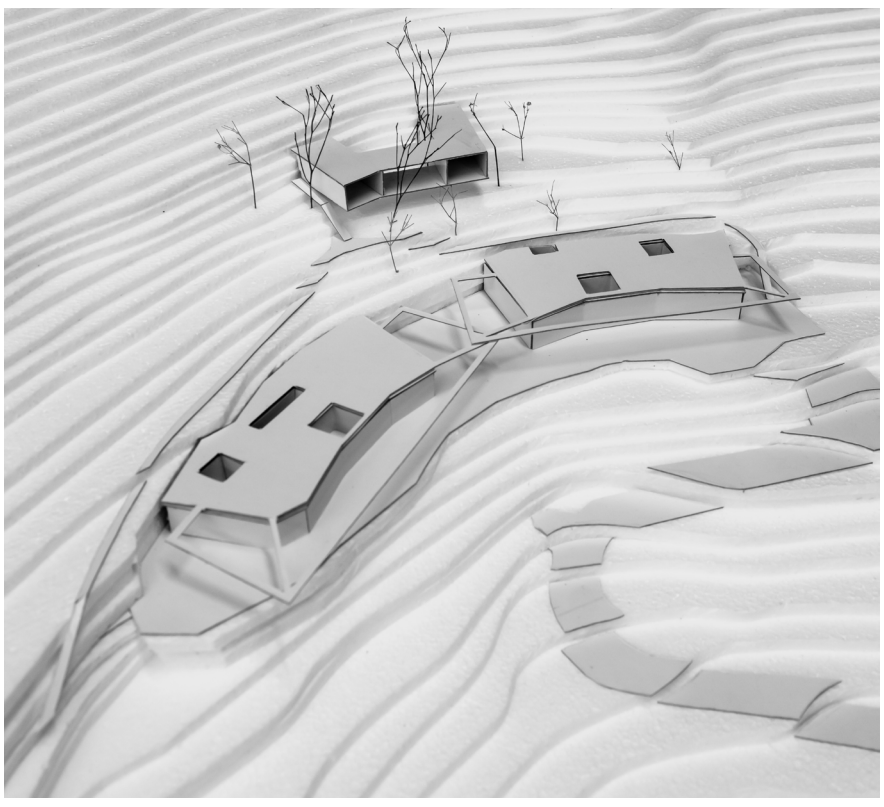
Retaining wall:

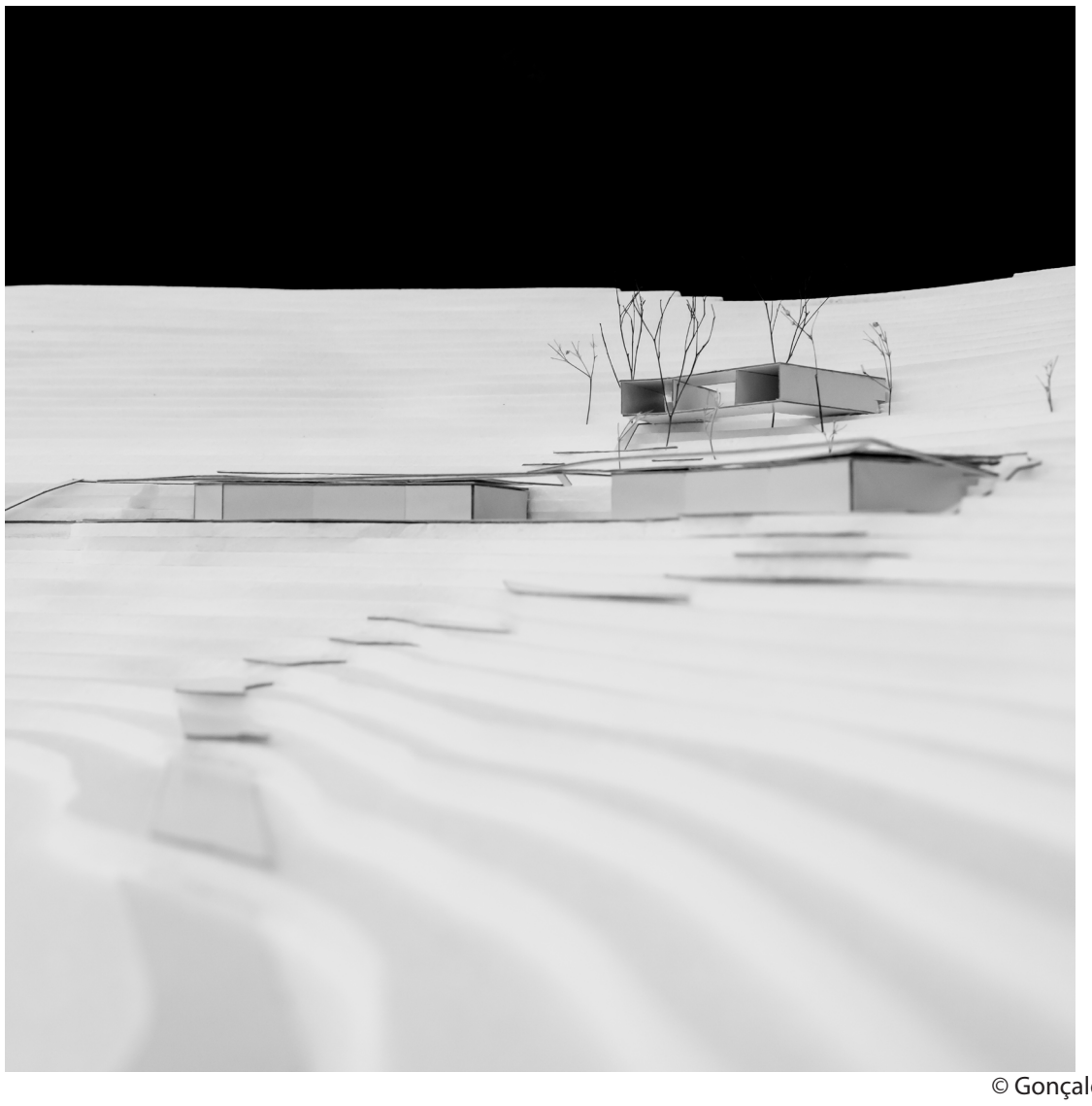
24. Double concrete
25. Air chamber
26. Brick
27. Plaster
28. Weightet conctere construction

PHOTOS OF MODEL

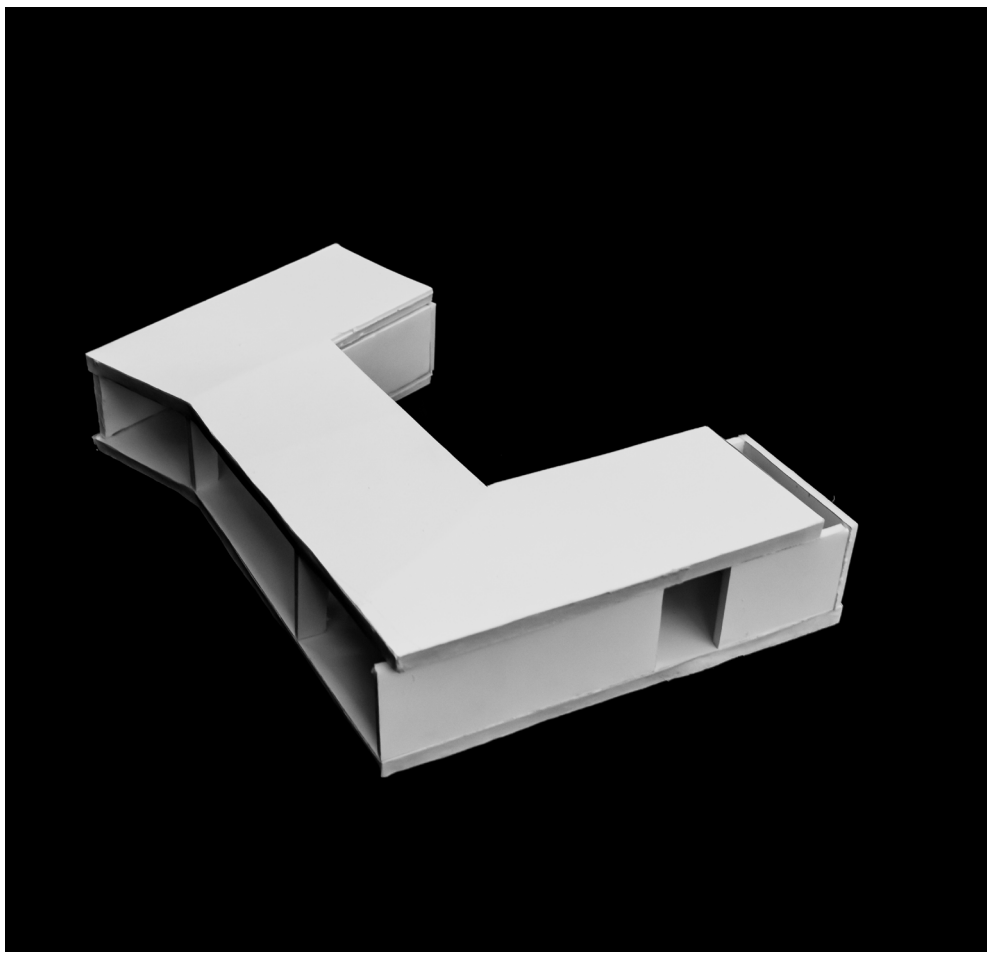
Doubling house based on Twin Houses in Sesimbra, 2020

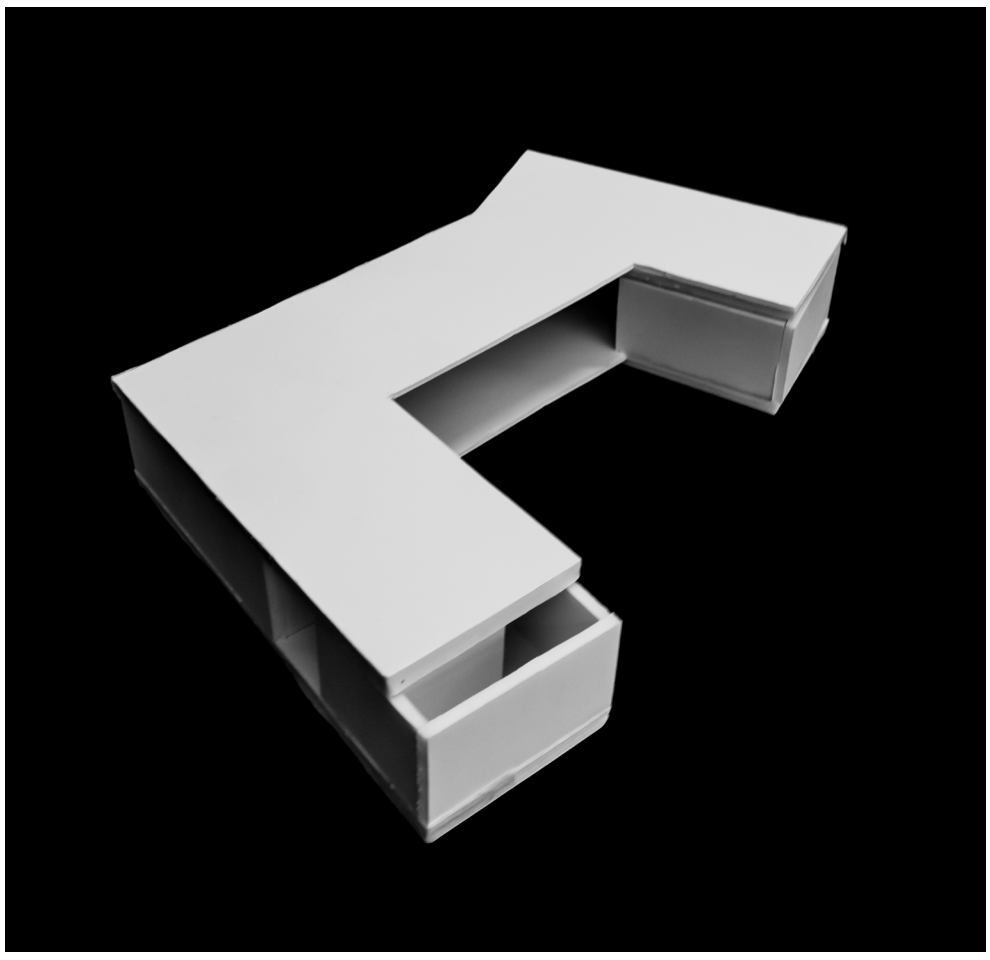






© Gonçalo





© Gonçalo

CASA PISCINA

Henrique Lopes

LUGAR
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019

1 : 500
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

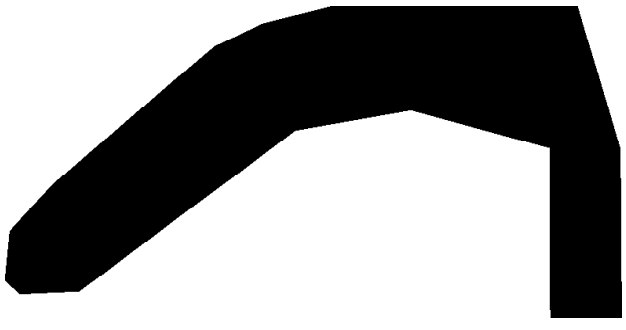
As Casas Gémeas localizam-se em Sesimbra, uma pequena vila no concelho de Setúbal. Implantadas num lote invulgar, que se estende desde a vila ao castelo.
As clientes, duas irmãs, pretendiam transformar uma casa construída nos anos 60 em casa de férias.
A primeira decisão seria dividir a casa em dois corpos, garantindo autonomia a cada família. Como casas gémeas, partilhariam as mesmas propriedades e dimensões, mas cada uma expressar-se-ia de forma ligeiramente diferente.
As casas surgem como um prolongamento da rocha, invisíveis na encosta, isto é, anixadas à topografia.
Construir nesta paisagem implica construir uma atmosfera diferente. Não sendo uma residência permanente convoca-se aqui um universo intenso e cru, mais próximo da terra, feito com matérias-primas em bruto, mineral e rígido. No interior reduzem-se ao máximo os elementos.
Os materiais são deixados à vista no seu estado natural, apenas as paredes são pintadas. Janelas e portadas correm totalmente para dentro das paredes, transformando toda a casa num espaço exterior.

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

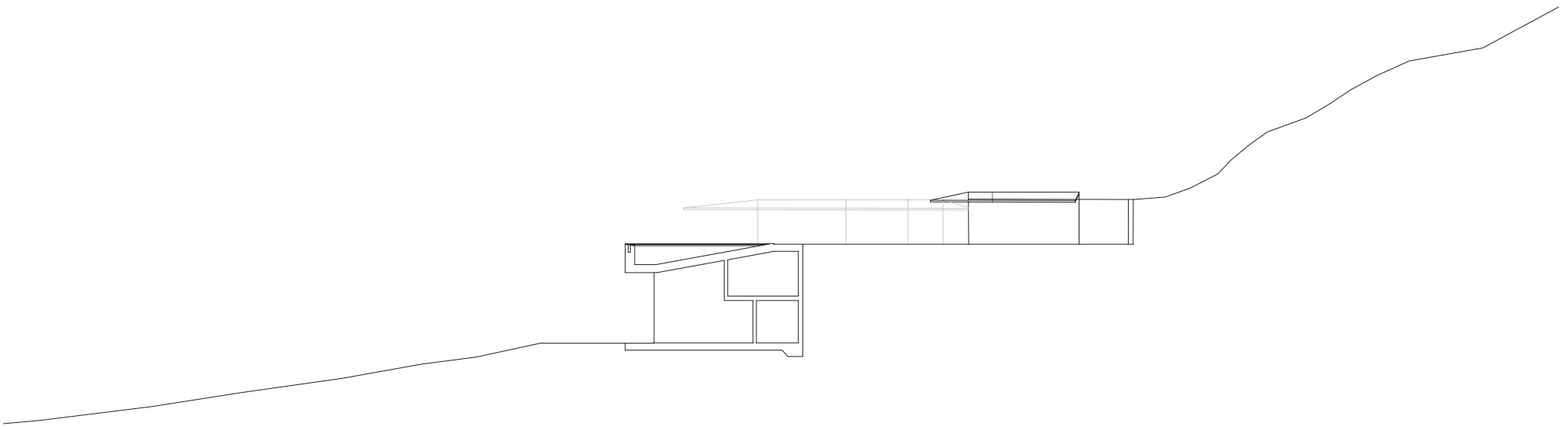
1 : 200
PLANTA DE COBERTURA

A Casa Dupla foi projectada com base na extensão da plataforma preexistene.
Esta proposta surge a partir da ideia de utilizar a plataforma como corbertura da casa dupla, sendo ao mesmo tempo uma piscina que funiciona também como um espelho de água, criando um novo espaço de contemplação. O espaço social encontra-se no piso terreo.O espaço privado encontra-se no primeiro piso. O espaço privado conta com um dormitório. A casa não possui corredores de forma a evitar espaços fechados e barreiras visuais.

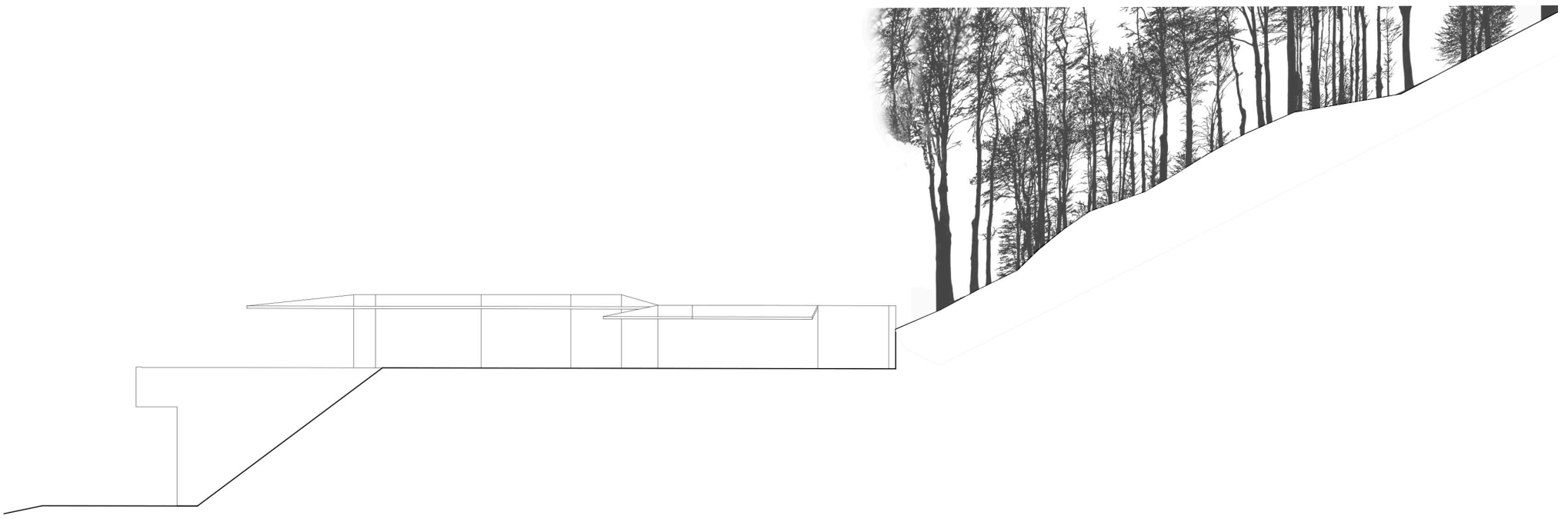


PLATAFORMA

FOTO DA VISTA



1 : 200
CORTE LONGITUDINAL



1 : 200
ALÇADO

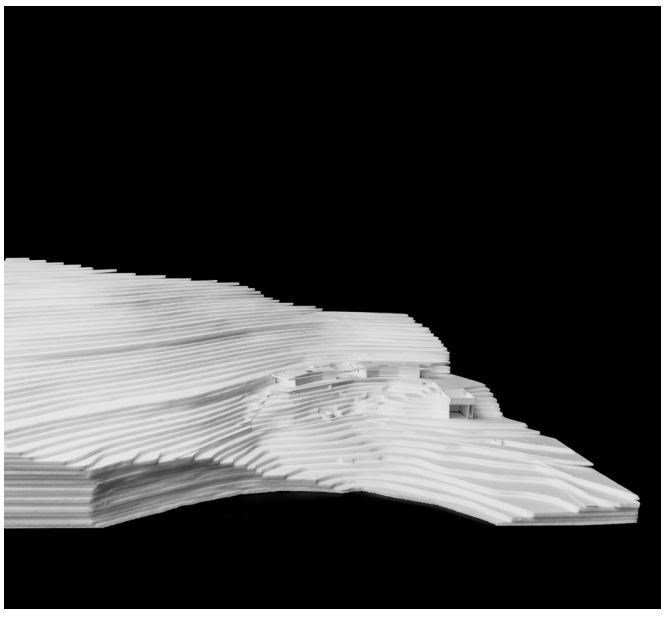


FOTO DA MAQUETE

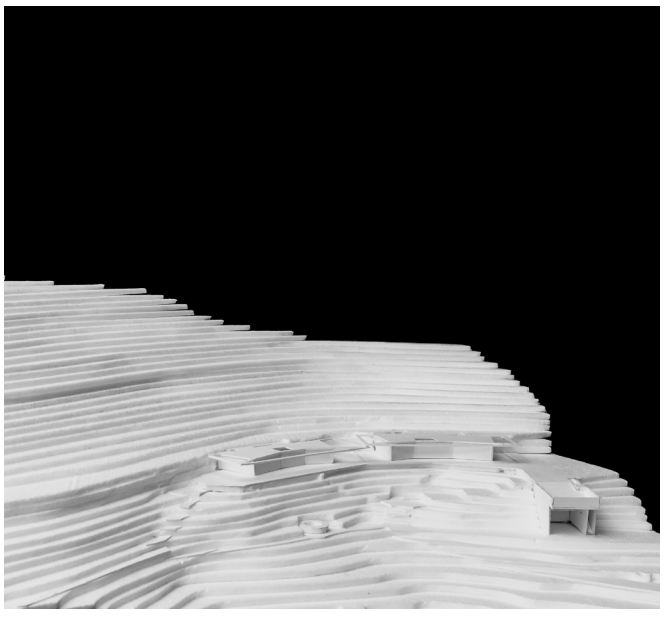
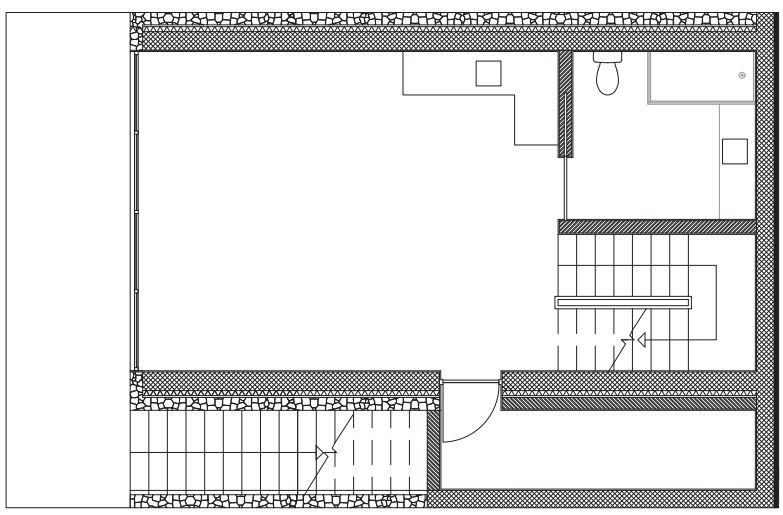
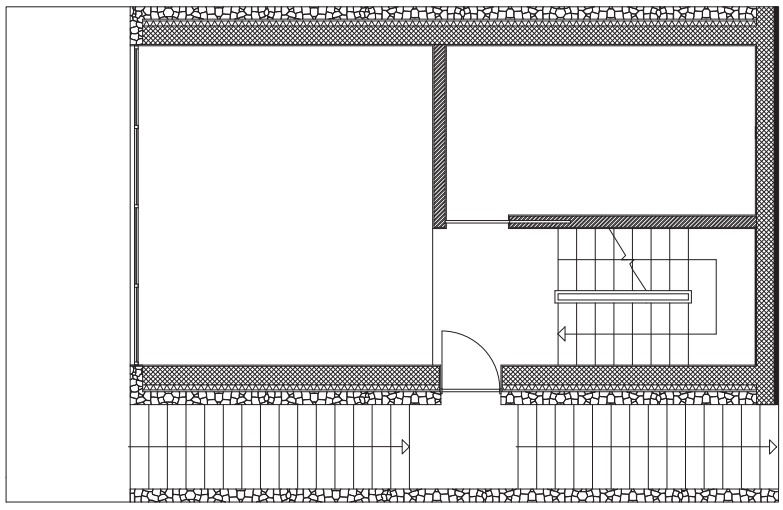
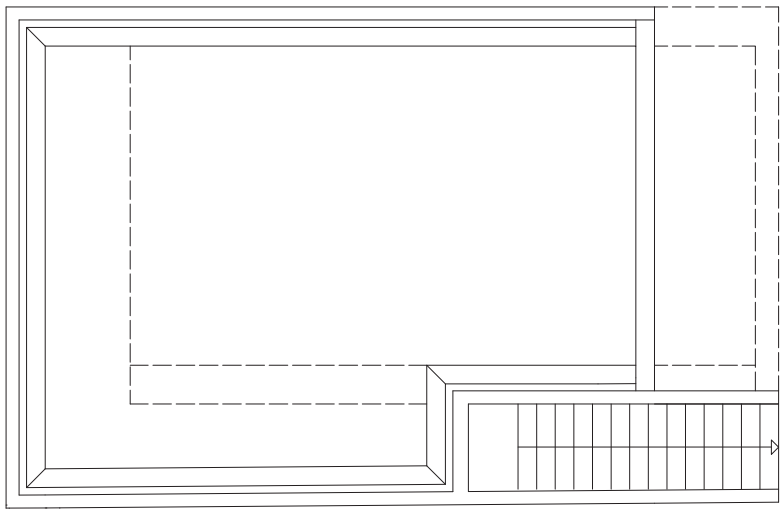


FOTO DA MAQUETE







1 : 50
PLANTAS

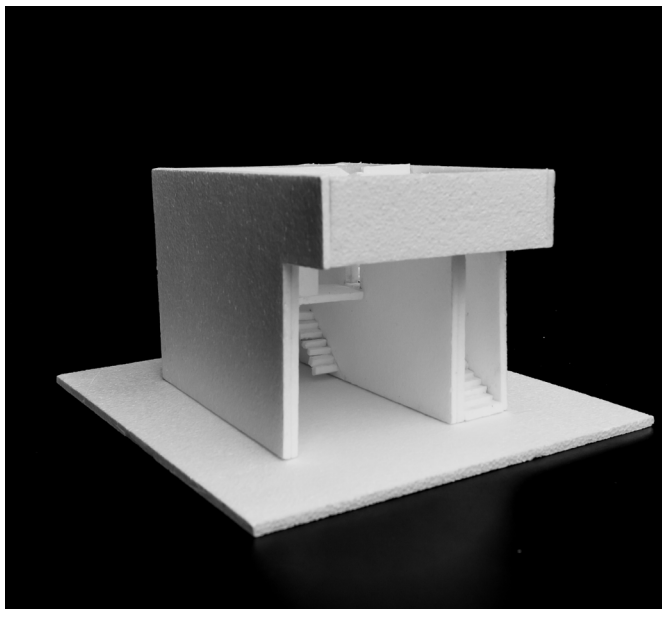


FOTO DA MAQUETE

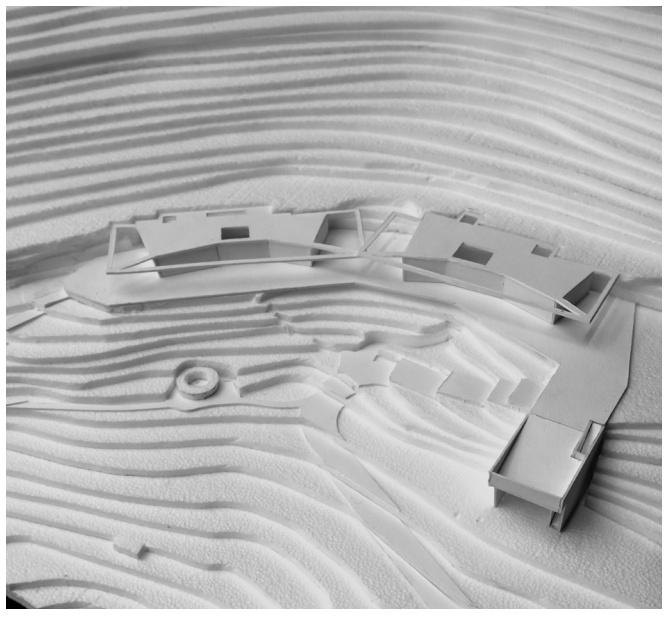
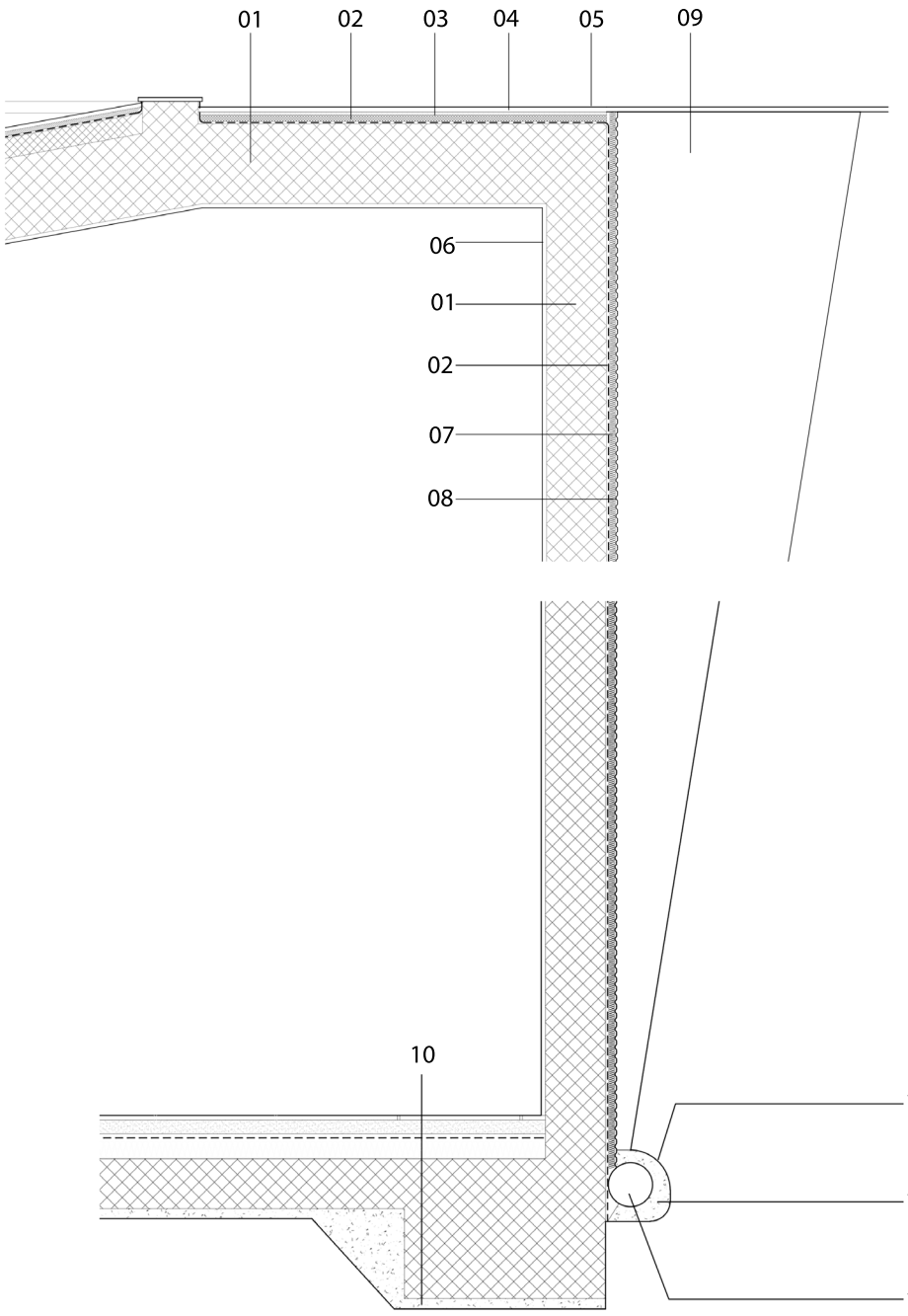


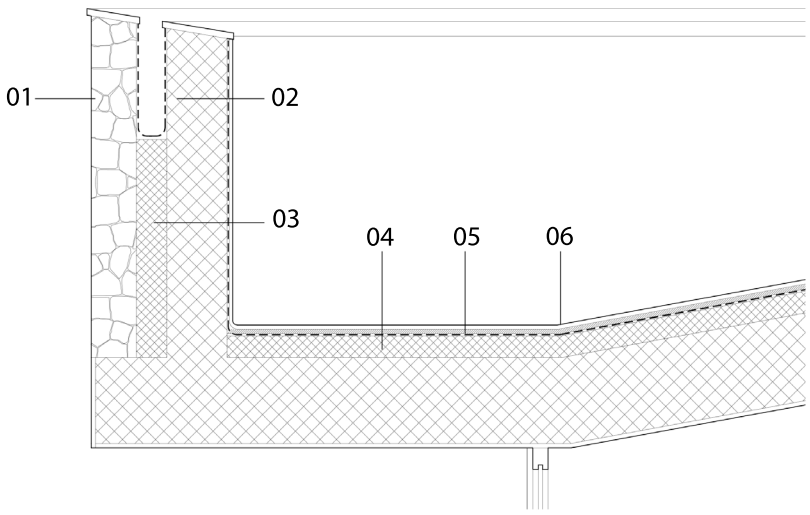
FOTO DA MAQUETE

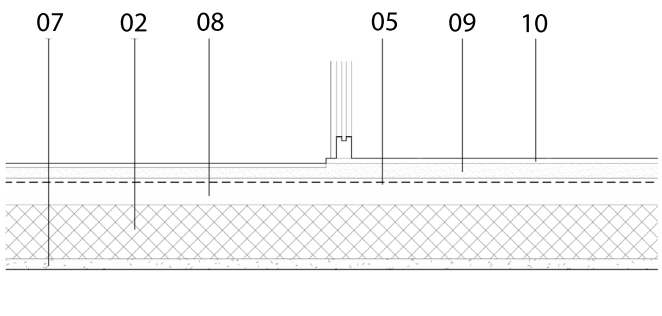


PORMENOR CONSTRUTIVO 02 E 03 1:20

Legenda:

01- Betão armado
02-Membrana impermeabilizante com betume
03- Betonilha de regularização
04- Argamassa de assentamento
05- Betonilha de regularização armada
06- Acabamento interior em reboco
07-Poliestireno Expandido (xps) 8cm
08-Manta drenante
09- Material drenante
10- Betão de limpeza 5cm
11- Manta geotextil
12- Brita
13- Geodreno 11cm





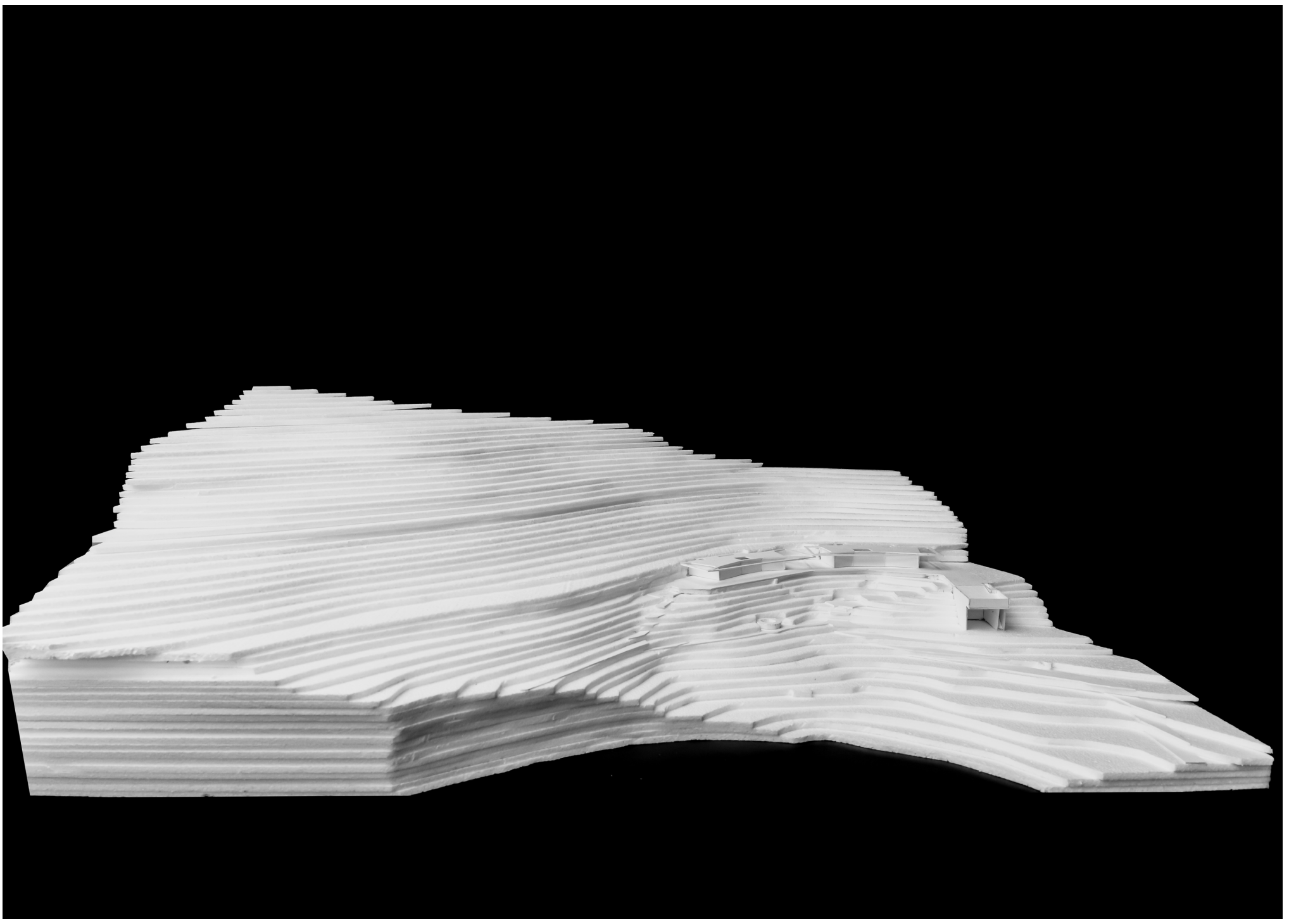
PORMENOR CONSTRUTIVO 01 E 04 1:2

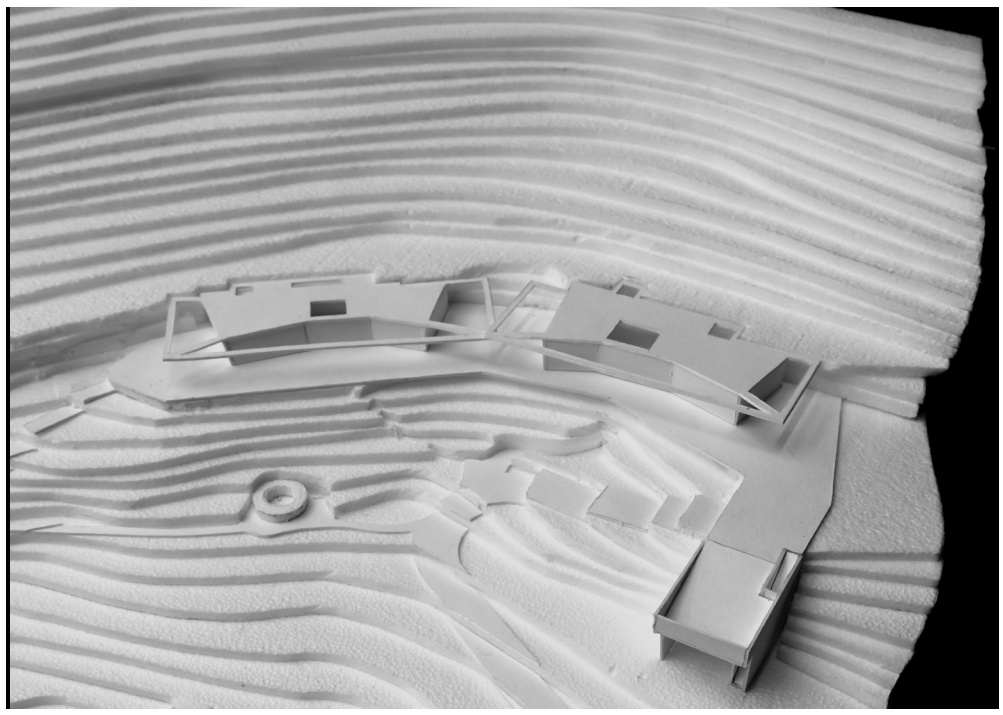
Legenda:

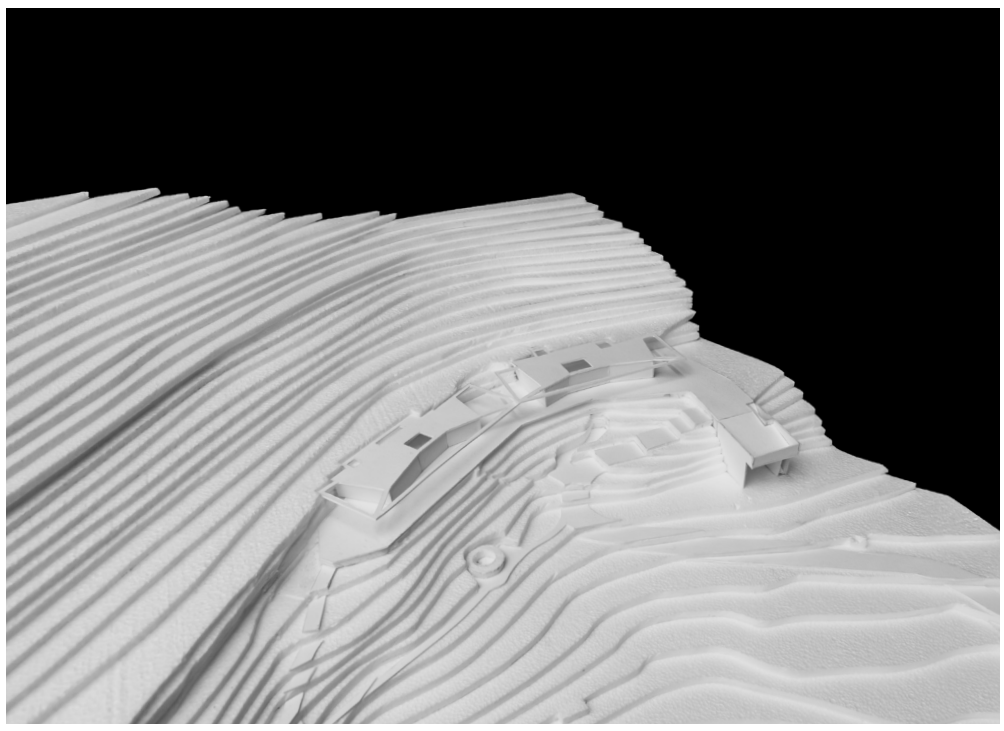
01- Pedra natural
02- Betão armado
03- Betão
04- Betonilha de regularização armada
05- Membrana impermeabilizante com betume
06- Revestimento em pedra
07- Betão de limpeza 5cm
08- Polistireneo extrudido(XPS)8cm
09- Betonilha de regularização
10- Revestimento cerâmico

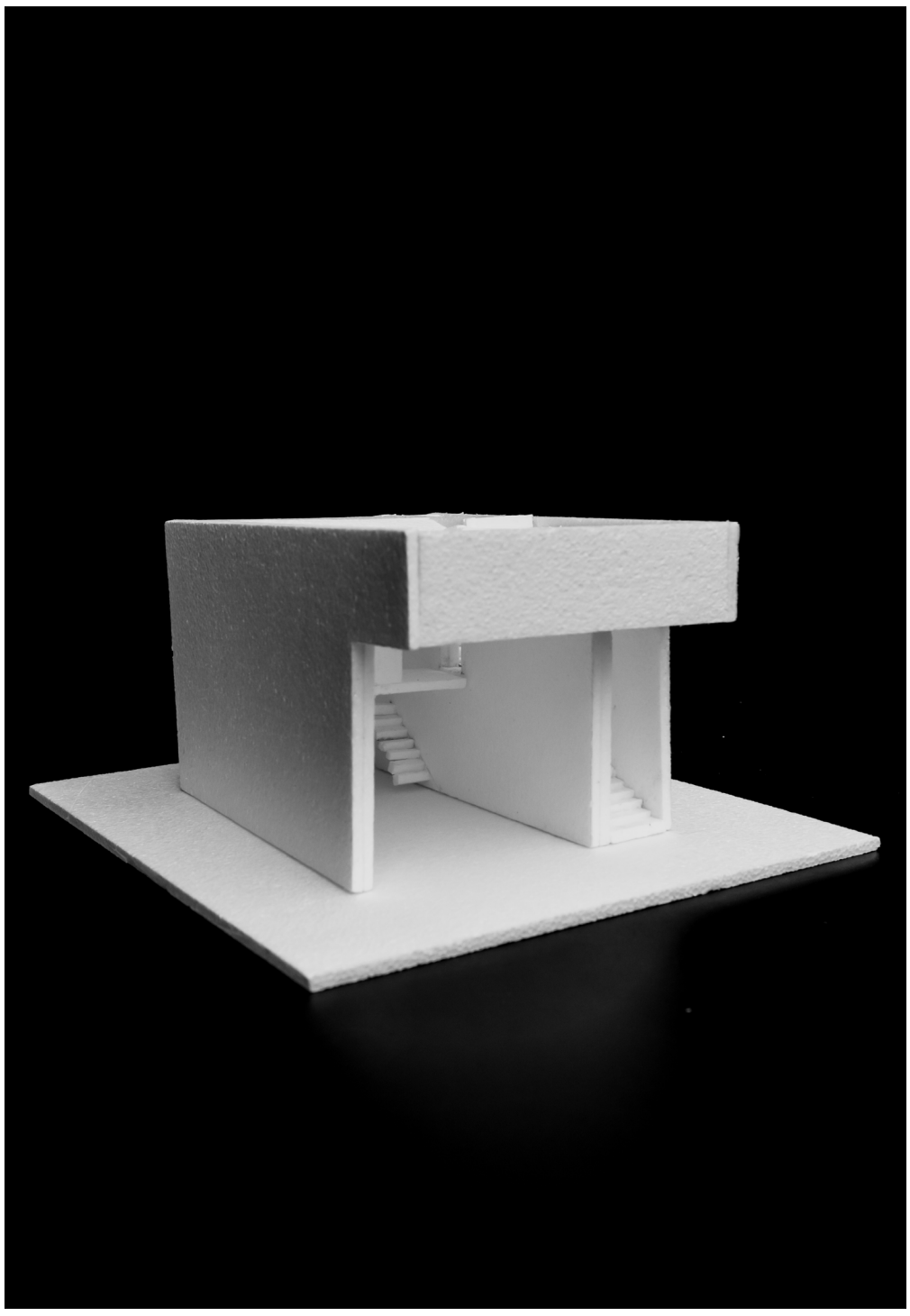
MAQUETES

Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019









CASA INFLEXÃO

Márcia Cabo

1 : 500
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

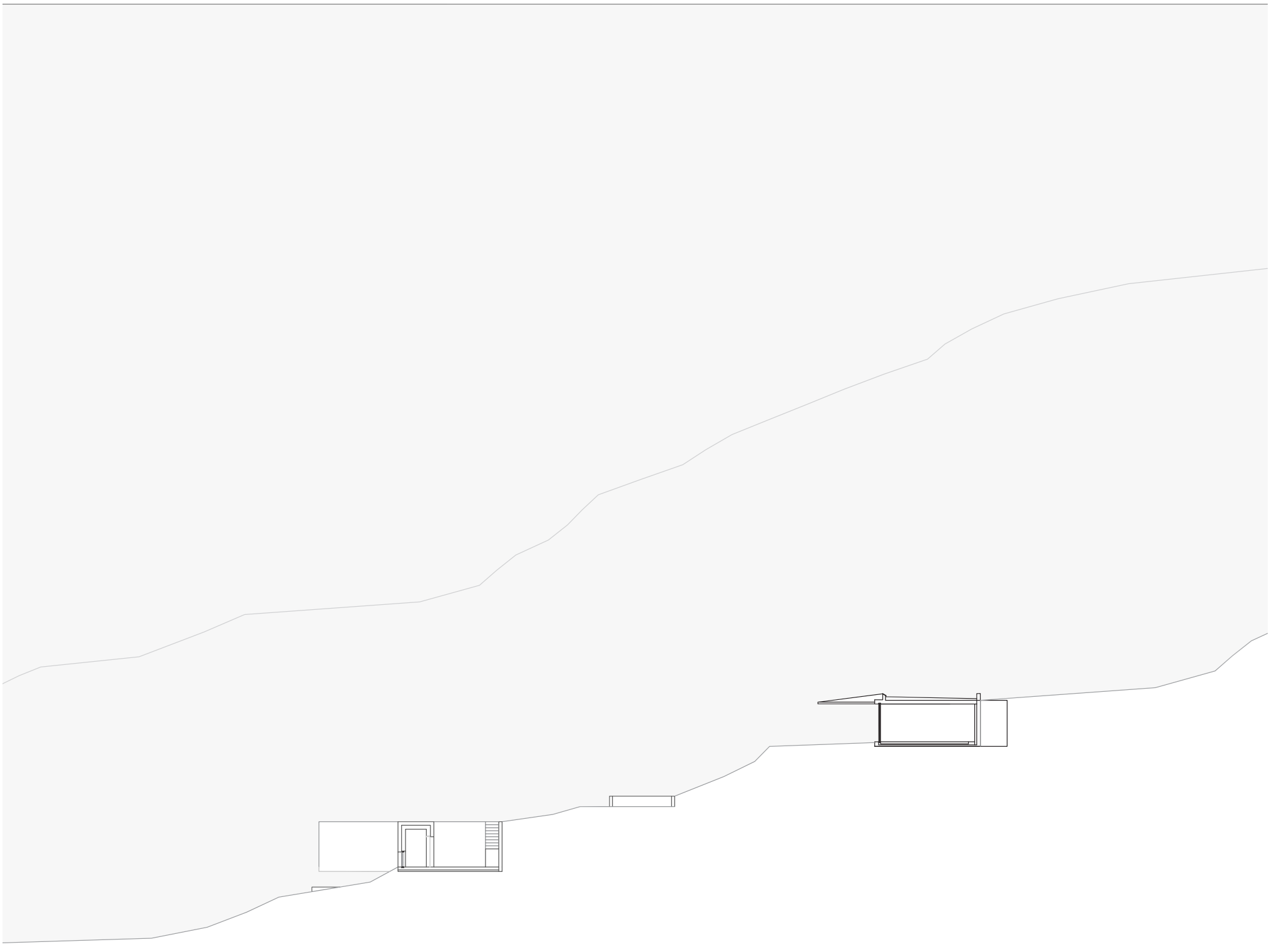
As Casas Gémeas, projectadas pelos Extrastudio em 2019, estão localizadas em Sesimbra, uma pequena vila pescatória do concelho de Setúbal. Estas encontram-se inseridas num lote que se localiza a cerca de 600 metros do mar. Este lote possui uma vegetação ambundante que permite as casas passarem despercebidas.
Devido a restrições legais, as casas têm o limite de 125 metros quadrados de implantação. Os extrastudio inseriram pátios no interior da casa e uma pérgula no exterior de forma a originar zonas de estar ao ar livre. Estas são as características mais notórias das casas, bem como a sua cor acastanhada, proveniente de um betão pigmentado para as mesmas se fundirem com o terreno, dando a sensação que são um prolongamento da rocha.

Fotografia aérea do local de intervenção

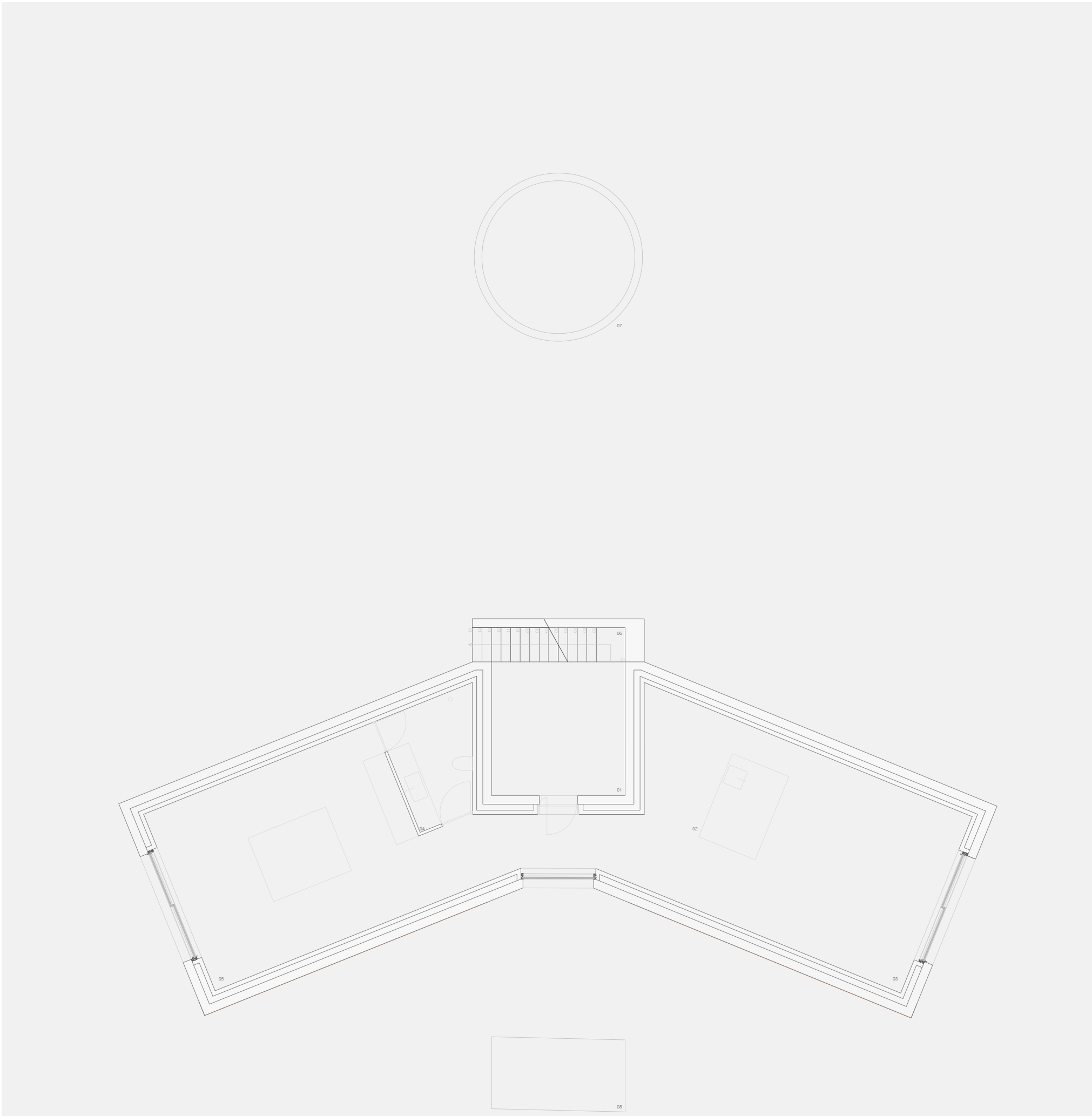
1 : 200
PLANTA DE COBERTURA

A casa dupla tem como base a relação com elementos pré-existentes no terreno, o tanque de água e a plataforma, e a relação com a natureza envolvente. Localiza-se entre o tanque e a plataforma e, encontra-se alinhada entre ambos de forma a proporcionar a ligação das pré-existencias.
Esta proposta surge a partir de vários elementos das Casa Gémeas, o pátio, a inflexão e a conexão com o terreno. Como as casas já existentes, a casa dupla procura anixar-se ao terreno e fundir-se com o mesmo através do betão pigmentado com a terra local.
A casa cria dois espaços distintos, um espaço social e um espaço privado, ambos com a presença de vãos. Estes vão estabelecem uma conexão com a natureza envolvente, sendo que no espaço social vira-se para uma zona com pouca vegetação oferecendo uma vista desafogada, e no espaço privado, este vira-se para uma zona com vegetação densa e que oferece a vista para os troncos das árvores.

Fotografia aérea do local de intervenção

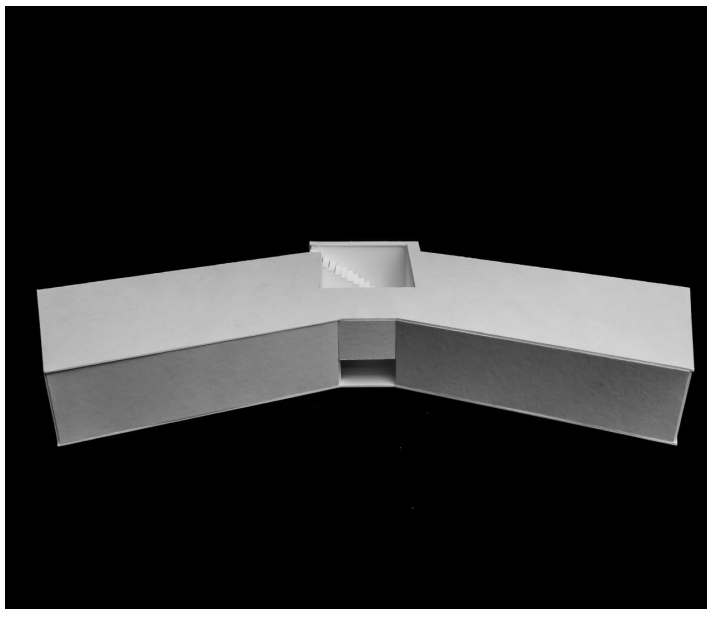


1 : 200
CORTE

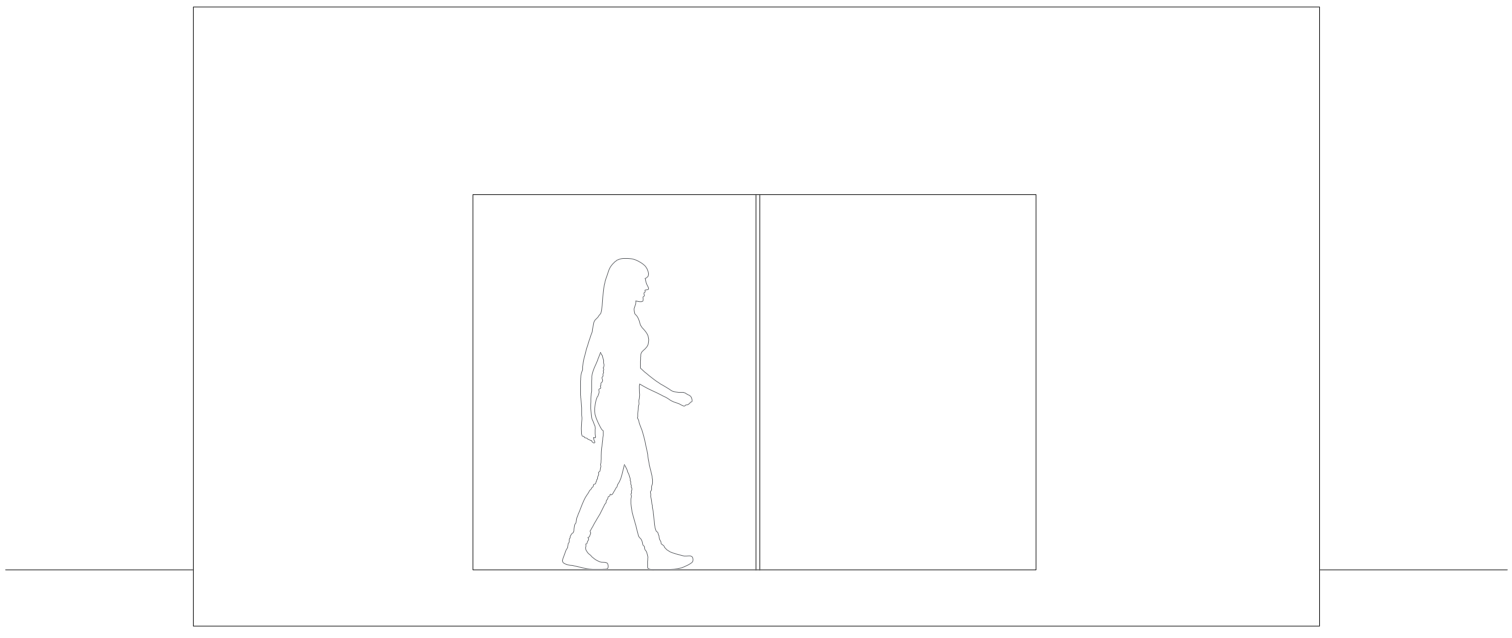


1 : 50
PLANTA PISO TÉRREO

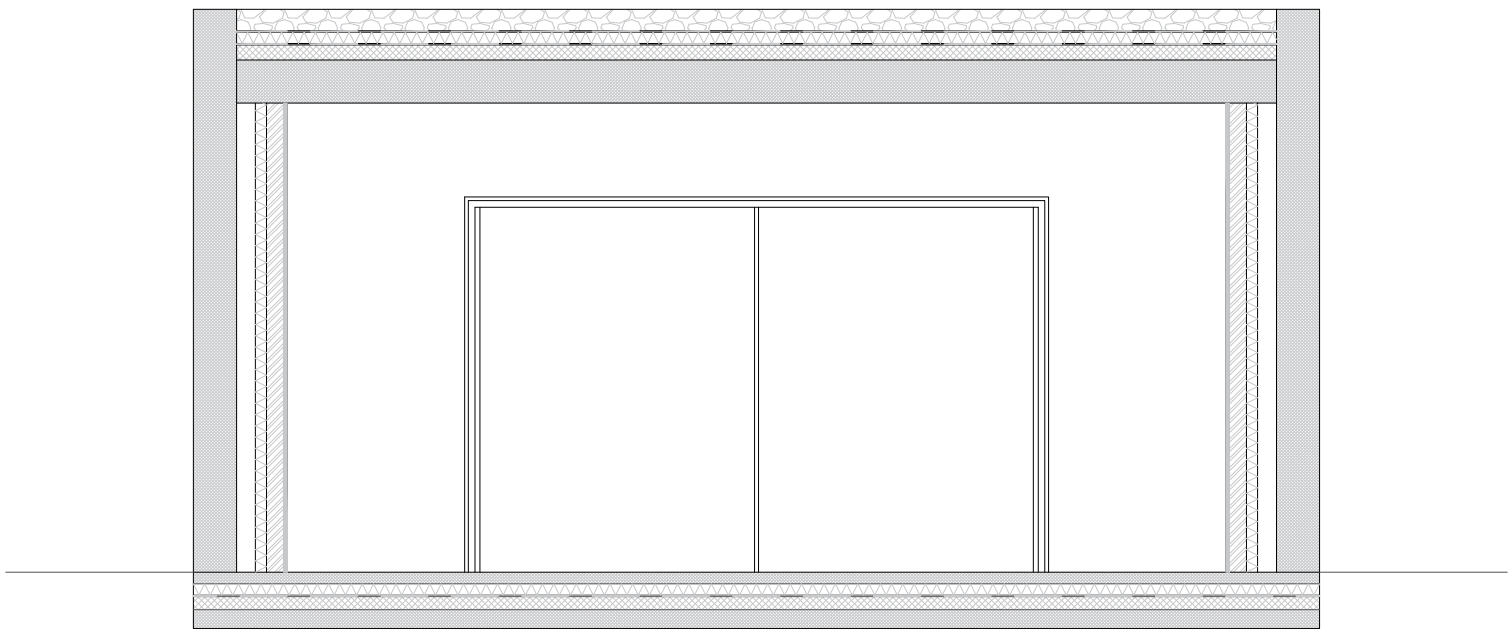
O acesso da casa é feito pela cota da cobertura, através de umas escadas que dão para um pátio onde se encontra a porta de entrada. Ao entrar na casa, encontra-se de imediato um vão ao baixo que se vira para a plataforma.
Esta divide-se em dois lados. À esquerda a zona social onde encontramos uma cozinha e uma zona de estar. À direita encontramos a zona privada com uma instalação sanitária e o quarto. O mobiliário da casa é escasso, apenas o essencial, de forma a dar a sensação de leveza e elementaridade.



Fotografia da maquete 1:50

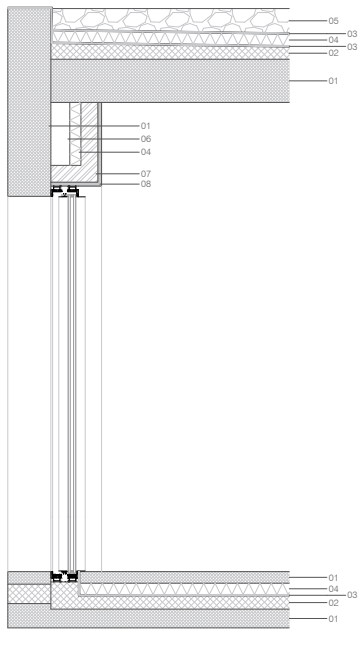


1 : 20
ALÇADO EXTERIOR



1 : 20
ALÇADO INTERIOR

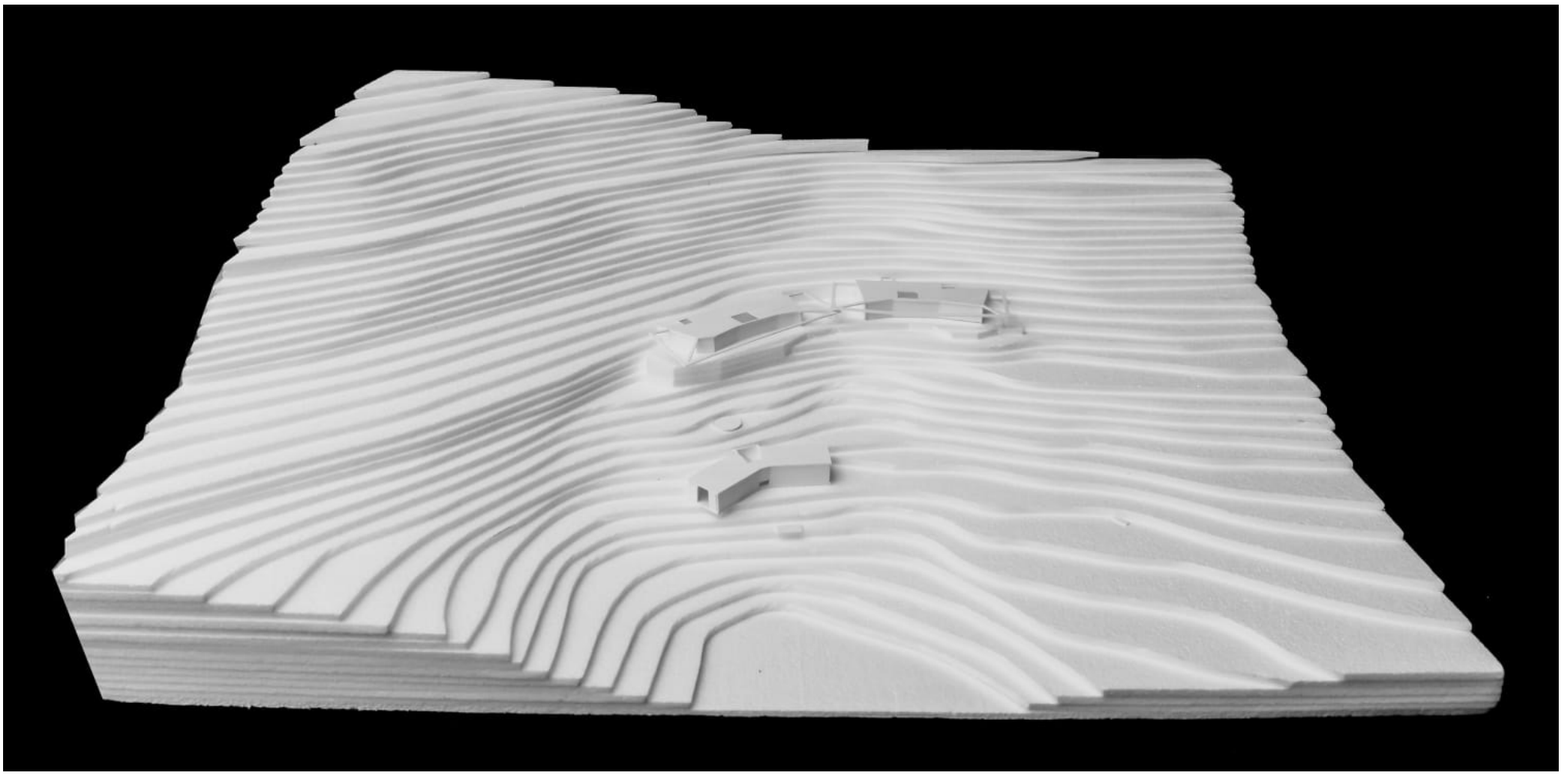
1 : 20
CORTE

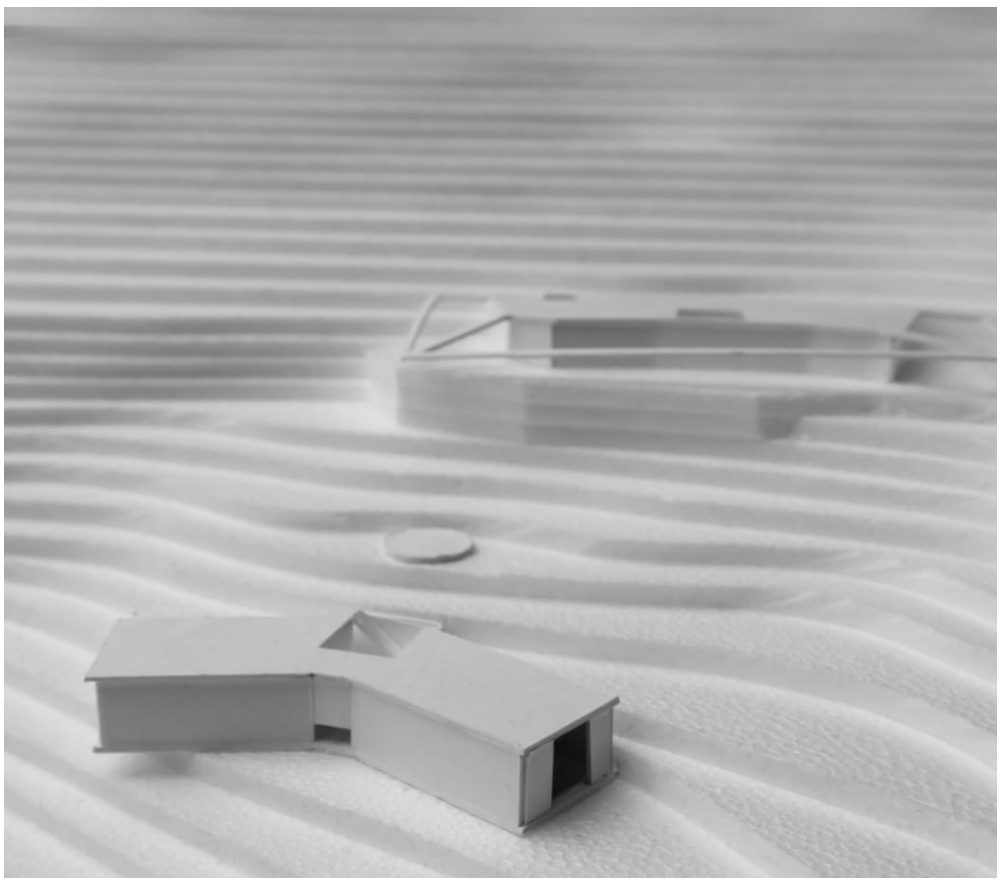


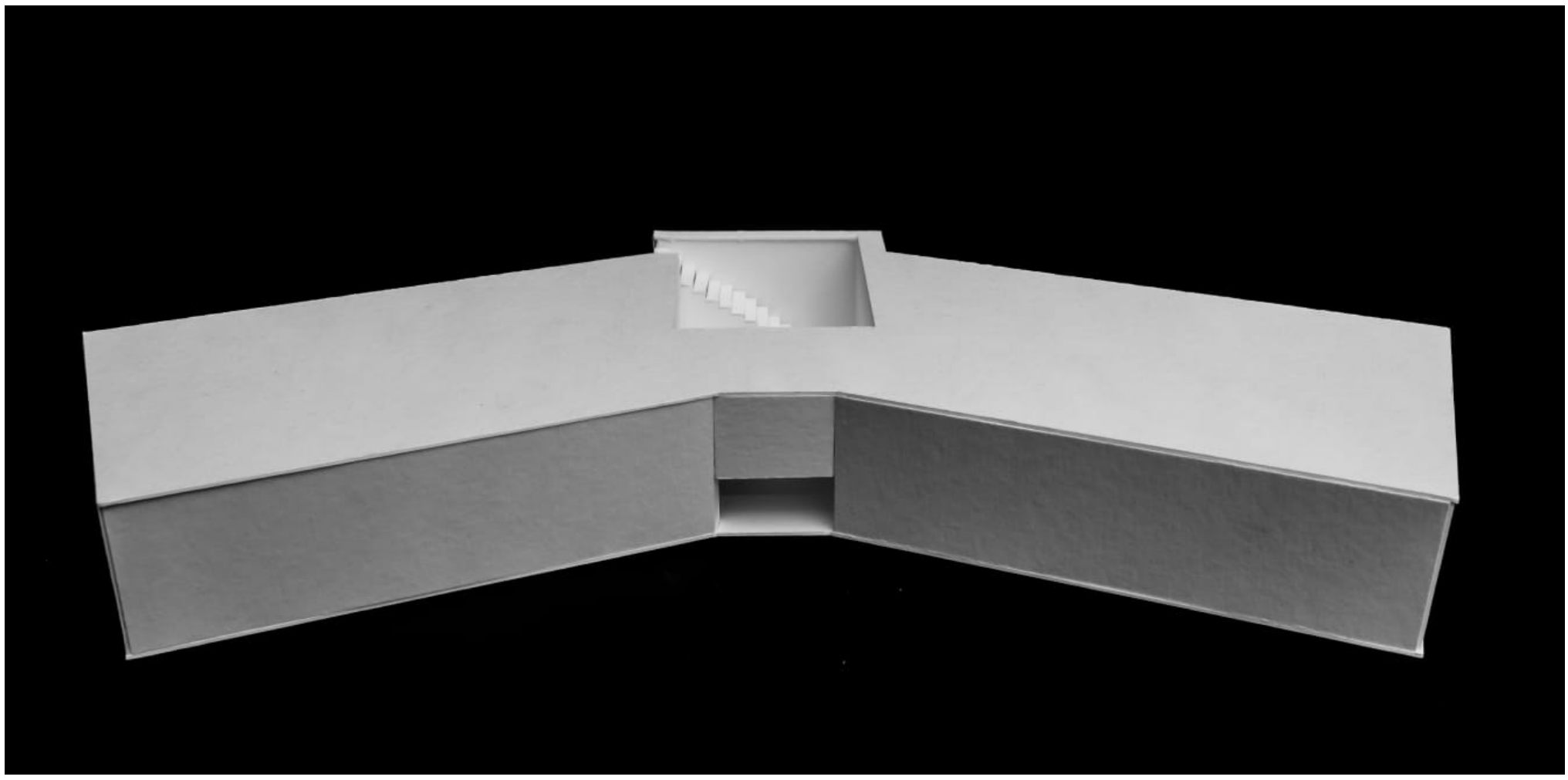
01 Betão armado
02 Betão leve
03 Tela de impermeabilização
04 Isolamento térmico
05 Gravilha
06 Caixa de ar
07 Alvenaria em tijolo
08 Estuque pintado

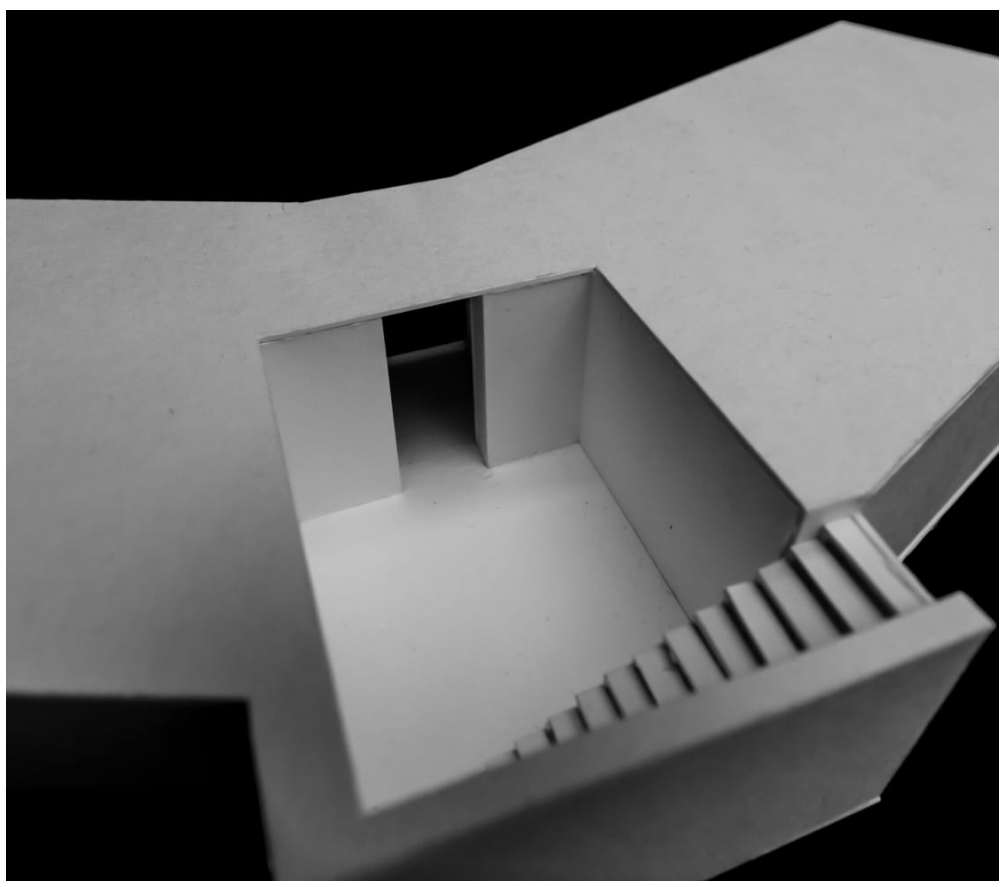
1 : 20
CORTE

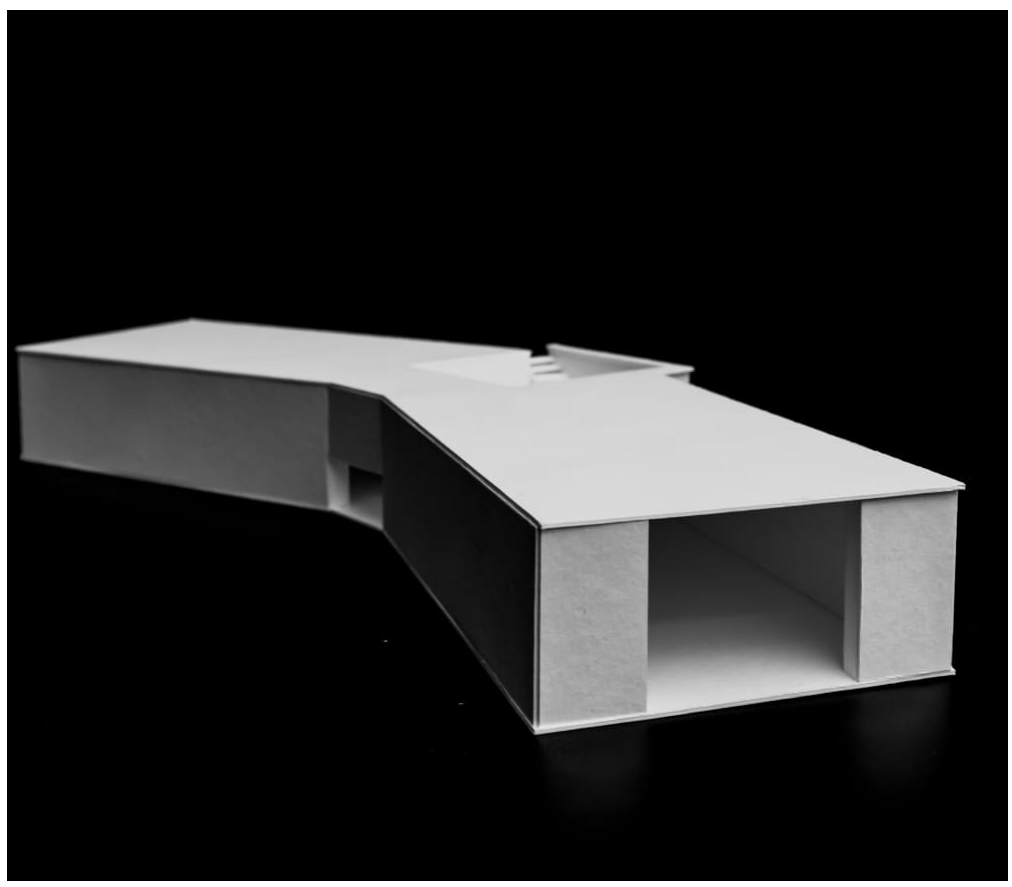
MAQUETES
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019







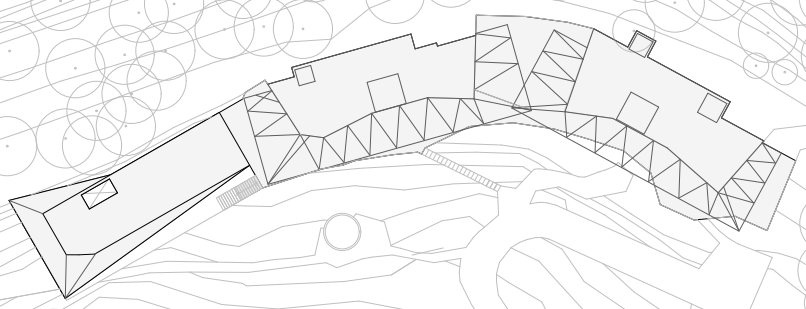




CASA MIRADOURO

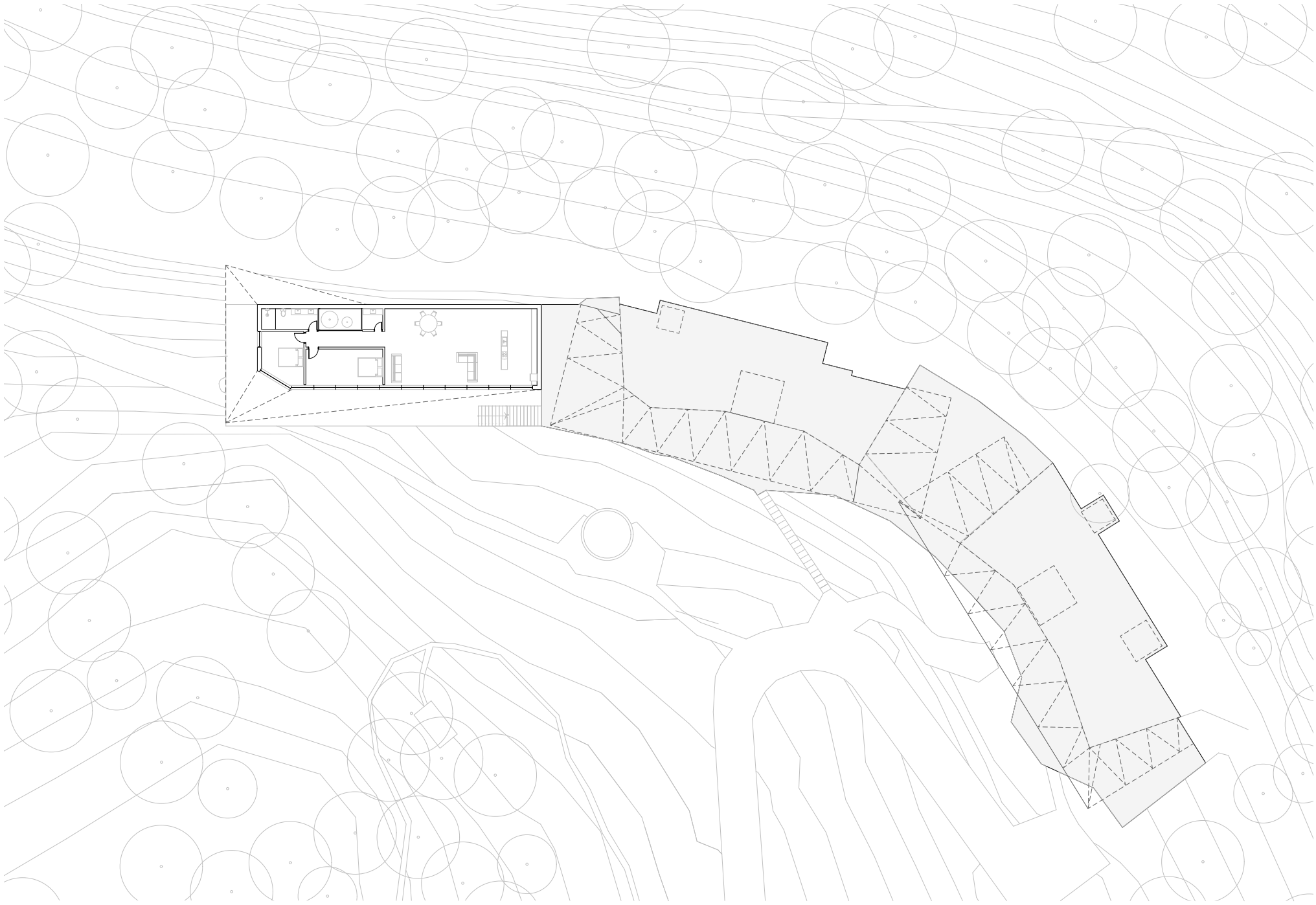
Matheus Souza

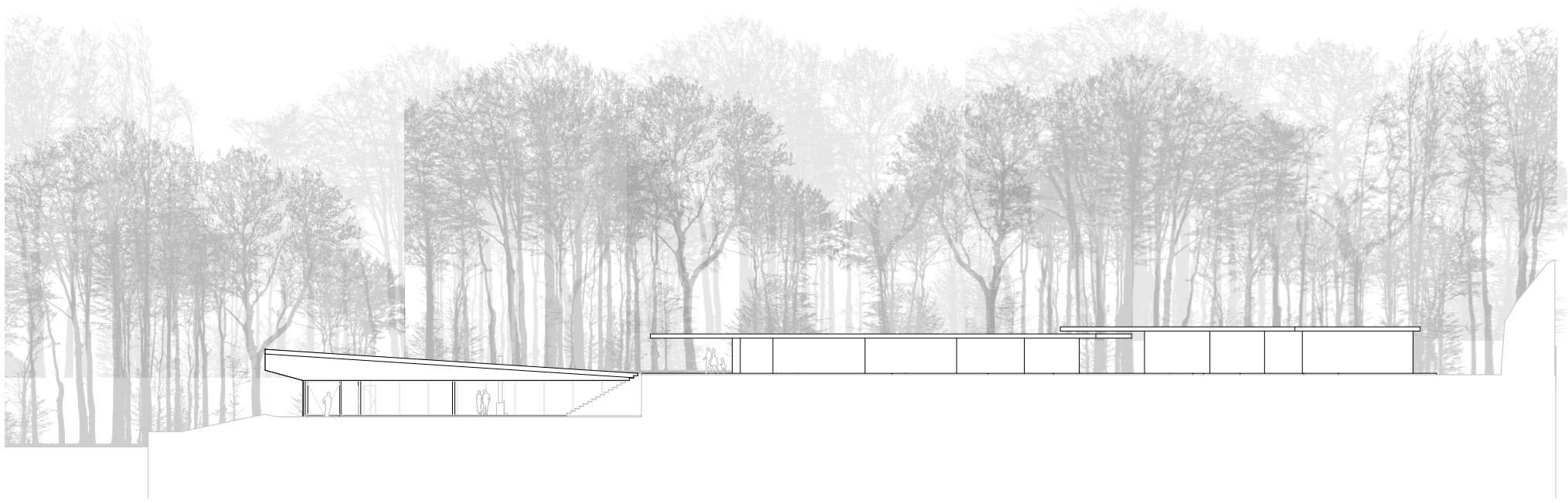
LUGAR
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019



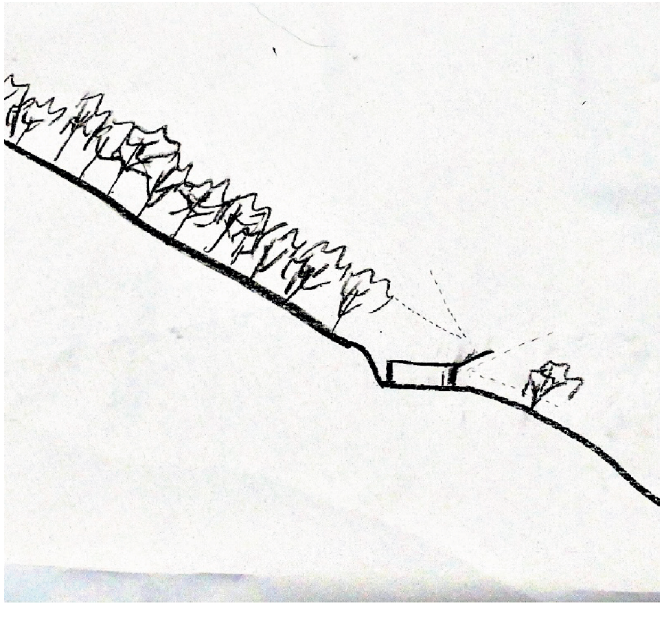
O projeto produzido pelo atelier EXTRASTUDIO no ano de 2019 está inserido em um terreno inclinado na cidade de Sessimbra. A cerca de 600 metros do mar, seu lote se estende da vila ao castelo, delimitado por uma estrada romana e um pinhal.
Tendo a paisagem como grande protagonista, com vegetações de oliveiras, figueiras e pinheiros e sua terra vermelha, se encaixa no contexto ao utilizar-se de betão com pigmentos castanhos desativados para alteração da cor original. Além disso, vale destacar a presença de pátios e pérgulas gerando uma iluminação natural e espaços ao ar livre.
A casa está dividida em dois volumes, visto que as clientes foram duas
irmãs com metas de transformar em uma casa de verão para reunir a família e amigos. Consegue manter a privacidade apesar da proximidade e relação entre os pátios, tornando-as independentes de utilização própria.

MATHEUS SOUZA



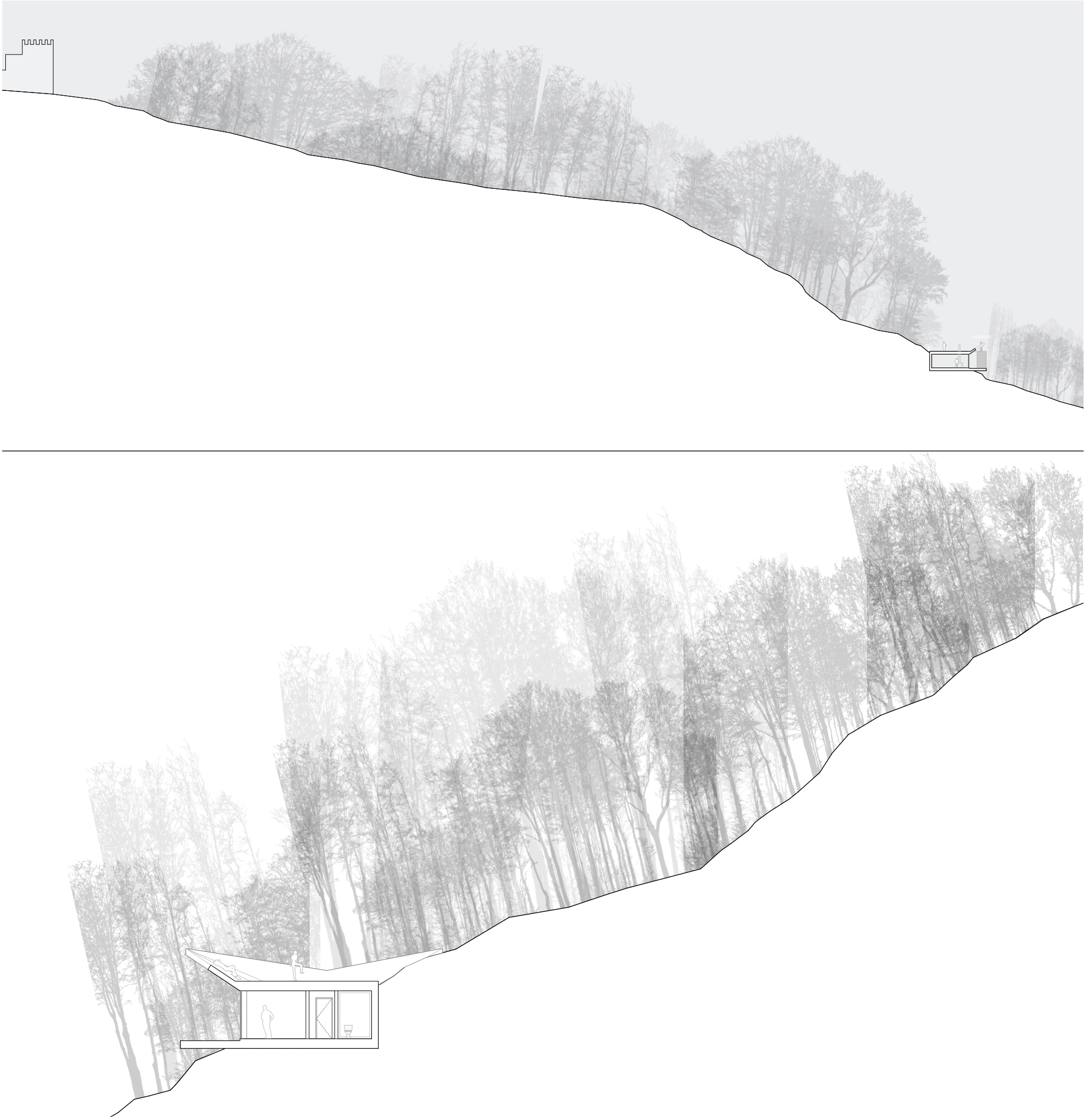


O projeto consiste em criar uma casa duplicada, dando sequência e sem perder o aspecto da casa de 2019. Utilizando-se da mesma materialidade de betão pigmentado e relações entre pátios.
Ao analisar o sítio, percebe-se o quão importante é sua relação com a natureza. Assim, a intervenção conta com uma cobertura inclinada de mesma materialidade da plataforma das Casas Gémeas mantendo a correspondência de plataforma e com função de terraço. Tem sua relação de escalonamento entre pérgolas e sua cobertura ganha inclinação e altura no alçado longitudinal e faz um fechamento com formas orgânicas para desfrutar de 100% da paisagem e ter a função de guarda do piso superior. O acesso se da diretamente por uma escada, que ao desce-la, depara-se com um grande painel de vidro para a vegetação. O indivíduo utiliza o terraço com vista superior em direção ao castelo e a vegetação mais densa. Quem está na casa terá uma vista praticamente de 360° em meio a vegetção e o mar distante se utilizar-se de todos pavimentos.

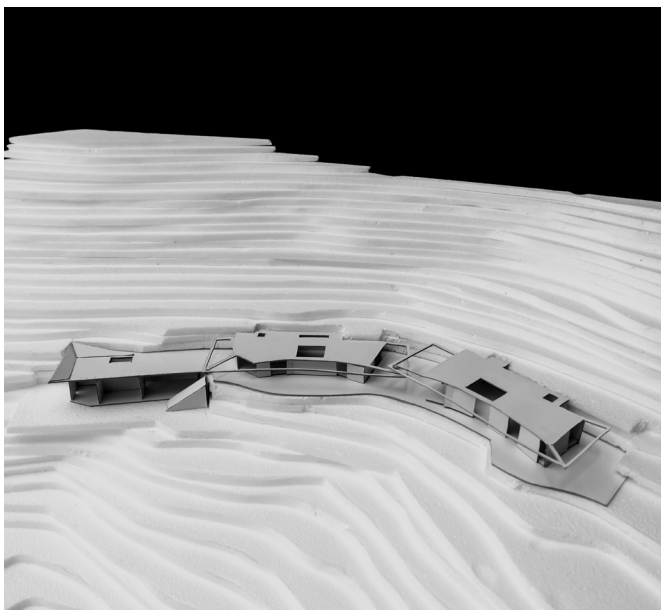


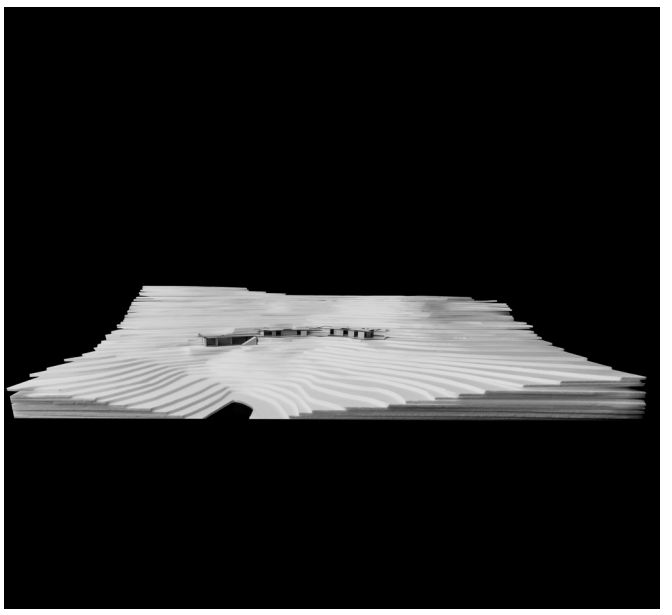
PROGRAMA

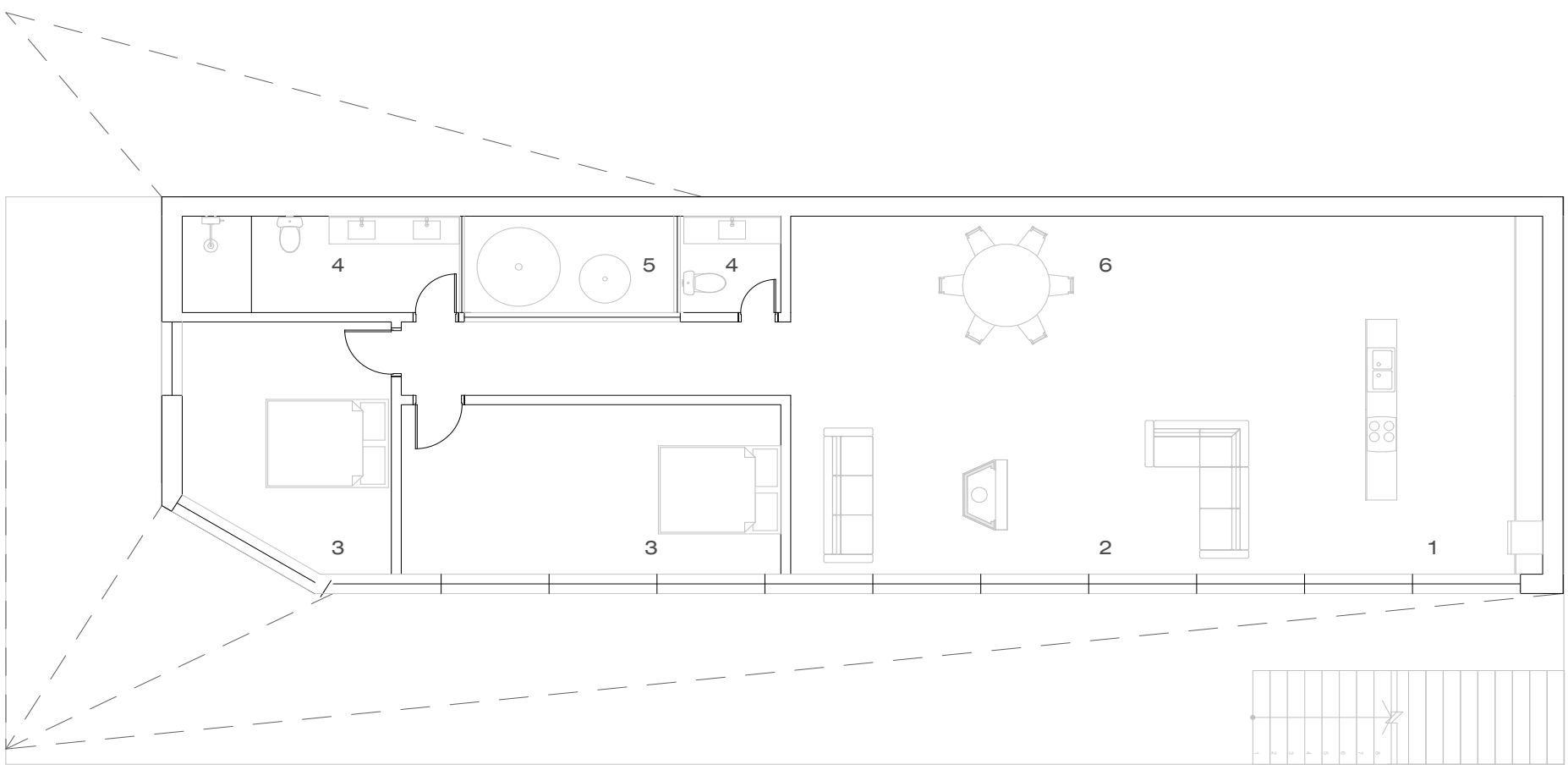
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019



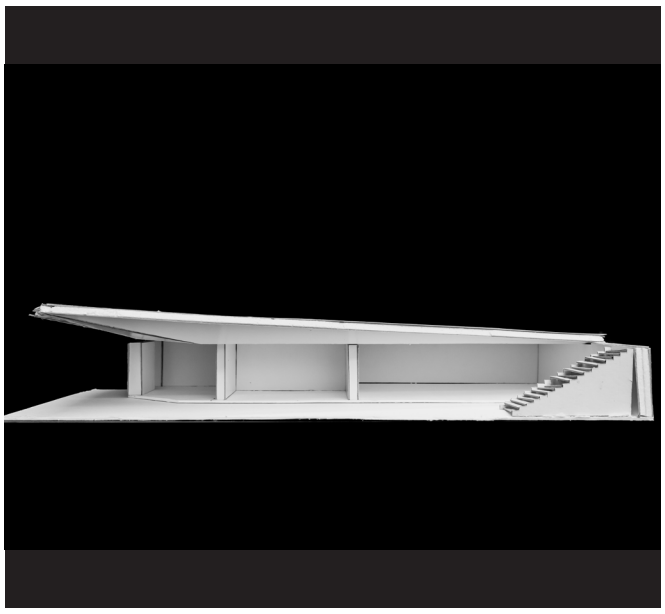
Ao entrar para a casa através do acesso principal totalmente envidraçada , percebe-se a divisão dos espaços mais íntimos e de lazer.
É composta por uma grande sala de estar que se mistura a cozinha e sala de jantar, tornando um ambiente de convívio.
As zonas dos quartos também ganham destaque no que diz respeito a paisagem e privacidade ao mesmo tempo. Além de duas casas de banho que são iluminadas e ventiladas através de um pátio central.
Na parte superior, uma grande cobertura transforma a área da casa inteira em um espaço de convívio e refúgio para manter o contato direto com a natureza.
O projeto da casa dupla parte de uma idéia de composição gemétrica;
Com seu plano praticamente retângular e discreto, ganha êxito com uma enorme cobertura orgânica e de destaque sobre suas paredes.





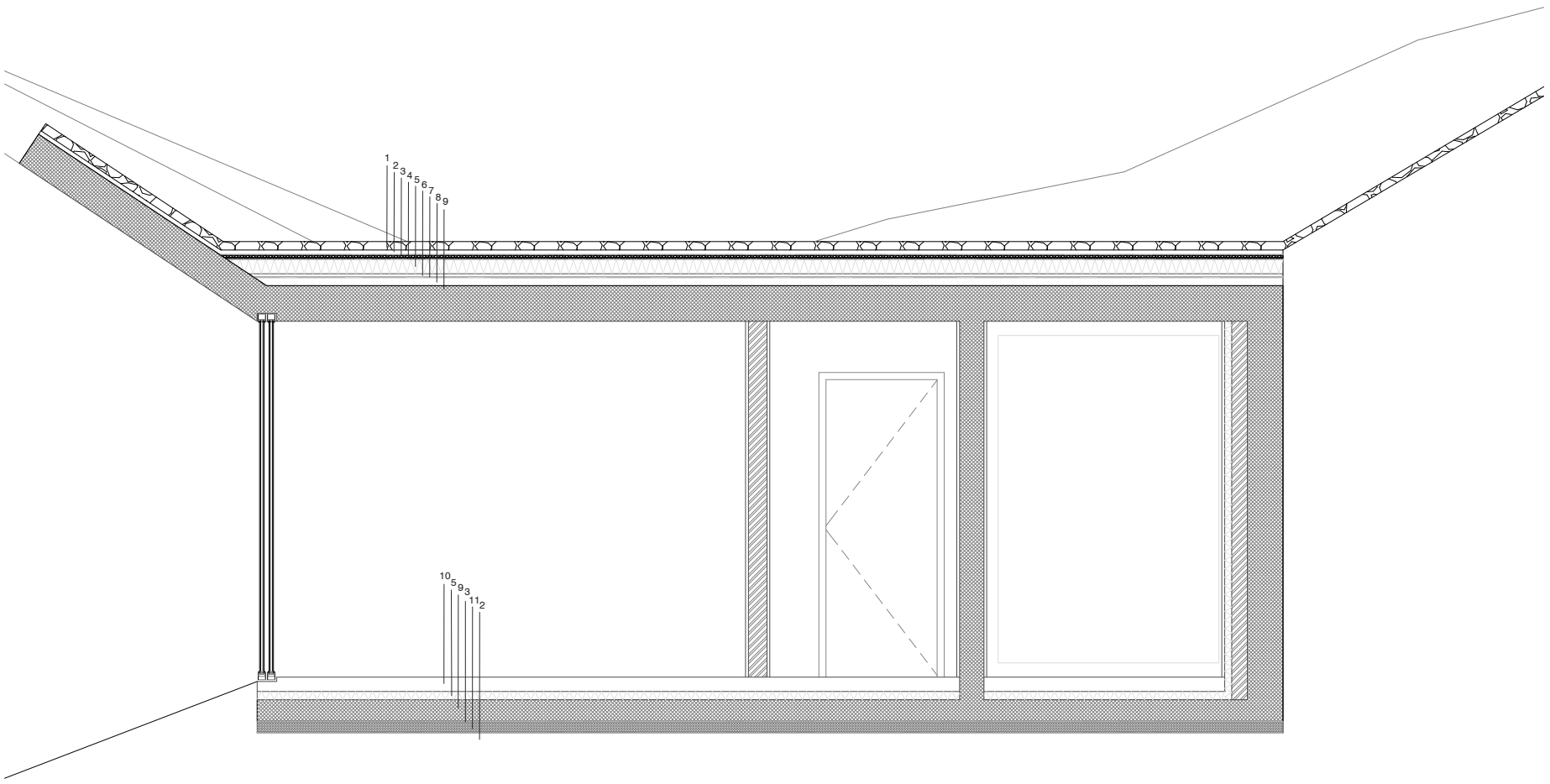


LEGENDA
1. Cozinha
2. Sala de estar
3. Quarto
4. Casa de banho
5. Pátio
6. Sala de jantar



PORMENORES CONSTRUTIVOS

Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019



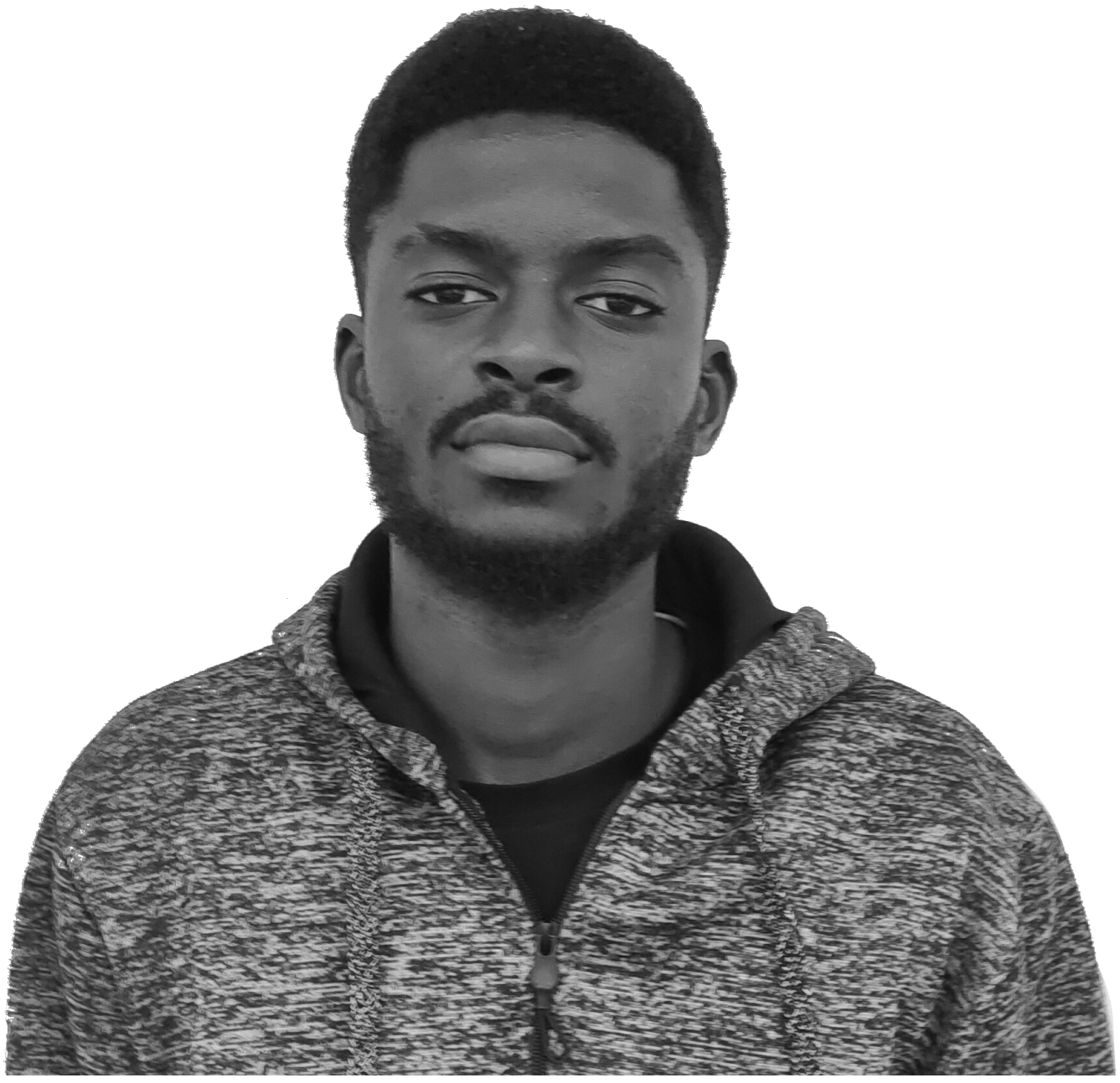
Legenda

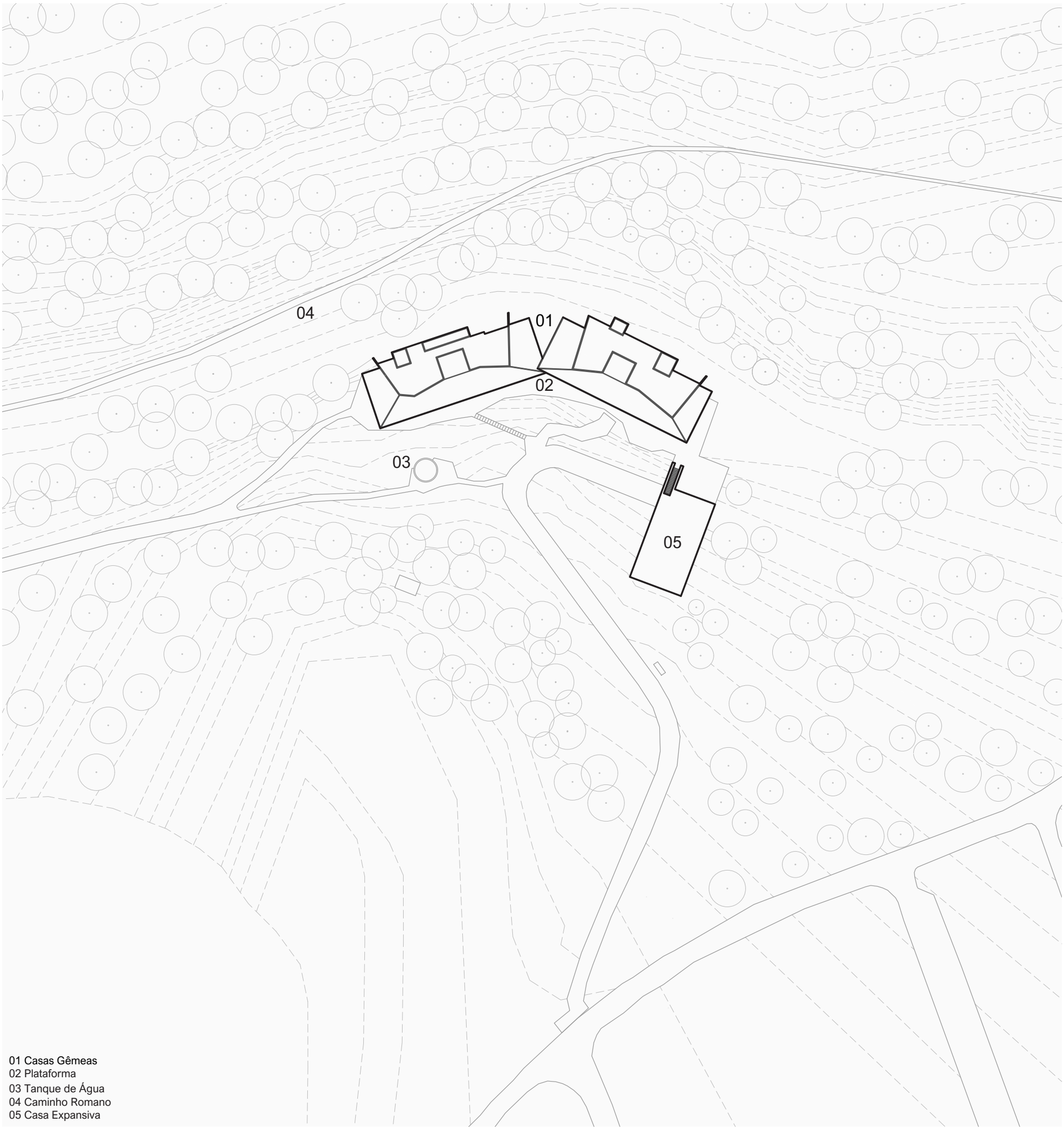
1. Pedra natural
2. Terra compactada
3. Feltro geotêxtil
4. Gravilha
5. Isolamento térmico
6. Camada drenante manta modular
7. Complexo de impermeabilização betuminoso
8. Camada de forma
9. Betão armado
10. Betonilha armada
11. Argamassa de assentamento
12. Alvenaria tijolo cerâmico
13. Revestimento de acabamento

Quanto a sua materialidade, o projeto segue fielmente alguns processo das casas gémeas. Quanto a sua cobertura de tipo invertida, conta com revestimento de pedra natural 60mm, terra compactada 30 mm, feltro geotêxtil, gravilha 20mm, isolamento térmico 100mm, camada drenante manta modular 20mm, complexo de impermeabilização betuminoso, camada de forma 60mm e betão armado 250mm. Quanto as sua paredes, também mantém as caracteristicas; Betão com pigmentos castannhos desativados 250mm, alvenaria de tijolo cerâmico 110mm, isolamento térmico 50mm e um revestimento para acabamento 20mm. Por se tratar de um grande painel de vidro no alçado principal e com cerca de 10 painéis seus caixillhos não são escondidos no interior da parede mas seguem a mesma propriedade de materialidade de alumínio. O uso desses materiais se da por uma questão volumétrica e paisagística a partir do momento em que a plataforma ganha continuidade para se transformar em terraço. Por ter alteração às curvas de níveis e o pavimento térreo se situa abaixo dos níveis das Casas Gémeas, o betão com pigmentos castanhos desativados fazem aluzam a terra e referenciam as mesmas de Extrastudios.

CASA EXPANSIVA

Mário Vuette





1 : 500
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

Localizada em Sesimbra, a zona de intervenção constitui-se por ser uma reserva ecológica nacional, de clima mediterrâneo, com caraterísticas topograficas que se apresentam como declives acentuados ao longo de todo perimêtro.Cercado pela vegetação abundante que atribui uma beleza especial ao local, com vistas que privilegiam as paisagens para a vila e para o mar. No local, existem duas casas gêmeas, projetadas pelos Extrastudio, assentes sobre uma plataforma com diferentes elementos circurdantes. Aninhadas ao terreno, as casas possuem uma área de 125 m², com pisos subterrâneos e uma cobertura praticável, com pergolas metálicas instaladas para possibilitar a utilização do espaço exterior, promovendo o sombreamento para os seus ocupantes. As casas partilham as mesmas propriedades e dimensões, mas cada uma expressa-se de maneira ligeiramente diferente. Integrando-se com a paisagem devido a utilização de matérias-primas locais que remetem as caraterísticas do espaço, como por exemplo, o seu acabamento construtivo em betão desativado pigmentado.

Casas Gêmeas, Extrastudio, 2020

Casas Gêmeas, Extrastudio, 2020

1 : 200
PLANTA DE COBERTURA

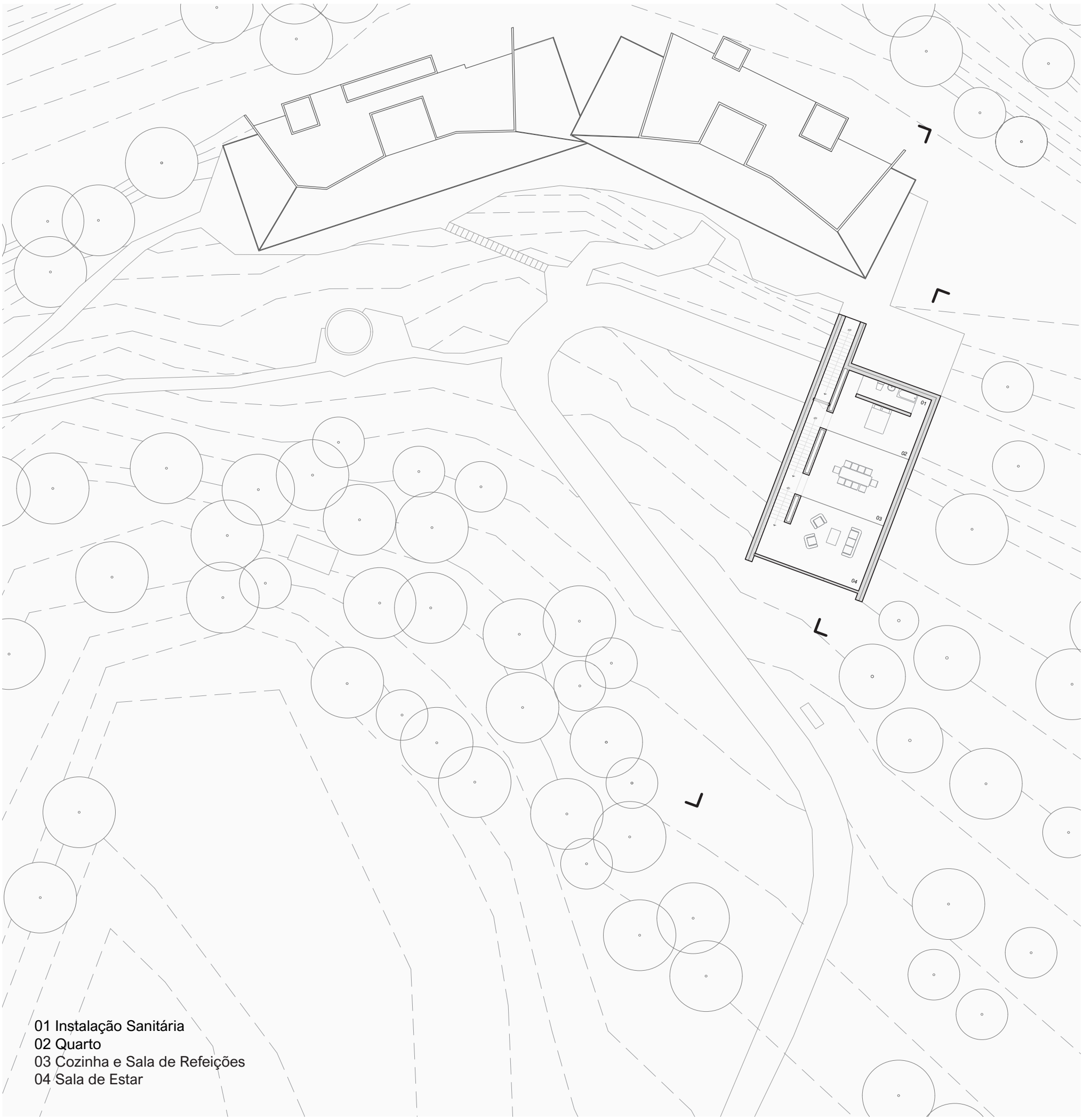
Edificar neste local implica a criação de uma atmosfera diferente, convocando-se um universo menos agitado e mais sereno, estabelecendo um contato direto com a terra, o arvoredo e suas paisagens. Com objetivo de incorporar-se com o local e seus elementos existentes, a proposta procura estabelecer uma relação de proximidade com as casas gêmeas, evitanto intrusões visuais que retirem o seu protagonismo. Apropriando-se da plataforma, tornando-a no elo principal para o surgimento desta relação. A partir de uma composição elementar, orientada para Sul, a casa permite com que os ocupantes emerjam na paisagem.

Casas Gêmeas, Extrastudio, 2020

Casas Gêmeas, Extrastudio, 2020

PROGRAMA

Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019



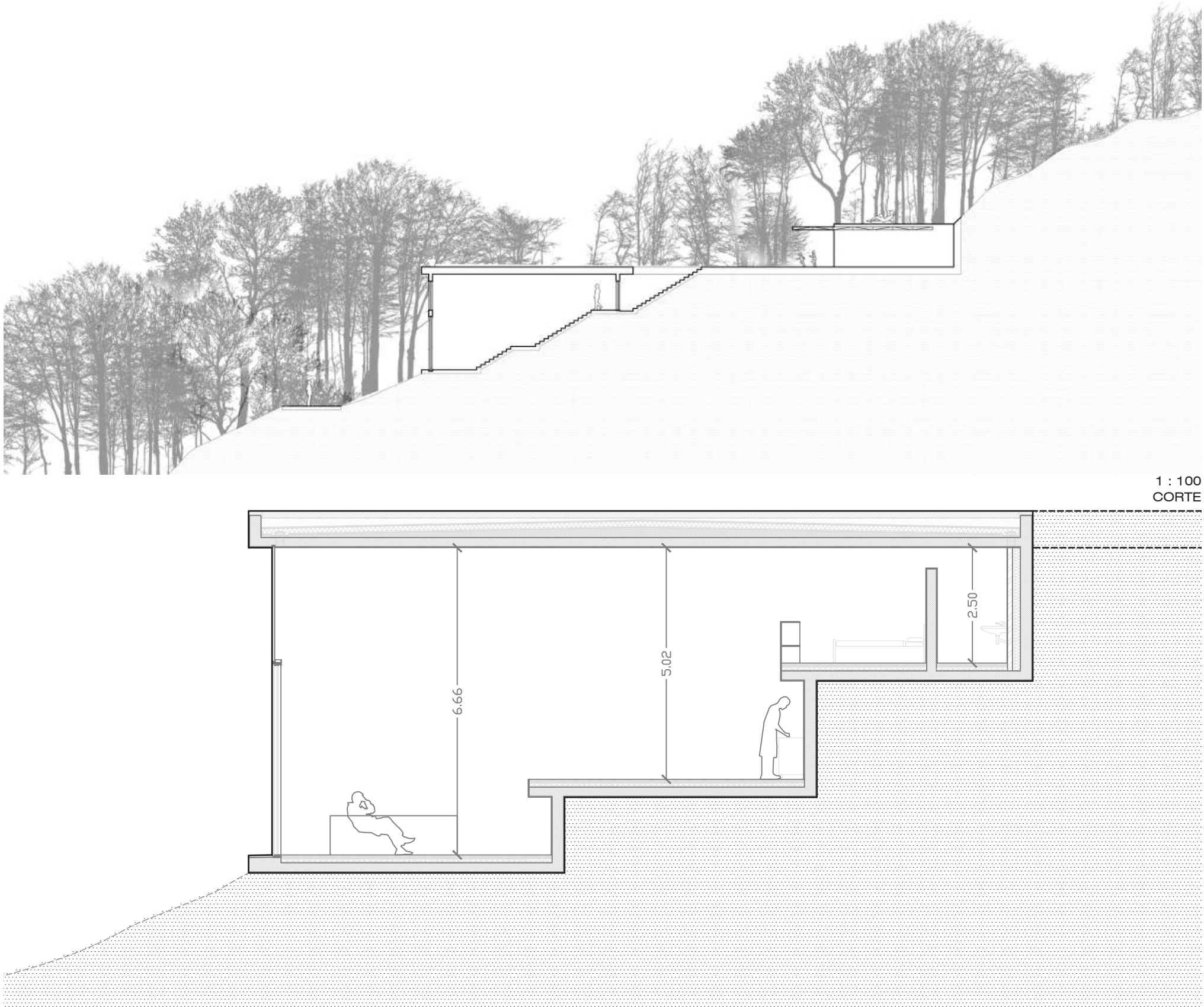
01 Instalação Sanitária
02 Quarto
03 Cozinha e Sala de Refeições
04 Sala de Estar

1 : 100
PLANTA BAIXA

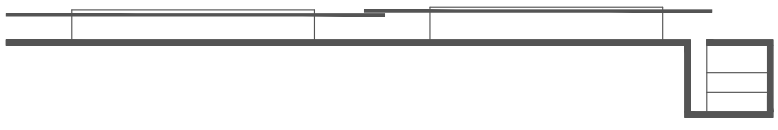
Destinada para o uso nos tempos de férias, a casa origina-se pelo prolongamento da plataforma, a partir de composição volumétrica elementar, que responde à um programa essencial a partir de uma distribuição funcional simples. O acesso faz-se por uma escadaria que coneta todos os ambientes da casa, desenvolvendo-se em 3 níveis que acolhem a zona privada, de serviços e social. Com objetivo de garantir uma circulação e relação fluída entre os espaços, interconetando-os com o ambiente exterior, que se torna possível a partir da fachada Sul panorâmica.

Casa Expansiva, Mário Vuette, 2022

Casa Expansiva, Mário Vuette, 2022

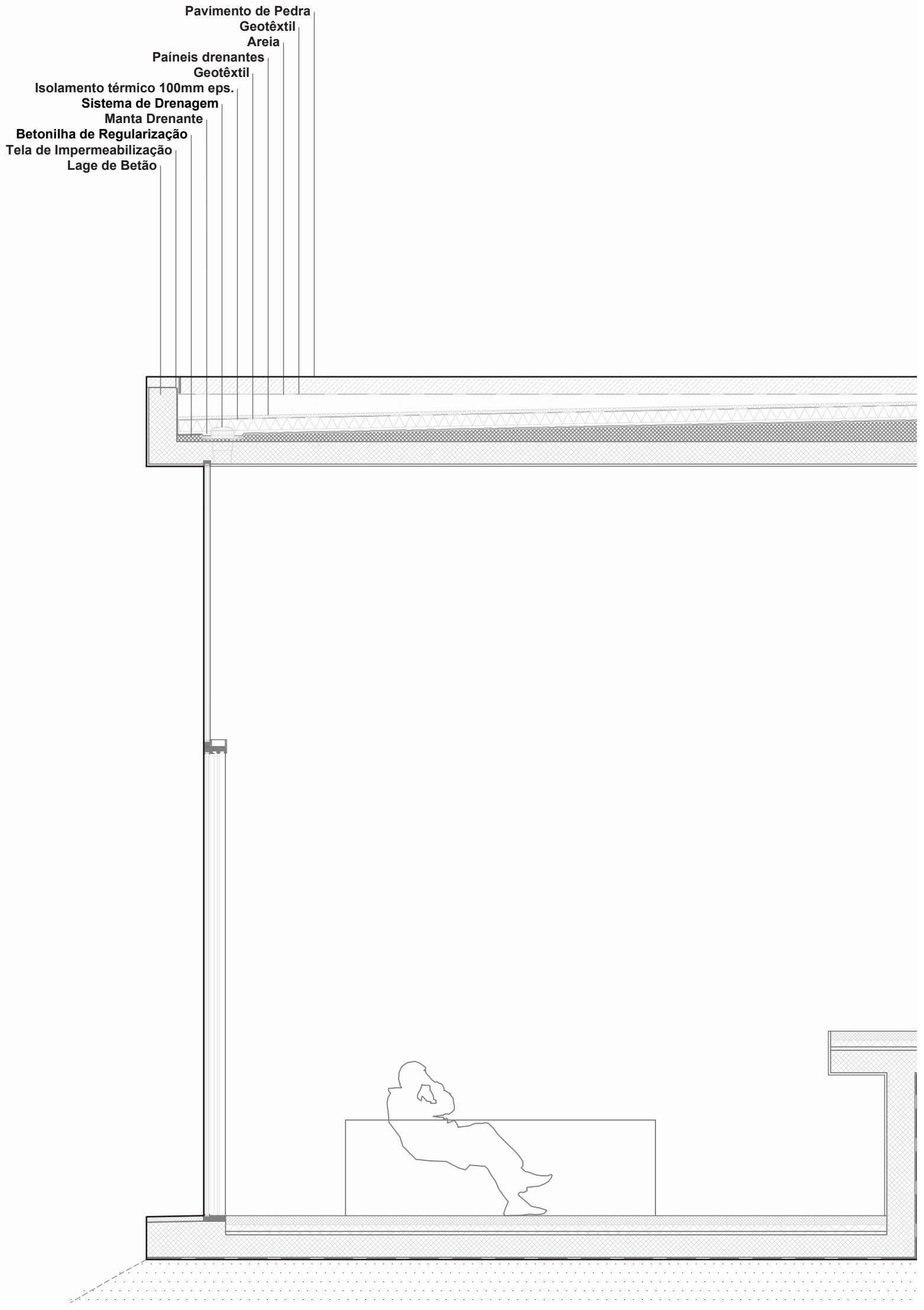


1 : 100
CORTE

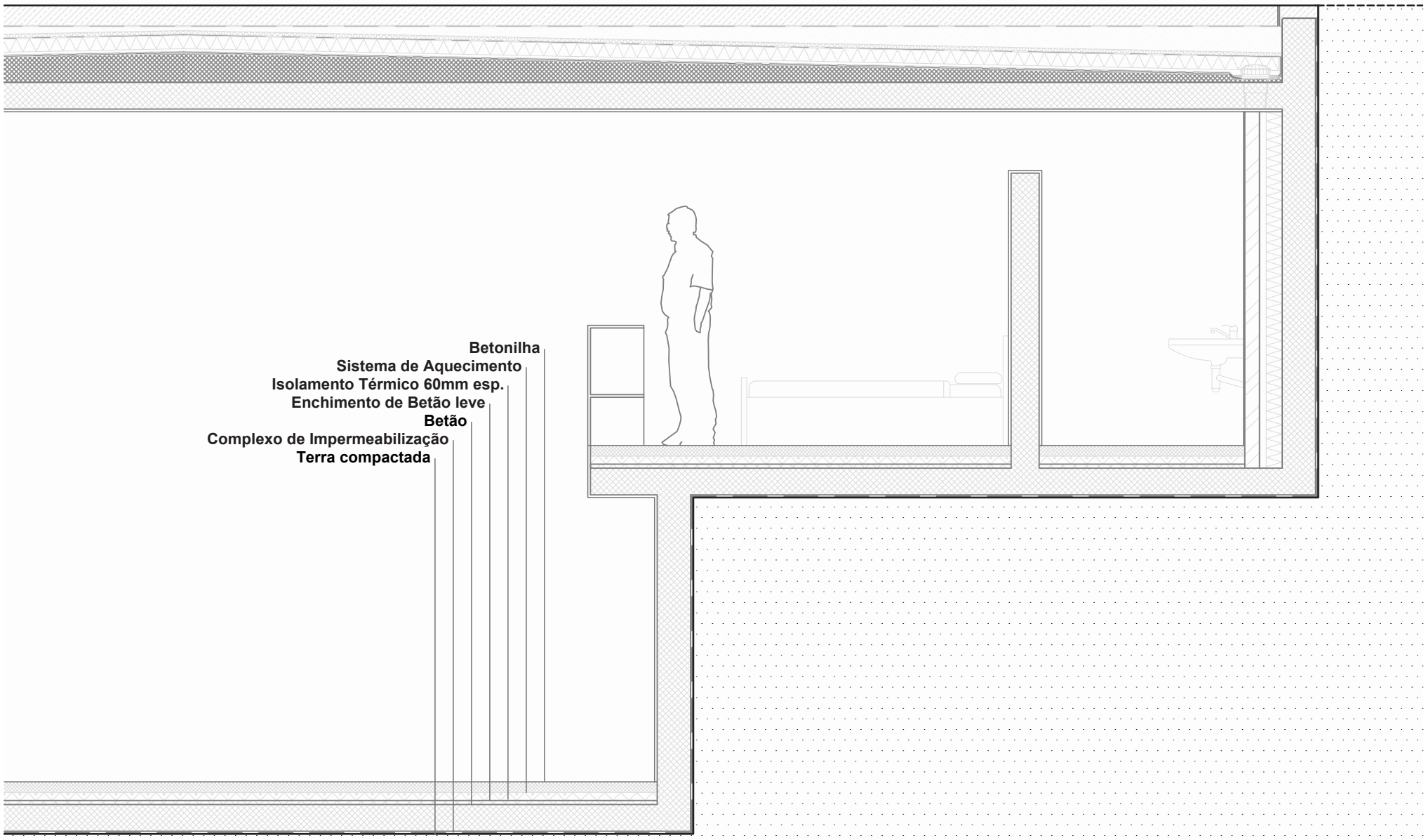


1 : 50
CORTE

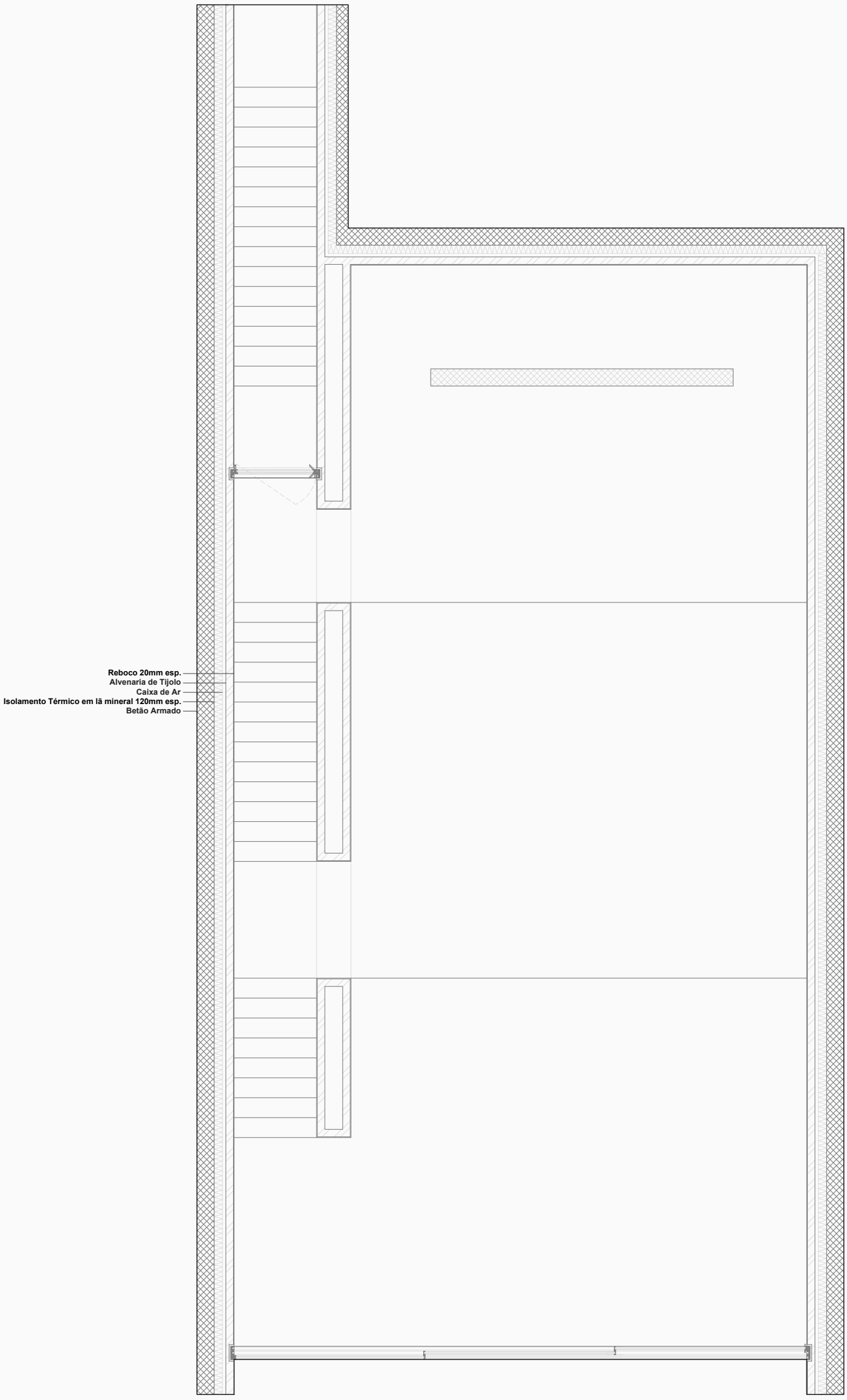
Adaptando-se a topografia da área de implantação, desenvolvendo-se com duplo pé direito de 6.66m e níveis intermédios de 5m e 2.50m de altura. Convocam-se diferentes relações de escala entre os ambientes, preservando as proporções de espacilidade entre eles.



1 : 20
CORTE CONSTRUTIVO



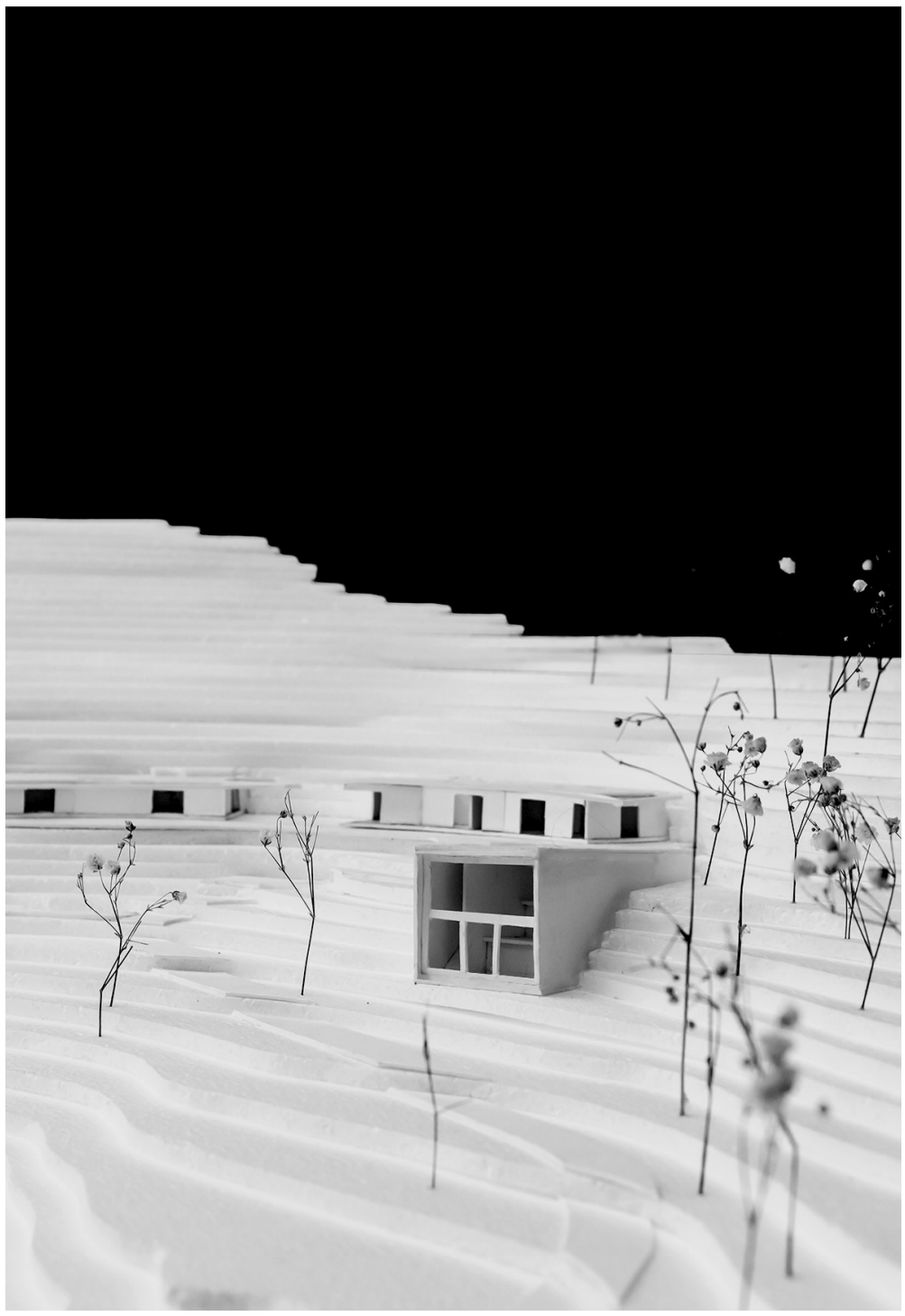
1 : 20
CORTE CONSTRUTIVO

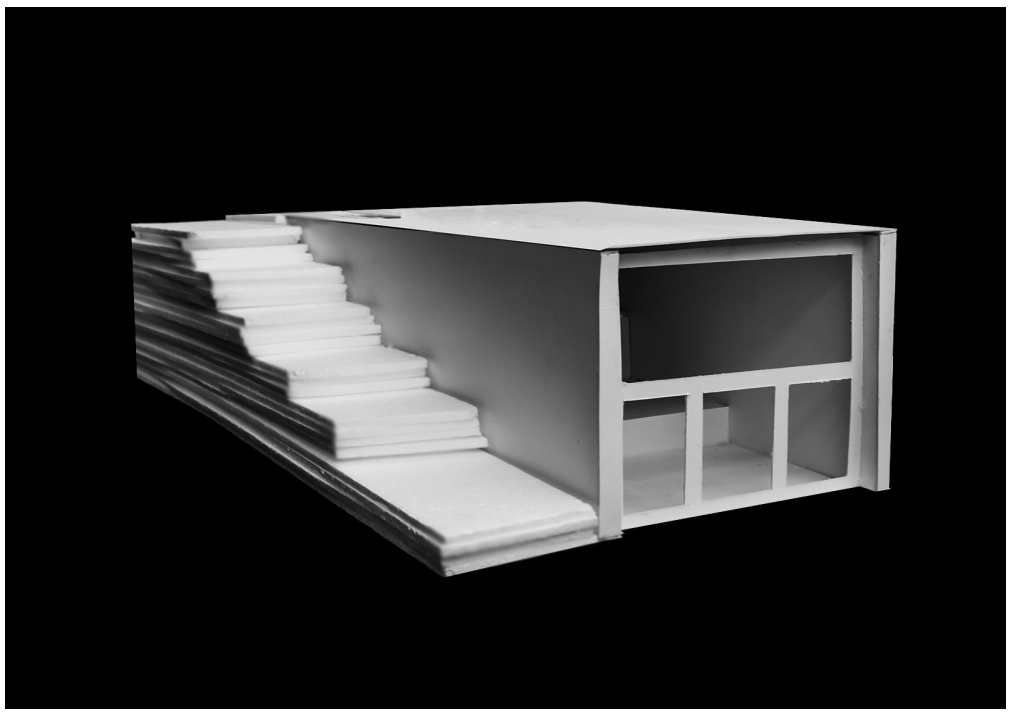


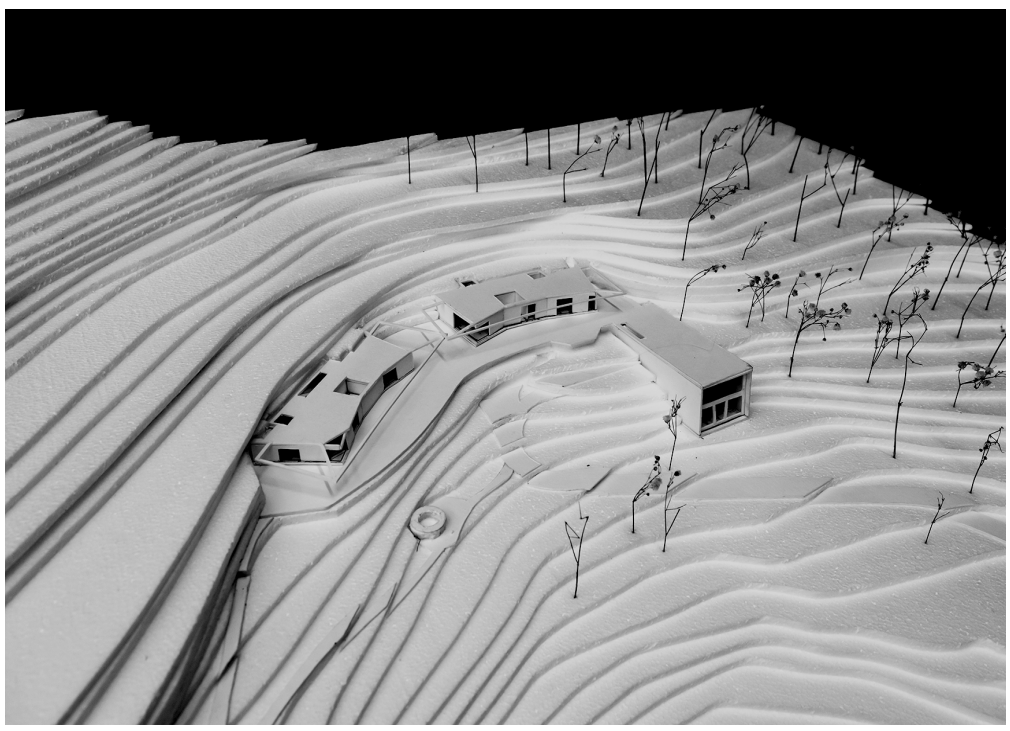
1 : 20
PLANTA CONSTRUTIVA

MAQUETES

Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019







CASA FRAGMENTADA

Nicole Joaquim

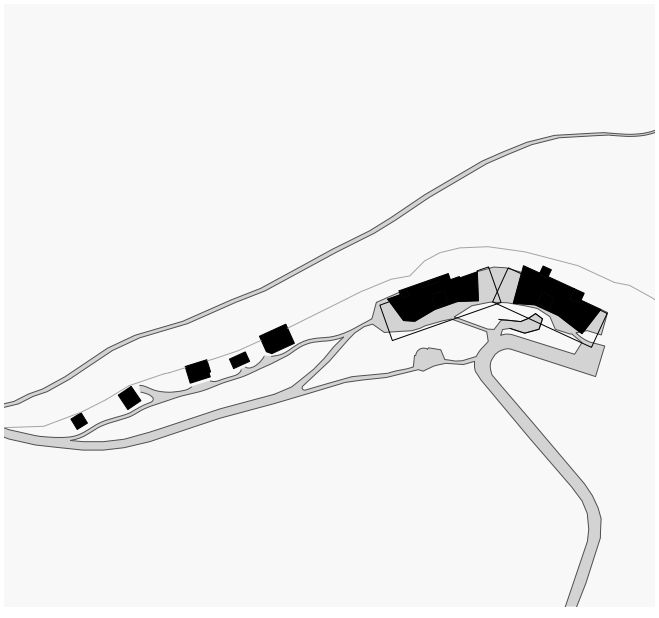
1 : 500
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

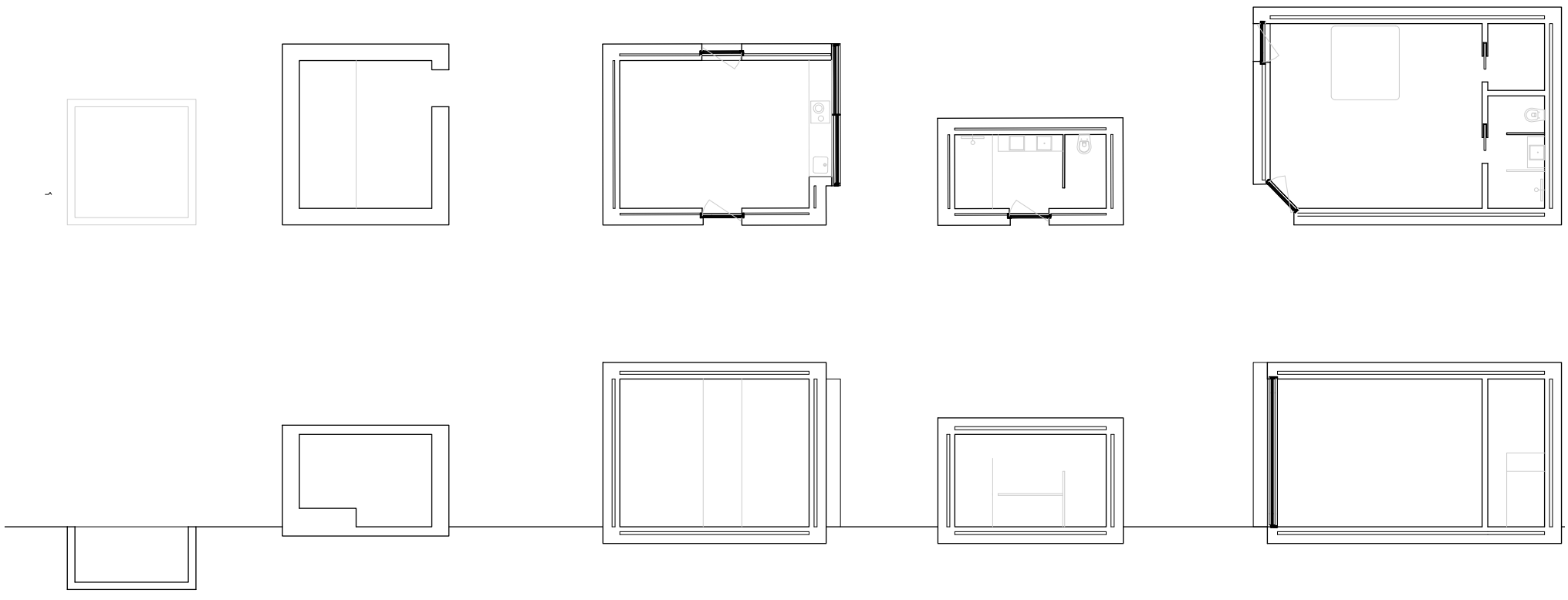
As casas Gémeas do atelier Extrastudio estão localizadas na vila de Sesimbra, na encosta do Castelo de Sesimbra e delimitada por um pinhal e uma estrada romana.
Os arquitetos depararam-se com uma pequena casa construída nos anos 60 e em 2019 a construção resultou nas casas presentes. São dois volumes de 125m^2 cada, com a mesma materialidade, encaixadas no terreno sobre uma plataforma, expostas à paisagem e com vista para o mar mas ao mesmo tempo, passando despercebidas ao utilizar betão pigmentado desativado da tonalidade da terra e pela vasta vegetação circundante.

NICOLE JOAQUIM

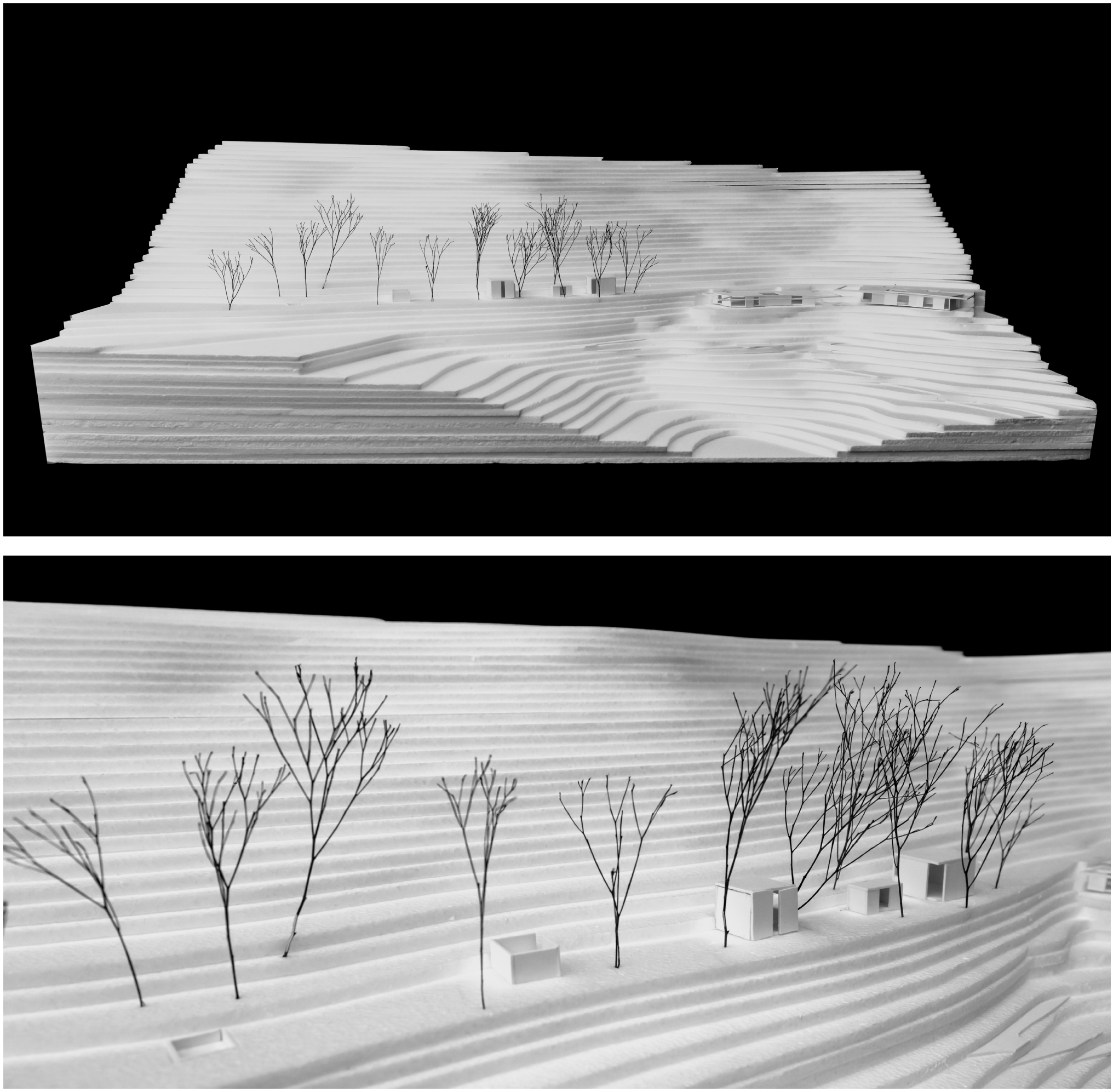
1 : 200
PLANTA DO PiSO TÉRREO

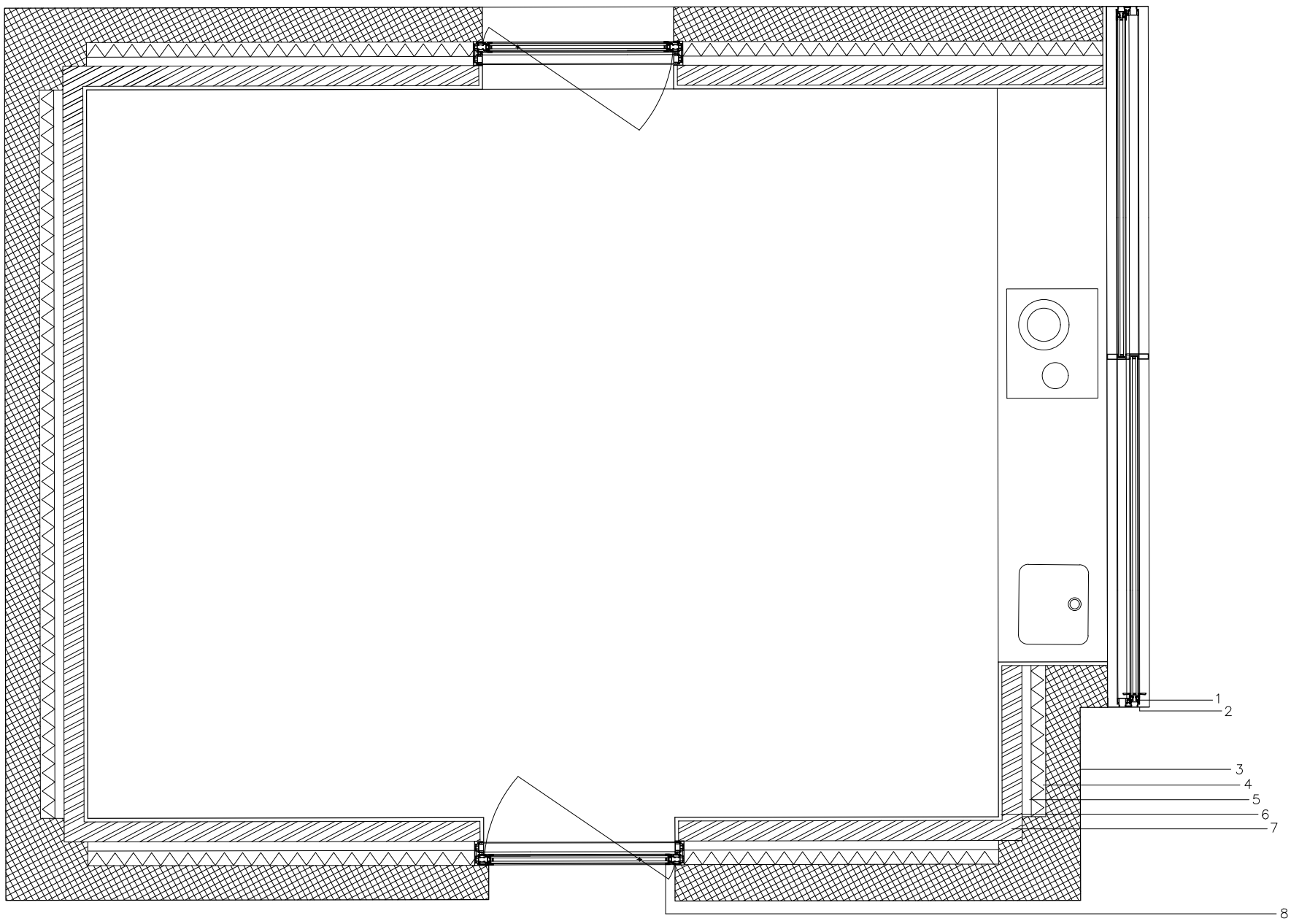
A Casa Dupla surge da fragmentação do progama, extendendo-se ao longo do terreno, quase como a casa Muuratsalo de Alvar Aalto na Filândia.
As Casas Gémeas dão início à rarefação presente na Casa Dupla. Assim emerge um percurso de forma a interligar as casas já existentes ao novo projeto. Esta proposta reune quatro volumes e um tanque, que se vão perdendo na paisagem e na vegetação. Desta forma, o programa separa-se em área privada, casa de banho, área social, um pátio e um tanque.
As características notáveis presentes residem no betão pigmentado destivado, nos vãos cuja a abertuda é pivotante e no percurso.





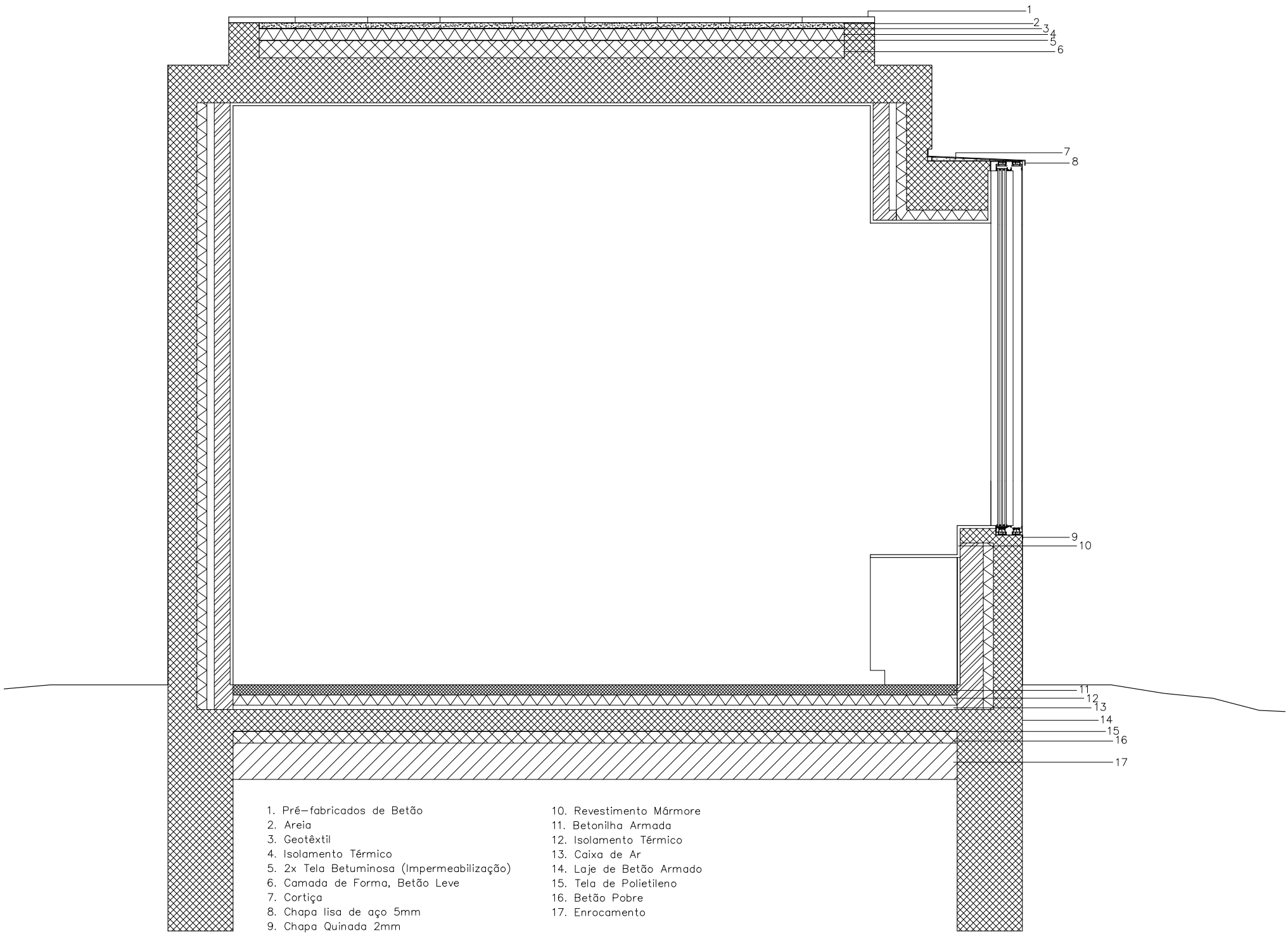
1 : 100
PLANTA PISO TÉRREO E CORTES





1. Caixilho de correr da Panoramah!, série ah!38
2. Chapa lisa de aço 2mm
3. Betão Armado
4. Isolamento Térmico
5. Caixa de Ar
6. Reboco
7. Alvenaria de Tijolo
8. Caixilho Pivotante da Panoramah!, série ah!38

1 : 20
PLANTA



1. Pré-fabricados de Betão
2. Areia
3. Geotêxtil
4. Isolamento Térmico
5. 2x Tela Betuminosa (Impermeabilização)
6. Camada de Forma, Betão Leve
7. Cortiça
8. Chapa lisa de aço 5mm
9. Chapa Quinada 2mm
10. Revestimento Mármore
11. Betonilha Armada
12. Isolamento Térmico
13. Caixa de Ar
14. Laje de Betão Armado
15. Tela de Polietileno
16. Betão Pobre
17. Enrocamento

1 : 20
Corte

CASA EXPERIMENTAL

Paulo Carvalho

LUGAR
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019

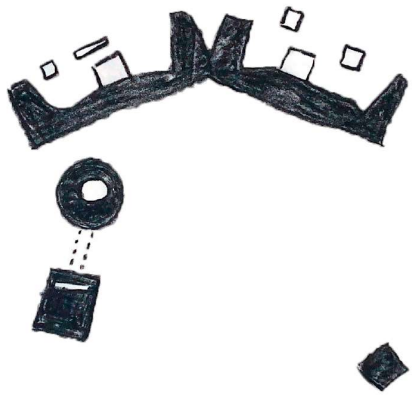
1 : 500
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

O projeto localiza-se em Sesimbra, uma pequena vila de pescadores a sul de Lisboa, num lote invulgar, uma encosta de grandes dimensões. A paisagem selvagem composta por oliveiras, gueiras e pinheiros com uma vista deslumbrante acima do mar torna o local agradável e prazeroso. A casa esta dividida em dois corpos, garantindo autonomia a cada família. Cada uma se expressa de forma diferente; mais alto, exposto à paisagem, à procura do mar, outra mais recolhido e horizontal, buscando uma relação mais íntima com o terreno em redor.

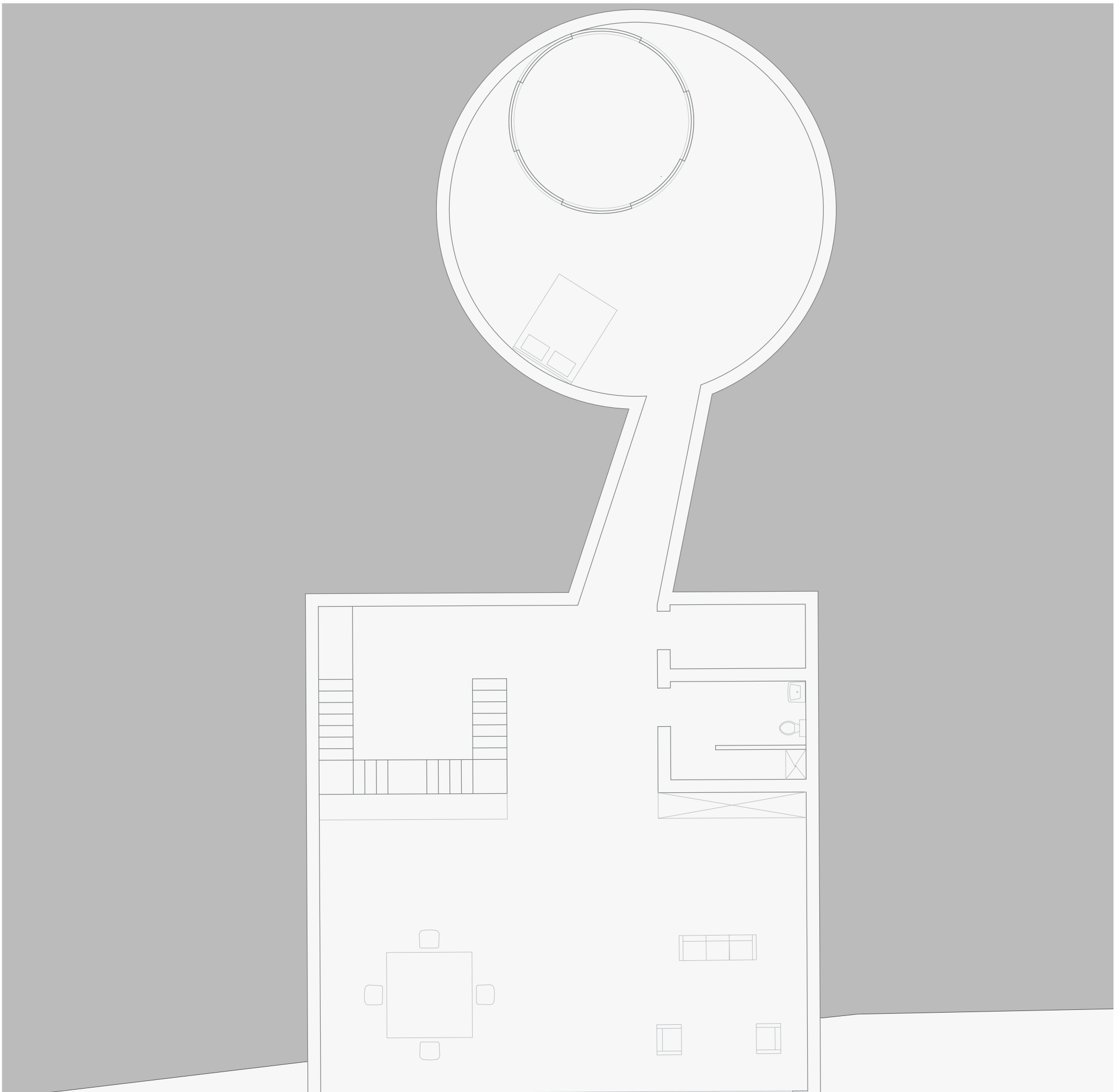
Exquema

1 : 200
PLANTA

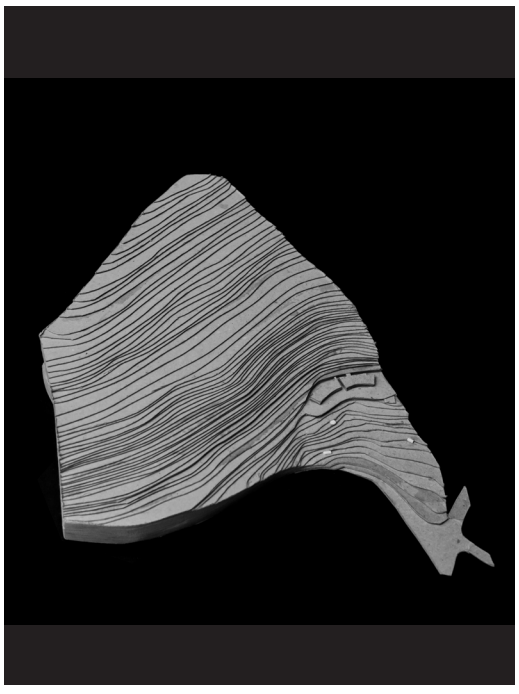
O projeto consiste em desenvolver uma casa dupla,a partir das casas gemeas. Ápos a analise da envolvente, a intervençao toma partido dos elementos paisagisticos existentes: banco,plataforma e tanque, os elementos estão posicionados de forma dispersa buscando espaços de refúgio. A partir destes elementos o projeto busca desenvolver uma ampliação, mantendo como base a sua expressão,dando uma nova funcionalidade aos elementos.
A casa projeta-se a partir da união entre a plataforma e o tanque criando uma relação mais intensa, que promove a divisão entre os espaços sociais e intimo, o banco busca desenvolver um espaço público com relação mais intensa ao exterior.

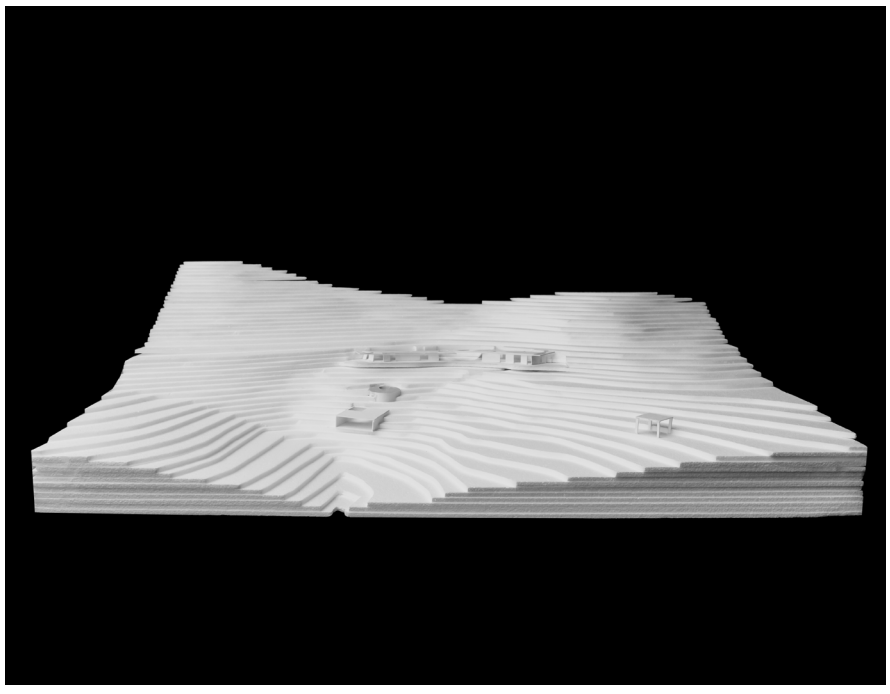


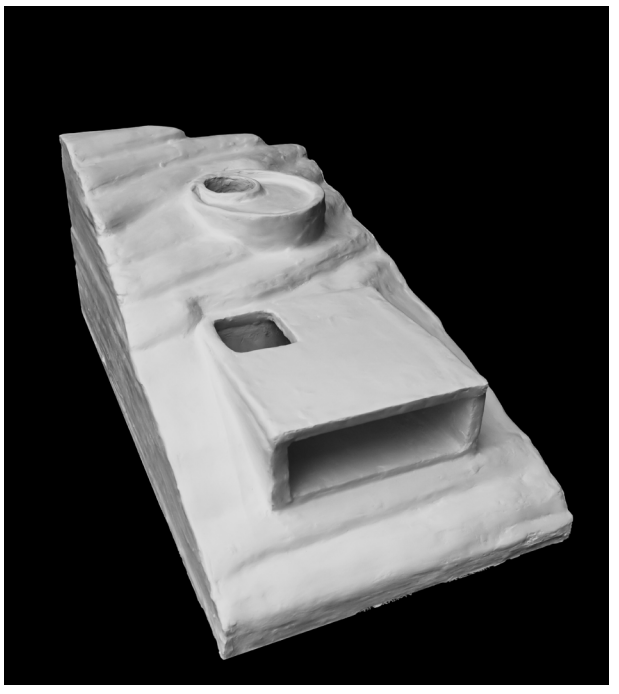
Exquema

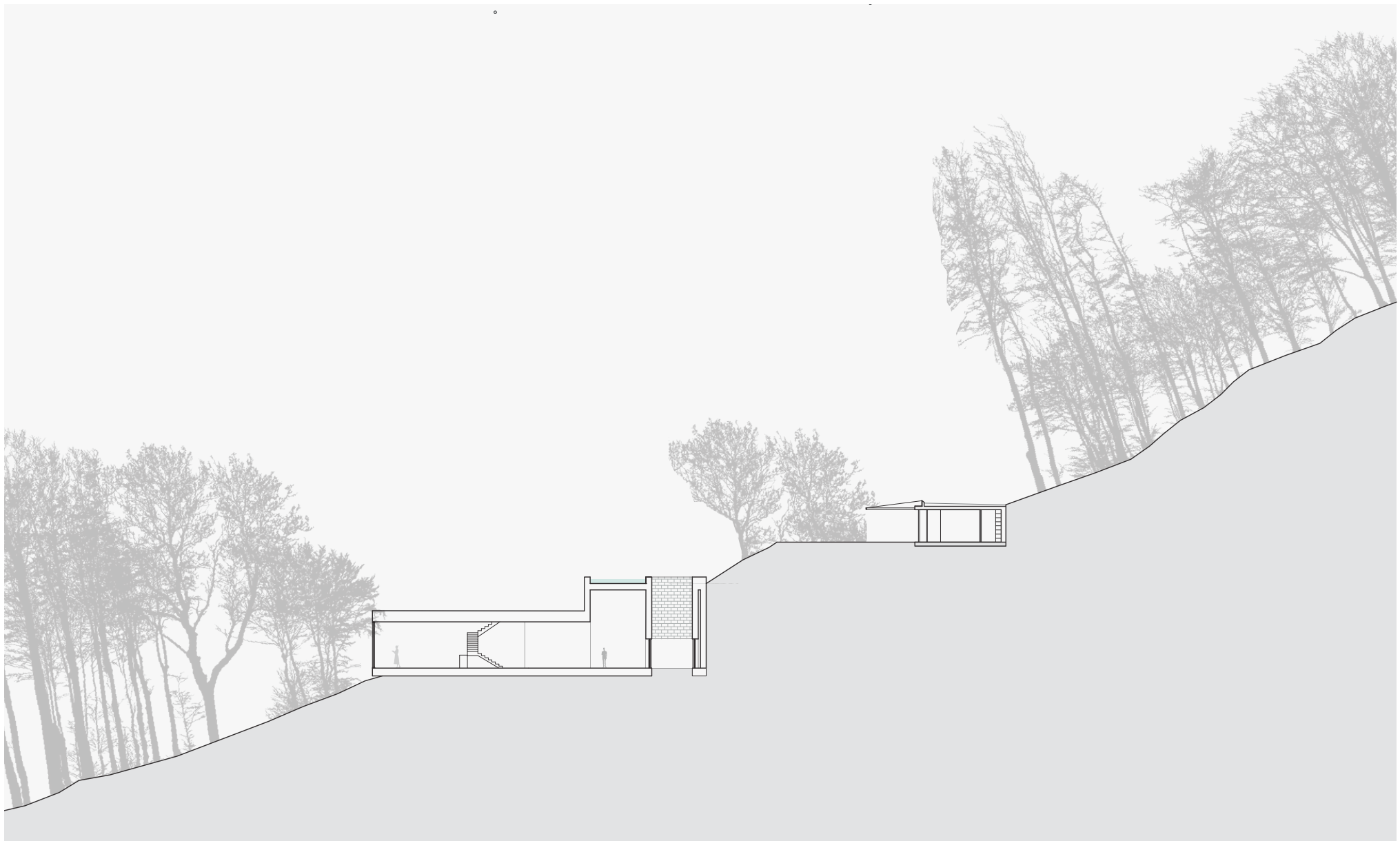


1 : 50
PLANTA

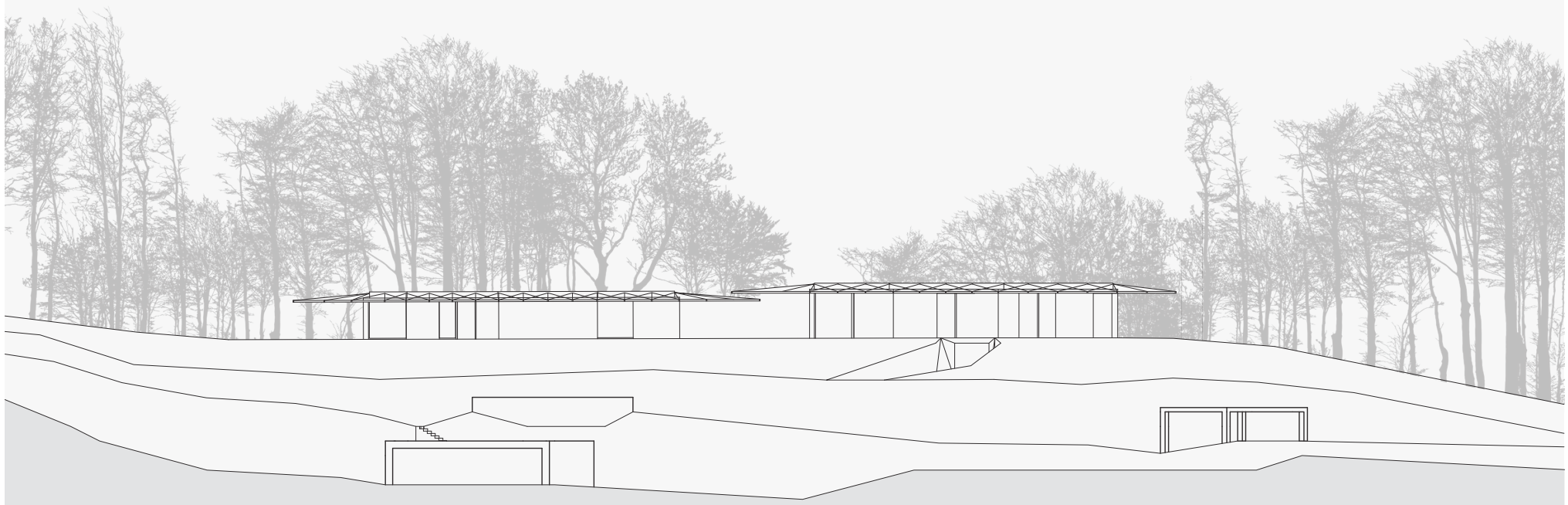




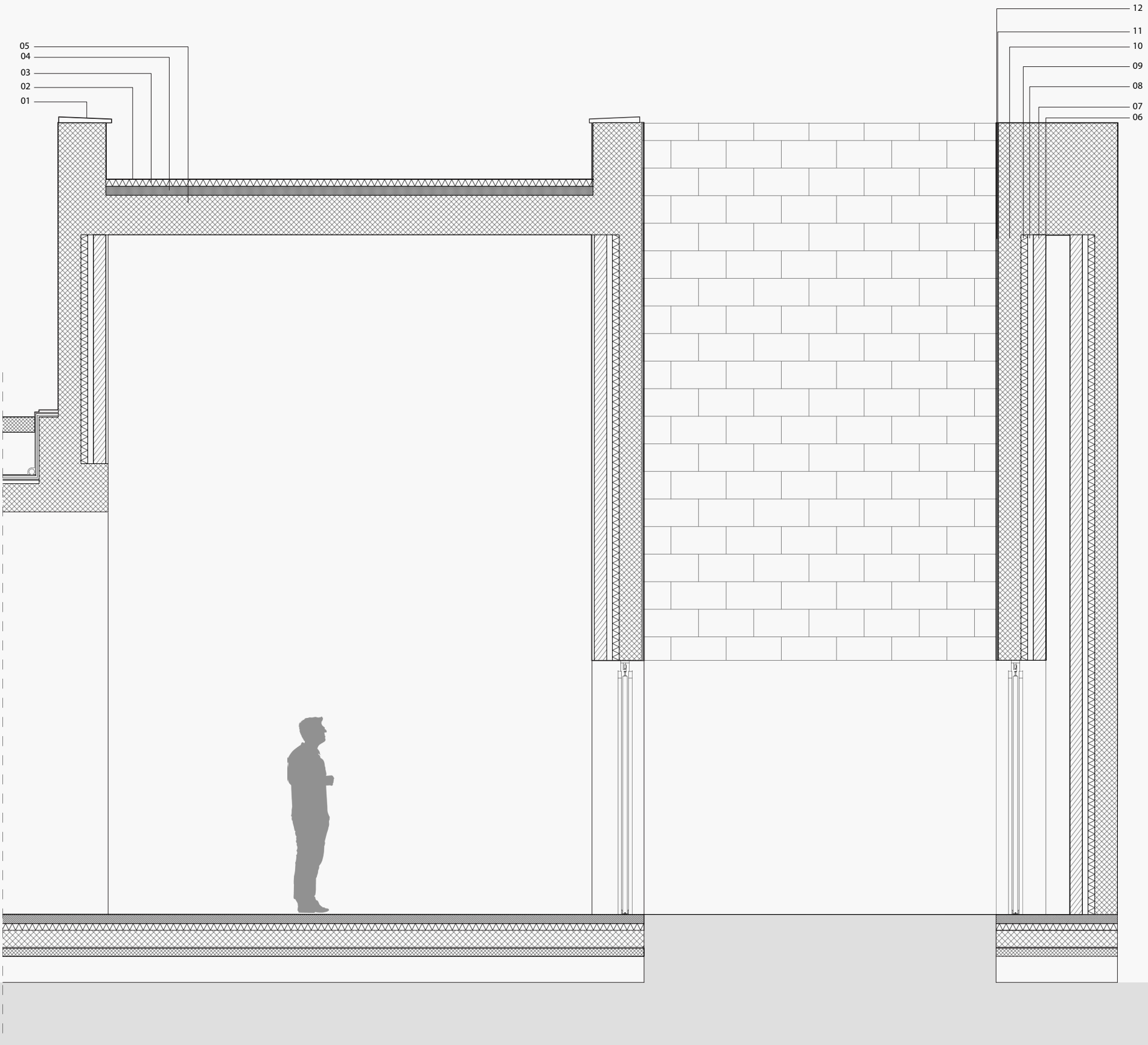




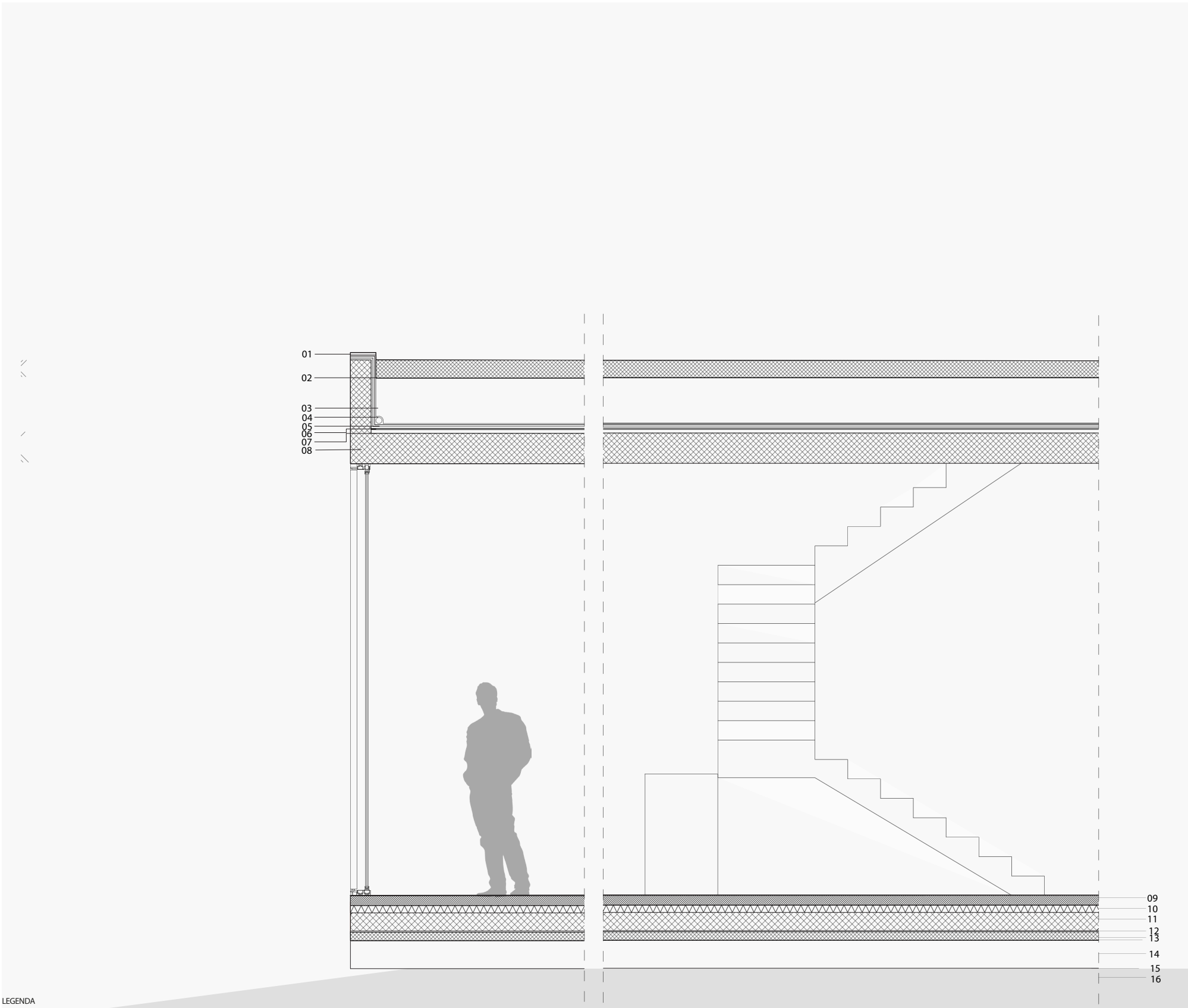
Corte A-A' Escala 1/200



Corte B-B' Escala 1/200



LEGENDA
01 -CAPEAMENTO PRÉ FABRICADO DE BETÃO 500MM
02- DUPLA TELA ARMADA DE PVC 2X 25MM
03- ISOLAMENTO TERMICO XPS HD 60MM
04- BETONILIA DE REGULARIZAÇÃO 80MM
05- BETÃO DESATIVADO PIGMENTADO 350MM
06- ESTUQUE 20MM
07- ALVENARIA DE TIJOLO 110MM
08- CAMADA DE AR 50MM
09- ISOLAMENTO TÉRMICO XPS HD 60MM
10- BETÃO DESATIVADO PIGMENTADO
11- ASSENTAMENTO 10MM
12- AZULEJO 10MM



LEGENDA

01 - CAPEAMENTO PRÉ FABRICADO DE BETÃO 20MM
02- LAJES PRÉ FABRICADA DE BETÃO
03- AREIA
04- TUBO DRENANTE
05- FELTRO GEOTÊXTIL 200gr/m2 - PLANFOR
06- MANTA DRENANTE 12MM
07- ISOLAMENTO TÉRMICO 30MM
08- BETÃO ARMADO PIGMENTADO 250MM
09- BETONILIA ARMADA 80MM
10- ISOLAMENTO TÉRMICO 60MM
11- MASSAME ARMADO 150MM
12- FELTRO GEOTÊXTIL 200gr/m2 - PLANFOR
13- ARGAMASSA DE ASSENTAMENTOAA 70MM
14- ENRONCAMENTO 200MM
15- FELTRO GEOTÊXTIL 200gr/m2 - PLANFOR
16- TERRA COMPACTADA

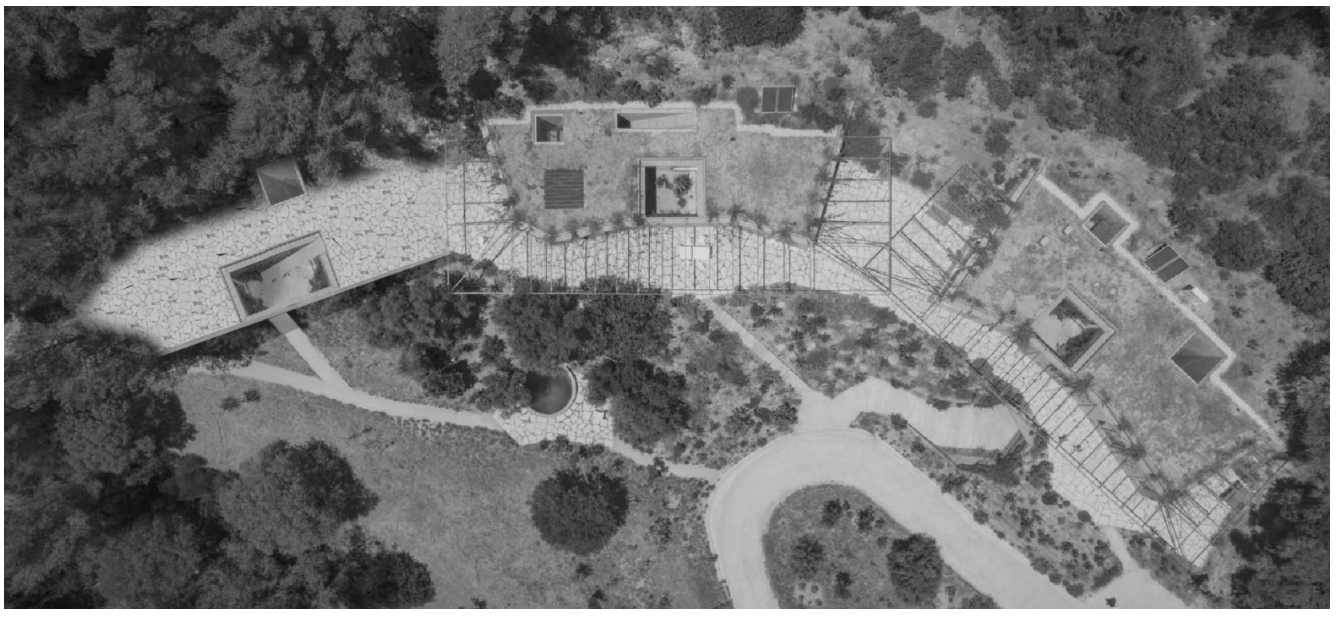
CASA PLATAFORMA

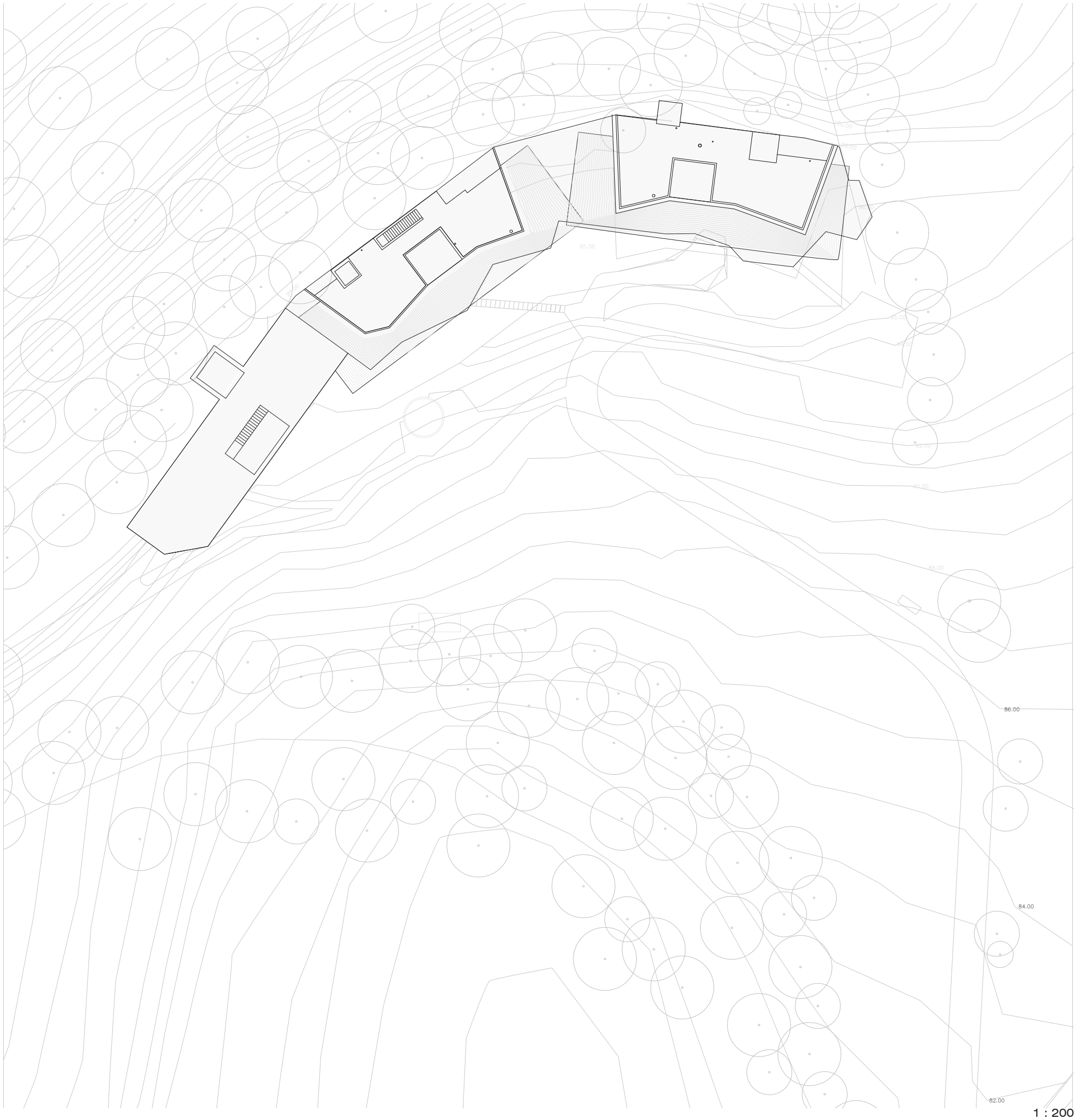
Renato Sobral

LUGAR
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019

1 : 500
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

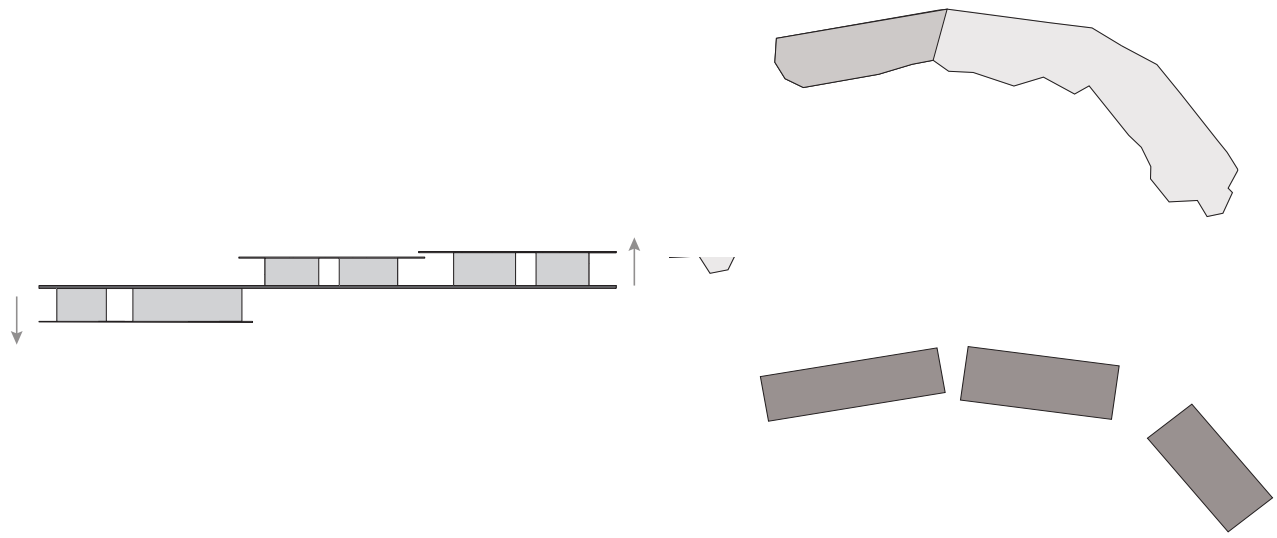
As Casas Gémeas localizam-se em Sesimbra, uma pequena vila no concelho de Setúbal. Implantadas num lote invulgar, que se estende desde a vila ao castelo.
As clientes, duas irmãs, pretendiam transformar uma casa construída nos anos 60 em casa de férias.
A primeira decisão seria dividir a casa em dois corpos, garantindo autonomia a cada família. Como casas gémeas, partilhariam as mesmas propriedades e dimensões, mas cada uma expressar-se-ia de forma ligeiramente diferente.
As casas surgem como um prolongamento da rocha, invisíveis na encosta, isto é, anixadas à topografia.
Construir nesta paisagem implica construir uma atmosfera diferente. Não sendo uma residência permanente convoca-se aqui um universo intenso e cru, mais próximo da terra, feito com matérias-primas em bruto, mineral e rígido. No interior reduzem-se ao máximo os elementos.
Os materiais são deixados à vista no seu estado natural, apenas as paredes são pintadas. Janelas e portadas correm totalmente para dentro das paredes, transformando toda a casa num espaço exterior.



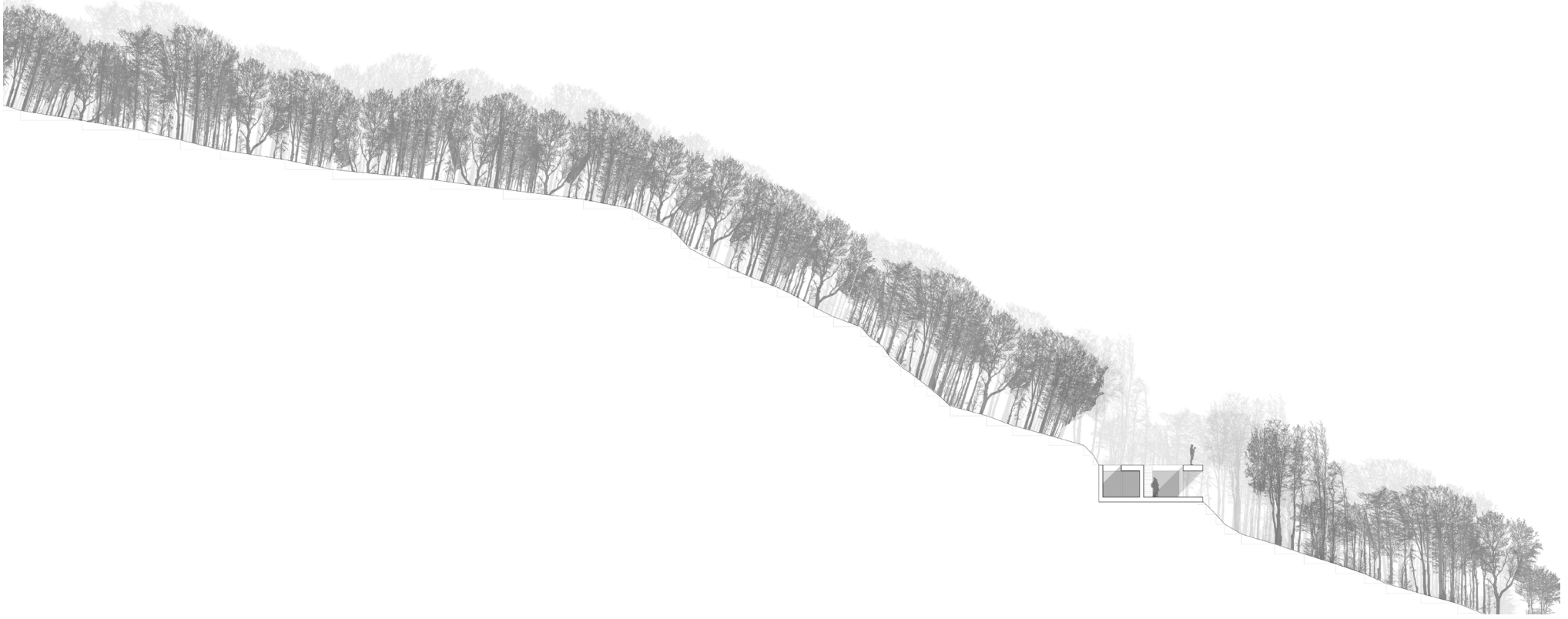


1 : 200
PLANTA DE COBERTURA

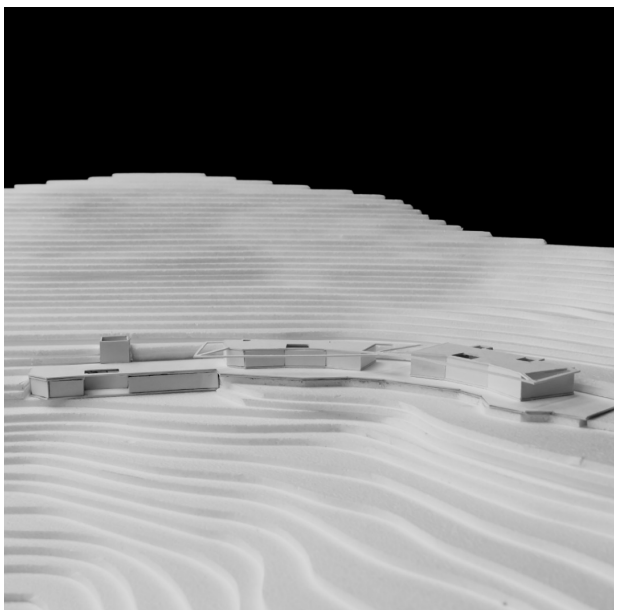
A Casa Dupla foi projetada com base em dois conceitos, união e continuidade.
Esta proposta surge a partir da plataforma existente no terreno, que serve de base e une as Casas Gémeas.
A Casa Dupla tem como objetivo perlongar a plataforma já existente e criar assim um elemento fisico que una as três casas.
Ao constrario das Casas Gémeas que crescem na horizontal por cima da plataforma, a Casa Dupla cresce por baixo da plataforma.
A entrada é feita pelo patio principal da casa que dá acesso á plataforma da cobertura.
A principais areas da casa são abertas, como um espaço unico com diferentes programas.

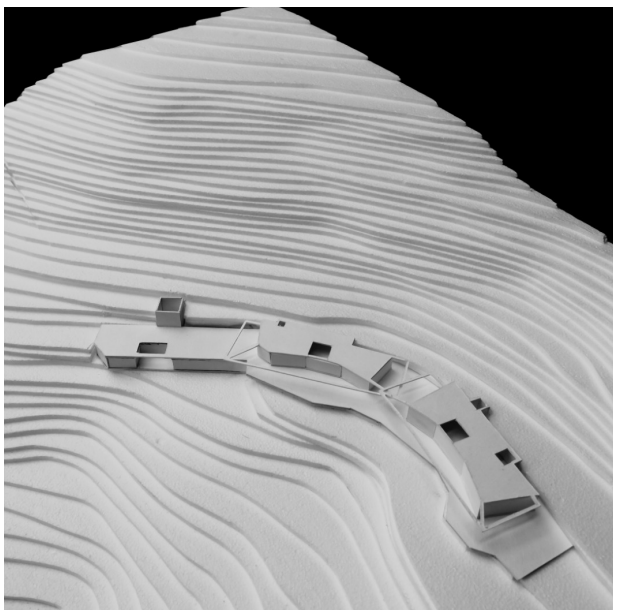


PROGRAMA
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019

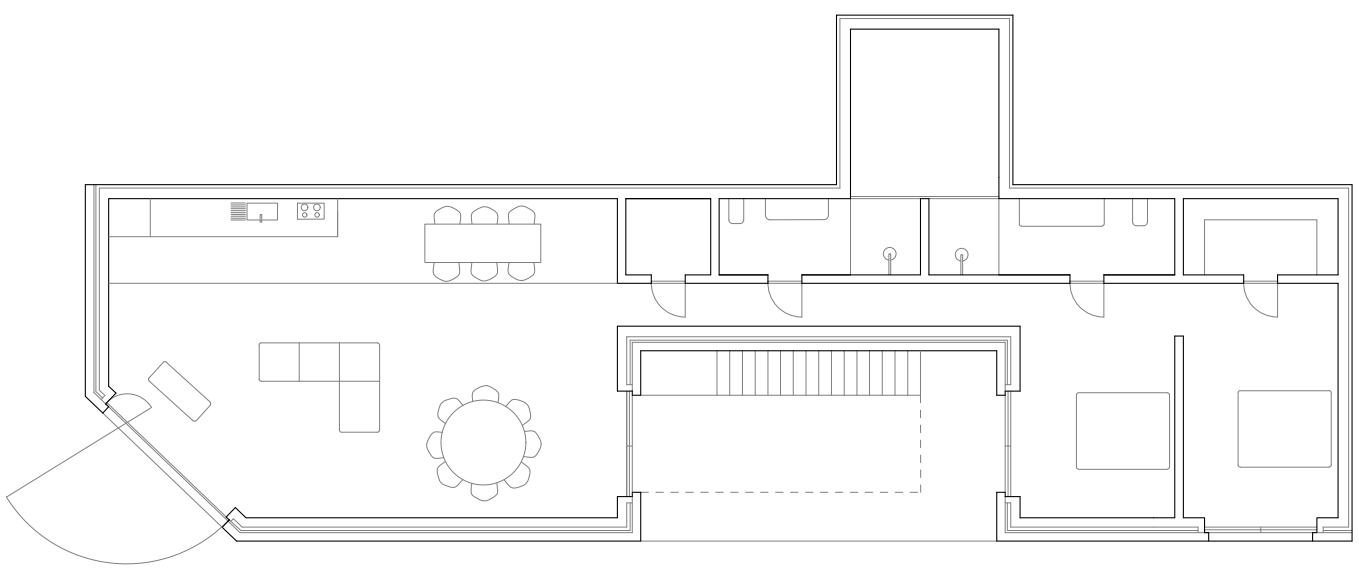


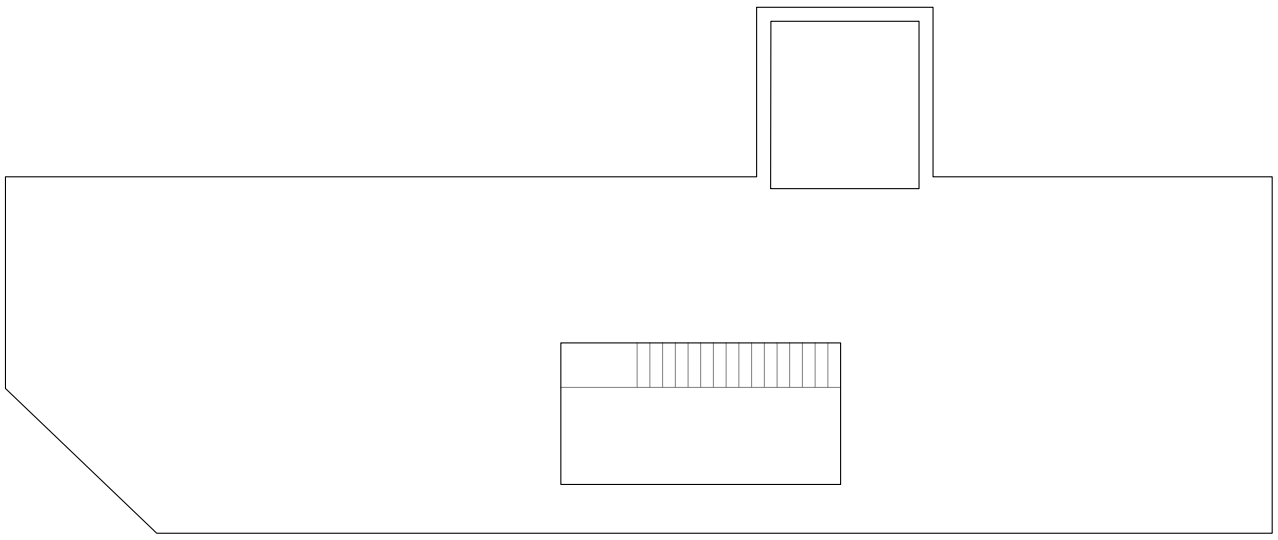
1 : 200
CORTE LONGITUDINAL





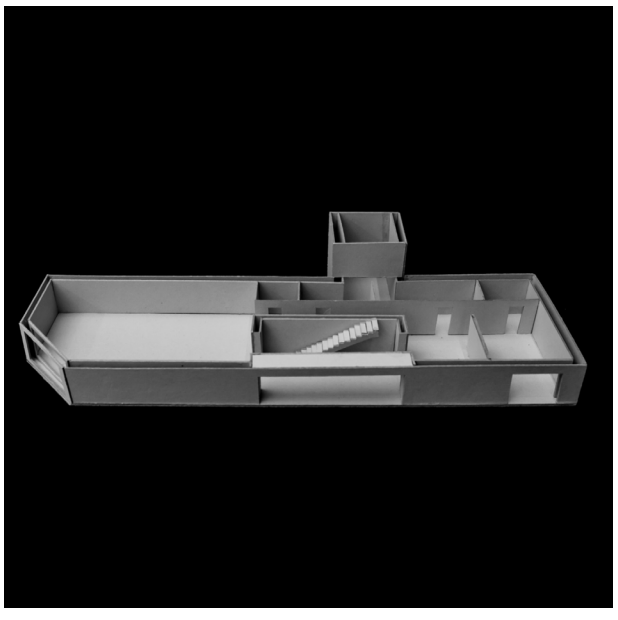
RENATO SOBRAL





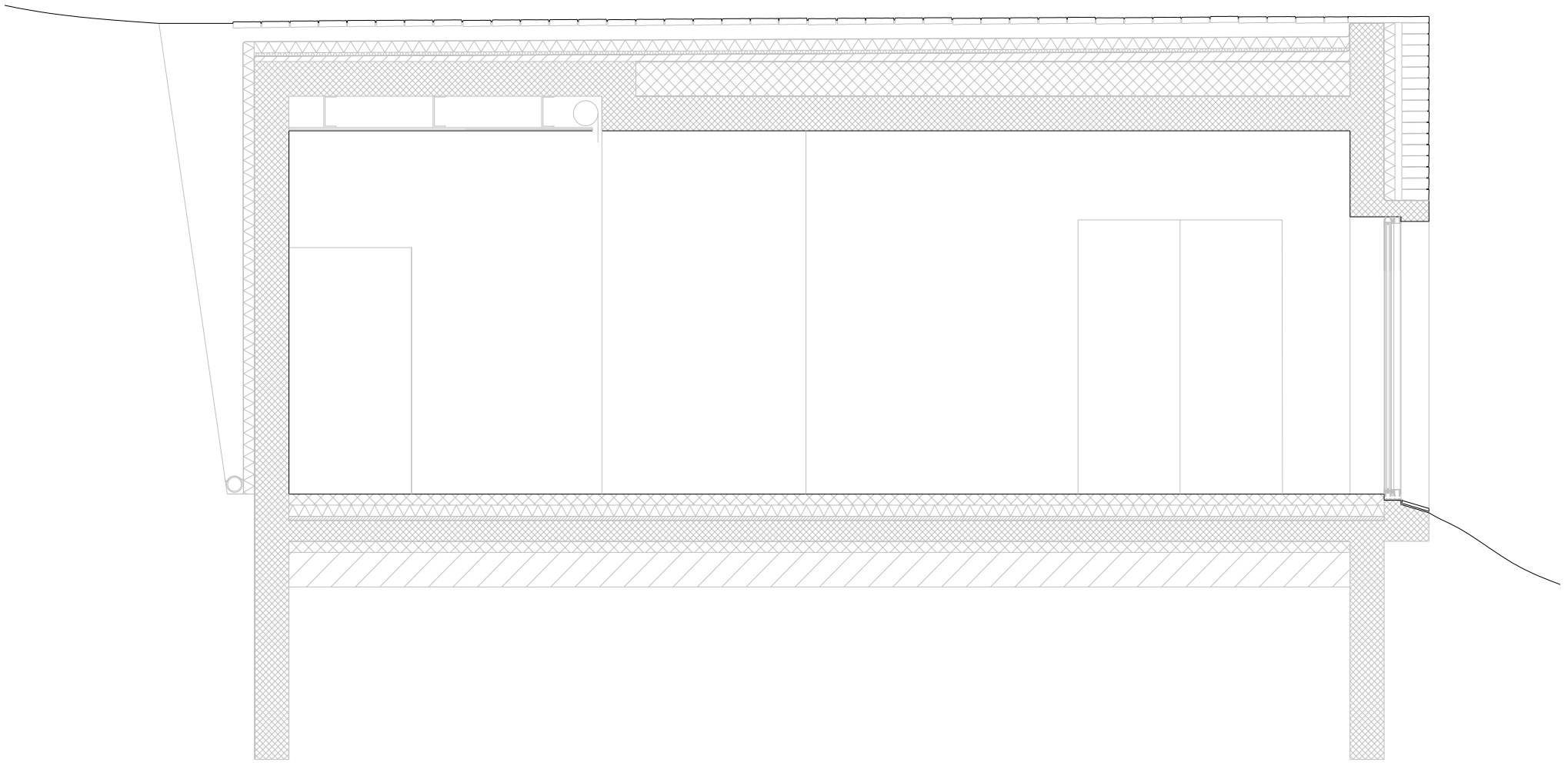
01 SALA
02 COZINHA
03 ARRUMOS
04 CASA DE BANHO PRINCIPAL
05 CASA DE BANHO PRIVADA
06 QUARTO DE VESTIR
07 QUARTO
08 QUARTO

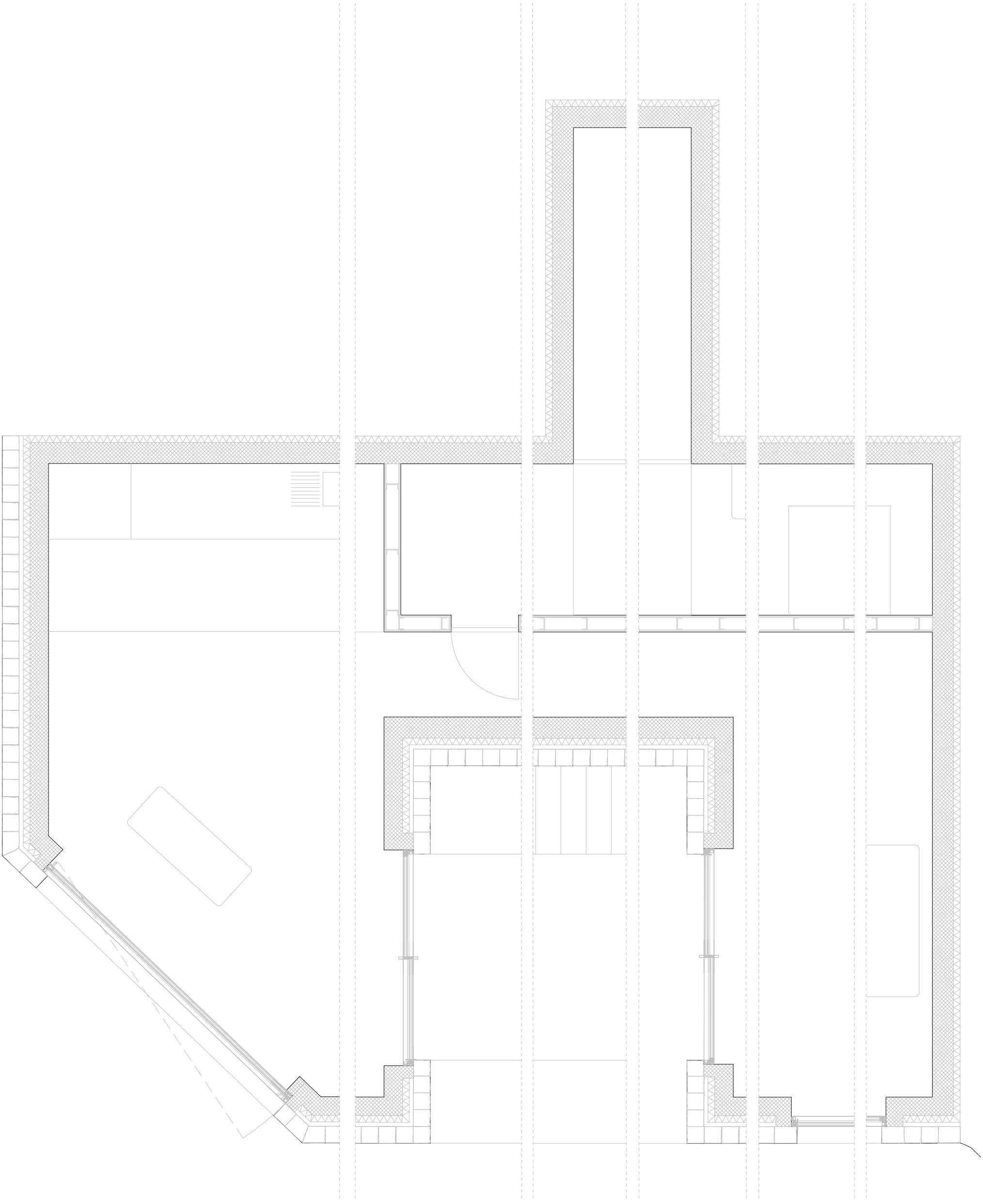
1 : 100
PLANTA PISO TÉRREO



PROGRAMA

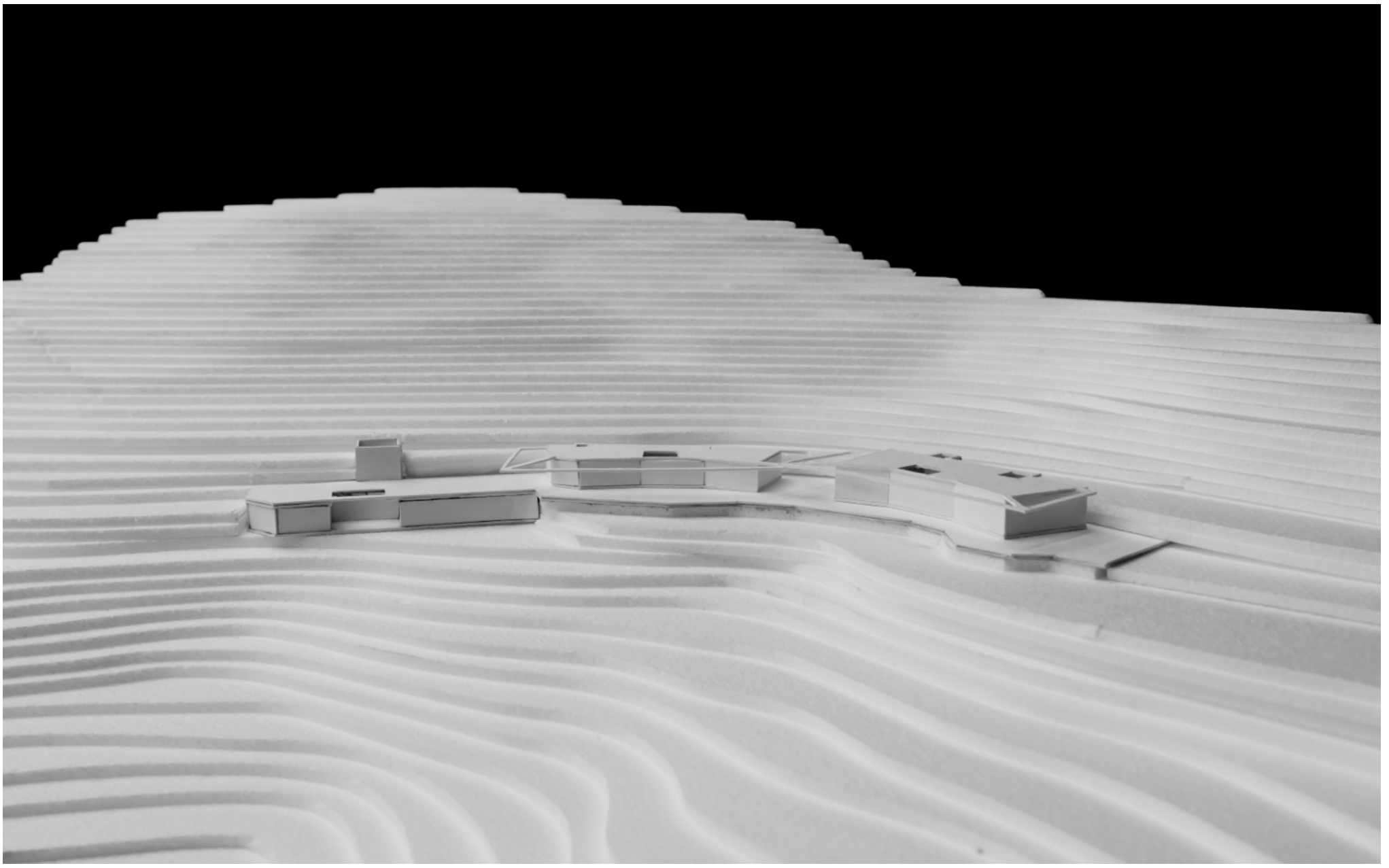
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019

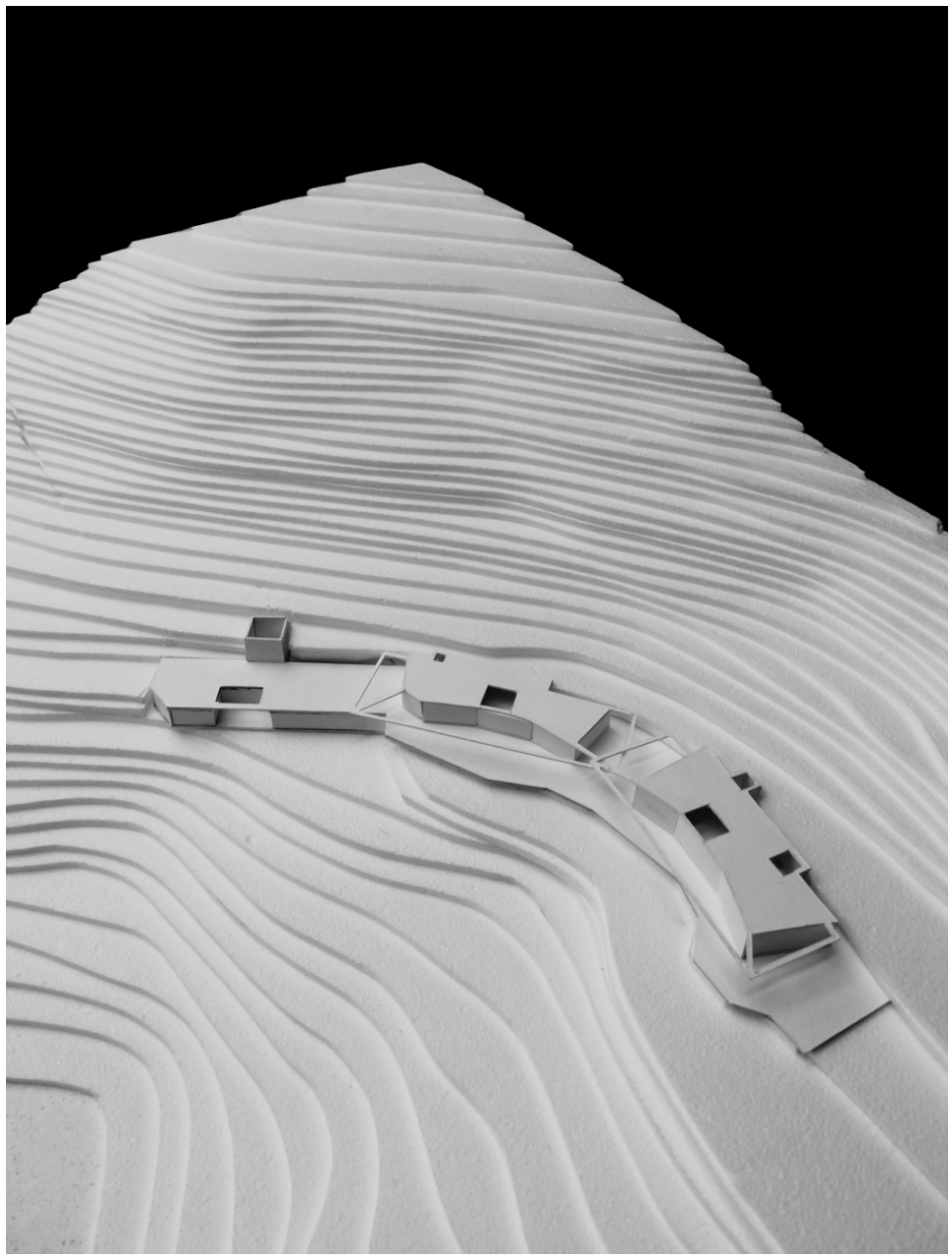


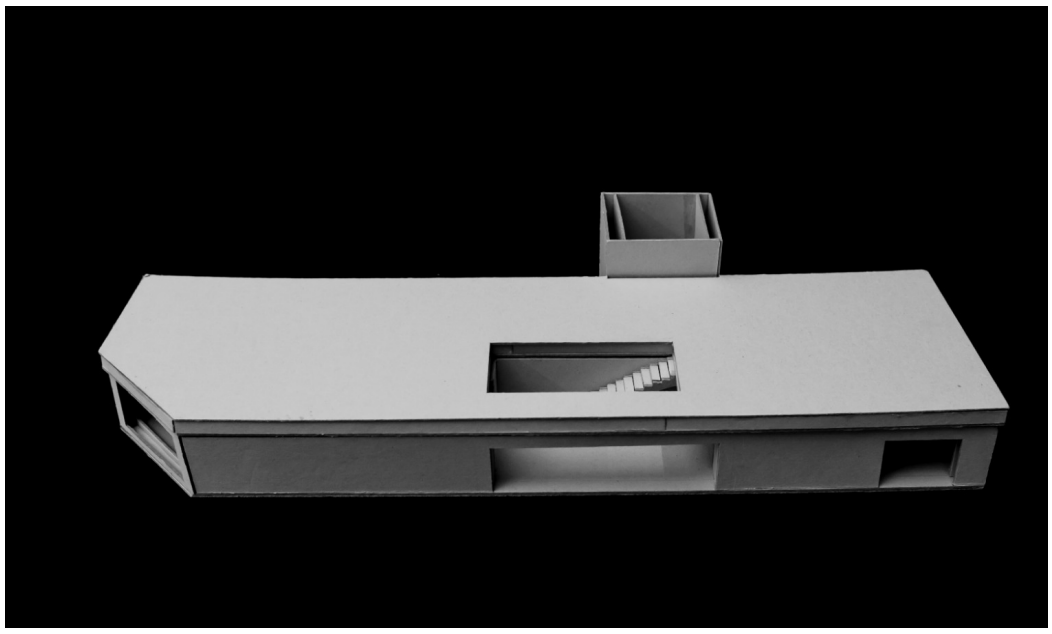


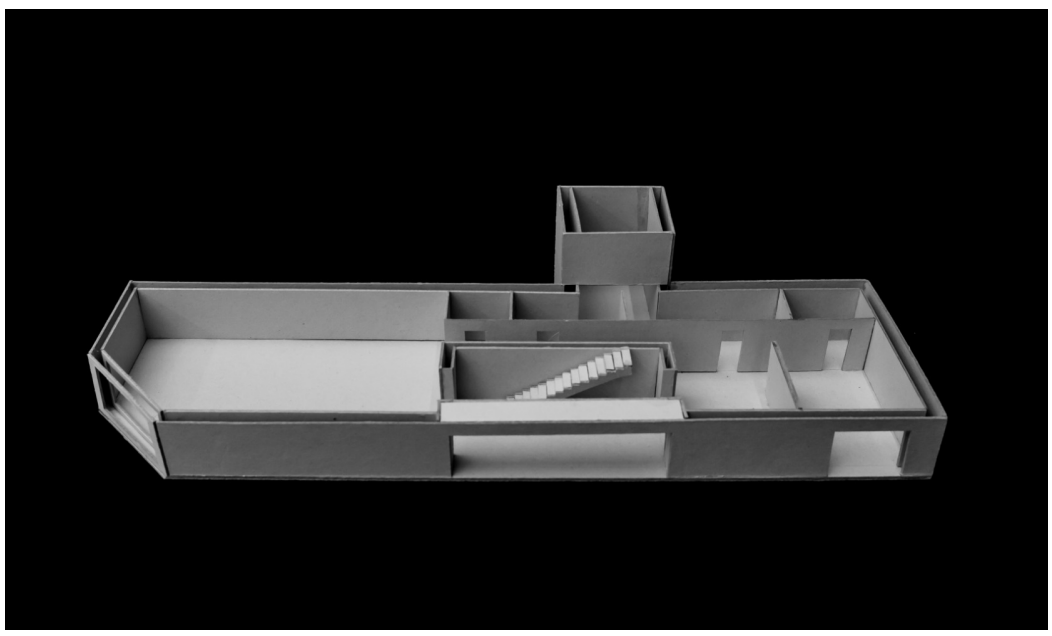
MAQUETES

Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019









CASA PLATAFORMA

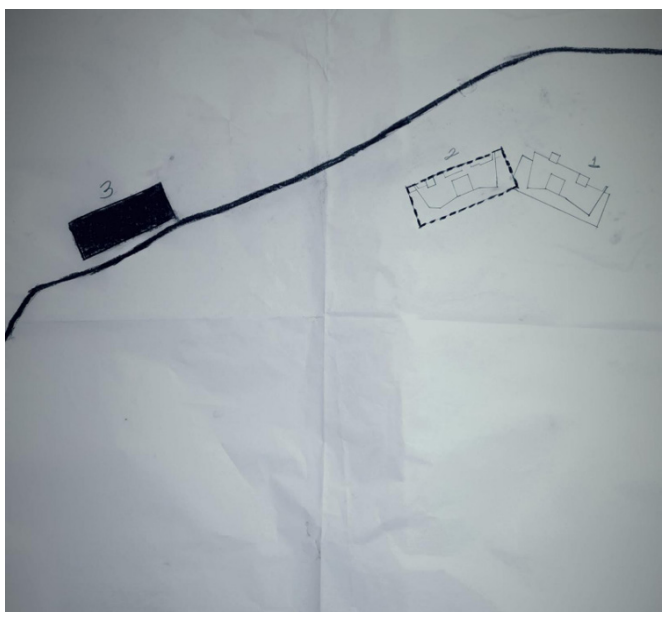
Ricardo Ramalho

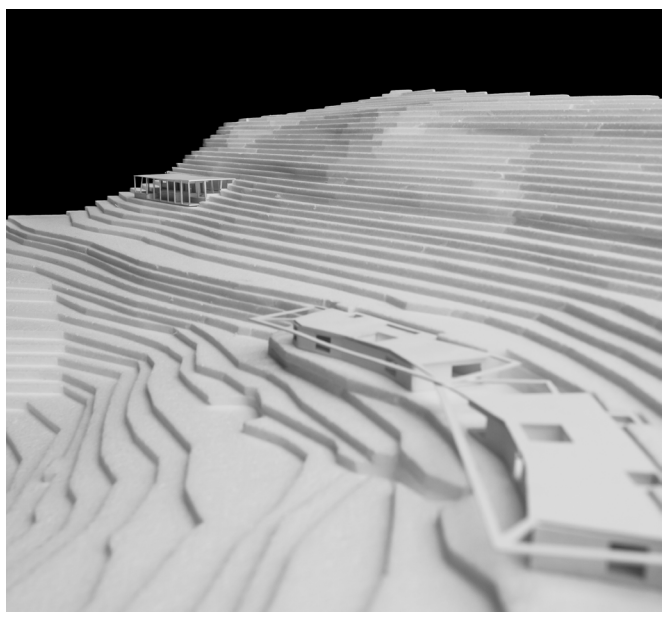
1 : 500
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

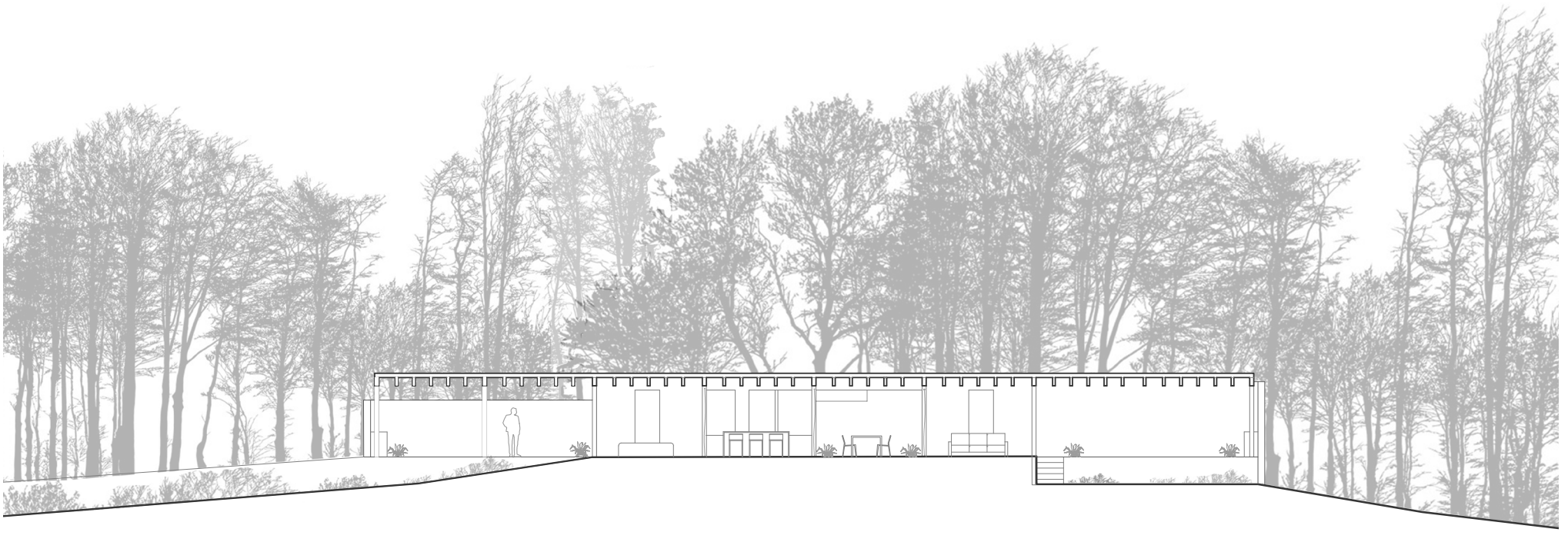
As Casas Gémeas foram projetadas pelo Extraestúdio em 2019, localizam-se em Sesimbra, uma pequena vila de pescadores a sul de Lisboa. Está situada em uma área topograficamente elevada, que se estende desde a vila ao castelo, delimitada por um pinhal e uma antiga estrada romana. O Local é de grande valor paisagístico, com vista sobre o mar, onde oliveiras, figueiras e pinheiros crescem sobre um solo de rochoso. Nas Casa Gémeas, lugar onde o tempo passa de forma diferente e nos permite a compreender fisicamente onde estamos. As clientes, duas irmãs, que pretendiam transformar uma pequena casa construída nos anos 60 em casa de férias, perante a pré-existência, procurou-se dividir a casa em dois corpos, como Casas Gémeas, mas cada uma expressar-se-ia de forma ligeiramente diferente; "mais alto, exposto à paisagem, à procura do mar, outro mais recolhido e horizontal, buscando uma relação mais íntima com o terreno em redor" - Extraestúdio. As casas surgem como um prolongamento das rochas, da encosta, utilizado betão com pigmentos castanhos desativado, idêntica à cor da terra em redor. Construir nesta paisagem implicou construir uma atmosfera diferente. Não sendo uma residência permanente convoca-se aqui um universo intenso e cru, mais próximo da terra, feito com matérias-primas em bruto, mineral e rígido. No interior reduzem-se ao máximo os ele- mentos. Os materiais são deixados à vista no seu estado natural, Janelas e portadas correm totalmente para dentro das paredes,ransformando toda a casa num espaço exterior. Comer, dormir e tomar banho faz-se ao ar-livre, abrigados do sol, deixando a brisapassar

1 : 200
PLANTA PISO TÉRREO

A proposta de casa Duplicada implanta-se numa clareira à poente, assentando-se sobre uma topografia irregular, procurando um forte diálogo com a paisagem, de modo a respeitar a génese das Casas Gémeas, tanto a nível topográfico, paisagístico, assim como espacial. A Casa, pode ser entendida como uma plataforma que se encaixa num um afloramento rochoso, desenhando assim um elemento horizontal com espaços fluídos, com amplos vãos à oeste, que possibilitam a entrada de luz natural no interior dos espaços. Espacialmente a casa é definida por módulos de 4.0 x 4.0 metros, com espaços servidores à Leste e espaços de estar, comer dormir ou tomar banho à poente, que podem ser encerrados ou diluídos por painéis deslizantes. A cobertura com direito de 5 metros, permitiu um contacto direto com a paisagem verde e uma esplendorosa vista para o mar Sesimbra.

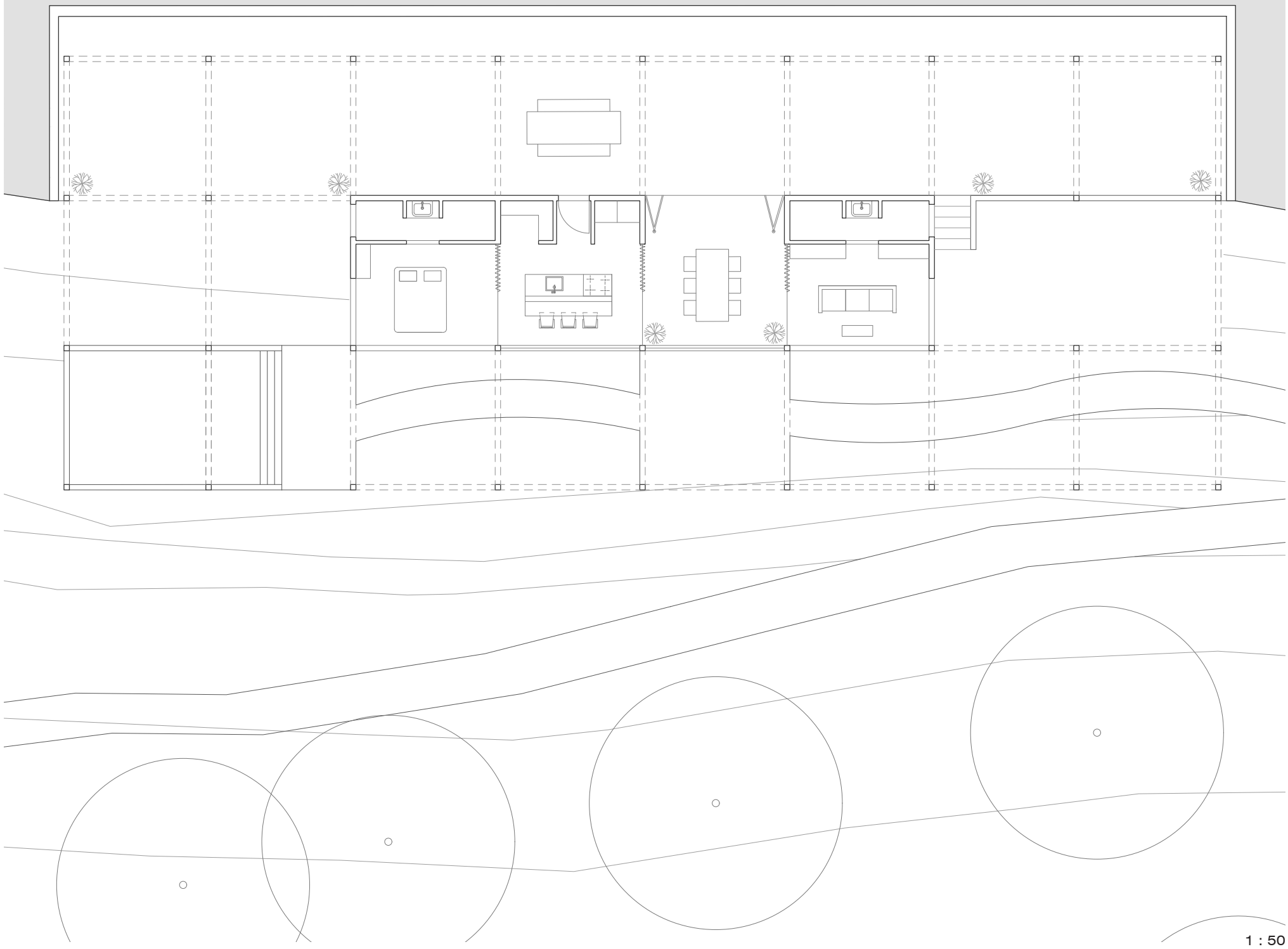




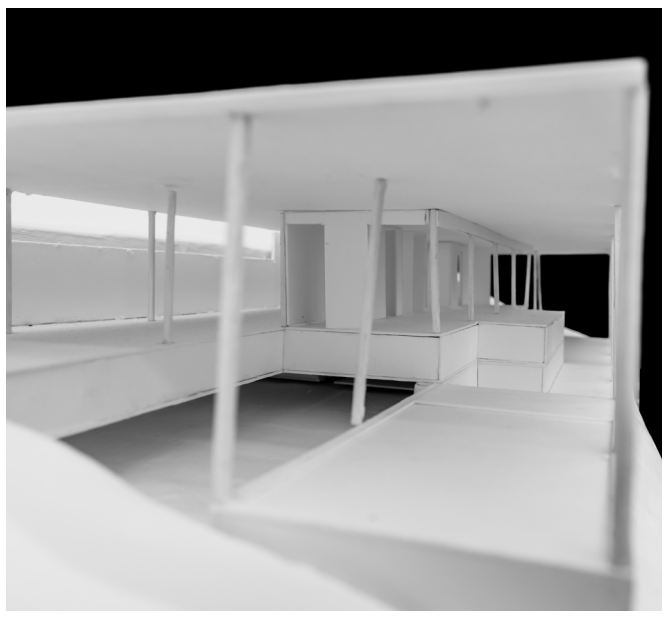


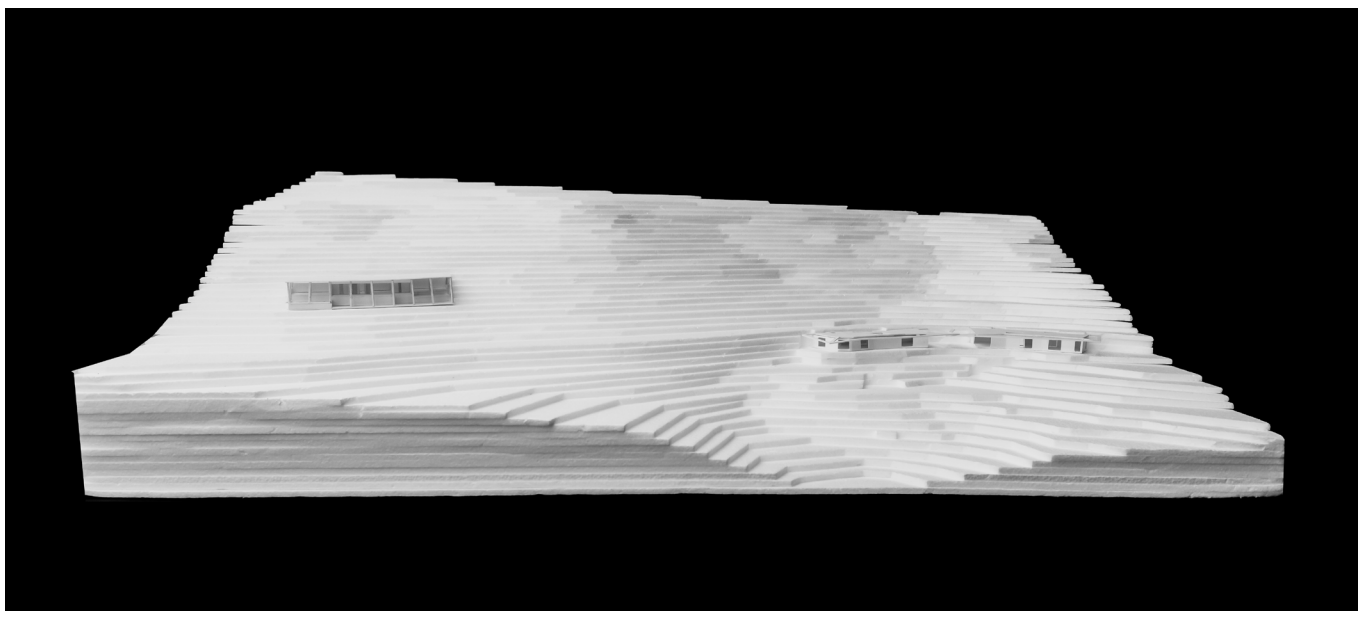
1 : 100
CORTE LOGITUDINAL

1 : 100
CORTE



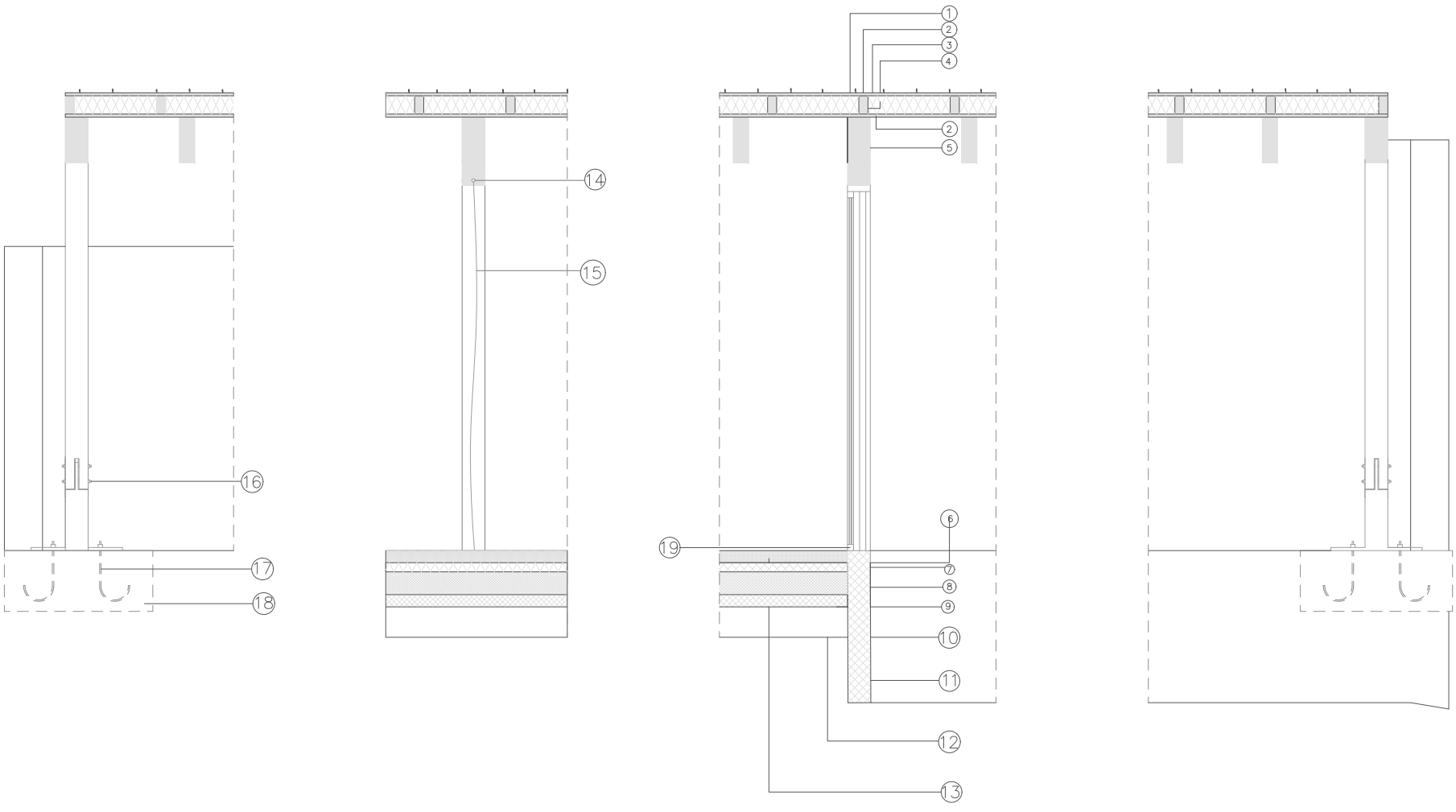
1 : 50
PLANTA





PORMENORES CONSTRUTIVOS

Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019



1 - COBERTURA ZINCO/COBRE JUNTA ARGRAFADA
2 - CONTRAPLACADO
3 - ISOLAMENTO E ABSORÇÃO ACÚSTICA
4 - BARROTES E RIPADOS DE MADEIRA MACIA
5 - MADEIRA MACIÇA DURA
6 - IMPERMEABILIZAÇÃO TELA PVC
7 - ISOLAMENTO TÉRMICO
8 - BETÃO DE REGULAGEM
9 - FELTRO GEOTEXTIL
10 - FILME POLIETILENO
11 - BETÃO ARMADO
12 - ENROCAMENTO
13 - BETONILHA
14 - AÇO
15 - CORTINADO
16 - PARAFUSOS M16
17 - VARÕES ROSCADOS M16
18 - FUNDAÇÃO 140 mm x 140 mm
19 - CAIXILHOS EM MADEIRA MIDI ELEVADOR E PORTA DE CORRERL

CASA PÉRGULA

Roberto Monteiro

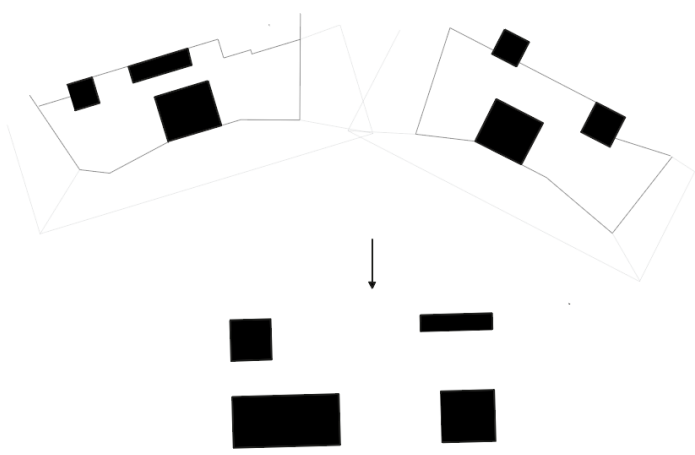
LUGAR
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

O projeto localiza-se em Sesimbra, e foi feito pelo atelier extraestúdio em 2019, para duas irmãs, num lote invulgar, encastrando-se no terreno, as casas surgem como um prolongamento da rocha, invisíveis na encosta. Para conseguir este efeito é utilizado betão com pigmentos castanhos desativado, com uma cor idêntica à da terra de sua envolvente.
A paisagem aqui é o grande protagonista, com uma vista deslumbrante sobre o mar. Rodeado de Oliveiras, gueiras e pinheiros, um solo árido, pontuado por terra vermelha que no passado servia para a agricultura.
A casa esta dividida em dois corpos, garantindo autonomia a cada família. Partilham as mesmas propriedades e dimensões, mas cada uma se expressa de forma diferente.
No interior reduzem-se ao máximo os elementos. Os vãos correm para dentro das paredes, transformando toda a casa num espaço exterior.

1 : 200
PLANTA

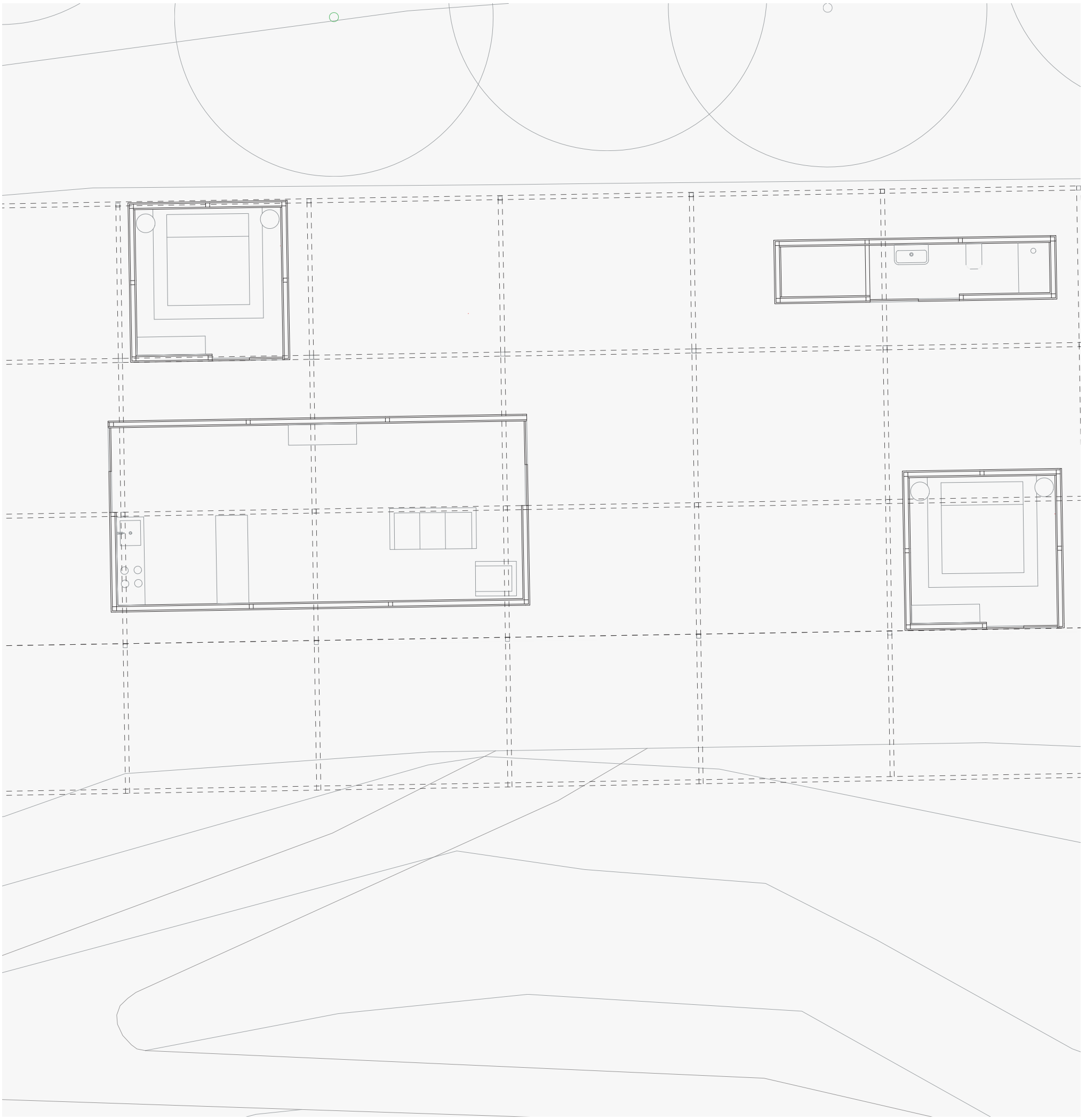
O projeto consiste em criar uma casa duplicada. Após uma análise das casas gémeas, a casa parte do negativo de ambas, criando assim os volumes para a proposta. A partir de uma extensão da plataforma existente, a casa localiza-se na parte poente, dando assim privacidade e mantendo-a próximo das existentes. A busca por viver em harmonia com a natureza e a necessidade de autonomia das três casas foram pontos de maior relevância para o projeto.
Os volumes estão dispostos de forma dispersa, mas mantem o desenho do negativo. Gerando volumes que não se ligam e criando assim uma sequência de refúgios individuais que se abrem para a paisagem e natureza. Tendo uma grande pérgula por cima dos volumes que os ligam, gerandondo vários espaços ao ar livre entre os volumes. E com o passar do tempo, as trepadeiras crescem e camua a casa em meio a paisagem, matendo o protagonismo do local de natureza e paisagem.

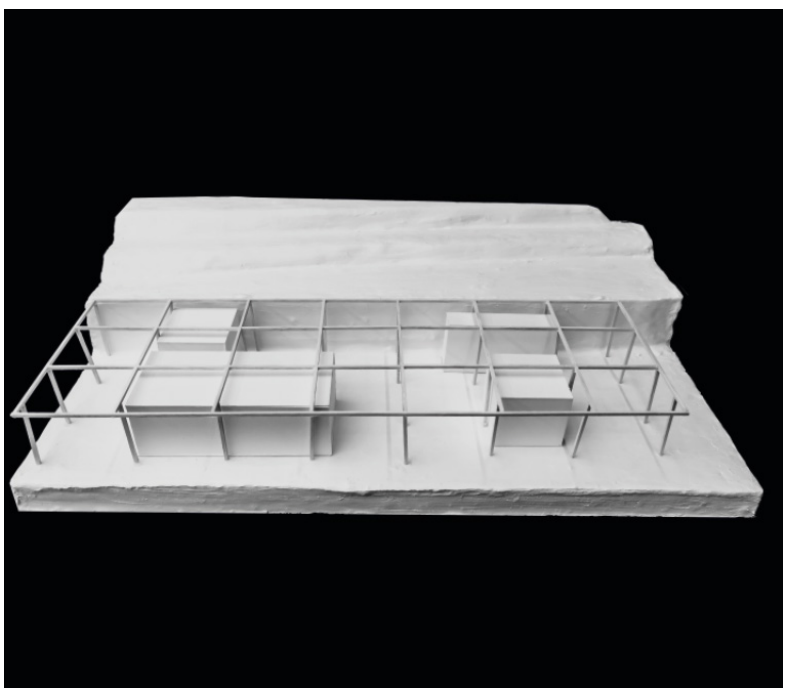


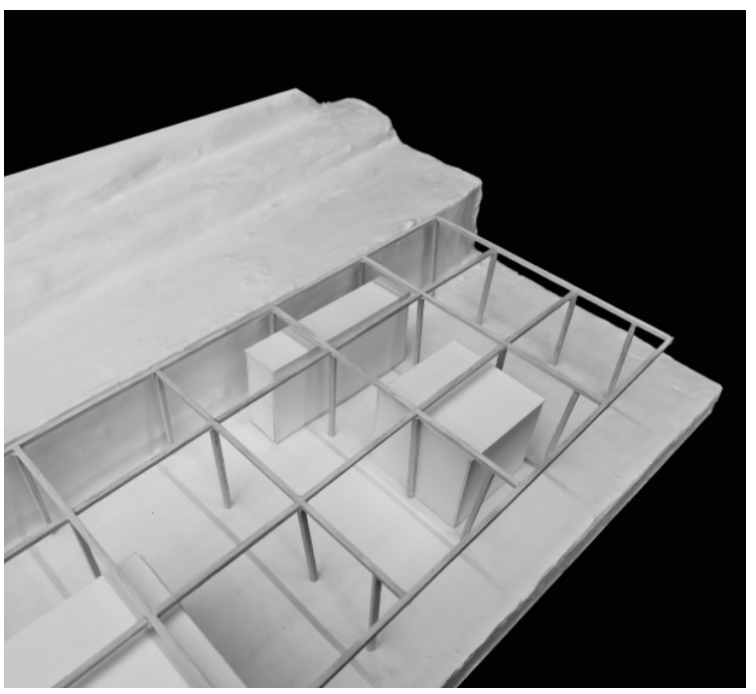
Esquema

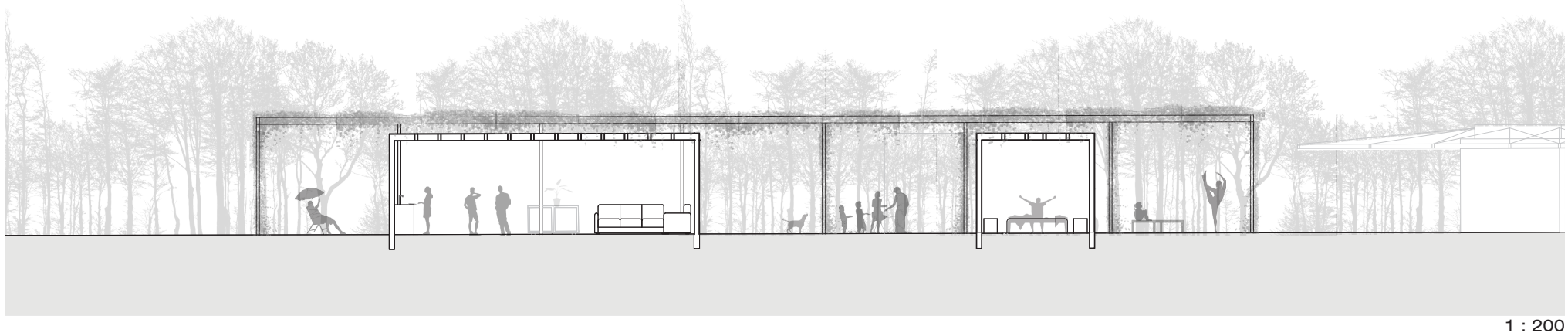
PROGRAMA

Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019







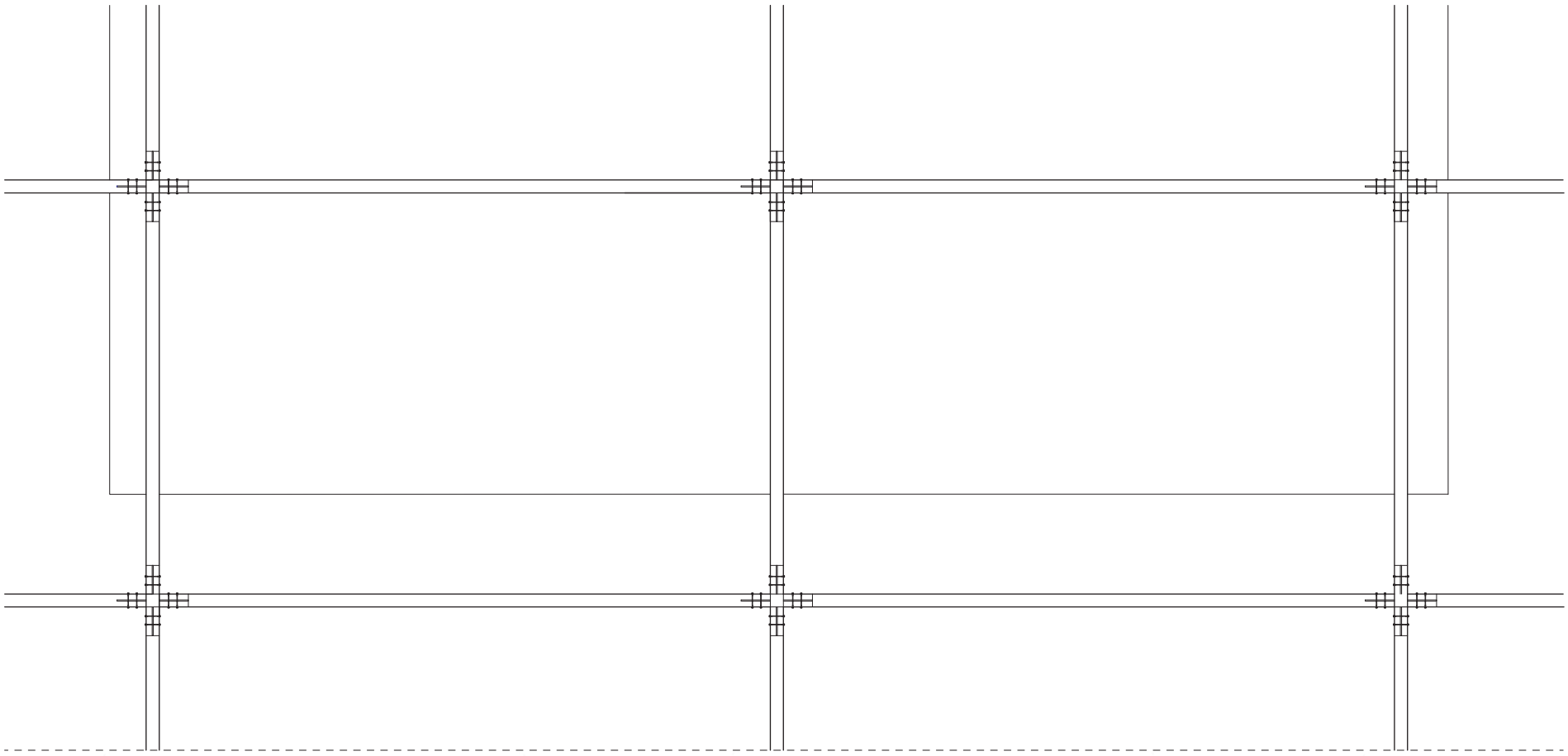


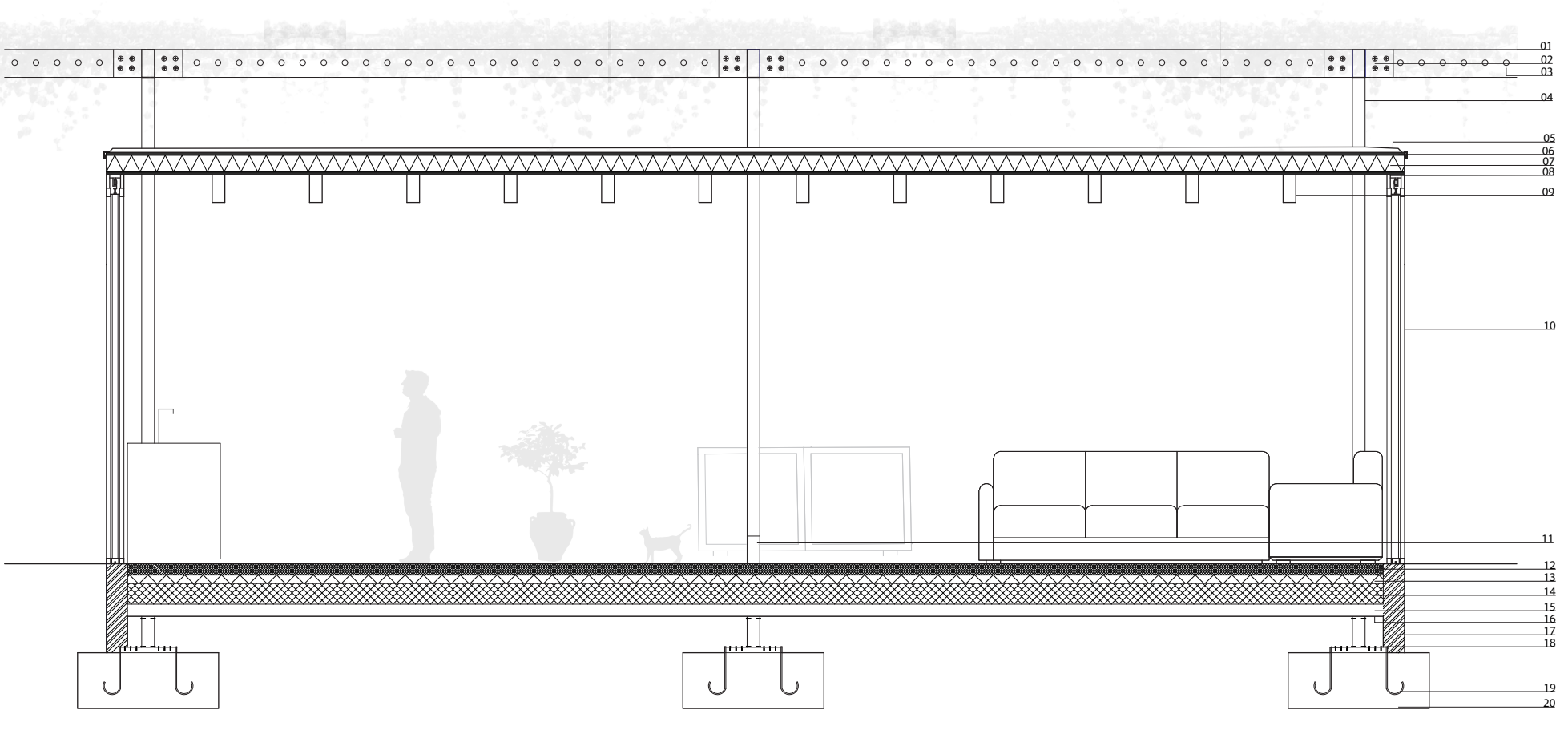
1 : 200
CORTE

1 : 200
CORTE

PORMENORES CONSTRUTIVOS

Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019





Escala 1/20

1 : 50

A materialidade do projeto está denida com elementos de fácil manuseio, proporcionando uma construção rápida e ecaz. Na pérgula foram ultilizados pers de aço e vigas de madeira com cabos de aço, ajudando no crescimento e desenvolvimento das trepadeiras. A cobertura é de zinco, os caxilhos são de alumínio e o pavimento de betonilha.

LEGENDA
01 - RIPAS DE MADEIRA 200mm X 90mm
02- CONECTOR DE PÉRGOLA
03- CABOS DE AÇO 20mm
04- PERFIS DE AÇO 90mm X 90mm
05- JUNTA AGRAFADA DE ZINCO 40mm COM PENDENTE DE 3%
06- CONTRAPLACADO 20mm
07- ISOLAMENTO TÉRMICO 120mm
08- CONTRAPLACADO 20mm
09- VIGAS 200mm X 90mm
10- CAIXILHOS DE ALUMÍNIO E VIDRO 15mm
11- PROTEÇÃO EM AÇO INOX 200mm
12- BETONILHA 80mm
13- ISOLAMENTO TERMICO XPS FLOORMATE 60mm
14- MASSAME ARMADO 150mm
15- FILME POLIETILENO 80mm
16- FELTRO GEOTÊXTIL 200gr/m2 - PLANFOR
17- ALVENARIA DE TIJOLO CERÂMICO 15mm
18- PARAFUSOS M16
19- VARÕES ROSCADOS M16
20- FUNDAÇÃO 140 mm X 140 mm

CASA INVISÍVEL

Rodrigo Malheiro

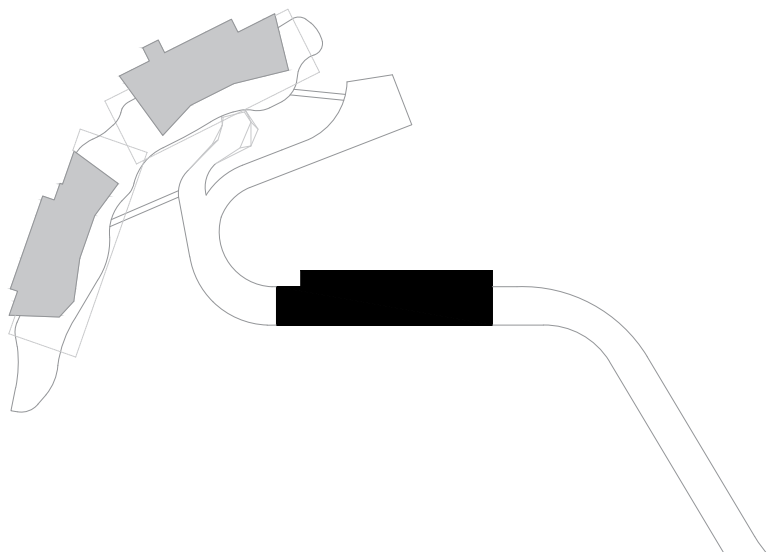
1 : 500
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

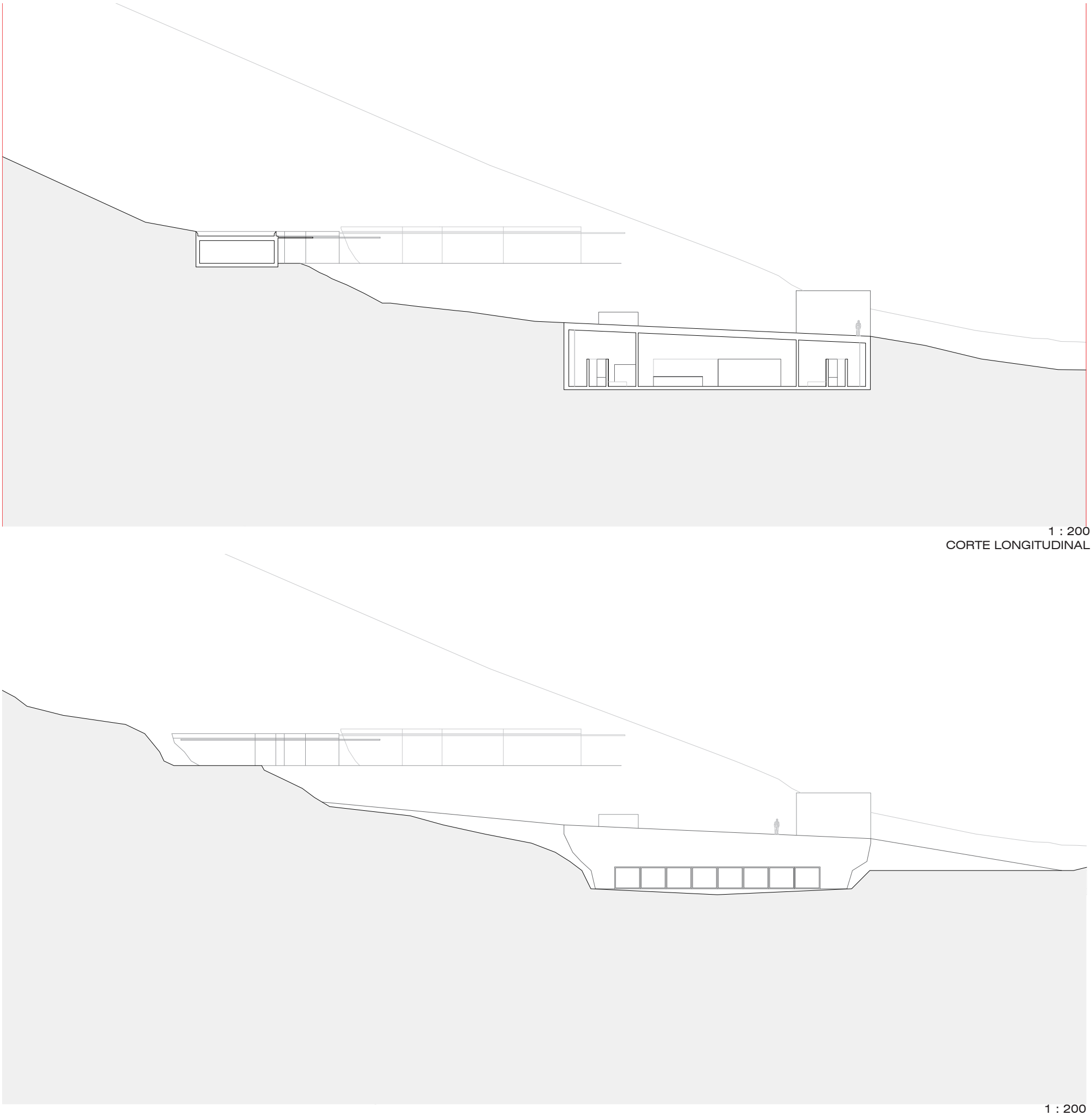
As Casas Gémeas localizam-se em Sesimbra, uma pequena vila no concelho de Setúbal. Implantadas num lote invulgar, que se estende desde a vila ao castelo. Situa-se num lote singular, numa encosta de grandes dimensões, que se estende desde a vila ao Castelo de Sesimbra. O lote é delimitado por um pinhal e uma estrada romana. A sua paisagem é de uma beleza extremamente selvagem, com uma vista priviligiada sobre o mar e a sua envolvente. As clientes, duas irmás, pretendiam transformar uma pequena casa existente construída nos anos 60 em uma casa de férias. A casa foi dividida em dois corpos, garantido assim, uma autonomia a cada familia. Como gémeas, partilham as mesmas dimenões e as mesmas propriedades, mas cada uma tem uma pequena particularidade, na maneira como se expressão. Uma mais alta, exposta à paisagem, à procura do mar, outra mais recolhida e horizontal, procurando uma relação mais intima com a envolvente. Anichadas ao terreno, as casas surgem como uma continuidade da rocha, invisíveis na encosta. Para este efeito é utilizado betão desativado com pigmento da cor natural da terra, daquela região. Sendo uma residência de férias, convoca-se um universo intenso, mais próximo da terra, feito com matérias-primas em bruto, mineral e rigido. No seu interior, apenas as paredes são pintadas, os outros materiais revelam o seu estado natural. Janelas e porta- das correm para dentro das paredes, criando assim, uma ligação extremamente forte com o espaço exterior.

RODRIGO MALHEIRO

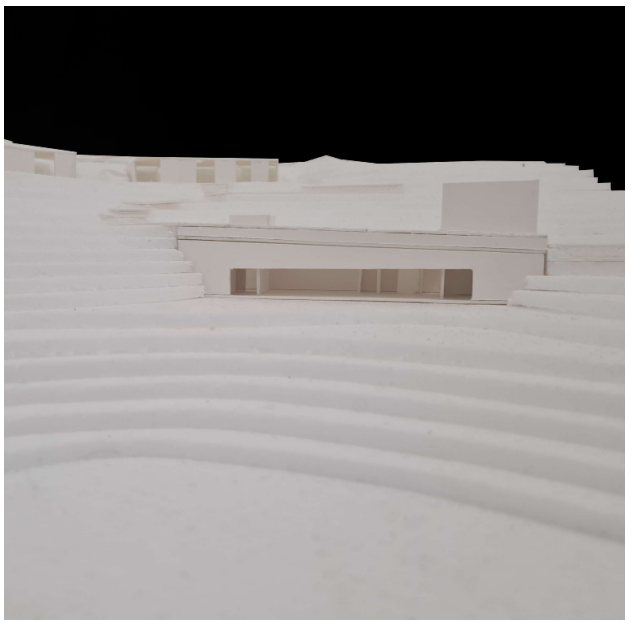
1 : 200
PLANTA DE COBERTURA

Esta proposta de projeto localiza-se abaixo de um pressuposto caminho que fornesse o acesso entre a Rua 4 de Maio e as Casas Gémeas presentes no lote. O motivo por de trás da escolha deste local de intervenção ao longo das visitas ao terreno, foi por ter me captado a atenção as caracteristicas de camuflagem, produzidas pela materialidade, pigmentação e pela escolhas estruturais presentes nas casas produzidas pelo EXTRASTUDIO. Por outras palavras estes fatores levaram me a destacar que estas peculiaridades presentes nas duas habitações pudessem ser de certo modo exploradas ao limite, de modo a criar uma residência invísivel, em primeiro ponto de vista quando se entra no lote. Esta foi desenhada a partir dos conceitos de conceitos de privacidade e invisibilidade, como ponto de partida, e enventualmente de modo a resolver problemas relacionados com a temperatura e a humidade, os temas de iluminação e circulação de ar foram integrados.
Os pontos tomados de modo a tornar a residência invisivel aos olhos de qualquer indíviduo são enterrar em excessão de uma das fachadas toda a construção; a própria pigmentação escolhida para o betão; a cortina produzida pelo conjunto de elementos florestais presentes a sudoeste da propriedade; os elementos arquitétoicos como as casas e elementos de betão presentes no lote; e por fim a grande chaminé que dá acesso a habitação sendo que esta, como no ponto anterior, tem a função de desorientar um individuo ao longo do percurso.

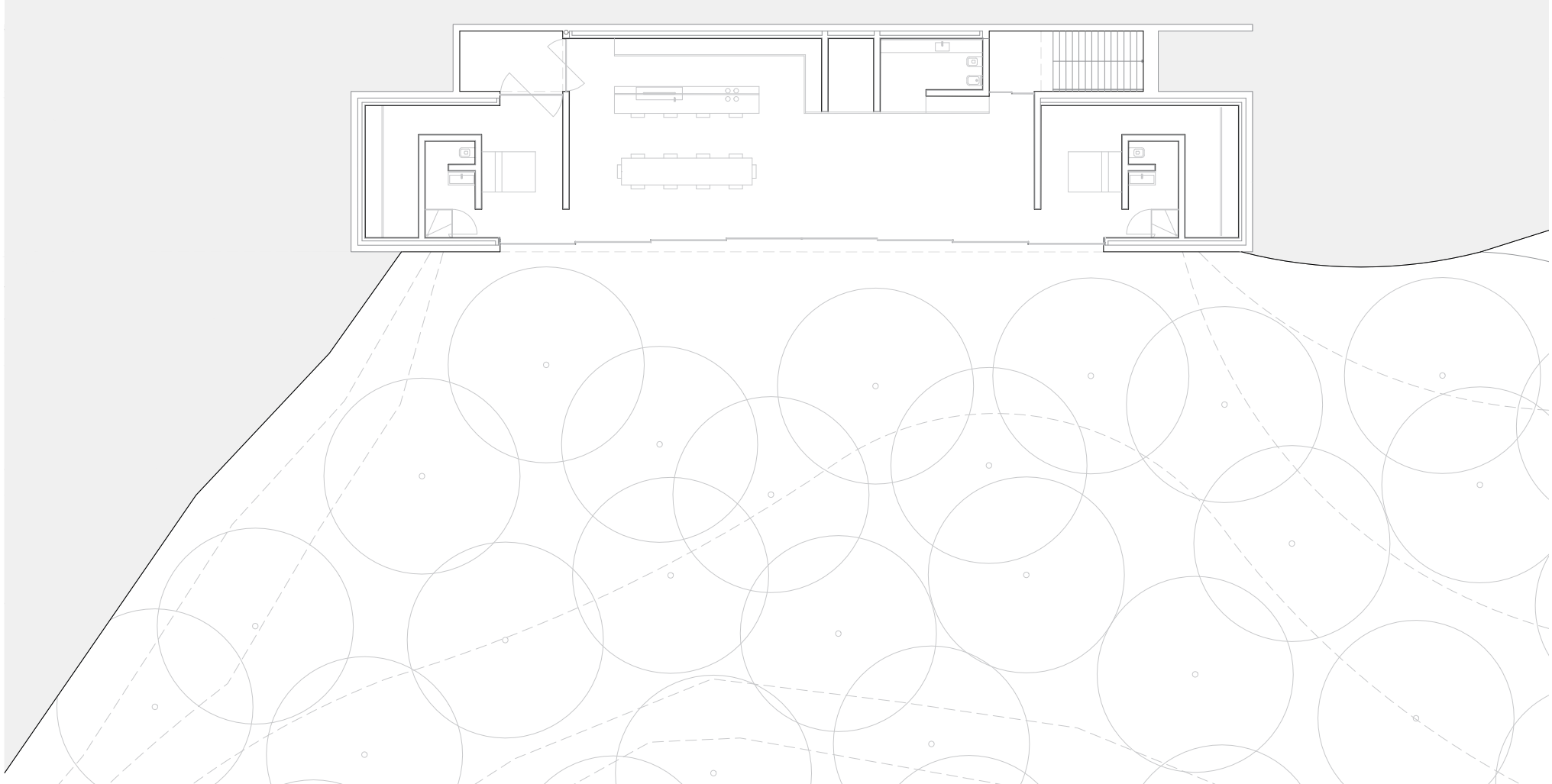




1 : 200
CORTE LONGITUDINAL

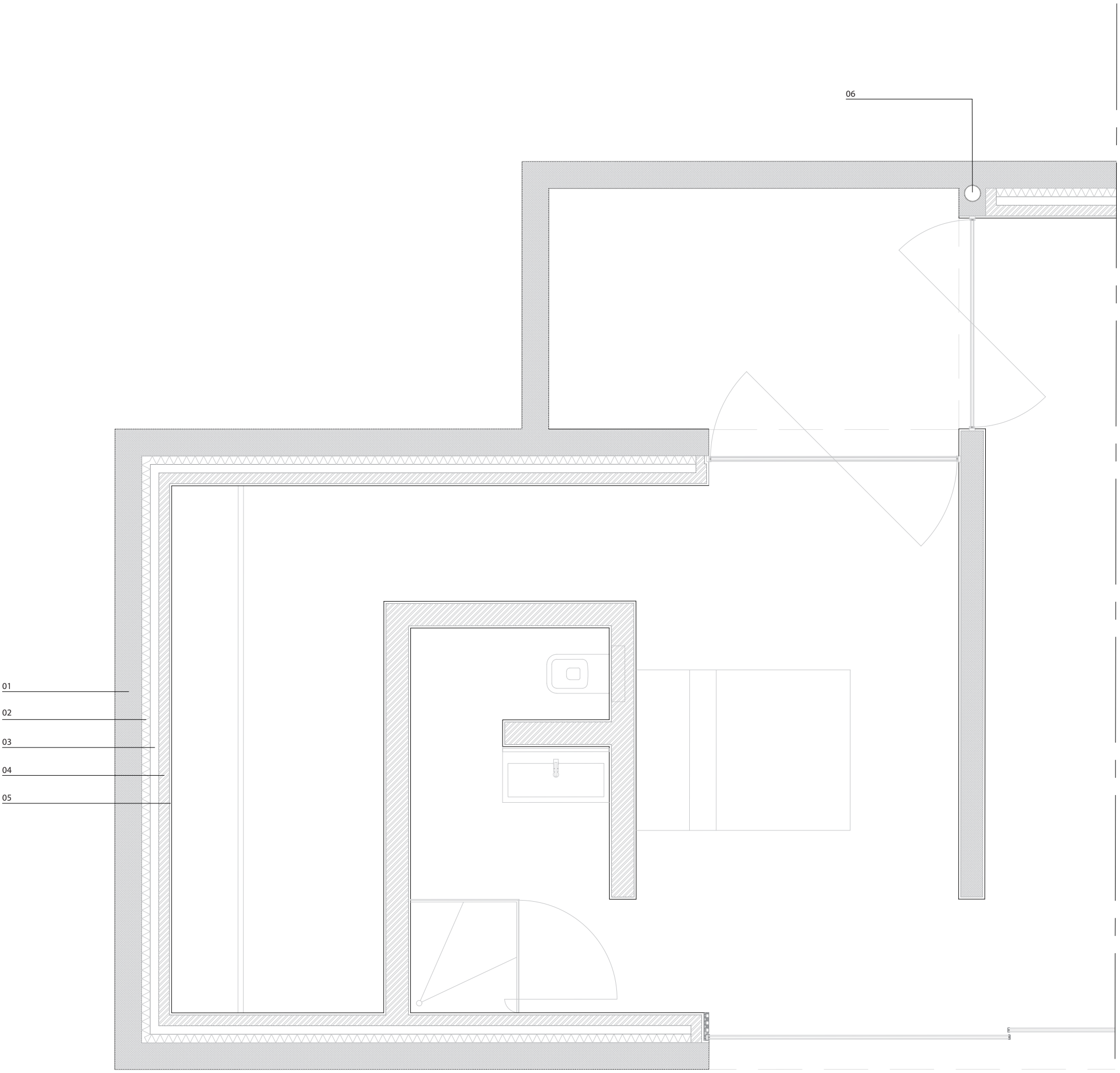


1 : 200
ALÇADO



1 : 100
PLANTA PISO TÉRREO

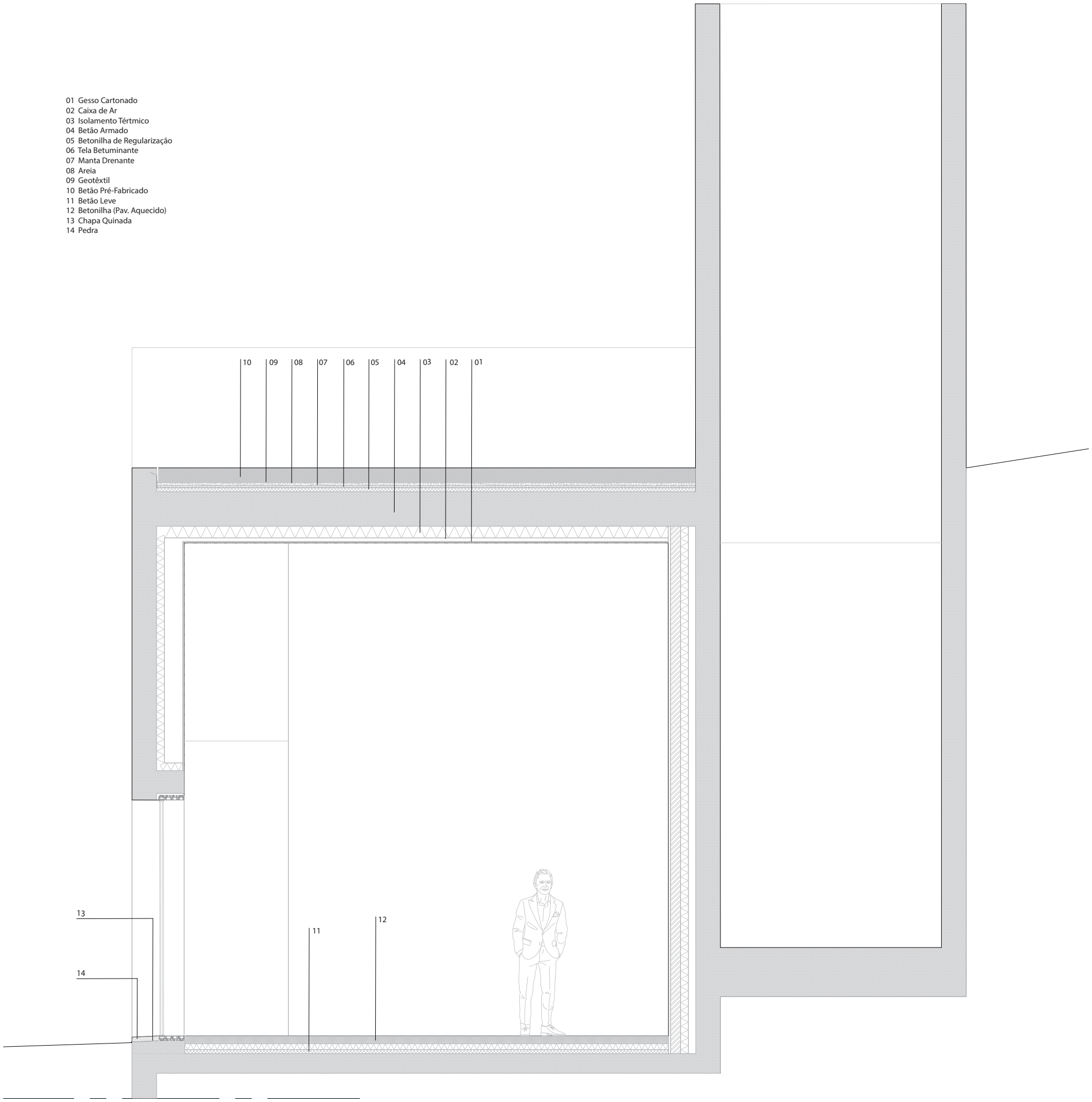
Com apenas uma fachada descoberta a Sudoeste que se abre para um panorama composto por elementos florestais, que por sua vez cria uma ligação fisica e interpesseoal entre os espaços interiores e o exterior. O espaço exterior pode vir assim a ser usado como uma continuação do espaço interior, em caso necessário.
A presença de duas chaminés, fornece uma melhor circulação de ar e mais entradas de luz para a habitação, sendo que a maior destas duas (5m) é responsável por fornecer ainda o devido acesso á residência. Existe ainda por sua vez um grande contraste de iluminação ao longo da habitação sendo que dos espaços socias para os privados a luminosidade vai redusindo.
O interior do programa é definido por 3 caracteristicas espacias fixas, sendo elas de tematizadas por espaços sociais, privados e exteriores. A cozinha, a despensa, a casa de banho, o hall de entrada, a sala de jantar e estar, são os espaços socias respetivamente; As duas Suítes compostas por walk-in-closet, casas de banho e os quartos em si, são denominadamente os espaços privados; e por ultimo os espaços exteriores são compostos pelos espaços que se encontram dentro das chaminéz e o espasso exterior presente a frente do grande vão presente na única fachada da construção.



01 Betão Armado
02 Isolamento Térmico
03 Caixa de Ar
04 Alvenaria
05 Reboco
06 Chaminé

PLANTA

01 Gesso Cartonado
02 Caixa de Ar
03 Isolamento Térmico
04 Betão Armado
05 Betonilha de Regularização
06 Tela Betuminante
07 Manta Drenante
08 Areia
09 Geotêxtil
10 Betão Pré-Fabricado
11 Betão Leve
12 Betonilha (Pav. Aquecido)
13 Chapa Quinada
14 Pedra



1 : 20
CORTE TRANSVERSALCONSTRUTIVO

CASA MIRANTE

Sofia Rosito

PROGRAMA
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019

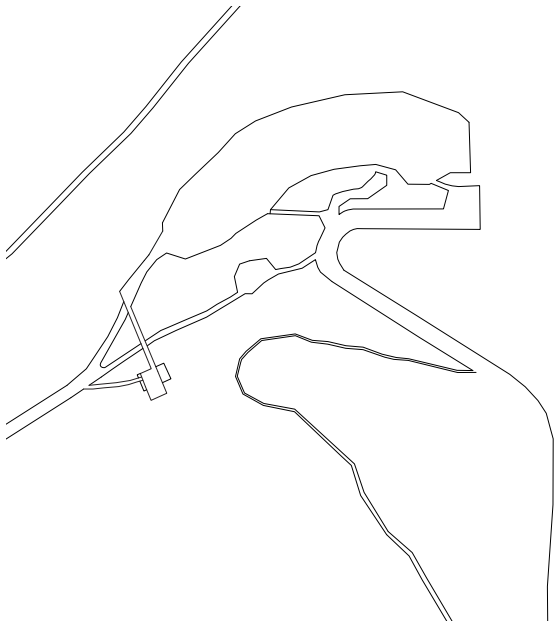
1 : 500
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

O projeto das Casas gémeas localiza-se em Sesimbra, numa pequena vila de pescadores a sul de Lisboa, num lote invulgar, delimitada por um pinhal e uma estrada romana.
A paisagem é um dos aspetos fortes da casa, com uma beleza cicládica, selvagem e vista para o mar.
Como gémeas, partilham as mesmas propriedades e dimensões, mas cada uma expressa-se de maneira diferente: uma mais alta, exposta à paisagem, à procura do mar e a outra mais recolhida e horizontal, trazendo uma relação mais íntima com o evolvente.
No interior reduzem-se ao máximo os elementos. Os materiais são deixados à vista, apenas as paredes são pintadas. As janelas e as portadas correm totalmente para dentro das paredes, transformando toda a casa num espaço exterior.

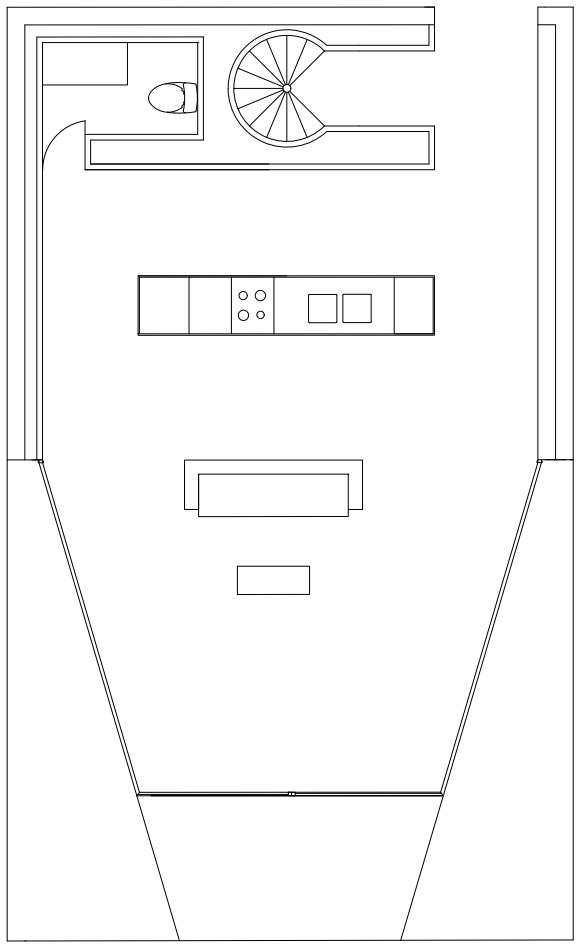
SOFIA ROSITO

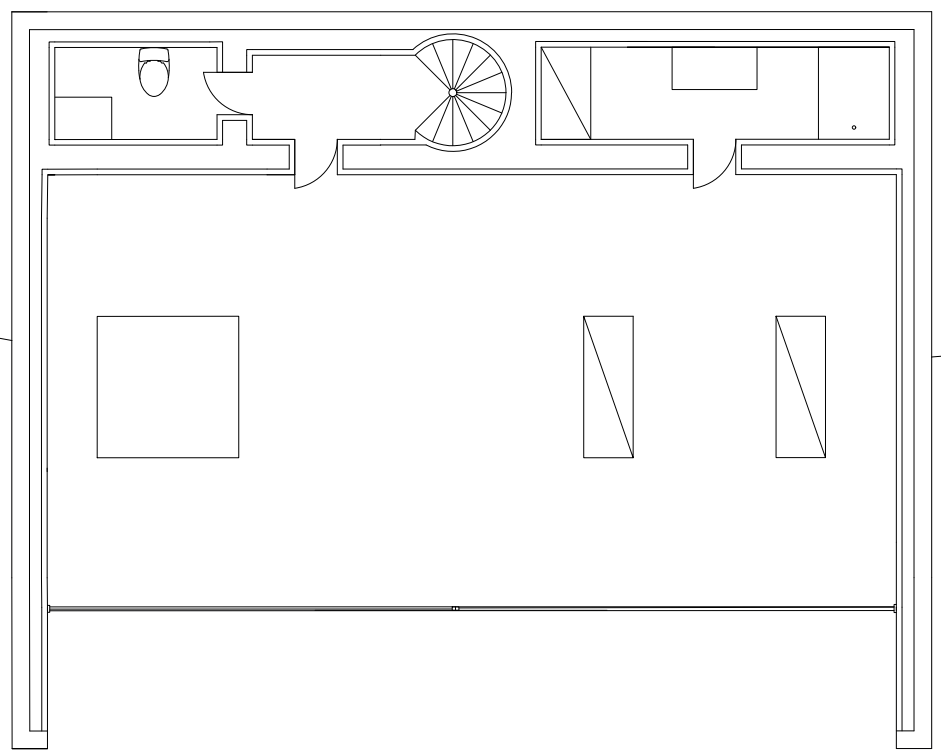
1 : 200
PLANTA

A Casa Dupla foi pensada para dar continuidade às Casas gémeas, transpor das mesmas a relação com a vista, fortificando-a.
Surge assim a Casa Vão, constituída por dois corpos, ambos contendo um grande vão que permitirá o prolongamento dos espaços interiores para o exterior.
Esta proposta traz das casas gémas a ideia de introspeção e extroversão, sendo sucessivamente o piso inferior e piso superior.
O acesso à casa faz-se a partir da plataforma que se liga ao piso superior, mais fluído, privilegiando a vista e que a partir de uma escada em helicoidal nos leva ao piso inferior, um espaço mais íntimo, mais resguardado.



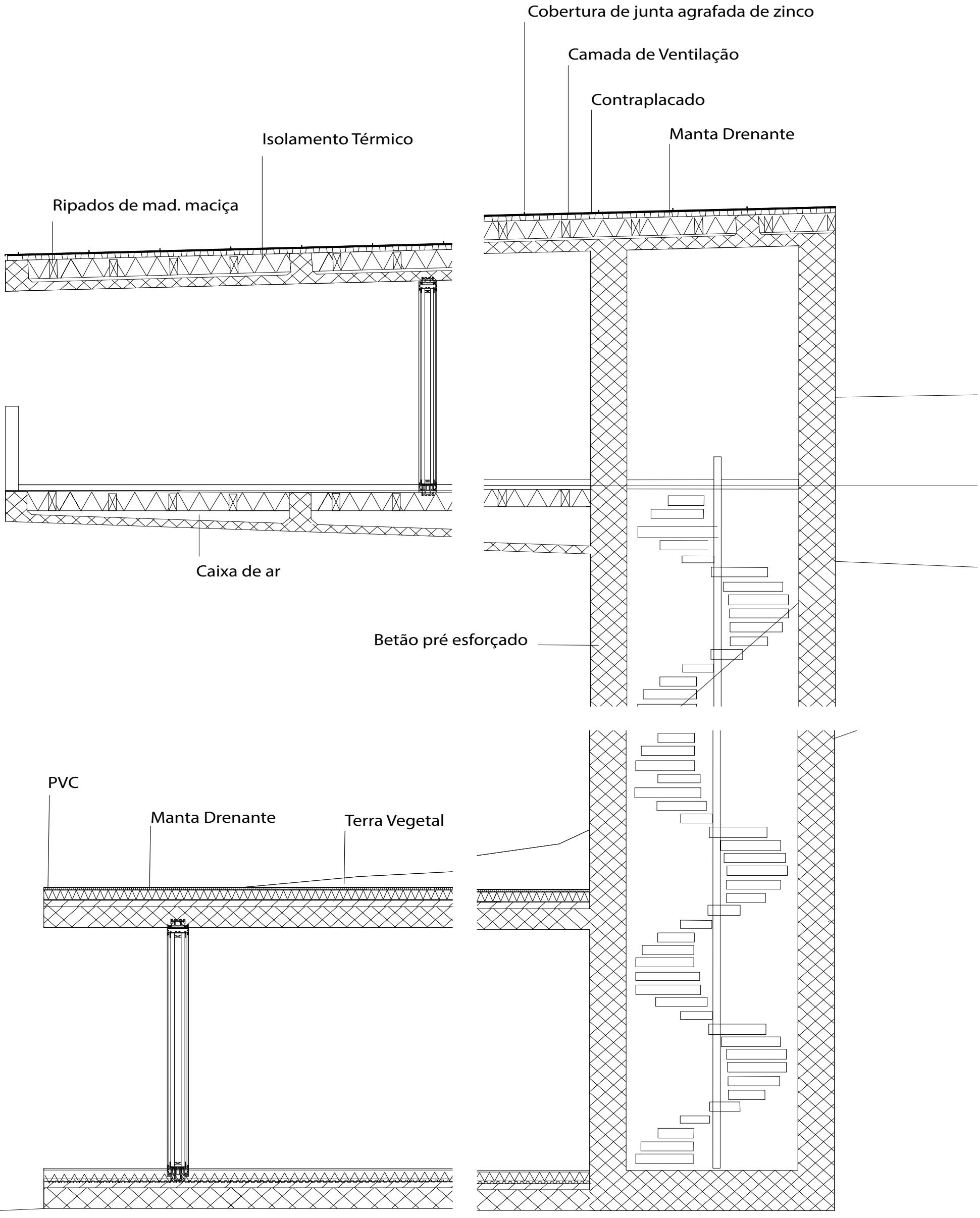
Esquema



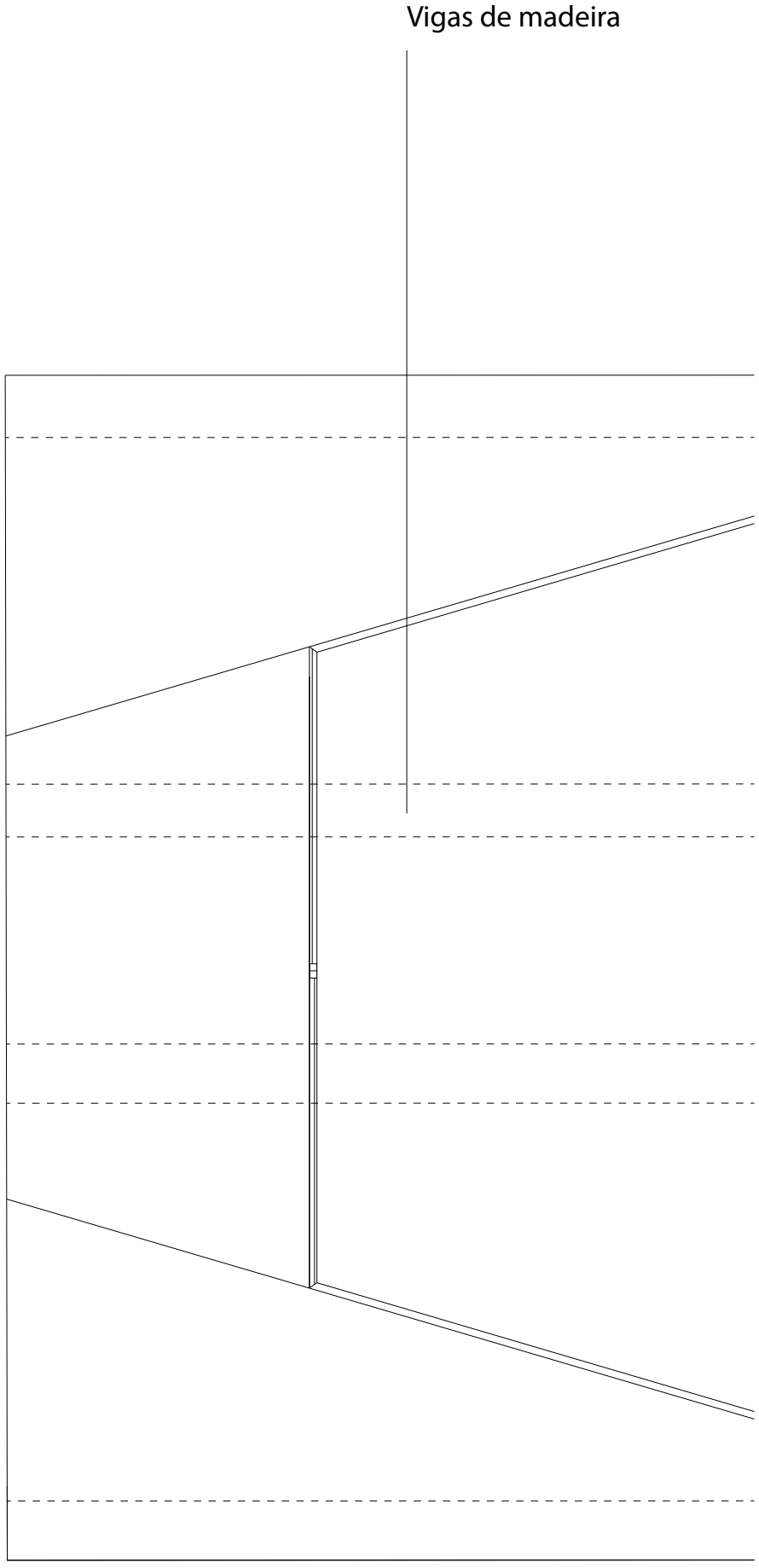


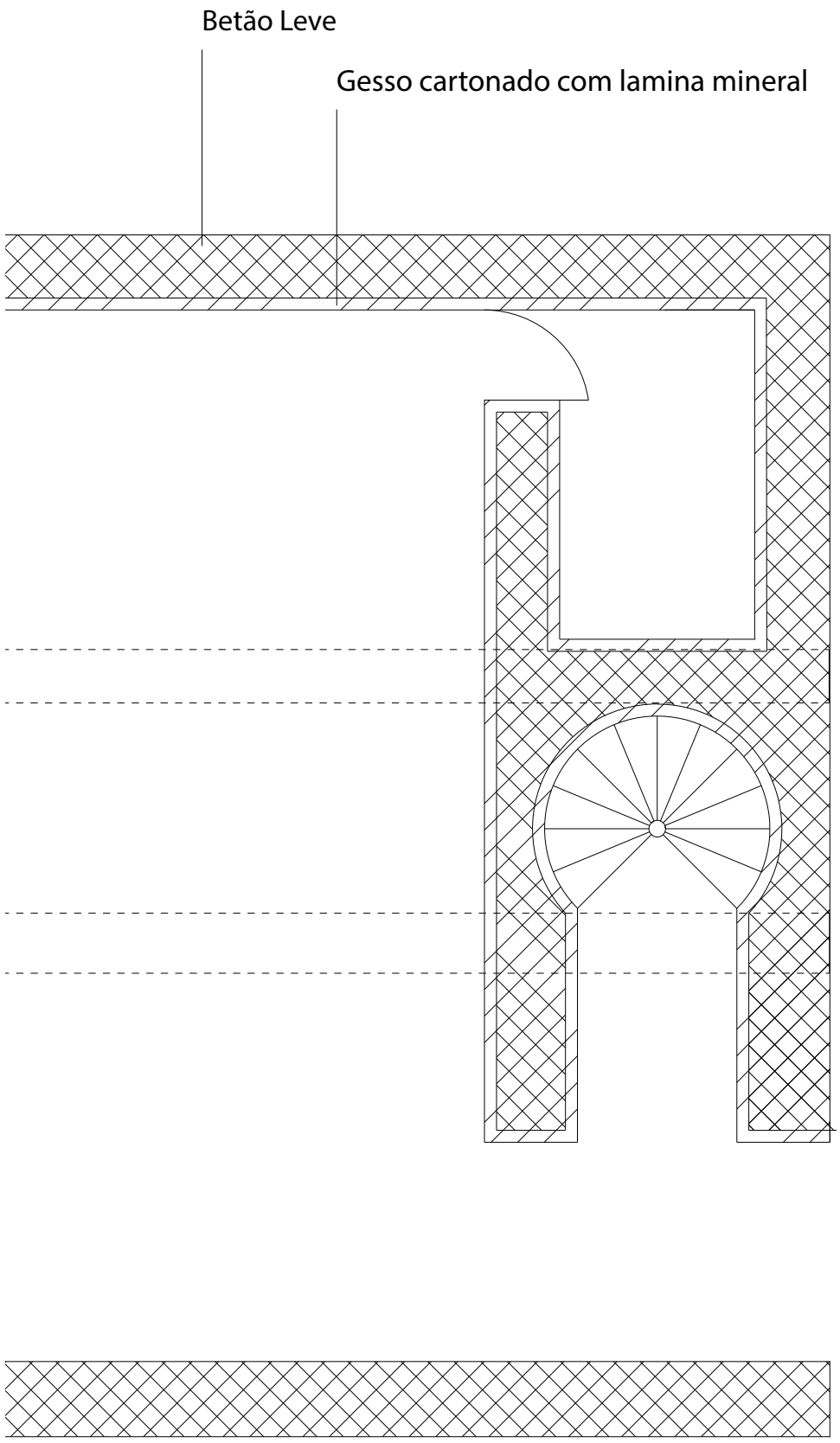
1 : 50
PLANTA

1 : 200
CORTE



1 : 20
CORTE CONSTRUTIVO





1 : 20
PLANTA CONSTRUTIVA

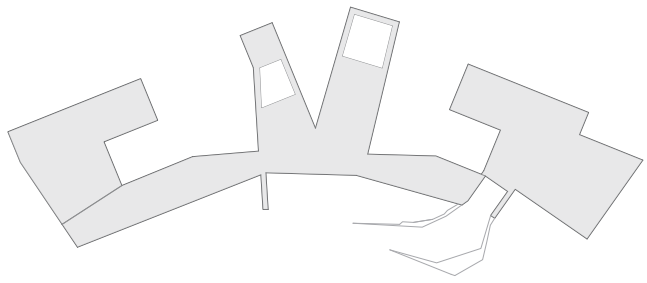
CASA ESCONDIDA

Vitória Lichand

LUGAR
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019

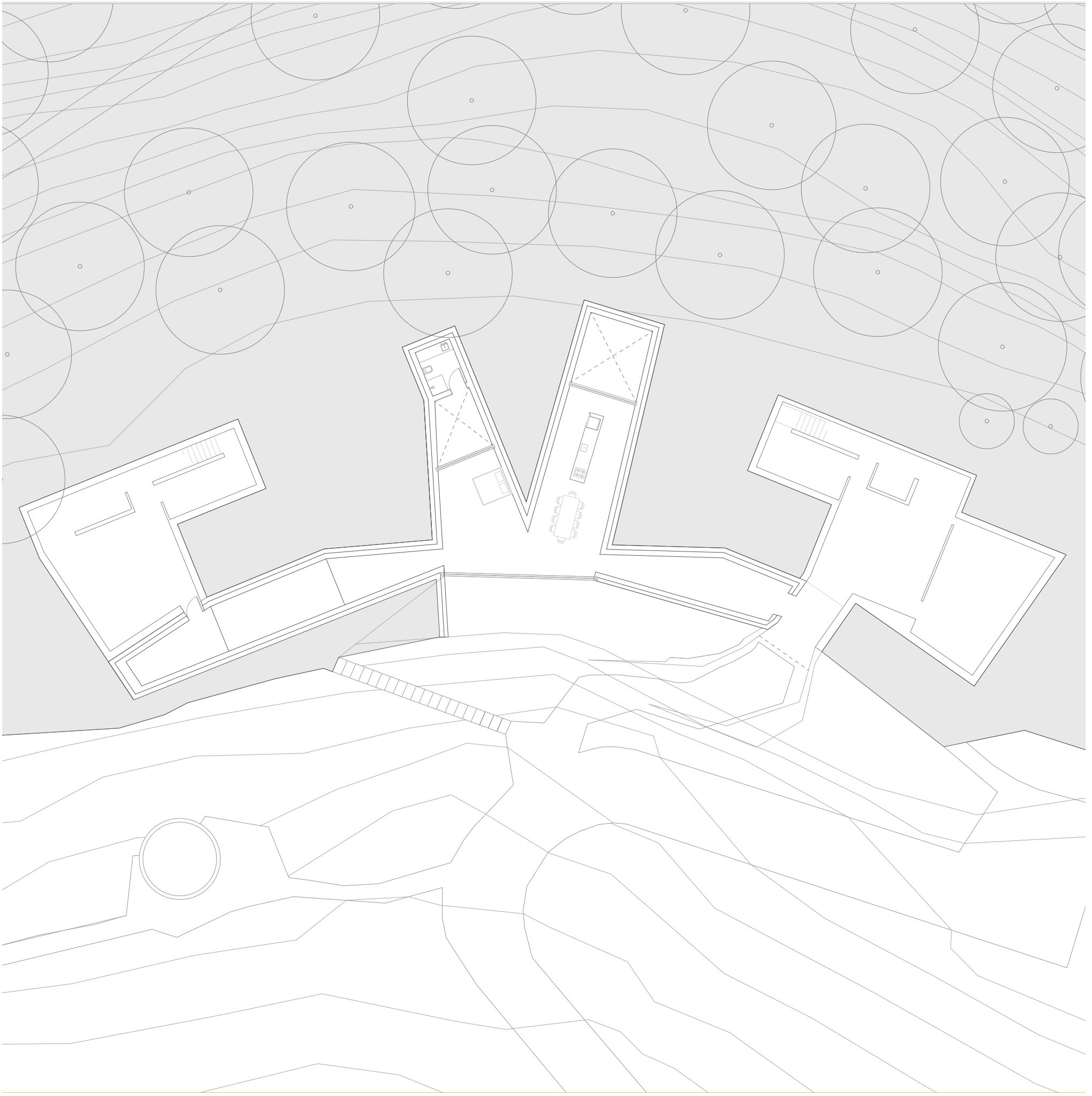
Sesimbra é uma vila de pescadores a sul de Lisboa, no qual o projeto localiza-se. As clientes desta habitação são duas irmãs que pretendiam tranformar uma pequena casa construída nos anos 60 em uma casa de ferias reunindo as famílias e amigos no verão.
Os arquitetos, João Caldeira Ferrão e João Costa Ribeiro, prencupam-se em dividir a casa em dois corpos, garantindo assim a autonomia de cada família. As casas têm uma linguagem em comum, mas expressam-se de forma diferente, uma esta mais atla exposta a paisagem enquanto a outra está mais recolhida e horizontal, buscando uma relação mais íntima com o terreno envolvente.
Não sendo possível ultrapassar os 125 m² de implantação devido a restrições legais, foram introdizidos pátios e uma pérgola implementada ao redor dos volumes, prolongando os espaços para o exterior duplicando a área. Encastradas no terreno, as casas surgem como um prolongamento da rocha, invisíves na encosta.

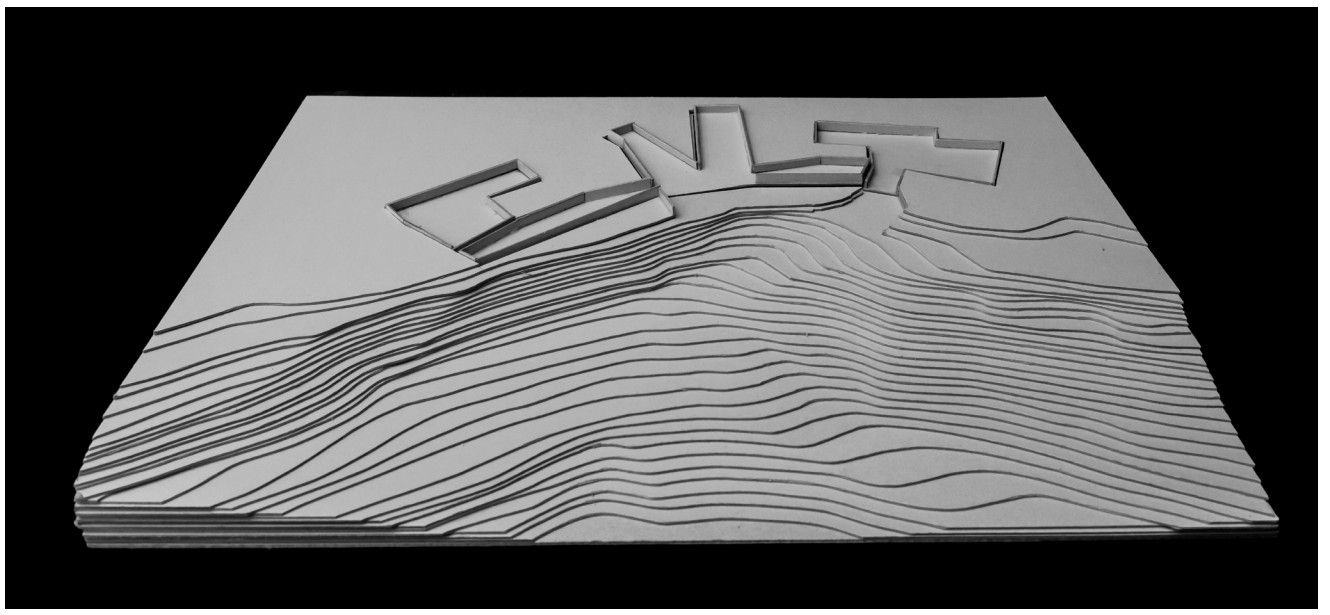
A Casa Dupla foi projetada com base no conceito de não adicionar uma pegada maior do que a existente. Esta proposta surge a partir da pergola existente no terreno, que proprciona a cobertura jardinada da tericeira habitção, mantendo o conceito de pátio para iluminação e ventilação.
A casa pode ser dividida em duas partes, o espaço social e espaço privado apresentando duas direções diferentes.

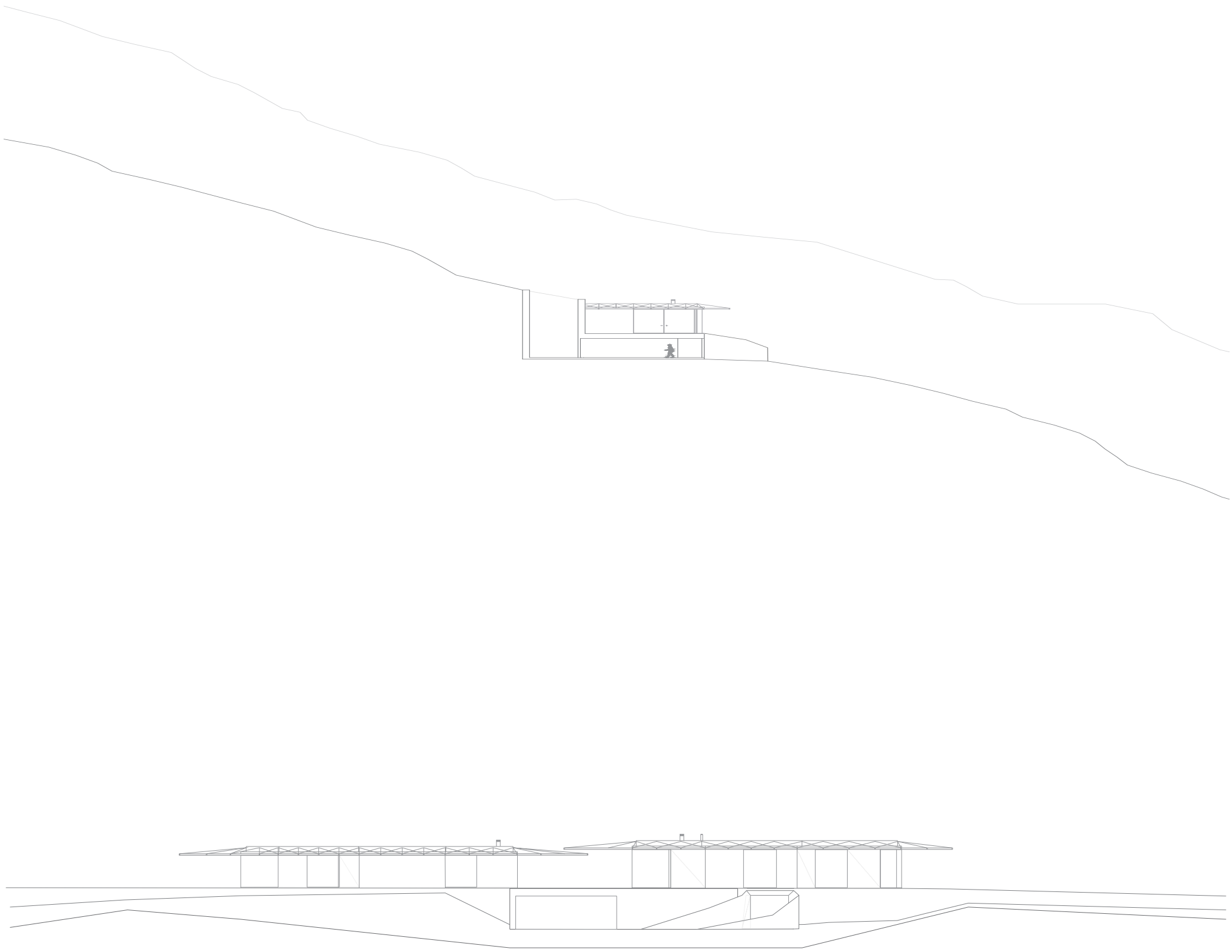


PROGRAMA

Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019

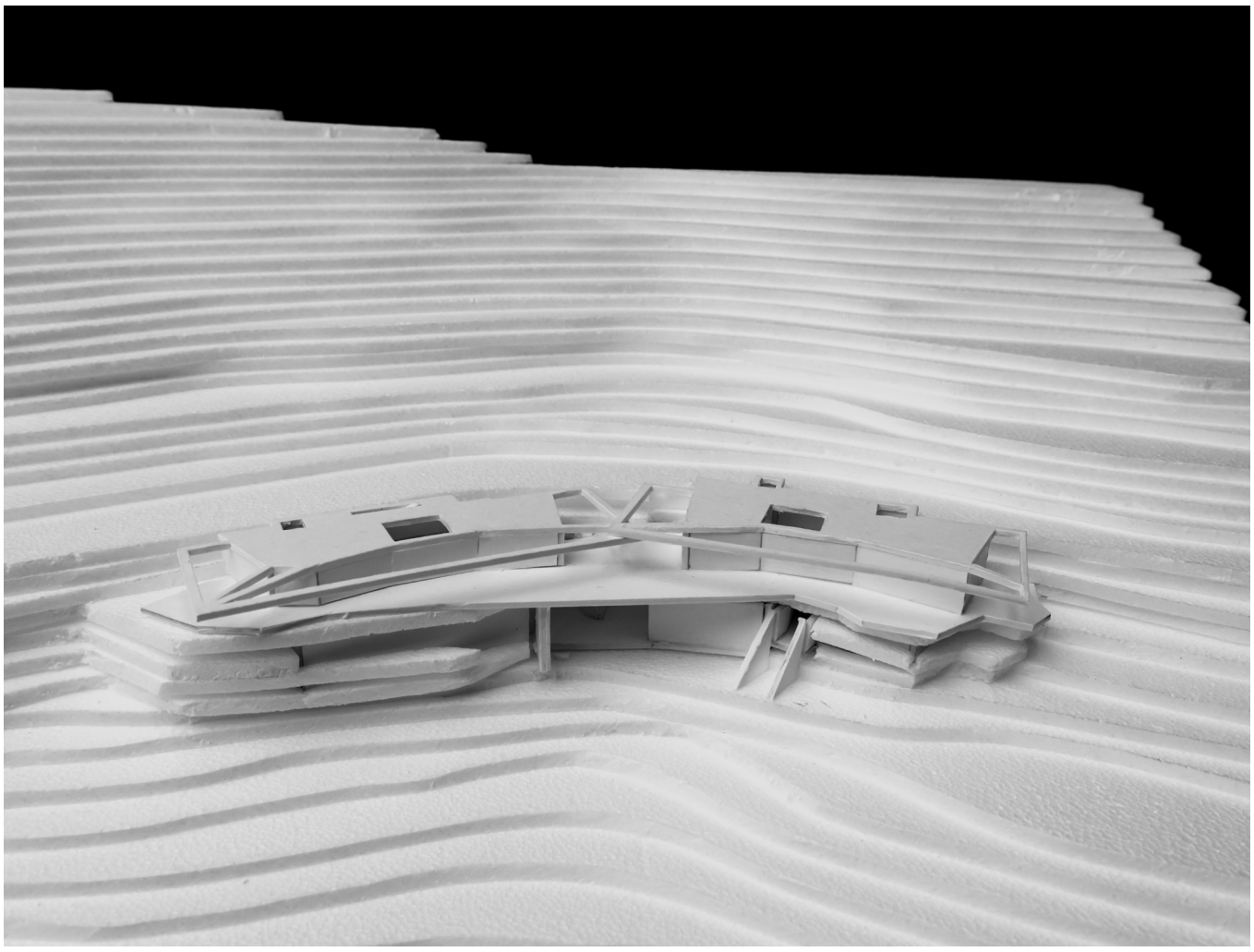


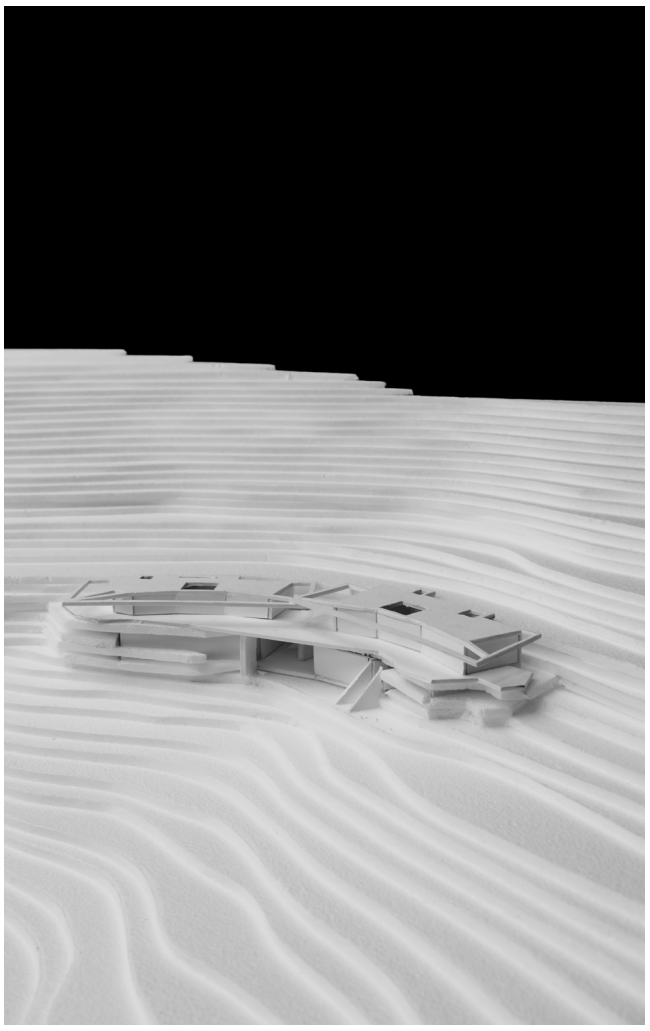


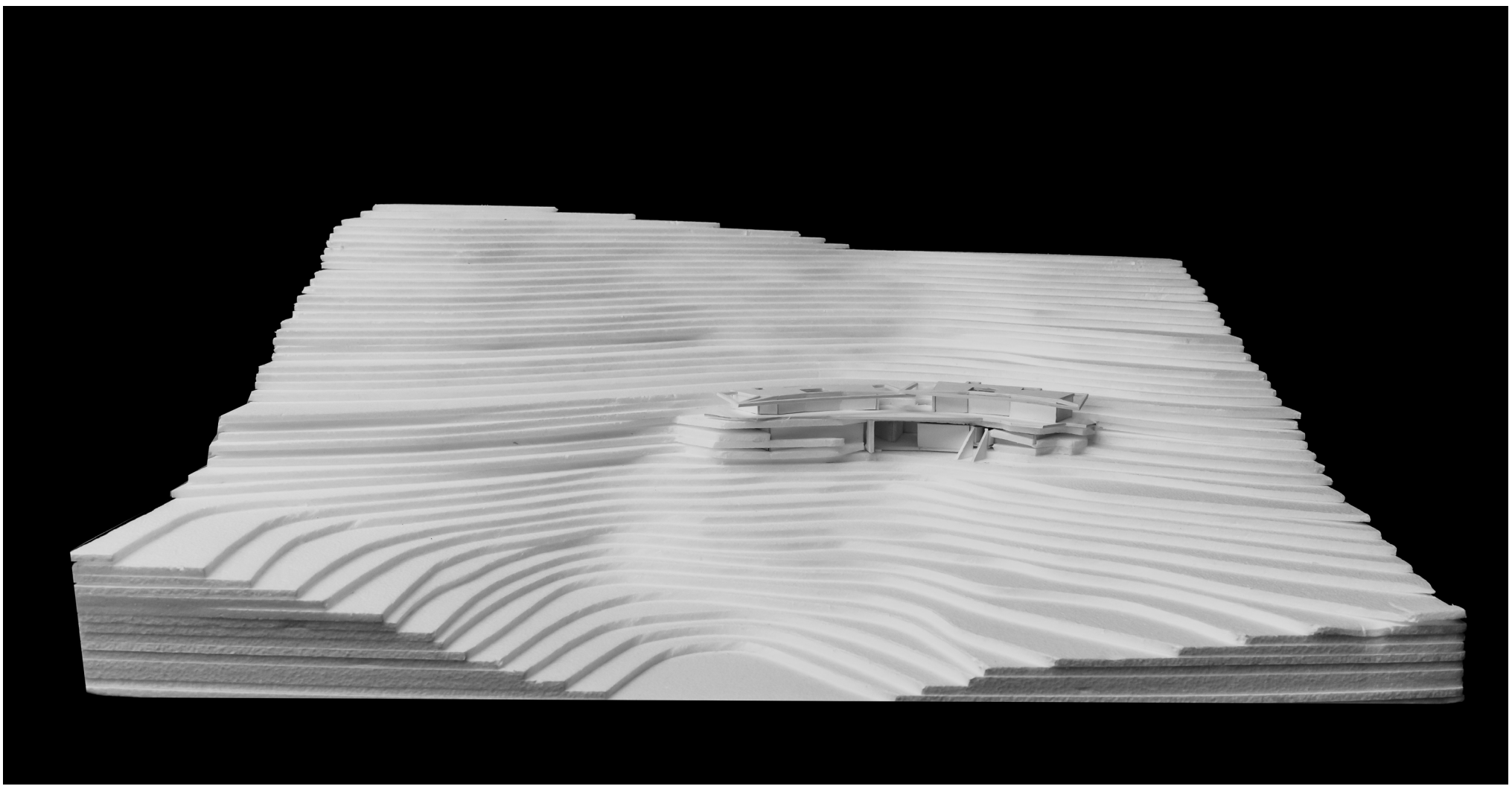


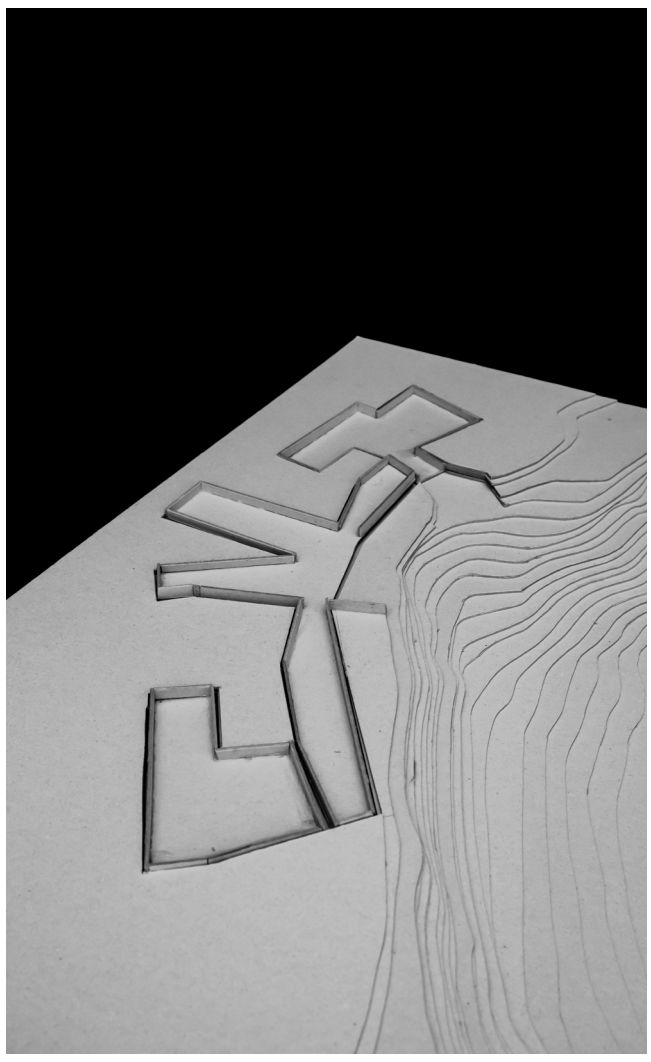
MAQUETES

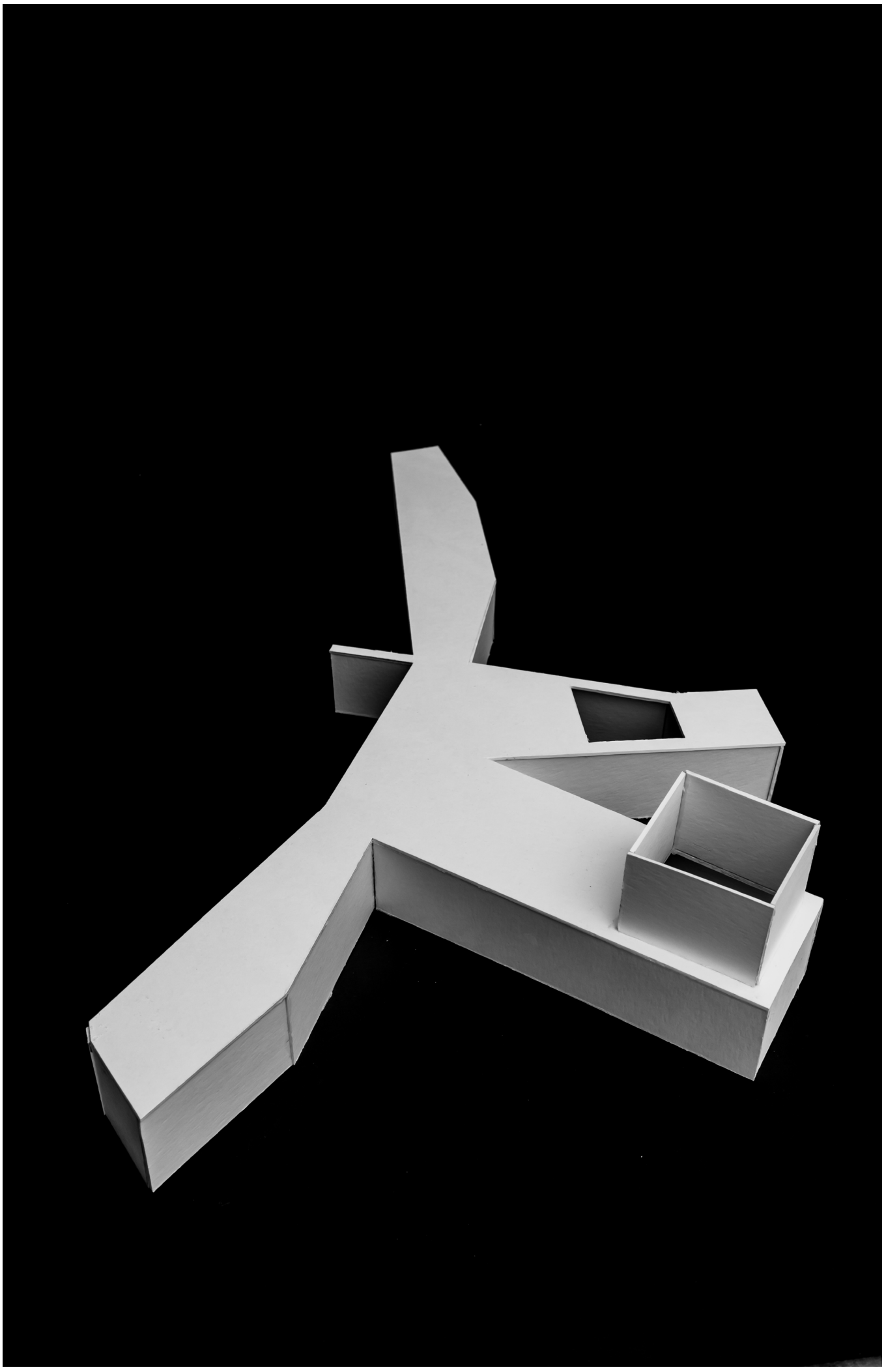
Uma Casa Dupla a partir das Casas Gémeas em Sesimbra, 2019





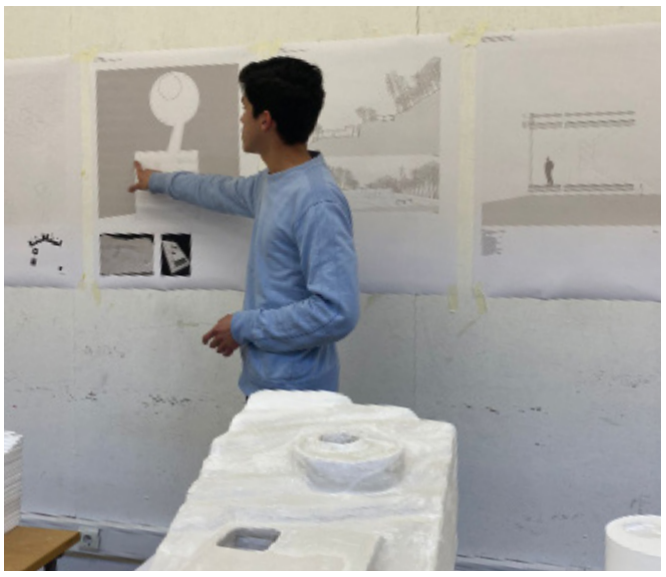






APRESENTAÇÕES FINAIS

Júris convidados: João Ferrão e João Costa Ribeiro



CRÉDITOS

PROJECTOS

Alexandre Teixeira
Ana Rio
Beatriz Fernandes
Constança Anastácio
Daniela Vyhovska
Henrique Lopes
Márcia do Cabo
Matheus Souza
Mário Vuette
Nicole Joaquim
Paulo Carvalho
Renato Sobral
Ricardo Ramalho
Roberto Monteiro
Rodrigo Malheiro
Sofia Rosito
Vitória Lichand

PROFESSORES

José Adrião
Ricardo Carvalho

ENTREVISTAS

Alexandre Teixeira
Beatriz Fernandes
Mário Vuette

CAPA

Constança Anastácio
Márcia do Cabo

EDIÇÃO

Constança Anastácio
Nicole Joaquim
Renato Sobral

TIPOS DE LETRA

Arial Regular e Bold
Verdana Bold
Swis 721 BT

IMPRESSÃO

STAPLES

ENCADERNAÇÃO

Zoomcópia

DOI: 10.26619/UAL-CEACT/WP032023

Universidade Autónoma de Lisboa
Departamento de Arquitetura

Lisboa, 2023